Camille Flammarion

O Desconhecido e os Problemas Psíquicos

Traduzido do Francês
L'Inconnu et les problèmes psychiques
1917

Manifestações de moribundos. Aparições. Telepatia. Comunicações psíquicas. Sugestão mental. Vista a distância. O mundo dos sonhos. A predição do futuro.

John Constable
O milharal

Conteúdo resumido

Camille Flammarion foi um renomado astrônomo francês que durante décadas reuniu e classificou mais de 4.000 narrações sobre os fenômenos considerados sobrenaturais.

A presente obra é um repositório de inúmeros fatos surpreendentes, analisados cientificamente pelo autor com o objetivo de demonstrar a existência da alma como elemento real e independente do corpo físico, e que sobrevive à destruição deste último.

São expostos, conforme as palavras do autor, na conclusão da obra, “442 fenômenos de ordem psíquica que indicam a existência de forças ainda desconhecidas agindo entre os seres pensantes e pondo-os em comunicação latente uns com os outros”

Flammarion narra e comenta casos de diversas categorias de fenômenos psíquicos, entre eles: as manifestações telepáticas de moribundos, aparições, comunicações psíquicas, sugestão mental, vista a distância, sonhos e predições do futuro.

Por fim, convida-nos ao estudo e ao trabalho na busca do conhecimento desse mundo invisível e das forças ainda desconhecidas que nele operam.

Introdução

As constantes e universais aspirações da humanidade pensante, a lembrança e o respeito dos mortos, a idéia inata de uma justiça imanente, o sentimento de nossa consciência e de nossas faculdades intelectuais, a miserável incoerência dos destinos terrestres, comparada à ordem matemática que rege o Universo, a imensa vertigem do infinito e da eternidade que nos vem das alturas da noite constelada e, no fundo de todas as nossas concepções, a identidade permanente do nosso *eu*, apesar das variações e das transformações perpétuas da substância cerebral – tudo concorre para nos dar a convicção da existência de nossa alma como entidade individual, da sua sobrevivência à destruição do nosso organismo corporal e da sua imortalidade.

A demonstração científica, entretanto, não está ainda feita, e os fisiologistas ensinam, ao contrário, que o pensamento é uma função do cérebro, que sem este não há pensamento e que tudo em nós se extingue com a morte do corpo. Há flagrante contradição entre as superiores aspirações da humanidade e as conclusões da chamada ciência positiva.

Por outro lado, não se pode saber, nem se pode afirmar, senão aquilo que se conseguiu aprender, e ninguém saberá jamais senão o que lhe for dado aprender. Somente a ciência progride na história atual da humanidade. Ainda que bem raramente se lhe faça a justiça e se lhe testemunhe o reconhecimento a que faz jus, a verdade é que a Ciência transformou o mundo. Estão firmados sobre ela, na época presente, os alicerces da nossa vida intelectual e mesmo da nossa vida material. Somente a ciência nos pode esclarecer e conduzir.

Esta obra é um ensaio de análise científica de fatos considerados, geralmente, como estranhos à ciência e até mesmo como incertos, fabulosos e mais ou menos imaginários.

Mostrarei que tais fatos existem.

Tentarei aplicar os métodos das ciências de observação à constatação e à análise de fenômenos relegados até agora, em regra, ao domínio dos contos, do maravilhoso ou do sobrenatural e procurarei demonstrar que eles são produzidos por forças ainda

desconhecidas e pertencentes a um mundo invisível, natural, diferente do que é abrangido pelos nossos sentidos.

É racional esse tentame? É lógico? Poderá conduzir-nos a resultados apreciáveis? Ignoro-o. Contudo, não há negar que seja ele interessante.

E se puder indicar-nos o caminho a seguir para chegarmos ao conhecimento da natureza da alma humana e à demonstração científica da sua sobrevivência, conduzirá certamente a humanidade a um progresso superior a todos os que lhe têm sido trazidos, até aqui, pela evolução gradual de todas as outras ciências reunidas.

A razão humana não pode admitir como certo senão o que se acha demonstrado. Mas, por outro lado, não temos o direito de negar coisa alguma *a priori*, pois que o testemunho dos nossos sentidos é incompleto.

É nosso dever encetarmos o estudo de qualquer questão, sem nenhuma idéia preconcebida, e nos dispormos a admitir o que ficar provado, negando-nos, pelo contrário, a admitir o que não tiver essa comprovação necessária.

Geralmente, em todas as questões que se referem à telepatia, às aparições, à vista a distância, à sugestão mental, aos sonhos premonitórios, ao magnetismo, às manifestações psíquicas, ao hipnotismo, ao Espiritismo e a certas crenças religiosas, o que surpreende é o descaso que se tem feito do senso crítico no exame dos assuntos em discussão, em contraste com a profusão incoerente de tolices que se tem acolhido como verdades.

É aplicável, porém, o método de observação científica a todas essas pesquisas? Eis o que nos cumpre desde logo apreciar, através mesmo dessas pesquisas.

Em princípio, não devemos dar crédito a coisa alguma sem provas. Dois métodos apenas existem, nesse terreno: o da antiga escolástica, que afirmava certas verdades *a priori*, às quais deviam os fatos adaptar-se, e o da ciência moderna, proposto por Bacon, que parte da observação dos fatos e somente estabelece a teoria mediante a sua constatação.

Escusado seria acrescentar que o segundo desses métodos é o aplicado nestes estudos.

O programa da presente obra é essencialmente científico. Deixarei de lado, por princípio, as coisas que não me parecem estar confirmadas, seja pela observação, seja pela experiência.

Muitos há que objetam: “Que adianta pesquisar? Nada podereis encontrar nesse domínio, pois aí se acham segredos cujo conhecimento Deus a si próprio reserva.” Sempre existiram pessoas que preferem a ignorância ao saber. Com esta maneira de raciocinar e de agir, jamais se chegaria a saber coisa alguma, e mais de uma vez foi ela aplicada também às pesquisas astronômicas. É o modo de raciocinar dos que têm o hábito de não pensar por si mesmos e que entregam a pretensos mentores o cuidado de conservar em paz suas consciências, confiadas sempre à direção de outrem.

Fingem outros objetar que esses capítulos das ciências ocultas fazem recuar o nosso saber para a Idade Média, em lugar de o impelir para o futuro luminoso, preparado pelo progresso moderno.

Ora, o estudo raciocinado desses fatos tem tanto poder para levar-nos aos tempos dos sortilégios, como o estudo dos fenômenos astronômicos e de conduzir-nos ao tempo da Astrologia.

Ao começar esta obra, os meus olhos acabam de passar sobre o prefácio do livro do Conde Agenor de Gasparin sobre *As mesas girantes* e de ler nele o que se segue:

> “Há uma expressão, pesada e agressiva, que importa ser esclarecida: “o objetivo de meu trabalho não é sério”. Em outros termos, não queremos saber se tendes ou não tendes razão; basta-nos saber que a verdade, cuja defesa pretendeis tomar, não se acha em o número das verdades catalogadas e autorizadas, dessas de que a gente pode tratar sem comprometer-se, verdades confessáveis, *verdades sérias*. Existem verdades ridículas; tanto pior para elas! Sua oportunidade chegará talvez e então as pessoas que se respeitam dignar-se-ão tomá-las sob a sua proteção; mas, esperando essa oportunidade, por todo o tempo em que existam pessoas que pisquem os olhos ao ouvir falar de tais verdades ou que a respeito delas haja murmúrios de zombaria nos salões, será de mau gosto afrontar o clamor da opinião assentada. Não nos faleis da verdade! Trata-se de

guardar as conveniências, de ter compostura, de não se afastar da trilha por onde marcham enfileirados os homens sérios.”

Estas palavras, escritas há quase meio século, são sempre verdadeiras. A nossa pobre espécie humana, tão ignorante de tudo, para a qual as horas se passam, em geral, tão estupidamente, compreende em suas fileiras indivíduos que têm por si mesmos uma admiração muito séria, e se consideram, por isso, capazes de julgar os homens e as coisas. Só há um partido a tomar quando se estuda uma questão qualquer: não se preocupar com esses indivíduos, nem com as suas opiniões públicas ou particulares e ir direito, à frente deles, na pesquisa da verdade. Três quartas partes da humanidade são constituídas de seres ainda incapazes de compreender essa pesquisa e que vivem sem pensar por si mesmos. Deixemo-los com os seus julgamentos superficiais e desprovidos de valor real.

Há muito tempo que me ocupo destas questões, nas horas de lazer, que me restam dos meus trabalhos astronômicos. Meu antigo diploma de “associado livre da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”, assinado por Allan Kardec, acaba de passar sob os meus olhos: é datado de 15 de novembro de 1861 (eu tinha então 19 anos e já estava há três anos como aluno-astrônomo no Observatório de Paris). Há mais de um terço de século tenho estado ao corrente da maior parte dos fenômenos observados no conjunto do nosso globo terrestre e tenho examinado a maior parte dos médiuns. Sempre me pareceu que esses fenômenos mereciam estudados com um critério de livre exame e acreditei, em várias circunstâncias, que devia insistir neste ponto.[1] É, sem dúvida alguma, por causa desta longa experiência pessoal, que tão insistentemente se me tem reclamado a redação desta obra.

Do mesmo modo a prática habitual dos métodos experimentais e das ciências de observação assegura um controle mais digno de confiança do que as vagas aproximações com que nos satisfazemos habitualmente na vida ordinária.

Eu, porém, continuava hesitante. Terá, realmente, chegado o tempo de ser esse estudo iniciado? Estaremos suficientemente preparados para isso? Terá chegado o fruto à maturidade?

Pode-se, entretanto, começar (e assim se procede razoavelmente). Os séculos se encarregarão de desenvolver o gérmen lançado à terra.

É este, pois, um livro de estudos, concebido e executado com o exclusivo propósito de conhecer a realidade, sem preocupação das idéias geralmente admitidas até este momento, com a mais completa independência de espírito e o mais absoluto desinteresse para a opinião pública.

Necessário é, por outro lado, confessar que se este trabalho é interessante e por si mesmo pode ele apaixonar, do ponto de vista da pesquisa de verdades ainda não conhecidas, bastante ingrato é ele sob o ponto de vista da opinião pública.

Todo mundo, ou, pelo menos, quase todo mundo, desaprova os que lhe consagram algum tempo.

Pensam os homens de ciência que não constitui ele um assunto científico e que é sempre lamentável perder uma pessoa o seu tempo. Os que, pelo contrário, crêem cegamente nas comunicações espíritas, nos sonhos, nos pressentimentos, nas aparições, acham que é inútil introduzir nesses estudos um espírito crítico de análise e de exame.

Não podemos, de modo algum, desconhecer que o assunto permanece impreciso e obscuro e que teremos muita dificuldade em esclarecê-lo convenientemente.

Não servisse, porém, este trabalho senão para levar uma pequena pedra ao edifício dos conhecimentos humanos, e eu já me considerava feliz em havê-lo empreendido.

O mais difícil para o homem é, quer me parecer, conservar-se absolutamente independente e livre de toda ambição pessoal; dizer o que pensa, o que sabe, sem receio algum da opinião que possam fazer a seu respeito, permanecendo alheio a tudo isso. Pôr em prática a divisa de Jean Jacques é acarretar inimigos sem conta. A humanidade é, antes de tudo, uma raça egoísta, grosseira, bárbara, ignorante, covarde e hipócrita. Os seres que vivem pelo espírito e pelo coração constituem exceção.

O mais curioso, talvez, é que a livre pesquisa da verdade desagrada a todo mundo, isso porque cada cérebro tem seus pequenos prejuízos, de que não se quer desapegar.

Se eu disser, por exemplo, que a imortalidade da alma, já ensinada pela Filosofia, será brevemente demonstrada experimentalmente pelas ciências psíquicas, mais de um céptico rirá da minha afirmativa.

Se, pelo contrário, eu afirmar que o espírita que evoca Sócrates ou Newton, Arquimedes ou Santo Agostinho, por meio da sua mesa, e que supõe conversar com eles, é vítima de uma ilusão, eis que todo um partido lançará mão de enormes pedras para lapidar-me.

Mas, ainda uma vez, não nos preocupemos com essas diversas opiniões.

É comum perguntar-se-nos: "A que podem conduzir esses estudos sobre os problemas psíquicos?"

E à pergunta responderemos: – A mostrar que a alma existe e que não são quimeras as esperanças de imortalidade.

O *materialismo* é uma hipótese que não pode mais ser sustentada, desde que melhor conhecemos a *matéria*. Esta não oferece mais o sólido ponto de apoio que se lhe atribui. Os corpos são constituídos de milhares de átomos invisíveis, móveis, que não se tocam e se acham em perpétuo movimento uns ao redor dos outros; esses átomos, infinitamente pequenos, são presentemente considerados em si mesmos como centros de força. Onde está a matéria? Ela desaparece sob o influxo do dinamismo.

Uma lei intelectual rege o Universo, no organismo do qual o nosso planeta não é mais do que humilde órgão: é a lei do progresso. Mostrei em minha obra *O Mundo Antes da Criação do Homem* que o transformismo de Lamarck e de Darwin é apenas uma constatação de fatos e não uma causa (o produto não pode ser jamais superior à sua fonte produtora), e em minha obra *O Fim do Mundo*, que nada pode acabar, pois que, desde toda a eternidade, tudo o que existiu existe ainda.

O estudo do Universo faz-nos entrever a existência de um plano e de um fim, que não têm por objeto especial o habitante do nosso planeta e que são, aliás, indevassáveis pela nossa pequenez.

A lei do progresso, que rege a vida, a organização física dessa mesma vida, a atração dos sexos, a inconsciente previdência das plantas, dos insetos, das aves, etc., para se assegurarem a sua

progenitura; o exame dos principais fatos da História Natural estabeleceu, como escreveu Oersted, que há um princípio espiritual na Natureza.[2]

Os atos da vida habitual não nos mostram o pensamento senão no cérebro do homem e dos animais. Dessa observação concluíram os fisiologistas que o pensamento é uma propriedade, um produto do cérebro. Afirma-se, dizemos nós, que não há pensamento sem cérebro.

Ora, nada nos autoriza a admitir que a esfera de nossas observações seja universal, que ela compreenda todas as possibilidades da Natureza, em todos os mundos.

Ninguém tem o direito de afirmar que sem cérebro não possa existir pensamento.

Se um ou outro dos milhões de micróbios que habitam nosso corpo procurasse generalizar suas impressões, poderia conjeturar, navegando no sangue de nossas artérias ou de nossas veias, devorando nossos músculos, furando-nos os ossos, viajando pelos diversos órgãos do nosso corpo, desde a cabeça até os pés, que este corpo, como o seu, é regido por uma unidade orgânica?

Estamos precisamente no mesmo caso relativamente ao Universo astral.

O Sol, coração gigantesco do seu sistema, fonte de vida, resplandece no centro das órbitas planetárias, gravitando, por sua vez, em um organismo sideral mais vasto ainda. Não temos o direito de negar que uma idéia possa residir no espaço e dirigir seus movimentos como nós dirigimos os movimentos de nossos braços ou de nossas pernas.

A potência instintiva que rege os seres vivos, as forças que entretêm as pulsações de nossos corações, a circulação de nosso sangue, a respiração de nossos pulmões, o funcionamento de nossos órgãos, têm uma existência tão positiva, como outras, no universo material, que regem condições de existência incomparavelmente mais importantes do que as de um ser humano, pois que, por exemplo, se o Sol se extinguisse ou se o movimento da Terra fosse deslocado, não seria apenas um ente humano que viria a morrer, mas a população inteira do globo, sem falar dos outros planetas.

Existe no cosmos um elemento dinâmico, invisível e imponderável, espalhado através do Universo, independente da matéria visível e ponderável e que age sobre ela. E nesse elemento dinâmico há uma inteligência superior à nossa.[3]

Sim, sem dúvida alguma, nós pensamos pelo cérebro, do mesmo modo que vemos pelos olhos e ouvimos pelo sentido do ouvido; mas não é o nosso cérebro que pensa, da mesma forma que não são os nossos olhos que vêem. Que se diria de alguém que felicitasse uma luneta por ver nitidamente os canais de Marte? O olho é um órgão, como igualmente o é o cérebro.

Os problemas psíquicos não são, como parece por vezes, tão estranhos assim aos problemas astronômicos. Se a alma é imortal, se o céu é a sua futura pátria, o conhecimento da alma não pode permanecer estranho ao conhecimento do céu. O espaço infinito não é o domínio da eternidade? Que há, portanto, de estranhável em que astrônomos tenham sido pensadores, pesquisadores, ansiosos de se esclarecerem sobre a natureza real do homem, como a da Criação? Não exprobremos a Schiaparelli, diretor do Observatório de Milão, observador assíduo do planeta Marte; ao professor Zöllner, do Observatório de Leipzig, autor de pesquisas importantes sobre os planetas; a Crookes, que foi astrônomo antes de ser químico; ao astrônomo-físico Huggins e a tantos outros sábios como o professor Richet, Wallace, Lombroso, etc., o terem procurado saber o que há de verdade em tais manifestações. A verdade é uma só e tudo se contém na Natureza.

Eu ousaria mesmo acrescentar que não haveria grande interesse para nós em estudarmos o universo sideral, se estivéssemos certos de que ele nos é e nos ficará eternamente estranho, se jamais pudéssemos em coisa alguma conhecê-lo pessoalmente. A imortalidade através das esferas siderais parece-me ser o complemento lógico da Astronomia.

Em que nos pode o céu interessar, se não vivemos mais do que um dia sobre a Terra?

As ciências psíquicas acham-se muito retardadas relativamente às ciências físicas.

A astronomia teve seu Newton, a Biologia tem apenas o seu Copérnico, a Psicologia ainda dispõe somente dos seus Hipparchos e

dos seus Ptolomeus. Tudo o que podemos fazer atualmente é recolher observações, coordená-las e ajudar o desenvolvimento da nova ciência.

Pressente-se e pode-se prever que a religião do futuro será científica, será fundada no conhecimento dos fatos psíquicos. Esta religião da ciência terá sobre todas as outras anteriores uma vantagem considerável: a *unidade*. Hoje, um judeu ou um protestante não admite o culto da virgem e dos santos, um muçulmano abomina "o cão do cristão", um budista repudia os dogmas do ocidente. Nenhuma dessas divisões poderia existir em uma religião fundada sobre a solução científica geral dos problemas psíquicos.

Estamos, porém, longe de chegar às questões de teorias ou de dogmas. O que importa, antes de tudo, é saber se em verdade os fenômenos de que se trata existem e de se evitar a perda de tempo e o ridículo de procurar a causa do que não existe! Constatemos desde logo os fatos.[4] As teorias virão mais tarde. Esta obra será sobretudo composta de observações, de exemplos, de constatações, de testemunhos. O mínimo de frases possível.

Trata-se de acumular provas de tal sorte que a certeza resulte do seu acúmulo.

Ensaiaremos uma classificação metódica dos fenômenos, reunindo em grupos aqueles que entre si oferecem maior analogia e procurando em seguida explicá-los.

Este livro não é um romance, mas um repositório de documentos, uma tese de estudo científico. Desejei, na sua confecção, seguir a máxima do astrônomo Laplace: "Estamos tão longe de conhecer todos os agentes da Natureza – escrevia ele, precisamente a propósito do magnetismo humano –, que não seria próprio de um filósofo negar os fenômenos unicamente porque são eles inexplicáveis no estado atual de nossos conhecimentos. O que nos cumpre, apenas, é examiná-los com uma atenção escrupulosa e determinar até que ponto é preciso multiplicar as observações ou as experiências, a fim de obter uma probabilidade superior às razões que se pode invocar, por outro lado, para não admiti-las."

Está conhecido o nosso programa: Aqueles que estiverem dispostos a seguir-nos verão que, se este trabalho tem um mérito, é o da sinceridade. Desejamos saber se se pode chegar à afirmativa de

que os fenômenos misteriosos de que a humanidade parece ter sido testemunha, desde a mais remota antigüidade, existem realmente. Não temos outro objetivo senão a pesquisa da verdade.

Paris, março de 1900.

I

Os incrédulos

Crer que tudo se sabe é um erro profundo:
O horizonte tomar por limites do mundo.

Lemierre.

Um grande número de homens sofrem de verdadeira miopia intelectual e, segundo a imagem precisa de Lemierre, tomam o seu horizonte pelos limites do mundo. Os fatos novos, as idéias novas os ofuscam, os horripilam. Não querem ver mudança alguma na marcha costumeira das coisas. A história do progresso dos conhecimentos humanos é para eles letra morta.

A audácia dos pesquisadores, dos inventores, dos revolucionários, parece-lhes criminosa. Afigura-se-lhes, aos seus olhos, que a humanidade tenha sido sempre o que é hoje, e eles não se lembram nem da idade da pedra, nem da invenção do fogo ou das casas, das carruagens e dos caminhos de ferro, nem das conquistas do espírito, nem das descobertas da Ciência. Neles ainda se encontram alguns traços da herança dos peixes e quiçá dos moluscos.

Comodamente assentados, de resto, em suas largas poltronas, esses admiráveis burgueses se conservam imperturbavelmente satisfeitos. São absolutamente incapazes de admitir o que não compreendem e nem sequer desconfiam de que nem tudo compreendem.

Ignoram que no fundo da explicação de todos os fenômenos da natureza está o desconhecido e contentam-se com simples mudanças de palavras. Por que razão cai uma pedra? "Porque a Terra a atrai." Uma resposta assim tão clara basta à sua ambição. Acreditam eles compreender. Uma fraseologia clássica os seduz, como no tempo de Molière: "*ossabandus, nequeis, nequer, potarinum quipsa milus...* eis aí justamente o que faz que vossa filha seja muda", dizia Sganarelo.

Em todos os séculos, quaisquer que sejam os graus de civilização, encontram-se desses homens simples, tranqüilos, nem sempre

desprovidos de vaidade, que negam candidamente as coisas inexplicáveis e que pretendem julgar a insondável organização do Universo. Tais como duas formigas, em um jardim, entretendo-se a trocar idéias sobre a história da França ou sobre a distância a que nos encontramos do Sol.

Percorramos a História e edifiquemo-nos com alguns desses exemplos.

A escola de Pitágoras, libertando-se das idéias comuns sobre a natureza, elevara-se até à noção do movimento diurno do nosso planeta, que poupa ao céu imenso e sem limites a obrigação absurda de girar em vinte e quatro horas em torno de um ponto insignificante. Que o sufrágio universal se revolte contra esta idéia genial, ainda se tolera: não se pode pedir a um elefante que voe até o ninho das águias. Mas a força dos prejuízos vulgares é tal que, mesmo espíritos superiores como o próprio Platão e Arquimedes, essas duas brilhantes inteligências, sentiram-se na impossibilidade de elevar-se a esta concepção, recusada até pelos astrônomos Hipparcho e Ptolomeu. Este não pôde conter-se de rir a bandeiras despregadas de uma tal chocarrice. Qualifica ele a teoria do movimento da Terra de "completamente ridícula". A expressão é sobremodo pitoresca. Como que se vê o ventre de um bom monge, a sacudir-se e rebolar-se todo, diante de um gracejo desta força, *panu guéloïotaton!* Deus do céu, como isso é divertido! A Terra a girar! Estão doidos os pitagóricos: a cabeça deles é que gira.

Sócrates bebe a cicuta por se ter libertado das superstições de seu tempo. Anaxágoras é perseguido por ter ousado ensinar que o Sol é maior que o Peloponeso. Dois mil anos mais tarde, Galileu é perseguido, a seu turno, por afirmar a grandeza do sistema do mundo e a insignificância do nosso planeta.

A passos lentos avança a pesquisa da verdade, mas as paixões humanas e os cegos interesses dominadores permanecem inalteráveis.

E a dúvida ainda perdura, apesar das provas acumuladas por toda a moderna astronomia. Não possuímos nós, em nossas bibliotecas, uma obra publicada em 1806, expressamente contra o movimento da Terra e na qual seu autor declara que jamais poderá admitir esteja ela a girar como um capão assado ao espeto?

Esse intrépido capão era um homem, aliás, de bastante espírito (o que não exclui a ignorância); era um membro do Instituto, ostentando o nome de Mercier, mais conhecido por seu *Tableau de Paris* e que se poderia supor dotado de um critério mais elevado e mais firme.

Assistia eu, certo dia, a uma sessão da Academia das Ciências, dia esse de hilariante recordação, em que o físico du Moncel apresentou o fonógrafo de Édison à douta assembléia. Feita a apresentação, pôs-se o aparelho docilmente a recitar a frase registrada em seu respectivo cilindro. Viu-se então um acadêmico de idade madura, de espírito penetrado, saturado mesmo das tradições de sua cultura clássica, nobremente revoltar-se contra a audácia do inovador, precipitar-se sobre o representante de Édison e agarrá-lo pelo pescoço, gritando: "Miserável! nós não seremos ludibriados por um ventríloquo!" Senhor Bouillaud chamava-se este membro do Instituto. Foi isso a 11 de março de 1878. Mais curioso ainda é que seis meses após, a 30 de setembro, em uma sessão análoga, sentiu-se ele muito satisfeito em declarar que, após maduro exame, não constatara no caso mais do que simples ventriloquia, mesmo porque "não se pode admitir que um vil metal possa substituir o nobre aparelho da fonação humana". Segundo esse acadêmico, o fonógrafo não era mais do que uma "ilusão de acústica".

Quando Lavoisier procedeu à análise do ar e descobriu que o mesmo se compõe principalmente de dois gases, o oxigênio e o azoto, essa descoberta desconcertou mais de um espírito positivo e equilibrado.

Um membro da Academia das Ciências, o químico Baumé (inventor do areômetro), acreditando firmemente nos quatro elementos da ciência antiga, escrevia em tom doutoral: "Os elementos ou princípios dos corpos têm sido reconhecidos e confirmados pelos físicos de todos os séculos e de todas as nações. Não é presumível que esses elementos, considerados como tais durante um lapso de dois mil anos, sejam postos, em nossos dias, em o número das substâncias compostas, e que se possa dar como certos tais processos para decompor a *água* e o *ar* e *tais raciocínios absurdos, para não dizer coisa pior*, com que se pretende negar a existência do fogo e da terra.

As propriedades reconhecidas nos elementos correspondem a todos os conhecimentos físicos e químicos adquiridos até o presente; têm elas servido de base a uma infinidade de descobertas e de teorias, cada qual mais luminosa, às quais seria preciso retirar toda confiança, *se o fogo, o ar, a água e a terra não fossem mais reconhecidos como elementos*.

Todo o mundo sabe hoje em dia que esses quatro elementos, tão religiosamente defendidos, não existem e que a razão está do lado dos químicos modernos que conseguiram decompor o ar e a água. Quanto ao fogo ou flogístico que, segundo Baumé e seus contemporâneos, era o *deus ex machina* da natureza e da vida, ele jamais existiu senão na imaginação dos professores.

O próprio Lavoisier, esse grande químico, não está indene da mesma acusação contra os que "supõem tudo descoberto", pois que dirigiu um sábio relatório à Academia para demonstrar que *não podem* cair pedras do céu. Ora, a queda de aerólitos, a propósito da qual ele escreveu esse relatório oficial, tinha sido observada em todos os seus detalhes: tinha-se visto e ouvido o bólido explodir, bem como o aerólito cair, tendo sido levantado do chão ainda ardente, para ser em seguida submetido ao exame da Academia. E esta declarou, pelo órgão do seu relator, que a coisa era inacreditável e inadmissível. Assinalemos também que há milhares de anos caem pedras do céu diante de centenas de testemunhas, que tem sido apanhado grande número dessas pedras, tendo sido conservadas diversas nas igrejas, nos museus, nas coleções. Mas faltava ainda, no fim do último século, um homem independente para afirmar que de fato caem essas pedras do céu: tal homem foi Chladui.

Não atiro pedras em Lavoisier nem noutra qualquer pessoa, entenda-se bem, mas na tirania dos prejuízos. Não se acreditava, não se queria acreditar que pudessem cair pedras do céu. Isso parecia contrário ao bom senso. Por exemplo, Gassendi é um dos espíritos mais independentes e mais esclarecidos do século XVII. Um aerólito que pesava trinta quilogramas caiu na Provença, em 1627, em um dia de sol muito claro: Gassendi viu-o, tocou-o, examinou-o – e o atribuiu a qualquer erupção vulcânica terrestre desconhecida.

Os professores peripatéticos do tempo de Galileu afirmaram de forma doutoral que o Sol *não podia* ter manchas.

O espectro de Brocken, a fata Morgana, a miragem foram negados por grande número de pessoas sensatas, enquanto não puderam ser explicados.

Não há muito tempo ainda (1890) que a faísca elétrica era posta em dúvida em plena Academia das Ciências de Paris, por aquele mesmo dos membros do Instituto, que melhor devia conhecê-la.

A história dos progressos da Ciência mostra-nos, a cada instante, que de observações simples e quase vulgares podem provir grandes e fecundos resultados.

No domínio do estudo científico não se deve desdenhar de coisa alguma. Que maravilhosa transformação da vida moderna foi produzida pela eletricidade! Telégrafo, telefone, luz elétrica, motores ligeiros e rápidos, etc. Sem a eletricidade, as nações, as cidades, os costumes seriam bem outros. Sem ela, por exemplo, a locomotiva a vapor não teria experimentado tantos melhoramentos, porque se as estações não pudessem comunicar-se instantaneamente umas com as outras, os trens não poderiam circular com segurança em suas linhas. Ora, o berço dessa admirável fada está humildemente velado nos primeiros albores, apenas sensíveis, da nascente aurora. Não se distinguem aí mais do que elementos muito vagos, que olhares perspicazes tiveram a glória de assinalar e de apontar à atenção do mundo.

É digno de rememoração o caldo de rãs de Mme. Galvâni, em 1791. Galvâni desposara a encantadora filha de seu antigo professor, Lúcia Galeózzi e amava-a enternecidamente. Estava ela doente dos pulmões em Boulogne. O médico recomendara um caldo de rãs, alimento aliás excelente. O próprio Galvâni se dispôs a prepará-lo.

Assentado na varanda de sua casa, conta-se, esfolara ele um certo número desses pequenos animais, pendurando os membros inferiores, separados do tronco, no gradil de ferro, por meio de pequenos grampos de cobre que serviam às suas experiências, quando notou, com admiração justificada pela estranheza do fenômeno, que as pernas das rãs agitavam-se convulsivamente, todas as vezes que tocavam acidentalmente o ferro do gradil. Galvâni, que era professor de física na universidade de Bolonha, estudou o fato com rara sagacidade e descobriu logo as condições necessárias para reproduzi-lo.

Tomemos os membros inferiores de uma rã esfolada; observemos os nervos lombares, os filamentos brancos. Se tomarmos esses nervos e os envolvermos em uma folha de estanho e se colocarmos as pernas, em estado de flexão, sobre uma lâmina de cobre, então, fazendo a pequena lâmina de estanho tocar a lâmina de cobre, veremos imediatamente os músculos contraírem-se, sendo repelido com bastante força qualquer pequeno obstáculo contra o qual esteja apoiada a extremidade das patas da rã. Tal a experiência a que Galvâni foi conduzido fortuitamente; deve-se a ele a descoberta que tem o seu nome: o *galvanômetro*, que deu origem, logo em seguida, à pilha de Volta, à galvanoplastia e a tantas outras aplicações da eletricidade.

A observação do físico de Bolonha foi recebida com imensa explosão de riso, à exceção de alguns sábios circunspectos que lhe deram a merecida atenção. Entristeceu-se muito com isso o pobre inventor. "Sou atacado – escrevia ele em 1792 – por duas seitas perfeitamente opostas: a dos sábios e a dos ignorantes. Uns e outros riem-se de mim e me chamam mestre de dança das rãs. Entretanto eu sei que descobri uma das forças da Natureza."

Não fora, pela mesma época, em absoluto negado o magnetismo humano, em Paris, pela Academia das Ciências e pela Faculdade de Medicina? Esperou-se para o acreditar (e demos graças a Deus!) que Jules Cloquet operasse de um câncer no seio, sem dor, uma mulher previamente magnetizada.[5]

O mesmo aconteceu com a descoberta da circulação do sangue: Guy-Patin e a Faculdade não acicataram Harvey com os seus sarcasmos?

Conheci em Turim, em 1873, um descendente, muito pobre, do marquês de Jouffroy, meu compatriota do Alto-Marne, inventor dos barcos a vapor, em 1776. Sabe-se que este engenheiro inventor esgotara todos os seus recursos em demonstrar a possibilidade de aplicar o vapor à navegação. Um primeiro barco deslizou sobre o rio Doubs, em Baume-les-Dames. Um outro subiu o Saôna, em Lião, até à ilha de Barbe. Para a exploração do seu invento, Jouffroy tentou fundar uma companhia: tornava-se-lhe necessário, porém, um privilégio. Submetida pelo governo a questão à Academia das Ciências, esta, sob a inspiração de Perier (o autor da bomba de

incêndio de Chaillot), respondeu com um parecer desfavorável. Todo o mundo, ainda por cima, assediava o pobre marquês com zombarias por causa de sua pretensão de "querer conciliar o fogo com a água" e saudavam-no com o apelido de "Jouffroy da Bomba". O infeliz inventor acabou por perder a coragem, emigrando em seguida por ocasião da Revolução, para retornar à França durante o Consulado, constatando então que Fulton, por sua vez, não era mais feliz com o primeiro cônsul do que ele mesmo tinha sido com o antigo regime. Por outro lado, Fulton não pôde convencer, de forma alguma, a Inglaterra, em 1804, e foi somente em 1807 que seu primeiro barco a vapor pôde ser lançado vitoriosamente no Hudson, em sua própria pátria que acabou por lhe fazer justiça, um pouco tardiamente.

Quase todos os inventores têm sido assim tratados. Um outro de meus compatriotas do Alto-Marne, Philippe Lebon, que inventou a iluminação a gás em 1797, morreu em 1804 (assassinado, segundo se diz, nos Campos Elíseos, em Paris) no dia da cerimônia do coroamento do imperador, sem ter visto sua idéia adotada pela pátria. Sobretudo objetava-se que uma lâmpada sem mecha não podia acender-se! A iluminação a gás foi aplicada em 1805 pela Inglaterra, em Birmingham; em 1813 em Londres; em 1818 em Paris.

Na época da criação dos trens de ferro houve engenheiros que demonstraram que esses trens não caminhariam e que as rodas das locomotivas rodariam sempre sobre o mesmo lugar.

Na Câmara dos Deputados, em 1838, Arago arrefeceu o entusiasmo dos partidários da nova invenção, falando da inércia da matéria, da tenacidade dos metais e da resistência do ar. "As velocidades, dizia ele, serão grandes, muito grandes, mas não tanto quanto se tinha esperado. Não nos percamos em palavras. Fala-se do acréscimo do trânsito. Em 1836 o montante total das despesas de transportes, em França, elevou-se a 2.803.000 francos. Se todos os caminhos de ferro projetados fossem construídos, se todo o trânsito se efetuasse pelos trilhos e pelas locomotivas, essa cifra se reduziria a 1.052.000. Importaria isso em uma diminuição anual de 1.751.000 francos. Perderia, portanto, o país cerca de dois terços do custo total do transporte pelas estradas de rodagem. Precatemo-nos da imaginação, essa loucura do conhecimento. Dois trilhos de ferro paralelos não darão uma fase nova aos brejos da Gasconha." E todo o

discurso continua nesse tom! Bem se vê que, quando se trata de idéias novas, podem os maiores espíritos enganar-se.

E o Sr. Thiers dizia: "Admito que os caminhos de ferro apresentarão algumas vantagens para o transporte dos viajantes, se o respectivo uso for limitado a algumas linhas muito curtas, terminando em grandes cidades como Paris. Não se deve pensar em grandes linhas."

E Proudhon: "É uma opinião banal e ridícula essa de pretender que os caminhos de ferro podem servir à circulação das idéias."

Na Baviéra, o Colégio Real de Medicina, consultado, declarou que os caminhos de ferro causariam, se fossem construídos, os mais graves danos à saúde pública, porque um movimento, assim tão rápido, provocaria nos viajantes abalos cerebrais e vertigens no público exterior; em conseqüência recomendou o encerramento das linhas entre duas cercas de madeira à altura dos vagões.

Quando foi proposto, em 1853, o estabelecimento de um cabo submarino entre a Europa e a América, uma de nossas grandes autoridades em física, Babinet, do Instituto, examinador na Escola Politécnica, escreveu na *Revue des Deux Mondes*: "Não posso considerar como sérias essas idéias; a *teoria das correntes* poderia dar *provas insofismáveis* da impossibilidade de uma tal transmissão, ainda mesmo que não se tivesse em conta as correntes que por si mesmas se estabelecem em um longo fio elétrico e que são muito sensíveis no pequeno trajeto de Douvres a Calais. O *único meio* de ligar o antigo ao novo mundo é franquear o estreito de Béring, a menos que se tome a resolução de passar pelas ilhas Féroe, pela Islândia, pela Groenlândia e pelo Labrador." (!!)

O geólogo Élie de Beaumont, secretário perpétuo da Academia das Ciências, morto em 1874, jamais cessou de negar, em toda a sua vida, a existência do homem fóssil.

Pode-se ler nos relatórios (*Comptes Rendus*) da Academia das Ciências, com a data de 13 de julho de 1873, que, tendo o Instituto de nomear um correspondente, Darwin foi recusado, para dar lugar a um senhor Loven.

Na Inglaterra, a Sociedade Real recusou em 1841 a inserção, em seus *Anais*, da mais importante memória do célebre Joule, fundador,

em Mayer, da termodinâmica; e Thomas Young, fundador, com Fresnel, da teoria ondulatória da luz, foi ridicularizado por lorde Broughan.

Por outro lado, vendo Mayer, na Alemanha, o cepticismo astuto com que sua imortal descoberta era acolhida pelos sábios oficiais, começou a duvidar de si mesmo e precipitou-se de uma janela abaixo! Um pouco mais tarde as academias estendiam-lhe os braços. O grande eletricista Ohm foi tratado como louco por seus compatriotas alemães.

Quando Franklin comunicou à Sociedade Real de Londres as suas experiências sobre o poder condutor das hastes de ferro para a eletricidade atmosférica, não obteve mais do que uma explosão de hilaridade, e a ilustre companhia recusou terminantemente imprimir seu memorial.

E como deixar de recordar-nos do que sucedeu por ocasião do invento do óculo de alcance! Ninguém lhe compreendeu a importância, e meio século mais tarde o eminente astrônomo Hévélius recusou-se a adaptar vidros aos seus instrumentos para seu Catálogo de estrelas, porque supunha que eles prejudicariam a precisão das determinações de posição.

Exemplos como estes poderiam ser multiplicados até o fim do mundo... São eles suficientes para edificar-nos a respeito de um dos aspectos do espírito humano e de uma das características que não devem ficar à margem da nossa pesquisa da verdade.

Um amigo de trinta anos de afetuosa camaradagem e de doce afinidade intelectual, Eugène Nus, escreveu em uma de suas obras, *Choses de l'Autre Monde*:

Aos manes dos sábios,
Brevetados, patenteados,
Enfeitados, condecorados e enterrados,
Que repeliram
A rotação da terra,
Os meteoritos,
O galvanismo,
A circulação do sangue,
A vacina,

A ondulação da luz,
O pára-raios,
A daguerreotipia,
O vapor,
A hélice,
Os paquetes,
Os caminhos de ferro,
A iluminação a gás,
O magnetismo,
E o resto;
Aos que, vivos e por nascer, fazem o mesmo,
No presente
E o mesmo no futuro hão de fazer.

Eu acho que seria muita irreverência de minha parte imitá-lo e por isso me absterei de escrever a mesma dedicatória no alto deste livro. Lembro-a, entretanto, e a faço imprimir, porque não deixa ela de ter seu valor filosófico e acrescentarei, com um historiador desses fenômenos, que tais retardatários, por toda parte encontrados, nas ciências, nas artes, na indústria, na política, na administração, etc., têm sua utilidade: "Passados ao estado de marcos, balizam a estrada do progresso."

Augusto Comte e Littré como que traçaram à Ciência seus rumos definitivos, seus rumos "positivos". Não admitir senão o que se vê, o que se toca, o que se ouve, o que fica subordinado ao testemunho direto dos sentidos, e não procurar conhecer o incognoscível – eis, há meio século, a regra de conduta da Ciência.

Vejamos, porém. Analisando os testemunhos de nossos sentidos, verificamos que eles nos enganam de um modo absoluto. Vemos o Sol, a Lua e as estrelas girarem em torno de nós: é falso. Sentimos a terra imóvel: é falso. Vemos o Sol levantar-se acima do horizonte: ele está abaixo do horizonte. Tocamos corpos sólidos: não há corpos sólidos. Ouvimos sons harmoniosos: o ar não transporta mais do que ondas em si mesmas silenciosas. Admiramos os efeitos da luz e das cores que fazem viver aos nossos olhos o esplêndido espetáculo da natureza: em realidade não há nem luz, nem cores, mas somente movimentos etéreos obscuros que, influenciando nosso nervo ótico, dão-nos as sensações luminosas. Queimamos o nosso pé ao fogo: é,

sem o sabermos, em nosso cérebro somente que reside a sensação da queimadura. Falamos de calor e de frio: não há no Universo nem calor nem frio, mas somente movimento. Como se vê, os nossos sentidos nos enganam a respeito da realidade. Sensação e realidade são coisas distintas.

Não é tudo. Além disso nossos pobres cinco sentidos são insuficientes. Não nos deixam eles sentir mais do que pequeno número dos movimentos que constituem a vida do Universo. Para dar uma idéia do que afirmo, repetirei aqui o que escrevia em *Lúmen*, há um terço de século: "Desde a última sensação acústica percebida por nosso ouvido, resultante de 36.850 vibrações por segundo, até a primeira sensação ótica percebida por nossos olhos e que é devida a 400.000.000.000.000 de vibrações na mesma unidade de tempo, nada mais podemos perceber. Existe entre esses dois extremos um intervalo enorme, com o qual nenhum de nossos sentidos se põe em relação. Se tivéssemos outras cordas em nossa lira, dez, cem, mil, a harmonia da natureza se traduziria mais completamente, fazendo-as entrar em vibração." De um lado, somos enganados pelos sentidos; de outro, incompleto é o seu testemunho.

Não há, portanto, motivo para sermos tão orgulhosos de nossos sentidos, nem para erigirmos em princípio uma pretensa filosofia positiva.

Sem dúvida, é necessário utilizarmo-nos do que possuímos. A fé religiosa diz à razão: "Amiguinha, não tens mais do que um candeeiro para te conduzir: apaga-o e deixa-te guiar por mim." Não é assim que pensamos. Não temos senão um candeeiro, e mesmo assim um mau candeeiro; mas apagá-lo seria o cúmulo da cegueira. Reconhecemos, pelo contrário, em princípio, que a razão, ou, se preferem, o raciocínio, deve sempre e em tudo ser o nosso guia. fora disso nada mais existe. Mas não circunscrevamos a ciência em um círculo estreito. Volto ainda a Augusto Comte, porque é ele o fundador da escola moderna e representa um dos maiores espíritos do nosso século. Limita ele a esfera da astronomia ao que era conhecido em seu tempo. É simplesmente absurdo. "Concebemos – diz ele – a possibilidade de estudar a forma dos astros, suas distâncias, seus movimentos, ao passo que jamais poderemos estudar, qualquer que seja o meio posto em prática, sua composição química." Este célebre

filósofo morreu em 1857. Cinco anos mais tarde, a análise espectral fazia precisamente conhecer a composição química dos astros e classificava as estrelas segundo a ordem de sua natureza química.

Tal qual como os astrônomos do século XVII, que afirmavam não poderem existir mais do que sete planetas.

O desconhecido de ontem é a verdade de amanhã.

Estaríamos em erro, entretanto, supondo que os sábios (certos sábios) e os homens mencionados sejam os únicos responsáveis por esses atos de inércia. Dá-se o mesmo com a maioria da humanidade e o grande público está no mesmo caso. A massa do cérebro humano é pouco mais ou menos a mesma, tanto no sábio, como no literato, no artista, no magistrado, no político, no operário, no agricultor, como igualmente no ocioso.

As censuras que podem ser feitas aos homens cujo espírito é fechado às novas concepções; a esses que, como Napoleão, por exemplo (a quem a invenção teria assegurado a ruína de sua mais poderosa inimiga, a Inglaterra), não compreenderam a invenção do vapor, aplicam-se por assim dizer a todo o mundo. Um homem, aliás, pode ser muito superior com relação a certas faculdades e muito inferior quanto a outras. Os deploráveis exemplos que precedem não levam, pois, à condenação dos sábios em particular e ainda menos à da Ciência. Somente o que se desejaria era não ver os espíritos esclarecidos caírem na falência comum da vulgaridade, e é por causa da estima que eles nos inspiram, que mais assinalamos as suas fraquezas.

É justo lembrarmo-nos, entretanto, que há uma escusa a essas obstruções, a esses obstáculos, a essas resistências. Em geral, ninguém está seguro da realidade nem do valor das coisas novas. Os primeiros barcos a vapor caminhavam mal e não valiam os navios a vela. Os primeiros bicos de gás iluminavam pouco e exalavam mau cheiro. A Terra, na verdade, parece bem fixa e bem estável. A água e o ar parecem, de fato, elementos primários da natureza. Não parece natural que caiam pedras do céu. As primeiras manifestações da eletricidade eram incoerentes. Os caminhos de ferro desarranjavam tudo.[6]

E depois, se o gênio se avantaja à vulgaridade, uma nova descoberta também se adianta ao seu tempo. É, portanto, natural que haja retardatários e incapazes de compreender certas coisas.

Muito freqüentemente, além disso, os fatos novos, pouco conhecidos, inexplicados, são vagos, complicados, de análise difícil, mal esclarecidos pelos que os apresentam. Quantas dificuldades não teve o magnetismo humano a atravessar, antes de atingir o estado de experimentação científica em que se acha atualmente sob outros nomes! E quanto não foi ele explorado por charlatães que abusavam da credulidade pública! E, nos fenômenos magnéticos, do mesmo modo que nos do Espiritismo, quantas fraudes, superstições, infames mentiras, sem contar as pessoas estúpidas que enganam "para se divertirem!" E de que maravilhosas habilidades não são capazes os prestidigitadores! Pode-se, pois, em parte, desculpar as reservas dos homens de ciência.

A recente descoberta dos raios Roentgen, tão estranha e inacreditável em sua origem, deveria esclarecer-nos sobre a exigüidade do campo de nossas observações habituais. Ver através dos objetos opacos! no interior de um cofre fechado! distinguir a ossatura de um braço, de uma perna, de um corpo, através da carne e da vestimenta! Uma tal descoberta é, sem contradição, inteiramente contrária às nossas habituais certezas. Este exemplo é seguramente um dos mais eloqüentes em favor do axioma: é anticientífico afirmar que as realidades detêm-se no limite dos nossos conhecimentos e das nossas observações.

E que dizer do telefone, que transmite a palavra, não por meio de ondas sonoras, mas por um movimento elétrico! Se pudéssemos falar, com o auxílio de um tubo, entre Paris e Marselha, nossa voz empregaria três minutos e meio para chegar a seu destino e passar-se-ia o mesmo com a do nosso interlocutor, de sorte que a resposta a uma palavra emitida: "Alô! alô!" não nos chegaria senão ao cabo de sete minutos.

Ninguém pensa nisso; entretanto, o telefone é tão absurdo como os raios X, sob o ponto de vista da nossa concepção das coisas anteriores a estas descobertas.

Falamos das cinco portas dos nossos conhecimentos: a visão, a audição, o olfato, o paladar e o tato. Estas cinco portas dão-nos ainda

pouco acesso ao mundo exterior, sobretudo as três últimas. O olho e o ouvido vão bem mais longe, mas, de fato, é quase somente a luz que põe o nosso espírito em comunicação com o Universo. Ora, que é a luz? Uma modalidade de vibração do éter excessivamente rápida. A sensação de luz é produzida sobre a nossa retina por vibrações que se prolongam desde 400 trilhões por segundo (extremidade vermelha do espectro luminoso) até 756 trilhões (extremidade violeta). Há muito tempo que foram essas vibrações medidas com precisão. Tanto abaixo como acima desses números, há outras vibrações do éter, não perceptíveis pelos nossos olhos. Para lá do vermelho estão vibrações caloríficas obscuras. Depois do violeta acham-se vibrações químicas actínicas, suscetíveis de serem fotografadas, igualmente obscuras. Muitas outras existem que permanecem para nós desconhecidas. A estas observações acrescentarei hoje, modificando-as e desenvolvendo-as, uma comparação feita recentemente por sir William Crookes, a propósito da conexão provável dos fenômenos do Universo e das lacunas que a nossa organização terrestre apresenta em meio dessa conexão de fenômenos. Tomemos um pêndulo que oscile no ar de segundo em segundo. Dobrando as oscilações desse pêndulo obteremos a série seguinte:

Tempo	**Nº de vibrações por segundo**	**Espectro**
1º	2	
2º	4	
3º	8	
4º	16	
5º	32	Som
6º	64	
7º	128	
8º	256	
9º	512	
10º	1.024	
15º	32.768	
20º	1.047.576	Desconhecido
25º	33.554.432	
30º	1.073.741.824	Eletricidade

35º 40º 45º	34.359.738.368 1.099.511.627.776 35.184.372.088.832	Desconhecido
48º 49º 50º	281.474.976.710.656 562.949.953.421.312 1.125.890.906.842.624	Luz [7]
55º 56º 57º	36.028.797.018.963.968 72.057.594.037.927.936 144.115.188.075.855.872	Desconhecido
58º 59º 60º 61º	288.230.376.151.711.744 576.460.752.303.423.488 1.152.921.504.606.846.976 2.305.843.009.213.693.952	Raios X
62º 63º	4.611.686.018.427.387.904 9.223.372.036.854.775.808	Desconhecido

No quinto tempo depois da unidade, a 32 vibrações por segundo, entramos na região em que a vibração da atmosfera nos é revelada sob a forma de *som*. Aí encontramos a nota musical mais baixa. Se, entre os sons musicais, procurarmos um muito grave, por exemplo, a oitava inferior do órgão, perceberemos que as sensações elementares, ainda que formando um todo contínuo, o que é necessário para que o som seja musical, permanecem não obstante distintas, até um certo grau. Quanto mais baixo é o som, diz Helmholtz, tanto melhor distingue nele o ouvido as ondulações sucessivas do ar.

Nos dez graus seguintes, as vibrações por segundo elevam-se de 32 a 32.768; cada duplicação reproduz a mesma nota, em sua oitava superior. O diapasão normal que reproduz a nota *lá* vibra 435 vezes por segundo, ou sejam, 870 vibrações duplas. O som mais agudo é produzido por cerca de 36.000 vibrações e aí termina a região do som para um ouvido humano comum. Provavelmente, porém, certos animais a esse respeito mais bem dotados que nós, percebem sons demasiado agudos para os nossos órgãos, isto é, sons cuja rapidez de vibrações passa além desse limite.

Em seguida chegamos a uma região em que a rapidez das vibrações aumenta celeremente, e o meio vibratório não é mais a grosseira atmosfera, mas um meio infinitamente sutil, “um ar mais

divino", chamado éter. Produzem-se aí vibrações de natureza desconhecida.

Continuando a elevação das vibrações, penetramos na esfera das irradiações elétricas.[8]

A seguir vem a região que se estende do 35º ao 45º grau, de 34.359 milhões a 35.184 bilhões de vibrações por segundo. Ela nos é *desconhecida*: ignoramos as funções dessas vibrações, mas que elas existam e se achem em ação no Universo é difícil não admitir-se.

Aproximamo-nos agora da região da luz onde se encontram as velocidades compreendidas entre a 48ª e 50ª ordem. A sensação de luz, isto é, as vibrações que transmitem impressões visíveis, está compreendida entre os estreitos limites de cerca de 400 trilhões (luz vermelha) a 756 trilhões (luz violeta), o que não chega a completar um grau.

Os fenômenos da Natureza que se passam constantemente ao nosso redor realizam-se, ao demais, sob a ação de forças invisíveis. O vapor d'água, cuja ação é assaz considerável na climatologia, é invisível. O calor é invisível. A eletricidade é invisível. Os raios químicos são invisíveis. O espectro solar, representando o conjunto dos raios luminosos sensíveis à retina humana (os raios visíveis) é hoje conhecido de todo o mundo. Se fizermos passar um raio de Sol através de um prisma, obteremos à saída deste último uma faixa colorida estendendo-se do vermelho ao violeta. Um grande número de raias o atravessam, sendo as principais indicadas pelas letras de *A* a *H*; são linhas de absorção produzidas pelas substâncias que ardem na atmosfera solar e pelo vapor d'água da atmosfera terrestre. Conhecem-se atualmente milhares dessas raias.

Se se faz passar um termômetro à esquerda do espectro visível, para lá do vermelho, vê-se que ele sobe, constatando-se, portanto, que existem aí raios caloríficos invisíveis para nós.

Se se coloca uma placa fotográfica à direita do espectro, para além do violeta, vê-se que ela é impressionada, o que demonstra a existência de raios químicos muito ativos, invisíveis para nós. Observação importante: certos corpos invisíveis podem tornar-se visíveis; assim o urânio e o sulfato de quinina tornam-se visíveis na obscuridade sob as radiações ultravioletas.

Classificam-se hoje todos esses raios pelo seu comprimento de onda: um determinado raio é o espaço percorrido pela onda durante determinado período vibratório. Ainda que os comprimentos de onda das radiações sejam de extrema pequenez, chega-se, graças ao emprego dos crivos de difração, a determiná-los com uma grande precisão. Ei-los:

Cor	**Comprimento de onda (nm) ***	**Vibrações (trilhões p/ segundo)**
Vermelho extremo	734	400
Limite do vermelho e do alaranjado	647	490
Limite do alaranjado e do amarelo	587	558
Limite do amarelo e do verde	535	590
Limite do verde e do azul	492	596
Limite do azul e do índigo (anil)	456	675
Limite do índigo e do violeta	424	700
Violeta extremo	397	756

***** nm – nanômetro; equivale a um milionésimo de milímetro.

Porção do infravermelho invisível, calorífica. Comprimento de onda: de 1940 a 734 nm.

Porção do ultravioleta invisível, química. Comprimento de onda: de 397 a 295 nm.

O primeiro desses dois espectros invisíveis foi determinado com grande precisão pelo astrônomo americano Langley, com o auxílio do aparelho de sua invenção, chamado bolômetro.[9] É nesta região invisível que se exerce a maior parte da energia solar. A parte deste espectro já explorada é 16 vezes mais extensa que o espectro visível!

Por outro lado, o físico francês Edmond Becquerel há muito que fotografou o espectro químico.[10] Esse espectro, cujo estudo foi continuado depois, é cerca de duas vezes mais extenso que o espectro visível.

Deixando a região do espectro solar estudado, chegamos à que é para os nossos sentidos e meios de pesquisa uma outra *região desconhecida* e a funções de que apenas começamos a suspeitar. É

provável que se chegue a encontrar os raios Roentgen entre o 58º e o 61º graus, lá onde as vibrações vão de 288.230.376.151.711.744 a 2.305.843.009.213.693.952, por segundo, ou mesmo mais.

Vê-se que nesta série há diversas grandes lacunas ou regiões desconhecidas, sobre as quais nada absolutamente sabemos. Quem poderia dizer que estas vibrações não desempenham um papel importante na economia geral do Universo?

Afinal, não existem vibrações ainda mais rápidas do que essas em que se deteve a série precedente?

Vivemos em um espaço a três dimensões. Seres que vivessem em um espaço a duas dimensões, na superfície de um círculo, por exemplo, em um plano, não conheceriam senão a geometria a duas dimensões, não poderiam passar por cima da linha que limita um círculo ou um quadrado, seriam aprisionados por uma circunferência, sem possibilidade de saírem dela. Dai-lhes uma terceira dimensão, com a faculdade de se moverem na mesma: eles passarão muito simplesmente por cima da linha, sem rompê-la, sem mesmo precisarem tocá-la. As seis superfícies de uma peça fechada (4 paredes, assoalho e teto) nos aprisionam; suponhamos, porém, uma quarta dimensão e sejamos dotados da faculdade de viver nela: sairemos de nossa prisão tão facilmente como um homem passa acima de uma linha traçada sobre o solo.

Do mesmo modo que um ser organizado para mover-se unicamente em um plano (n. 2), não poderia conceber o espaço cúbico (n. 3), também não podemos conceber esse hiperespaço (n. 4), a que nos acabamos de referir; mas nem por isso, entretanto, estamos autorizados a declarar que ele não existe.

Há, mesmo na vida terrestre, certas faculdades inexplicadas para o homem, certos sentidos ignorados.

De que modo conseguem os pombos viajores e as andorinhas de novo encontrar os seus ninhos? De que maneira pode o cão voltar a sua casa, a muitas centenas de quilômetros de distância, por um caminho que jamais percorreu? Como pode a víbora conseguir a descida de um pássaro à sua goela e de que modo procede o lagarto para atrair a si a borboleta fascinada? etc., etc. Mostrei, noutro lugar, que os habitantes de outros mundos devem ser dotados de sentidos muito diversos dos nossos.

Nada conhecemos de *absoluto*. Todos os nossos juízos são relativos, por conseguinte imperfeitos e incompletos.

A sabedoria científica consiste, pois, em sermos muito reservados em nossas negativas. Temos o direito de ser modestos. "A dúvida é uma prova de modéstia, diremos com Arago, e raramente ela tem criado obstáculos aos progressos das ciências. *Não se poderia dizer o mesmo da incredulidade.*"

Há ainda grande número de fatos inexplicados, que pertencem ao domínio do desconhecido. Os fenômenos de que nos vamos ocupar são deste número. A telepatia, ou sensação a distância; as aparições ou manifestações de moribundos; a transmissão do pensamento; a visão em sonho, em estado sonambúlico, sem o concurso dos olhos, de paisagens, cidades, monumentos; a presciência ou premonição de um acontecimento próximo; a previsão do futuro, os avisos, os pressentimentos; certos casos magnéticos extraordinários; os ditados inconscientes por meio de pancadas nas mesas; certos ruídos inexplicados, as casas mal assombradas; os levantamentos ou levitações contrárias às da gravidade; os movimentos e transportes de objetos sem contato; certos fatos que lembram materializações de forças (o que parece absurdo); as manifestações aparentes ou reais, de almas desencarnadas ou de espíritos de toda ordem; e muitos outros fenômenos estranhos e atualmente inexplicáveis, merecem nossa curiosidade e nossa atenção científica.

Convençamo-nos, ao demais, que tudo aquilo que podemos observar e estudar é natural, e que devemos examinar todos os fatos tranqüilamente, cientificamente, sem preocupação de mistério, sem precipitações nem misticismos, como se se tratasse de astronomia, de física ou de fisiologia. tudo está na natureza, tanto o desconhecido como o conhecido, e o sobrenatural não existe. Esta é uma palavra vazia de sentido.[11] Os eclipses, os cometas, as estrelas temporárias eram vistos como sobrenaturais, como manifestações da cólera divina, antes de se ter o conhecimento das leis que os regem. Qualifica-se muitas vezes de sobrenatural o que é maravilhoso, extraordinário, inexplicado. Cumpre dizer, muito simplesmente, *desconhecido*.

Os críticos que quisessem ver nesta obra um retorno aos tempos da superstição seriam vítimas de um erro grosseiro. Trata-se, pelo contrário, de análise e de exame.

Aqueles que dizem: “Eu, crer nesses impossíveis, jamais! Não creio senão nas leis da Natureza e estas leis *são conhecidas*”, parecem-se com os antigos geógrafos simplórios que escreviam sobre seus mapas-mundi, no local das colunas de Hércules (estreito de Gibraltar): *Hic Deficit Orbis* (“aqui acaba o mundo”), sem desconfiarem de que neste espaço ocidental, desconhecido e vazio, há duas vezes mais terras do que as que esses hábeis geógrafos conheciam.

Todos os nossos conhecimentos humanos poderiam ser representados simbolicamente por uma pequena ilha, uma ilha minúscula, rodeada por um oceano sem limites.

Resta-nos ainda muito, *muito* a aprender.

II
Os crédulos

> *Ide lavar-vos e comer erva.*
>
> Palavras da "*Imaculada Conceição*", em Londres.

Nosso primeiro capítulo, "Os incrédulos", nos mostrou quanto o espírito humano é, em geral, pouco inclinado a aceitar os fatos inexplicados e as idéias novas, e quanto essa inércia tem sido nociva ao avanço dos nossos conhecimentos sobre a natureza e sobre o homem. Mas, por imensa felicidade nossa, há os Copérnico, os Galileu, os Képler, os Newton, os Herschel, os Papin, os Fulton, os Galvâni, os Volta, os Palissy, os Ampère, os Arago, os Niepce, os Daguerre, os Fraunhofer, os Kirchoff, os Fresnel, os Le Verrier, os pesquisadores e os independentes. A Ciência é chamada, pela eterna lei da honra, a olhar de frente e sem temor todo problema que se lhe pode apresentar francamente, dizia recentemente sir William Thomson, um dos mais eminentes físicos de nossa época: eis aí uma proposição que poderíamos inscrever como epígrafe a este livro.

Mas, nas questões difíceis, obscuras, incertas, um novo dever impõe-se-nos, qual seja o de examinar, de analisar as coisas com a mais severa circunspecção e não admitir, nisto como em tudo, aliás, senão o que é certo. Não conviria, a pretexto de progresso, substituir uma incredulidade sistemática por uma credulidade desprovida de todo senso crítico, e talvez não seja inútil, antes de entrar no âmago do nosso estudo, mostrar igualmente, por alguns exemplos, quanto é necessário mantermo-nos em guarda contra esse excesso contrário, não menos censurável, não menos perigoso que o primeiro.

A espécie humana forma, aliás, uma ordem composta, de uma diversidade realmente digna de nota. Do mesmo modo que há criaturas que não crêem em nada, encontram-se outras, não menos numerosas, que em tudo acreditam. A credulidade dos homens e das mulheres é verdadeiramente sem limites. As mais fantasiosas asneiras têm sido acolhidas aceitas, defendidas. E, observação assaz

singular, são quase sempre os espíritos mais cépticos os que têm sido vítimas das mentiras mais audaciosas e que têm sustentado as maiores sandices. Um olhar de investigação, lançado sobre a humanidade, mostra-nos que tanto os crédulos como os incrédulos têm sido vítimas de sua maneira de pensar.

Ainda aqui o que temos não é senão o embaraço da escolha, e tão inumeráveis são os exemplos, que o nosso trabalho consiste apenas em abaixar-nos para apanhá-los.

Não vos recordais da história do dente de ouro, de que fala Fontenelle em sua *História dos Oráculos*? Nem por ser antiga deixa ela de ser menos típica. Em 1593 correu o rumor de que haviam caído os dentes de uma criança de sete anos, na Silésia, e que lhe nascera um dente de ouro em lugar de um dos seus grossos molares. Hortius, professor de Medicina da Universidade de Helmstoedt, escrevendo em 1595 a história desse dente, assegurou que ela era em parte natural e em parte miraculosa e que esse dente fora por Deus enviado àquela criança para consolar os cristãos atormentados pelos turcos. Não se percebia bem a relação que poderia existir entre esse dente e os turcos, mas a explicação foi tomada, do mesmo modo, a sério. No mesmo ano, Rullandus escrevia a propósito uma segunda história e, dois anos após, Ingoslsterus, outro sábio, publicou uma terceira memória em contradição às duas primeiras. “Um outro grande homem, chamado Libávius – acrescenta Fontenelle –, reuniu tudo o que tinha sido dito a respeito do dente e juntou-lhe seu modo de ver particular. Nada mais faltava a tantas obras preciosas do que demonstrar que o dente era, de fato, de ouro. Chamado um ourives para examiná-lo, constatou-se que tudo se resumia em uma folha de ouro aplicada ao dente com bastante arte. Tinham-se, porém, escrito livros sobre o caso, antes de consultar o ourives.”

Há mais de um dente de ouro na história da credulidade antiga e moderna.

Não vos lembrais também dos *ratos de tromba* de que foi vítima, há meio século, um sapientíssimo naturalista?

Certo zuavo, para dar utilidade aos lazeres que o governo fazia-o ter na África, distraía-se em praticar o enxerto animal nos ratos. Inseria ele uma ponta de cauda no focinho e a junção operava-se tão bem como a reconstituição do nariz com um fragmento de pele. Um

sábio do Muséum de Paris pagou muito caro pelo primeiro rato, que lhe foi enviado como espécime de uma espécie de roedores até então desconhecida. Levaram-lhe outros, que ele igualmente comprou com grande generosidade. Parece-me que somente com o cruzamento foi ele desenganado, pois as uniões entre ratos e ratas de tromba não produziram senão camundongos da mais vulgar espécie.

Assinalemos, a esse propósito, que sendo o homem de ciência, por sua própria natureza, profundamente honesto (por isso que não haveria ciência sem honestidade) e não estando acostumado a desconfiar dos objetos com os quais trabalha, é mais fácil de ser enganado que muitos outros. Em astronomia, em química, em física, em geologia, em história natural não há mentiras. Para um matemático, para um geômetra, 2 e 2 são 4 e os três ângulos de um triângulo são iguais a dois ângulos retos. Esse testemunho de retidão e de natural franqueza não parece desgraçadamente aplicável nem aos negócios, nem à política, nem às ocupações habituais dos seres humanos em geral.

Conheci um eminente geômetra, um dos nossos mais sábios professores da Escola Politécnica, membro do Instituto, dos mais distintos e dos mais acatados, homem de altas qualidades intelectuais e morais. Não foi ele vítima do embuste mais audacioso que se possa imaginar e não se apresenta ele à nossa lembrança como o tipo mais consumado do homem crédulo – e de uma credulidade sem limites? Um hábil falsário, Vrain-Lucas, lisonjeando seu gosto imoderado pelos autógrafos, não lhe vendeu, a preço de ouro, falsos autógrafos de Pascal, de Newton, de Galileu, de Henrique IV, de Francisco I? E em seguida cartas de Carlos Magno, depois de Vercingétorix!... de Pitágoras!... de Arquimedes... de Cleópatra!... e, melhor ainda, de Lázaro, o ressuscitado! de Maria Madalena! e, creio mesmo que de Jesus Cristo! O Sr. Michel Charles comprou, em sete anos (1862-1869), 27.000 desses autógrafos pela soma redondinha de 140.000 francos! Não obstante a habilidade do falsário, podia-se entretanto assinalar, desde a origem, certas nuances suscetíveis de fazer suspeitar a autenticidade das peças em questão. Recordo-me, entre outras, de uma carta de Galileu, na qual ele dizia que se poderia encontrar um planeta longínquo fazendo observações nas circunvizinhanças de Saturno. O mistificador tivera a audácia de

fazer predizer por Galileu, em 1640, a descoberta de Urano, realizada por Herschel em 1781, e, confundindo a órbita com o corpo celeste que a percorre, fazia dizer ao astrônomo italiano que o planeta estava por detrás de Saturno. Perdi meu tempo a calcular a posição de Urano pela época da suposta carta: o planeta não se encontrava absolutamente na região do céu em que brilhava Saturno. Tracei o respectivo diagrama (Vide *Astronomia Popular*, livro IV, cap. I) e fui mostrar ao sábio geômetra que tolice estava sendo atribuída a Galileu.

Com estupefação da minha parte, M. Charles respondeu-me que "isso não queria dizer nada" e que estava seguro da autenticidade da carta. Mostrou-ma. Estava escrita com uma letra semelhante à de Galileu, em antiga folha de papel filigrana amarelecido, dobrada e revestida dos carimbos postais da época. A ilusão era verdadeiramente completa. Mas dizer que se pode encontrar Urano por detrás de Saturno é uma frase de menino de escola.

Tão cego, porém, já se achava o amador de autógrafos que, poucos meses depois, estava totalmente disposto a aceitar, com incrível facilidade, um salvo-conduto escrito por Vercingétorix em francês (!) para o "imperador Júlio César".

Não sei se haverá exemplos de credulidade mais fortes do que esse!

Confessemos que se trata, em todos esses casos, de rudes lições de que todos nós devemos recordar.

Estou ouvindo daqui espíritos menos sábios, que se julgam muito mais fortes, dizerem com seguridade: "Não seria a mim que tal coisa sucederia!"

Parece difícil, sem dúvida, descer inteiramente por semelhante declive. Mas tenho-me apercebido, mais de uma vez, de que mesmo aqueles que se julgavam superiores tinham certas fraquezas assaz curiosas: jantavam mal, por exemplo, se estavam treze à mesa, batiam em qualquer metal ao terem conhecimento de uma desgraça, receavam ficar doentes se quebravam um espelho, tremiam diante de um saleiro virado ou de duas facas colocadas em cruz, etc.

Cidadãos muito sérios afirmavam-me ontem que as fases da Lua têm influência sobre os ovos, as mulheres, o vinho em garrafas, o crescimento dos cabelos e o corte das árvores.

Não sejamos demasiado altivos!

Quantas pessoas ainda há que hesitam em encetar viagem em sexta-feira ou em dias 13? Consultai as estatísticas da arrecadação dos caminhos de ferro, dos *tramways* e dos ônibus e ficareis estupefatos com as diferenças observadas. Visitai Paris e perdei vosso tempo em verificar os números 13 das avenidas, dos bulevares e das ruas; vereis com os vossos próprios olhos quanto eles fazem falta nesses lugares, substituídos por 12 bis!

Isso nos lembra a origem dos anos bissextos: tendo os Romanos dobrado um dia, intercalaram-no sub-repticiamente no fim de fevereiro, sem designação alguma, *porque os deuses não queriam*. E porventura nunca encontrastes pessoas que consultam algumas vezes os sonâmbulos "extralúcidos" das feiras de porcos?

Nossos antepassados, da idade da pedra e do bronze, tremendo diante de todas as forças da natureza, que tinham a combater, divisaram essas forças e povoaram os campos, os bosques, as fontes, os vales, as cavernas, as cabanas, de seres imaginários cuja lembrança não desapareceu totalmente, conservada como herança do passado pelas atuais gerações. As superstições populares estão por toda parte espalhadas e os mais estranhos prejuízos acham-se ainda associados às ações de uma parte da humanidade.

Há pessoas que continuam a crer, como no tempo dos Romanos, que se podem conjurar os furacões e as tempestades. A esse propósito existia, pelo ano de 1870, em uma aldeia das cercanias de Issoire (Puy-de-Dôme), um padre que gozava da reputação de garantir a sua paróquia mediante o poder de que dispunha de deslocar para as regiões vizinhas o vento e o granizo prestes a desabarem sobre a dita paróquia. Havia mesmo quem o visse, à janela do campanário, fazer esconjuros. Por sua morte, foi ele substituído por um pároco que teve a pouca sorte de assistir a uma violenta tempestade pouco depois de haver entrado em suas funções. Tinham ido os camponeses pedir-lhe que os garantisse, mas ele não o conseguiu e a partir desse momento o epíteto de *saraivoso*

(*grêleroux*) foi-lhe aplicado e a população lhe votou uma tal antipatia que o bispo se viu obrigado a transferi-lo.

Um velho marujo, morador de Toulon, gozava da reputação, pelo ano de 1885, de fazer sobrevir a tempestade justamente no dia das peregrinações a Nossa Senhora de Maio, na montanha de Sicié. Acreditava-se nessa crendice tão sinceramente, que se lhe ocultavam, com o maior cuidado, todos os projetos da aludida peregrinação.

Poderíamos citar outros exemplos análogos. Santo Eutrópio, patrono de Vieux-Beausset, perto de Toulon, passa por ter a faculdade de provocar a chuva, *quando ele o queira*. Há alguns anos, em um dia de maio, o guarda da ermida em que se acha a velha imagem do santo, desceu-a de seu pedestal, levou-a para a porta e se pôs a moê-la a pancadas. Um transeunte, admirado de semelhante tratamento, perguntou-lhe a razão daquilo: "Oh, meu caro senhor, replicou o sacristão, se eu não a tratasse deste modo, nada poderia fazer!".[12] Pouco depois a chuva começou a cair e as colheitas foram salvas.

A 13 de julho de 1899, perto de Albertville (Sabóia), o cura de Thénésol benzeu uma nova cruz, "a cruz da Bela-Estrela", erigida com grande cerimonial a uma altitude de 1836 metros, no lugar da antiga, queimada pelos habitantes da comuna de Scythenex, sob o pretexto de que ela preservava das chuvas de pedra, em detrimento seu, a comuna vizinha de Mercury-Gémilly. Trezentas pessoas realizaram, sob uma horrível soalheira, a peregrinação desta reconstituição.

Narra o Sr. Bérenger-Féraud, em sua interessante compilação, *Superstições e Sobrevivências*, que em certos lugares da Provença as mulheres do povo têm uma receita infalível para curar as crianças da coqueluche: é fazer a criança passar sete vezes em seguida sob o ventre de um jumento, indo da direita para a esquerda, tendo o cuidado de jamais fazê-lo da esquerda para a direita. Há jumentos de maior ou menor reputação, conforme sua virtude curativa. Conhecia-se um excelente, na aldeia de Luc, alguns anos atrás, e sua reputação era tão grande que se lhe levavam as crianças de Draguignan e até de Cannes, isto é, de mais de sessenta quilômetros.

Conta o mesmo autor que, tendo ido, em 1887, a uma casa religiosa de certa cidade importante da Provença, notou um de seus

amigos que a imagem de São José, que ornava o parlatório da comunidade, tinha o rosto voltado contra a parede. Supôs, a princípio, que se tratasse de inadvertência de qualquer doméstico; informando-se, porém, veio a saber que o santo fora posto em penitência por não haver atendido às súplicas que lhe tinham sido dirigidas. O inquérito foi levado um pouco mais longe e revelou que se lhe suplicara inspirar a um vizinho muito piedoso a idéia de deixar em testamento à comunidade um pedaço de terreno, de que ela necessitava. Fizera-se mesmo saber a esse vizinho muito piedoso que, "se São José continuasse a permanecer surdo às súplicas, seria posto no porão e talvez até se lhe aplicasse uma surra". O autor acrescenta: "Eu não queria dar crédito ao que ouvia e, entretanto, forçoso foi render-me à evidência, diante das afirmativas de mais de vinte pessoas que tinham tido conhecimento desta punição. Mais do que isso, vim a saber que em certas cidades das Bocas de Ródano, do Lionês, até em Paris, tal prática está em uso na comunidade a que me refiro. Estas precisas indicações não permitem pôr em dúvida a punição do santo, por mais estapafúrdia que pareça."

No ano de 1850, em Toulon, tendo certa mãe um filho doente, dirigiu suas súplicas a um soberbo Cristo de marfim que ela possuía e pelo qual tinha particular devoção. Esse Cristo provinha, sem dúvida, da pilhagem de uma casa nobre em 1793, porquanto era de grande valor artístico. Ora, a criança morreu, mau grado às preces, às novenas e aos círios queimados. Em um movimento de desespero, a mulher agarrou o crucifixo e lhe disse: "Patife! é assim que respondes às minhas preces. Pois bem! toma!..." Depois, juntando o gesto à palavra, atirou-o pela janela afora.

Narra Saint-Simon, em suas *Memórias*, que durante o assédio de Namur, em 1692, estando a chover a cântaros no dia de Saint-Médard, os soldados, furiosos com este acontecimento que lhes pressagiava ainda quarenta dias de chuva, encolerizaram-se contra o santo e quebraram com raiva todas as imagens que caíram em suas mãos.

Por vezes consideram-se as coisas mais alegremente, mesmo quando uma novena – ou mesmo duas – não obtêm a cessação das chuvas.

No tempo em que, em Paris, o relicário de Santa Genoveva tinha certa influência, levaram-no em procissão de Saint-Etienne-du-Mont a Notre Dame. Um dia, apenas a procissão saíra à rua, pôs-se a chuva a cair. "A santa se engana – diz ao seu vizinho o bispo de Castres –; ela supõe que lhe estamos pedindo chuva."

Relata o barão d'Hausser, em sua *Viagem à Itália*, a conversação seguinte ouvida por ele em Nápoles:

"– Como passa vosso filho?

– Continua com febre.

– Convém acender uma vela a santa Gertrudes.

– Isso não deu bom resultado.

– Em que capela fostes?

– Da rua de Toledo.

– Ah! pobre mulher! esta santa Gertrudes é a pior de toda Nápoles. Nada se consegue com ela. Ide, portanto, à igreja da praça do Carmo; vereis que a santa Gertrudes de lá é muito mais piedosa para com os pobres."

Nessa mesma cidade de Nápoles, os que têm assistido ao milagre anual da liquefação do sangue de São Januário sabem quanto os espectadores, os fiéis, ficam nervosos, impacientes, quando ela tarda a produzir-se. Em 1872, tomei um péssimo partido adotando a resolução de olhar de muito perto o famoso relicário exposto à adoração da multidão. – Todo o mundo conhece a história do General Championnet, em 1799 (sucedida, sem dúvida, não a ele próprio, mas a um dos seus lugares-tenentes).

Há alguns anos, visitando a cripta da Virgem negra, em Chartres, entabulei ligeira conversação com um camponês, ao sair da igreja. "Oh! senhor – disse-me ele –, não é ela tão grande dama como Nossa Senhora das vitórias, de Paris, e *ela nos entende bem melhor*." Lembrou-me esta opinião a de Luís XI, retirando de seu chapéu a imagem de Nossa Senhora d'Embrun, para substituí-la pela de Nossa Senhora de Cléri, e endereçando-lhe em seguida, com mais confiança, a sua real oração.

Incontestavelmente, as superstições populares acham-se tão espalhadas que por toda parte as encontramos. Atravessava eu recentemente uma velha aldeia da Idade Média, inclinada como um

ninho de águia sobre uma montanha escarpada do departamento dos Alpes Marítimos, e, como estivesse em visita à igreja, o médico da localidade, sábio arqueólogo, que me acompanhava, chamou-me a atenção para um tronco no qual os fiéis lançam pequenos bilhetes, acompanhados de uma oferenda, endereçados a Santo Antônio de Pádua, para recuperarem objetos perdidos. A resposta chega, muito freqüentemente, no mesmo bilhete, por um pequeno nicho vizinho.

Reveste a credulidade todas as formas. A dos usos e dos costumes, mais ou menos extravagante, relativos ao casamento, não é das menos admiráveis e não será sem interesse recordar alguns exemplos dessa credulidade.

Na aldeia de Bauduen, na Provença, há um rochedo formando plano inclinado. No dia da festa do padroeiro, as moças desejosas de se casarem vêm, desde tempos imemoriais, escorregar por esse rochedo, o que o tornou polido como mármore.

Na aldeia de Saint-Ours, nos Baixos Alpes, vê-se também uma pedra sobre a qual as moças vão escorregar para encontrar marido e as recém-casadas para se tornarem mães.

Em Loches as mulheres sem filhos vão escorregar sobre uma "mó de Saint-Uurs" como as de Bauduen e dos Baixos Alpes. Esta crença não data de hoje, pois a encontramos já na Grécia antiga. Acha-se ela muito em voga na Tunísia.

A peregrinação a Saint-Baume, entre Marselha e Toulon, passa, desde mais de mil anos, por assegurar o casamento e a progenitura, e é objeto de um culto muito fervoroso da parte dos camponeses da Provença.

Em grande número de regiões da França, as moças pressurosas por se casarem vão jogar folhas de salgueiro ou pedaços de pau nas fontes. Se a folha segue diretamente a corrente, ou se a madeira sobrenada, será a moça pedida em casamento antes do fim do ano.

Perto de Guérande, na Bretanha, as moças vão colocar nas fendas de um *dólmen* pedaços de lã cor de rosa, a fim de se casarem durante o ano.

Em Saint-Junien-les Courbes, na alta Viena, elas evocam Santo Eutrópio, suspendendo ao mesmo tempo a uma cruz a liga da perna esquerda.

Na povoação de Oisans, no Isère, dirigem-se elas, no mês de junho, à capela da montanha de Brandes, perto da qual se encontra uma pedra vertical em forma de cone, de encontro à qual põem-se elas de joelhos, tocando-a devotamente com suas pernas.

Em Laval, na igreja de Avesmères, há uma grande estátua de São Cristóvão, nas pernas da qual as moças e os rapazes que desejam casar-se durante o ano vão pregar alfinetes.

Perto de Perros (Côtes-du-Nord), as raparigas vão em romaria à capela de Saint-Guiriez, para se casarem, e pregam alfinetes no nariz do santo para que se lhes torne ele particularmente favorável.

No vale de Lumain (Sene e Marne), existe um menir, chamado Pedra frígida, no qual os jovens dispostos ao casamento vão enterrar pregos ou alfinetes.

Perto de Troyes, as moças que querem casar-se vão atirar um alfinete sobre um cômoro chamado Cruz de Beigue.[13]

Nas cercanias de Verdun, as mulheres que desejam filhos vão sentar-se sobre um rochedo, onde se vê a impressão suscetível de ser deixada por uma mulher que estivesse sentada em um bloco plástico, e que nessa localidade se denomina a cadeira de Santa Lúcia. Acreditam elas que esse ato é favorável a seus desejos e parece que Ana d'Áustria aí se assentou antes do nascimento de Luís XIV. O mesmo acontece em Sampiques (Meuse).

Nas Ardennes é a proteção de Santa Filomena que tem mais eficácia no sentido de impedir que as moças "penteiem Santa Catarina".[14]

Via-se em Burgos, não há ainda muito tempo, na rua Chevrière, do arrabalde do Castelo, uma estátua do bom São Greluchon, colocada na parede de uma casa, e que as mulheres desejosas da maternidade raspavam, fazendo com o pó assim obtido uma beberagem fecundante. Em Poligny, no Jura, as jovens desposadas vão, com o mesmo fim, abraçar uma pedra ali erguida que é, diz a lenda, a petrificação de um gigante como castigo de haver querido violentar uma rapariga.

Em Dourges, no Tarn, perto da Capela de Saint Ferreol, vêem-se rochedos partidos, pelos quais vão passar, para obterem cura, os paralíticos e os coxos. Na cripta da igreja de Kimperlé há uma pedra

vertical contendo um buraco, pelo qual passam os que sofrem de dor de cabeça. Nas charnecas de Saint-Siméon, no Orne, os doentes atravessam um dólmen que passa por ter a virtude de curar grande número de doenças.

Na Provença, departamento de Berry, há a crença nas fontes miraculosas, nos sortilégios, nos condutores de lobos, nos lobisomens.

Certas regiões desse departamento são objeto dos mais supersticiosos terrores; suas florestas são povoadas de lavadeiras noturnas, seus brejos, de fogos-fátuos. Desde o cair da noite, as profundezas misteriosas dos bosques enchem-se de rumores sinistros; lúgubres fantasmas deslizam ao longo das árvores sacudidas por invisíveis forças. Infeliz daquele que se embrenhasse nesses retiros sombrios! Ele não voltaria jamais.

Os moradores das aldeias e das cabanas de uma parte do Bas-Berry continuam a admitir a existência de gigantes que outrora habitaram o país e que formaram as eminências naturais ou artificiais, tão numerosas nessa região. São esses gigantes personificados por Gargântua, cuja lenda, sempre popular, não somente na parte do Indre, que confina com Creuse, mas em todo o oeste da França, é muito anterior ao herói de Rabelais. Rabelais, segundo todas as probabilidades, foi buscar esse mito às crenças de Saintonge, do Poltou e do Bas-Berry, onde ele residia durante algum tempo.

A tradição alusiva às fadas está ainda vivaz em inúmeras localidades da região de Berry; foram elas que, quase por toda parte, edificaram os dolmens e os menires que transportavam em seus aventais de gaze, não obstante o enorme peso desses materiais. São conhecidas geralmente sob os nomes de *fadas*, *martas* e outras denominações; em algumas regiões, entretanto, chamam-nas *dames*, *demoiselles*, como no meio-dia.

São vistas de noite, a vagar e a celebrar seus misteriosos ritos, em cada caverna, sobre cada rochedo, em torno de numerosos dolmens e menires, espalhados na região vizinha das margens pitorescas dos pequenos rios Creuse, Bouzanne, Anglin e Portefeuille.

As *martas* são enormes mulheres medonhas, magras, mal vestidas, de longos cabelos negros e eriçados. Do alto da mesa de um

dólmen ou do topo de um menir, elas por vezes chamam, ao cair da noite, os pastores e os lavradores, e se estes não se apressam em responder às suas primeiras perguntas elas os perseguem. Desgraçado daquele que não foge precipitadamente e que elas constrangem a suportar seus beijos impudicos.

As fadas são muito mais meigas e muito menos turbulentas do que as *martas*; elas geralmente consagram seu tempo aos rebanhos. São as *encarregadas* de velar pelos numerosos tesouros escondidos em maravilhosos subterrâneos, cuja entrada é fechada pelas enormes pedras dos menires e dos dolmens. Entretanto, o seu poder se extingue, todos os anos, no domingo de Ramos.

Em Vertolaye, no Auvergne, vê-se uma pedra oscilante à qual as mães levam os seus filhos, para que sejam sólidos como a pedra e conservem sempre o uso de seus membros.

Perto de Sait-Valery-en-Caux, sobre os penhascos, avistam-se as ruínas da antiga capela de Saint-Léger, da qual nada mais subsiste do que a torre quadrada. As crianças retardatárias são para aí levadas, fazendo-se-lhes dar cinco voltas às ruínas, a fim de que andem mais depressa.

Santo Huberto protege os caçadores, São Roque cura a raiva, São Cornélio salva o gado, São Cláudio cura os cravos, Santo Anão as infecções cutâneas, etc.

Essas crendices são muito antigas. Conta Pausanias que existia em Hyette, na Beócia, um templo de Hércules com uma pedra bruta que curava os doentes; em Alpenes, uma pedra consagrada a Netuno possuía a mesma propriedade, etc.

Assisti algumas vezes, mesmo nas cercanias de Paris, em Morsang-sur-Orge, pouco distante de Juvisy, nas festas do solstício do verão, à fogueira de São João, outrora pagã, hoje cristianizada, mas conservando sempre o cunho da supersticiosa credulidade antiga. O Sol, deus da vida, acaba de deitar-se no ocidente luminoso, o crepúsculo envolve a natureza; na praça da igreja fora preparada uma fogueira com um belo pinheiro cortado na floresta próxima; sai um padre da igreja, acompanhado pelos meninos do coro e pelos cantores, e vem benzer a fogueira; põe-se fogo à lenha e as chamas crepitam refulgentes. Toda a aldeia está presente; os rapazes e as moças aproximam-se, esperam que fique apenas o braseiro final; as

moças devem saltar sem queimar-se e a mais audaciosa é a que fica mais em destaque: ela se casará com toda certeza antes do fim do ano. Depois os tições devem ser retirados antes de serem consumidos: eles preservarão as casas, com a mesma virtude das palmas do domingo de Ramos, contra os incêndios e o raio. Muitos depositam ainda hoje a mais ingênua confiança nesse uso tradicional, que remonta aos galo-romanos de há quinze ou dezoito séculos e sem dúvida a tempos mais remotos. De resto, as fogueiras de São João subsistem ainda em nossos dias, na maior parte da França – ia eu escrever da Gália.

Quem não conhece igualmente os crepes da Candelária? São eles felicidade na agricultura, no comércio, em todos os empreendimentos; é preciso que sejam feitos nesse dia (2 de fevereiro) e sobretudo não perdê-los. Napoleão, antes de partir para a Rússia, fazia alguns desses crepes e dizia rindo: "Se eu virar este, ganharei a primeira batalha! e aquele, a segunda!" Conseguiu ele virar um, dois três, mas o quarto caiu ao fogo, pressagiando – diz um historiador – o incêndio de Moscou.

Em Berry, na Châtelette, o santo Guinholet torna as mulheres fecundas; em Bourges é o santo Greluchon; em Bourg Dieu é são Guerlichon; em Vendres, no Allier, é são Phoutin; em Sampigny, no Meuse, é o santo Foutin; em Auxerre é são Faustino, etc. Não obstante a vigilância dos párocos, as mulheres raspavam certa parte do corpo desses santos e bebiam esse pó em um copo d'água.

Em Gargilesse, no Creuse, tendo o cura feito desaparecer da igreja o santo Greluchon, vão atualmente as mulheres, que sonham com a maternidade, raspar uma estátua de mármore do túmulo de Guilherme de Naillac que, o quanto parece, já está sobremodo gasta.

Em Rocamadour, no Rouergue, as mulheres que não estão satisfeitas com seus maridos vão beijar e dar voltas ao ferrolho da porta da igreja, ou então tocar em uma barra de ferro que se chama o alfange de Rolando.

Em muitas províncias acredita-se ainda em diversos gêneros de feiticeiros. Na Provença, por exemplo, acredita-se nos mandingueiros que impedem a consumação dos casamentos, como se acredita na Itália em maus olhados, na Alsácia em lobisomens. Mas acredita-se também nos meios de anular as feitiçarias. Notadamente em Toulon,

as costureiras põem, ainda hoje, um pouco de sal na ourela dos vestidos de noiva, pois o sal tem a propriedade de assegurar a perfeita felicidade das recém-casadas.

Em paris, como em Roma no tempo de Tibério, não desapareceu o hábito de consultar os que tiram horóscopos predizendo o futuro pelas regras astrológicas da posição das estrelas e dos planetas no dia do nascimento. Ainda há astrólogos! Ora, como se pode crer no valor de um horóscopo, quando se sabe que nasce em média uma criança por segundo no conjunto da população do globo, ou sejam, sessenta por minuto, cerca de 3.600 por hora ou 86.400 por dia e que, por conseguinte, se as estrelas e os planetas tivessem uma influência real nos destinos, dez crianças nascidas no mesmo momento deveriam ter o mesmo destino; uma rainha e uma aldeã que se tornam mães no mesmo tempo deveriam dar à luz a dois seres regidos pelas mesmas leis, etc.

A crença nos amuletos, nos talismãs, nas medalhas, nos escapulários é tão vivaz entre os povos civilizados como entre os selvagens; na França, como no Sudão e no Congo. Basta para que fiquemos, a respeito do assunto, bem edificados, ler certas obras, tais como os livros do Sr. de Ségur, de Dom Guéranger ou do abade de Saint-Paul sobre a medalha de São Benedito. Constata-se, por exemplo, de tais leituras, que essa medalha de São Benedito, aprovada pelo papa Benedito XIV, cura todas as moléstias: as dores de dentes, de garganta, de cabeça; purifica a água dos incêndios, protege os cavalos, as vacas, os gatos, as galinhas, as árvores, os vinhedos, os vidros de lampião, etc.

Eu nada invento. Eis aí algumas citações:

"Certa vaca tossia de uma forma violenta – escreve Dom Guérenger (*Cruz de São Benedito*, pág. 72) –, não comia absolutamente nada e não dava mais leite. O visitador traçou sobre a fronte do animal o sinal da cruz, empregando a fórmula inscrita sobre a medalha; recomendou que mergulhassem esta em um pouco de água e de farelo, que se daria a beber todos os dias à vaca (boa precaução) até perfeita cura, e pendurou uma medalha no estábulo. Algumas semanas mais tarde teve ele a satisfação de constatar que a vaca se achava completamente restabelecida."

A mesma medalha atua sobre as árvores. “Cortei todos os galhos grandes, deixando apenas o tronco, escreveram ao autor da obra *Origem e efeitos admiráveis da cruz de São Benedito*, o abade de São Paulo. Demonstrando-me o corte de serra que os ramos estavam realmente mortos, coloquei imediatamente sob a casca uma medalha de São Benedito, suplicando ao grande santo que fizesse reviver aquela árvore tão bela que fazia o encanto da região. Na primavera ela readquiriu sua luxuriante folhagem.”

Durante a Comuna de Paris, “medalhas introduzidas na barricada da rua de Rivoli preservaram o ministério da Marinha, assim como o depósito das cartas e plantas”.[15]

Quem não se lembra igualmente da história da santa lágrima de Vendôme, derramada por Jesus-Cristo sobre o túmulo de Lázaro, recolhida por um anjo e conservada em um cofrezinho de ouro? Tem sido ela durante séculos, em Vendôme, a fonte de numerosos milagres e de grandes proventos. E os cabelos da Virgem Maria, que nos são mostrados em Nápoles! E a túnica inconsútil de Jesus, oferecida à veneração dos crédulos, na igreja de Argenteuil e em Trèves. E o santo Sudário de Jesus-Cristo, objeto de veneração em Turim e em Cadouin (Dordogne) ainda que esta peça antiga mais ou menos apócrifa tenha sido queimada durante a vida de Rabelais. E as ossadas dos reis magos, que são mostradas em Colônia e em Milão...!

Lê-se no *Grande Dicionário Larousse*, geralmente bem informado: “O prepúcio de Jesus-Cristo figura brilhantemente entre as relíquias célebres. Contam-se nada menos de sete prepúcios entregues à piedosa e grotesca veneração dos fiéis. Um dos que gozam da maior reputação é o do convento das Ursulinas de Charroux. Teve ele enorme destaque, em 1863, nos jornais em que tiveram lugar, a esse respeito, freqüentes controvérsias, nas quais tomou parte o bispo de Poitiers.” Existe uma confraria especial para esse culto da circuncisão, festa que, muito ilogicamente aliás, abre os nossos calendários cristãos.[16]

A credulidade está por toda parte. Vede, nas igrejas, os círios que são acesos diante das imagens e das estátuas dos santos, para obter do céu a cura de uma doença, o bom êxito de um negócio, de um exame, etc. Estes círios que representam, ardendo, preces elevadas ao céu,

não recordam os moinhos de orações que os tibetanos fazem mover, supondo que atraem as bênçãos divinas?

Todo o mundo conhece a história de Nossa Senhora de Loreto, da casa da Virgem Maria, "Santa Casa", que teria feito uma viagem aérea de Nazaré a Loreto, no ano de 1294, detendo-se na Dalmácia.

Ainda recentemente, não era de bom gosto duvidar da autenticidade dessa casa e do seu transporte miraculoso através dos ares.

Hoje, Nossa Senhora de Loreto está substituída por Nossa Senhora de Lourdes. Os administradores desta exploração, em regra, nem mesmo dão-se ao trabalho de disfarçar o desprezo que professam pela credulidade dos fiéis. Basta ler, para julgá-lo, a inscrição que eles gravaram em letras de ouro sobre uma placa de mármore, na qual faz-se dizer à *mãe de Deus*, dirigindo-se à pequena Bernadette: "*Faze-me a graça de voltar aqui*", ou "*Desejo que venha muita gente*", ou ainda "*Lavai-vos nesta água e comei desta erva*".[17]

Não ataco aqui o sentimento religioso em si mesmo (do mesmo modo que não ataquei a Ciência no capítulo precedente), pois o tenho por infinitamente respeitável; mas penso que todos devemos repelir as superstições, as puerilidades, os erros e as mentiras a que ele serve de pretexto.

Não é raro encontrar pessoas que negam imperturbavelmente as questões de que nos ocupamos neste livro e que aceitam decididamente as absurdidades mais colossais, por exemplo, a anedota do dilúvio *universal* narradas na Bíblia, na qual está escrito que "tendo sido abertas as comportas do reservatório das águas superiores, a água despenhou-se do céu em cataratas durante quarenta dias e quarenta noites, elevou-se quinze polegadas acima das mais altas montanhas em toda a terra e levou durante cento e cinqüenta dias a arca na qual Noé fizera entrar um macho e uma fêmea *de todas as espécies de animais* existentes sobre o globo." Nenhum conto das *Mil e uma noites* chega à primeira cavilha desta arca; mas a credulidade religiosa é tão cega que a aceita sem comentários, do mesmo modo que afirma o milagre de Josué, fazendo parar o Sol! e as palavras da mula de Balaão!

E com relação aos assuntos de que nos deveremos ocupar neste livro – relatos de aparições, de manifestações, de experiências de

Hipnotismo e de Espiritismo –, quanto não se tem soltado as rédeas à credulidade? Conheci um oficial de grande valor que não duvidava um só instante da identidade dos nomes dados por sua mesa e que se entretinha com Leibnitz e Spinosa todos os domingos, depois de almoçar. Deste gênero conheci um outro que discutia filosofia social com Jean Valjean, sem ter jamais sonhado sequer com a origem puramente romanesca dessa personagem imaginária. Uma grande e nobre senhora, já de idade madura, muito inteligente, que outrora conhecera muito intimamente lorde Byron, evocava-o todos os sábados à noite, para consultá-lo sobre suas operações financeiras. Certo doutor em medicina da Faculdade de Paris escolhera por amigos do outro mundo o Dante e Beatriz, que vinham regularmente conversar com ele, mas "não juntos", dizia ele, porque "lhes é defeso aproximarem-se um do outro." Uma devota do Espiritismo vivia gravemente ocupada em fazer casamentos póstumos no outro mundo. Um médium extravagante, que tivera doze filhos e perdera sete deles, perguntava a estes, todos os meses, pelo seu estado de saúde e por suas ocupações, do que tomava nota regularmente. Um outro chamava "a alma da Terra", que lhe respondia e que dirigia todas as suas idéias, etc.

O Espiritismo tem sido empregado, como a religião, em proveito de usos que não têm senão vaga relação com ele. Tem servido para fazer casamentos, sérios ou passageiros, para explorar caracteres fracos, para conseguir testamentos. Uma senhora do meu conhecimento tornou-se princesa, fazendo dizer, por uma mesa, àquele a quem ela cobiçava, o nome que sua primeira esposa lhe designava, ela própria, para sucedê-la. Conheci uma viúva cujo filho recém-nascido foi anunciado e aceito como a reencarnação de uma criança ternamente amada e laço providencial perfeitamente indicado para um novo casamento. Também conheço uma outra desta espécie que, a pretexto de Espiritismo, vende anéis cabalísticos, por meio dos quais obtém a cura de todas as moléstias, etc.

Uma boa história, igualmente, é a do *Diabo no décimo nono século*, da franco-maçonaria luciferiana e de Diana Vaughan, que mistificou uma parte notável do clero francês, vários bispos, dois cardeais e o próprio papa Leão XIII, ainda que fosse forjada, em todas as suas peças, por Léo Taxil, como ele mesmo o confessou

cinicamente em 1897. As aparições de diabos e de diabas, nas cerimônias ímpias e obscenas, tinham sido tomadas a sério por graves teólogos.

Pode-se confessar, de resto, que a credulidade política é ainda mais extravagante do que a credulidade religiosa. Quando se pensa que na hora atual os franceses, os alemães, os russos, os ingleses, os italianos, os austríacos, etc., acreditam ainda que devem ser soldados e habitar casernas nauseabundas, fazendo exercícios grotescos, e que todos os cidadãos da Europa despendem, para a glória de pretensas fronteiras traçadas sobre o papel, 22 milhões por dia, empregados em impedir que os homens fiquem em suas casas, cada um cuidando de seu trabalho e de seus deveres, sente-se verdadeiramente que a idade da razão ainda não soou para o nosso pobre pequenino planeta e que a servidão voluntária faz parte do patrimônio da humanidade.

Sim, a nossa espécie é muito imperfeita e a credulidade humana oferece-nos objetos tão dignos de atenção como a incredulidade de *parti pris*.

Quanto é, por isso, difícil conservar a gente justo meio termo e seguir tranqüilamente os preceitos da razão!

Sim, a credulidade existe sempre, em perpétuo equilíbrio com a incredulidade. Desconfiemos tanto de uma como de outra. Os áugures não morreram, o progresso nem matou os arúspices, nem aboliu os presságios e não avança depressa em inteligência a espécie humana. Acrescentarei, entretanto, com Humboldt, que um presunçoso cepticismo que rejeita os fatos sem exame é, em certos aspectos, mais censurável do que uma credulidade irrefletida.

Seria fácil multiplicar esses exemplos. Quis simplesmente mostrar, neste segundo capítulo, que devemos estar em guarda contra a *credulidade*, do mesmo modo que contra a *incredulidade*. Aí estão dois excessos contrários, a igual distância dos quais nos devemos esforçar para nos mantermos, na aceitação e no exame dos fatos extraordinários de que nos vamos ocupar.

Nada negamos; nada afirmamos: observamos imparcialmente. É talvez a posição mais difícil de manter nesta ordem de coisas. Da minha parte, suplico àqueles que fossem tentados a me acusar, seja de credulidade, seja de incredulidade, que não o façam levianamente

e que não percam de vista que me conservo constantemente em guarda: *Eu investigo*.

III

As manifestações telepáticas de moribundos e as aparições. – Exposição dos fatos

Fatos! Não palavras.

Acabamos de nos pôr em guarda contra duas disposições intelectuais contrárias à livre pesquisa da verdade: a incredulidade e a credulidade, e tomamos o maior cuidado no sentido de conservar sempre nosso espírito nessa completa independência, mais indispensável que nunca na ordem de estudos de que nos vamos ocupar. A cada instante seremos feridos em nossas idéias científicas habituais, e conduzidos a rejeitar os fatos e a negá-los sem maior exame. Também a cada instante, uma vez engranzados na corrente, nós nos sentiremos deslizar um pouco mais rapidamente para a aceitação de fenômenos insuficientemente observados e ficaremos expostos ao ridículo de procurar a causa do que não existe.

Que o espírito positivo do método experimental, a que a nossa espécie humana, ainda tão inferior e tão bárbara, deve o pouco de progresso que tem feito, não nos abandone jamais nestas pesquisas!

Sei perfeitamente que ilustres campeões do método experimental professam um estranho cepticismo a respeito de todas as coisas e asseguram que de tudo duvidam. Desconfiemos, porém, do prazer dos paradoxos. É um exercício muito agradável, seguramente, e que nos eleva acima do grosseiro bom senso vulgar; Alexandre Dumas filho nos mostrou, por seu próprio exemplo, que esse espírito não é totalmente destituído de perigo e torna-se, por vezes, de remarcada falsidade.

Esforcemo-nos por nos conservar prudentes.

Para que nos reconheçamos no mundo misterioso que vamos examinar e para que tiremos dessas observações alguns resultados instrutivos, começaremos por fazer uma *classificação metódica* dos fenômenos, reunindo em grupos os que se assemelham e procurando deduzir as conclusões a que tais fenômenos conduzirem e que nos

pareçam mais solidamente fundadas. Vale a pena fazer-se essa tentativa. Trata-se de nós mesmos, de nossa natureza, de nossa existência ou de nosso aniquilamento. A questão nos interessa. Oh! sem dúvida, lá estão uns senhores que sacodem a cabeça sorrindo e que demonstram um solene desprezo pela nossa tentativa:

"Bem sabeis – dizem eles – que esses pretensos horizontes do além são imaginários, pois que para nós tudo acaba com a morte."

Mas, de modo algum! Nós não o sabemos. Nem vós também. A respeito disso vós nada sabeis, absolutamente nada, e vossas afirmativas, como vossas negativas nada mais são do que palavras, palavras ocas. Todas as aspirações da humanidade protestam contra esse *nada*. O ideal, o sonho, a esperança, a justiça talvez não sejam puras ilusões, tanto quanto os corpos de que acabamos de falar. Do mesmo modo que a razão, não é fato que o sentimento existe? Em todos esses casos há um problema real e grave a resolver. "A imortalidade da alma é uma coisa tão importante – escrevia Pascal –, que é preciso ter perdido todo sentimento para ficar na indiferença de saber o que seja ela realmente." Por que desesperaríamos de jamais chegar a conhecer a natureza do princípio pensante que nos anima e de saber, sim ou não, se ele sobrevive à destruição do corpo? Dar-nos-ão as pesquisas que vamos empreender algumas noções certas sobre esse ponto? Talvez.

Como quer que seja, peço aos leitores, se é possível, que não sejam, lendo estas linhas, nem intransigentes, nem intolerantes, nem radicais, nem ateus, nem materialistas, nem israelitas, nem protestantes, nem católicos, nem muçulmanos, mas muito simplesmente *livres*.

Esta é uma tentativa de instrução; nada mais. Que não se procure nela qualquer outra coisa. Asseguram-me excelentes amigos que compromete o entrar assim desassombradamente nesta via, praticando um ato de imprudência, de audaciosa coragem e de grande temeridade. Peço aos meus melhores amigos que pensem bem que não sou nada – absolutamente nada mais que *um pesquisador* – e que a tudo o que se pode escrever, dizer ou pensar de mim, eu sou em absoluto indiferente. Interesse algum, de qualquer ordem que seja, guiou jamais um só de meus passos.

Também objetam: há muitos séculos que se procura e jamais se encontrou coisa alguma: logo, jamais se encontrará o que quer que seja. Com raciocínios como esse nunca se teria aprendido nada.

Vitam impendere vero: Consagrar sua vida à verdade! era a divisa de Jean-Jacques. Existirá alguma outra mais nobre para todo filósofo, para todo pensador?

Tentativa de instrução, dizemos nós, que se parecerá por vezes às inquirições dos juízes de instrução, nos processos criminais, pois que aí juntar-se-ão elementos humanos que devem ser tomados em consideração, e esses fenômenos não têm a simplicidade de uma observação astronômica ou de uma experiência de física. Para nós o primeiro dever é seguir um método de estudo e fazer uma primeira classificação dos fatos a examinar.

Começaremos pelas manifestações telepáticas de *moribundos*. Digo *manifestações* e não somente aparições, para generalizar um conjunto de fatos, do qual as aparições visuais apenas representam uma parte.

A palavra *telepatia* já é, desde alguns anos, conhecida do público. Foi ela construída etimologicamente, como se haviam formado as palavras telescópio, telegrafia, telefone. Simpatia, antipatia têm a mesma origem etimológica. Telepatia significa, portanto, muito simplesmente "ser advertido, por uma sensação qualquer, de uma coisa que se passa ao longe".[18]

Na ordem de fatos de que nos vamos ocupar, encontram-se, a cada passo, relatos incertos ou exagerados, narrações duvidosas, observações desprovidas de valor por causa da ausência de todo espírito crítico.

Não devemos acolher esses relatos senão com a mais extrema prudência (eu ia escrever desconfiança) e eliminar desde logo todos os que nos pareçam suspeitos. Mais do que nunca, importa-nos aqui ter muito em consideração o discernimento, o saber, o valor moral e intelectual das pessoas que no-los trazem. A paixão do maravilhoso ou do extraordinário pode transformar em acontecimentos fantásticos coisas inteiramente corriqueiras e que se explicam de um modo absolutamente simples. Certas pessoas poderiam contar-me histórias durante um ano inteiro, com o maior luxo de provas aparentes e de denominações eloqüentes, sem que eu lhes desse maior crédito à

primeira palavra, do que às promessas de certos deputados e de certos ministros. Outras, pelo contrário, nos inspiram, por seu caráter, uma confiança sempre justificada. Em minha investigação de tais fatos a estudar, esses princípios de prudência elementar têm-me sempre instintivamente guiado, e eu nutro a esperança de não haver admitido nenhuma narrativa sem que sua autenticidade fosse garantida pelo espírito científico esclarecido dos autores que tiveram a bondade de m'as confiar, ou pelo menos pôr um claro discernimento e uma inteira boa fé.

Primeiro que tudo, exporei aos olhos do leitor uma seleção de observações muito variadas, para as quais tentaremos, como dissemos uma classificação metódica. Importa, para nossa instrução, ter um grande número de fatos autênticos diante dos olhos. As explicações e as teorias virão em seguida. Somos os obreiros do método experimental.

Iniciaremos estes estudos por certas manifestações inexplicáveis e estranhas de *moribundos*, não de "mortos", deve ser assinalada a distinção.

Manifestações de moribundos, observadas no estado normal, achando-se os observadores perfeitamente acordados, e não durante o sono, através de sonhos. Há entre elas certo número de tais manifestações percebidas em sonhos, que não devem ser consideradas como nulas; serão, porém, inscritas em um outro capítulo.

O meu excelente amigo General Parmentier, um dos nossos mais distintos e mais estimados sábios, afirmou-me os dois fatos que se seguem, sucedidos em sua família.[19]

> **I** – "Diversas pessoas estavam reunidas em um almoço, em Andlan, na Alsácia. Esperavam o dono da casa, que estava na caça e, passando já da hora, acabaram por sentar-se à mesa sem ele, declarando a dona da casa que não tardaria o mesmo a chegar.
>
> Começaram a almoçar, conversando sobre coisas alegres, e esperavam, de um instante para outro, ver chegar o retardatário, zeloso discípulo de Santo Huberto.

Mas o tempo ia passando e todos se admiravam da grande demora, quando, de repente, com o tempo mais calmo e o céu mais belo que se possa imaginar, a janela da sala de jantar, que estava amplamente aberta, fechou-se violentamente com um grande ruído e reabriu-se logo, instantaneamente. Os convivas ficaram tanto mais surpresos, estupefatos, porquanto esse movimento da janela não se teria podido produzir sem derrubar uma garrafa de água colocada sobre uma mesa diante da janela, tendo essa garrafa, entretanto, conservado sua posição. Todos os que viram e ouviram o movimento não compreenderam absolutamente nada do que se passou.

– Acaba de acontecer uma desgraça! – gritou, levantando-se aflita, a dona da casa.

Foi suspenso o almoço. Três quartos de hora depois era trazido em uma padiola o corpo do caçador que havia recebido uma carga de chumbo em pleno peito. Morrera ele quase instantaneamente, não tendo pronunciado senão estas palavras:

– Minha mulher! meus pobres filhos!”

Eis aí um fato de coincidência a explicar.

Parece-nos ele, à primeira vista, vulgar e absurdo. Que significa esse bizarro movimento de janela e com o que pode relacionar-se? Não é perder a gente o seu tempo, tomar a sério um incidente tão insignificante?

As rãs de Galvâni também eram muito insignificantes, assim como a marmita de Papin. Entretanto, a eletricidade e o vapor não o são, de modo algum.

Outro dia, o raio atingiu um homem em pleno campo, mas não lhe fez maior mal do que arrancar-lhe os sapatos e atirá-los a uns vinte passos de distância, tirando-lhes todos os pregos, sem exceção.

De outra feita, ele despiu uma jovem camponesa, pondo-a completamente nua e deixando-a sobre a relva. Foram encontradas as suas vestes penduradas em uma árvore.

Uma outra vez, fulminou ele de um golpe a um lavrador, no momento em que levava à boca um pedaço de pão, na hora do almoço. O homem ficou imóvel. Aproximaram-se dele, tocaram-no e o corpo caiu em cinzas. Mas as suas roupas estavam intactas.

As extravagâncias da Natureza não devem impedir-nos de estudar os fenômenos; pelo contrário.

Sem dúvida, ouvindo-se contar o incidente do caçador de Andlan, a primeira idéia que nos ocorre é a de negar, pura e simplesmente. Não, de certo, que se possa supor tenha sido a história inventada em todos os seus detalhes e que seja ela inteiramente mentirosa, pois que as circunstâncias em que se verificou e o caráter do narrador não o permitem.

Mas pode-se dizer que o que se deu foi um pequeno movimento da janela, produzido por uma causa vulgar, como um golpe de vento, uma pancada, a passagem de um gato, – que sei eu? – e que sua coincidência com um acontecimento trágico amplificou-o depois da ocorrência. Suposição difícil de admitir, entretanto, pois que a dona da casa e seus convivas ficaram vivamente impressionados com o fato.

Eis o que parece ter-se produzido: a janela não se moveu: é prova disso a garrafa – e o contraste foi assinalado. Antes de entrar na análise desses fatos, podemos pensar, desde logo, que aquela senhora e uma ou várias outras pessoas tiveram uma *ilusão* da vista e do ouvido, a *sensação* de um fenômeno irreal, e que o *seu cérebro foi impressionado* vivamente por uma causa exterior.

Podemos também pensar que essa causa era a força psíquica do moribundo, daquele que se estava esperando, que àquela hora devia estar àquela mesa, que para aí se transportou pelo pensamento, que projetou naquela direção sua última energia. Telegrafia sem fio...

Por que se manifestou ela desse modo?

Como a impressão cerebral pôde ser coletiva?

Por que?... Por que?...

Os teus porquês, di-lo Deus, jamais acabariam.

Estamos em pleno domínio do mistério e não podemos senão formular hipóteses. Oh! sem dúvida, fosse essa história a única em seu gênero e poderia ela passar despercebida, mas é a menor entre grande número de outras que temos para relatar nesta obra. Não insistamos, por agora, sobre o modo de explicá-la, e continuemos.

Eis aqui um segundo exemplo de transmissão telepática no momento da morte, não menos singular, mais notável ainda, que

também devo à gentileza do Sr. General Parmentier que lhe garantiu a autenticidade:

II – "Estávamos em Schlestadt, Departamento do Baixo-Reno. Era por uma noite de verão. Tinham deixado aberta a porta de comunicação entre o quarto de dormir e o salão e, no salão, as duas janelas grandes abertas e assim mantidas pelos encostos de cadeiras que as tocavam. O pai e a mãe do Sr. Parmentier dormiam.

De súbito, a senhora Parmentier é despertada por um brusco movimento do leito, de baixo para cima. Surpresa, um pouco atemorizada, acorda seu marido e comunica-lhe o que acaba de experimentar.

De repente, um segundo abalo se produz, muito violento. O pai do General Parmentier atribui a um tremor de terra, ainda que sejam estes bem raros na Alsácia; levanta-se, acende uma vela, não constata nada de insólito e torna a deitar-se. Mas, imediatamente depois, novo abalo muito forte do leito, depois rumores e estrépitos na sala vizinha, como se as janelas fossem fechadas com violência, com todos os vidros postos em pedaços. O tremor de terra parece ter-se acentuado de um modo ainda mais formidável; o Sr. e a Sra. Parmentier levantam-se e vão examinar os estragos do salão: nada, as janelas permanecem totalmente abertas, as cadeiras não mudaram de lugar, o ar está calmo, o céu puro e estrelado. Não houvera nem tremor de terra, nem desencadear de vento; o barulho ouvido era *fictício*.

O Sr. e a Sra. Parmentier moravam no primeiro andar e havia no andar térreo uma mulher de certa idade possuidora de um armário que rangia de uma forma irritante toda vez que o abriam ou fechavam. Esse rangido desagradável fora ouvido e perguntava-se que necessidade teria tido a aludida senhora de abrir e fechar assim seu armário a uma semelhante hora.

Constatando que nada havia de desarranjado no salão, nem no estado das janelas, nem na posição dos menores objetos, a Sra. Parmentier ficou com medo. Acreditou que uma desgraça qualquer tivesse acontecido aos seus, a seu pai, a sua mãe, que

ela, recentemente casada, havia deixado há pouco tempo em Estrasburgo e que julgava, entretanto, estarem de perfeita saúde.

Não tardou muito, porém, que viesse a saber que sua antiga governanta, a quem não tornara a ver desde o seu casamento e que se retirara para Viena d'Áustria, com sua família, morrera *naquela noite* e que, antes de morrer, externara diversas vezes o pesar de ter sido separada de sua querida discípula, pela qual conservara viva afeição."

Eis aí um segundo fato que não é destituído de analogia para com o primeiro e que parece indicar as mesmas correlações. Uma impressão partida do cérebro de um moribundo teria ido ferir um outro cérebro, a 650 quilômetros de distância e *dar-lhe a sensação* de um ruído tão extraordinário? Pôde essa impressão tocar, seja diretamente, seja por afinidade, dois cérebros em relação com o primeiro?

Quando, pela manhã, a Sra. Parmentier perguntara à sua vizinha do andar térreo se ela não abrira o seu rangedor armário, àquela hora tardia da noite, se ela não fora sacudida em seu leito, se não escutara uma algazarra fora do costume, esta respondeu negativamente, observando que dormia pouco em sua idade e que, se alguma coisa de insólito se tivesse produzido, ela o teria certamente notado. A manifestação psíquica não havia, portanto, emocionado senão os dois seres em relação com a causa.

Sem dúvida, podemos sempre ficar surpresos com a materialidade, com a banalidade, com a vulgaridade da manifestação, para depois sempre dizer: "Erro dos sentidos, alucinação sem causa, acaso e coincidência." Mas estamos aqui para examinar as coisas sem *parti-pris* e para encontrar, se possível, as leis que as regem.

Continuemos, porque o valor dos fatos cresce na razão do seu número, visto tratar-se de coincidências.

III – "Meu caro mestre.

Estávamos em junho de 1896. Durante os dois últimos meses de minha permanência na Itália, minha mãe veio juntar-se-me em Roma e residia bem perto da Academia de França, em uma pensão familiar da via Gregoriana, onde vós mesmo residistes.

Como, nessa época, eu tivesse ainda um trabalho a terminar, antes de regressar à França, minha mãe, para não me embaraçar, visitava a cidade sozinha e não vinha procurar-me, à Vila Médicis, senão ao meio-dia, para almoçarmos.

Ora, um dia eu a vi chegar, toda transtornada, pelas oito da manhã. Como a interrogasse, respondeu-me ela que, estando a fazer sua *toilette*, viu de repente, ao seu lado, seu sobrinho René Klaemer que a contemplava e que lhe disse, rindo:

– *Na verdade, eu estou bem morto!*

Muito amedrontada com esta aparição, apressou-se ela em vir procurar-me. Tranqüilizei-a do melhor modo que pude, depois entabulamos conversação sobre outros assuntos.

Quinze dias depois, regressávamos ambos a Paris, depois de termos visitado parte da Itália, e soubemos, então, da morte de meu primo René, ocorrida sexta-feira, 12 de julho de 1896, no apartamento que seus pais ocupavam, à rua de Moscou, 31. Tinha ele catorze anos.

Graças a certo trabalho que eu fazia em Roma, na época da viagem de minha mãe pude controlar as datas, e mesmo as horas, nas quais esse fenômeno se produziu. Ora, naquele dia, o meu priminho, acometido de uma peritonite desde alguns dias antes, entrava em agonia pelas seis horas da manhã e morria ao meio-dia, depois de ter exprimido, por diversas vezes, o desejo de ver sua tia Berta, minha mãe.

Note-se que jamais, em nenhuma das numerosas cartas que recebíamos de Paris, nos haviam dito uma palavra a respeito da moléstia de meu primo. Sabia-se muito bem que minha mãe tinha uma afeição muito particular por esse menino e que regressaria a Paris por uma simples arranhadura que soubesse ter-se produzido nele. Nem mesmo nos telegrafaram comunicando sua morte.

Acrescentarei que, quando são seis horas da manhã em Paris, os relógios de Roma, devido à diferença de longitude, marcam sete horas e que foi precisamente nesse momento que minha mãe teve a citada visão.

André Bloch

Praça Malesherbes, 11, Paris.”

O fato observado por Mme. Bloch é do mesmo gênero dos dois precedentes. À hora em que perdia o conhecimento das coisas terrestres, seu sobrinho pensava ardentemente nela, a quem ele amava com uma ternura filial, correspondido também por sua tia que o amava como a seu próprio filho. A força psíquica do moribundo não se pôde manifestar de outro modo, isto é, sem sair do caráter de um menino de catorze anos, que poderia dizer, com efeito, rindo:

– “Muito bem, sim, eu morri!”

Pode-se negar, pode-se negar sempre. Mas o que prova uma negação? Não é melhor usar de franqueza, confessar que aí estão coincidências notáveis, ainda que incompreensíveis no estado atual de nossos conhecimentos? A hipótese de uma alucinação sem causa é verdadeiramente pouco séria. Não nos percamos em palavras. Pesquisemos.

M. V. de Kerkhove escrevia-me em fevereiro de 1889:

IV – “Em 25 de agosto de 1874, estando eu no Texas (Estados Unidos), à hora do pôr do Sol, depois do jantar, sentara-me, fumando meu cachimbo, na varanda da casa que ocupava, em frente ao mar, com uma porta que abria para o Noroeste, à minha direita.

De repente, no vão dessa porta, vi distintamente meu velho avô. Achava-me em um estado de sem-inconsciência, de doce bem-estar e de quietude, como homem que tem bom estômago e que acabou de jantar bem. Não experimentei admiração alguma por vê-lo naquele lugar. De fato, eu vivia de forma vegetativa e estava mesmo sem pensar, nesse momento. Fiz, entretanto, comigo mesmo, esta reflexão: “É extraordinário! Como estes raios do sol poente põem lavores de ouro e de púrpura por toda parte, nas menores dobras das vestes e do rosto de meu avô.”

Com efeito, nesse instante o Sol descia no horizonte, muito vermelho, e projetava os seus últimos raios diagonalmente pela porta da sala. Meu avô tinha sua fisionomia de bondade; sorria, parecia feliz. De súbito desapareceu com o sol poente e eu despertei, como de um sonho, convicto de que se tratava de uma aparição. Seis semanas depois soube, por carta, que meu avô

morrera na noite de 25 para 26 de agosto, entre uma e duas horas da manhã. Ora, há entre a Bélgica, onde morreu meu avô, e a longitude do Texas, onde eu me encontrava, uma diferença de cinco horas e meia. Hora do pôr-do-sol, pelas sete horas."

Poder-se-ia objetar que no ocorrido houve simples ilusão produzida pelos raios do sol poente. É pouco provável, pois o Sr. de Kerkhove *reconheceu* perfeitamente seu avô. O que devemos assinalar, sobretudo, são essas coincidências com as datas de morte.

A 10 de novembro de 1890, foi-me endereçada a seguinte carta, de Cristiânia:

V – "Meu caro mestre.

Vossa obra *Urânia* sugere-me a idéia de vos fazer conhecedor de um acontecimento de que fui informado pela própria pessoa com quem o fato sucedeu. É o Sr. Vogler, médico dinamarquês, morador em Gudum, perto de Alborg (Jutlândia). O Sr. Vogler é um homem de excelente saúde, tanto do corpo como do espírito, uma natureza equilibrada e positiva, sem a menor disposição neurastênica ou imaginativa, muito pelo contrário.

Jovem estudante de Medicina, viajou ele na Alemanha com o Conde de Schimmuelmann, muito conhecido entre a nobreza do Holstein. Eram ambos mais ou menos da mesma idade. Em uma das cidades universitárias da Alemanha, onde haviam resolvido permanecer algum tempo, alugaram uma pequena casa. O conde ocupava o andar térreo e o Sr. Vogler instalou-se no primeiro andar; a porta que dava para a rua, bem como a escada, pertenciam somente a eles.

Uma noite o Sr. Vogler, tendo-se deitado, ainda lia. De repente ouviu ele a porta, em baixo da escada, abrir-se e fechar-se; de nada, porém, desconfiou, supondo que era seu amigo que entrava. Entretanto, ao cabo de pouco tempo, ouviu passos claudicantes e quase fatigados subirem a escada e se deterem diante da porta de seu quarto. Viu a porta abrir-se, mas ninguém apareceu; os passos, entretanto, continuaram e ele ouviu-os sobre o assoalho aproximarem-se do leito. Não viu absolutamente nada, não obstante a luz aclarar bem o quarto. Quando o ruído dos passos se fez ouvir bem próximo do leito, escutou ele um

profundo suspiro que reconheceu imediatamente provir de sua avó que deixara, em bom estado de saúde, na Dinamarca. Ao mesmo tempo reconheceu também os passos: eram bem os passos vacilantes e cansados de sua avó.

Tomou ele nota, deixando-a escrita, da hora exata em que se deu essa revelação, pois lhe veio instantaneamente a intuição de que sua avó morria no mesmo instante. Mais tarde, uma carta da casa paterna anunciou-lhe a morte súbita da avó que o havia particularmente querido dentre os outros netos. Constatou-se que a morte se deu *justamente na hora indicada*. Dessa maneira a avó despediu-se de seu neto que nem mesmo sabia estivesse ela enferma.

Edouard Hambro
Licenciado em Direito, Secretário da repartição dos trabalhos públicos da cidade de Cristiânia."

Esse moço foi, portanto, advertido da morte de sua avó por essa impressão de passos e de um suspiro. Eis o que é preciso admitir.

A Sra. Féret, em Juvisy, mãe da agente dos Correios dessa cidade, escrevia-me recentemente (dezembro de 1898):

VI – "O fato de que se trata passou-se há bastante tempo; lembro-me, porém, dele como se fosse de ontem, pois impressionou-me tão fortemente que, vivesse eu cem anos e jamais poderia esquecê-lo.

Foi pelo tempo da guerra da Criméia, em 1855. Morava eu então na rua da Torre, em Passy.

Um dia, à hora do almoço, pelo meio-dia, desci à adega. Um raio de sol penetrava pelo respiradouro e ia iluminar o chão. Essa parte iluminada pareceu-me de súbito uma praia de areia, à beira mar, e, estendido morto sobre a areia, jazia um dos meus primos, comandante de batalhão.

Aterrorizada, não pude mais seguir adiante e subi com dificuldade os degraus da escada.

Minha família, reparando em minha palidez e em minha perturbação, assediou-me com perguntas. E quando lhes narrei a minha visão, todos se riram de mim.

Quinze dias depois, recebíamos a triste notícia da morte do Comandante Solier. Morrera ao desembarcar em Varna, e a data de sua morte correspondia ao dia em que eu o vira estendido sobre a areia da adega."

Tão difícil de explicar é este fato quanto os precedentes, no estado atual de nossos conhecimentos. Sem dúvida, pode-se dizer que também neste caso está em jogo um raio de sol, que essa moça pensava algumas vezes em seu primo, que sua partida para a guerra a havia acabrunhado, que se tinha falado diante dela, com ela, do número dos mortos, da cólera, dos feridos, dos doentes, dos inumeráveis perigos dessa guerra ainda mais estúpida que todas as outras, e que não existia em tudo isso mais do que simples ilusão. É fácil dizer!

A Sra. Féret está absolutamente segura de ter visto muito distintamente o oficial; ela viu, com os seus próprios olhos, seu primo estendido na praia, e foi precisamente em uma praia que ele tombou, morto pela cólera, ao desembarcar em Varna. Registre-se também a coincidência das datas. Não podemos, racionalmente, pensar que o oficial, sentindo-se assim ferido sobre as praias da terra estrangeira, tenha pensado naquela França que ele não devia tornar a ver, naquela Paris, em seus pais, nessa prima cuja imagem fugitiva terá encantado os seus últimos instantes? Não admito, de forma alguma, que a narradora tenha visto, de Paris, a praia de Varna; admito, pelo contrário, que a causa da visão lá estivesse e que houve comunicação telepática entre o moribundo e sua parente.

Continuemos a passar em revista essas manifestações curiosas e a examinar *fatos*! As teorias e as explicações virão em seguida. Quanto maior número de fatos tivermos, tanto mais progredirão os nossos conhecimentos.

Recebi, alguns dias atrás, a seguinte carta de um deputado, poeta bem conhecido e estimado de todos pela sinceridade de suas convicções e pela sua vida desinteressada:

VII – "Caro mestre e amigo,

Era em 1871. Estava eu na idade em que se colhem florinhas nos campos como vós colheis estrelas no infinito; mas em um momento em que esquecera de fazer a minha costumeira

colheita, escrevi um artigo que me valeu certo número de anos de prisão: tudo isso acontece a quem não sabe esperar. Ora, estava eu na prisão Saint-Pierre, de Marselha. Lá se encontrava também Gastão Crémieux, condenado à morte. Eu o queria muito, porque nos embaláramos com os mesmos sonhos e tombáramos na mesma realidade. Na prisão, às horas de passeio, acontecia-nos tratar, em nossas conversas amistosas, da questão de Deus e da alma imortal. Um dia, como alguns camaradas se declarassem ateus e materialistas com uma veemência pouco comum, fiz-lhes notar, a um sinal de Crémieux, que era pouco delicado de nossa parte proclamar tais negações diante de um condenado à morte, que acreditava em Deus e na imortalidade da alma. Disse-me o condenado, sorrindo:

– Obrigado, meu amigo. Quando me fuzilarem, irei dar-vos uma prova, manifestando-me em vossa cela.

Na manhã de 30 de novembro, ao despontar do dia, fui subitamente despertado por *um ruído de pequenas pancadas secas* dadas em minha mesa. Voltei-me, o ruído cessou e tornei a dormir. Alguns instantes depois, recomeçou o mesmo ruído. Saltei então da cama e coloquei-me, bem desperto, diante da mesa: *o ruído continuou*. Reproduziu-se isso ainda uma ou duas vezes, sempre nas mesmas condições.

Ao saltar da cama, todas as manhãs, eu tinha o costume de dirigir-me, com a cumplicidade de um bom guarda, à cela de Gaston Crémieux, onde me esperava uma xícara de café. Nesse dia, como nos precedentes, fui fiel ao nosso amistoso *rendez-vous*. Ai de mim! havia selos sobre a porta e eu constatei, olhando pelo buraco da fechadura, que o prisioneiro não mais estava lá. Apenas acabara de fazer essa constatação e o bom guarda atirava-se em meus braços, banhado em lágrimas.

– Eles o fuzilaram esta manhã, ao despontar do dia; mas ele morreu muito corajosamente.

Grande foi a emoção entre os prisioneiros. No pátio onde permutávamos nossas impressões, lembrei-me, de repente, dos ruídos que ouvira. Não sei que temor pueril de ser desmentido, impedia-me de contar aos meus companheiros de infortúnio o

que se passou em minha cela, precisamente no instante em que Crémieux tombava com doze balas no peito. Contudo, fiz a confidência do ocorrido a um deles, Francisco Roustan, que por um momento se perguntou a si mesmo se a dor não me havia enlouquecido.

Tal é o meu relato, escrito uma destas tardes. Eu vo-lo remeto tal como me saiu da pena. Fazei dele o uso que vos parecer útil às vossas pesquisas; não façais, porém, sobre o meu estado d'alma, o juízo feito pelo meu amigo Roustan, pois que a dor não podia ter-me tornado louco, em um momento em que ainda não tinha podido provocá-la o conhecimento do fato. Eu estava em meu estado normal, não desconfiava da execução e ouvi perfeitamente aquela espécie de advertência. Eis a pura verdade.

Clóvis Hugues."

Segundo este relato, parece que no instante mesmo em que Gastão Crémieux era fuzilado (sua condenação remontava aos dias da Comuna de Marselha: 28 de junho), seu espírito atuou sobre o cérebro de seu amigo e deu-lhe uma sensação, um eco, uma repercussão do drama de que ele foi vítima. A fuzilaria não podia ser ouvida da prisão (ela se deu em Pharo) e o ruído foi por diversas vezes repetido. Este fato é tão estranho como todos os precedentes; mas é seguramente difícil de ser negado.

Nós nos ocuparemos mais adiante das teorias explicativas. Continuemos nossa exposição comparativa, aliás tão variada e tão curiosa em si mesma.

Um eminente sábio, o Sr. Alphonse Berget, doutor em ciências, preparador do laboratório de Física da Sorbona, examinador na Faculdade de Ciências de Paris, teve a bondade de comunicar-me o seguinte:

VIII – "Minha mãe era moça e noiva de meu pai, então capitão de Infantaria, quando o fato ocorreu; residia ela em Schlestadt, na casa de seus pais.

Minha mãe tinha tido, como amiga de infância, uma jovem chamada Amélia M.; esta moça, cega, era neta de um velho coronel de Dragões do Primeiro Império. Tendo ficado órfã, ela

vivia com seus avós. Era exímia cultora da música e *muitas vezes cantava com minha mãe*.

Na idade de dezoito anos despertou-se-lhe uma vocação religiosa muito pronunciada e tomou o hábito em um convento de Estrasburgo. Nos primeiros tempos escrevia freqüentemente a minha mãe; depois suas cartas se foram espaçando e afinal, como acontece quase sempre em semelhantes casos, ela cessou completamente de se corresponder com sua velha amiga.

Haveria três anos que ela tomara o hábito de religiosa, quando, certo dia, minha mãe subiu ao celeiro, para procurar qualquer coisa velha de que necessitou em um momento de apuro. De súbito, ela desce à sala de visitas, dando gritos estridentes e cai sem sentidos. Precipitam-se todos, levantam-na, ela volta a si e grita soluçando:

– É horrível! Amélia está morrendo, *ela morreu, pois eu acabo de ouvi-la cantar, como só uma morta pode cantar!*

E, de novo, uma crise de nervos fez-lhe perder os sentidos. Ora, meia hora depois, o Coronel M. entrava, como um louco, em casa de meu avô, tendo na mão um telegrama. Esse telegrama era da superiora do convento de Estrasburgo e continha estas únicas palavras: "Vinde, vossa neta está passando mal." O coronel toma o primeiro trem, chega ao convento e é cientificado de que *a irmã morrera precisamente há três horas*, hora exata da súbita crise de minha mãe.

O fato foi-me contado muitas vezes por minha mãe, por minha avó, por meu pai que assistira à cena, assim como por meu tio e minha tia, testemunhas oculares desse estranho incidente."

Este fato não é menos digno de atenção do que os precedentes. O nome do narrador é uma segura garantia de sua autenticidade. Não há, no que acaba de ser escrito, nem imaginação nem romance. E parece a mesma a hipótese explicativa. A amiga da Sra. Berget, ao morrer, afigura-se-nos, pensou, com uma grande intensidade, uma cara lembrança, uma imensa saudade, talvez, em sua amiga de infância, e, de Estrasburgo a Schlestadt, a emoção da alma da moça veio impressionar instantaneamente o cérebro da Sra. Berget, dando-lhe a ilusão de uma voz celestial cantando uma pura melodia. De que

modo? Nada sabemos a esse respeito. Mas seria anticientífico negar uma coincidência real, uma relação de causa e efeito, um fenômeno de ordem psíquica, pela simples razão de que não sabemos explicá-lo.

"O acaso é tão amplo!", ouve-se dizer.

Sim, sem dúvida; mas tomemos cuidado, não tenhamos *parti pris*. Pode o acaso explicar essas coincidências mediante o cálculo das probabilidades? É o que haveremos de examinar.

Não percamos tempo, entretanto; são abundantes os documentos.

A Sra. Ulric de Fouvielle contou-me, em 17 de janeiro último (1899), a ocorrência seguinte, *feita por ela própria* e conhecida de toda a sua família:

> **IX** – "Morava ela em Rotterdam. Certa noite, por volta das 11 horas, a família, segundo um antigo hábito, fez as preces em alta voz e cada qual se retirou para seu quarto. A Sra. de Fouvielle estava há alguns minutos deitada, e ainda desperta, quando viu diante de si, ao pé do leito provido de cortinado, em que ela dormia, *abrir-se o cortinado* e uma de suas amigas de infância, que ela não via há mais de três anos, por causa de uma indelicadeza de que se tornara culpada para com a família e de quem não se pronunciava mais o nome, *aparecer-lhe com uma nitidez tão perfeita* como se se tratasse de uma pessoa viva. Vestia um grande *peignoir* branco, tinha seus cabelos negros caindo sobre as espáduas e olhou-a fixamente com seus grandes olhos negros, estendendo-lhe a mão e lhe dizendo em holandês:
>
> – Senhora, vou neste momento partir. Podeis perdoar-me?
>
> A Sra. de Fouvielle sentou-se na cama e estendeu a mão, a seu turno, para responder-lhe; mas a visão desapareceu subitamente.
>
> O quarto achava-se iluminado por uma lamparina, e todos os objetos eram visíveis. Logo depois, o relógio bateu as doze pancadas da meia-noite.
>
> No dia seguinte, pela manhã, a Sra. de Fouvielle contava à sua sobrinha esta singular aparição, quando bateram à porta. Era um telegrama de Haia trazendo estas palavras: "Maria faleceu ontem às 11 horas e três quartos da noite."

O Sr. Ulric de Fouvielle afirmou-me, por seu lado, que o fato da aparição e da coincidência não é contestável. Quanto à explicação, como nós, ele a procura.

A 20 de março último (1899) eu recebia a seguinte carta:

X – "Meu caro mestre:

Pedis que eu vos escreva a respeito do fato de pressentimento, vista dupla, sugestão ou aparição, de que vos falei.

Eu estava para entrar na Escola Naval. Esperava esse momento em Paris, à rua de la Ville-l'Évêque, onde morava minha mãe. Tínhamos nessa época um mordomo piemontês muito inteligente, muito devotado, mas tão céptico como pouco crédulo. Para empregar a expressão popular, ele não acreditava nem em Deus nem no diabo.

Uma tarde, seriam 6 horas, entra ele na sala de visitas, de fisionomia convulsionada, a gritar:

– Senhora! senhora! vem de acontecer-me uma grande desgraça! minha mãe acaba de morrer... Neste instante, eu estava em meu quarto, um pouco fatigado, e repousava, quando a porta se abriu... minha mãe, de pé, pálida e desfeita, achava-se no limiar, fazendo-me um gesto de adeus. Esfreguei os olhos, supondo-me vítima de uma alucinação, mas não, eu a via bem! Precipitei-me para segurá-la... ela desapareceu!... Ela está morta.

Chorava o pobre rapaz. O que posso afirmar é que alguns dias depois chegava a notícia a Paris. Sua mãe estava, de fato, morta *no dia e na hora* em que ele a viu!

Baron Deslandes
Antigo oficial de Marinha.
Rua de Larochefoucauld, 20, Paris.

A senhora Baronesa Staffe, cujas obras encantadoras andam em todas as mãos, deu-me a conhecer os dois casos seguintes:

XI – "A Sra. M., que, por seu casamento, se tornou francesa e pertence à grande classe médica, era a encarnação da veracidade. Ela preferiria morrer a proferir uma mentira. Ora, eis o que me contou a Sra. M.:

Em sua adolescência vivia ela na Inglaterra, ainda que não fosse de nacionalidade britânica; aos dezesseis anos tornara-se noiva de um jovem oficial do Exército das Índias.

Por um dia de primavera, no porto inglês em que residia, achava-se ela debruçada ao balcão da casa de seu pai e pensava naturalmente em seu noivo. De repente ela o vê no jardim, em sua frente, mas muito pálido e como extenuado. Contudo, feliz e alegre, ela grita: "Harry! Harry!" e desce aos saltos a escada da casa. Abre precipitadamente a porta, supondo encontrar o bem-amado no limiar: ninguém. Entra no jardim, examina o lugar onde o viu, percorre as moitas, observa por toda parte: nada de Harry!

Os que a seguiram, procuram consolá-la, persuadi-la de que se trata de uma ilusão; ela repete: "Eu o vi, eu o vi!" E permanece entristecida e inquieta.

Algum tempo depois a moça é informada de que seu noivo sucumbira em pleno mar, de um mal súbito, *no dia e hora* em que o tinha visto no jardim."

XII – "Bernardina era uma velha criada, sem instrução, sem sombra de idéia espiritualista e a quem se acusava de dar-se algumas vezes à bebida.

Uma tarde ela desce à adega para ir buscar cerveja e sobe imediatamente, com o púcaro vazio na mão, pálida e desfigurada. Comprimem-se todos em torno dela:

– Que tens Bernardina?

– Acabo de ver minha filha, minha filha que reside na América. Estava toda de branco, tinha o aspecto de doente e me disse: "Adeus, mamãe."

– Estás louca! Como querias ter visto tua filha, que reside em Nova York?

– Eu a vi! eu a vi! Ah! o que quererá isso dizer? Ela morreu!

Dizia-se em casa: "Bernardina sem dúvida bebeu um pouco mais do que o razoável."

Ela, porém, continuou desolada. E o correio que se seguiu a este incidente trouxe a notícia da morte da filha de Bernardina:

finara-se *no dia e na hora* em que sua mãe a tinha visto e reconhecido o timbre de sua voz.”

O Sr. Binet, tipógrafo em Soissons, assinalou-me, por seu lado, a visão seguinte, de que ele próprio fora o ator:

XIII – “Mézières, minha terra, foi abalada por um bombardeio que durou trinta e seis horas somente, mas que bastou para fazer numerosas vítimas. Entre estas últimas, a neta de nosso patrão foi cruelmente ferida: estava com 11 ou 12 anos de idade. Nessa época tinha eu 15 e brincava quase sempre com Leontina (era esse o seu nome).

Pelo começo de março, fui passar alguns dias em Douchéry. Antes de partir, eu sabia que essa pobre pequena estava condenada. A mudança de lugar e também a despreocupação fizeram com que eu esquecesse um pouco as misérias que vínhamos de atravessar.

Eu dormia sozinho em um quarto comprido e estreito, com uma janela que dava para o campo. Uma noite, tendo-me deitado, como de costume, às 9 horas, não pude dormir, coisa para mim extraordinária, pois que, logo depois do jantar, seria capaz de dormir em pé. A Lua brilhava em toda plenitude, aclarando o jardim e projetando uma luz bastante forte no quarto.

Não me tomando o sono, escutava bater as horas, que me pareciam bem longas. Eu meditava, olhando pela janela que se achava justamente defronte do meu leito, quando, cerca de meia-noite e meia, me pareceu ver um raio da Lua caminhar, depois esta sombra luminosa, que flutuava como um grande vestido, tomou a forma de um corpo e, avançando para o meu leito, deteve-se muito perto dele. Um rosto descarnado sorria-me... Soltei um grito... “Leontine!” Depois a sombra luminosa, deslizando sempre, desapareceu ao pé do leito.

Alguns dias mais tarde, voltei para casa de meus pais, e antes que a respeito me falassem (da morte de Leontine), contei-lhes minha visão: *era exatamente a noite e a hora em que aquela criança morrera*.”

O Sr. Castex Dégrange, diretor-adjunto da Escola das Belas Artes em Lião, transmitiu-me o fato seguinte:

XIV – "Meu padrasto, o Sr. Clermont, doutor em Medicina, tio do Dr. Clermont (discípulo e amigo do Dr. Potain, que acaba de morrer em Paris) tinha entre os seus irmãos um que residia na Argélia e era o pai do citado doutor.

Certa manhã, meu padrasto, que não tinha aliás nenhuma inquietação a respeito de seu irmão, pois o sabia estar passando bem, achava-se ainda no leito.

Antes de levantar para ir ver seus doentes, tinha ele o hábito de tomar na cama uma xícara de café com leite. Procedia a esse primeiro repasto conversando com sua esposa, sentada perto dele, quando é levantado violentamente e de novo atirado ao leito, e isso tão subitamente que derramou todo o líquido contido na xícara.

À *mesma hora*, soube ele mais tarde, seu irmão morria na Argélia. Fora banhar-se no mar e, tendo sido mordido ou ferido no tendão de Aquiles, contraíra o tétano e morrera após trinta horas de sofrimentos."

O Sr. Chabaud, antigo diretor de colégio, em Paris, professor muito estimado, a quem numerosos discípulos são devedores de excelente instrução, referiu-me o caso seguinte, com ele mesmo ocorrido:

XV – "Uma parte da minha infância passou-se em Limoges, na casa de um velho tio que me amimava muito e a quem eu chamava bom paizinho. Morávamos no primeiro andar de uma casa, no rés-do-chão da qual havia um restaurante.

Confesso-o, para vergonha minha, que muitas vezes me divertia à custa do patrão do estabelecimento. Entre outras brincadeiras de mau gosto, entrava eu como uma tromba d'água na cozinha gritando: "Pai Garat, venha depressa, meu paizinho vos chama."

O bom homem deixava precipitadamente suas caçarolas e subia ao primeiro andar, onde eu lhe ria na cara.

Naturalmente, não gostava ele da brincadeira e maldizia descendo a escada; mas as suas ameaças não me amedrontavam em absoluto. Aliás, eu tinha o cuidado de me conservar prudentemente a distância.

Na primavera, íamos quase sempre a passeio para os lados da Ponte Nova, na estrada de Tolosa.

Uma tarde de maio de 1851, tinha eu dez anos, entre 6 e 7 horas (posso precisar porque as minhas recordações são muito nítidas ainda), nós nos dispúnhamos a sair, como de costume, quando meu tio, vendo a Sra. Ravel, filha do dono do restaurante, entabulou com ela o seguinte diálogo:

– Como passa o Sr. Garat?

– Muito mal, Sr. Chabrol.

– Devo ir visitá-lo? (meu tio era médico).

– É inútil, Sr. Chabrol, meu pobre pai está morrendo.

– À vista disso, passamos adiante, meu velho tio perplexo e eu muito feliz por me ver fora de casa.

Uma vez na rua, ou antes, no *Boulevard de la Corderie*, lanço o meu arco e corro atrás deste. Dou estes detalhes, que nada testemunham em meu favor, para mostrar perfeitamente bem o meu estado d'alma: meu coração e meu cérebro estavam igualmente livres de preocupações, pois que, humildemente o reconheço, longe de me apiedar da sorte do pobre hoteleiro, nem mesmo nisso pensava. É triste dizê-lo, mas é a verdade.

Não longe de Pont-Neuf, a estrada de Tolosa bifurca-se: uma das ramificações conduz à praça da Municipalidade, outra à praça da Cidade.

Chegado lá, detenho-me bruscamente, porque acabo de perceber o Sr. Garat que se aproxima tranqüilamente pelo meio da calçada. Em três saltos fugi para perto de meu tio.

– Bom paizinho – perguntei-lhe – o Sr. Garat levantou-se? Vós o estais vendo ali, a poucos passos de nós?

– Que me dizes?! – retrucou meu tio, branco como uma folha de papel.

– É verdade, bom paizinho. É bem o Sr. Garat. Vinde, vede-o com o seu boné de algodão, sua blusa azul e seu bastão. Bom! ei-lo agora que se põe a tossir. Aproxima-se!

Caminhei o mais depressa que me foi possível, para não ficar ao alcance da mão do dono do restaurante, que à minha vista pareceu esboçar um gesto muito pouco tranqüilizador. Fiz uma retirada em ordem para junto de meu tio, que me disse:

– Voltemos para casa.

Tomei a dianteira. Quando cheguei, havia cinco minutos que o Sr. Garat estava morto, exatamente o tempo que eu gastara para percorrer o caminho.

Voltei correndo para dar a sinistra notícia a meu tio, que tremia sem dizer palavra.

Ainda que eu esteja seguro de ter visto e bem visto, há cerca de cinqüenta anos eu não era mais do que uma criança e pode-se objetar que fui enganado por uma semelhança ou ainda que meus sentidos foram joguete de uma ilusão; mas como admitir que um velho cirurgião da Marinha, tão pouco crédulo por natureza como pela profissão, tenha tido também uma ilusão dessas em pleno dia?”

Enquanto me ocupava especialmente com o exame dessas enigmáticas manifestações e aparições de moribundos, durante os primeiros meses desse ano de 1899, acontecia-me conversar a esse respeito, muito freqüentemente, com diversas pessoas, quer em minha casa, quer na rua, não tardando a constatar que, se a maioria era de um cepticismo quase completo e não tinha jamais visto coisa alguma que se parecesse, uma parte notável, entretanto, sabia que tais coisas existem. Pode-se calcular que há, em média, para vinte pessoas, uma que por si mesma observou fatos análogos, ou que ouviu falar deles no círculo imediato de suas relações e pode fornecer igualmente observações de primeira mão.

Acabo de citar quinze casos que me foram narrados por pessoas em relação direta comigo. Ouvira a narração de uma vintena de outras da mesma ordem,[20] quando me veio a idéia de tentar em França uma investigação análoga à que foi feita na Inglaterra, há alguns anos, sobre essa espécie de fenômenos. Pareceu-me a ocasião

excelente, sob o ponto de vista da segurança, da autenticidade, do valor dos testemunhos. Publiquei os primeiros capítulos desta obra no jornal hebdomadário de meu erudito e excelente amigo Adolfo Brissou, *Anais Políticos e Literários*, cujos assinantes formam como que uma imensa família em correspondência freqüente com a redação.

Existe ali uma espécie de intimidade que jamais observei senão entre os leitores do *Boletim Mensal da Sociedade Astronômica de França* e, outrora, entre os da *Revista Pitoresca*. Esse laço de família não existe mais entre os leitores dos jornais cotidianos ou mesmo das revistas mais sérias. Uma comunidade de idéias reúne os leitores aos redatores, não que seja isso uma igreja em que todos os fiéis pensam do mesmo modo, mas porque se sente aí uma comunidade, uma boa vontade, um desejo comum de se unirem, de se ajudarem nas mesmas pesquisas, se tal coisa tem lugar. Tal é, pelo menos, a impressão que recebi das cartas que por um grande número de leitores me foram endereçadas desde os meus primeiros artigos.

Não digo que entre os 80.000 assinantes dos *Anais* não haja, como em toda parte, farsistas, impostores, crédulos, maníacos, tudo o que se deseje. São, porém, exceção. A imensa maioria representa uma honesta média de perfeito bom senso, estendendo-se a todas as classes da sociedade, desde as posições mais elevadas até as mais humildes, e sem distinção de crenças.

Há também aí, como aliás em quase toda parte, uma classe inteira de falsos beatos e de pequeninas consciências, forradas de escrúpulos, que têm medo da própria sombra e são absolutamente incapazes de pensar por si mesmos. Essas pessoas declararam-me imediatamente que permaneceriam mudas como carpas, que eu me ocupava de coisas que não tinham nada a ver comigo, que eu lançava a confusão no espírito dos primeiros comungantes e que essas questões diabólicas são reservadas à Igreja, cujo catecismo resolve todos os mistérios.

O mesmo raciocínio apresentavam a Sócrates os devotos do templo de Júpiter. Onde está hoje esse templo? Onde está Júpiter? Entretanto continuamos sempre a ler os diálogos de Sócrates.

Pareceu-me, pois, dizia eu, que seria uma boa e frutuosa indicação sobre o número, a variedade e a natureza de tais fatos, abrir uma

enquete entre os numerosos e simpáticos leitores dos *Anais* e pedir-lhes o obséquio de trazerem ao meu conhecimento aqueles de que tivessem podido ser testemunhas, ou de que pudessem afirmar a autenticidade, segundo as narrativas de pessoas de suas imediatas relações.

O seguinte apelo apareceu em o número de 25 de março de 1899:

"Esses misteriosos casos de aparições, de manifestações de moribundos ou de mortos, de pressentimentos nitidamente definidos, são tão importantes como interessantes para o nosso conhecimento da natureza do ser humano, corpo e alma, e foi isso que nos levou a empreender esta série de estudos e de pesquisas especiais, que escapam seguramente ao quadro ordinário da Ciência e da Literatura.

Poderíamos ir, desde hoje, um pouco mais longe, precisamente com o simpático concurso de todos os leitores dos *Anais*, se eles a isso quisessem prestar-se nesta circunstância talvez única.

Trata-se sobretudo, no caso, de uma demonstração estatística, de tomarmos conhecimento da proporção real desses fenômenos psíquicos: teríamos, aqui mesmo, essa demonstração em oito dias, se os nossos leitores, *tidos os nossos leitores*, tivessem a extrema gentileza de se prestarem a isso.

Ser-lhes-ia possível enviar-nos muito simplesmente uma *carta postal*, respondendo *sim* ou *não* às *duas* questões seguintes:

Tem-vos acontecido, em qualquer época, experimentar, estando acordado, a nítida impressão de ver um ser humano, ou de ouvi-lo, ou de ser tocado por ele, sem que pudésseis relacionar essa impressão a alguma coisa conhecida?

Coincidiu essa impressão com alguma morte?

No caso em que jamais tenha experimentado um fato dessa ordem, escrever simplesmente *não* e assinar. (Simples iniciais, se assim o preferir.)

No caso em que tenha observado um fato desse gênero, pede-se responder às duas questões por *sim* ou por *não* e acrescentar algumas palavras indicando o gênero de fenômeno constatado, e,

se coincidir ele com uma morte, o intervalo de tempo que tenha podido separar a morte do fenômeno observado.

No caso em que fatos desse gênero tenham sido experimentados em sonho, seria bom deixá-los assinalados, se houve coincidência de morte.

Enfim, no caso em que, sem o ter observado por si mesmo, se conheça um fato certo e autêntico, seria igualmente muito interessante relatá-lo abreviadamente.

Este inquérito terá um grande valor científico, se *todos os nossos leitores* se dispuserem a enviar-nos sua resposta. Apresentamos-lhes antecipadamente os nossos melhores agradecimentos.

Não há nisso nenhuma questão de interesse pessoal; trata-se, pelo contrário, de um grave e curioso assunto de interesse geral."

Como se poderia esperar, *nem todos* os leitores responderam. Para escrever uma carta com o único intuito de ser útil à elucidação de um problema é necessário certo devotamento impessoal à causa da verdade. Esses belos caracteres não se encontram com freqüência. Roubar alguns instantes à sua vida habitual, às suas ocupações, aos seus prazeres, ou simplesmente à sua preguiça, é um esforço, uma espécie de virtude, por muito simples que seja isso. Depois, nesta ordem de idéias, muitos temem o ridículo! Sou, portanto, sincera e profundamente reconhecido a todas as pessoas que se dispuseram a responder-me e lamento que o tempo material me tenha em absoluto faltado para exprimir a cada uma delas, pessoalmente, os meus mais vivos agradecimentos.

Seria injusto, por outro lado, atribuir todos os casos de silêncio à indiferença, à preguiça ou ao medo do ridículo. Exemplo: uma das cartas, a que traz o nº 24, começa assim:

"Desde que empreendestes a série de estudos sobre os problemas psíquicos, tão palpitantes em si, estou possuído do ardente desejo de vos endereçar uma narrativa que me toca de muito perto, sem ter a coragem de fazê-lo. Por que? Por timidez? Não. Por um sentimento para o qual não encontro explicação, mas que é certamente comum a grande número de vossos leitores e que consiste em se dizer: Para que servirá? Sr. Flammarion tem

certamente recebido e possui centenas de narrativas; uma de mais ou de menos não quer dizer nada, e depois... será mesmo lida?”

Por outro lado, tive ocasião de constatar que um certo número – não pequeno – de pessoas que têm sido testemunhas desse gênero de fatos conservam-se em silêncio e se recusam mesmo a contá-los quando interrogadas a respeito, seja isso por um respeito exagerado talvez para com dolorosas recordações, seja para não imiscuir nenhum estranho em negócios íntimos, seja simplesmente para não oferecer margem a qualquer discussão, a qualquer crítica da parte dos cépticos.

Nos meses de junho e julho seguintes, prolonguei a mesma enquete no *Petit Marseillais* e na *Revue des Revues*, um pouco também no desejo de conhecer a opinião pública geral.

Recebi 4.280 respostas, compostas de 2.456 *não* e 1824 *sim*. Entre estas últimas, havia 1.758 cartas mais ou menos detalhadas, grande número das quais eram insuficientes como documentos a discutir. Delas, porém, eu pude reservar 786 importantes que foram classificadas, transcritas quanto aos fatos essenciais e resumidas. O que impressiona em todos esses relatos é a lealdade, a consciência, a franqueza, a delicadeza dos narradores que assumem o compromisso de somente dizerem o que sabem e como o sabem, sem nada ajuntar nem diminuir. Nisso, cada um se constitui servo da verdade.

Essas 786 cartas transcritas, classificadas e numeradas [21] referiam 1.130 fatos diferentes.

As observações expostas nessas cartas apresentam ao nosso exame diversas classes de fenômenos, que podem ser classificados como segue:

manifestações e aparições de moribundos;
manifestações e aparições de vivos não doentes;
manifestações e aparições de mortos;
visão de fatos passados ao longe;
sonhos premonitórios; previsão do futuro;
sonhos reveladores de mortos;
encontros pressentidos;

pressentimentos realizados;
duplos de vivos;
movimentos de objetos sem causa aparente;
transmissão de pensamentos a distância;
impressões recebidas por animais;
chamados ouvidos a grandes distâncias;
portas fechadas a ferrolho, que se abrem por si mesmas;
casas mal-assombradas;
experiências de Espiritismo.

Inúmeros desses fatos são subjetivos, passam-se no cérebro das testemunhas, conquanto sejam determinados por uma causa exterior. Um grande número refere-se a alucinações puras e simples. Teremos de examiná-los e discuti-los. O que eles nos demonstram, desde logo, é que ainda há *muitas coisas que nós não conhecemos*; é que existem, na Natureza, *forças desconhecidas*, cujo estudo nos interessa.

Vou primeiro extrair, das cartas recebidas, aquelas que têm por objeto as manifestações de moribundos a pessoas acordadas e em estado de espírito normal, eliminando tudo o que concerne aos sonhos. Estas observações constituem a seqüência das precedentes. Não as farei acompanhar de comentário algum: a discussão virá depois; tudo o que peço é que sejam lidas com atenção.

Suprimo todas as fórmulas de polidez. Suprimo igualmente todos os protestos de sinceridade e de segurança moral. Cada correspondente *afirma sob palavra de honra* que relata os fatos tais quais o conhece. Que seja dito isto uma vez por todas.

(Carta 5)

XVI – "A 29 de julho de 1865, Nephtali André estava no mar, entre a França e a Inglaterra, para onde se dirigia após o encerramento dos cursos acadêmicos. De repente teve a impressão de estar sendo chamado, muito distintamente: "Nephtali!" Voltou-se, olhou em torno de si e não viu ninguém. Como essa voz parecia-se, inequivocamente, com a de seu pai que ele sabia achar-se doente, e como, por outro lado, ouvira falar de fenômenos de telepatia, teve, instantaneamente, a idéia de uma correlação qualquer entre esse apelo misterioso e o

estado de seu pai, o Sr. Gabriel André. Puxou o relógio para fixar o momento. Ora, chegando ao seu destino, o mancebo soube da morte de seu pai, sobrevinda *à mesma hora* em que este nome "Nephtali" lhe ressoara aos ouvidos, como um apelo supremo.

Meu avô, Gabriel André, desposara a Senhorita de Saulses Larivière, parente do Sr. de Saulses-Freycinet, Ministro da Guerra.

Tony André
Pastor em Florença."

(Carta 6)

XVII – "Respondo diante de vós, como o faria uma testemunha.

A. – Na quinta-feira, 1º de dezembro de 1898, depois de haver passado a tarde com minha mãe, tomei o candeeiro e entrei em meu quarto para deitar-me. Imediatamente senti uma espécie de apreensão, de aperto do coração, pressentindo que alguém estava nesse quarto, alguém que eu não via e que, entretanto, aí se achava ou, antes, devia achar-se.

Contendo o meu quarto poucos móveis e tapeçarias, seria impossível alguém nele esconder-se; eu logo o percorri em um só golpe de vista e constatei que nele não havia ninguém.

Persistindo essa apreensão, saí para o vestíbulo, examinei a escada e não vi nada. Tive então o pressentimento de que ia acontecer-me nessa noite alguma coisa, que eu ia ser roubado, que um incêndio ia irromper, que um gendarme viria acordar-me para comunicar-me que algum crime, necessitando minha remoção, vinha de ser praticado, enfim, uma série de coisas que não sei explicar.

Coloquei meu relógio sobre uma pequena mesa de cabeceira, verificando que eram *9 horas e meia* e deitei-me.

No dia seguinte pela manhã, eu recebia um telegrama anunciando-me que um tio bastante idoso e enfermo desde muito tempo acabava de morrer; esse telegrama não continha nenhuma indicação da hora, dizia somente que meu tio falecera na

véspera, isto é, quinta-feira, 1º de dezembro. Comuniquei essa notícia à minha mãe, dizendo-lhe: "Ele morreu às 9 horas e meia da noite." Declarei também essa hora diante de diversas pessoas amigas, a fim de poder invocar seu testemunho se alguma vez fosse contestado o que eu disse sobre o caso.

Tomei o primeiro trem para transportar-me a Janville onde morava esse parente, a cerca de 40 quilômetros de Malesherbes. Depois de haver trocado com minha tia algumas palavras, perguntei-lhe a que horas morrera seu marido. Ela me respondeu simultaneamente com uma mulher que guardava o morto e que assistira à sua agonia: – *Às 9 horas e meia da noite*.

B. – No mês de outubro de 1897, achando-se minha mãe em um quarto que dava para a sala de jantar, por uma porta, então aberta, ouviu um como suspiro prolongado e sentiu como que um sopro que tivesse passado no seu rosto.

Tinha eu saído. Supondo que eu houvesse entrado na sala de jantar, sem que ouvisse abrir a porta, disse em voz alta: "És tu, Jorge?" Ninguém respondendo, entrou na sala de jantar e viu que aí não havia ninguém. Quando voltei, narrou-me ela o que acabava de sentir.

Na manhã seguinte recebia um telegrama anunciando-lhe a morte de uma prima que residia na Chambon (Loiret), a cerca de 25 quilômetros daqui.

Minha mãe foi a Chambon e soube que essa sua prima morrera, em conseqüência de uma queda, algumas horas após o acidente. A manifestação que se produzira *coincidia exatamente* com a hora em que essa parente expirava.

George Merlet
Juiz de Paz em Malesherbes (Loiret)."

(Carta 9)

XIX – "A 4 de dezembro de 1884, às 3:30 da manhã, estando eu perfeitamente desperto, acabava de levantar-me. Tive a visão nítida da aparição de meu irmão, Joseph Bonnet, 2º tenente de *spahis*, 2º Regimento, na guarnição de Batna, província de Constantine (Argélia). Nessa época ele estava em manobras e

nós não sabíamos precisamente onde se encontrava. Meu irmão tomou-me a cabeça entre as mãos; senti um arrepio de frio e ele me disse muito distintamente:

– *Adeus, Ângela, estou morto*.[22]

Profundamente emocionada e transtornada, acordei imediatamente meu marido, dizendo-lhe:

– José morreu; ele acaba de me dizer.

Como esse dia, 4 de dezembro, era o dia do nascimento de meu irmão (completava ele seus trinta e três anos) e como tivéssemos falado na véspera a propósito desse aniversário, meu marido assegurou-me que se tratava de uma conseqüência de meus pensamentos e acoimou-me mesmo de visionária e de exaltada.

Durante toda essa noite de quinta-feira estive muito agoniada. Às 9 da noite recebemos um telegrama; antes de abri-lo, já eu sabia o que continha. Meu irmão falecera em Kenchela (Argélia), às 3 horas da manhã.

Ângela Esperon,
Nascida Bonnet."

"Atesto a exatidão absoluta da narrativa acima, de minha esposa.

Osman Esperon
Capitão reformado, Cavaleiro da
Legião de Honra, em Bordéus."

(Carta 11)

XX – "Estava-se em 1845, a 28 de outubro. Meu pai, então com a idade de catorze anos, acabava de trazer um balde de água de um poço situado a 80 metros da casa de seus pais. Ora, pela manhã ele vira entrar em sua casa, enfermo, o Sr. Lenoir, homem de cinqüenta anos, empregado como pastor, na propriedade do Sr. Bouteville, agricultor em Nanteau-sur-Lunain (Sene e Marne).

Para ir ao poço seria necessário passar a cerca de 20 metros da habitação do Sr. Lenoir. Eram então 4 horas da tarde. Tendo

parado para descansar, ele voltou-se e viu muito distintamente, a cerca de 10 metros, o Sr. Lenoir, com um pacote no ombro, vindo do seu lado. Pensando que ele regressava ao trabalho, meu pai retomou o balde e entrou em casa. Seu irmão Carlos, que se achava no pátio, também entrou, dizendo:

– Não sei o que há em casa da mãe Lenoir; ela está gritando: "Ai de mim! ele morreu!

– Não é certamente o pai Lenoir – respondeu então meu pai –, pois acabo de vê-lo partir para a casa de seu patrão.

Sem perda de tempo, minha avó se transportou para a casa dos esposos Lenoir e constatou que o marido acabava de morrer no instante mesmo em que a aparição se manifestou a meu pai.[23]

A. Bertrand
Professor em Vilbert (Sene e Marne)."

(Carta 13)

XXI – "Estávamos no campo. Minha mãe ocupava uma peça vizinha daquela em que nós dormíamos, minha mulher e eu. Minha mãe era velha, mas bem conservada, e nada, na véspera de sua morte, fazia-nos presumir seu próximo fim, quando ela se retirou, à noite, para seu quarto.

Na manhã seguinte, pelas 5:30, fui despertado em sobressalto por um ruído que tomei pelo de uma campainha. Saltei da cama abaixo, dizendo a minha mulher:

– É minha mãe que está aí.

Minha mulher fez-me notar que isso não podia ser, pois minha mãe, tanto como nós, não tinha campainha na casa de campo, e que o ruído que me despertara era o rangido da polia de um poço situado sob as nossas janelas, rangido que de ordinário não me acordava.

Admiti a possibilidade dessa explicação e não liguei maior importância ao meu brusco despertar. Dirigi-me a Lião. Algumas horas depois, minha mulher mandou-me prevenir, por um expresso, de que acabava de encontrar minha mãe morta em seu leito e que tudo fazia supor ter-se dado sua morte entre 5 e 6

horas da manhã, isto é, pouco mais ou menos à hora em que uma inexplicável sensação me havia feito crer que ela chamava.

E. Gérin
Advogado no Tribunal Civil (Lião).”

(Carta 20)

XXII – “Tinha eu em minha casa, há alguns anos, uma velha aia, Sofia, que educara minha mãe, a mim mesmo e ajudara a educar meu filho. Possuía ela, em minha casa, o seu compartimento próprio e, por causa de sua avançada idade, não podia mais, de forma alguma, ocupar-se, como passatempo, senão com a criação das aves.

Sofia não era para mim uma mãe, uma velha aia, uma mulher; não, era simplesmente Sofia, eu a amava de todo meu coração, como nos primeiros tempos de minha infância. Para ela, eu era tudo, seu deus, seu único bem.

Vamos agora ao fato. Voltava eu, sozinho, à noite, de carro, de uma longa viagem, quando ouvi meu nome pronunciado em voz abafada, muito perto de mim. Detive bruscamente meu cavalo e desci do carro. Nada vi. Ia embarcar novamente, crendo em uma ilusão dos meus sentidos, quando ouvi uma segunda vez meu nome pronunciado no carro, com uma voz que cortava o coração, como alguém que chama por socorro. Reconheci a voz da minha pobre Sofia. Não era possível que ali estivesse ela, pois que eu a sabia muito doente desde alguns dias. Subi para o carro, perplexo com o que sucedera.

Apenas assentado, ouvi chamar-me uma terceira vez, com uma voz muito doce, a voz com que ela cantava, quando eu era criança, para fazer-me dormir. Experimentei então uma emoção indefinível. Ainda hoje, reconstituindo essa lembrança, fico inteiramente comovido.

A algumas centenas de metros, vi a luz de uma taberna, desci e anotei em minha carteira a coisa extraordinária que acabava de suceder-me.

Enfim, uma hora depois chegava a casa: a primeira coisa que soube foi que a minha pobre velha Sofia acabava de falecer, após cerca de uma hora de agonia.

Georges Parent
Prefeito em Wiège, Faty (Aisne).”

(Carta 23)

XXIII – “Na tarde de 8 de maio de 1896, cerca de 9:30, ia deitar-me, quando senti como que um choque elétrico que me sacudiu da cabeça aos pés. Minha mãe estava há alguns meses doente, devo dizer-vos; nada, porém, fazia prever que seu estado pudesse agravar-se subitamente. A comoção havia sido tão estranha, tão nova, que eu imediatamente a atribuí, sem reflexão, à morte de minha mãe. Sob o abalo desta emoção, não pude dormir, senão muito tarde, e com a convicção de que receberia, no dia seguinte, um telegrama anunciando-me a desgraça. Morava minha mãe a 60 quilômetros de Moulins.

Na manhã do dia seguinte um telegrama chamava-me com a máxima urgência. Parto e encontro minha mãe quase sem sentidos. Morreu no outro dia, isto é, cerca de trinta horas após o aviso.

As pessoas que a assistiam disseram-me que a hemorragia interna (foi essa a causa da sua morte) abatera-a às 9:30 do dia 8 de maio, isto é, *exatamente à hora em que fui tão estranhamente avisado*.

Abade L. Forestier
Vigário em S. Pedro (Moulins).”

(Carta 25)

XXIV – “Vossa solicitação impõe-me o dever de vos contar um fato que aqui se passou e que emocionou vivamente a maior parte dos habitantes do povoado. Ei-lo em toda sua simplicidade:

Um jovem de 15 anos, empregado em casa de M. Y. M., já há bastante tempo, fora encarregado por este de levar os animais ao bebedouro. Devo aqui dizer-vos que o pai desse menino achava-se há dois dias gravemente enfermo, tendo contraído uma

congestão pulmonar, na feira próxima de Chamberet, e que esta moléstia fora ocultada ao filho.

Ora, a cerca de trinta passos do estábulo, o menino, ou melhor o rapazinho, chegado perto do bebedouro, avistou de repente dois braços erguidos para o ar, depois uma forma de espectro e ouviu gritos dolorosos acompanhados de gemidos. O abalo foi tão forte que ele desmaiou: acreditou, disse, haver reconhecido seu pai. Foi isso entre 6:30 e 7 horas da noite.

Na manhã seguinte, às 4:30, seu pai estava morto e de tarde chamara diversas vezes o filho, em meio dos seus mais vivos sofrimentos.

Este fato pode ser-vos confirmado por cem pessoas, das mais honradas de Chamberet.

C. Dufaure
Farmacêutico em Chamberet (Corrèze).”

(Carta 27)

XXV – “O fato seguinte pode merecer o destaque de ser-vos apontado. O Sr. Destrubé, regente da banda musical do 114º, homem muito digno de fé, foi, há alguns anos, despertado em sobressalto por uma voz que chamava “Narciso”.

A esse chamado de seu prenome, Destrubé, que havia positivamente acreditado ouvir a voz de seu pai, respondeu sentando-se no leito.

Passou-se isso entre a meia-noite e 1 hora da manhã. Algumas horas depois, Destrubé recebia um telegrama anunciando-lhe a morte de seu pai, sobrevinda na mesma noite e na hora em que acreditara ter ouvido chamarem-no.

Destrubé, da guarnição de Saint-Maixent, dirigiu-se a Vanbecourt (Mosa) para assistir aos funerais; soube, então, que a última palavra de seu pai moribundo tinha sido: “Narciso”. Se esse fato pode ter qualquer utilidade para os vossos interessantes trabalhos, sentir-me-ei, caro mestre, muito feliz em o ter levado ao vosso conhecimento, e meu amigo Destrubé, em caso de necessidade, está pronto a cumprir o dever de confirmá-lo.

Sorlet

Capitão do 137º, de Linha, em
Fontenay-le-Comte (Vendeia).”

(Carta 29)

XXVI – “Em junho de 1879, um de meus primos fazia seu voluntariado em Bayonne; seus pais habitavam o norte do Charente Inferior, a cerca de 400 quilômetros de distância. Um dia, sua mãe, entrando no quarto, ordinariamente ocupado por seu filho, viu-o muito distintamente *estendido imóvel em seu leito*, com o que muito ficou ela impressionada.

Algumas horas mais tarde, um amigo da família veio a casa e conversou em particular com o marido, pai do jovem soldado. Essa conversação se efetuou no meio de um pátio muito espaçoso, e a mãe, colocada em uma porta a 40 ou 50 metros, ouviu esse amigo, que, entretanto, conversava baixinho, dizer a seu marido: “Não faleis a esse respeito à vossa mulher.”

Com efeito, nessa mesma manhã, voltando de uma marcha militar, ele fora banhar-se em Biarritz e se afogara aproximadamente à hora da aparição; um camarada havia telegrafado ao amigo da família para encarregá-lo de dar a notícia.

Clermaux
Direção do Registro em Juvigny (Orne).”

(Carta 30)

XXVII – “Sentindo-se morrer (foi isso a 21 de abril de 1807), minha tia-avó, a Sra. Thiriet, mostrou-se, quatro ou cinco horas antes de sua morte, inteiramente entregue a íntimos pensares.

– Estais pior? – perguntou-lhe a pessoa que me forneceu esta informação.

– Não, minha querida, mas acabo de chamar Midon para o meu enterro.

Midon era uma pessoa que a tinha servido e que morava em Eulmont, aldeia situada a 10 quilômetros de Nancy, onde se encontrava a Sra. Thiriet. A pessoa que assistia aos últimos momentos desta supôs que ela sonhasse; porém, duas horas

depois ficou muito admirada de ver chegar Midon, trazendo suas vestes negras nos braços e dizendo que tinha ouvido a senhora chamá-la para vê-la morrer e prestar-lhe os últimos serviços.

A. d'Arbois de Jubainville
Conservador aposentado das águas e florestas,
Cavaleiro da Legião de Honra, em Nancy."

(Carta 39)

XXVIII – "Em 1875, um primo irmão de minha mãe, Sr. Claudius Périchon, então guarda-livros chefe na usina metalúrgica de l'Horme, comuna de Saint-Julien-en-Jarret (Loiret), entrando na sala de fumar, viu nitidamente na vidraça minha mãe. No dia seguinte recebia a notícia de sua morte.

Teria minha mãe pensado em seu primo nos seus últimos momentos? Não poderia dizer-vos. Em todo caso, a veracidade deste relato não pode ser posta em dúvida; meu primo o relatou diversas vezes aos seus filhos, de quem eu ouvi a narração, e é um homem de alguma instrução, pouco expansivo, muito sério, cheio de bom senso e por conseguinte digno de fé.

Berger
Professor em Roanne."

(Carta 40)

XXIX – "O pai de minha mãe residia em Huningue, da qual era prefeito municipal (*Maire*). Pouco tempo depois do assédio desta cidade, recebeu a notícia de que seu pai, que morava em Rixheim, situado a cerca de 20 quilômetros de Huningue, estava perigosamente enfermo. Mandou, então, encilhar seu cavalo e partiu a toda brida. A meio caminho, *seu pai apareceu-lhe na frente do cavalo, que se empinou*. Seu primeiro pensamento foi que seu pai morrera e, com efeito, chegado a Rixheim três quartos de hora depois, constatou ele que seu pai soltara o último suspiro no momento exato da aparição. Minha mãe, Madalena Saltzmann, então ainda moça, desposou, alguns anos depois, Antônio Rothéa, meu pai, notário em Altkirch, onde ocupou essa função durante 30 anos; eu o sucedi e, após a guerra de 1870,

deixei a Alsácia para instalar-me em França, e em último lugar em Orquevaux (Alto-Marne), vosso departamento.

E. Rothéa."

(Carta 42)

XXX – "Minha querida mãe morreu em um sábado, 8 de abril de 1893. Recebera eu, na quarta-feira precedente, uma carta sua, na qual me dizia não estar mais sofrendo de sua moléstia do coração e falava-me de um passeio que havia feito, sábado, 1º de abril, perto do lugar onde morávamos, em Wasselonne.

Estava em meus projetos sair esse sábado, 8 de abril; jantei tranqüilamente ao meio-dia, mas pelas 2 horas tomou-me uma agonia terrível. Subi ao meu quarto e atirei-me em uma poltrona onde desatei em soluços: eu via minha mãe *deitada em sua cama*, com a cabeça coberta por uma touca de musselina guarnecida de fofos, com a qual jamais eu a tinha visto, *e morta*.

Minha velha ama, inquieta por não ouvir-me caminhar, veio juntar-se-me e ficou surpresa de me ver tão desesperada. Disse-lhe o que tinha visto, a agonia que experimentava. Atribuiu ela tudo isso a uma excitação nervosa e obrigou-me a terminar minha *toilette*. Saí de casa como uma pessoa inconsciente. Cinco minutos depois ouvi atrás de mim o passo rápido de meu marido, trazendo-me um telegrama: "Mamãe desenganada, não passará desta noite."

– Ela morreu – disse eu –, eu o sabia, eu a vi.

Voltei para casa e preparamo-nos para seguir pelo primeiro trem. Eram 2:30, hora de Paris, quando vi minha mãe em seu leito de morte, e três horas mais tarde soubemos por telegrama que ela morrera subitamente, às 3:30, hora de Estrasburgo, Não tinha estado doente, só se deitara duas horas antes de sua morte, queixando-se de frio e de grande sonolência e não esperava morrer, pois que fizera ler uma carta por meu pai, que se conservava ao pé do leito. Como não pedira ela para ver seus filhos, creio que pensou, entretanto, em mim ao expirar. Tendo chegado somente segunda-feira, pelas 11 horas, em Estrasburgo, já minha mãe estava encerrada em seu ataúde, mas os que a

vestiram descreveram-me, *tal qual eu a vira*, a touca de musselina com que foi enterrada.

A. Hess, em Alby.”

(Carta 43)

XXXI – “Um jovem estudante de Medicina, interno do hospital, foi acometido de uma angina, ao que se supunha, sem gravidade. Uma noite, entra ele para o seu quarto, sem dar mostras de doente, deita-se e dorme, ao quanto parece. Pela madrugada da mesma noite, cerca de 3 horas, uma religiosa do hospital foi acordada por pancadas em sua porta; levanta-se no mesmo instante; continuando as pancadas mais insistentes, corre à porta e não vê ninguém. Procura informar-se: ninguém ouvira coisa alguma. Ora, pela manhã, à hora de levantar, o vizinho de quarto do jovem estudante doente, inquieto por não ouvir nenhum ruído no quarto do seu amigo, entra nesse quarto e o encontra morto, com as mãos crispadas em torno do pescoço. Sucumbira a uma hemorragia.

Teve a religiosa, então, a explicação das pancadas que ouvira em sua porta. O pobre moribundo pensara provavelmente nela, a quem conhecia particularmente. Se estivesse ao pé dele, tê-lo-ia, talvez, impedido de morrer.

Se publicardes esta narrativa, peço-vos mudar o nome da cidade e o meu próprio, pois aqui todos são “fim de século” e motejam de tudo.

A. C.”

(Carta 44)

XXXII – “Em 1887 meus pais trouxeram para morar conosco minha avó, então com a idade de 80 anos. Nessa época tinha eu 12 anos e freqüentava, em companhia de um dos meus amigos, dois anos mais velho que eu, a escola comunal da rua Boulard, em Paris. Minha avó estava doente; nada, porém, fazia pressagiar para breve um desfecho fatal. Acrescentarei que meu amigo vinha muito freqüentemente em nossa casa e que nossas residências distavam uma da outra dez minutos de caminho, pouco mais ou menos.

Levantando-me, uma bela manhã, pelas 7 horas, minha mãe me informou do falecimento de minha avó, ocorrido uma hora antes. ficou decidido, naturalmente, que eu não iria à escola nesse dia. Dirigindo-se meu pai, às 9 horas, à Prefeitura Municipal, onde era empregado, passou pela escola a fim de informar o diretor da desgraça que se abatera sobre nós. Este lhe respondeu que *já o sabia*, que meu amigo, chegando à escola, disso o informara, dizendo-lhe que minha avó morrera exatamente às 6 horas da manhã. Nenhuma comunicação tivera lugar, de uma parte, entre a minha casa e a do meu amigo, de outra parte, entre minha casa e a escola. Eis o fato indiscutível e que eu vos afirmo da maneira mais formal.

Agora a explicação que a respeito nos foi dada, na manhã seguinte ou no dia subseqüente, pelo meu amigo. Tendo-se levantado à noite, vira sua irmãzinha, morta há alguns anos, penetrar em seu quarto, conduzindo pela mão minha avó, tendo-lhe esta dito: "Amanhã de manhã, às 6 horas, não mais farei parte do mundo dos vivos." Ora, ouviu ele, de fato, esta frase? Fora ele sincero e exato em suas afirmações? Não o sei. É sempre certo, contudo, que, firmado nessa visão, anunciou ele, ao diretor da escola, do modo mais preciso, um fato que coisa alguma levava-o a pressagiar nem a conhecer.

E. Miné
6ª Secção da Administração Militar.
Châlons-sur-Marne."

(Carta 47)

XXXIII – "No dia 22 de janeiro de 1893 fui chamado por telegrama para junto de minha tia, de 82 anos de idade e doente já há alguns dias.

Encontrei, à chegada, minha cara tia agonizante e quase não falando mais; instalei-me ao seu lado para não mais deixá-la. Pelas 10 horas da noite, eu velava assentado em uma poltrona perto dela, quando a ouvi chamar com uma admirável força: "Lúcia! Lúcia! Lúcia!"

Ergui-me precipitadamente e vi minha tia completamente inconsciente e estertorante. Dez minutos depois, exalava o último suspiro.

Lúcia era uma outra sobrinha e afilhada de minha tia, que não vinha vê-la tão freqüentemente quanto o desejava sua tia, pois que disto se queixara esta muitas vezes à enfermeira.

No outro dia eu disse à minha prima Lúcia:

– Devíeis ter ficado muito surpresa ao receber o telegrama anunciando a morte de nossa tia.

Ela me respondeu:

– De forma alguma; eu já o esperava até certo ponto. Imagine que a noite passada, pelas 10 horas, quando eu dormia profundamente, fui acordada bruscamente, *ouvindo-me chamar por minha tia*: "Lúcia! Lúcia! Lúcia!" Não dormi o resto da noite.

Eis o fato, cuja exatidão vos asseguro, rogando-vos não citardes mais do que as minhas iniciais, no caso de o publicardes, pois a cidade em que moro é constituída apenas de gente fútil, ignorante ou de carolas hipócritas.

P. L. B."

(Carta 49)

XXXIV – "Tinha eu um tio que servira no corpo de zuavos. Dedicava-lhe muito afeto o seu comandante; entretanto, com o correr do tempo, cessaram todas as relações entre eles. Muitos anos depois, certa manhã, na cama, bem acordado, teve meu tio a impressão muito nítida de ver seu capitão entrar, caminhar para junto da cama, contemplá-lo um instante sem nada dizer, voltar-se e desaparecer. Meu tio levanta-se, interroga todos os de casa: ninguém tinha visto nada. Alguns dias depois, sabe da morte de seu capitão, *ocorrida naquele dia*.

Verificou ele a concordância da hora? Não o sei.

Eugéne Royer
Farmacêutico de 1ª Classe da Escola
Superior de Paris. La Ferté-Milon (Aisne)."

(Carta 52)

XXXV – "Tenho para contar-vos um fato autêntico, de que tive conhecimento por uma das próprias testemunhas. ei-lo:

Achavam-se reunidos em conferência, em uma sala de sua casa, dez ou doze religiosos; em dado momento, um dos postigos da janela se fecha bruscamente com lúgubre rangido; no mesmo instante um (ou mais de um, não me recordo) dos religiosos levanta-se e grita:

– Acaba de acontecer uma desgraça; morreu o nosso superior.

Este se achava em outra casa, distante dez quilômetros. No dia seguinte os religiosos recebem a notícia fatal: seu superior morrera precisamente *à hora em que o postigo bateu*. Tem-me sempre intrigado muito esta história.[24]

Joannis Jauvier
Auzi-le-Duc, por Naccigny (Saône-et-Loire)."

(Carta 54)

XXXVI – "Há cerca de ano e meio, conversavam na sala de jantar meu pai, uma prima que morava conosco e minha irmã. Eram essas três pessoas as únicas que se achavam no compartimento, quando, se súbito, ouviram tocar piano na sala de visitas. Muito intrigada, minha irmã toma a luz, vai à sala e vê perfeitamente algumas teclas baixarem em um só movimento, produzirem as notas correspondentes e levantarem-se em seguida.[25]

Volta e conta o que acabava de ver. Riram-se, no primeiro momento, de sua história, atribuindo o caso à passagem de algum rato pelo teclado. Como, porém, tratava-se de pessoa dotada de excelente vista e nada absolutamente supersticiosa, acharam a coisa estranhável.

Ora, oito dias depois, uma carta procedente de Nova York anunciava-nos a morte de um velho tio que morava nessa cidade. Mas, coisa ainda mais extraordinária, três dias após a chegada dessa carta o piano voltava a tocar. Como da primeira vez, uma notícia de morte nos chegava oito dias depois, desta vez a de minha tia.

Meu tio e minha tia formavam um casal perfeitamente unido; conservavam uma grande afeição aos parentes e ao seu Jura, lugar onde nasceram.

Nunca mais, depois disso, o piano se fez ouvir por si mesmo. As testemunhas dessa cena estão prontas a atestar o caso, se o quiserdes; moramos no campo, nas vizinhanças de Neuchâtel, e asseguro-vos que não somos pessoas nervosas.

Edouard Paris
Artista pintor, perto de Neuchâtel (Suíça).”

(Carta 56)

XXXVII – ““Terminava eu, em 1885, meu último ano de serviço no Arsenal de Tarbes, onde trabalhava como ferreiro. Muito tarde da noite de 20 de maio, fui despertado pela sensação de uma luz [26] a passar diante dos meus olhos. Olhei e vi perto da minha cama, à esquerda, um disco luminoso cuja claridade discreta lembrava a de uma lamparina. Sem ver ninguém, sem ouvir nada, veio-me a idéia precisa de que tinha diante de mim um dos meus primos, residente em Langon e que se achava acometido de grave enfermidade. Passados alguns segundos, a visão esvaeceu-se; achei-me sentado na cama. Disse de mim para mim, tornando a deitar-me: “Imbecil, é um pesadelo”.

No dia seguinte, como de costume, dirigi-me à oficina e lá, cerca de 8:30, recebi um telegrama anunciando a morte desse primo, sobrevinda a uma hora da madrugada. Pedi e obtive uma licença de três dias para ir abraçá-lo pela última vez. Criados como irmãos, nós nos amávamos fraternalmente.

Ao chegar, contei o que vos escrevo a meu tio Lapaye e a minha madrinha, pai e mãe do defunto. Eles vivem ainda e podem, se houver necessidade, testemunhar sobre a veracidade do fato que vos transmito, sem nenhum “exagero dos detalhes”, como a alguns tendes censurado.

Elói Descamps
Em Bommes (Gironde).”

(Carta 63)

XXXVIII – "Alguns dias antes de 24 de julho de 1895, acabava eu de despir-me e me conservava de pé junto ao meu leito; nesse momento meu marido estava em seu vestuário. Achando-me perfeitamente acordada, vi o rosto de minha avó, todo enrugado, mais cheio de pregas do que em realidade e pálido como se tivesse a palidez da morte. Não durou a visão mais do que um relâmpago, mas perturbou-me profundamente. Nada disse no momento, parecendo-me essas coisas sempre ridículas para serem contadas, e no dia seguinte, de manhã, minha mãe cientificava-me de que minha avó achava-se acometida de paralisia completa que a tornava inconsciente. Morreu, com efeito, alguns dias depois. Não verifiquei se a hora em que a vi correspondia ao momento em que se tornara inconsciente.

Católica fervorosa, com 35 anos, esposa de advogado, tudo o que tem relação com o além interessa-me em extremo. Peço-vos, porém, não mencionar o meu nome, pois a população desta cidade compõe-se de pessoas muito levianas e sobretudo ocupadas com tolices.

L. M., em A."

(Carta 68)

XXXIX – "No mês de janeiro de 1888 perdi minha avó; ela mandara chamar os seus filhos, em seus últimos momentos, para lhes dar um supremo adeus. Estavam, pois, todos presentes no momento de sua morte, exceto uma de minhas tias que era, e ainda é, religiosa no Brasil. Minha avó manifestou o pesar que sentia de não poder vê-la. Mamãe foi encarregada de dar a minha tia a triste nova. E dois meses depois recebia carta de minha tia, na qual esta contava que uma noite, no momento de se deitar, ouvira passos em volta de seu leito; volta-se, mas não vê ninguém; de repente seu cortinado se abre bruscamente e ela experimenta a impressão como que de uma mão pousando sobre a cama. Estava a sós em seu quarto, achando-se este iluminado. Sua primeira idéia foi a de que algum dos seus parentes morrera, e pôs-se a rezar pela sua alma. Tomou nota da data e da hora;

pois bem, foi precisamente *no dia da morte* de minha avó que ela tivera essa impressão.

M. Odeon
Professor em Saint-Genix-sur-Guiers (Sabóia).”

(Carta 71)

XL – “Meu pai tinha, outrora, como empregado um indivíduo chamado Fantrac, natural de Agneaux, perto de Saint Lô, excelente temperamento, jovial, gostando de pregar partidas engraçadas aos rapazes da aldeia; alguns lembram ainda as formidáveis peças que lhes pregou ele.

Mau grado isso, todo mundo o procurava, exatamente por causa do seu bom humor, e o queria bem. O infeliz, que servira sete anos na Infantaria de Marinha, no Senegal, contraíra febres, do que nunca mais pôde curar-se. À anemia sobreveio a tuberculose.

Meu pai, que gostava muito dele, tratou-o durante vários meses em nossa casa. Continuando o mal a fazer progressos, Fantrac viu-se forçado a permanecer no leito, pelo que meu pai conseguiu sua admissão no hospital de Granville. Lá esteve ele ainda três meses em tratamento, antes de morrer. Regularmente, meu pai ia vê-lo todos os domingos, para confortá-lo e levar-lhe alguns doces.

Uma segunda-feira, no dia seguinte da visita ao seu doente, que encontrou bem melhor, meu pai foi bruscamente acordado, assim como minha mãe, por uma violenta pancada na cabeceira da cama.

– Que é isto? – gritou minha mãe, presa do maior pavor –. Ouviste a pancada que acaba de ser dada na cama?

Meu pai, não querendo parecer que tinha medo, nem que tinha sido acordado pelo mesmo barulho, nada respondeu; levantou-se, acendeu a lâmpada e consultou o relógio.

– Olha – disse ele –, tenho um pressentimento: aposto que o pobre Fantrac faleceu. Ele sempre me dizia que me avisaria.

Mal amanheceu o dia, partiu meu pai para Granville. Apenas chegado ao hospital, pede para ver, apesar da hora matinal, o

doente Fantrac. Respondem-lhe que morrera, no correr da noite, às 2 horas da madrugada, exatamente a hora em que meu pai fora tão bruscamente acordado.

Contei essa história muitas vezes, não tendo encontrado senão incrédulos, pessoas dispostas a me tratarem de supersticioso. De resto, eu mesmo disse a meus pais: "Seria talvez uma coincidência, um pesadelo, que sei eu?"

Sempre meu pai teve como resposta:

– Não, eu não sonhava, nem tua mãe tampouco.

O fato é incontestável. Ah! se pudésseis, com o vosso inquérito, lançar um pouco de luz sobre esses formidáveis problemas!

P. Bouchard
Funcionário dos Correios em Granville (Manche)."

(Carta 72)

XLI – "Meu pai, então com a idade de 20 anos, achava-se a sós em uma casa, quando, depois da meia-noite, produziu-se terrível abalo, depois abriu-se a porta de entrada com muito barulho. Meu pai, que dormia no primeiro andar, despertou em sobressalto e ao mesmo tempo seu pai, do andar térreo, chamou-o para perguntar se estava ele em seu quarto ou se tinha saído para o pátio e por que fizera tanta algazarra.

Apressou-se meu pai em descer, manifestando sua surpresa por essa estranha aventura. Nada compreendendo do que se passara, pai e filho tornaram a fechar a porta, passando-lhe o ferrolho e cada qual voltou ao seu leito. Ao cabo, porém, de muito pouco tempo, a mesma cena se reproduziu e meu pai e meu avô se encontraram, de novo, amedrontados, diante da porta aberta. Novamente é fechada esta com cuidado e eles voltam ao leito, quando, pela terceira vez, reabre-se a porta com estrondo. Amarram-na então com uma grossa corda. O resto da noite passou-se tranqüilamente.

Algum tempo depois chegou uma carta, anunciando a morte do irmão de meu avô, estabelecido na América; *a data de sua morte coincidia com a dos acontecimentos relatados mais acima*, com

a diferença de que esse irmão morrera cerca de 1 hora da tarde. Soube-se depois que ele tivera grande desejo de ver ainda uma vez seu irmão na Alsácia, e num dado momento, quando já o supunham morto, reabriu os olhos, dizendo:

– Acabo de fazer uma grande viagem: fui à casa de meu irmão em Brumath.

Em seguida expirou.

Carolina Baeschly (Saverne).”

(Carta 80)

XLII – “Pessoalmente não tenho nenhum fenômeno de telepatia para vos contar. Mas, anteontem falava-se em minha casa de vossas sábias pesquisas. Uma pessoa absolutamente digna de fé contou que, assistindo aos últimos instantes de sua mãe, espalhara, no momento da morte desta, uma grande quantidade de água de Colônia ao redor da morta. Na mesma hora a irmã do narrador, a mais de trinta léguas do lugar, teve como que a certeza da morte de sua mãe e sentiu muito distintamente um cheiro de água de Colônia, sendo que na ocasião nenhum frasco dessa água estava ao seu alcance. Essa senhora sabia que sua mãe achava-se muito doente.

Otávio Marais
Antigo bastonário, em Rouen.”

(Carta 88)

XLIII – “Sucedeu-me, em 19 de dezembro de 1898, um caso bem curioso. Eis o fato, que pode ser confirmado por todos de minha família, pois causou-me ele impressão profunda:

Tendo meu marido partido para uma pequena viagem, fiz passar para o meu quarto o primogênito de meus três filhos, de 7 anos de idade. Os ferrolhos de todas as portas estavam puxados: eu sou medrosa e nossa casa é um pouco isolada. Tendo-me levantado, às 3 horas da manhã, bem como meu filho, ouvimos passos ligeiros, mas distintos, que se dirigiam para a porta do quarto das crianças, depois para a do meu quarto; ao mesmo tempo a tranca da porta das crianças foi levantada, mas essa

porta estava fechada a chave. Saltei da cama e, sem abrir a porta, perguntei:

– Ana (o nome da criada), é você?

Nada de resposta. Tornei a deitar-me, persuadida de que Ana se tivesse levantado. Grande foi o meu terror ao saber, na hora do almoço, que ela não saíra de seu dormitório.

Dois dias mais tarde vim a saber da morte de uma parenta dos antigos locatários da nossa casa. Falecera ela no dia 19, às 11 horas da noite.

Joana Banaud d'Eberlé
Briqueterie de Bussigny."

(Carta 94)

XLIV – "Eis o que ouvi contar à Sra. Marquesa de..., há cerca de cinco anos, quando eu era preceptor de seu filho.

A marquesa jantava certa noite em casa de um de seus amigos, em Paris. Eram numerosos os convivas e muito joviais. Desse modo a emoção foi grande quando uma senhorita da assistência, dando um grito, virou-se para trás em sua cadeira, presa de uma crise de lágrimas. Todos se precipitaram em seu socorro.

– Lá! lá! – dizia ela, indicando a porta envidraçada, por onde se entrava para a sala de jantar – minha mãe apareceu-me, minha mãe acaba de morrer!

Em vão procuraram acalmar a moça e tirar de seu espírito essa idéia sinistra.

Uma espécie de indisposição apoderou-se logo dos próprios assistentes. Vinte minutos depois alguém fazia soar a campainha e pedia para levar imediatamente a Srta. X., dando a entender que uma grande desgraça sucedera. A mãe dessa moça morrera subitamente.

E. Lemoisson
Professor no Colégio de Vire."

(Carta 98)

XLV – "Tendo ido ao campo a negócios, constatou uma pessoa de minhas relações que, na primeira noite que dormia em

seu quarto, sua cama sacudia-se, levantava-se, como abalada por uma causa desconhecida. Eram 11 horas da noite. Acendeu essa pessoa a vela e viu no meio do quarto um enorme cão,[27] olhos fixos nela. Após alguns instantes, desapareceu por um dos vidros da janela, sem deixar vestígio de sua passagem.

Partiu ela precipitadamente, no dia seguinte pela manhã, pressentindo qualquer desgraça em sua casa e, lá chegando, soube que o Sr. X., oficial do Exército, atacado de uma moléstia incurável, suicidara-se na véspera, às 11 horas da noite. Esse senhor havia-lhe pedido hospedagem, a fim de ser tratado em sua casa, e diante da sua recusa fizera esta reflexão:

– Agora não me resta mais do que acabar com a vida.

A pessoa a quem me refiro vê uma relação direta entre essa estranha manifestação e a morte sobrevinda no mesmo dia e na mesma hora.

Cienciau
Rua da Paz, 10 (Cherburgo).”

(Carta 102)

XLVI – “Meu pai, nascido em 1805 em Saint-Lô-d’Ourville, perto de Port-Bail, na Mancha, era pensionista no Seminário de Saint-Sauveur-le-Vicomte, a 12 quilômetros daquela localidade. Era o preferido de seu pai que, de resto, lhe deixou um quarto a mais da herança, felizmente, pois o segundo filho teria depressa dissipado os bens de seus pais.

Não é, portanto, para admirar que esse pai, tendo morrido quase de repente (como se morre em minha família), tenha pensado nesse bom filho, a quem ele amava ternamente e que não estava lá para receber o seu último suspiro.

Ora, essa idéia do moribundo deve ter percorrido à noite o espaço de 12 quilômetros que o separava de seu filho, porquanto este, às 2 horas da noite, viu seu pai que o chamava para morrer. Ele correu a acordar o superior do seminário e lhe pediu que o deixasse partir.

O superior, recusou, dizendo a esse jovem de 15 anos que a região, cheia de florestas a atravessar, não oferecia segurança

para se viajar à noite, mas que o deixaria seguir logo que amanhecesse.

Pois bem, era muito tarde; o pobre rapaz chegou quando seu pai já estava morto, o que sucedeu *justamente à hora da noite em que o chamara*.

Angéline Dessolle
Residente em La Trouche (Isère).”

(Carta 104)

XLVII – “Na noite de 19 para 20 de maio, um pouco antes de 11 horas, ainda eu não dormia; minha mulher, ao meu lado, já dormia, quando ouvi muito distintamente como que um pesado corpo cair sobre o assoalho do andar superior. Minha mulher ergueu-se então e me disse:

– Que há?

– Deve ser um pão que caiu – respondi.

Esse quarto superior continha os pães da última fornada.

Enquanto eu falava, um outro ruído semelhante ao primeiro, depois um terceiro, mais forte, reboaram. Então me levantei, acendi a luz e, subindo a escada de madeira que conduzia ao celeiro, pude constatar que tudo aí se achava em perfeita ordem, estando os pães em seu lugar. Um funesto pressentimento relacionado com meu irmão João, doente, assaltou-me nesse instante, mas não deixei transparecer nada, e quando minha mulher me perguntou o que havia causado aqueles rumores insólitos, respondi, para não amedrontá-la, pois eu a sabia muito medrosa:

– Foram alguns pães que escorregaram.

No dia seguinte, qual não foi a minha estupefação vendo minha irmã, que morava então em Nimes, chegar com a fisionomia toda transtornada, assegurando-me ter ouvido, pelas 11 horas, um rumor em sua mesa e, apenas acordada, um abalo formidável no grande armário. Eu levei-a então até à cozinha e lhe disse:

– João morreu!

– Sim – respondeu ela –, era ele!

Um mês depois, soubemos que nosso querido João falecera no hospital de Birkaden (Argélia), na noite de 19 para 20 de maio.[28]

Marius Marioge
Em Bemoulin (Gard).”

(Carta 108)

XLVIII – “Minha mãe tinha dois tios clérigos: um era missionário na China; o outro, cura na Bretanha; tinham uma irmã, já de idade avançada, residente nos Vosges.

Um dia essa pessoa estava ocupada em sua cozinha a preparar um repasto da família, quando se abriu a porta e ela viu no limiar seu irmão missionário, do qual estava há longos anos separada:

– É o irmão Francisco! – gritou ela e correu para ele, a fim de abraçá-lo; mas, no instante em que chegava perto dele, não o viu mais, o que lhe causou um grande medo.

No mesmo dia, à mesma hora, o segundo irmão, que era cura na Bretanha, lia seu breviário, quando ouviu a voz do irmão Francisco que lhe dizia:

– Meu irmão, vou morrer.

Depois, ao cabo de um momento:

– Meu irmão, eu morro.

E enfim, alguns minutos depois:

– Meu irmão, morri.

Alguns meses mais tarde, receberam eles a notícia da morte do missionário, verificada *no mesmo dia* em que tinham recebido tão estranhos avisos.[29]

Se me permito dirigir-vos este relato, é que tal acontecimento parece-me apresentar todas as garantias de autenticidade. Foi-me ele contado por minha mãe e por uma de minhas tias, separadamente: elas o ouviram das personagens em causa, seu tio, um sacerdote respeitável, e sua tia, uma resoluta e digna mulher, os quais não teriam inventado esse conto pelo prazer de causar admiração ao público. Quanto à circunstâncias de crer em

uma alucinação, seria inverossímil que ambos a tivessem ao mesmo tempo, a muitas centenas de léguas de distância.

Posso afirmar-vos igualmente, sob palavra de honra, minha perfeita sinceridade; de resto, que vantagem teria eu em enganar-vos?

Marie Lardet
Champ-le-Duc (Vosges).”

(Carta 121)

XLIX – “O valor dos fatos cresce em razão do seu número”, dizeis vós, em um artigo sobre as manifestações telepáticas; é o que me abalança a submeter-vos um desses fatos extraordinários. Não data de ontem, nem me diz pessoalmente respeito; não obstante, posso garantir-lhe a autenticidade, à vista do caráter verídico, do bom senso, do espírito positivo e equilibrado da pessoa com quem ele ocorreu.

Em 1822 ou 1823, o primogênito de meus avós fazia seus estudos em Estrasburgo. As últimas notícias dele recebidas eram boas e nada havia que se pudesse prestar a qualquer inquietação a seu respeito. É verdade que nessa época, em que 50 quilômetros constituíam uma viagem de longo curso, as comunicações com Estrasburgo não eram muito freqüentes e, por conseguinte, nem tampouco as notícias.

Um dia em que minha mãe contemplava um retrato a óleo de seu filho ausente, teve a impressão de que a tela caminhava para seu lado, ao mesmo tempo em que ouvia distintamente a voz de seu filho dizer: “Mamãe! mamãe!”

Foi tão nítida a visão, que ela estendeu os braços e gritou com desespero: “Eduardo!”

Meu avô fez tudo para convencê-la de que Eduardo ia bem; que, se estivesse doente, seus pais seriam avisados; que ela tinha tido uma alucinação, sonhara acordada, etc.; minha avó permaneceu sob a impressão de uma desgraça.

No dia seguinte, um mensageiro chegava de Estrasburgo para anunciar a morte do rapaz.

Que enfermidade o aniquilara em algumas horas? Não me lembro mais. Sei somente que ele morreu na hora em que sua mãe contemplava o retrato e que, morrendo, chamara por duas vezes: “Mamãe! mamãe!”

Confesso-vos que sou muito incrédulo; mas rendo-me, neste caso, à evidência. Entretanto, não assino senão para vós, porque vós sabeis que não se trata de um conto.

S. S.
Vosges anexados.”

(Carta 128)

L – “Um fato absolutamente autêntico passou-se em minha família. Não pude saber o ano em que se produziu, mas enfim ei-lo aqui tal qual a narrativa que dele me fizeram minha avó e minha mãe.

Quando minha avó era moça, morava no porto d’Envaux (pequena cidade nas cercanias de Saintes) e tinha um irmão, Leopoldo Drouillard, marítimo.

Um outro de seus irmãos, que também residia no porto d’Envaux, vai a um celeiro, nos fundos de um pátio, procurar feno para o gado. Quase no mesmo instante ele volta correndo, a tremer de medo, e diz à sua mãe:

– Mamãe, acabo de ver meu irmão Leopoldo no celeiro.

Riram-se todos à custa dele no momento e ninguém mais pensou nisso, quando, no mês de dezembro do mesmo ano, soube-se da morte, em Havana, no mês de junho, de Leopoldo Drouillard. Fora precisamente no mês de junho que seu irmão tivera a visão.

Eis o fato tal qual me foi contado por minha mãe e por minha avó. Esta última tem ainda vivos um de seus irmãos e uma de suas irmãs. Podem eles dar seu testemunho a respeito do fato.

Fernando Ortice
Tonnay-Charente (Charente Inferior).”

(Carta 134)

LI – "***A***. – Em 1880, meu cunhado, J. B. Thesillot achava-se na Argélia, onde fora chamado por seus negócios. Certa noite levantou-se ele em sobressalto, sem causa aparente; abrindo os olhos, viu, à luz da lamparina que clareava o quarto, um de seus amigos, chamado Morillon, residente na cidade de Creil (Oise) aparecer muito distintamente ao pé da sua cama, olhando-o com tristeza... A aparição durou alguns instantes. Ao mesmo tempo recebeu ele a intuição muito precisa de que seu íntimo amigo, não obstante achar-se em bom estado de saúde, antes de sua recente separação, acabava de morrer. Escreveu para casa e não tardou a saber que seu amigo Morillon morrera nessa mesma noite, *à hora exata* daquela aparição.

B. – Tive ocasião de encontrar-me, em maio de 1896, em casa de um amigo comum, com um Sr. Contamine, farmacêutico em Commentry (Allier), que em minha presença narrou o fato seguinte, do qual ele garantia a absoluta autenticidade e que não podia contar sem uma visível emoção:

Achando-se um dia sentado em seu quarto, diante de um armário de espalho, ocupado em calçar as botinas, percebeu muito nitidamente, por esse espalho, que a porta de trás se abrira, vendo um de seus amigos entrar no quarto; estava em trajes de baile e vestido com todo esmero. O Sr. Contamine voltou-se para estender as mãos ao seu amigo. Qual não foi a sua estupefação, verificando que não havia ninguém no seu quarto! Precipita-se imediatamente para fora do quarto e interpela o criado que estava precisamente na escada:

– Acabais de encontrar o Sr. X., que saiu do meu quarto? Onde está ele?

Não vi absolutamente ninguém, afirmo-vos.

– Ora essa, ele saiu do meu quarto neste instante!

– Estou absolutamente certo de que ninguém entrou nem saiu.

O Sr. Contamine, muito intrigado e muito impressionado, teve, também ele, o pressentimento de uma desgraça. Procurou logo informar-se e veio a saber que o seu amigo, tendo cometido um

homicídio por imprudência, e querendo furtar-se ao processo judiciário desse acidente, *suicidara-se à hora exata* em que se verificou a aparição e *com o próprio trajo* com que fora visto refletido no espelho.

Boulnois
Professor em Pont-Saint-Maxence."

(Carta 140)

LIII – "No dia 23 de outubro de 1870, às 5 horas da manhã, eu dormia tranqüilamente, sem sonhar, quando senti bruscamente, sobre minha face esquerda, um beijo ternamente aplicado. Dei um grito: "Mamãe!"

À tarde desse mesmo dia recebíamos um telegrama anunciando a morte, às 5 horas da manhã, de minha bem-amada mãe. Conservei tal impressão do fato, que jamais a sua recordação foi esquecida.

Se a grande veracidade deste fato pode ser, de qualquer modo, útil, serei muito feliz de ter podido contribuir em mínima parte para pesquisas cujo alto valor sei apreciar.

P. S. – Minha mãe morreu em Gien e eu estava em Rochefort.

Srta. Maria Durand
Rochefort-sur-Mer (Charente Inferior)."

(Carta 141)

LIV – "***A***. – Há cinqüenta anos, minha tia, irmã de caridade, então com a idade de 20 anos, e achando-se no dormitório comum onde eu a vi ainda este ano, foi surpreendida por um grande rumor de tonel que rola no pátio. Ela abriu rapidamente a janela e não viu nada.

Tendo-a fechado, para ir deitar-se, o barulho continuou tão forte, que ela tornou ainda a abrir a janela, com grande espanto de suas companheiras que nada ouviam. Oito dias depois, vinha-lhe a notícia da morte de sua mãe e fora precisamente às 8 horas da noite que ela expirara, chamando por suas duas filhas ausentes. Fato curioso, achando-se lá a outra filha, nada ouvira, entretanto.

B. – Esta mesma tia foi despertada, muito tempo depois, por pancadas semelhantes às de um pequeno martelo sobre uma tábua, perto de seu leito. O medo impediu-a logo de falar, mas as oito irmãs que partilhavam o seu dormitório foram todas despertadas com o barulho. Levantaram-se e por três vezes constataram, durante a noite, que era sempre na mesa de minha tia que o ruído se produzia. Três irmãs, antigas companheiras de minha tia, afirmaram-me terem sido testemunhas do fenômeno.

Nenhuma coincidência de morte se verificou neste caso.

C. Courtês, Marmande."

(Carta 142)

LVI – "***A***. – Meu tio José, irmão de meu pai, estando a passear em seu jardim, pelas 10 horas da manhã, viu, por cima de uma sebe de espinhos, seu cunhado, que vinha pela estrada, a cavalo.

José volve a casa, anuncia à esposa a chegada do marido de sua irmã e vai ao seu encontro. É em vão que ele procura-o, mas pela tarde um expresso traz uma carta comunicando a morte súbita desse homem, na mesma manhã acometido de apoplexia, a 45 quilômetros, o que motivou a sua queda do cavalo.

B. – Há quarenta anos estava eu com 30 anos de idade e era recebedor das contribuições no Morbihan. Certa vez tomava café com dois amigos, após o jantar, cerca de 7 horas, quando todos os três ouvimos o ruído característico de moedas de 5 francos rolando em uma gaveta. Precipitando-me à minha secretária, separada por simples tabique do nosso apartamento, não pude achar a causa desse ruído.

Na mesma noite um de meus irmãos morria em Paris.

Du Quillion
Prefeito de Lanhelin (Ille-et-Vilaine)."

LVIII – "Meu pai, compositor musical, morava então em Lião, sua cidade natal, com sua jovem esposa e sua filhinha; meus avós paternos residiam também em Lião, a meia hora de distância, mais ou menos, de seu filho.

Estava-se em 28 de agosto, às 8 horas da manhã. Fazia meu pai sua *toilette* (ele barbeava-se diante de uma janela), quando ouviu chamarem-no [30] fortemente por duas vezes:

– André, André!

Ele volta-se, não vê ninguém, vai ao quarto contíguo, cuja porta estava aberta, e encontra minha mãe tranqüilamente sentada. Perguntou-lhe meu pai:

– Foste tu que me chamaste?

– Não – respondeu minha mãe –; mas por que estás tão emocionado?

Conta-lhe meu pai como ouvira chamarem-no fortemente e quanto este chamado reiterado o perturbara.

Termina ele sua *toilette* e alguns minutos depois é informado de que seu pai acabava de morrer quase subitamente, sem que se tivesse tempo de mandar procurá-lo para receber seu último suspiro. Ele o chamara antes de morrer, mas ninguém o supunha em perigo, pelo que não se julgou necessário prevenir o filho.

Morrera às 8 horas da manhã, *exatamente no instante* em que meu pai ouvira chamarem-no de uma forma tão urgente. Notai bem que meu pai não tinha nenhum cuidado relativamente à saúde de seu pai, pois que na véspera, à tarde, ele ainda se achava bem.

Minha mãe, que fora testemunha da inquietação de meu pai, mas que não escutara o chamado, acaba ainda agora de me fazer, pela centésima vez, a narração do caso, e é sob o seu ditado que vos escrevo; mas peço-vos não dar os nossos nomes à publicidade.

M. B., nascida S.
Em R. (Isère).”

(Carta 156)

LIX – “Meu amigo Ferdinando S., com perto de 16 anos de idade, fazia em Paris seus estudos musicais, sob a direção do compositor Hipólito Moupon. Um dia, em seu quarto de estudante, achando-se perfeitamente desperto, aconteceu-lhe de

súbito ter a visão clara de seu pai, absolutamente como se estivesse ele aí. Durou apenas um instante essa visão.

Longe estava então o meu amigo de pensar na morte de seu pai. Este, entretanto, que tinha a profissão de afinador em Tours, havia sido vítima de terrível acidente. Ao fazer subir um piano por uma escada, caiu-lhe o instrumento sobre o corpo, ocasionando-lhe a morte.

Ora, segundo a informação recebida, pôde Ferdinando constatar que o momento da aparição devia coincidir com o da morte de seu pai.

E. Lep
Praça da Catedral, 9, Tours."

(Carta 159)

LX – "Sucedeu, não a mim, mas a meu pai, ver um ser humano no meio do seu quarto, entre 11 horas e meia-noite; era seu filho, meu irmão, que nesse momento acabava de morrer.

Não conhecia meu pai o acidente que havia produzido a morte de seu filho. De mais, valoroso oficial de Marinha, não era ele um sonhador dotado de imaginação propícia à crença em fantasmas; era antes um pouco sangüíneo e gozava de perfeita saúde.

Maria Esmenard
Proprietária em Billom (Puy-de-Dôme)."

(Carta 154)

LXI – "Um de meus irmãos, a esse tempo aluno de Retórica em um colégio congreganista, não pôde fechar os olhos durante a noite toda e logo pela manhã foi procurar o superior do colégio, dizendo-lhe, banhado em lágrimas:

–Não sei o que há, mas tenho certeza de que uma desgraça aconteceu em nossa casa.

O superior tratou isso de infantilidade, etc. Duas horas depois nosso cavalo estava à porta do colégio para trazer meu irmão: é que meu pai morrera subitamente nessa mesma noite.

Ora, um fato certíssimo é que meu irmão, pensionista, não sabia e nem podia saber absolutamente nada. O colégio em que ele se achava era distante uns quinze quilômetros da casa paterna.[31]

Gaston Savoye
Bailleul (Norte).”

(Carta 169)

LXII – “Uma das minhas tias era professora em uma comuna da Alsácia e via mui freqüentemente a irmã do Sr. cura.

Ora, uma noite, dispondo-se minha tia a ir deitar-se, ouviu ela soar a campainha uma ou duas vezes. Desce e pergunta quem é. Nada de resposta. Abre a porta: ninguém. Não podia ter sido um transeunte, pois que, para puxar o cordão da campainha era preciso entrar em um corredor e subir alguns degraus da escada.

No dia seguinte pela manhã ela soube que a irmã do Sr. Cura tinha morrido quase subitamente, *pouco mais ou menos no momento em que ela ouvira soar a campainha*.

E. Daul
Neuves-Maisons.”

(Carta 171)

LXIII – “Contava-me, há dois anos, um de meus amigos o pavor de que fora tomado certa noite, em que lia, na cama, antes de dormir.

De repente o cortinado é violentamente sacudido, ouvindo ele, ao mesmo tempo, um longo gemido e o ruído de passos no assoalho. Sua mulher, que estava acordada, confirmou-me ter ouvido o mesmo ruído. No dia seguinte eram eles informados da morte de um de seus amigos, residente a quatro quilômetros do lugar.

A. Morisot
41, rua do Castelo, Lião.”

(Carta 172)

LXIV – "Era a nossa família relacionada com a do General Bertrand, companheiro de exílio de Napoleão. Minha mãe, desde a infância, dava-se muito com a filha do general, Hortência Bertrand, que desposara o Sr. Amédée Thayer, morto creio que em 1866, como senador do Segundo Império.

Em 1844, A Sra. Thayer, achando-se enferma, fora enviada para a Madeira. Seu pai, o General Bertrand, estava em Châteaux-Roux; veio por alguns dias a Paris, no mês de janeiro de 1844. Regressou no fim do mês pela diligência postal. Fazia muito frio. Chegando a Châteaux-Roux, foi acometido de uma congestão pulmonar e morreu em 29 de janeiro.

Nesse mesmo dia sua filha, a Sra. Thayer, rodeada de seu marido e das pessoas que a tinham acompanhado à Madeira, conversava tranqüilamente, não experimentando inquietação alguma a respeito daqueles a quem amava e que haviam ficado em França. De súbito ela empalidece, solta um grito, cai em pranto, dizendo: "Meu pai morreu!" Procuram acalmá-la, fazem-lhe ver que as últimas cartas eram muito recentes e não continham senão boas notícias, que não havia nada que fizesse prever uma desgraça; ela persiste em sua afirmação e toma nota da hora e do dia. Nessa época não havia telégrafo e poucos eram os caminhos de ferro; levavam um mês para chegar à Madeira as cartas procedentes de França. O primeiro correio que chegou trazia a notícia da morte do General Bertrand, ocorrida a 29 de janeiro, *à hora exata* em que sua filha tivera a revelação desse fato.

Todas as testemunhas desta cena, e a própria Sra. Thayer, estão hoje mortas, mas o fato tornou-se conhecido de toda a nossa família e da família do Sr. Thayer; eu o ouvi muitas vezes narrado por um primo, íntimo amigo. Talvez mesmo lhe pudésseis verificar a exatidão, consultando o padre Ludovico, capuchinho em Paris, que era o confessor da Sra. Thayer desde muitos anos e que deve ter conhecido este fato. Desejo que meu nome não seja publicado.

M. B. G., Paris."

(Carta 175)

XLV – “Há dois anos, meu irmão partira, na qualidade de desenhista, para uma viagem de exploração na África, com a missão do Sr. de Bonchamps. Já havia muito tempo eu não tinha notícias dele, quando certa noite, acordando em sobressalto, vi distintamente meu irmão *ser morto pela lança de um selvagem*.

O fato impressionou-me tão vivamente que permaneci acordado até de manhã e fui ainda perseguido durante várias semanas por essa visão.

Algumas semanas mais tarde, recebia eu a notícia da morte de meu irmão na Abissínia, a 14 de novembro, morto pela lança de um selvagem. O fato deve ter coincidido com a visão; infelizmente, no momento esqueci-me de registrar a data exata em que esta se produziu. Posso, entretanto, assegurar que isso me sucedeu em novembro.

A. Nyffeley Potter, Kinchberg.”

(Carta 186)

LXVI – “Posso atestar-vos o seguinte fato que se passou em uma pequena cidade do Departamento do Var:

Minha mãe estava sentada na sala do andar térreo de sua casa e ocupada em um trabalho de costura ou de tricô, quando, subitamente, viu diante de si o irmão mais velho, que residia em uma aldeia do distrito de Toulon, situada a uns 50 quilômetros de distância. Seu irmão, que ela reconheceu perfeitamente, lhe disse: “Adeus...” e desapareceu.

Minha mãe, muito perturbada, foi procurar meu pai e lhe disse: “Meu irmão acaba de morrer.” Ela sabia que o irmão estava doente.

No dia seguinte ou dois dias depois, recebeu-se em casa o aviso do falecimento de meu tio, ocorrido precisamente à tarde, *por volta da hora da aparição*. Não existindo telégrafo nessa época, fora a notícia enviada a Aix, por meio de carta.

Utte, Aix.”

(Carta 235)

LXVII – “Eis um fato cuja absoluta exatidão posso garantir: A 21 de dezembro de 1891, recebi uma carta dizendo-me que meu pai estava muito doente e desejaria ver-me. Como a carta não me parecesse muito alarmante, não me deixei ficar, por outro lado, muito perturbado e dirigi-me à gare de Redon, para tomar o trem de 4:44 da tarde.

Fui um pouco antes da hora e passeava na sala de espera, sem quase pensar em nada, quando, de repente, fui tomado de mal-estar, de uma espécie de atordoamento: eu não via nada mais e tinha violentos zumbidos nos ouvidos; fora tão súbito o mal-estar, que eu ficara de pé, imóvel, no meio da sala. Isso não deve ter durado mais do que um ou dois minutos, no máximo, pois que as pessoas presentes apenas começavam a dar-se conta do que me sucedia, quando voltei a mim.

O que é extraordinário é que, no momento exato em que eu recuperava a vista e de alguma forma a razão, antes de vislumbrar pessoa alguma na sala, apareceu-me o vulto de meu pai e em seguida logo se desvaneceu; ao mesmo tempo um só pensamento me assaltou, impôs-se-me e eu não pude deixar de formulá-lo assim: “Meu pai vai morrer.”

Permaneci com essa idéia fixa durante toda a noite e foi em vão que procurei firmar-me noutra convicção. Cheguei à casa de minha família, que reside no Departamento de Charente, cerca de 6 horas da manhã. Fui então informado de que meu pai morrera na véspera, às 6 horas da tarde. Uma hora mais ou menos antes de morrer, chamara-me ele diversas vezes, e minha ausência o havia feito chorar. Esse instante *coincidia justamente* com o da aparição que me veio na gare de Redon. O fato impressionou-me de tal modo que jamais o pude esquecer.

P. Busserolle
Professor em La Dominelais,
por Fougeray (Ille-et-Vilaine).”

(Carta 237)

LXVIII – "Sucedeu-me por *duas vezes* experimentar a impressão nítida de ouvir perto de mim uma pessoa ausente, tendo eu marcado a hora exata dessa alucinação. E *das duas vezes* verificou-se coincidir a impressão recebida, sem maior diferença do que cinco minutos, com a morte da pessoa que eu sabia achar-se doente, mas que não supunha tão perto do seu fim.

Esses dois casos muito impressionantes de telepatia foram na época publicados no *Jornal da Sociedade Psíquica* de Londres, da qual tinha eu a honra de ser membro associado.

Aug. Glardon
Homem de letras, em Tour-le-Peitz, Vaud (Suíça)."

(Carta 243)

LXIX – "No dia 29 de outubro de 1869, estávamos reunidos na sala de jantar, depois da ceia (passava-se isso no castelo de Vieux, perto de Caen, em casa de meus pais). Pelas 9 horas da noite ouvimos barulho em uma peça vizinha, assemelhando-se, em absoluto, ao que faria um quadro caindo (foi essa a primeira impressão). Verificamos todos os quadros de todos os compartimentos; tudo se achava em seu lugar. Minha mãe imediatamente tomou nota da hora.

Alguns dias depois recebíamos a certidão de óbito do irmão de minha mãe, falecido no hospital militar de Calais, em conseqüência de febre tifóide, a 29 de outubro de 1869, às 9 horas da noite.

Anatole de Jackson
Recebedor dos impostos diretos,
em Cheux (Calvados)."

(Carta 244)

LXX – "Uma dama de minhas relações, bem equilibrada, séria e sensata, afirmou-me, sob juramento, a veracidade do fato seguinte:

Órfã, tornara-se noiva de um estrangeiro, M. S., que ela amava muito. Não pôde ele obter o consentimento de sua família para

esse casamento. Esperaram muito tempo; depois, seja por prudência, seja por despeito, ela desposou um homem idoso que havia igualmente solicitado sua mão. (Omito explicações inúteis.)

Ela foi sempre fiel, nunca mais tornou a ver seu noivo que retornou para seu país. Entretanto, pensava nele sem cessar.

Passados alguns anos, entrando, certo dia, em seu quarto, julgou vê-lo estendido no chão, como morto e todo ensangüentado. Ela soltou um grito de pavor, ao mesmo tempo em que se aproximava, constatando que não era vítima de uma ilusão. Ao cabo de um instante, tudo desapareceu e seu marido, que acorrera ao seu grito, nada viu.

Ela supôs que M. S. devia ter sido vítima de um acidente, mas não pôde informar-se, por não conhecer sua residência. Após alguns dias, encontrou-se em presença de um correspondente de M. S., o qual lhe informou que seu amigo, desiludido da vida, *suicidara-se*.

Confrontando a data da aparição com a da morte, chegou ela à certeza da coincidência.

M. Gauthier, Lião."

(Carta 247)

LXXI – "Uma senhora achava-se presente a um grande jantar de cerimônia, oferecido por certa personagem. No meio do jantar, a senhora em questão solta um grande grito e, com os olhos fixos na parede fronteira, braços estendidos para frente, grita: "Meu filho, meu filho!" e cai com uma síncope.

Levam-na para um outro compartimento e, ao voltar a si, soluçando, ela conta que, de repente, a sala de jantar, com suas luzes e seus convivas, havia desaparecido, para mostrar-lhe o mar enfurecido e *seu filho a debater-se nas ondas*, estendendo-lhe os braços. Mais tarde, recebeu ela a notícia da morte de seu filho, oficial de Marinha, que havia sido arrastado por uma vaga, quando navegava no mar das Índias, fato esse ocorrido no mesmo dia da citada visão.

Posso, se o julgardes necessário, dar os nomes, os lugares e as datas.

Hervoches du Quillion
Lanhelin, Combourg (Ille-et-Vilaine).”

(Carta 252)

LXXII – “Uma de minhas amigas, esposa de um capitão, experimentou por duas vezes a impressão nítida de ver um ser humano. Uma vez, foi seu primo, que ela chamou pelo nome em um passeio, ficando muito admirada de o encontrar; noutra ocasião, seu criado, que ela deixara com saúde em Tolosa, na época em que encetara viagem, abriu a porta de seu quarto e ela lhe perguntou, muito admirada, o que viera fazer.

As duas aparições não duraram muito tempo e coincidiram ambas *com a hora da morte* dessas duas pessoas.

J. Debat Pousan (Tolosa).”

(Carta 272)

LXXIII – “Uma senhora de minhas relações, digna de fé, contou-me que, achando-se de viagem no Valais, há alguns anos, ouviu, logo depois de se haver deitado, três fortes pancadas em seu leito. Estava absolutamente sozinha em seu quarto. Sua companheira de viagem, que dormia no quarto contíguo, ouviu também as pancadas e veio ver se a senhora, de quem se trata, estava passando mal e por isso a chamara. Dois dias mais tarde, a minha amiga recebeu a notícia da morte, quase súbita, de uma de suas melhores conhecidas falecida em Fribourg. A hora e o dia coincidiam exatamente com os em que ouvira as pancadas.

F. Mosard
Rua de Lausanon, 2, Fribourg.”

(Carta 274)

LXXIV – “Uma noite, acabava eu de deitar-me, quando ouvi um grande barulho que vinha do fogão, como se alguém o sacudisse violentamente; fiquei tão aterrada que toquei a campainha chamando a minha empregada. Nada nos pôde explicar esse barulho e tive grande dificuldade em acalmar-me,

de tal modo havia-me ele impressionado. No dia seguinte, pela manhã, recebi a notícia da morte de uma amiga íntima, ocorrida durante a noite antecedente (não tive a idéia de perguntar a hora).

Instantaneamente, o barulho da véspera veio-me ao pensamento e associou-se a essa morte em uma correlação muito nítida; eis porque me sinto no dever de submeter-vos esse caso. O que contribuiu para esta idéia de correlação entre o barulho misterioso e esta morte é que existia entre essa amiga e eu um segredo que se relacionava com a doença causadora de sua morte.

M. Clément Hamelin, Tours."

(Carta 275)

LXXV – "Há perto de doze anos residia eu em Auch; uma certa noite, minha mulher, que dormia em um quarto contíguo ao meu e separado por um simples tabique, despertou-me dizendo:

– Estais me chamando?

– Não – respondi-lhe.

– Ora essa! eu vos afirmo que ouvi, muito distintamente, o chamado, duas vezes repetido, de meu nome: Maria, Maria.

– Foi, sem dúvida, sonhando – lhe disse eu – que acreditastes ouvir alguém chamar-vos; quanto a mim, eu dormia profundamente.

Um instante depois, minha mulher me chamou, de novo, dizendo-me:

– Levantai-vos depressa, acendei a vela, chamam-me ainda, tenho medo.

Mas, eis aí onde o fenômeno se torna verdadeiramente extraordinário. Minha esposa, muito impressionada, passou o resto da noite em meu quarto e quis conservar, até de manhã, a vela acesa.

– Lembrai-vos – disse-me ela – que vamos saber da morte do Sr. Gautier, de Marselha; creio haver reconhecido, nos sucessivos chamados, *o timbre de sua voz*.[32]

No dia seguinte eu me achava, por acaso, diante de minha porta à passagem do carteiro, que me entregou uma carta com envelope tarjado de luto. Fiquei estupefato ao ver, pelo carimbo postal, que essa carta era procedente de Marselha, mas a minha estupefação foi ao cúmulo quando, ao ler a carta, verifiquei que a Sra. Gautier comunicava à minha mulher que seu marido falecera no correr da noite e *à mesma hora* em que havia sido chamada por duas vezes em horas diferentes.

Repetidamente tenho contado esse fenômeno extraordinário e hoje me sinto feliz em fazer-vos a narração do fato, para que possais, em vossos trabalhos de pesquisas, nele encontrar uma indicação qualquer.

A. Deupès
Rua Cassini, 5, Nice."

(Carta 284)

LXXIV – "***A***. – Quando meu pai tinha uns 20 anos de idade, achava-se na Córsega, na casa paterna, com três dos seus irmãos que contavam de 19 a 30 anos e de forma alguma nervosos.

Uma noite ouviram eles no andar superior, que lhes pertencia, mas na ocasião inabitado, como que passos de alguém que passeia. Quando se dizia: "Ouvis?", parecia que batiam com o salto repetidamente. Subiram ao andar superior, procuraram por toda parte: nada, e quando desciam o passeio recomeçava. Durou isso uma hora.

Algum tempo depois, soube-se que uma tia, residente na América, morrera na mesma noite e à hora exata em que foram ouvidos esses rumores insólitos.

B. – Em julho de 1877, meu pai faleceu em Constantina. Um de seus irmãos, a quem ele era particularmente afeiçoado, achava-se então na Córsega e balançava-se em uma rede. Estava ele, nesse momento, sozinho na casa paterna; não havia em casa nem pessoas nem animais. De repente, durante um momento, ouviu saltos desordenados no andar superior. Meu tio pôs-se a refletir em qual seria a causa de tais saltos, quando (recordando-

se subitamente do que já sucedera durante sua juventude), disse: “Compreendo, compreendo, ele morreu.” *Ele* era meu pai.

Algumas horas mais tarde, sabia-se por telegrama que meu pai falecera à hora em que meu tio ouvira aqueles saltos.

E. Raffaelli de Galléan, Nice.”

(Carta 288)

LXXVII – “É meu pai um homem bastante instruído, de espírito positivo e jamais se ocupou com Espiritismo, nem com outras práticas desse gênero. Ora, em 1860, meu pai e minha mãe, ambos dormindo, foram despertados ao mesmo tempo por um rumor de passos de homem calçado com pesados sapatos. Os passos encaminharam-se para o leito e chegaram até sobre o tapete. Nesse instante meu pai acendeu a vela, mas não viu nada e o silêncio continuou completamente.

Ora, alguns dias depois, uma carta do Ministério da Marinha deu a notícia da morte de um de meus tios, que servia na Marinha em Toulon. Amava ele muito minha mãe. Morreu no mesmo dia em que os rumores de passos foram ouvidos no quarto, mas meu pai jamais pôde saber a hora exata da morte. Nem meu pai, nem minha mãe haviam pensado, na ocasião, em atribuir a menor importância aos rumores ouvidos; é pois incompleto o fenômeno; mas suponho que não se deve desprezar nada em um estudo desse gênero.

Dr. Lamacq-Dormoy
Médico dos hospitais, rua Ravez, nº 1, Bordéus.”

(Carta 287)

LXXVIII – “Não tenho para referir-vos uma aparição, mas dois fatos ocorridos no próprio dia da morte de um oficial em Tonkin.

Produziram-se esses fatos:

À tarde, produziram-se três pancadas bem distintas dadas na porta da cozinha, ouvidas por minha cozinheira e por seu filho. Este disse à sua mãe:

– A senhora está batendo.

E a cozinheira respondeu:

– A senhora saiu, mas percorramos o apartamento.

Aí não havia absolutamente ninguém.

Na noite seguinte ouvi passos, rumores no quarto vizinho do meu, como se caminhassem. No dia seguinte conto à criada os meus temores noturnos; por sua parte ela me faz a narração do que ouvira na véspera. Doze dias depois vim a saber da morte de meu caro filho adotivo, *verificada no mesmo dia*.

Passou-se isso a 1º de agosto de 1895.

Por minha tia, *Sra. Violet*,

G. Clartè
Arrabalde Stanislau, 12 bis, Nancy."

(Carta 290)

LXXIX – "Deixara eu Paris havia meses e, regressando à mesma capital, pensava nas pessoas que ia tornar a ver e das quais nenhuma notícia tivera desde a minha partida. Passavam todas elas diante dos meus olhos com sua fisionomia habitual, exceto um senhor de cerca de cinqüenta anos, *que se apresentava pálido e desfigurado*. Eu dizia de mim para mim: "Provavelmente não o tornarei a ver, ele deve estar morto ou moribundo." Não tinha nenhuma simpatia por esse senhor e não era por afeição que meu pensamento ia até ele.

No dia seguinte, achando-me em uma roda de amigos, perguntei:

– A propósito, como vai Fulano de tal?

– Mas – responderam-me – o seu enterro é amanhã; ele morreu ontem, às 3 horas.

Era precisamente a hora em que eu o tinha visto, com os traços decompostos.

Isso que vos relato não tem, sem dúvida, importância alguma; mas eu quis responder ao vosso apelo.

L. Hervieux
Montivilliers (Sena-Inferior)."

(Carta 295)

LXXX – "Quando o célebre tribuno Barbès estava na prisão central de Nimes, via-se constantemente rodeado pelos seus guardas e tinham-se para com ele todas as atenções que se podem conceder a um prisioneiro político. Um dia, estando em um pátio com diversas pessoas, diz-lhes ele de súbito: "Sucedeu alguma coisa de mau a meu irmão." Soube-se no dia seguinte que o irmão de Barbès morrera em Paris de uma queda de cavalo, no momento exato da impressão recebida por seu irmão.

Marguerit
Passeio da Busca, 14, Tolosa."

(Carta 303)

LXXXI – "Minha mãe, residente em Bourgogne, em Bligny-sur-Ouche (Côte-d'Or) – estava-se em 1871 ou 1872, a data lhe escapa, mas poderia ser determinada – ouviu, em uma terça-feira pela manhã, entre 9 e 10 horas, abrir-se e fechar-se violentamente, batendo, a porta do quarto de dormir onde ela se encontrava. Ao mesmo tempo ouviu por duas vezes chamarem-na: "Lúcia! Lúcia!"

Na quinta-feira seguinte veio ela a saber que um seu tio, Clementino, que a teve sempre em grande estima, havia morrido na terça-feira, *precisamente entre 9 e 10 horas da manhã*. Esse tio residia em Uzerche (Corrèze).

No momento desse rumor e desse chamado, estava meu pai ausente de casa. À sua volta, pelo meio-dia de terça-feira, bem entendido, contou-lhe minha mãe o fato, mas sem pensar em seu tio.

Em definitiva, porta aberta e fechada bruscamente e dois chamados "Lúcia! Lúcia!"

Minha mãe e meu pai estão vivos, moram comigo em Bourges e desde muito que esse fato vem-me sendo contado. Garanto-vos a sua perfeita autenticidade.

Se o fato vos parecer tão interessante que deva ser publicado, agradecer-vos-ia se não mencionásseis mais do que as iniciais do

meu nome, pois aqui ninguém goza de independência, todo o mundo é, pelo contrário, “burguês”.

P. D. (Bourgues).”

(Carta 314)

LXXXII – “Em 1856, tinha eu 9 anos e meu irmão 6; morávamos em casa de nossos pais, em Besançon. Estes eram naturais do Wurtemberg, e nossas duas avós residiam, uma em Ulm, outra em Stuttgard. Jamais víramos essas pessoas; muito vagamente eu, como primogênita, dava-me conta do que fosse uma avó; meu irmão, com mais forte razão, nem fazia uma idéia a respeito. Tudo o que sabíamos delas é que todos os anos, pelo Natal, uma e outra escreviam aos nossos pais que, a seu turno, abraçando-nos, diziam-nos que nossa avó fazia votos para que seus netinhos se tornassem ajuizados e corretos, e que ela nos enviava sua bênção. Era pouco para crianças e eu creio que a menor boneca, o mais pequenino polichinelo, nessa época, teriam sido muito mais negócio para nós.

Entretanto, eis o que sucedeu: Numa *quinta-feira* do mês de fevereiro de 1856, mandou-nos nossa mãe descer ao jardim para desfrutar um bom sol. Tomei meu irmão pela mão e desci com ele ao jardim; mas lá, em lugar de brincar comigo, como eu o convidava, assentou-se tristemente em um canto, depois, de repente, sem que lhe sucedesse coisa alguma, caiu em soluços e, correndo para casa, gritava:

– Quero ver minha avó, minha pobre avó que não tenho visto mais! Quero vê-la!

Nossa mãe, supondo ter-se dado algum acidente, correu depressa para o seu Benjamin, mas a todas as suas perguntas, a todas as suas carícias, ele replicava sempre que desejava ver sua avó. A muito custo o consolaram, prometendo-lhe que, se ficasse quieto, iria para junto de sua avó.

No domingo seguinte, meu pai entrou em nossa casa trazendo na mão uma carta com um grande sinete preto.

– Minha pobre mulher – disse ele à mamãe, chorando e tomando-a nos braços – o nosso Edmundo tinha razão de chamar

sua avó, porquanto ela morria exatamente no dia e na hora em que ele pedia com tantas lágrimas para vê-la!

Emilie Seitz, Paris.”

(Carta 322)

LXXXIII – “Quando eu contava 22 ou 23 anos de idade, uma parentazinha, a quem dedicava muita afeição, estava no seu sétimo ano de existência. Um dos seus prazeres era vir a nossa casa, bater à porta e rir ao lhe respondermos:

– Pode entrar.

Nessa época ela caiu doente e eu não a havia abandonado um momento durante os dois dias em que esteve agonizante. Entretanto, minha mãe, receando da minha parte um excesso de fadiga, manifestou a vontade de levar-me. Eram 11 horas da noite. O tio dessa criança, chegado no mesmo dia de Paris, disse-nos que o esperássemos um instante, pois ia buscar seu chapéu para levar-nos. Achávamo-nos, então, na cozinha, muito perto da porta de entrada, quando ouvimos baterem nesta porta, como o fazia aquela criança, muito distintamente, à porta de nossa casa. Minha mãe responde:

– Pode entrar.

Dizendo-lhe eu, ao mesmo tempo em que ia abrir a porta:

– Ninguém pode vir a esta hora.

– Talvez as religiosas – responde ela.

Mas não, ninguém tinha vindo bater ao fundo daquele pátio.

Acabávamos de chegar a nossa casa, após um percurso de menos de dez minutos, quando a criada dos pais da menina chegou a seu turno, para nos comunicar que a pequena Maria acabava de expirar.

A. Laurençot
Agente dos Correios em Fouvent-Haut (Alto-Saôna).”

(Carta 325)

LXXXIV – “Permito-me relatar-vos um fato sucedido em minha família e que se relaciona às aparições de moribundos.

Meu pai, que há dezessete anos achava-se desavindo com seu filho, cuja residência ignorava, apareceu-lhe duas horas antes de morrer.

Saindo meu irmão, às 7 horas da manhã, de seu quarto, vê meu pai a dois passos dele e pergunta-lhe:

– Que vens fazer em minha casa?

Responde-lhe meu pai:

– Procurar-te – e logo desaparece.

A esposa de meu irmão, do quarto contíguo ao corredor, onde se passou o que acaba de ser descrito, ouviu as vozes, tanto que percebeu imediatamente com quem seu marido acabava de falar.

Passou-se isso a 3 de dezembro de 1889; nessa ocasião eu estava junto do leito de meu pai que dormitava: às 9 horas ele expirou, sem ter antes recuperado os sentidos.

Emma Lutz
Praça Kléber, 8, Estrasburgo.”

(Carta 331)

LXXXV – “A Sra. Carvalho, diretora de um pensionato de moças, em Lisboa, tinha, há cinco ou seis anos, entre suas alunas uma menina de dez anos, cuja mãe era uma atriz em *tournée* pelo Brasil. Certa noite, a criança acorda, chorando e gritando:

– Mamãe, mamãe! estou muito aflita por causa da mamãe!

Não disse a criança se viu sua mãe; mas *nessa noite morria-lhe* a mãe, de febre amarela, no Rio de Janeiro.

Sra. J. Leipold
C. da Glória, 21, Lisboa.”

(Carta 341)

LXXXVI – “Eis o que sucedeu a meu pai, capitão reformado da Marinha. Estava ele em alto mar e acabava de entrar de quarto à meia-noite. Passeava no passadiço quando viu, de súbito, passar diante dos seus olhos *um menino vestido de branco* que parecia voar.

– Não viste nada? – perguntou, no mesmo instante, ao marinheiro que estava de quarto com ele.

– Não – respondeu-lhe o outro.

Contou-lhe, então, meu pai o que acabava de ver e acrescentou:

– Posso afirmar que aconteceu qualquer desgraça em minha casa.

Tomou nota da hora e do dia e, chegando em casa, soube que nessa data morrera uma de suas pequenas sobrinhas.

Meu pai relatou-me muitas vezes esse caso e mo repetiu ainda recentemente ao ler o que tendes escrito.

M. Cheillau, Arzem.”

(Carta 343)

LXXXVII – “Permitir-me-ei narrar-vos um fato autêntico, sucedido à minha tia (a irmã de minha mãe), que reside na Alemanha, e que ela mesma contou-me.

Uma bela manhã, pelas 8 horas, estava minha tia ocupada em pentear sua filha, quando, repentinamente, ela vê na parede desenhar-se um fantasma do qual se distinguia perfeitamente a cabeça, mas os traços pareciam de tal modo desfeitos por qualquer doença, que minha tia não pôde reconhecer esse rosto de moribundo.

Tão impressionada ficou, devido a essa visão, que se pôs a gritar. Seu marido e sua filha acorreram e lhes mostrou ela, chorando, o fantasma que não havia ainda desaparecido. Meu tio e minhas duas primas, entretanto, nada vendo, puseram-se a caçoar dela.

Dois dias mais tarde participam-lhe a morte de minha mãe, vítima do tifo em Atenas, entre 4 e 16 de janeiro de 1896, pelas 7 horas da manhã. Minha tia, que nem mesmo tivera tido tempo de saber da doença de sua irmã, havia, entretanto, retido bem a data, por isso que o dia da aparição do fantasma era o do aniversário de sua filha.

Condessa Carolina Métaxa

Castelo de Tharandt, perto de Dresde.”

(Carta 356)

LXXXVIII – “Meu tio-avô, hoje morto, era chefe de fundição em uma das grandes forjas do Ariège. Uma tarde em que se dirigia ele ao trabalho, como de costume, chegando, ao cair da noite, a alguma distância da forja sentiu subitamente sua casquete levantar-se e seus cabelos eriçarem-se-lhe na cabeça, e isso por duas vezes, sem que pudesse ele saber a que atribuir a causa do incidente.

Chegado à forja, de que o separava apenas pequena distância, como eu o disse, seus operários, muito inquietos, participam-lhe a súbita desaparição de um deles: em vão o procuraram. Note-se que o desaparecido era um amigo de meu tio.

Acharam-no alguns momentos depois, morto, em uma cava no subsolo onde provavelmente teria caído.

Eis aí o fato. O espírito muito frio de meu tio, sua coragem e sua lealdade, de que todos em minha família conservam a lembrança, não me permitem duvidar um só instante da sua narrativa.

R. Peyron
Estudante de Medicina em Tolosa.”

(Carta 362)

LXXXIX – “A Sra. A., mãe da pessoa que me fez esta narrativa, tivera durante anos ao seu serviço uma criada a quem muito se afeiçoara. Esta mulher casou-se e foi residir em uma herdade bastante afastada da cidadezinha em que vivia a Sra. A. Uma noite acorda ela em sobressalto e diz ao marido:

– Ouviste, ouviste? A senhora chama-me.

Tudo, porém, estava calmo e silencioso, procurando seu marido tranqüilizá-la. Ao fim de alguns minutos, a pobre mulher, cada vez mais agitada, diz:

– É preciso que eu vá à casa da patroa, ela está me chamando; estou certa de que devo ir.

Continuando seu marido a supor que se tratava de um mau sonho, pôs-se a motejar da esposa, e ao fim de certo tempo ela acabou por se acalmar.

No dia seguinte pela manhã, esse homem, indo à cidade, soube que a Sra. A., tomada , na véspera, à tarde, de súbita indisposição, morrera à noite e durante a agonia não cessara de chamar sua antiga criada, *no momento mesmo* em que esta ouvira a voz de sua patroa.

Suzanne H., Paris."

(Carta 363)

XC – "***A***. – M. Passa, hoje falecido, mas que foi pastor em Versalhes, durante longos anos, contou-me o seguinte fato:

Estando, certo dia, perfeitamente desperto e consciente (era ele então, se não me falha a memória, estudante em Estrasburgo), *viu seu irmão*, oficial de turcos na África, deitado ao fundo de um silo, com a cabeça partida. Ainda que muito impressionado por essa visão, não lhe passou um só instante pela mente que pudesse ela representar uma realidade, e disso não cogitou senão mais tarde ao receber pelo correio da Alemanha a notícia de que, no mesmo dia em que lhe apareceu o irmão, fora este atacado por um dos seus homens que, após haver-lhe aberto o crânio, atirara-o em um silo.

B. – Certa moça, muito ligada à minha família e cujo pai residia em Constantinopla (deixo de citar seu nome por discrição, pois não estou autorizado a divulgá-lo), estava passando uns tempos em casa de uma de suas tias, em Gênova. Tendo ido, certa noite, ao baile, muito alegre, como de costume, ela deteve-se, de súbito, *no meio de uma contradança* e, banhada em lágrimas, gritou:

– Meu pai morreu, eu o vi!

Com grande custo conseguiram acalmá-la, mas alguns dias depois soube-se que seu pai (que ela nem mesmo sabia estar doente) sucumbira, de fato, no mesmo instante em que se dava o fenômeno de sua aparição.[33]

A. E. Monod

Rua do Dragão, 97, Marselha.”

(Carta 366)

XCII – “Estando eu de morada em Zurich, por alguns meses, vi, um belo dia, às 3 horas da tarde, passar na rua, diante da minha janela, uma pessoa que eu sabia achar-se na Itália. Experimentei com isso uma impressão tão forte, que fiquei perturbada todo o resto do dia e contei o fato a uma das minhas primas (cometi o erro de não assinalar exatamente o dia e a hora). Alguns dias depois soube que a pessoa que eu tinha visto passar (um doutor que me tratara e a quem muito me afeiçoei) acabava de morrer subitamente, devido à ruptura de um aneurisma, na Itália.

Creio poder afirmar que não decorreram mais de 24 horas entre a hora da aparição e a morte do aludido doutor, verificada a 25 de dezembro de 1897.

Lucie Niederhauser, Mulhouse.”

(Carta 367)

XCIII – “Há cerca de três anos os pais de minha esposa residiam em Marselha, na praça Sebastópol, nº 5, 2º andar; sua filha mais velha morava em Béziers, onde se achava gravemente enferma. O Sr. e a Sra. Jaume deixaram seu apartamento de Marselha para ficar ao pé de sua filha, entregando seu apartamento aos bons cuidados dos seus amigos, locatários do 1º andar.

Após um mês, mais ou menos, de ausência, passamos pela dor de perder minha cunhada, sua primogênita. Ora, na mesma noite de sua morte e na mesma hora (11 da noite), os locatários do 1º andar, em Marselha, ficaram muito surpreendidos ao ouvir alguém subir ao 2º andar, abrir as portas e percorrer o apartamento em todos os sentidos. Nem um só instante duvidaram de que fosse a família Jaume que tivesse voltado de Béziers. Já estando deitados, não julgaram a propósito levantar-se para ir apresentar as boas vindas aos seus amigos; mas no dia seguinte, bem cedo, subiram para fazer-lhes uma visita. Qual não foi seu espanto ao encontrar intacto o apartamento! Nenhuma

porta havia sido aberta, nenhum sinal de passagem de quem quer que fosse!

Ch. Soulairol
Farmacêutico de 1ª classe em
Cazouls-les-Béziers. (Herault).”

(Carta 390)

XCIV – “Venho, em resposta à vossa solicitação relativa aos fatos de ordem psíquica, assinalar-vos o seguinte caso, do qual meu pai, o Sr. Fleurant, professor jubilado, e minha mãe, professora, domiciliados em Thenay (Indre) vos garantirão, agora mesmo, a autenticidade.

Era em 1887, no mês de fevereiro. Minha mãe tinha nessa época em Evreux seu único irmão, ao qual votava uma grande afeição e que, a seu turno, muito lhe queria.

Infelizmente meu tio estava sofrendo de um mal que devia conduzi-lo ao túmulo, a despeito da Ciência e dos bons cuidados da família.

No fim do ano precedente, tendo minha mãe ido ver seu irmão, pudera constatar por si mesma a gravidade do mal e tivera, da parte do médico, a certeza de um fim mais ou menos próximo.

A 11 do mesmo mês, *pelas 6 horas da tarde*, estando minha mãe no porão de sua escola, daí regressou tomada de uma emoção indescritível: ouvira, no intervalo de alguns segundos, três gritos dilacerantes dirigidos a ela, parecendo vir pelo respiradouro do aludido porão, *situado ao norte*.

– Meu irmão – disse ela a meu pai – está em agonia; acabo de ouvir os seus chamados.

Dois dias depois recebia ela uma carta, datada de 12, na qual se noticiava a morte de meu tio Ernesto Barthélemy.

A Srta. Branca de Louvigny, autora dessa carta, e que assistira o enfermo até o seu último instante, nela dizia que não cessara ele de chamar minha mãe.

Minha mãe repetia sempre esses detalhes e ela continua ainda convencida, sem que possa explicar o fenômeno, de que esteve

efetivamente, durante alguns instantes, em comunicação pelo pensamento com seu irmão.

Por minha vez transmito-vos o fato, desejando que vos possa ser útil na pesquisa das causas que produzem tais efeitos.

A. Fleurant
Professora em Renilly, atualmente em
casa de seus pais, em Thenay (Indre).

Os abaixo assinados certificam que as informações dadas por sua filha, na presente carta, são da mais rigorosa exatidão.

G. Fleurant, Professor jubilado.
S. Fleurant, Professora em Thenay."

(Carta 399)

XCV – "Há cerca de dois anos, o jovem casal que tenho atualmente ao meu serviço regressava, entre 9 e 10 horas da noite, à casa de seus pais, que residiam em uma propriedade a 3 quilômetros da cidade.

O marido levava pela rédea o cavalo da herdade, que não ia muito depressa. De um ponto da estrada, ainda bem distante da fazenda, é bem fácil distinguir as casas desta.

Subitamente viu o condutor, a alguns minutos de intervalo, elevarem-se três chamas acima dos tetos, como três grandes fogos fátuos. Supondo tratar-se de um incêndio, apressou ele o seu cavalo. A jovem esposa nada tinha visto, mas entrando no pátio ouviu distintamente, assim como seu marido, repetidas pancadas em um portão do jardim, semelhantes a um rufar de tambor.

Entrando em casa, encontraram sua mãe profundamente emocionada. Por três vezes diferentes, correspondendo às três chamas vistas por seu filho, ouvira ela um barulho de cadeiras arrastadas na sala. Por três vezes descera a esta e nada pudera ver. Levantaram os criados para percorrer as cavalariças: nada viram nem ouviram eles de anormal.

Somente os rendeiros foram impressionados pelo fato e mesmo quando todos, um pouco mais sossegados, se dirigiram aos seus respectivos cômodos, o fragor das cadeiras arrastadas

recomeçou. De novo todos se reuniram e, como no interior de nosso país as puras tradições de piedade não estão completamente perdidas, a mãe e seus filhos uniram suas preces em favor da pobre alma angustiada que os viera visitar, sem saberem de que pessoa de seu conhecimento poderia tratar-se.

Ora, no dia seguinte, soube-se que uma jovem prima, que se afeiçoara a essa família, tinha sido enterrada *precisamente no dia em que se deram tais fatos*. Por um acaso inexplicável, ninguém da fazenda tinha sido prevenido a respeito da morte, nem do enterro.

Cinco pessoas experimentaram, pois, mais ou menos, tais sensações: o pai, de índole incrédula, a mãe, o filho, a nora e uma mocinha. Os criados moram em um outro corpo do edifício; não se lhes pode, portanto, atribuir, de qualquer forma, uma parte nesses ruídos insólitos. Dormiam eles profundamente quando as pancadas foram dadas no portão do jardim e a visita às estrebarias provou que tudo estava perfeitamente calmo.

M. Pasquel
Rua da Fonte, 2, Cosne (Nièvre).”

(Carta 402)

XCVI – “Minha mãe estava à cabeceira de sua mãe, indisposta e muito inquieta por não poder visitar sua vizinha e amiga que se achava agonizante (o que, de resto, se lhe ocultava). De repente, estando as portas e as janelas fechadas, vê-se, não o cortinado, mas as duas guarnições, dispostas em torno da armação do docel, agitarem-se em sentido inverso, isto é, separando-se e reunindo-se como em forte abraço. E minha avó em seguida a dizer:

– Vês, minha filha, Josefina diz-me adeus.

Minha mãe desceu imediatamente. A vizinha acabava de expirar.

Maria Olivier, Garcoult (Var).”

(Carta 405)

XCVII – “Estava minha mãe ocupada, certo dia, em sua casa, quando ouviu muito distintamente a voz de seu irmão, que

residia distante uns 800 quilômetros, chamá-la por seu prenome, duas vezes. Vindo onde se achava meu pai, disse-lhe:

– É curioso, acabo de ouvir meu irmão chamar-me; sinto-me emocionada; não sei o que está acontecendo.

Dois dias depois recebeu ela uma carta anunciando-lhe que seu irmão falecera no mesmo dia em que ela escutara sua voz.

Peltier, Marselha.”

(Carta 409)

XCVIII – “Eis aqui um fato cuja veracidade posso garantir. Quando eu era soldado, estando licenciado na minha casa, em Annot (Baixos-Alpes), minha mãe, levantando-se, no dia 30 de dezembro de 1890, disse-me:

– Creio que se deu uma morte em nossa família. Esta noite, às 2 horas, fui acordada por batidas freqüentes, dadas na parede, junto à cabeceira da minha cama. Achava-me bem desperta e tive imediatamente a idéia de uma morte sobrevinda a algum dos nossos.

Não dei nenhum crédito a essas apreensões. Mas eis que, cerca de 10 horas da manhã, recebemos um telegrama de Digue, comunicando achar-se gravemente enferma minha tia, irmã Santa Ângela, superiora dos órfãos de São Martinho de Digue. Minha mãe disse:

– A este telegrama seguir-se-á um outro comunicando a morte.

De fato, à noite chegava outro telegrama comunicando o falecimento. Seguiu-se-lhe uma carta, a 31 de dezembro, esclarecendo que minha tia, após uma doença de vários dias, falecera a 30 de dezembro, às 2 horas da manhã, *hora na qual minha mãe ouvira aquelas batidas* dadas perto de seu ouvido. Minha mãe ignorava que minha tia estivesse enferma.

Barlatier
Annot (Baixos-Alpes).”

(Carta 414)

XCIX – “Passou-se o fato em Contes (Alpes Marítimos), em 1881. Era um domingo, achava-me à igreja com todos os meus

camaradas de classe, que o professor, nesse tempo, era encarregado de levar à missa cantada de domingo. Em dado momento, quando nos achávamos de pé, e portanto bem acordados, tive perfeitamente a impressão de uma voz a dizer-me: "Tua irmã morreu." Com efeito, regressando à casa, encontrei minha irmã, que se achava doente há algum tempo, mas sem jamais guardar o leito, em agonia, morrendo três ou quatro horas depois. Esse fato está e sempre estará presente em minha memória, como no dia em que se produziu.

Pencenat, Nice."

(Carta 430)

C – "Minha mãe, Sra. Molitor, de Arlon, encarrega-me de vos transmitir sua resposta.

Em novembro de 1891, certa manhã, pelas 5 horas, estava minha mãe acordada na cama. Pela porta aberta do quarto viu entrar seu irmão, tenente, em serviço no matadouro militar de Mons (Hainaut). Estava em pequeno uniforme e tal qual o tinha visto alguns anos antes, por ocasião de uma licença que passara em sua casa. Ele a contemplou, sorrindo-lhe, depois saiu, fazendo com a mão um gesto afetuoso.

Às 11 horas da manhã do mesmo dia o telegrama anunciando a morte desse irmão chegava à casa de minha mãe.

C. Molitor
Empregado do Cadastro em Arlon (Bélgica)."

(Carta 432)

CI – "***A***. – Há cerca de quarenta anos, uma de minhas parentes consangüíneas, então moça, passeava no campo com sua mãe, quando se sentiu roçar por um sopro. E gritou:

– X. acaba de morrer!

Era verdade. X. era um homem que a amava e que se sentia morrer do peito. Ela o sabia muito doente.

B. – Eis um fato que fiz a nossa criada contar-me de novo, ontem à noite, a fim de vo-lo descrever com todos os detalhes.

Essa criada é uma honesta rapariga, muito inteligente, que há sete anos está ao nosso serviço.

Em 1884 estava ela empregada em casa de uma velha senhora que, na ocasião da cólera, levou-a para o campo, não muito distante de Toulon. Uma noite ela é despertada por leves batidas na janela; põe o ouvido à escuta e não ouve nada mais; supõe que tenha sido sonho e procura novamente dormir.

Novas batidas na janela. Muito assustada, ela se levanta. Batem pela terceira vez, depois ela vê passar por duas vezes, do lado de fora, como que um fantasma branco.

Seu quarto era situado no primeiro andar e dava para um telhado. Mas a casa era isolada, e se alguém estivesse andando no telhado, tê-lo-ia certamente ouvido, pois que possuía muito aguçado esse sentido.

Pela manhã ela relatou a aparição à sua patroa, que se riu dela, dizendo-lhe que havia sonhado. Dois meses depois veio a saber da morte, verificada dois meses antes, de uma prima sua que ela amava como a uma irmã. Sabendo a afeição que ela dedicava a essa prima, ocultara-lhe a família o falecimento súbito, pois a cólera a havia levado em algumas horas.

L. Fierringer
Capital de navio, reformado, em Toulon."

(Carta 433)

CIII – "Há alguns anos, o Sr. e a Sra. H. W. visitavam um velho doente chamado Saint Aubin, que, ao quanto parecia, era muito instruído e assaz original. No correr da conversação, o velho, esperando sua morte próxima, prometeu ao Sr. W. que no momento de morrer o avisaria. O Sr. W. tinha-lhe também prometido isso.

Passou-se o verão sem que fossem visitar o enfermo. Uma noite de inverno, à hora de cear, o Sr. W. lia seu jornal, quando de repente levantou involuntariamente a cabeça e disse à sua mulher:

– Morreu Saint-Aubin.

A Sra. W. não podia acreditar nisso e perguntou de quem tivera ele a notícia.

– Ninguém jamais me falou de Saint-Aubin – respondeu ele – mas recebi na fronte uma diminuta pancada que, ao mesmo tempo, fez-me pensar na morte de Saint-Aubin.

Na manhã seguinte a Sra. W. ouvia falar na igreja da morte de Saint-Aubin, que ele exalara o último suspiro na véspera, à noite.

O Sr. W. (meu tio), de quem ouvi esta narrativa, disse-me que lhe é impossível determinar a natureza da pancada recebida; jamais experimentou ele coisa análoga. Não é crédulo, nem supersticioso esse meu tio. Até pelo contrário.

Gussie Van Der Haege, Roulers."

(Carta 437)

CIV – "***A***. – A Sra. Mercader, minha madrasta, casada em Vernet-les-Bains (Pirineus Orientais), mas cuja família residia em Elne (Pirineus Orientais), mandou uma tarde sua enteada, Srta. Úrsula Mercader, então com a idade de 16 anos, fechar a porta da rua, que estava aberta. A moça voltou muito assustada, afirmando que tinha visto um carro fúnebre diante da casa. Ninguém quis acreditar e puseram-se a rir dela. Ora, na manhã do dia seguinte, chegou um expresso de Elne (pois ainda não havia telégrafo nessa época), dizendo que o pai de minha madrasta morrera na véspera, à noite, justamente à hora em que a Srta. Mercader fora fechar a porta e vira o carro fúnebre.

B. – Minha mulher não tinha então mais do que 15 anos, mas recorda-se perfeitamente. Seus pais dirigiam um estabelecimento termal em Vernet-les-Bains e os empregados tinham seus quartos no mesmo corpo do edifício, dando para um só corredor. Ora, um cozinheiro, chamado Guiraud, caiu gravemente enfermo e certa noite morreu. Todos os criados chegaram ao mesmo tempo ao quarto mortuário, imediatamente após o falecimento, sem que ninguém os fosse prevenir.

Cada um deles disse que tinha sido acordado por uma forte pancada vibrada aos pés de suas camas.

Creio satisfazer o vosso desejo, relatando-vos esses fatos que são autênticos.

Dr. H. Massina, Vernet-les-Bains.”

(Carta 440)

CVI – “A Sra. S., muito instruída, inteligente, poetiza, entusiasta, destituída de bens de fortuna, aliás, inventora incorrigível, participou em 1851 da exposição de Londres, onde obteve um prêmio de 100.000 francos por certas cordoalhas ou velas de navios aperfeiçoadas.

Sua má estrela fez-lhe encontrar lá um árabe, grande senhor no seu gênero, belo como um deus e que a entusiasmou tão fortemente que lhe deu ela em casamento sua filha e como dote os 100.000 francos, reservando para si apenas os proventos futuros de sua invenção, a qual enriqueceu um bom inglês, deixando-a sem um vintém.

Essa moça, bela, delicada, boa, perfeitamente educada e instruída, produto parisiense em todo seu valor e refinamento, foi imediatamente levada para a África por seu marido, verdadeiro bárbaro, civilizado somente para a ocasião – e uma horrível e miserável existência começou para ela. Vida nômade, sob a tenda, em promiscuidade com três ou quatro outras esposas tão brutas e tão selvagens como seus senhores.

Quatro ou cinco anos mais tarde a Sra. S., em Paris, ouviu, certa noite, ao lado do seu fogão, bem perto dela, a voz de sua filha, gritando-lhe:

– *Mamãe, mamãe!*

Supôs, a princípio, enganar-se. Pouco depois, o mesmo chamado, porém muito mais forte e pronunciado como em agonia. Levantou-se, percorreu o compartimento, olhou para a rua. Tudo inutilmente. Ela não sabia o que pensar nem o que fazer, quando, pela terceira vez, a voz repetiu:

– Mamãe, vem, vem, eu te peço, vem depressa!

Então ela não hesitou mais. Desde o alvor do dia se pôs a caminho para Marselha. Quanto tempo durou a viagem?

Existiam, nesse tempo, estradas de ferro? Havia-lhe dito a voz: “Vem a Marselha?” Nada sei de tudo isso.

O certo é que em Marselha ela encontrou, reduzida à última extremidade, sua desgraçada filha, que parece tê-la apenas esperado para morrer em seus braços.

S. Babinet Rencogne, Tolosa.”

(Carta 443)

CVII – “***A***. – Meu avô materno, homem grave, calmo e rígido o mais que se pode ser, passeava um dia no quarteirão mais populoso de Londres, absorto em suas reflexões. Em dado momento, viu ele abrir-se uma passagem no meio da multidão e dirigir-se para o seu lado um dos seus mais caros amigos de infância, coronel comandante de um regimento das Índias e que devia estar, segundo as informações dos jornais, ocupado precisamente nesse instante, em submeter os cipaios revoltados. Meu avô, no cúmulo da surpresa, estendeu a mão ao seu amigo e ia fazer-lhe uma pergunta, quando bruscamente, como tinha vindo, desapareceu.

Regressando à casa, informou-se meu avô se o coronel fora visitá-lo e, diante da resposta negativa do pessoal de serviço, saiu um tanto preocupado, para ir ao seu clube. Também lá ninguém tinha visto o coronel. Passaram-se as semanas; nessa época as comunicações eram lentas. Um dia, percorrendo as colunas de um jornal hebdomadário em circulação nas Índias, teve ele a dor de ver figurar na lista dos mortos, por traição dos cipaios, o nome de seu próprio amigo e, confrontando as datas, tudo lhe fez presumir que a morte coincidia com a aparição nas ruas populosas de Londres, onde os dois amigos gostavam muito particularmente de ir estudar as fisionomias características do povo londrino.

B. – Um jovem pastor contou-me o fato seguinte:

Perdi meu pai em minha tenra infância; meu irmão e eu fomos inteiramente educados pela melhor, mais doce e mais firme das mães, na austera cidade de Bolonha. Sem mostrar decidida preferência por qualquer de seus filhos, ela cercava, entretanto,

de cuidados muito particulares o mais jovem deles, rapazinho delicado, muito sensível e que herdara o temperamento inglês de sua mãe: firme e doce.

À idade de 20 anos, fazia eu meus estudos em Bolonha, ao passo que meu irmão entrava para a Escola Militar de Modena. Seria impossível descrever o que ele sofria longe da casa materna...

Uma noite, antes de se deitar, queixou-se minha mãe de uma leve indisposição, mostrando-se de certa forma inquieta com relação ao filho ausente. Mas, boa, resignada e doce, antes de tudo, retirou-se ela calmamente, como de costume. Eram contíguos os nossos dormitórios. Passei uma parte da noite ocupado em um trabalho difícil e, somente pela manhã, consegui adormecer.

De súbito, fui despertado por um ruído de vozes e, abrindo os olhos, fiquei surpreendido de ver em meu quarto meu próprio irmão, pálido, o semblante desfeito.

– Mamãe – murmurou ele – mamãe, como vai ela? Dez minutos depois de meia-noite, eu a vi distintamente na cabeceira da minha cama, em Modena; ela sorria-me, com uma das mãos mostrava-me o céu, com a outra abençoava-me. Depois desapareceu. Mas o que te digo é que mamãe morreu!

Corri ao quarto venerado de nossa mãe: ela estava morta, de fato, com um sorriso nos lábios... Mais tarde nos afirmou o médico que ela devia ter cessado de viver cerca de meia-noite.

E. Asinelli, Gênova."

(Carta 448)

CIX – "Eu contava naquela época os meus doze anos. Havia um ano que fizera a minha primeira comunhão; e era ainda um pouco devoto. Interno em um liceu, fazia as minhas orações quase todas as noites em meu leito infantil.

Ora, certa noite, eu orava com fervor; por que? não o sei. Suplicava ardentemente, em minha prece, que me fosse conservada a minha avó, a quem ternamente amava; fiz uma série de orações unicamente com esse objetivo. Depois fechei os

olhos. Quase imediatamente, vi distintamente a cabeça de minha avó inclinar-se para mim. Surpreso, abri os olhos; mas tudo havia desaparecido. Não liguei importância alguma a essa impressão e depressa adormeci. Nessa idade não se tem cuidados.

No dia seguinte, às 9 horas, vieram buscar-me à escola, dizendo-me o provisor que tomasse o trem das 10 horas e fosse a casa de minha avó que pedia para mim dois dias de férias. Imaginai a minha alegria ao ouvir essas palavras! Visto-me depressa e parto, feliz como um rei. Quando cheguei à estação de desembarque, meu pai me esperava; disse-me, banhado em lágrimas, que minha avó estava mal. Mas quando entrei em casa, fizeram-me compreender que ela morrera. Alguns dias mais tarde, perguntei a que horas morrera minha avó. Disseram-me que falecera na sexta-feira, às 8:50 da noite.

Devo observar que minha avozinha somente caíra doente na quinta-feira, véspera de sua morte, e que ninguém me informou a respeito.

Desde esse momento, como eu tivesse suplicado a Deus para conservar-me por muito tempo minha avó, não tendo sido atendido, cessei com razão de acreditar nele. Dizem que Deus atende as súplicas de todos os que recorrem a ele. Eis aí uma prova, e também da blague que é a Religião Católica. Ela é igual às outras, muito simplesmente.[34]

A. Frinciante, Torigny."

(Carta 452)

CX – "Contou-me minha tia que estando, certa noite, deitada, mas perfeitamente acordada, produziu-se um rumor insólito na estrebaria dos cavalos. Enquanto seu pai ia ver o que se passava e acalmar os animais, minha tia *avistou distintamente seu avô*, de pé, diante do fogão. Tendo chamado sua mãe, para que ela o visse também, desapareceu a visão. No dia seguinte sabia-se da morte do avô, ocorrida, tanto quanto posso recordar-me, em um acidente que sofrera andando a cavalo.

Eu sustentava que tudo isso não era mais do que o efeito de um sonho; mas minha tia afirmou-me que não dormira um só momento antes da aparição.

Henri Pérès
Rua da Capela, 166. Paris."

(Carta 453)

CXI – "O Sr. Dr. Blanc, d'Aix-les-Bains, contou-me que foi testemunha, em sua juventude, de um fato curioso. Uma de suas tias achava-se doente e o filho dessa tia, um rapazinho de 6 anos, foi mandado à casa do Dr. Blanc, pai do atual doutor, creio que em Sallanches, para brincar com meu primo. Súbito, a criança detém-se em meio de seu brinquedo, com ar espantado e grita:

– Mamãe! Eu vi a mamãe!

O fato foi comunicado ao doutor e este logo supôs achar-se doente a criança, mas um pouco mais tarde se soube que a mãe morrera *no instante em que o filho havia gritado*.

Luiz Nícole
61, Tierney R. Streatham, S. W., Londres."

(Carta 455)

CXII – "Eu tinha em Malamour um parente de minha mãe, que residia em Varennes, distante 15 quilômetros, e que ela amava muito, por causa de diversos serviços que lhe havia prestado em momentos difíceis.

Este parente, que já não existe, sabia que minha mãe se achava doente. Assegurou-me ele que, tendo ouvido, na noite de seu falecimento, um grande barulho no celeiro, como se sacudissem violentamente sacos cheios de grãos, pôs-se a dizer:

– A prima Labbé morreu.

Foi-lhe isso confirmado quando lhe participei o falecimento. Minha mãe, com efeito, morreu na noite indicada por esse parente.

Tenho para mim que, se as manifestações telepáticas não são mais freqüentes, é que elas não se verificam senão de pessoas

amigas a pessoas amigas, *mas verdadeiramente amigas*. quantos estão neste caso?

Nada mais comum do que este nome.

Nada mais raro do que um vero amigo

Labbé
Tabelião em Esnes (Meuse).”

(Carta 457)

CXIII – “Ouvi muitas vezes contar em minha família o seguinte fato, sucedido a meu tio, membro do Instituto, professor na Escola de Títulos e documentos, morto há dezoito anos. Não vos posso infelizmente garanti-lo senão em suas grandes linhas e, por conseguinte, peço-vos, se o publicardes, não mencionar o nome de meu tio.

Este, muito católico, fora educado por uma de suas tias, de quem se lembrava sempre com reconhecimento e emoção. Ora, pela época de sua primeira comunhão (na véspera, suponho), afastado dessa tia por centenas de léguas, avistou-a diante de si e teve a certeza de que ela morrera e que viera dar-lhe a sua última bênção.

Poucos dias depois, soube-se, com efeito, que ela morrera *à hora em que fora vista por essa criança*.

Paul Kittel
Professor substituto da Universidade, no pequeno liceu Corneille, em Elbeuf (Sena Inferior).”

(Carta 458)

CXIV – “Por uma tarde de verão, às 3 horas pouco mais ou menos, passeava eu, lendo uma página de Alphonse Daudet, quando, bruscamente, me pareceu que um meu camarada, atualmente piloto da Marinha, caía chorando, na atitude clássica dos soldados feridos de morte, mão sobre o coração e queda de costas. Isso me intrigou bastante, a ponto de que, à noite, falei sobre o caso à minha família.

Quatro ou cinco dias depois, recebi uma carta de nosso ex-professor comum, dizendo-me: “Vosso amigo Luiz está em

extrema aflição. Há alguns dias, tendo ido à caça, feriu, com um tiro desasado, seu irmão Carlos. Este acabava de bacharelar-se."

Ao receber essa carta, pensei na minha visão. Ela me enganara, pois Luiz não fora ferido. Realizou-se a minha visão às 3 horas, verificando-se o acidente às 4:30. Entretanto, mais tarde, vim a saber que Luiz desmaiara, dizendo: "Se Carlos morrer, mato-me."

Eis, na íntegra, o que se passou. Insisto sobre a certeza de ter tido conhecimento de uma desgraça uma hora antes do acidente que a provocou. Cito-vos os nomes por inteiro, mas não desejaria que os publicásseis integralmente, pelo que vos agradeceria se lhes mencionasses apenas os prenomes.

J. P.
Saint-Paul-les-Romans (Drôme)."

(Carta 459)

CXV – "Em 1865, a cólera fazia devastações em La Seyne; para fugir ao flagelo, refugiou-se minha família em uma aldeia vizinha. Nessa aldeia residia um operário que, afrontando a epidemia reinante, ia todos os dias a La Seyne e regressava à tarde.

Uma manhã, sentindo-se fatigado, ele deixou de ir e seu filho, jovem de 15 anos, não supondo que seu pai estivesse tão gravemente indisposto, deixou-o para ir distrair-se pescando de sobre os rochedos da costa, a 8 quilômetros, esperando que seu pai se lhe fosse juntar no correr da manhã.

Às 11 horas, morria-lhe o pai, vitimado pela cólera; à mesma hora o filho estava certo de tê-lo visto sobre um rochedo próximo, fazendo-lhe sinal para que se aproximasse.

Sendo a costa um pouco escarpada nesse lugar, fizera ele uma volta para alcançar o dito rochedo; mas, à sua chegada, tinha a visão desaparecido.

Desvairado, o mancebo ganha precipitadamente o seu domicílio, perguntando logo se seu pai tinha voltado: mostraram-lhe o seu cadáver... Foi então que ele nos fez o relato de sua alucinação.

Não tendo eu próprio assistido aos últimos instantes do pai, não posso dizer se ele pediu para ver seu filho, ao morrer, e limito-me a relatar-vos o que há de preciso em minhas recordações.

Balossy
Corretor geral do fumo, em
Pont-de-Beau-Voisin (Isère).”

(Carta 462)

CXVI – “Transcorria o ano de 1850. Achavam-se recolhidas ao leito duas irmãs, quando uma delas de repente grita:

– Ah! meu Deus, meu pai!

Crendo a genitora que se trata de uma alucinação ou de um sonho, procura dissuadir sua filha daquela impressão, mas esta lhe responde:

– Estou certa de ter visto papai e ele até chegou a tocar-me com suas mãos.

Cumpre dizer que seu pai estava em Tours já há algum tempo e construía casas de madeira para a localização das feiras de Tours.

No dia seguinte a família recebeu uma carta comunicando que ele morrera em conseqüência de uma queda sofrida durante a tarde. Foi *justamente no instante de sua morte* que a aparição se deu.

L. Delanone
Rendeiro, rua do Castelo, 28. Loches.”

(Carta 468)

CXVII – “Residia eu, entre 1857 e 1858, em Paimboeuf, com minha mulher e meu filho, numa casa ocupada anteriormente por Mme. Leblanc, que transferira sua residência para Nantes.

Uma noite da primavera de 1858 (não posso precisar a data, para o que seria preciso consulta o registro civil), minha mulher e eu fomos despertados em sobressalto por grande barulho; a ambos parecia-nos que uma pesada barra de ferro acabava de ser atirada violentamente sobre o assoalho do quarto e que a nossa

cama fora fortemente sacudida. Levantando-nos incontinenti, acendemos a vela, corremos ao berço da criança e examinamos o quarto. Nada se achava aí fora de seus lugares.

No dia seguinte, ou dois dias depois, vieram dizer-nos que a Sra. Leblanc tinha morrido precisamente na noite em que fôramos despertados bruscamente, sem uma razão plausível e quase à mesma hora. Não mantínhamos relações freqüentes com essa senhora e ignorávamos estivesse ela doente.

Minha madrasta e minha cunhada, que ocupavam dois quartos por detrás do nosso, haviam-se levantado e vieram juntar-se-nos. Creio recordar-me que elas tinham sido despertadas pelo barulho e pelas exclamações que fazíamos, minha mulher e eu, e não por outra causa qualquer. Logo que verificamos coincidir a morte da Sra. Leblanc com o acontecimento que tanto nos surpreendera, minha cunhada, muito piedosa, disse:

– As almas dos mortos, ao separarem-se do corpo, vêm visitar a casa onde moraram.

E. Orieux
Inspetor e chefe honorário do
Departamento das estradas, em Nantes."

(Carta 472)

CXVIII – "Há alguns anos, em Mouzon (Ardennes), uma mulher, muito doente, mandou sua neta passar alguns dias em casa dos pais, em Sedan. Uma noite, a criança acorda, chora, chama por sua mãe, pede para vê-la, roga que a levem imediatamente para junto dela.

No dia seguinte vieram comunicar a morte da genitora, *à hora exata* em que sua filhinha a chamava e queria tanto que a levassem para perto dela.

Não me recordo nem dos nomes dessas pessoas, nem da data precisa do acontecimento, não tendo àquela época prestado grande atenção ao fato, mas posso garantir-vos essa correlação como perfeitamente autêntica.

G. Gillet
Rua Bournizet, 28, em Vouziers (Ardennes)."

(Carta 473)

CXIX – "Meu irmão, guarda militar em Cayenna, quando esteve em Bollène, licenciado, contou-me o seguinte fato:

Ele dava-se muito com um outro guarda, o Sr. Renucci. Este último tinha uma filhinha que gostava muito de meu irmão e de minha cunhada. Essa menina caiu doente. Uma noite, meu irmão, acordando, viu no fundo do quarto a pequena Lídia, que o olhava fixamente. Depois sumiu-se. Surpreso, meu irmão acordou minha cunhada e lhe disse:

– Didi (Lídia) morreu, acabo realmente de vê-la.

Não puderam mais dormir. No dia seguinte, apressou-se meu irmão em ir a casa do Sr. Renucci. A menina, com efeito, morrera no correr da noite. A hora da aparição coincidia com a da morte.

Regina Jullian
Professora em Mornas (Vaucluse)."

(Carta 475)

CXX – "O que aconteceu comigo parece ter analogia com os fatos a respeito dos quais vindes publicando tão interessantes estudos.

Meu pai achava-se enfermo e estava sendo tratado longe de nós. Apesar de o sabermos gravemente enfermo, tínhamos muita esperança em seu restabelecimento. Fôramos visitá-lo e o acháramos bem disposto, quando uma noite, acordando eu em sobressalto, *pareceu-me* que o retrato de meu pai, que estava colocado exatamente defronte do meu leito, fazia um grande movimento. Digo *pareceu-me*, porque suponho inadmissível que ele se tivesse movido. Em todo o caso, o meu primeiro olhar, levantando-me sobressaltada, foi para esse retrato que acreditei ter visto mover-se. Ao mesmo tempo experimentei tal impressão de medo que não pude mais dormir. Verifiquei a hora: era precisamente 1 hora da manhã.

Pela manhã recebemos uma carta, chamando-nos para junto de meu pai, cujo estado agravara-se subitamente. Chegamos muito

tarde. Meu pobre pai falecera à noite, à *1 hora da madrugada*, portanto no momento exato em que eu fora despertada.

Esse fato, no qual muitas vezes reflito, permanece naturalmente, em absoluto, incompreensível para mim.

Juliette Thévenet, Monte Carlo."

(Carta 478)

CXXI – "Havia oito anos que eu deixara a casa paterna, quando, na noite de 18 para 19 de janeiro de 1890, ouvi chamarem-me três vezes pelo meu nome: "Lucina, Lucina, Lucina!", ao que eu não estava acostumada, pois que em Breslau, onde eu era governanta, chamavam-me senhorita.

Esse chamado foi seguido de um ranger de porta que se fecha sobre gonzos enferrujados; reconheci esse ranger que há oito anos eu não ouvia; era o de uma porta muito velha da casa de meus pais, em Epanvillers (Suíça). Reconhecera igualmente naquele chamado a voz de minha irmã. Passei a noite toda agitada por um triste pressentimento, e no dia seguinte recebi a notícia da morte de minha irmã, ocorrida na noite de 18 para 19.

L. Roy
Misteâ-Moravia (Áustria)."

(Carta 494)

CXXII – "Eis aqui um fato que me diz muito particularmente respeito e que devo submeter aos vossos estudos de sábio, mas para o qual peço a vossa discrição absoluta, pois se trata de uma *confissão* que encerra muitas indicações suscetíveis de torná-la reconhecida ou adivinhada por algumas pessoas da minha localidade, mesmo pela família do defunto, de quem vou falar-vos.[35]

No dia da nossa primeira entrevista, tinha eu 20 anos; ele 32; nossas relações mantiveram-se durante sete anos. Nós nos amávamos ternamente.

Um dia o meu amigo anunciou-me, não sem desgosto, que sua situação, sua pobreza, etc., forçavam-no ao casamento e, no

embaraço de suas explicações, eu sentia vago desejo de que as nossas relações não fossem de todo interrompidas.

Abreviei a penosa entrevista e, mau grado à minha imensa mágoa, não tornei a ver o meu amigo, não querendo, em meu amor único e absoluto, partilhar com uma outra, e de boa vontade, esse homem que eu tanto amava.

Vim a saber, mais tarde, indiretamente, que ele estava casado e tinha um filho.

Alguns anos depois desse casamento, em uma noite de abril de 1893, *vi entrar no meu quarto uma forma humana*, cujo sexo tentei em vão descobrir; essa forma, de elevada estatura, estava envolta em um lençol branco que lhe encobria o rosto. Aterrorizada, eu a vi encaminhar-se para mim e sobre mim inclinar-se; depois senti uns lábios colarem-se aos meus, mas que lábios! jamais esquecerei a impressão que eles me produziram; não experimentei nem pressão, nem movimento, nem calor, nada mais do que frio, o frio de uma boca sem vida!

Entretanto senti um descanso, um grande bem-estar durante esse longo beijo; mas em momento algum do meu sonho, nem o nome, nem a imagem do amigo que eu perdera apresentaram-se ao meu espírito. Ao despertar, não pensei mais, ou pouco pensei nesse sonho, até o momento em que, cerca de meio-dia, percorrendo o jornal de ..., li o que se segue:

"Escrevem-nos, de X, que realizaram-se ontem as exéquias de M. J." (Vinham as qualidades do defunto); depois o artigo terminava atribuindo essa morte a uma febre tifóide causada pela surmenage conseqüente a encargos escrupulosamente desempenhados.

"Caro amigo – pensava eu –, desembaraçado das convenções mundanas vieste dizer-me que é a mim a quem amavas e ainda amas além da morte; eu te agradeço e amo-te sempre."

Tornarei a encontrá-lo? Minha alma sentir-se-á feliz em evadir-se de sua prisão para voar à sua procura.

Senhorita Z."

(Carta 498)

CXXIII – "No ano de 1866, o Sr. Paulo de L., professor de alemão em S. Petersburgo, achava-se com seu irmão em casa de sua mãe, na Prússia, a alguma distância da aldeia em que residia sua irmã, então ligeiramente enferma.

Na manhã de 17 de setembro, os dois irmãos passeavam em pleno campo. Em dado momento Paulo ouve uma voz que por duas vezes o chamou por seu nome. Na terceira vez, o irmão do Sr. L. também ouviu a voz pronunciar, muito distintamente, o nome de Paulo. Tomado de sombrio pressentimento, pois que deserto era o campo, apressaram-se os dois irmãos em voltar para casa, onde encontraram um telegrama comunicando-lhes que o estado de sua irmã havia subitamente piorado, achando-se ela em agonia.

Paulo L. e sua mãe partiram pela diligência. Na estrada, cerca de 4 horas da tarde, o Sr. L. viu subitamente passar diante de si a forma de sua irmã, que lhe roçou o corpo quando o veículo atravessava esse ponto da estrada.

Nutriu ele, então, a firme convicção de que sua irmã tinha morrido, o que comunicou à sua mãe, ao mesmo tempo em que anotava exatamente a hora em que isso se passou. À chegada, souberam que a irmã morreu à hora em que sua forma aparecera e que pela manhã ela o havia chamado muitas vezes em sua agonia.

Outros detalhes a notar: quando regressaram a casa, acharam o relógio parado na hora exata da morte; o retrato de sua irmã caíra no mesmo instante (esse retrato achava-se solidamente suspenso à parede e entretanto caiu sem arrancar o prego).

O Sr. L., cujo endereço tenho à vossa disposição, pode atestar a exatidão de todos esses fatos.

São Petersburgo, 18/30 de março de 1899.

V. Mouravieff."

(Carta 502)

CXXIV – "***A***. – Estamos em dezembro de 1875. Meu pai acabava de recolher-se ao leito para morrer no dia seguinte.

Desde muito achava-se doente, mas procurava conservar-se de pé, na crença de conjurar a morte enquanto se pudesse furtar a ir para a cama. Achava-me sentado perto do seu leito e via com mágoa anunciarem-se as primeiras manifestações da agonia. Ninguém da família estava ainda prevenido.

De repente um dos meus tios entrou em trajos de trabalho. Com a voz entrecortada, ele me disse:

– Meu irmão está muito doente?

– Julgai-o vós...

– Imagina tu que há pouquinho, voltando dos trabalhos da charrua, à noite, pareceu-me ver teu pai passeando como de costume e levando como sempre a mão ao coração, onde está o seu mal. Ele voltou-se para mim, dizendo-me: "Acabou-se tudo, Cristóvão; chega a nossa casa..." Aterrado, gritei para Júlia: "Teu tio, não vês o teu tio?..." "Estás sonhando, papai, aqui não está ninguém!" "Nesse caso – repliquei –, previne tua mãe de que não me espere; vou a D., à casa de meu irmão."

Eram 6 horas da tarde; no dia seguinte, às 5 horas, meu pai estava morto.

B. – O segundo fato passa-se em agosto de 1889. Uma noite, minha mulher e eu ceávamos tristemente: eu acabava de perder minha mãe. Em dado momento entra um homem e disse à minha mulher que sua mãe estava bem doente e que era preciso partir imediatamente; havia uma carruagem.

No dia seguinte eu recebia a notícia de que minha sogra ia bem mal e que era necessário que eu fosse. Ia partir, quando fui tomado subitamente de um terrível acesso de neurastenia; qualquer movimento me era impossível e avassalou-me uma espécie de sonolência. Eu não via nada, mas sentia-me acolá, no meio da família em lágrimas, perto do leito da agonizante, e ouvia uma voz que dizia: "Então ele não vem, Emília?" E depois uma outra voz – a da agonizante: "Ele não pode, está doente o pobre rapaz. E depois, também, para quê?"

Uma hora depois, recebia eu o fatal telegrama: "Mamãe acaba de morrer."

Dr. E. Clement, Montreux.”

(Carta 504)

CXXVI – “Meu cunhado, Jung, achava-se um dia com seu pai, seu cunhado Gauzhirt e um amigo deste último, chamado Sohnlein, em um caramanchão de seu jardim. Jung tinha perto de 12 anos, Gauzhirt e Sohnlein, 22 a 24. Todos gozavam saúde. Sohnlein disse-lhes:

– Quando eu morrer, aparecer-vos-ei *aqui mesmo*.

Alguns meses mais tarde meu cunhado Jung, estando ocupado em seus trabalhos escolares nesse caramanchão, ouviu um barulho como de uma árvore fortemente sacudida e viu frutos de uma ameixeira caírem a seu lado. Não vendo ninguém, sente-se tomado de medo, fecha seus livros e cadernos e entra em casa. Pouco depois avisaram-lhe que Sohnlein tinha morrido.

V. Schaeffer Blanck, Huningue.”

(Carta 505)

CXXVII – “Não tenho experimentado pessoalmente impressão alguma do gênero das que fazem o objeto de vosso questionário. Mas uma pessoa da minha família foi impressionada nas condições e da maneira seguinte:

Seu pai residia em Bayonne. Ela achava-se em Concórdia, na América do Sul. No dia 5 de março de 1889, às 7 horas da manhã, achando-se deitada, mas desperta, julgou ver seu pai encostado ao pé do seu leito e olhando-a com tristeza. Nesse mesmo instante, seu pai era acometido de paralisia cerebral. Vinte e seis dias depois, a 31, estava morto.

Bonnome
Recebedor-chefe das contribuições
diretas, em Mostaganem.”

(Carta 510)

CXXVIII – “Seja-me permitido assinalar-vos um fato que me parece assaz curioso. Em primeiro lugar, decidiu ele da minha vida; depois, as circunstâncias em que se verificou são verdadeiramente pouco comuns.

Em 1867 (tinha eu, então, 25 anos), no dia 17 de dezembro, acabava de deitar-me. Era perto de 11 horas e, enquanto me arrumava para dormir, pus-me a refletir. Pensava em uma jovem que eu conhecera, nas últimas férias, nos banhos de mar de Trouville. minha família conhecia a sua, muito intimamente, e tomamo-nos, Marta e eu, de uma viva afeição. Nosso casamento seria em breve realizado, quando, por questões de interesses, nossas duas famílias ficaram estremecidas, sendo necessário romper as relações que entre as mesmas existiam.

Marta seguiu para Tolosa e eu voltei para Grenoble. Continuamos, entretanto, a amarmo-nos sempre, a tal ponto que a moça recusava qualquer outro partido que se lhe apresentasse.

Nessa noite de 17 de dezembro de 1867, eu pensava, pois, em tudo isso e acabava de deitar-me, quando vi a porta do meu quarto se abrir docemente, quase sem ruído e *Marta entrar*. Estava vestida de branco, cabelos esparsos sobre as espáduas. Bateram, nesse momento, 11 horas. Isso, posso afirmá-lo, pois eu não dormia. A visão aproximou-se do meu leito, inclinou-se ligeiramente sobre mim e eu quis pegar a mão da jovem. Estava fria. Soltei um grito, o fantasma desapareceu e, quando dei acordo de mim, tinha um copo d'água na mão, o que me provocara tal sensação de frio.[36] Mas, notai-o, eu não dormia e o copo d'água estava sobre a minha mesa de cabeceira, ao meu lado. Não pude dormir. *No dia seguinte, à tarde, recebi a notícia da morte de Marta*, às 11 horas da noite, na véspera, em Tolosa. Sua última palavra tinha sido: "Jacques!"

Eis aí a minha história. Posso acrescentar que não me casei. Estou velho, mas penso sempre em minha visão. Ela embala o meu sono.

Jacques C., Grenoble."

(Carta 512)

CXXIX – "Tinha eu uma amiga de infância, Helena, a quem amava enternecidamente. Seu pai, funcionário público, foi removido para Paris. Houve necessidade de separar-nos, o que nos causou infinita mágoa. Antes de partir, Helena veio trazer-me sua fotografia, ela mesmo colocou-a em um quadro, sobre

pequena mesa do meu quarto, e prometemos uma a outra corresponder-nos freqüentemente, o que efetivamente cumprimos.

O clima da capital foi nefasto à minha pobre Helena, já de si mesmo tão delicada. Foi pouco a pouco enfraquecendo cada vez mais e dentro em breve eu soube que ficara tuberculosa. Desde esse instante e sem que ela o percebesse bem, eu acompanhava os progressos do seu mal. Um dia recebi de minha amiga uma carta alviçareira: ela estava bem melhor e esperava vir passar comigo a bela estação. Essa melhora súbita amedrontou-me um pouco; acabei depois concordando que era bem possível, em todo caso, que Helena encontrasse a cura.

O dia seguinte, isto é, 15 de abril de 1896, passei-o todo com o espírito inquieto. Não estava ainda nessa ocasião com os meus estudos concluídos. À noite, após o jantar, recolhida ao meu quarto, achava-me ocupada em resolver um problema de Geometria, com dificuldade conseguindo fixar minha atenção. Estava perto de mim a fotografia da minha amiga, sempre no mesmo lugar e meus olhos eram invencivelmente atraídos por essa imagem.

De repente vi o retrato mexer as pálpebras, abrindo a boca como se quisesse falar. Um ruído fez-me estremecer: era o meu relógio que batia 8 horas. Supondo haver sonhado, esfreguei os olhos e olhei de novo. Desta vez vi distintamente o retrato mexer com os lábios, abrir desmesuradamente os olhos, depois fechá-los em seguida lentamente, dando um suspiro.[37]

Não ousei mais olhar para a fotografia, tomei apressadamente a lâmpada, deitei-me imediatamente, embora fosse ainda muito cedo, e procurei, porém em vão, adormecer.

Pelas 10 horas, ouvi baterem ruidosamente à porta da rua. Chamei imediatamente meus pais, que estavam deitados. Era um telegrama, com estas palavras: “Helena falecida esta noite às 8 horas.”

O primeiro trem do dia seguinte levou-me a Paris, em companhia de meu pai. Propunha-me a assistir aos funerais de minha amiga e também a conhecer os detalhes dos seus últimos

instantes. Soube que no dia de sua morte ela não cessara de falar em mim, tendo mesmo dito:

– Talvez que Valentine esteja agora olhando para o meu retrato. Ela supõe-me curada e eu sinto que vou morrer.

Alguns momentos antes da hora suprema, recomendara que me avisassem logo e que me transmitissem o seu adeus. Sua última palavra fora o meu nome.

Expliquem este fato como quiserem; o que posso afirmar é que não fui vítima de uma ilusão. Jamais tive o espírito inclinado a aparições. Demais, achava-me absolutamente em meu estado normal.

Valentine C., Roanne."

(Carta 514)

CXXX – "Uma de minhas amigas de estudo (eu sou doutora) tinha ido às Índias como médica missionária. Perdemo-nos de vista, como por vezes acontece, mas nos amávamos sempre.

Na manhã de 28 para 29 de outubro (eu estava nessa ocasião em Lausanne), fui acordada antes das 6 horas por batidinhas dadas em minha porta. Meu quarto de dormir dava para um corredor que terminava na escada do primeiro andar. Eu deixava a minha porta entreaberta para que um grande gato branco, que eu possuía, pudesse ir à caça durante a noite (a casa era infestada de ratos). Repetiram-se as pancadas. A campainha não soara e eu não sentira subirem a escada.

Por acaso meus olhos pousaram sobre o gato, que ocupava seu lugar de costume ao pé da minha cama: estava ele sentado, com o pelo eriçado, tremendo e rosnando. A porta agitou-se como impelida por um ligeiro golpe de vento e vi aparecer uma forma envolta em uma espécie de tecido vaporoso branco, como um véu sobre uma sombra escura. Não pude distinguir bem o rosto. ela aproximou-se; senti um sopro glacial passar por mim, ouvi o gato rosnar furiosamente. Instintivamente fechei os olhos e quando os reabri havia tudo desaparecido. O gato tremia por todo o corpo e estava banhado de suor.[38]

Confesso que não pensei na amiga que se achava nas Índias, mas em uma outra pessoa. Cerca de 15 dias mais tarde soube da morte de minha amiga, ocorrida na noite de 29 para 30 de outubro de 1890, em Srinaghar, Kashmir. Posteriormente soube que ela sucumbira em conseqüência de uma peritonite.

Maria de Thilo
Doutora em Medicina em Saint-Jamien (Suíça).”

(Carta 519)

CXXXI – “Achava-me, certa manhã, em minha sala de jantar, apenas com uma criada. Estávamos uma e outra ocupadas na arrumação da casa. A criada, voltada de costas para mim, espanava um console. Eu arrumava as coisas que achava sobre uma mesa que nos separava. Todos em casa dormiam ainda, porque era muito cedo; dessa forma, o mais perfeito silêncio reinava em torno de nós.

De repente ouvimos um ruído que nos deu a impressão da queda de um grande pássaro que tomba pesadamente, depois de haver várias vezes batido as asas. Parecia ter-se passado isso entre nós, no meio da sala. Ambas experimentamos certa comoção. A criada voltou-se bruscamente, deixando cair o espanador que tinha em mãos, e olhou-me com um aspecto de pavor. Eu estava imóvel, estupefata e sem poder falar. No fim de alguns segundos, voltando de meu espanto, precipitei-me de um salto à janela, examinei a parte de fora: era um pátio no qual não vi nada que pudesse causar esse ruído. Querendo à viva força achar-lhe a explicação, abri duas portas: uma dava para um vestíbulo, outra para um quarto de dormir inabitado. Pesquisei, remexi por toda parte. Nada, sempre nada.

Então, sem fazer comentário algum, veio-me a idéia de mandar saber notícias de uma pessoa doente, pela qual eu me interessava e que deixara, na véspera, agonizante. Era a uma pequena distância da casa. Quando a criada regressou, disse-me:

– Ela morreu esta manhã, às 6:30.

Eram então 7 horas. Aquele estranho barulho produzira-se exatamente à hora em que a morte se verificou.

Mme. B., Nevers.”

(Carta 522)

CXXXII – “***A***. – No inverno de 1870-1871, encontrei-me uma tarde a sós com minha mãe e minha avó que deixara Saint-Etienne desde alguns dias, para vir passar um mês perto de sua filha e de sua neta; deixara seu filho Pedro, então com a idade de 35 anos, *ligeiramente indisposto*, em conseqüência de um resfriado. De forma alguma estava ela inquieta a seu respeito e, tendo há muito decidido sua viagem, veio juntar-se-nos em Marselha.

Ora, uma noite, acabávamos apenas de nos deitar, eu no mesmo quarto que minha avó e mamãe em um outro cômodo, quando um violento toque de campainha nos pôs a todos sobressaltados; eram 11 horas da noite. Levanto-me e encontro minha mãe que vinha, por seu lado, saber quem batera; encontramo-nos ambas no vestíbulo e perguntamos diversas vezes: “Quem está aí?” Sem obter resposta (e sem abrir a porta), voltamos cada uma para o seu quarto, onde nos tornamos a deitar. Minha avó permanecera em seu leito e eu a encontro sentada, um pouco sobressaltada por ver que não havíamos obtido resposta.

Apenas voltáramos a nós desse pequeno acontecimento, um novo toque de campainha, mais imperativo que o primeiro, arranca-nos de novo à nossa quietude.

Desta vez saltei da cama com a vivacidade de uma criança de 14 anos que eu era a essa época e cheguei à porta muito antes de mamãe. Pergunto quem está ali. Ninguém responde; abrimos a porta, examinamos a escada, os andares superior e inferior: sempre ninguém. Voltamos para nossos quartos, inquietos, pressentindo um acontecimento imprevisto, com o coração amarrado e após uma noite quase indormida (salvo para mim que estava na idade em que se dorme, haja o que houver), recebemos na manhã que se seguiu a essa noitada tão impressionante, o seguinte telegrama: “*Pedro morto ontem 11 noite, avisai mamãe, preparai-a para esta triste notícia.*”

B. – Em 1884, ano da cólera em Marselha, parto para Bagnères-de-Bigorre e Barèges, com meu marido e meus dois filhos. Estava eu aí há oito dias apenas, no Hotel da Europa. Uma noite sou despertada bruscamente sem causa direta; meu quarto, onde durmo sozinha, está completamente às escuras; vejo em pé, ao lado da minha cama, uma pessoa circundada de uma *auréola luminosa*; olho um pouco emocionada, como bem deveis compreender, e reconheço o cunhado de meu marido, um doutor, que me diz:

– Preveni o Adolfo de que *eu morri*.

Chamo imediatamente meu marido, deitado no quarto próximo e lhe digo:

– Acabo de ver teu cunhado que veio anunciar-me sua morte.

No dia seguinte, um telegrama nos confirma a notícia: um ataque de cólera (quando tratava de doentes pobres) levara-o em algumas horas.

Não havia no mundo natureza mais devotada por seus doentes e mais simpática.

H. Poucet
Rua do Paraíso, 514, Marselha.”

(Carta 524)

CXXXIV – “O Sr. Rigagnon, cura da Paróquia de São Marcial de Bordéus, estando em seu escritório, viu diante de si um seu irmão que residia nas colônias e que lhe disse: “*Adeus, eu morro*”.

Muito emocionado, o Sr. Rigagnon chamou os seus vigários e lhes contou o que acabava de ver. Esses senhores registraram a data e a hora da aparição, e algum tempo depois chegou a notícia da morte: esta concordava com o momento em que o Sr. Rigagnon tinha visto seu irmão diante de si. Este fato foi-me narrado por um dos vigários, que consignara o fato no momento em que este se produziu.

E. Begouin
Réaux por Jouzac (Charente-Inferior).”

(Carta 525)

CXXXV – “Meu avô morava em um castelo absolutamente isolado no meio dos bosques; mas esse castelo, de construção assaz moderna, nada tinha em si de misterioso: nem lendas, nem mesmo o “fantasma” indispensável ao renome de um autêntico castelo antigo. A irmã de meu avô desposara um médico de uma aldeia próxima.

No momento em que o fato de que vos falo se deu, meu avô estava ausente. Partira à tarde para ver seu cunhado, médico, que achava-se gravemente enfermo. Minha avó recomendara à minha mãe, a três de minhas tias e aos meus dois tios que não o esperassem, dizendo-lhes que, a menos que encontrasse seu cunhado em mais satisfatório estado, não regressaria.

Mau grado a essa recomendação e pela razão de que um dos meus tios estava de volta (creio que da Cochinchina, cuja campanha havia feito), toda a família presente conservou-se na sala de jantar conversando. Escoara-se a noite assaz rapidamente, sem fadiga para ninguém, quando, *às 2 horas, todos que se achavam na sala de jantar* (isto é, principalmente meus tios, dois soldados cépticos e corajosos) *ouviram distintamente* a porta do salão (o compartimento contíguo) fechar-se com uma violência que fez com que todos saltassem em suas cadeiras (refiro-me à porta que separava o salão do corredor situado do lado oposto à sala de jantar). Não havia possibilidade de erro, a porta que se fechava desse modo, ou pelo menos que minha família ouvira fechar-se, era uma porta vizinha. Fora bem o ruído de uma porta e de uma porta interior. Disse-me muitas vezes minha mãe:

– Ouvimos a porta fechar-se como se uma formidável lufada de vento tivesse penetrado na casa e feito bater a porta violentamente.

Essa lufada de vento, absolutamente *irreal*, como ides ver, tinha, entretanto, de *real* o fato de haverem-na mais ou menos sentido os meus parentes passar em seu rosto e também o de que, ao passar, deixou-lhes uma espécie de suor gelado, como se sente, por exemplo, em um pesadelo.

A conversação foi suspensa. Esse ruído violento da porta parecia-lhes estranho e a todos causou uma espécie de mal-estar absolutamente inexplicável. Daí a pouco meu tio se pôs a rir, vendo os semblantes espantados de sua mãe e de suas irmãs. Organiza-se logo uma caçada divertida. Meu tio, como homem corajoso, toma a frente e é um desfilar cômico, da sala de jantar para o salão. Observam a porta do salão, *aquela que, no conceito unânime dos presentes, se tinha evidentemente fechado*. Essa porta achava-se *fechada a chave e a ferrolho*. Minha família, em fila indiana, continua esse passeio em toda a casa. Todas as portas se achavam fechadas, estando as exteriores barricadas; todas as janelas fechadas; não havia corrente de ar alguma na casa, em nenhum dos andares: era impossível explicar o barulho, ao mesmo tempo tão próximo e tão estridente, de uma porta que se fecha, impelida por vento forte.

Meu avô regressa no dia seguinte, pela manhã, e participa a morte de seu cunhado.

– A que horas morreu ele?

– *Às 2 horas da manhã*.

– Às 2 horas?

– *Precisamente às 2 horas*.

O barulho da porte fora ouvido, por sete pessoas, *precisamente às 2 horas da manhã*.

René Gautier
Estudante de Ciências em Buckingham,
St John's Royal School
(Escola Real de São João)."

(Carta 527)

CXXXVI – "Um de meus amigos, o Sr. Dubreuil, em quem posso acreditar de modo absoluto, contou-me o seguinte fato:

Seu sogro, o Sr. Corbeau, engenheiro de Pontes e Calçadas, agregado ao Ministério da Marinha, fora enviado há algum tempo a Tonkin para dirigir certos serviços nessa região. Sua esposa acompanhou-o nessa viagem. Um dia, à tarde, a esposa de meu amigo viu distintamente passar, entre ela e o berço do seu

filho, que nesse momento repousava, a sombra de sua mãe, e a criança, despertada em sobressalto, chamou por sua avó, como se a tivesse visto em frente de seu leito.

Teve então Sra. Dubreuil o pressentimento da morte de sua mãe, que efetivamente ocorrera *nesse dia*, a bordo do paquete que a transportava à França. Foi enterrada em Singapura.

Posso, se o quiserdes, pedir a data exata do falecimento e o nome do navio em que se deu o óbito.

M. Hannais
Avenida Lagache, 10. Villemomble (Sena).”

(Carta 536)

CXXXVII – “Em julho de 1887, com a idade de 19 anos, encontrava-me em Toulon, concluindo meu voluntariado de um ano, no 61º de Linha, acantonado em Jeu-de-Paume. Tinha eu um irmão ternamente amado, Gabriel, dez anos mais velho que eu, desenhista do Ministério da Guerra, gravemente enfermo em Vauvert onde se encontrava, no gozo de licença, em casa de meus pais; eu o fora visitar nos últimos dias de junho, e ainda que seu estado fosse grave, não o julgava desesperador.

Na noite de 3 para 4 de julho, *cerca de 1 hora da madrugada*, levantei-me em sobressalto, com o travesseiro úmido das minhas lágrimas, tendo *a convicção absoluta* de que meu pobre irmão estava morto. E essa convicção não provinha de um sonho, porquanto eu me recordaria desse sonho mais cedo ou mais tarde, o que jamais sucedeu.

Vivo ainda aquele doloroso momento, ao escrever estas linhas. Acordando, acendi a vela que estava ao meu lado, sobre uma caixa de juntar cisco, tendo eu o hábito de estudar na cama o Manual de Manobras Militares. Eu era então cabo, o que me dava o privilégio invejado de dispor desta rústica e mal cheirosa mesa de cabeceira. Desculpai-me esses detalhes, a que recorro apenas para dar à minha exposição a maior exatidão e para demonstrar-lhe a veracidade. Constatei então que era 1 hora da madrugada.

Não me foi mais possível dormir e às 5:30 da manhã, indo aos exercícios, perguntei ao agente do Correio, sem refletir que, em Vauvert, o expediente do Telégrafo não estava aberto a essa hora matinal, se havia algum telegrama para mim. A mesma pergunta e resposta negativa ao voltar dos exercícios; e, no momento em que, de volta ao alojamento, eu desafivelava o cinturão, um homem da guarda me entregou o seguinte telegrama, enviado por meu pai: "Gabriel falecido. Venha imediatamente. Coragem."

Graças à gentileza de meu capitão, pude tomar o trem às 2:18 e, chegando a Vauvert, soube que meu irmão havia morrido nessa noite, *à 1 hora da madrugada*.

O pesar ocasionou-me, alguns dias depois, uma comoção cerebral e desde então, há doze anos, fico todos os anos gravemente enfermo por essa mesma época.

Camilo Orengo
Perito junto aos Tribunais, em Nimes."

(Carta 537)

CXXXVIII – "Ouvi o fato seguinte narrado por uma pessoa com a qual embarquei na *Melpomene* e de quem a narrativa inspira-me toda a confiança (o Sr. Jochoud du Plessix, 1º tenente da Marinha).

Há cerca de seis ou sete anos, ainda como 2º tenente, tendo sido designado para o Senegal, esse oficial foi, com alguns dias de licença, para casa de seus pais, domiciliados em uma vila nas proximidades de Nantes. Subindo a aléia principal do jardim que conduzia à vila, teve ele a visão clara e muito nítida de um ataúde que descia por esta aléia.

Nessa mesma noite sua mãe subitamente morria nessa vila, sem que coisa alguma denunciasse esse trágico fim.

Norès
Sub-comissário da Marinha a bordo
da fragata Melpomene, em Brest."

(Carta 538)

CXXXIX – "***A***. – Certa noite, à 1 hora da madrugada, fomos, Marta e eu, acordados por um barulho extraordinário em nosso próprio quarto, barulho de ferragens, como se estivessem arrastando correntes pelo assoalho. Levantei-me e não constatei coisa alguma de insólito no apartamento.

Pela manhã, meus pais e uma outra pessoa, que dormiam no andar térreo, pediram-me a explicação do barulho produzido no andar superior. Tais rumores foram, portanto, ouvidos por cinco pessoas.

No correr da manhã desse mesmo dia, vieram-nos participar que uma nossa prima, tendo subitamente adoecido, morrera à noite.

B. – Há dois anos, estávamos ainda deitados pelas 5 horas da manhã, quando fomos despertados por três batidinhas dadas discretamente em uma tábua encostada na parede, ao longo da cama.

Depois de acordados, foram essas três batidas distintamente repetidas.

Tínhamos uma tia afetada de uma doença debilitante e o nosso primeiro pensamento foi que essa tia morrera. Um quarto de hora, talvez, após essa manifestação, bateram à porta para avisar-nos de que ela estava morrendo. Antes de chegarmos ao seu domicílio, cessara de viver.

Depois dessas comunicações de agonizantes, cito um caso telepático, de outra ordem, mas igualmente verdadeiro.

C. – Camilo estava no liceu de Chaumont. Pelas 5 horas da manhã sua mãe desperta, dizendo-me

– Ouço Camilo chorar, ele chama-me.

Ao que respondo:

– Tu sonhas!

Mas no dia seguinte recebemos uma carta participando que a criança havia passado a noite a chorar com dor de dentes.

vosso primo afeiçoado

Habert-Bollée, Nogent (Alto-Marne).”

(Carta 542)

CXLII – “***A***. – Achando-se na cozinha, a preparar o repasto da noite, minha mãe viu passar diversas vezes pela frente sua mãe, minha avó, que ela há muitos anos não via. No dia seguinte uma carta participava-lhe, não a morte, mas a agonia de sua mãe. Ela chegou justamente a tempo de fechar-lhe os olhos.

B. – Dando-me minha mãe o peito, à noite, por volta das 2 horas da madrugada, avistou meu avô paterno em um ângulo do quarto, ao mesmo tempo em que ouvia um ruído semelhante ao que produz *um corpo caindo n’água*.

Amedrontada, ela acordou meu pai que, nenhuma importância ligando a essa visão, tornou logo a dormir. Algumas horas depois um telegrama comunicava que meu avô *se tinha afogado* ao tentar subir, ou antes, ao descer de seu barco. Havia ele partido de sua casa um pouco antes das 2 horas da manhã.

Simon
Rua Muller, 40, Paris.”

(Carta 549)

CXLIV – “Em 1835 meus avós residiam em uma casa de campo em Saint-Maurice, perto de La Rochelle.

Meu pai, o primogênito da família, era 2º tenente na Argélia, onde passou dez anos em meio das fadigas e dos perigos dos primeiros tempos da conquista.

O entusiasmo do perigo, a vivacidade das narrativas contidas em suas cartas, deram a seu irmão Camilo o desejo de viver com ele. Desembarcou em Argel, como sub-oficial, em abril de 1835 e não tardou a reunir-se a meu pai, em Oran, tomando parte em uma expedição contra Abd-el-Kader no fim de junho.

Foram os franceses obrigados a bater em retirada para Arzem e perderam muitos homens na travessia dos pântanos de Maeta. Meu tio foi aí ferido com três tiros, sem gravidade. Mas, no bivaque, um soldado francês, estando a limpar sua arma, sucedeu que esta detonasse, indo a bala ferir meu tio na coxa. Necessário

foi submeter-se ele a operação. Quando terminou esta, uma crise espasmódica o fulminou. Nesse tempo não eram rápidas as comunicações e minha avó ignorava todos esses fatos.

Segundo um costume muito espalhado nessa época, minha avó possuía em seu quarto de hóspedes, no primeiro andar, um serviço para café, em porcelana, disposto como ornato sobre o fogão.

De repente, em pleno dia, um barulho espantoso produziu-se nesse quarto. Minha avó subiu precipitadamente, seguida de sua criada. Qual não foi a sua estupefação à vista do espetáculo que as esperava! Todas as peças do serviço de café jaziam em pedaços no assoalho, ao lado do fogão, como se tivessem sido varridas para o mesmo ponto. Minha avó sentiu-se aterrada e teve a impressão de que a atingira uma desgraça.

Foi passada uma inspeção minuciosa em todo o quarto, mas nenhuma das hipóteses apresentadas à minha avó, para acalmar a sua emoção, pareceu-lhe aceitável: uma violenta corrente de ar, a passagem de ratos ou de um gato inadvertidamente trancado no quarto, etc... O aposento, com efeito, estava absolutamente fechado; impossível, portanto, qualquer corrente de ar. Ratos, tanto quanto um gato, não teriam podido quebrar e reunir em um mesmo lugar todas as peças de porcelana dispostas ao longo do fogão.

Não havia em casa absolutamente ninguém mais do que meu avô, minha avó e sua criada.

O primeiro correio da África trouxe aos meus avós a notícia da morte de seu filho, ocorrida exatamente no dia em que se quebrara o aparelho de porcelana.[39]

J. Meyer, Niort."

(Carta 555)

CXLV – "Eis aqui um fato extraordinário e autêntico que obtive de fonte absolutamente certa. Meus pais foram um dia chamados para junto de um vizinho agonizante. Eles para lá se dirigiram e tomaram lugar no meio de um círculo de vizinhos e amigos reunidos que em silêncio esperavam o triste desenlace.

De súbito, em um relógio suspenso à parede, e que estava há muitos anos parado, fez-se ouvir um rumor inusitado, um ruído surdo, semelhante a marteladas brandidas sobre uma bigorna. Os assistentes levantaram-se aterrados, uns aos outros perguntando o que significava aquele barulho.

– Bem o vedes – respondeu alguém, designando o moribundo.

Pouco depois este exalava o último suspiro.

H. Faber
Engenheiro agrônomo em Bissen (Luxemburgo).”

(Carta 566)

CXLVI – “Um senhor que eu aqui conhecia contava-me, há algum tempo, as circunstâncias que se relacionavam com a morte de sua mãe. Era um domingo, à hora do serviço religioso. Ela o deixa, para ir à igreja, parecendo tão bem disposta como de costume; uma hora depois ele sai para ir ver um de seus amigos, morador na mesma rua. Quando chegava perto da casa, viu no céu como que uma grande cruz de ouro e sentiu-se ao mesmo tempo penetrado de uma tal agonia, que não entrou em casa de seu amigo e voltou para trás.

Teria feito uma centena de passos, quando foi detido por uma senhora do seu conhecimento que lhe diz:

– Viste vossa mãe? Espero que não seja mais do que um desmaio, mas foi preciso transportá-la da igreja.

Ela voltou correndo para casa: sua mãe estava morta.

O. Lenglet, Mitan (Courlande).”

(Carta 590)

CXLVII – “Meu pai, falecido no mês de junho último, referiu-me várias vezes o seguinte fato que provocou, entre ele e eu, imensas discussões:

Sendo jovem e residindo em Champsecret, no Orne, estava ele empregado em uma fábrica de telhas onde havia sempre à noite dois homens de guarda. Certa noite em que ele substituía um empregado doente, estando a conversar tranqüilamente com seu camarada de guarda, ouviu distintamente passos que, provindo

diretamente da rua, pareciam seguir o atalho que ligava a rua à fábrica.

Ele e seu camarada entreolharam-se espantados, sem ousarem logo falar. Tiveram a impressão de que um homem viera tocá-los, depois os passos se fizeram ouvir de novo, mas desta vez afastando-se. Veio-lhes então a idéia de que seu camarada, cujos passos reconheceram, teria morrido.

No dia seguinte souberam que o referido camarada morrera à noite, em hora que correspondia àquela em que ouviram o ruído de passos.

Minha mãe poderia certamente dizer-me os nomes do morto e do camarada de meu pai, caso isso vos interesse.

Eug. Bonhomme
Avenida Parmentier, 99, Paris."

(Carta 592)

CXLVIII – "Quando eu tinha cerca de 6 anos de idade, morava em uma casa do Jura suíço; já eu dormia há várias horas, quando fui despertado, assim como meu pai, minha mãe e minhas quatro irmãs, por uma voz que chamava meu pai Floriano, a princípio muito forte, uma segunda vez menos forte e uma terceira vez ainda mais fraca. Disse meu pai:

– É a voz de Renaud – (seu amigo residente em Paris) e, levantando-se, foi abrir a porta.

Ninguém! Sobre a neve nenhuma pegada. Pouco tempo depois recebeu meu pai uma carta comunicando-lhe que seu amigo Renaud tinha sido esmagado por um ônibus e que antes de morrer pronunciara várias vezes seu nome.

Jh. Junod
Escritório de Smala Ecles e Cia., Odessa (Rússia)."

(Carta 595)

CXLIX – "Meu avô materno, Francisco M., nascido em Sain-O., falecido em A., no ano de 1882, na idade de 80 anos, estando na sua juventude em Paris, onde trabalhava, como oficial de alfaiate, na rua do Arrabalde Santo Honório, se não me falha a

memória, foi acordado uma noite, às 11 horas, por três batidas muito distintamente dadas na porta de seu quarto. Admirado, ergue-se ele, acende uma lâmpada, abre a porta, mas não avista ninguém. Supondo que um brincalhão de mau gosto fosse o autor desse logro, torna ele a deitar-se praguejando, mas três outras batidas são dadas ainda na porta.

Levanta-se então bruscamente, contando fazer pagar muito caro ao importuno sua brincadeira de mau gosto, mas, apesar de todas as buscas a que se aplica, quer no vestíbulo, quer na escada, verifica ser-lhe impossível saber de que lado desapareceu o burlão. Pela terceira vez, achando-se de novo na cama, foram dados novamente três batidas na porta. Desta vez um pressentimento levou meu avô a supor que esse ruído inexplicável podia ser atribuído à alma de sua mãe, ainda que, pelas notícias anteriormente recebidas de sua família, nada o induzisse a fazer semelhante suposição. Cinco a seis dias depois dessa manifestação, chegou-lhe uma carta, procedente de seu país, anunciando-lhe a morte de sua mãe, ocorrida precisamente à hora em que ele ouvira as batidas.

No instante da morte, sua mãe, que tinha uma afeição especial por ele, insistira para que se levasse ao seu leito um vestido que seu "alfaiate de Paris" lhe enviara de presente algum tempo antes.

E. Deschaux, Abrets (Isère)."

(Carta 609)

CL – "O pai de minha sogra contava entre os seus operários um mau sujeito que ele teve de dispensar, dizendo-lhe:

– Tu acabarás na forca.

Um ano ou dois (a época exata não pôde ser fixada), após sua partida, o avô de minha mulher achava-se, certa manhã, com sua família à mesa do almoço, quando se voltou bruscamente perguntando:

– Quem está aí, que querem de mim?

Surpresa com a pergunta e não sabendo o que ele queria dizer, pediu-lhe a família uma explicação. Ele respondeu:

– Acabam, entretanto, de dizer-me em alta voz: "*Adeus, patrão!*"

Nenhuma das outras pessoas presentes ouvira, porém, o que quer que fosse. Cinco ou seis horas mais tarde, o avô de minha mulher soube que seu operário despedido tinha sido encontrado enforcado em uma árvore da floresta próxima à cidade.

Eis o fato tal qual me foi contado. Minha sogra lembra-se dele ainda muito bem: posso garantir-vos a sua autenticidade.

Suponho que no momento de passar no pescoço o nó corrediço, ter-se-ia lembrado o operário da predição de seu antigo patrão e enviar-lhe-ia, deixando a vida, um "adeus, patrão", que foi ouvido por aquele a quem esse adeus era dirigido.

Passou-se o fato em Mulhouse, na minha cidade natal, em 1854 ou 1855.

Emile Steffan, Enskeim (Palatinado)."

(Carta 610)

CLI – "Tinha eu então 10 ou 11 anos (hoje tenho 34 anos e 4 meses), vivia com meu pai e minha mãe em casa de meu irmão mais velho, cura de uma pequena aldeia perto de Pont-Saint-Esprit (Gard). Nessa época eu tinha uma verdadeira paixão pelos pássaros.

Ora, uma noite, recolhendo-me após o jantar, disse à minha mãe que me segurava na mão:

– Escuta, mamãe, ouço o grito de um grande pássaro no porão; desçamos para apanhá-lo (para ir aos quartos era necessário passar diante da porta da escada que levava ao porão).

– Estás enganado – respondeu minha mãe.

– Não, eu não me engano; trata-se de um grande pássaro – mas não insisti.

No dia seguinte à noite e à mesma hora, indo deitar-me, o mesmo grito de ave, percebido pelos meus ouvidos de criança, a mesma negativa por parte de minha mãe.

Desta vez, impelido pelo meu amor aos pássaros, insisti, bati os pés e puxei minha mãe pela mão. Ela acabou, *a contragosto*, por ceder à minha obstinada vontade. Descemos, minha mãe e eu (ela submissa ao meu capricho) ao porão, ou antes, aos porões que se estendiam sob o presbitério. Percorremo-los um após outro. O grito de um grande pássaro continuava sempre distinto, mas mudando de lugar. Ora parecia sair de baixo dos feixes de lenha, ora de detrás dos barris, etc.

Deixei a mão de minha mãe e pus-me a perseguir... esse grito; pois que absolutamente não via pássaro algum, nem ouvia o batido de suas asas, nem o rumor de sua carreira. Minha mãe, sob a impressão do terror (ela era muito supersticiosa), tornou a agarrar-me pela mão e obrigou-me a subir a escada.

No correr do dia seguinte, recebia meu irmão uma carta anunciando-lhe a morte de um de nossos tios. Então minha mãe logo exclamou:

– O grande pássaro que Luís ouvira ontem e anteontem devia ser a alma de teu tio que reclamava sua missa – (meu irmão tinha o hábito de dizer uma missa por qualquer de seus parentes de cuja morte fosse sabedor).

Meu irmão e eu pusemo-nos a rir da explicação de minha pobre mãe. E desde esse tempo ninguém mais se lembrou do grande pássaro.

Luís Talhaud
Cura de Colombiers. Bagnols-sur-Cèze (Gard).”

(Carta 639)

CLII – “Estava um de meus primos gravemente enfermo com febre tifóide; meus pais não deixavam a sua cabeceira, velando-o dia e noite. Uma noite, porém, achando-se ambos exaustos, a enfermeira obrigou-os a ter um pouco de repouso, prometendo-lhes vir procurá-los ao menor alarme.

Dormiam eles profundamente desde alguns instantes quando, de repente, são despertados, em sobressalto, devido à porta do quarto que se estava abrindo, porém docemente. Meu tio pergunta:

– Quem está aí?

Minha tia, convencida de que vinham procurá-los, levanta-se precipitadamente, mas, apenas se senta na cama, sente que alguém a abraça, fortemente, dizendo:

– *Sou eu, mamãe, que me vou, mas não chores. Adeus*.

E a porta fecha-se de novo muito docemente. Apenas refeita de sua emoção, corre minha tia ao quarto de seu filho, onde seu marido a precedera. Lá verificou que meu primo acabava de dar o último suspiro, exatamente naquele instante.

M. Ackeret, Argel."

(Carta 669)

CLIII – "Julgo-me no dever de citar-vos o caso de que fui testemunha em 1886. Era eu tenente em São Luís do Senegal. Uma noite, após algumas horas passadas em companhia de alguns intrépidos e alegres camaradas, deitei-me às 11 horas pouco mais ou menos. Ao cabo de poucos instantes adormeci. De repente, sinto como que uma forte pressão sobre o peito e me vejo bruscamente sacudido; ergo-me sobre um dos cotovelos, esfregando os olhos, pois que ali tenho, diante de mim, a minha avó. Contempla-me a excelente criatura com as pupilas quase extintas e escuto, sim, escuto sua voz débil dizer-me:

– *Vim dizer-te adeus, meu querido menino, tu não me verás mais...*

Eu estava estupefato e, para bem assegurar-me de que não sonhava, fiz em alta voz esta reflexão: "Vejamos! isto não é um sonho", e me levantei. Durara a aparição alguns segundos.

Por um dos correios seguintes soube, da parte de minha família, a quem escrevera relatando esse fenômeno de telepatia, que minha avó, na idade de 76 anos, morrera em Rochefort. Suas últimas palavras tinham sido para mim:

– Não o verei mais – repetia ela sem cessar.

Sobreviera a morte às 11:30 da noite em que eu a vira e, se levarmos em conta a diferença de longitude, foi esse *precisamente o momento* em que minha avó me apareceu.

Sabia que minha avó achava-se enfraquecida, pela idade e pela doença; não tinha, porém, grande desassossego a respeito de seu estado. Tal é o caso que posso garantir-vos rigorosamente exato.

Julien Lagarrue
Capitão de Infantaria de Marinha, em Hanoi."

(Carta 705)

CLIV – "Em abril de 1892, estava eu empregado como chefe de obras na manufatura de vidros de Saint Gobain. Era pouco inclinado a crer no maravilhoso, e se por vezes ouvia alguma narrativa dessa natureza, atribuía a uma alucinação a impressão que lhe servia de causa. Foi preciso, portanto, que diversas pessoas, separadamente interrogadas, tivessem sido testemunhas do seguinte fato, para que eu lhe tenha podido dar importância.

Estava minha mulher assentada na soleira "A" de uma porta que punha o meu alojamento em comunicação com uma pequena terrasse, situada ao rés do chão, onde trabalhava por minha conta uma cardadeira de colchões.[40]

Pelas 3 horas, ambas ouviram três batidas muito distintas, dadas na porta "B" de um gabinete, situado a um metro da soleira "A". Muito surpresas com esse ruído que nada parecia justificar, porquanto ninguém se encontrava no apartamento, fizeram elas uma troca de observações sobre fatos semelhantes, de que tinham ouvido falar. Disse a cardadeira à minha mulher que um de nossos parentes estava muito mal e que seu espírito nos pedia socorro. No dia seguinte, à mesma hora, elas estavam no mesmo lugar, e a criada lavava roupa no terraço. O incidente da véspera fora esquecido. De súbito, essas três pessoas ouviram exatamente o ruído da véspera: três batidas dadas na porta "B" do gabinete. Sua surpresa tornou-se em estupefação; durante muito tempo a criada não quis mais ficar sozinha em casa.

Soubemos no dia seguinte, por uma carta, que uma de minhas velhas tias, muito devota, Angélica Bertrand, morrera em Pertuis (Vaucluse), há dois dias, em 5 de abril de 1892.

Arland, Rua Bleue, 78 (Marselha)."

(Carta 714)

CLV – “Teria eu meus doze anos. Meu pai, um dos heróis de Sidi-Brahim, passara a noite e uma parte do dia à cabeceira de sua mãe, gravemente enferma. Depois voltara para casa. Pelas 4 horas da tarde, veio um de meus tios procurá-lo, dizendo-lhe que ela estava pior e que manifestava o desejo de ver seus dois netinhos. Meu pai quis levar-nos. Meu irmão mais moço dispôs-se a ir voluntariamente, mas eu me recusei de tal modo, que não houve o que pudesse abalar a minha resolução, tudo isso porque eu tinha um enorme pavor dos mortos.

Fiquei, pois, sozinho em casa com minha pobre mãe, que após a ceia me fez deitar, ao que eu não queria submeter-me, por causa do medo em que me encontrava. Decidiu-se ela, então, a fazer-me dormir em sua cama, prometendo vir em breve fazer-me companhia.

Pelas 7:30 horas, recebi *um sopapo de extraordinária violência*. Pus-me a gritar; minha mãe acudiu imediatamente aos meus gritos, perguntando-me o que eu tinha. Respondi-lhe que fora esbofeteado, estando a face a doer-me; constatou, de resto, minha mãe que eu estava com a face vermelha e inchada.

Inquieta com o que se acabava de passar, minha mãe impacientava-se pela volta de meu pai e de meu irmão. Não foi senão pelas 9 horas que meu pai entrou; imediatamente narrou-lhe minha mãe o que me havia sucedido e, quando lhe disse ela a hora, respondeu meu pai:

– Foi precisamente nessa hora que sua avó exalou o último suspiro.

Conservei na face direita, durante mais de seis meses, a marca de uma mão direita que estava bem visível, sobretudo depois de haver brincado, quando o rosto é mais vermelho, constatação que foi feita por centenas de pessoas, sendo branco o sinal da mão.

A. Michel
Tintureiro na fábrica de
Valabre Entraignes (Vaucluse).”

(Carta 715

CLVI – “Em 31 de maio de 1895, meu filho mais velho, engajado como voluntário há menos de seis meses no 1º de Hussards, em Valence, participava das manobras realizadas por seu regimento. Estando nos postos de vanguarda, marchava ele ao passo de seu cavalo, observando a região ocupada pelo suposto inimigo, quando de improviso, de uma emboscada situada à margem do estreito caminho percorrido, parte um tiro de fuzil que atingiu meu desgraçado filho em pleno peito. A morte foi quase fulminante.

O involuntário autor desse fatal acidente, vendo seu camarada abandonar as rédeas e inclinar-se sobre o pescoço de seu cavalo, correu para ele, a fim de sustentá-lo, e pôde recolher as últimas palavras que o agonizante balbuciou em um último suspiro:

– Fizeste-me bastante mal... mas eu te perdôo. Por Deus e pela pátria, sempre... sempre... presente!

Depois expirou. Ora, nesse mesmo dia, 31 de maio de 1895, pelas 9:30 da manhã, enquanto minha mulher se ocupava nos cuidados da casa, nossa filhinha, então com a idade de 2 anos e meio, aproximando-se de sua mãe, disse-lhe em sua linguagem infantil:

– Olha, mamãe, o padrinho! – (meu filho mais velho era o padrinho de sua irmã).

– Sim, minha querida, diverte-se – respondeu-lhe sua mãe, que naquele momento não ligou importância às palavras da criança.

Mas a pequena, diante da indiferença de sua mãe, redobrou de insistência e acrescentou:

– Mas mamãe, vem ver o padrinho... *Olha, lá está ele*. Oh! como está bem vestido!

Notou minha mulher que, falando-lhe assim, estava a criança como que transfigurada. No momento sentiu-se ela emocionada, mas esqueceu logo esse incidente que durou apenas alguns minutos e não foi senão dois ou três dias depois que se recordou ela de todos os detalhes do ocorrido.

Um pouco antes do meio-dia recebemos um telegrama avisando-nos do terrível acidente que sucedera ao nosso filho bem-amado, e eu soube mais tarde que a morte sobreviera pelas 8 horas.

Rougê
Vila das Tílias, em Salon (Bocas do Ródano).”

(Carta 751)

CLVII – “Por volta das 9 horas de uma certa noite, achavam-se todos ainda levantados em nossa casa. Minha irmã, de 17 anos de idade, passando por um corredor, viu, sob um bico de gás aceso, uma bela e robusta menina que ela não conhecia, vestida como camponesa. A aparição aterrou-a e ela começou a gritar.

No dia seguinte, a cozinheira, moça de 25 anos, contou à minha mãe que na véspera, pelas 9 horas, quando acabava de deitar-se, vira diante de si uma de suas amigas, jovem camponesa, cujos traços correspondiam aos da aparição.

Soube-se logo depois que *essa camponesa morrera precisamente no mencionado dia*.

Condessa Amélia Carandine Parela, Itália.”

(Carta 787)

CLVIII – “Estudante na Universidade de Kieff, já então casado, fui passar o verão no campo, em casa de minha irmã, residente em uma localidade pouco distante de Pskom. Regressando, via Moscou, minha adorada esposa caiu subitamente atacada de influenza e, mau grado sua extrema juventude, ficou rapidamente prostrada. Uma paralisia do coração levou-a de súbito, como fulminada por um raio.

Não tentarei descrever-vos minha dor e meu desespero. Mas eis o que suponho dever indicar ao vosso saber, problema cuja solução desejo ardentemente encontrar.

Residia meu pai em Poulkovo. Ignorava a doença de sua encantadora nora e sabia que se encontrava ela comigo em Moscou. Qual não foi sua surpresa vendo-a *ao seu lado*, ao sair ele de casa, *acompanhando-o* por um instante! Ela desapareceu

subitamente. Tomado de espanto e de agonia, dirigiu-me ele na mesma hora um telegrama pedindo informações a respeito da saúde de minha querida companheira. Era o próprio dia de sua morte...

Ser-vos-ia reconhecido por toda a vida, se me pudésseis explicar esse fato extraordinário.

Wenecien Bililowsky
Estudante de Medicina, Nikolskaja, 21 (Kieff).”

Eis aí narrativas seguramente muito numerosas e que parecem por vezes repetir-se, ainda que em realidade sejam elas muito variadas. Acrescentar-lhes-emos aqui ainda algumas outras, cuja leitura não será menos interessante e instrutiva do que a das primeiras, para o nosso inquérito. Quer-nos parecer que, lendo-as, a instrução de cada leitor ir-se-á fazendo *gradualmente* e com segurança neste novo ramo de estudos.

A Sra. Adam escrevia recentemente, a 29 de novembro de 1898, ao Sr. Gaston Méry, em resposta a uma enquete que ele empreendera sobre o “maravilhoso”:

CLIX – “Eu fora educada por minha avó. Adorava-a. Conquanto estivesse gravemente enferma, ocultavam-me sua doença, pela razão de que, estando eu no período de amamentação de minha filha, temia-se que me fosse prejudicial um pesar muito violento.

Certa noite, às 10 horas, apenas uma lamparina aclarava meu quarto. Já adormecida, mas despertada pelo choro de minha filha, vi minha avó ao pé de minha cama e gritei:

– Que alegria, vovó, de te ver!

Ela não me respondeu e levou a mão à órbita de seus olhos. vi dois grandes buracos vazios! Arrojei-me para fora da cama e corri para minha avó: no momento em que eu ia apertá-la em meus braços, o fantasma desapareceu.

Nesse mesmo dia, às 8 horas da noite, minha avó estava morta.”

O Sr. Jules Claretie escrevia, a seu turno, em resposta ao mesmo inquérito (1º de dezembro de 1898):

CLX – “***A***. – Tínhamos em Radevant, no Perigord, em casa de meu avô, um velho caseiro chamado Montpezat, que veio certa noite acordar meu avô, dizendo-lhe: “A Sra. Pélissier morreu! Ela acaba de morrer! *Eu a vi*.

A Sra. Pélissier era irmã de meu avô, casada em Paris e, nesse tempo (ao tempo das diligências), eram precisos quatro dias, creio, para que uma carta chegasse ao centro de Perigord. Não havia telégrafos, naturalmente. Ora, soube-se em Radevant que *na mesma noite e na mesma hora* em que Montpezat se levantara assombrado, após ter visto aparecer-lhe a Sra. Pélissier, minha avó morria em Paris, à rua do Senhor Príncipe.

B. – Outra tradição relacionada à minha avó materna:

Um de meus tios-avós era soldado, capitão da guarda. Sua mãe e seus irmãos residiam em Nantes. Quando ele vinha vê-los, tinha por hábito bater na vidraça do rês do chão, como que para dizer: “Eis-me aqui.”

Uma noite, achando-se toda a família reunida, batem na vidraça. Minha bisavó levanta-se jubilosa.

– É ele! ele volta do Exército!

Correm à porta: ninguém. Ora, *a essa mesma hora meu tio-avô era morto* por um soldado de infantaria tirolês, em Wagram, num dos últimos tiros da refrega. Lá tenho eu sua cruz de honra, pequenina, para ele destacada do peito do Imperador que lha conferiu no campo de batalha, e a carta de seu coronel, que acompanhou essa distinção.

À hora em que, por não sei que alucinação do ouvido, partilhada pela mãe e por seus filhos, escutava-se em Nantes o bater de mãos invisíveis na vidraça, tombava o ausente e morria em Wagram.”

A seguinte narrativa foi feita ao Sr. Henriquet, arquiteto, em presença do Sr. Eymar La Peyre, redator-chefe do jornal *O Independente*, de Bergerac, pelo Sr. Montegout, sub-diretor da Colônia Penitenciária de Saint-Maurice-du-Maroni (Guiana francesa), natural de Saint-Alvère (Dordogne) e camarada de infância do deputado La Mothe Pradelle:

CLXII – “A 4 de fevereiro de 1888, o Sr. Montegout levantou-se pela manhã, para o seu giro de inspeção à colônia. Quando regressou, à hora do almoço, disse-lhe a esposa:

– La Mothe Pradelle morreu.

Tomado, em começo, de surpresa por essa brusca notícia, depressa ele se tranqüilizou quando a Sra. Montegout lhe contou o que se segue:

Tendo-se levantado, no correr da noite, viu, ao abrir os olhos, diante de si o Sr. La Mothe Pradelle que lhe apertara a mão e dissera: *Acabo de morrer, adeus!*

Ouvindo esta narrativa, o Sr. Montegout riu-se muito de sua mulher e lhe disse que ela sonhara com tudo isso. Esta, por seu lado, jurava que não dormia por ocasião da aparição. Um ou dois dias depois, há um jantar em casa do Sr. Montegout. Contou este último o fato aos seus convivas, que se puseram a rir da Sra. Montegout. Mas o diretor da colônia declarou acreditar na realidade da aparição e, por conseguinte, na morte do deputado.

A discussão foi viva e terminou com a aposta de um jantar. Seis ou oito semanas mais tarde, chegou à colônia o exemplar do *Independente*, de Bergerac, que noticiada haver o Sr. de La Mothe Pradele, deputado da Dordogne, falecido na noite de 3 para 4 de fevereiro de 1888.”

Tal a narrativa feita ao Sr. Henriquet pelo Sr. Montegout e confirmada, por outro lado, pela própria Sra. Montegout.

Este caso, não menos preciso e não menos seguro que os precedentes, foi extraído dos *Annales des Sciences Psychiques* (1894, pág. 65). Aqui está um outro, tirado da mesma publicação (1895, pág. 200) e cuja narrativa foi endereçada de Montélimar ao Dr. Dariex, pelo Sr. Riondel, advogado naquela cidade.

CLXIII – “Tinha eu um irmão muito mais moço (morreu ele, aos 40 anos de idade, em 2 de abril último) que era empregado das linhas telegráficas em Marselha, e agente da Companhia “Messageries Maritimes”.

Anemiado por uma demasiado longa permanência nas colônias, meu pobre irmão contraíra as febres palustres, das

quais veio, aliás, a sucumbir, sem que se pudesse prever um desfecho tão rápido e fulminante.

No domingo, 1º de abril último, recebi carta dele, informando-me que seu estado de saúde era excelente. Na noite desse mesmo dia, isto é, de domingo para segunda-feira, fui subitamente despertado por um ruído insólito e violento, semelhante ao rolar de uma pedra sobre o assoalho do quarto apenas ocupado por mim e que é fechado a chave. Eram, ou antes, constatei que em meu relógio e em meu despertador *eram 2:15*. Inútil acrescentar que ao levantar-me procurei o objeto que me havia despertado, com um sentimento de terror de que não me pude livrar.

Às 8 horas da manhã, recebia de um íntimo amigo de meu irmão, residente em um compartimento contíguo ao seu, no 2º andar do número 95, da rua da República, em Marselha, um telegrama informando-me de que meu irmão se achava gravemente enfermo, sendo-me necessário ir para junto dele pelo primeiro expresso.

Quando cheguei à casa de meu irmão, soube que ele falecera à noite, sem agonia, sem sofrimento, sem proferir uma única palavra.

Informei-me da hora exata da sua morte, com o amigo em cujos braços ele expirou. Fora precisamente à *1:45*, marcada no relógio, que meu irmão rendera o espírito."

Outro caso não menos notável: o Sr. Ch. Beaugrand escrevia recentemente ao Dr. Dariex:[41]

CLXIV – "M. G., oficial da Marinha Mercante, tem um irmão com o qual está em muito más relações. Chegaram mesmo a cortar por completo todas as relações. M. G., que navega como imediato, regressa de Haiti ao Havre. No curso da viagem, como ele adormecesse, uma noite, logo após a terminação do seu quarto, sente de súbito sua maca violentamente sacudida e ouve por duas vezes chamarem-no pelo seu prenome:

– Emanuel! Emanuel!

Acorda em sobressalto, crendo, desde logo, tratar-se de uma brincadeira. Depois, mudando de parecer, recorda-se de que, a

bordo, só o capitão conhece o seu prenome. Levanta-se, então, e vai procurar este último, que lhe diz não o ter chamado, fazendo-lhe mesmo notar que não o designa jamais por seu prenome. O oficial volta para a sua maca, de novo adormece e ao cabo de alguns instantes a mesma audição se produz pela segunda vez, julgando ele reconhecer a voz de seu irmão. Então senta-se no leito, decidido a não mais tornar a dormir. *Pela terceira vez* a mesma voz o chama. Levanta-se imediatamente e, para afastar esta obsessão, instala-se em sua mesa de trabalho, onde toma nota exatamente do dia e da hora em que se deu o fenômeno.

Alguns dias depois, chega o navio ao Havre. Um dos amigos do oficial, com o semblante consternado, sobe a bordo; avistando-o de longe, grita-lhe este:

– Não me digas nada! Sei o que me vens participar. Meu irmão faleceu em tal dia e a tal hora!

Era rigorosamente exato. O irmão de M. G. morrera chamando-o e exprimindo seu pesar de não mais o tornar a ver.

M. G. é morto há muitos anos. Este fato me foi contado ultimamente, *separadamente* – o que é uma garantia da veracidade da narração – por seus dois filhos. Um deles é um dos mais brilhantes advogados do Foro do Havre; o outro, 1º tenente da Marinha, reformado. O que me contaram, ouviram-no da própria boca de seu pai e o testemunho deles não poderia ser posto em dúvida."

Tais fenômenos de aparição a distância, no momento da morte, foram, há alguns anos, na Inglaterra, objeto de uma *investigação* independente, feita por sábios cônscios de que a negação jamais há servido, em coisa alguma, de prova.

O espírito científico do nosso século procura com razão libertar todos esses fatos dos nevoeiros enganadores do sobrenaturalismo, porquanto nada existe de sobrenatural, sendo que a Natureza, cujo reino é infinito, compreende tudo o que existe.

Organizou-se uma sociedade científica especialmente para o estudo desses fenômenos: a *Society for Psychical Research*; tem ela à sua frente alguns dentre os mais ilustres sábios de além-Mancha e já tem fornecido importantes publicações. Rigorosas investigações

foram feitas para controlar a autenticidade das suas provas. A sua variedade é considerável. Vamos um instante folhear o acervo dessas coleções e acrescentar ainda, aos documentos que precedem, outros não menos verdadeiros e alguns dos quais são talvez ainda mais notáveis. Em seguida ocupar-nos-emos em procurar-lhes explicação.

Eis aqui alguns casos extraordinariamente curiosos, tomados à obra *Phantasms of the Living*, dos Srs. Gurney, Myers e Podmore, traduzida em francês pelo Sr. Marilier, sob o título de *Hallucinations Télépathiques* (Alucinações Telepáticas).

O General Fytche, do Exército inglês, escrevia, a 22 de dezembro de 1883, a seguinte carta ao Professor Sidgwick, diretor da Comissão Psíquica:

> **CLXV** – "Um incidente extraordinário, que em minha imaginação produziu impressão profunda, sucedeu-me em Maulmain. Vi um fantasma, eu o vi com os meus próprios olhos, em plena luz do dia. Posso afirmá-lo sob juramento.
>
> Vivera eu na mais estreita intimidade com um velho camarada de escola, que em seguida fora meu amigo na Universidade; passaram-se anos, entretanto, sem que nos tornássemos a ver. Uma bela manhã, acabava eu de levantar-me e me vestia, quando, subitamente, o meu velho amigo entrou em meu quarto. Eu o acolhi calorosamente e o convidei para tomar uma taça de chá na varanda, prometendo-lhe que iria imediatamente para o seu lado. Vesti-me à pressa, dirigindo-me para a varanda, mas ninguém aí encontrei. Não podia crer em meus olhos. Perguntei à sentinela postada em frente da casa, a qual respondeu não ter visto nenhum estranho essa manhã.
>
> Declararam também os criados que ninguém entrara na casa. Eu estava certo de ter visto o meu amigo. Não pensava nele no momento e entretanto não fiquei surpreso ao vê-lo, porque chegavam constantemente vapores e outras embarcações a Maulmain.
>
> Quinze dias depois vim a saber que ele morrera a seiscentas milhas dessa localidade, no mesmo instante, pouco mais ou menos, em que o vira em Maulmain."

CLXVI – “Em Odessa, a 17 de janeiro de 1861, às 11 horas da noite, a Sra. Obalechef estava na cama, de perfeita saúde, e ainda não dormindo; ao lado dela, no chão, dormia sua empregada, outrora escrava. Ardia no quarto uma lâmpada, diante das santas imagens. Tendo ouvido seu filhinho chorar, pediu ela à criada para trazê-lo.

Levantando por acaso, disse ela, os olhos para a porta que tinha diante de mim, vi entrar lentamente meu cunhado, de chinelos e com um roupão de quadros com que jamais o tinha visto. Aproximando-se da poltrona, sobre a qual se apoiou, *passou por cima dos pés da criada* que se achava ali e docemente se sentou na poltrona. Nesse instante o relógio bateu 11 horas. Bem certa de ver distintamente meu cunhado, dirigi-me à criada, fazendo a seguinte pergunta:

– Estás vendo, Claudina?

Não citei, porém, o nome de meu cunhado. Lá de cima, a criada, tremendo de medo, respondeu-me imediatamente:

– Vejo Nicolas Nilovitch! – (o nome de meu cunhado).

A estas palavras, meu cunhado levantou-se de novo, passou por cima dos pés estendidos de Claudina e, voltando-se, desapareceu por detrás da porta que conduzia ao salão.

A Sra. Obalechef acordou seu marido, que tomou uma vela e examinou todo o apartamento muito atentamente, sem nada encontrar de anormal. Teve então ela a convicção de que seu cunhado, residindo nessa época em Tver, acabava de morrer. Efetivamente acontecera isso exatamente a 17 de janeiro de 1861, às 11 horas da noite.

Como confirmação da narrativa, temos o depoimento escrito da viúva do Sr. Nilovitch, certificando que as coisas se passaram como descrevemos e que, além disso, o roupão descrito por sua irmã era idêntico ao que o Sr. Nilovitch mandara fazer alguns dias antes de seu falecimento e com o qual morreu.”

CLXVII – “No mês de setembro do ano de 1857, o capitão Wheateroft, do 6º Regimento inglês dos Dragões da Guarda, partiu para as Índias, a fim de juntar-se ao corpo a que pertencia. Sua esposa ficou em Cambridge, na Inglaterra. Na noite de 14

para 15 de novembro, pela madrugada, ela sonhou que via seu marido ansioso e doente, depois do que imediatamente acordou com o espírito muito agitado. Fazia magnífico luar e, abrindo os olhos, viu de novo seu marido, de pé, ao lado de sua cama. Apareceu-lhe de uniforme, apertando o peito com as mãos; seus cabelos estavam em desordem e seu rosto pálido. Seus grandes olhos negros a contemplavam fixamente e sua boca estava contraída.

Ela o viu, com todas as particularidades de sua indumentária, *tão distintamente como jamais o tinha visto durante toda a sua vida* e lembra-se de haver notado, entre suas duas mãos, o branco da camisa, que, entretanto, não estava manchada de sangue. Seu corpo parecia inclinar-se para frente com um ar de sofrimento, fazendo ele esforço para falar; não se ouvia, porém, som algum. Durou cerca de um minuto a aparição, depois desvaneceu-se. A primeira idéia da Sra. Wheatcroft foi constatar que ela estava bem acordada. Limpou os olhos com o lenço. Estava em sua cama um pequenino, filho de seu sobrinho: inclinou-se sobre a criança adormecida e escutou sua respiração. Escusado acrescentar que ela não mais dormiu nessa noite.

No dia seguinte de manhã, contou tudo isso à sua mãe e exprimiu a convicção de que seu marido estava morto ou gravemente ferido, ainda que não tivesse visto manchas de sangue em suas vestes. Ficou de tal modo impressionada com esta aparição que recusou, a partir desse momento, todos os convites que lhe faziam. Uma jovem amiga quis obrigá-la, algum tempo depois,a ir com ela assistir a um concerto, fazendo-lhe ver que recebera de Malta, enviada por seu marido, uma belíssima *toilette* que ainda não tinha usado. Ela recusou de um modo absoluto, declarando que, não tendo plena certeza de que não era viúva ainda, deixaria de freqüentar qualquer lugar de diversões até que recebesse cartas de seu marido de uma data posterior a 14 de novembro.

No mês de dezembro seguinte foi publicado em Londres o telegrama que dava a notícia da morte do capitão. Informava que este fora morto diante de Luknow, a 15 de novembro.

Essa notícia, dada por um jornal de Londres, chamou a atenção de um solicitador, o Sr. Wilkinson, que estava encarregado dos negócios do capitão. Tendo-lhe a Sra. Wheatcroft afirmado que a aparição se realizara a 14 e não a 15, fez ele indagações no Ministério da Guerra, que confirmaram a data de 15. Mas, no mês de março seguinte, um dos colegas do capitão, chegado a Londres, explicou mais detalhadamente os fatos, provando que o capitão fora morto ao seu lado, não a 15, mas a 14, à tarde, e que a cruz levantada em seu túmulo trazia bem nítida a data de 14.

Assim, *dera esta aparição a data da morte com maior precisão do que a dos documentos oficiais*, os quais foram em seguida retificados."

CLXVIII – "Começava eu a cear, à noite do domingo de Páscoa de 1874, sentindo-me muito fatigado do trabalho do dia, quando vi a porta se abrir atrás de mim. Estava eu de costas para a porta, mas podia vê-la por cima do ombro. Pode ser também que tenha escutado o ruído que ela fez ao abrir-se, mas não me seria possível precisar esse ponto. Voltei-me a meio, exatamente a tempo de ver a forma de um homem, de talhe elevado, arrojar-se no quarto para atacar-me. Levantei-me instantaneamente, voltando-me, e *atirei meu copo*, que trazia à mão, *na direção em que vira a figura*; esta, porém, desaparecera enquanto me levantava, e tão rapidamente que não tive tempo de deter o movimento iniciado. Compreendi então que vira uma aparição e pensei tratar-se de um de meus tios, que eu sabia achar-se seriamente enfermo, tanto mais que o talhe da personagem lembrava o de meu tio.

Um amigo meu, o Sr. Adcock, entrando na ocasião, achou-me muito enervado devido ao incidente. Contei-lhe o que sucedera. No dia seguinte chegou-me um telegrama participando que meu tio morrera naquele domingo. Meu pai foi chamado para junto do leito mortuário, no domingo à noite, quando estava a cear, e a morte deve ter coincidido com a aparição.

Rev. R. Marhkham Hill, Lincoln."

Esta narrativa foi confirmada no inquérito, pelo seguinte depoimento:

"Fui visitar, na noite da Páscoa, o meu amigo, Reverendo Marhkham Hill, e o encontrei muito abatido, sentado em uma poltrona. Disse-me ele, antes que eu pudesse interrogá-lo, que tinha visto o vulto de seu tio, de pé, em sua frente contra a parede, por detrás de um piano; que lançara mão de um copo de sobre a mesa e o arrojara contra o vulto, tendo este último nesse momento desaparecido. Não foi senão ao dia seguinte ou dois dias depois que me mostrou ele uma carta recebida pela manhã, que lhe informava da morte de seu tio, ocorrida *no mesmo dia* da aparição.

Rev. H. Adcock, Lincoln."

CLXIX – "Pelo mês de março de 1875, sucedeu-me, em Gibraltar, a aventura cujos detalhes a seguir menciono. Refestelado em minha sala de visitas, por uma luminosa tarde ensolarada, eu lia um capítulo das *Miscelâneas*, de Kingsley, quando, se súbito, tive a sensação de que alguém esperava para falar-me. Levantei os olhos do livro e vi um homem que se mantinha de pé, ao lado de uma poltrona, a seis pés distante de mim. Olhava-me ele muito atentamente. A expressão de seus olhos era extraordinariamente grave, mas, quando me adiantei para falar-lhe, desapareceu.

A sala tinha cerca de dezoito pés de comprimento e, em sua extremidade oposta, eu via nosso criado Pearson, que mantinha a porta aberta, como se houvesse introduzido uma visita. Perguntei-lhe se havia chegado alguém. Respondeu-me: "Ninguém, senhora", e retirou-se.

Pus-me a refletir sobre essa visão. Conhecia perfeitamente aquele vulto, mas não podia dizer quem era. Seu traje intrigara-me: era exatamente igual a um terno que meu marido havia dado, no ano precedente, a um criado de nome Ramsay. Era este homem um antigo soldado que eu encontrara quase à morte em Inverness e que, após ter deixado a enfermaria, entrara para o nosso serviço. Começou a portar-se mal e fui forçada a despedi-lo antes de nossa partida para Gibraltar (fevereiro de 1875). Como tivesse arranjado um lugar de copeiro no Inverness-Clube, não tinha eu razão de inquietar-me com ele; estava crente de que

passava bem, conduzia-se bem e de que, aproveitando a experiência adquirida, saberia conservar sua nova situação.

Quando meu marido entrou, contei-lhe o que tinha visto; contei-o também à esposa do seu coronel comandante (presentemente Sra. Laffan); não tomei nota, porém, da data. Mas, no mínimo tempo que é preciso, creio, para que uma carta venha de Inverness, recebeu meu marido, de seu antigo sargento, a notícia da morte de Ramsay. Nenhum detalhe se continha na carta. Meu marido respondeu que recebera com pesar a notícia que lhe era dada e que estimaria conhecer alguns detalhes sobre a doença e a morte desse homem. Eis o que lhe foi respondido: "Ramsay morreu no hospital, em delírio e chamando sem cessar a Sra. Bolland."

Devo acrescentar que meu estado de saúde fora mau durante alguns anos, mas, no momento da aparição, achava-me mais forte do que nunca, convindo-me tanto o clima quente, que eu sentia em mim uma força que me encantava e que o simples prazer de viver fazia-me da vida uma delícia.

Kate E. Bolland, Southampton."

O seguinte relato é extraído de *Church Quarterly Review* (abril de 1877):

CLXX – "Na casa em que estas páginas foram escritas, uma larga janela, que ao norte domina, aclara vivamente a escada e a entrada da sala principal, situada ao fundo de uma passagem que atravessa longitudinalmente a casa. Uma tarde, em pleno inverno, quem escreve estas linhas deixou seu gabinete que dá para essa passagem, para ir almoçar.

O dia estava brumoso, mas, conquanto não houvesse vapores muito densos, a porta do fim da passagem parecia coberta por um nevoeiro. À proporção que avançava, este nevoeiro – para chamá-lo assim – foi se concentrando em um só lugar, adensando-se e apresentou por fim o contorno de uma figura humana, cujas cabeça e espáduas se tornaram cada vez mais distintamente visíveis, ao mesmo tempo em que o resto do corpo parecia envolto em uma larga vestimenta de gaze semelhante a um manto, com muitas dobras, que tocava o solo de maneira a

esconder os pés. O manto repousava sobre o lagedo e o conjunto da figura afetava uma forma piramidal.

A luz da janela dava em cheio no mencionado conjunto, de natureza tão pouco consistente que a luz, refletindo-se sobre as almofadas de uma porta envernizada, era visível através da parte inferior do vestuário. A aparição não tinha cor, parecia *uma estátua talhada no nevoeiro*. O autor desta narrativa ficou de tal modo impressionado, que não sabe se se moveu ou permaneceu imóvel. Estava mais admirado do que aterrorizado; entretanto, a sua primeira idéia foi a de que assistia a um efeito de luz e de sombra desconhecido. Não pensava em nada de sobrenatural, mas percebeu, olhando bem, que a cabeça voltava-se para ele, e então reconheceu os traços de um amigo muito caro; o semblante tinha uma expressão de paz, de repouso e de santidade; o ar de doçura e de bondade, que ele possuía na vida cotidiana, se amplificara ainda mais, concentrando-se como em um derradeiro olhar de profunda ternura (e esse sentimento, quem escreve estas linhas o tem experimentado depois, sempre que lhe volta à lembrança aquela visão).

Em seguida tudo desapareceu num instante. Não se pode comparar a maneira pela qual tudo se desfez senão à de um jato de vapor que se dissipa ao contato do ar frio.

O correio, dois dias depois, trouxe-lhe a notícia de haver seu amigo deixado tranqüilamente este mundo, *no mesmo instante em que o tinha visto*. Cumpre acrescentar que se tratava de uma morte súbita, que a testemunha não ouvira falar, há várias semanas, de seu amigo e que de modo algum pensara nele no dia de sua morte.”

A Sra. Allom, residente em Batoum Gardens, 18, no West Kensington Park, em Londres, escreve:

CLXXI – “Não vejo razão alguma para que deixe de contar como me apareceu minha mãe no momento de sua morte, ainda que seja esse um caso de que tenho falado raramente, porque se trata de um acontecimento que reputo sagrado e porque não desejaria que pusessem em dúvida a minha narrativa, ou que se prestasse ela a zombarias.

Entrei para uma escola, na Alsácia, no mês de outubro de 1852; contava eu então 17 anos. Minha mãe ficou na Inglaterra; seu estado de saúde era delicado. Pelo Natal de 1853, catorze meses depois de minha partida de casa, soube que o estado de minha mãe havia piorado, mas eu não desconfiava que sua vida estivesse em perigo. No último domingo de fevereiro de 1854, entre 1 e 2 horas da tarde, achava-me assentada, na escola, muito ocupada com os estudos. Eu lia, quando, subitamente, o vulto de minha mãe me apareceu no ponto mais afastado do quarto. Estava inclinada para trás, como deitada em seu leito e usava uma camisola de dormir. Seu rosto, sorrindo com doçura, estava voltado para mim e uma de suas mãos erguida para o céu.

A aparição passou lentamente através do quarto; foi pouco a pouco se elevando, à proporção que caminhava, até o instante em que desapareceu. O corpo e o rosto pareciam devastados pela doença, e jamais vi minha mãe assim durante sua vida; seus traços estavam velados por uma palidez mortal.

Desde o momento em que vi a aparição, convenci-me de que minha mãe estava morta. Achava-me de tal modo impressionada que me era impossível prestar atenção aos meus estudos, e era para mim um verdadeiro desgosto ver minha irmã mais moça brincar e divertir-se com suas companheiras.

Dois ou três dias mais tarde, após as preces, minha professora chamou-me em seu quarto. Assim que aí entramos, eu lhe disse:

– Não tendes necessidade de dizer-me: eu sei que minha mãe é morta.

Ela me perguntou como eu pudera sabê-lo. Não lhe dei explicação alguma, mas lhe afirmei que o sabia já há três dias. Soube, mais tarde, que minha mãe falecera no domingo, *à mesma hora em que a tinha visto*, e que ela permanecera inconsciente durante um ou dois dias.

Não sou uma mulher de imaginação, não sou impressionável e nem antes, nem depois, me aconteceu qualquer coisa semelhante.

Irabelle Allom.” [42]

O capitão G. T. Russell Colt, de Gartsherrie, Coatbridge, envia-me a seguinte narração:

CLXXII – "Eu tinha um irmão que me era muito caro, meu irmão mais velho Olivier, 2º tenente no 7º Regimento Real de Fuzileiros. Achava-se ele, nessa épica, diante de Sebastopol. Entretinha eu correspondência constante com ele. Um dia, escreveu-me em um instante de abatimento, mostrando-se indisposto; respondi-lhe, concitando-o a recobrar sua coragem, mas que, se qualquer coisa o contrariava, devia trazê-lo ao meu conhecimento, aparecendo-me no quarto em que, ainda rapazes, estivemos tantas vezes sentados, à noite, fumando e tagarelando às escondidas.

Meu irmão recebeu esta carta (eu o soube mais tarde) na ocasião em que saía para ir receber a santa comunhão; assim me contou o clérigo que lha deu. Depois de haver comungado, dirigiu-se às trincheiras. Não voltou mais. Algumas horas mais tarde, começou o assalto ao Entrincheiramento. Quando o capitão de sua Companhia foi posto fora de combate, meu irmão tomou o seu lugar e conduziu bravamente seus soldados. Ainda que já houvesse recebido vários ferimentos, fazia ele os seus soldados escalarem as muralhas, quando foi ferido por uma bala na fonte direita. Caiu entre as pilhas de outros soldados; foi encontrado como que na postura de quem está ajoelhado (sustido assim por outros cadáveres), trinta e seis horas mais tarde.

Deu-se a sua morte, ou antes, ele tombou, talvez sem morrer imediatamente, a 8 de setembro de 1855.

Nessa mesma noite, levantei-me de um salto. Avistei diante da janela, perto de minha cama, meu irmão, de joelhos, circundado de tênue nevoeiro fosforescente. Procurei falar, mas não o pude conseguir. Escondi minha cabeça nas cobertas. Contudo, eu não estava com medo (fomos todos educados de forma a não acreditar nos Espíritos nem nas aparições), mas queria simplesmente concatenar minhas idéias, pois que não havia pensado nele, nem sonhado com ele e esquecera o que lhe havia escrito quinze dias antes dessa noite. Disse eu, de mim para mim,

que não podia ser mais que uma ilusão, um reflexo do luar sobre um guardanapo ou sobre qualquer outro objeto.

Alguns instantes depois, olhei de novo, ele ainda lá estava, fixando em mim um olhar penetrado de profunda tristeza. Esforcei-me ainda uma vez para falar-lhe, mas a minha língua estava como que presa; não pude pronunciar sequer uma palavra.

Saltei da cama, olhei pela janela e verifiquei não haver luar: a noite estava negra e chovia a cântaros, a julgar pelo barulho que fazia nas vidraças. O pobre Olivier lá continuava sempre. Então me aproximei, *caminhei através da aparição* e cheguei à porta do quarto. Voltando o rosto antes de sair, olhei ainda uma vez para trás. A aparição virou lentamente a cabeça para mim e lançou-me ainda um olhar cheio de angústia e de amor. Pela primeira vez observei, então, na fonte direita uma ferida de onde corria um fiozinho vermelho. O rosto apresentava uma cor pálida como cera, mas transparente.

Deixei o quarto e dirigi-me ao de um amigo onde me estendi sobre o sofá, aí ficando o resto da noite; disse-lhe por que tinha vindo para junto dele.

Também falei a respeito da aparição a outras pessoas da casa, mas, quando contei isso a meu pai, ordenou-me este que não repetisse tal disparate e sobretudo que nada dissesse a minha mãe.

Na segunda-feira seguinte, recebeu ele uma nota de Sir Alexandre Milne, comunicando que o entrincheiramento havia sido tomado de assalto, mas sem lhe dar detalhes. Pedi a meu amigo avisar-me caso visse antes de mim o nome de meu irmão entre os mortos ou feridos. Cerca de uma quinzena mais tarde, ele me veio contar o que ocorrera.

O coronel do Regimento e um ou dois oficiais que tinham visto o cadáver referiram-me que *o aspecto do corpo era exatamente o que eu havia descrito*. O ferimento estava bem na região em que eu o tinha visto. Mas ninguém pôde dizer se ele morrera realmente no mesmo instante. Sua aparição, nesse caso, devia ter sido algumas horas depois de sua morte, porquanto eu o tinha visto um pouco depois das 2 horas da manhã. Alguns

meses mais tarde enviaram-me um pequeno livro de preces *e a carta que eu lhe havia escrito*. Foram esses dois objetos encontrados no bolso interior da túnica que ele trazia no momento de sua morte; conservo-os ainda comigo."

CLXXIII – "Na tarde de 14 de novembro de 1867, assistia com meu marido a um concerto em Birmingham, Town Hall, quando senti um arrepio de frio. Quase no mesmo instante, vi muito distintamente, entre mim e a orquestra, meu tio, deitado em sua cama; parecia chamar-me. Não ouvira falar a seu respeito há muitos meses e nenhuma razão tinha para pensar que estivesse doente. A aparição não era nem transparente nem vaporosa, mas parecia tratar-se de um corpo verdadeiro; *não obstante, eu podia ver a orquestra, não através desse corpo, mas por trás dele*. Não procurei volver em torno os olhos para ver se a forma mudava, com eles, de lugar, mas fixei-a, como fascinada por ela, a tal ponto que meu marido me perguntou o que tinha. Respondi-lhe pedindo não falar-me durante um minuto ou dois. Pouco a pouco a visão desapareceu e, depois do concerto, disse a meu marido o que tinha visto.

Pouco tempo depois, chegava-nos uma carta anunciando a morte de meu tio, verificada exatamente à hora da visão.

E. T. Taunton." [43]

O Rev. T. Barker, antigo pároco de Cottenthan, em Cambridge, subscreve a seguinte narração:

CLXXIV – "A 6 de dezembro de 1873, acabava eu de deitar-me cerca de 11 horas da noite e não estava ainda dormindo nem mesmo adormecido, quando vi minha mulher estremecer por haver eu dado um profundo gemido. Perguntando-me a razão disso, respondi-lhe:

– Acabo de ver minha tia; ela veio, postou-se ao meu lado e sorriu, com o seu bom e familiar sorriso, depois desapareceu.

Estava, nessa época, na ilha da Madeira, por motivo de saúde, uma tia a quem eu amava ternamente, irmã de minha mãe; sua sobrinha, minha prima, estava com ela. Não tinha nenhuma razão para supor que ela estivesse, no momento, seriamente enferma;

porém fora de tal modo profunda a impressão em mim deixada, que no dia seguinte disse à sua família (nesta compreendida minha mãe) o que tinha visto. Uma semana depois soubemos que ela morrera *nessa mesma noite* e, tendo em conta a diferença de longitude, *quase no momento* em que a visão me aparecera.

Quando minha prima, que permaneceu ao seu lado até o fim, ouviu falar do que eu vira, disse:

– Isso não me surpreende, porquanto ela vos chamava continuamente durante sua agonia.

Foi a única vez que experimentei qualquer coisa de semelhante.

Frederick Barker."

A data da morte é confirmada pelo necrológio do *Times*. A Sra. Barker confirmou, de sua parte, esse relato, nos seguintes termos:

"Lembro-me bem dos fatos a propósito dos quais meu marido vos escreveu. Devia ser perto de 11 horas. Não tinha ainda meu esposo dormido (pois acabava de falar-me), quando se pôs a gemer profundamente. Perguntei-lhe o que tinha; disse-me então que sua tia, que estava na Madeira, acabava de aparecer-lhe, sorrindo-lhe com aquele seu bom sorriso, depois desaparecera. Disse-me também que tinha ela qualquer coisa de negro na cabeça, semelhante a uma renda. No dia seguinte ele repetiu sua narrativa a diversos de nossos parentes e aconteceu que sua tia *morrera nessa mesma noite*. Sua sobrinha, Srta. Garnett, disse-me que não se admirava de saber que meu marido vira sua tia, porquanto ela o havia chamado diversas vezes durante sua agonia. Ele fora quase um filho para ela.

P. S. Barker."

A Srta. Garnett, que estava ao pé de sua tia, no momento da morte, confirmou as duas narrativas precedentes.

CLXXV – "Eis o relato da morte de nossa cara netinha, ocorrida em 17 de maio de 1879. Devo dizer, antes de tudo, que o acontecimento está tão presente ao meu espírito como se tivesse ocorrido há apenas alguns dias.

Era uma risonha manhã e creio que o Sol tinha mais brilho do que em qualquer outra ocasião. Contava a criança quatro anos e cinco meses e era uma encantadora netinha.

Alguns minutos depois das 11 horas, ela entrou, correndo, na cozinha e me disse:

– Mãe, posso ir brincar?

– Sim – respondi.

Então ela saiu. Pouco depois de lhe haver falado, fui buscar um cântaro de água no quarto de dormir. Ao atravessar o corredor, a criança passou diante de mim como uma sombra luminosa. Estaquei de chofre, para observá-la, voltei a cabeça à direita e a vi desaparecer. Um instante depois, o irmão de meu marido, que morava conosco, chamou-me gritando:

– Fanny acaba de ser esmagada!

Atravessei a casa como uma flecha, depois a estrada, onde a encontrei. Tinha sido atirada ao solo pelas patas de um cavalo, e a roda de um carro de padeiro esmagara-lhe o crânio perto da nuca. Dentro de alguns minutos expirou em meus braços. Foi exatamente assim que se verificou esse triste acidente.

Anne E. Wright.” [44]

CLXXVI – “Minha mulher tinha um tio, capitão da Marinha Mercante, que a queria muito bem, quando ela era criança, e muitas vezes, quando ele estava em casa, em Londres, fazia-a sentar em seus joelhos e acariciava-lhe os cabelos. Ela partiu com seus pais para Sidnei, e seu tio continuou em sua profissão por outras partes do mundo.

Cerca de três ou quatro anos mais tarde, estando em seu quarto a vestir-se para o jantar, desmanchara seus cabelos. De repente sentiu uma mão pousar sobre o alto de sua cabeça e acariciar rapidamente seus cabelos até as suas espáduas. Aterrada, ela voltou-se e gritou:

– Oh! mãe! por que meter-me medo assim? – pois estava crente de que sua mãe quisera pregar-lhe uma peça.

Não havia ninguém no quarto.

Quando ela contou, à mesa, o incidente, um amigo supersticioso aconselhou-a a tomar nota do dia e da hora. Assim se fez. Pouco mais tarde chegou a notícia de que seu tio William *morrera nesse dia*. Se levar-se em conta a diferença de longitude, foi pouco mais ou menos essa a hora em que ela sentiu a mão pousar em sua cabeça.

J. Chantrey Harris
Proprietário do *New Zealand* e do *New Zealand Mail*, em Wellington (Nova Zelândia).”

Eis o relato da própria Sra. Harris:

“Corria o mês de abril de 1860. Eu era, a esse tempo, ainda jovem. De pé, diante do toucador, em meu quarto de dormir, compunha um detalhe qualquer de minha *toilette*.

Podiam ser 6 horas da tarde e nessa época do ano já era o crepúsculo, quando, de repente, senti uma mão pousar sobre a minha cabeça, descer ao longo dos meus cabelos e apoiar-se pesadamente sobre minha espádua esquerda. Aterrada com essa carícia inesperada, voltei-me vivamente para exprobrar à minha mãe o haver entrado sem ruído, mas, com a maior surpresa, não vi ninguém. No mesmo instante veio-me à idéia a Inglaterra, para onde partira meu pai no mês de janeiro precedente e disse a mim mesma que sucedera alguma coisa, ainda que me fosse impossível defini-lo.

Desci e manifestei meus receios à minha família. No serão dessa noite, a Sra. e a Srta. W. estiveram em nossa casa e, como procurassem saber das causas da minha palidez, puseram-nas ao corrente do que se passara. Disse-me a Sra. W. imediatamente:

– Tomai nota da data e aguardemos os acontecimentos.

Assim se fez e o incidente cessou de perturbar-nos, ainda que toda a família esperasse com certa inquietação a primeira carta de meu pai. À sua chegada à Inglaterra, encontrara seu irmão agonizante. Em sua infância era-lhe eu a preferida e, por ocasião de sua morte, meu nome foi a última palavra que pronunciou.”

CLXXVII – “Uma segunda-feira à noite, em meados de agosto de 1849, fui, como o fazia freqüentemente, passar o verão

com o Rev. Harrison e sua família, com a qual mantinha as mais íntimas relações. Como estivesse o tempo magnífico, fomos todos dar um passeio no jardim zoológico. Assinalo isso muito particularmente porque serve para provar que Harrison e sua família estavam incontestavelmente de boa saúde nesse dia, e que ninguém desconfiava do que ia suceder.

No dia seguinte fui visitar uns parentes em Hartfordshire. Estes residiam em uma casa chamada Flamstead Lodge, a vinte e seis milhas de Londres, à margem da estrada geral. Jantávamos habitualmente às 2 horas e, na segunda-feira, logo depois do jantar, deixei dessa hora em diante as senhoras no salão e desci, passando a cerca, até a estrada geral. Notai bem que estávamos a meio de um belo dia de sol do mês de agosto, em uma larga estrada por onde passava muita gente, a cem metros de uma estalagem. Eu mesmo me achava bem disposto, cheio de juventude e de vida e nada havia em torno de mim que pudesse fazer minha imaginação divagar. A pequena distância estavam alguns camponeses. De repente um *fantasma* se ergueu diante de mim, tão perto que, se fosse um ser humano, ter-me-ia tocado, impedindo-me, por um instante, de ver a paisagem e os objetos que se achavam em torno de mim.

Não distingui completamente os contornos do fantasma, mas *vi os seus lábios moverem-se*, murmurando qualquer coisa; seus olhos me fixavam e mergulhavam nos meus com uma expressão tão intensa, tão severa, que recuei hesitante. Instintivamente e provavelmente em alta voz, disse eu: “Justo Deus, é Harrison!”, ainda que eu absolutamente não pensasse nele nesse momento. Depois de vários segundos, que me pareceram uma eternidade, o espectro desapareceu; fiquei pregado naquele lugar durante alguns instantes, e a estranha sensação que experimentei faz que eu não possa duvidar da realidade da visão. Sentia o sangue gelar-se-me nas veias; calmos permaneciam meus nervos, mas experimentava uma sensação de frio mortal, que durou cerca de uma hora e que só me deixou pouco a pouco, à medida que a circulação se restabeleceu.

Jamais experimentei semelhante sensação, nem antes nem depois. Ao regressar para casa, nada disse sobre o ocorrido às

senhoras, para não amedrontá-las, e a desagradável impressão foi perdendo gradualmente sua intensidade.

Disse eu que a casa estava perto da estrada geral; situada no meio da propriedade, ao longo de um caminho que conduz à aldeia, a 200 ou 300 metros de qualquer outra casa, tinha ela uma grade de ferro de sete pés de altura diante da fachada, para protegê-la contra os ladrões; fechavam-se sempre as portas ao cair da noite; uma aléia de trinta pés de comprimento, toda ensaibrada ou calçada, estendia-se da porta de entrada ao atalho. Nesse dia a noite estava bela, muito pura e muito tranqüila. Ninguém teria podido aproximar-se da casa, no profundo silêncio de uma noite de verão, sem de longe ser pressentido. Além disso, havia um grande cão de guarda à porta da entrada e, no interior da casa, um pequeno *terrier* que latia contra todo o mundo e ao menor barulho. Íamo-nos retirar para nossos quartos, achando-nos sentados na sala de visitas do rês do chão e tínhamos conosco o pequeno *terrier*. Os criados tinham ido deitar-se em um quarto dos fundos, a sessenta pés de distância.

Subitamente produziu-se, à porta da entrada, um rumor tão grande e tão repetido (a porta parecia agitar-se em sua estrutura e vibrar sob golpes formidáveis) que nos pusemos de pé em um instante, cheios de espanto, e os criados chegaram, seminus, descendo a correr de seus quartos para saber o que se passava.

Corremos à porta, mas não vimos e nem ouvimos nada. O *terrier*, contrariamente aos seus hábitos, escondeu-se, tremendo, sob o canapé [45] e não quis nem ficar na porta nem sair para a obscuridade. A porta não tinha aldrava, nada que pudesse cair, e seria impossível a quem quer que fosse aproximar-se da casa ou deixá-la, em meio daquele grande silêncio, sem ser ouvido. Todos estavam aterrados e foi a muito custo que consegui fazer com que nossos hóspedes e nossos criados voltassem a deitar-se.

Eu era tão pouco impressionável que não relacionei esse fato à aparição do *fantasma* que vira à tarde e fui igualmente deitar-me, meditando sobre tudo isso e procurando a explicação.

Permaneci no campo até quarta-feira pela manhã, sem desconfiar do que pudesse ter acontecido durante a minha

ausência. Nessa manhã, regressei à cidade e me dirigi aos meus escritórios, em King's Road, 11, Gray's Inn. Meu empregado veio ao meu encontro e disse-me:

– Senhor, um cavalheiro já veio aqui duas ou três vezes; ele deseja ver-vos imediatamente.

Esse visitante era um Sr. Chadwick, amigo íntimo da família Harrison. Disse-me ele então, com grande surpresa da minha parte:

– Houve uma terrível epidemia de cólera em Wandsworth Road; em casa do Sr. Harrisson *todos sucumbiram*. A Sra. Rosco, sexta-feira, caiu doente e morreu; na mesma noite sua criada enfermou e morreu; a Sra. Harrison foi atingida no sábado de manhã e morreu. A criada de quarto caiu enferma no domingo e morreu. A cozinheira também foi acometida do mal; foi tirada para fora de casa e por pouco também não morreu. O pobre reverendo foi acometido, domingo à noite; esteve muito mal segunda-feira e ontem; transportaram-no do lazareto de Wandsworth Road para Jack Straw's Castle, em Hampstead, a fim de mudar de ares. Implorou ele aos que o rodeavam, na segunda-feira e ontem, a graça de vos mandarem chamar, mas ninguém sabia onde estáveis. Tomemos depressa um cabriolé e vinde comigo; do contrário não o tornareis a encontrar com vida.

Parti no mesmo instante com Chadwick; mas Harrison morrera antes que fôssemos chegados.

H. B. Garling
Westbourne Gardens, 12, Folkstone."

Este caso é seguramente um dos mais notáveis, dos mais dramáticos e dos mais extraordinários, notadamente no que concerne à impressão produzida sobre várias pessoas e mesmo sobre animais. Ao tratarmos da discussão geral das causas, voltaremos a falar deste caso.

Eis aqui três outros, não menos curiosos, de *sensações coletivas*.

CLXXVIII – "Na noite de 24 de agosto de 1869, entre 8 e 9 horas, estava eu sentada em meu quarto, na casa de minha mãe, em Devonport. Meu sobrinho, um rapaz de 7 anos, estava

deitado no compartimento vizinho; fiquei surpresa de vê-lo entrar, de repente, correndo, em meu quarto; ele gritava com voz aterrada:

– Oh! titia, acabo de ver meu pai dar voltas em torno de minha cama!

Respondi-lhe:

– Que tolice! provavelmente sonhaste.

Ele replicou que absolutamente não sonhara e recusou-se a voltar para o seu quarto. Vendo que não podia persuadi-lo a isso, coloquei-o em minha cama. Entre 10 e 11 horas deitei-me. Cerca de uma hora depois, vi distintamente, do lado do fogão, a forma de meu irmão sentado em uma cadeira e o que me chamou particularmente a atenção foi a palidez mortal do seu rosto. Meu sobrinho, nesse instante, dormia a sono solto. Fiquei tão aterrada (meu irmão estava em Hong-Kong) que ocultei a cabeça nas cobertas. Pouco depois, ouvi nitidamente sua voz chamar-me por meu nome, o qual foi por três vezes repetido. Decidi-me então a olhar, mas ele havia desaparecido.

No dia seguinte, de manhã, contei à minha mãe e à minha irmã o que sucedera e tomei nota do fato.

O correio seguinte, da China, trouxe-nos a triste notícia da morte de meu irmão; ela ocorrera a 21 de agosto de 1869, no porto de Hong-Kong, subitamente, em conseqüência de insolação.

Minnie Cox
Sumer Hiel, Queenstown (Irlanda).”

CLXXIX – “Um amigo meu, oficial do Corpo de Highlanders, fora gravemente ferido no joelho, na batalha de Tel-el-Kebir. Sua mãe era uma de minhas grandes amigas, e quando o navio-hospital *Cartago* o transportou para Malta, enviou-me ela a bordo para vê-o e tomar as disposições necessárias para o desembarque. Quando cheguei a bordo, disseram-me que era ele um dos doentes em estado grave, sendo de tal ordem os seus ferimentos, que se considerava perigoso transportá-lo para o hospital militar. Depois de muitas instâncias, obtivemos, sua mãe

e eu, permissão para ir visitá-lo e para o tratar. O pobre amigo estava tão mal que os médicos eram de opinião que ele morreria se fosse tentada uma operação e eles não queriam amputar-lhe a perna, operação que era a única esperança de salvamento. Sua perna gangrenava-se; certas partes destacavam-se e, como ele permanecesse, ora melhor, ora pior, começaram os médicos a pensar que talvez recobrasse um certo grau de saúde, ainda que tivesse de ficar coxo para o resto da vida e provavelmente morrer de consumpção.

Na noite de 4 de janeiro de 1886, não se podendo prever nenhuma mudança brusca em seu estado, levou-me sua mãe à casa para que tivesse eu uma noite de repouso, pois achava-me muito abatida e não dispunha de bastante saúde para suportar tão longas fadigas. Caíra o enfermo, durante algumas horas, em uma espécie de letargia, e o médico havia dito que, achando-se ele sob a ação da morfina, dormiria provavelmente até a manhã do dia seguinte. Consenti em ir, propondo-me voltar ao romper do dia, a fim de que me pudesse ele achar ao seu lado quando despertasse.

Pelas 3 horas da manhã meu filho mais velho, que dormia em meu quarto, chamou-me gritando:

– Mamãe, mamãe, eis ali o Sr. B.!

Levantei-me precipitadamente: era absolutamente verdadeiro; a forma do Sr. B. flutuava no quarto, a meio pé sobre o assoalho (0,15 m) e depois desapareceu através da janela, sorrindo-me. Estava em traje de noite; mas, coisa estranha, o pé doente, cujos artelhos haviam caído em conseqüência da gangrena, estava, nessa aparição, exatamente como o outro pé. Tanto eu como meu filho o notamos ao mesmo tempo.

Cerca de meia hora depois, veio um homem dizer-me que o Sr. B. morrera às 3 horas. Fui à casa de sua mãe e esta me deu informações a respeito do ocorrido. Disse-me que havia ele recuperado uma semiconsciência no momento da morte, que sentia a minha mão na sua e que a apertava, ao mesmo tempo que a do ordenança que permanecera junto dele até o último

instante. Jamais pude perdoar-me o ter ficado em minha casa nessa noite.

Eugênia Wickham."

O Sr. Wickham filho, que contava nove anos por ocasião da ocorrência, assinou a declaração seguinte:

"Lembro-me bem que as coisas se passaram como ficou acima descrito.

Edmond Wickham."

O marido da Sra. Wickham, tenente-coronel de Artilharia, escreveu certificando a exatidão da narrativa.

Finalizaremos estas observações telepáticas pela seguinte, que teve igualmente duas testemunhas:[46]

CLXXX – "Durante o inverno de 1850-1851, eu, Charles Matthews, então com a idade de 25 anos, era mordomo em casa do General Morse, em Troston Hall, perto de Bury Saint-Edmunds. Minha mãe, Mary Anne Matthews, estava na mesma casa como cozinheira e despenseira; era uma mulher muito honesta e muito conscienciosa, querida de todos os domésticos, exceto da camareira, chamada Susana. Esta última tornava-se desagradável a todos por causa dos seus mexericos e das suas maldades; ela, porém, receava muito minha mãe, cuja firmeza de caráter se lhe impusera.

Susana teve a icterícia; no começo trataram-na durante alguns meses em Troston Hall, mas finalmente foi ela transportada para o hospital de Bury Saint-Edmunds, a expensas do General Morse, e colocada no dormitório reservado aos domésticos. Aí morreu, uma semana após a sua admissão. O general enviava uma aldeã ao hospital, que ficava sete milhas distante, para informar-se do que ali ocorria, todas as vezes que a diligência não ia a Bury Saint-Edmunds.

Um certo sábado a mulher para lá foi e só regressou domingo à noite; declarou então que encontrara Susana inconsciente e, como o seu fim se aproximasse, haviam-lhe permitido ficar no dormitório até o desenlace da enferma.

Durante essa noite de sábado, produziram-se os fatos misteriosos que vou narrar e que sempre me intrigaram.

Estava eu dormindo. De repente fui despertado com ou por um súbito sentimento de terror. Olhei na obscuridade, mas não vi coisa alguma; senti-me presa de um terror anormal e ocultei-me debaixo das cobertas. A porta de meu quarto dava para um corredor estreito, que conduzia ao quarto de minha mãe, e todos que passavam quase tocavam a minha porta. Não pude mais dormir, toda a noite. Pela manhã, encontrei minha mãe e notei que ela parecia doente, pálida e singularmente transtornada. Perguntei-lhe:

– Que é que tens, então?

Ela respondeu:

– Nada; não me perguntes nada.

Passaram-se uma ou duas horas e eu bem via que ali havia qualquer coisa de extraordinário. Decidi-me a saber o que era. De seu lado, minha mãe não queria falar. Afinal, perguntei:

– Dar-se-á o caso que isso tenha relação com Susana?

Ela caiu em prantos e replicou:

– Por que esta pergunta?

Então lhe dei parte do meu terror noturno e por sua vez ela me contou a horrível história que se segue:

– Fui despertada pelo rumor que fez ao abrir-se a porta do meu quarto e vi, com o mais vivo terror, Susana entrar em traje de dormir. *Veio direto à minha cama, levantou as cobertas e deitou-se ao meu lado*. Senti um frio glacial correr ao longo do meu corpo, do lado em que ela parecia tocar-me. Verdadeiramente assombrada, é provável que eu tenha perdido os sentidos, pois não me lembro nada mais do que se passou. Quando recobrei os sentidos, *ela* não mais estava ao meu lado. Estou certa, porém, de uma coisa: é de que isso *não foi um sonho*.

Soubemos pela camponesa, à sua volta, no domingo à tarde, que Susana morrera tarde da noite e que, em sua agonia, não falava noutra coisa senão em retornar a Troston Hall. Nem sequer sonhávamos com a sua morte. Supúnhamos que tivesse

ela dado entrada no hospital, não por se achar em perigo, mas para submeter-se a um tratamento especial.

Eis os fatos tão bem expostos como posso fazê-lo. Eu não era supersticioso nem crédulo, mas ainda não pude satisfazer meu espírito no tocante ao como e ao porquê desse estranho incidente.[47]

Charles Matthews
Blandford Place, Clarence Gate,
Regent's Park (Londres)."

IV

Admissão dos fatos

There are more things in heaven
and earth, Horatio,
Than are dreamt of in your philosophy.

Shakespeare, "Hamlet", act. I, sc. V.

Eis aí 180 narrativas de manifestações de moribundos (tendo eu ainda outras tantas inéditas). Será possível, após uma leitura conscienciosa e imparcial dessas observações, considerá-las apenas como invencionices, contos imaginários ou simples alucinações com fortuitas coincidências?

Uma negação pura e simples não é aqui aceitável. Encontramo-nos indubitavelmente em face do extraordinário, do desconhecido, do inexplicado. Uma negação não e, porém, uma solução. Parece-nos mais sábio, mais científico procurar conhecer esses fenômenos do que negá-los sem exame.

Explicá-los é mais difícil. Como dizíamos no começo, imperfeitos e enganadores são os nossos sentidos e talvez mesmo não possam revelar-nos jamais a verdadeira realidade, mais no caso em apreço do que em qualquer outro.

Essas narrativas foram escolhidas dentre outras, em número muito mais considerável ainda. Os leitores ansiosos de se darem conta da natureza e da diversidade dessas manifestações as terão lido com interesse e compreendido que, se demos publicidade a um número tão grande das mesmas, foi precisamente para demonstrar que não são elas tão raras nem tão excepcionais como se pensa e porque seu valor aumenta exatamente na proporção desse maior número.

Notar-se-á que em todos esses relatos são os detalhes tão circunstanciados quanto possível e que não se trata de alucinações subjetivas, incertas, duvidosas e sobretudo anônimas. Tenho um horror indizível por tudo o que é anônimo e jamais pude compreender, nem compreenderei jamais que se deixe de ter a

coragem de sua opinião e que, de posse de uma observação interessante que contribua, por pouco que seja, para o avanço de nossos conhecimentos, não se ouse subscrever o respectivo relato, pelo temor de se comprometer e desagradar os amigos influentes, pelo pavor do ridículo, por interesse, por prejuízo supersticioso, por outra qualquer razão, seja ela qual for.

Novamente agradeço a todas as pessoas que me comunicaram suas observações, tendo tido, por outro lado, por mim mesmo, o cuidado de seguir, tão discretamente quanto possível, as suas indicações. Dissemos mais acima que há em média, em vinte pessoas, uma que, por si mesma, experimentou manifestações dessa ordem, ou veio a ter delas ciência por algum dos seus conhecidos. Não se trata, pois, de uma quantidade que possa deixar de ser tomada em consideração. Em geral não se fazem narrativas dessa natureza, sem prévia solicitação, e mesmo assim!...

A questão agora levantada é a seguinte: Qual o valor real dessas narrações? Isso porque, evidentemente, não basta a quantidade: a qualidade é um coeficiente. Deve neste caso a análise ser tanto qualitativa como quantitativa. Que tenham sido elas inventadas em todos os seus detalhes, para mistificar os parentes e amigos, aos quais foram transmitidas, é uma hipótese suscitada muito seriamente, mas que começaremos por eliminar. Em certos casos há várias testemunhas. Noutros, o observador de tal modo ficou impressionado que isso o tornou enfermo. Os primeiros relatos, acima consignados, foram-me comunicados por pessoas, na sinceridade das quais deposito tanta confiança como em mim próprio. As cartas que vêm em seguida parecem de uma boa fé absoluta. Uma décima parte delas consegui que fossem verificadas de diversos modos e esse controle concluiu sempre pela confirmação da veracidade dos relatos, salvo algumas variantes insignificantes.

Por outro lado, essas narrativas não diferem das que me foram feitas por pessoas do meu conhecimento há longo tempo. Se as primeiras são verídicas, não há razão para que estas não o sejam. A classe dos farsantes e dos chantagistas é muito rara nas narrações de mortes de um parente, de um pai, de uma mãe, de um esposo, de um filho. Esses são os lutos de que, em geral, ninguém ri a bandeiras despregadas. Não é costume brincar-se muito com coisas dessa

natureza. E depois, a sinceridade tem as suas características: “O estilo é o homem”, disse Buffon.

Para com esses correspondentes estou no mesmo caso que para com todos os que me enviam constantemente, de todos os pontos do globo, suas diversas observações em Astronomia e Meteorologia.

Quando alguém me escreve dizendo que observou um eclipse, uma ocultação, um bólido, estrelas cadentes, um cometa, uma variação sobre Júpiter ou Marte, uma aurora boreal, um tremor de terra, uma tempestade, um caso curioso de raio, um arco-íris lunar, etc., desde logo o tenho na conta de pessoa de boa fé e sincera, o que não me impede de examinar sua comunicação e de julgá-la. Pode-se objetar que a situação não é identicamente a mesma, porquanto uma observação astronômica ou meteorológica pode ter sido feita ao mesmo tempo por outras pessoas, o que implica uma espécie de controle. Sem dúvida. Mas, relativamente à opinião que posso nutrir quanto à sinceridade do observador, é absolutamente a mesma: eu a admito condicionalmente e com todos os direitos do livre exame.

Nos casos de telepatia e outros, são as mesmas criaturas humanas que se acham em jogo, que dispõem de todas as suas faculdades intelectuais, que estão em estado de espírito perfeitamente normal e que o provam pelas suas próprias reflexões.

Não tenho, *a priori*, mais razão de desconfiar de um sábio, de um professor, de um magistrado, de um padre, de um pastor, de um industrial, de um agricultor, quando me fazem a exposição de um fato psíquico, do que quando me expõem uma observação física.

Entretanto, como esses fatos são mais raros e menos verossímeis, nossa faculdade de admissão é mais severa e, por minha parte, tenho começado pelo controle de grande número delas, colhendo informações, fazendo inquéritos, que têm quase sempre conseguido chegar à confirmação pura e simples das narrativas recebidas.

É o que tem feito, também, de sua parte, a Sociedade Psíquica de Londres. Mau grado certas variações nas narrativas, certas obnubilações de memória, constata-se quase sempre que o fato primitivo é real e não inventado.

Mas, se os impostores são raros, os iludidos são numerosos. Constituem mesmo legião nessa ordem de coisas. Tivemos ocasião

de apreciar, no capítulo II, a extensão da credulidade humana. Contudo, o estilo dos crédulos e dos fanáticos é também muito característico.

Uma segunda apreciação, mais defensável, é a de que, em geral, o fundo é verdadeiro, mas os fatos observados foram amplificados e dispostos, com o máximo de boa fé imaginável, de modo a se enquadrarem aos acontecimentos. Tratar-se-ia de alucinações, que foram postas em relevo somente nos casos em que se deu coincidência de morte, podendo mesmo dar-se o caso de ser esta coincidência apenas aproximada, para em seguida, após a conclusão, tornar-se evidente.

Examinei e discuti esta hipótese igualmente com a máxima atenção e concluí que de modo algum é ela suficiente:

1º) nos casos em que pude controlar os fatos, constatei que se passaram eles pouco mais ou menos como as narrativas os tinham revelado;

2º) as pessoas que os descrevem tomam, em geral, o cuidado de demonstrar que se acham em um estado de saúde normal, que não são sujeitas às alucinações, que observaram, constataram os fatos com o maior sangue frio e que estão certas disso;

3º) afastei dessas narrativas tudo aquilo que foi experimentado em sonho e conservei somente os casos de observadores perfeitamente despertos;

4º) eliminei todos aqueles que parecem que devem ser atribuídos à imaginação, à auto-sugestão ou às diversas espécies de alucinações.

Os fatos em apreço são variados; têm sido eles constatados por pessoas de toda idoneidade intelectual e moral, por homens como por mulheres, de toda idade; apresentam-se em todas as classes da sociedade, em todas as crenças, tanto aos indiferentes e aos cépticos, como aos crédulos e aos ideólogos, ao norte como ao sul, na raça anglo-saxônica como na raça latina, em todos os países e em todos os tempos. Não os pode a crítica mais severa considerar como nulos e não sucedidos; pelo contrário, deve tomá-los em consideração.

Impossível atribuí-los a alucinações. Estas são hoje conhecidas: têm suas causas (mais adiante as discutiremos). Os pacientes que as

experimentam são mais ou menos a isso predispostos e as experimentaram por diversas vezes – por muitas vezes mesmo. Aqui, as testemunhas deixam de ser criaturas dessa natureza; elas viram um fato psíquico, como teriam visto um fato físico, e o relatam.

Se fosse alucinações os fatos dessa natureza, ou apenas ilusões, efeitos de imaginação, *entre eles haveria um número consideravelmente maior sem coincidência de morte do que acompanhados dessa coincidência*.

Ora é o contrário que se verifica. Prova-o com evidência o meu inquérito: pedi que me fizessem o obséquio de enviar todos os casos, quer houvesse coincidência ou não. Não há mais de sete a oito casos, em cem, de aparições sem coincidência. Absolutamente o contrário deveria observar-se, se se tratasse de alucinações.

Seria preciso igualmente admitir alucinações de várias pessoas ao mesmo tempo, separadas por centenas de quilômetros.

Pode-se replicar que, do mesmo modo, aí estão alucinações, porque só se notam aquelas que são acompanhadas de coincidências.

Não é sustentável a objeção, porquanto, se virdes aparecer, diante de vós, um ente querido: vossa mãe, vosso pai, vossa esposa, vosso marido, vosso filho, é impossível que o fato não vos impressione, mesmo quando não haja nenhuma coincidência de morte e que não vos recordeis de tal coincidência.

Todos os casos que vêm de ser relacionados deram-se com pessoas acordadas, *em seu estado normal*, como vós e eu o estamos neste momento. Tomei todo o cuidado no sentido de não mencionar exemplo algum de manifestações ou de aparições observadas em sonho, e preocupei-me, desde o princípio, em estabelecer uma classificação metódica, clara e precisa dos fenômenos que nos propomos aqui estudar. Nosso estudo é *essencialmente científico*, como se tratássemos de Astronomia, de Física ou de Química. Os sonhos, durante o sono, as visões, em sonambulismo ou em estado de hipnose, os pressentimentos ou previsões, os fenômenos de desdobramento, as evocações, por meio de médiuns, serão objeto de outros capítulos. Tomamos a resolução de começar pelos fatos mais seguramente constatados, mais fáceis de controlar e a discutir com toda liberdade de espírito.

No caso em apreço não se trata senão de manifestações de moribundos, por conseguinte de *vivos*. Ocupar-nos-emos mais tarde das aparições de *mortos*, cuja explicação não é a mesma.

Os últimos exemplos mencionados são extraídos da grande obra *Phantasms of the Living* ("Fantasmas dos vivos"),[48] publicada em Londres, em 1886, pelos Srs. Gurney, Myers e Podmore, obra em dois enormes volumes, de 573 e 733 páginas, contendo os processos verbais dos rigorosos inquéritos feitos por esses três sábios em nome da *Society for Psychical Research*, de que já falamos. É impossível estudar essa compilação sem dela guardar a impressão de que todo aquele que persiste, hoje, em negar semelhantes fatos assemelha-se muito a um cego que se compraz em negar o Sol. Há, nesse inquérito, as descrições de 600 casos da ordem desses a que nos referimos. E, quanto a mim, recebi-os em número superior a 1100, a respeito dos quais a autenticidade parece igualmente irrecusável.

Sem dúvida, não têm igual valor todas essas narrações, todos esses relatos. Para isso necessário seria controlar-lhes sempre a absoluta precisão. O acordo que nos impressiona entre as visões, as audições, as emoções recebidas e os sucessos narrados pode ter sido completado mais tarde pela própria imaginação dos narradores, coordenado mais ou menos pelas necessidades da causa. Seria preciso que se pudesse fazer um inquérito minucioso sobre cada observação; tomar, em uma palavra, todas as precauções que temos o hábito de adotar em nossas observações astronômicas ou em nossas experiências de física e de química, e mesmo com mais rigor, pois que acresce aqui um coeficiente "humano" que está longe de ser suscetível de omissão.

Essas precauções nem sempre têm sido tomadas e nem o puderam ser, muitas vezes devido mesmo à natureza desses fenômenos, associados a mortes, a amarguras e a lembranças que não podem ser tratadas com a mesma desenvoltura com que se trata uma experiência de laboratório.

Mas, por que certas narrativas ficam sujeitas a diversas incertezas de detalhe, tem-se nisso uma razão suficiente para se lhes não atribuir valor algum e para que se não as tenha em conta alguma?

Não pensamos assim.

Tais observações são bastante numerosas, para que não representem qualquer coisa de real. E depois, a tradição secular que associa esses fenômenos aos mortos não deve ser destituída de fundamento.

O conjunto, sem dúvida, não teria grande valor se devesse cada fato ser considerado como falsidade. Ainda mesmo reduzindo-os à sua mais simples pressão, resta sempre um *substratum* deles. Em última análise, eu os compararia de bom grado ao caráter cósmico da Via-Láctea. Cada uma das estrelas que compõem a Via-Láctea é inferior à sexta grandeza e invisível a olho nu: não impressiona a retina humana. Entretanto, o conjunto é perfeitamente visível a olho nu e constitui uma das admiráveis belezas do céu estrelado. É o número desses fatos que nos força a não os podermos honestamente desdenhar.

Escrevia o grande filósofo Emmanuel Kant:

A Filosofia, que não receia comprometer-se no exame de toda sorte de questões fúteis, sente-se em geral muito embaraçada quando em seu caminho encontra certos fatos, de que não poderia impunemente *duvidar* e nos quais não poderia *crer* sem se tornar ridícula. É o caso dos contos de almas do outro mundo. Com efeito, não há censura a que a Filosofia seja mais sensível, que a de credulidade e de adesão às vulgares superstições. Os que se ornam, de barato, com o nome e o relevo de sábios motejam de tudo quanto, inexplicável, quer para o sábio, quer para o ignorante, a ambos no mesmo nível coloca. É isso que faz com que as histórias de almas do outro mundo sejam sempre escutadas e bem acolhidas na intimidade, mas impiedosamente desmentidas diante do público. Pode-se ficar certo de que jamais uma academia de ciências escolherá, para objeto de um concurso, semelhante matéria; não porque qualquer de seus membros esteja persuadido da futilidade e da mentira de todas essas narrativas, mas precisamente porque a lei da prudência põe sábios limites ao exame dessas questões. As histórias de almas do outro mundo encontrarão sempre crentes *secretos* e serão sempre objeto, *em público*, de uma incredulidade de bom tom.

Quanto a mim, a ignorância em que estou, a respeito da maneira pela qual o espírito humano entra neste mundo e dele sai, interdita-me de negar a verdade das diversas narrativas em curso. Por uma

reserva, que pode parecer singular, permito-me pôr em dúvida cada caso em particular, sem deixar de crê-los, entretanto, verdadeiros em seu conjunto.

Há três partidos a adotar em face dos fatos expostos: seja a crença absoluta em tudo que é dito, relatado; seja a desconfiança absoluta que tudo rejeita; seja, em terceiro lugar, a aceitação dos fatos em seu conjunto, sem afirmar a exatidão rigorosa de todos os detalhes. É a esta conclusão que acreditamos de nosso dever apegarmo-nos.

Tudo negar seria um absurdo de primeira ordem. A menos que se deixe de dar crédito a todo humano testemunho, não parece possível duvidar-se das precedentes narrativas. Não são muitos os fatos, históricos ou científicos, que sejam afirmados por um número tão grande de testemunhas.

Supor que todas essas pessoas houvessem ensandecido, estivessem alucinadas ou fossem enganadas pela sua imaginação é uma hipótese absolutamente insustentável, sobretudo quando se verificarem coincidências de mortes.

E o que, por outro lado, estabelece sua realidade são os detalhes circunstanciais que quase sempre as caracterizam, independente mesmo das aparições completas, correspondendo exatamente: a um ferimento, um tiro, um lançaço, uma cabeça partida, um cadáver ao fundo de uma barroca, um corpo estendido na praia, um afogado, um enforcado, um timbre de voz reconhecido, uma cabeleira, um traje especial, uma atitude, uma data de morte, diferente da data anunciada, etc. Por outro lado, sei também perfeitamente que quase sempre se pode duvidar do testemunho humano; que, a alguns dias de intervalo, os mais claros acontecimentos são contados de modos diferentes; que a história das nações e dos homens é uma grande mentirosa. Mas, enfim, é preciso aceitar a Humanidade como é e, sem pretender o absoluto, admitir o provável e o relativo. É difícil duvidar de que Luiz XIV tenha revogado o édito de Nantes e de que Napoleão repousa sob a cúpula dos Inválidos.

Para nós, os fatos de que nos temos ocupado são irrecusáveis, pelo menos em seu conjunto. Todo espírito, isento de prejuízos, não pode recusar-se a admiti-los.

A principal objeção, a única mesmo que possa restar sujeita a discussão, é a que os atribui ao acaso, a simples coincidências

fortuitas. Ouve-se dizer: “Muito bem, perfeitamente; vimos ou ouvimos tal ou tal coisa; muito bem! pois não! um parente, um semelhante nosso morreu no mesmo instante: mas *isso é um acaso*.”

Limitando-nos a uma coincidência de 12 horas antes ou depois da manifestação (em geral elas são muito mais precisas), assinalaremos que a média da mortalidade anual é de 22 para 1.000 pessoas. Para um período de 24 horas, é ela 365 vezes mais fraca, isto é, de 22 para 365.000 ou de 1 para 16.591. Há, portanto, 16.591 probabilidades contra uma para que a coincidência de um mesmo dia deixe de produzir-se. Ainda não se trata mais do que de um algarismo geral, único. Para pessoas jovens e no vigor da idade, a proporção se eleva a 18.000, 19.000 e 20.000.

Ora, as aparições sem coincidências, não sendo vinte mil vezes, nem dez mil vezes, nem cinco mil vezes, nem mil vezes, nem cem vezes, nem mesmo dez vezes mais numerosas do que as aparições com coincidências, não sendo mesmo em igual número, não sendo mesmo da metade, nem de um quarto, nem talvez da décima parte das manifestações verídicas, concluímos disso que há aí uma relação de causa e efeito.

Não negamos o acaso, as coincidências fortuitas. O que se chama acaso, isto é, o desconhecido das forças em ação, implica, por vezes, coincidências verdadeiramente extraordinárias. Assinalarei mesmo algumas das mais notáveis.

Ao tempo em que escrevia eu a minha grande obra sobre a Atmosfera, achava-me ocupado em redigir o capítulo sobre a força do vento e, a respeito, comparava exemplos curiosos, quando sucedeu o seguinte fato:

Meu gabinete de trabalho, em Paris, é iluminado por três janelas: uma a leste, sobre a avenida do Observatório: a segunda a sudeste, sobre o Observatório; a terceira ao sul, sobre a rua Cassini. Era em pleno verão. A primeira janela estava aberta, diante da floresta dos castanheiros da avenida. O céu anuvia-se, desencadeia-se o vento e, de súbito, a terceira janela, com certeza mal fechada, é violentamente aberta por uma rajada do sudoeste, que espalha todos os meus papéis e, arrebatando as folhas soltas que eu acabava de escrever, leva-as em turbilhão por cima das árvores. Um instante depois, cai a chuva, forte chuva de tempestade.

Descer para procurar essas folhas pareceu-me trabalho perdido e isso me consternou profundamente.

Qual não foi a minha surpresa ao receber, alguns dias depois, da Tipografia Lahure, rua de Fleurus, situada a mais de um quilômetro, esse capítulo, impresso, sem que lhe faltasse uma folha!

Notai bem que se tratava precisamente de um capítulo sobre as curiosidades do vento!

Que se passou então?

Uma coisa simplíssima. O empregado da tipografia, que morava no quarteirão do Observatório, e que me levava as provas quando ia para almoçar, passou no local após o almoço e, vendo no chão, manchadas pela chuva, as folhas do meu manuscrito, supôs que fosse ele mesmo quem as tivesse perdido, pelo que se apressou em juntá-las com o maior cuidado, entregando-as ao impressor, sem vangloriar-se do que fizera.

Por um nada poderia acreditar-se que fora o próprio vento que as levara à tipografia!

Eis um outro exemplo não menos singular:

Prometera eu ao padre que abençoou meu casamento (em retribuição de uma dispensa com que ele me distinguiu, contrariamente, parece, a um costume assaz rigoroso), proporcionar-lhe uma ascensão em aeróstato. Cumpre dizer que em vez de tomar o trem para uma viagem de núpcias, havíamos decidido tomar o caminho dos ares. Uns dez dias após o casamento, partimos, com Jules Godard por aeronauta, depois de avisar o abade, o qual, por lamentável concurso de circunstâncias, deixara Paris, para passar alguns dias em pequena ermida, à margem do Marne, e não recebera meu bilhete que ficou em sua casa, em Paris. Não vendo o abade chegar à usina do gás, à hora da partida, esperava eu que a viagem, sendo em absoluto incógnita, passasse despercebida e que eu pudesse cumprir minha promessa em outra ocasião. Desejava sobretudo não causar-lhe aborrecimento algum.

Para sair de Paris em balão, *há uma infinidade de direções*. Ora, o nosso esquife aéreo dirigiu-se justamente para a região do Marne e *precisamente sobre a propriedade do abade* que estava então à mesa, em seu jardim e que, vendo o balão chegar lentamente por cima de

sua cabeça, supôs viesse eu buscá-lo, chamou-me em retumbantes gritos, pedindo-me para descer e sentiu o mais violento desapontamento ao ver continuarmos o nosso caminho.

Fosse um demônio que nos conduzisse e melhor não poderia ele atingir o seu alvo! Entretanto, não havia nisso mais do que a coincidência fortuita da direção do vento.

Émile Deschamps, distinto poeta, hoje um tanto esquecido, co-autor do dramático libreto dos *Huguenotes*, narra a curiosa série que se segue, de coincidências fortuitas:

Estando, em sua infância, em uma pensão, na cidade de Orleans, achou-se, por acaso, certo dia, à mesa com um Sr. de Fontgibu, emigrado que voltara recentemente da Inglaterra. Esse senhor fez-lhe saborear um pedaço de plum-pudding, prato quase desconhecido em França nessa época.

A recordação desse regalo apagara-se de sua memória, quando, dez anos mais tarde, passando por um restaurante do bulevar Poissonnière, descobriu, no interior, um plum-pudding de excelente aparência. Ele entra, pede que lhe sirvam um pedaço e é cientificado de que o bolo está adquirido por um cliente.

– Sr. de Fontgibu – exclama a empregada do balcão, vendo o ar contrariado do recém-vindo – poderíeis ter a bondade de partilhar o vosso plum-pudding com este senhor?

Deschamps teve alguma dificuldade em reconhecer o Sr. de Fontgibu em um homem de idade respeitável, de cabelos empoados, envergando o uniforme de coronel, que fazia sua refeição em uma mesa próxima.

O oficial teve muita satisfação em oferecer-lhe parte do apetecido manjar.

Longos anos se passaram sem que ele falasse quer do pudding, quer do Sr. Fontgibu.

Um dia, Deschamps foi convidado para um jantar em que se devia comer um autêntico plum-pudding inglês. Ele aceitou, mas preveniu, a rir, a dona da casa, de que o Sr. de Fontgibu seria infalivelmente um dos convivas – e divertiu os presentes dando-lhes a conhecer o motivo da sua previsão.

No dia aprazado, chega ele. Dez convidados ocupam os dez lugares preparados em torno da mesa onde os esperava um magnífico plum-pudding. Começavam a gracejar com ele a propósito do seu "Monsieur" de Fontgibu, quando se abre a porta e um criado anuncia:

– O Sr. de Fontgibu.

Entra um velho, caminhando penosamente, amparado por um criado. Dá lentamente volta à mesa, parecendo procurar alguém e com um ar desorientado. Era uma visão? Tratava-se de um gracejo? Estava-se em pleno carnaval. Deschamps acreditou logo em um gracejo. Mas o velho, tendo-se aproximado, foi ele obrigado a reconhecer o Sr. de Fontgibu em pessoa!

– Meus cabelos eriçaram-se – escreve o poeta –. Dom Juan, na obra-prima de Mozart, não estaria mais terrificado diante do seu conviva de pedra.

Tudo por fim se explicou: O Sr. de Fontgibu, convidado a jantar com uma pessoa que morava na mesma casa, enganou-se com a porta.

Há efetivamente, nessa história, uma série de coincidências que nos confundem, e compreende-se a exclamação do autor em face dessa recordação perturbadora:

– Três vezes em minha vida comi plum-pudding e três vezes, ao fazê-lo, estive às voltas com o Sr. de Fontgibu! Por que isso? Uma quarta vez, e sou capaz de tudo... ou não sou capaz de nada.

Outra combinação do acaso: em uma mesa de jogo de Monte Carlo, saiu cinco vezes em seguida um mesmo número da roleta.[49]

O acaso pode ser expresso por um algarismo que é, como se diz, a probabilidade. Assim, se, tirando ao acaso uma carta de um baralho completo, retiro um 6 de copas, é o acaso que me dá esse 6 de copas, e somente o acaso, porque ignorarei sempre, uma vez que as cartas sejam idênticas e estejam bem embaralhadas, a razão pela qual retirei o 6 de copas e não uma outra carta qualquer.

Logo, foi o acaso que meu deu o 6 de copas; mas esse acaso pode ser calculado. Tinha eu, para tirar o 6 de copas, em um baralho de 52 cartas, uma probabilidade sobre cinqüenta e duas; para retirar um 6 qualquer, uma probabilidade sobre treze; para retirar uma carta de copas, uma probabilidade sobre quatro e para retirar uma carta

vermelha, uma probabilidade sobre duas. Enfim, eu dispunha de 51 probabilidades sobre 52 para não retirar uma carta qualquer de antemão designada.

Assim, matematicamente, posso determinar para tal ou tal acontecimento uma probabilidade suscetível de ser calculada. Mas a dificuldade não reside no cálculo das diversas probabilidades matemáticas, ainda que já este seja, se o levarmos um pouco longe, um cálculo muito difícil, que pode embaraçar os maiores matemáticos; a verdadeira dificuldade está na aplicação dessas leis matemáticas aos acontecimentos reais.

Demonstra-se, em matemática, que o cálculo das probabilidades só é aplicável quando há um número infinito de casos – e só então é ele verdadeiro.

Assim, tenho diante de mim um baralho; não disponho mais do que de uma probabilidade sobre cinqüenta e duas para tirar o 6 de copas e, todavia, pode suceder que seja essa a carta por mim retirada. Nada se opõe a isso e trata-se mesmo da extração de uma carta, em absoluto tão provável como a de tal ou tal outra carta dada. Longe está de ser considerada sem importância essa pequena probabilidade. Seria, portanto, desarrazoado concluir o que quer que seja de uma experiência na qual, designando de antemão o 6 de copas, retiro precisamente essa carta.

Se, tomando um outro baralho, depois de o haver embaralhado bem, tiro de novo um 6 de copas, a probabilidade torna-se pequena:

$$\left(52 \times 52 = \frac{1}{2.704} \right)$$

Nenhuma impossibilidade, porém, se verifica. Pode-se observar isso; isso é observado, e a combinação de um 6 de copas seguido de um 6 de copas é tão inteiramente provável como não importa que outra combinação qualquer de duas cartas consecutivas.

Se tomo um terceiro baralho, depois um quarto, depois um quinto, terei, para tirar sempre um 6 de copas, probabilidades cada vez menores; pois que o número de combinações se torna fantástico. Mas, em caso algum chegaremos à impossibilidade. Será sempre possível que o acaso conduza a tal combinação dada, e ela terá tantas probabilidades como tal outra dada combinação.

É preciso chegar ao infinito para obter a impossibilidade. Em outros termos, a certeza de jamais retirar um 6 de copas só advirá depois que eu tiver tirado um número infinito de cartas. Jamais chegarei à certeza matemática, ou antes, a isso não chegarei senão quando me puderem proporcionar o recurso de tirar um número infinito de cartas.

Se, pois, para concluir, tivéssemos necessidade da certeza matemática, jamais chegaríamos a concluir, porquanto jamais se chegará a um número infinito de atos ou fatos quaisquer.

Felizmente pode-se concluir, porque a certeza matemática e a certeza moral têm exigências diferentes.

Suponhamos que se trate de jogar com a minha honra ou a minha existência, a honra e a existência dos meus, com tudo que me é mais caro no mundo. Certamente não terei a certeza matemática de que sobre cem extrações de cartas, o 6 de copas não sairá cem vezes seguidamente. Matematicamente e mesmo realmente, esta combinação é possível; entretanto, baseando-me nessa possibilidade, eu consentiria voluntariamente em jogar minha vida, minha honra, minha fortuna, minha pátria e tudo que amo, contra a probabilidade de que venha o 6 de copas a sair cem vezes seguidamente?...

Nem é mesmo necessário levar até cem o número das extrações. Seu eu tirar dez vezes seguidamente o 6 de copas, em lugar de dizer: "É um acaso extraordinário", suporei outra coisa, porquanto o acaso não dá esses assombrosos encadeamentos. Suporei que há uma causa qualquer, que desconheço e que me levou a tirar, dez vezes em seguida, a mesma carta. Ficarei mesmo a tal ponto convencido disso, que irei procurar essa causa observando se todas as cartas são bem semelhantes; se não se trata de um gracejo que um prestidigitador está a me fazer; se, no baralho há precisamente cinqüenta e duas cartas diferentes ou se não é composto, cada baralho, unicamente de 6 de copas.

Tomemos mesmo uma probabilidade menor. Por exemplo, a probabilidade de ter duas vezes seguidamente uma mesma carta: é ainda uma probabilidade muito pequena, de 1 para 2.704. Se as apostas fossem proporcionais, poder-se-ia apostar 1 franco contra 2.704 francos que não se tirará duas vezes a mesma carta.

Em realidade, na vida cotidiana, o que dirige a nossa conduta, o que faz as nossas convicções, as nossas decisões, são probabilidades muito menos fortes do que essa probabilidade de

1 / 2.704

Um homem de 35 anos, bem disposto e que de nenhum perigo particular se acha ameaçado, corre uma vez sobre cem o risco de morrer antes do fim do ano e uma vez sobre três mil o de morrer dentro de uma quinzena. Qual é esse, entretanto, que não considera como quase certo viver ainda duas semanas? Assemelhando as probabilidades de vida à extração de cartas de um baralho, vê-se que a probabilidade de retirar quatro vezes seguidamente uma mesma carta é mais ou menos a de viver ainda uma hora para um homem de 35 anos, bem disposto e que não está exposto a nenhum perigo excepcional. Matematicamente, ninguém está seguro de viver ainda uma hora, mas, moralmente, tem-se disso a certeza quase completa.

Assim, jamais somos guiados pela certeza matemática. É sempre, mesmo nos casos mais certos, a certeza moral que nos guia. Basta-nos ela.

Trata-se agora de saber se estamos com a razão quando nos contentamos com essas fortes probabilidades, ainda que bem distanciados da certeza.

Isso parece evidente. Não haveria meio de viver, se sempre nos devêssemos determinar apenas de acordo com certezas. Em parte alguma existe a certeza; por toda parte o que constatamos é o *mais ou menos* e temos razão de assim proceder, pois a experiência justifica quase sempre as nossas presunções. Acrescenta, a esse respeito, o Sr. Richet:

> “De minha parte, tenho como impossível esta imensa ilusão, prolongando-se sem qualquer parcela de verdade. Não se tem o direito de exigir, para os fenômenos psíquicos, uma probabilidade mais forte do que para as outras ciências e, com probabilidades superiores a um milésimo, ter-se-á uma demonstração suficientemente rigorosa.
>
> Depara-se-nos uma tal quantidade de fatos impossíveis de explicar de outro modo que não seja pela telepatia, que é

imperioso admitir-se uma ação a distância. Pouco importa a teoria! O fato parece-me provado e *absolutamente provado*."

Calculamos que, segundo o conjunto das observações telepáticas, a probabilidade eleva-se, para esses casos de manifestações de moribundos, a *vários milhões*, quando a coincidência é aproximada a menos de uma hora e quando se não tem razão alguma de supor a pessoa em perigo de morte.[50] É uma proporção muito superior à que dirige todos os nossos raciocínios e todos os atos de nossa vida. É o que se chama *certeza moral*.

Conclusão: a teoria do acaso e da coincidência fortuita não explica os fatos observados e deve ser eliminada. Somos obrigados a admitir, entre o moribundo e o observador, uma relação de causa e efeito. É esse o primeiro ponto que conviria estabelecer em nosso exame científico.

A propósito de um caso citado nos *Phantasms of the Living*, de que mais adiante falaremos, escrevia o Sr. Rafael Chandos (*Revue des Deux Mondes*, 1887, pág. 211):

"Não se pode suspeitar nem da boa fé dos narradores, nem, numa certa medida, da precisão de suas observações. Mas isso é tudo? O Sr. Bard viu, perto do cemitério, o fantasma da Sra. de Fréville vagando diante dele precisamente no momento em que a Sra. de Fréville, que o Sr. Bard ignorava estivesse doente, acabava de morrer. Por que, dizem, o acaso, que dá lugar a tantos encontros extraordinários, não poderia ter suscitado esta imagem alucinatória?

Esse argumento, na verdade, parece-me detestável e muito mais fácil de combater que o argumento de uma observação incompleta e insuficiente. Mas o que se verifica, entretanto, é que esta objeção fútil é a mais freqüentemente invocada. Ouve-se dizer: Aí está uma alucinação! Seja. Mas, se essa alucinação coincidiu com tal fato real, foi por uma coincidência fortuita e não porque exista entre o fato e a alucinação uma relação de causa e efeito.

O acaso é um deus muito cômodo e que pode ser invocado nos casos embaraçosos. Todavia, na espécie, nada tem ele que ver. Suponho, por exemplo, que o Sr. Bard tenha tido, nos 60 anos de

sua vida, uma e única alucinação, o que dá, por dia, 1 / 22.000 de probabilidade para que se tenha uma alucinação. Admitindo-se que a coincidência entre a hora da morte da Sra. de Fréville e a hora da alucinação do Sr. Bard seja exata, daí resulta, à razão de 48 meias horas por dia, uma probabilidade de cerca de um milionésimo.

Mas não é tudo: o Sr. Bard pode ter tido, com efeito, outras alucinações, porque ele conhece 100 pessoas além da Sra. de Fréville. A probabilidade de ver em tal dia, a tal hora, a Sra. de Fréville em vez de uma outra, é pois aproximadamente de 1 / 100.000.000.

Se tomarmos quatro casos análogos, e se os reunirmos todos, a probabilidade de se darem essas quatro coincidências não é mais de um centésimo milionésimo, mas de uma fração cujo numerador será 1 e cujo denominador terá 36 zeros – número absurdo, que inteligência humana alguma pode compreender e que equivale à certeza absoluta.

Deixemos, portanto, de lado a hipótese do acaso. Em tais condições não existe acaso. Se insistissem, reproduziríamos a velha comparação das letras do alfabeto atiradas ao ar. Ninguém iria supor que as letras, caindo ao solo, pudessem formar a "Ilíada" toda inteirinha.

Assim, pois, nem a boa fé dos observadores, nem o acaso das coincidências fortuitas extraordinárias, podem ser invocados; é preciso admitir-se que se trata de fatos reais. Por muito inverossímil que a coisa pareça, essas alucinações verídicas existem; tomaram pé na Ciência e, por mais que se faça, elas aí permanecerão."

Os leitores que se deram ao trabalho de ler todas as cartas publicadas acima terão concluído, imediatamente, *pela existência de um sem número de coisas que nós desconhecemos*. O domínio da telepatia abre diante de nós todo um novo mundo a explorar.

Os fatos em seu conjunto são inegáveis.

Ao tempo da discussão geral que se estabeleceu, nos principais jornais do mundo inteiro, no mês de julho último, a propósito da minha pretensa renúncia aos estudos psíquicos, constatei repetidas

vezes a seguinte objeção apresentada contra os fatos telepáticos: “Para que tais fatos pudessem ser admitidos cientificamente, seria necessário podermos à vontade reproduzi-los, pois é essa a característica dos fatos científicos.”

Há nessa proposição um erro de raciocínio. Tais fatos não são do domínio da *experiência*, mas do da *observação*.

Semelhante raciocínio equivale a este outro: “Eu só acreditarei nos efeitos do raio se os puder reproduzir; não admitirei uma aurora boreal senão quando fabricarem uma em minha presença; criem-me um cometa com sua cauda, produzam-me um eclipse amanhã, se querem que eu acredite em tais coisas: de outro modo, não lhes darei crédito.”

Essa confusão entre a observação e a experiência é assaz freqüente.

Os fatos em questão, dizemos, pertencem à *observação* e não à *experiência*. Podemos constatá-los, não produzi-los. Seu estudo é da mesma ordem que o da Astronomia e da Meteorologia, e não os da Física ou da Química. *Observa-se* um eclipse, um cometa, um aerólito, um relâmpago, uma aurora boreal; *experimenta-se* uma combinação química, um fenômeno de óptica ou de acústica; os dois métodos são diferentes, não obstante serem ambos científicos e merecerem o título geral de experimentais, pois que é a experiência humana que julga e não teorias anteriores, idéias, crenças, princípios ou autoridades invocadas e comentadas. Não mais admitimos o *magister dixit*.

Vêem-se freqüentemente pessoas admiradas de que certos fatos, mais ou menos burlescos, inexplicáveis, incoerentes, se produzam, ao passo que outros, que parecem naturais e mais simples à sua educação infantil, não se produzam. Por que é que uma pesada e bem fechada porta abre-se por si mesma? Por que se produz uma tempestade? Por que uma luz, por que um ruído? Por que uma visão? A Ciência, a observação dos fenômenos da Natureza ou da indústria, convidam-nos, entretanto, a moderar a nossa admiração e a alargar o campo de nossas concepções.

Eis aqui, por exemplo, um tonel de dinamite, mil vezes mais terrível do que a pólvora em seu poder destrutivo. Esta substância é de extrema sensibilidade e todos têm presentes à memória as

catástrofes ocasionadas pelas menores imprudências. Com esse tonel de dinamite, podeis destruir uma cidade. Pois bem: tentai acender essa substância explosiva, não obtereis efeito algum. É preciso que a espoleta *detone* para que o explosivo faça sentir seus efeitos fulminantes. Podeis acender impunemente um cartucho de dinamite, não provido de sua espoleta, sem que detonação alguma se produza: a dinamite queima até à extinção da substância. Mas uma simples martelada ocasionará uma detonação formidável.

Ao lado disso, ponde um fósforo inflamado sobre um barril de pólvora, acendei uma pequenina mecha, sentai-vos sobre o barril e ver-se-á o que acontece.

Não nos admiremos, pois, da singularidade dos fenômenos psíquicos.

Tem-se naturalmente disposição a negar o que parece inverossímil, o que se não conhece, o que se não compreende. Se lêssemos em Heródoto ou em Plínio que uma mulher tinha uma mama na coxa esquerda, com a qual amamentava seu filho, rir-nos-íamos a bom rir. Entretanto, esse fato foi determinado pela Academia de Ciências de Paris, em sessão de 25 de junho de 1827. Se nos vierem falar de um homem que trazia, conforme o comprovou a autópsia, uma criança no interior de seu corpo; se nos disserem que essa criança era um irmão gêmeo encerrado em seu organismo, que esta criança envelhecera e adquirira barba, consideraremos a história como uma fábula. Entretanto, vimos com os nossos olhos, não há muito tempo, um nascido-morto de 56 anos. Diz tranqüilamente um tradutor de Heródoto, Larcher: “Que Roxana tenha dado à luz uma criança sem cabeça, é um absurdo capaz, por si só, de desacreditar Ctésias.” Ora, todos os dicionários de Medicina falam hoje de crianças acéfalas. Esses exemplos e outros convidam-nos à sabedoria e à prudência. Somente os ignorantes podem tudo negar imperturbavelmente.

Poderíamos facilmente desdobrar esses exemplos, o que certamente seria inútil para os nossos leitores. Limitemo-nos a concluir que os fatos narrados podem e devem ser admitidos pelo próprio método experimental.

Detenhamo-nos agora um instante sobre as “alucinações”, cuja existência de todo não negamos, mas que não resolvem o nosso

problema, posto e afirmado pelas coincidências precisas e incontestáveis.

*** * ***

Apêndice referente à nota de número 50
Ação telepática *x* coincidência fortuita

O inquérito da Sociedade Psíquica de Londres conduziu ao seguinte resultado (Dariex, *Annales des Sciences Psychiques*, 1891, pág. 300):

Não se tem observado mais do que uma alucinação visual para 248 pessoas. Procurando a probabilidade de coincidência fortuita da morte do agente *A* com a alucinação do percipiente *B*, chega-se ao seguinte resultado:

$$\frac{1}{248} \times \frac{22}{1.000} \times \frac{1}{365} = \frac{1}{4.114.545}$$

que mostra ser a hipótese de uma ação telepática real 4.114.545 vezes mais provável do que a hipótese da coincidência fortuita. *Quatro milhões, cento e catorze mil, quinhentos e quarenta e cinco vezes mais provável*! Eis aí um número que começa a revelar-se com certa eloqüência.

Já se chega, pois, a uma probabilidade fantástica, supondo que em todos os casos a coincidência da alucinação com o acontecimento produziu-se 12 horas antes ou 12 horas depois, isto é, durante um lapso de tempo de 24 horas; mas quanto se tornaria mais fantástica ainda essa probabilidade se fossem tomadas em consideração coincidências mais aproximadas, como é de regra, e sobretudo se fosse calculado o algarismo de probabilidade de um caso em que a coincidência fosse imediata!

Tomemos como exemplo, para mostrar o valor desse argumento, o caso seguinte, consignado nos *Phantasms of the Living*:

Nicolas S... e Frederico S... estavam empregados no mesmo escritório há oito anos e eram muito amigos. Grande mesmo era a estima que um votava ao outro. Na segunda-feira, 19 de março de 1883, quando Frederico S... chegou ao escritório, queixou-se de ter sofrido uma indigestão. Foi consultar um farmacêutico que

diagnosticou mau estado do fígado e deu-lhe um medicamento. Quinta-feira não deu ele mostras de ir muito melhor. Sábado não foi ao escritório e Nicolas S... soube que seu amigo submetera-se a exame com um médico que lhe recomendou um repouso de dois ou três dias, mas que não achava gravidade no caso.

Nesse mesmo sábado, 24 de março, pela tarde, estando sentado em seu quarto, viu ele diante de si o seu amigo, vestido como de costume. Notou alguns detalhes da *toilette*: chapéu circundado de uma fita negra, sobretudo desabotoado, uma bengala na mão, etc.

O espectro fixou o olhar em seu amigo, depois desapareceu. Este lembrou-se imediatamente das palavras de Job: "E um espírito passou diante de mim e eriçaram-se-me os pelos da minha carne." Nesse momento um frio glacial atravessou-o e seus cabelos arrepiaram-se. Voltou-se ele, então, para sua mulher e perguntou-lhe que horas eram.

– Nove horas menos 12 minutos – respondeu ela.

Ao que acrescentou ele:

– A razão pela qual vos perguntava é que Frederico morreu. Acabo de vê-lo.

Tratou ela de persuadi-lo de que isso era um efeito de sua imaginação; afirmou-lhe, porém, ele que a visão se lhe apresentara de um modo tão nítido, que nenhum argumento poderia fazê-lo mudar de opinião.

No dia seguinte, domingo, pelas 3 horas da tarde, o irmão de Frederico veio participar a morte, ocorrida na véspera, pelas 9 horas.

A esposa do narrador confirmou suas declarações pelo seguinte depoimento:

> "No dia 24 de março último, à noite, estava eu sentada a uma mesa, lendo; meu marido ocupava uma preguiçosa colocada de encontro à parede do quarto. Perguntou-me ele a hora e, à vista da minha resposta, de que eram 9 horas menos 12 minutos, acrescentou:
>
> – O motivo da minha pergunta é que Frederico morreu. Acabo de vê-lo.

Respondi-lhe eu: – Que contra-senso! Nem mesmo sabes se ele está doente; garanto que o verás perfeitamente bem disposto, quando fores à cidade, terça-feira próxima.

Entretanto, persistiu meu marido em declarar que o tinha visto e que estava certo de sua morte. Notei então que ele tinha um ar inquieto e que estava muito pálido.

Maria S...”

O irmão do morto igualmente confirmou o fato em uma carta especial que concordava identicamente com as duas primeiras narrativas. Declarou, além disso, que ficou tanto mais surpreendido pelo fato, quanto é absolutamente refratário a essa ordem de idéias.

Neste caso digno de nota não se pode duvidar de que a morte ocorrera durante os 25 minutos decorridos entre 8:35 e 9 horas; por outro lado, o amigo teve a sua visão às 8:48. Se a coincidência dos dois acontecimentos não foi absoluta, não é, em todo o caso, possível supor, mesmo tomando as coisas pelo lado pior, que tenha havido um intervalo de mais de 12 minutos.

Vimos que a probabilidade de morte, durante um período determinado de 24 horas, é de

$$\frac{1.000}{22} \times \frac{1}{365}$$

para um adulto de idade indeterminada; mas para um homem de 48 anos (era a idade de Frederico) essa probabilidade é de

$$\frac{13,5}{1.000}$$

algarismo oficial, dado pelas tabelas de mortalidade.

Temos, pois, pela probabilidade ordinária de mortalidade,

$$\frac{13,5}{1.000} \times \frac{1}{365} = \frac{1}{27.037}$$

Durante um período de tempo de 12 minutos, contido 120 vezes em 24 horas, será essa probabilidade 120 vezes menor, isto é:

$$\frac{13,5}{1.000} \times \frac{1}{365} \times \frac{1}{120}$$

e em lugar da equação:

$$X = \frac{1}{248} \times \frac{22}{1.000} \times \frac{1}{365} = \frac{1}{4.114.545}$$

teremos a equação:

$$X = \frac{1}{248} \times \frac{13,5}{1.000} \times \frac{1}{365} \times \frac{1}{120} = \frac{1}{804.622.222}$$

No caso presente, a probabilidade de uma *ação telepática, comparada à probabilidade de uma coincidência fortuita, está na proporção de oitocentos e quatro milhões, seiscentos e vinte e dois mil, duzentos e vinte e dois* contra *um*.

O fato acima citado é particularmente preciso. Podemos logicamente reuni-lo aos precedentes, sob o nº CLXXXI.

Creio que nos devemos contentar com uma probabilidade de *vários milhões*, como acabo de dizê-lo, porque é preciso levar em consideração certos casos em que se sabia estar o moribundo doente e nos quais podia-se pensar em sua morte.

V

Das alucinações propriamente ditas

Incidiriam no mais completo erro os que supusessem, tendo em vista os precedentes capítulos, que não admitimos as alucinações e que lhes não concedemos a parte que lhes pertence. Mas pensamos que há distinções e definições urgentes a estabelecer.

Existem alucinações reais, isto é, ilusões, erros, sensações falsas. Podem umas ser experimentadas por pessoas nervosas, fatigadas, doentes, loucas; outras por indivíduos perfeitamente sãos de corpo e de espírito. Outrora os médicos apenas admitiam as primeiras – o que era um erro grosseiro, produto da ignorância.

As alucinações são *ilusões* do cérebro e do pensamento, e importa não lhes dar outra significação e nem supor, por exemplo, como poderia fazê-lo pensar o título freqüentemente empregado de *alucinações verídicas*, que possam existir alucinações verdadeiras. Desde o momento em que a impressão experimentada é considerada como real, como o resultado de uma causa exterior, agindo sobre o cérebro ou sobre o espírito, perde ela o seu caráter alucinatório e entra na categoria dos fatos. Não é mais uma "alucinação". Esta distinção é, no caso, de capital importância. A dificuldade para nós está precisamente em distinguir uma parte que constitui ilusão, erro, da que é realidade, no detalhe assaz confuso desses fenômenos.

O Dicionário da Academia define a alucinação como "erro, ilusão de uma pessoa cujas percepções deixam de ser conformes com a realidade". É vago e confuso, sendo que essa definição se aplica a outras coisas que não somente às alucinações. Não se pode admitir semelhante definição. Littré diz: "percepção de sensações sem objeto algum exterior que as origine". É um pouco mais claro e mais preciso. Em uma memória sobre a alucinação visual, escreve o Dr. Max Simon: "A alucinação consiste em uma percepção sensível sem objeto exterior que lhe sirva de origem".

Esta definição, como a de Littré, é precisamente a que corresponde à idéia geral, e nós a adotaremos. O essencial é estar de

acordo em um ponto, isto é, que a alucinação é uma sensação essencialmente *subjetiva* e errônea, uma percepção falsa.

Brierre de Boismont escreveu sobre as alucinações [51] uma das mais interessantes obras, tornada clássica, na qual o médico alienista desempenha ainda o mais importante papel, mas onde ele já toma o cuidado, contudo, de constatar que nem todas as alucinações são vizinhas da loucura, fazendo notar que, de um lado, a história do Cristianismo está cheia de casos análogos, sobretudo em seus primeiros tempos, e que, por outro lado, mais de uma alucinação corresponde a um estado perfeitamente são do cérebro. Esse livro pode ser considerado como um dos primeiros esforços do pensamento científico independente contra a teoria patológica clássica e para estabelecer que em certos casos a alucinação pode ser considerada como um fenômeno puramente fisiológico. O autor, aliás, como partidário declarado do princípio da dualidade humana, rejeita a opinião que outra coisa não quer ver na loucura mais do que uma nevrose; e na razão, mais do que o produto de um ato fisiológico material. "As idéias e as sensações são de ordens diferentes. Não podem os fatos psicológicos ser postos sobre a mesma linha dos fatos sensíveis. O cérebro limita-se a ser a sede das operações intelectuais, e não o seu criador." Brierre de Boismont pode ser considerado como o precursor das pesquisas atuais sobre os problemas psíquicos, ainda que a palavra alucinação tenha conservado, depois do aparecimento desse grande tratado, o seu aspecto patológico e médico.

Cumpre dar aqui alguns exemplos das diversas espécies de alucinações.

A alucinação é um sonho acordado. Os sonhos também produzem alucinações que por vezes oferecem todos os caracteres da vida real.

As alucinações da loucura, as excentricidades da alienação mental, são tão numerosas, tão variadas e tão conhecidas que seria supérfluo fazer-lhes referências.

As obras de Medicina, sobre as doenças mentais, estão cheias dessas referências, todos podendo facilmente conhecê-las. Depois, nada elas têm de comum com os fatos de que nos ocupamos. Procuremos antes alguns casos bem observados e bem descritos pelos próprios pacientes. Tomaremos o segundo à obra do Dr. Ferriar, de

Manchester, que o soube do escritor Nicolaï, de Berlim.[52] É caso muito antigo, mas bem típico.

> "Durante os últimos dez meses do ano de 1790 – conta esse acadêmico –, passara eu por sofrimentos que me afetaram profundamente. O Dr. Delle, que costumava tirar-me o sangue duas vezes por ano, julgara conveniente não praticar desta vez mais do que uma sangria. A 24 de fevereiro de 1791, em seguida a uma viva altercação, percebi de repente, na distância de dez passos, um semblante de morto; perguntei a minha mulher se ela não o percebia; minha pergunta alarmou-a muito e ela apressou-se em mandar chamar um médico: a aparição durou 8 minutos. Às 4 horas da tarde, reproduziu-se a mesma visão, estando eu, então, a sós. Atormentado por este acidente, dirigi-me ao apartamento de minha mulher, para onde a visão me acompanhou. Às 10 horas, distingui diversos vultos que não tinham relação com o primeiro.
>
> Passada a primeira emoção, contemplei os fantasmas, mas, tomando-os pelo que eles eram realmente: as conseqüências de uma indisposição. Penetrado dessa idéia, observei-os com o maior cuidado, procurando saber por que associação de idéias se apresentavam estas formas à minha imaginação; não lhes pude, entretanto, achar ligação com as minhas ocupações, meus pensamentos, meus trabalhos. No dia seguinte o vulto do morto desapareceu, mas foi substituído por grande número de outros vultos, algumas vezes representando amigos, mais comumente, porém, estranhos. As pessoas de minha convivência não faziam parte dessas aparições, quase exclusivamente compostas de indivíduos que residiam distante mais ou menos algumas léguas. Experimentei reproduzir à vontade as pessoas do meu conhecimento por uma objetividade intensa de suas fisionomias, mas ainda que visse distintamente em meu espírito duas ou três dentre elas, não pude conseguir tornar exterior a imagem interior, mesmo que antes eu as tivesse visto involuntariamente desta maneira. Minha disposição de espírito era de molde a permitir-me não confundir essas falsas percepções com a realidade.

Tais visões eram tão claras e tão distintas na solidão, como achando-me eu acompanhado, quer de dia quer à noite; tanto na rua como em casa. Quando eu fechava os olhos, elas desapareciam algumas vezes, ainda que em certos casos se conservassem visíveis; mas, desde que os abrisse, reapareciam imediatamente. Em geral esses vultos, que pertenciam aos dois sexos, pareciam ligar mui pouca atenção uns aos outros e andavam com um ar atarefado, como se estivessem num mercado; em certos momentos, entretanto, dir-se-ia que executavam juntos seus afazeres. Por diversas vezes vi pessoas a cavalo, cães, pássaros. Nada havia de particular em seus olhos, em seus talhes, em suas vestes; esses vultos apenas pareciam um pouco mais pálidos que no estado natural.

Cerca de quatro semanas depois, o número dessas aparições aumentou; comecei a ouvi-las falar. Algumas vezes dirigiam-me a palavra; os seus discursos eram curtos e geralmente agradáveis. Em diferentes épocas, tomei-os por amigos ternos e sensíveis que procuravam amenizar meus padecimentos.

Ainda que meu espírito e meu corpo estivessem, nessa época, em estado assaz bom e que esses espectros se me tivessem tornado tão familiares que não me causavam mais inquietação, procurava, contudo, desembaraçar-me deles pelos meios convenientes. ficou decidido fazer-se-me uma aplicação de sanguessugas, o que efetivamente se praticou em 20 de abril de 1791, às onze horas da manhã. O cirurgião estava a sós comigo; durante a operação enchia-se meu quarto de figuras humanas de toda espécie. Continuou esta alucinação ininterruptamente até às 4:30, quando começava a minha digestão. Percebi que os movimentos desses fantasmas se tornavam mais lentos. Pouco depois começaram a empalidecer, e às 7 horas haviam adquirido uma cor branca; seus movimentos eram muito pouco rápidos, ainda que suas formas fossem tão distintas como dantes. Pouco a pouco tornaram-se mais vaporosos e pareceram confundir-se com o ar. Às 8 horas o quarto estava completamente desembaraçado desses visitantes fantásticos.

Depois dessa época, pareceu-me por duas ou três vezes que as citadas visões iam mostrar-se; nada, porém, de semelhante aconteceu.”

Eis aí um caso de alucinação real e incontestável. O autor analisou perfeitamente suas sensações e teve o cuidado de fazer notar que essa estupenda desordem de espírito se explicava pela influência dos pesares e pelas perturbações da circulação cerebral, que lhe eram conseqüentes.

Conta Walter Scott, em sua *Demonologia*, que um doente do eminente Dr. Grégory, tendo mandado chamar esse médico, descreveu-lhe nos seguintes termos seus singulares sofrimentos:

“Tenho por hábito – diz ele – jantar às 5 horas e, quando chegam precisamente as 6 horas, estou sujeito a uma visita fantástica. A porta do quarto, mesmo quando eu tenha tido a precaução de aferrolhá-la, abre-se de repente; uma velha feiticeira, semelhante a uma daquelas que assombravam as charnecas de Fores, entra com um ar ameaçador e irritante, aproxima-se de mim com as demonstrações de despeito e de indignação próprias para caracterizar as feiticeiras que visitavam Abdula nos contos orientais. Atira-se sobre mim tão bruscamente, que não posso evitá-la, e então me dá um golpe violento com a sua muleta; caio de minha cadeira sem sentidos e assim permaneço mais ou menos tempo. Todos os dias me vejo sob o poder dessa aparição. Tal o motivo surpreendente das minhas queixas.”

O doutor imediatamente lhe perguntou se ele convidara alguém para jantar em sua companhia, a fim de ser testemunha de semelhante visita. Respondeu que não. A natureza do mal de que se queixava era tão particular, devia-se tão naturalmente imputá-la a um desarranjo mental, que lhe havia sempre repugnado falar a respeito a quem quer que fosse.

– Então – diz o doutor –, se o permitis, jantarei hoje convosco na intimidade e veremos se a maldita mulher vem perturbar o nosso colóquio.

O doente, que esperava ser objeto de zombaria, em lugar de despertar compaixão, aceitou a proposta com alegria e gratidão. Jantaram os dois, e o Dr. Grégory, que desconfiava tratar-se de alguma enfermidade nervosa, empregou o encanto de sua

conversação, uma das mais variadas e brilhantes, em cativar a atenção do seu hóspede e impedi-lo de pensar na aproximação da hora fatal. Conseguiu-o de um modo superior à sua expectativa.

Chegaram as 6 horas sem que se desse por isso. Mas, apenas haviam decorrido alguns minutos, e o monomaníaco gritou com voz transtornada:

– Lá está a feiticeira!

E, virando-se para trás em sua cadeira, perdeu os sentidos.

Este fantasma de muletas parece-se um tanto com o que a gente experimenta nos pesadelos; uma opressão, uma sufocação produzem por vezes imagens análogas no cérebro. Todo ruído súbito ouvido por quem dorme e que não é por ele imediatamente despertado, toda sensação análoga do tato é assimilada ao sonho e adaptada de maneira a ligar-se a ele e a entrar na corrente da idéia do sonho, qualquer que seja ela – e nada é mais notável do que essa rapidez com que a imaginação provê a explicação completa de tal interrupção, de acordo com a marcha das idéias expressas no sonho, mesmo nos casos em que lhe seja apenas concedido um momento para esta operação. Se, por exemplo, se sonha com um duelo, os sons que chegam são, em um abrir e fechar dos olhos, os da detonação das pistolas; se se trata no sonho de um orador pronunciando seu discurso, os sons se mudam em aplausos do auditório; se o que dorme percorre, por exemplo, ruínas, transformam-se os ruídos nos que produz a queda de uma porção de argamassa; em outras palavras, é adotado, durante o sono, um sistema explicativo com tal rapidez que, supondo ter sido o ruído imprevisto e brusco que despertou a pessoa que dormia, um chamado em alta voz, a explicação desse ruído é dada pela mesma pessoa, de um modo completo e perfeito à sua inteligência, antes que um segundo esforço da pessoa que procurava acordá-la tenha-a chamado ao mundo e às suas realidades.

A sucessão das nossas idéias no sono é tão rápida e tão intuitiva, que ela nos explica a visão de Maomet que teve tempo de subir ao sétimo céu antes que a jarra de água, caída no começo do êxtase, estivesse inteiramente esvaziada quando recuperou os sentidos.

Não tratemos, porém, aqui do sono e dos sonhos, que farão objeto de próximo capítulo especial. Ocupemo-nos, simplesmente, com as alucinações.

Existe um fenômeno, experimentado por grande número de pessoas e ao qual Alfredo Maury, com quem tenho diversas vezes conversado sobre o assunto, estava muito sujeito, que projeta grande claridade sobre o modo de produção dos sonhos: são as alucinações de que é precedido o sono ou acompanhado o despertar.

Tais imagens, tais sensações fantásticas se produzem no momento em que o sono nos empolga, ou quando ainda estamos imperfeitamente acordados. Constituem elas um gênero à parte de alucinações, às quais convém o epíteto de hipnagógicas, palavra derivada do grego: *sono, que transporta, condutor*, cuja reunião indica o momento em que a alucinação de ordinário se manifesta.

As pessoas que mais freqüentemente experimentam essas alucinações hipnagógicas são de uma constituição facilmente excitável e geralmente predispostas à hipertrofia do coração, à pericardite e às afecções cerebrais. Foi o que Alfredo Maury pôde confirmar por sua própria experiência.[53] Escreve ele:

> "Minhas alucinações são mais numerosas quando tenho – o que se passa comigo freqüentemente – uma disposição à congestão cerebral. Desde que eu esteja atacado de cefalalgia, desde que experimente dores nervosas nos olhos, nos ouvidos, no nariz, desde que sinta mal-estar no cérebro, assaltam-me as alucinações, apenas se me cerrem as pálpebras. Desse modo me explico porque também tenho estado sempre sujeito a essas alucinações quando viajo em diligência, após haver passado assim a noite, pois a falta de sono, o sono imperfeito ocasionam-me freqüentemente dores de cabeça. Um de meus primos, Gustavo L., que experimentava as mesmas alucinações, teve ocasião de fazer, no que lhe concerne, observações análogas.
>
> "Quando à noite – diz ele – me entrego a um trabalho intenso, as alucinações não faltam jamais. Tendo, há alguns anos, passado dois dias consecutivos a traduzir uma longa passagem grega assaz difícil, vi, apenas recolhido ao leito, imagens tão multiplicadas e que se sucediam com tanta rapidez, que, presa de verdadeiro pavor, ergui-me da cama para dissipá-las. No campo, ao contrário, quando tenho o espírito calmo, não constato senão raramente o fenômeno."

> O café preto, o vinho de Champanha, que, mesmo tomados em mui pequena quantidade, provocam em mim insônias e cefalalgia, dispõem-me fortemente às visões hipnagógicas. Nestes casos, porém, não sobrevêm elas senão depois de longo tempo, quando o sono, em vão procurado durante várias horas, vai acabar por apossar-se de mim.
>
> Em apoio das observações que tendem a considerar a congestão cerebral como uma das causas características das alucinações, direi que todos os que as experimentam, como eu, e que tenho encontrado, asseguram-me estar igualmente muito sujeitos às dores de cabeça, ao passo que várias pessoas, entre as quais citarei minha mãe, e às quais a cefalalgia é quase desconhecida, declararam-me não terem jamais visto essas imagens fantásticas."

Mostra-nos esta observação que o fenômeno deve ligar-se a uma superexcitação do sistema nervoso e a uma tendência congestiva do cérebro.

A alucinação hipnagógica é um índice de que, durante o sono que se prepara, a atividade sensorial e cerebral será notavelmente enfraquecida. Com efeito, quando essas alucinações têm início, deixa o espírito de estar atento; não prossegue mais na ordem lógica e voluntária de suas idéias, de suas reflexões; abandona a si mesma sua imaginação e torna-se a testemunha passiva das criações que esta faz nascer e desaparecer incessantemente. Esta condição de não-atenção, de não-tensão intelectual é, no começo, necessária para a produção do fenômeno; explica também como este é um pródromo do sono. Isto porque, para que possamos entregar-nos a ele, é preciso que a inteligência, de alguma sorte, se retire, distenda as suas molas e se mantenha em um semi-estado de torpor. Ora, o começo desse estado é precisamente a condição necessária para o aparecimento dessa espécie de alucinações. A ausência da atenção pode ser o efeito quer da fadiga dos órgãos do pensamento, de sua falta de hábito de agir e de funcionar por muito tempo, quer da fadiga dos sentidos que se embotam momentaneamente, não conduzem mais as sensações ao cérebro e desde esse instante não fornecem mais ao espírito elementos, motivos de atividade. É da primeira dessas causas que resulta o sono, ao qual nos conduziu o devaneio que o precedeu.

Cessando o espírito de estar atento, foi o sono gradualmente chegando. Tal a razão pela qual certas pessoas, pouco habituadas à meditação ou à atenção puramente mental, adormecem logo que procuram meditar ou apenas ler. Eis por que um discurso ou um livro fastidiosos provocam o sono: não estando a atenção suficientemente excitada pelo orador ou pelo interesse do livro, ela se retira e o sono não tarda a apoderar-se de nós.

Nesse estado de não-atenção, os sentidos não se acham ainda adormentados: o ouvido escuta, os membros sentem o que está em contato com eles, o olfato percebe os odores; entretanto sua aptidão para transmitir a sensação não é tão viva, tão nítida como em estado de vigília.

Quanto ao espírito, cessa ele de ter uma consciência clara do eu, torna-se de alguma sorte passivo, fixa-se inteiramente nos objetos que o impressionam; percebe, vê, ouve, mas sem saber que percebe, vê, escuta. Há nisso um mecanismo mental de natureza muito particular e em tudo semelhante ao do devaneio.

Mas desde que torna o espírito a brilhar, desde que a atenção se restabelece, retoma a consciência os seus direitos. Pode-se, pois, dizer com razão que no estado intermediário entre a vigília e o sono torna-se o espírito joguete das imagens evocadas pela imaginação, que estas o avassalam inteiramente, conduzem-no para onde vão, arrebatam-no como que para fora de si mesmo, sem lhe permitirem no momento refletir sobre o que faz, ainda que em seguida, voltando a si, possa perfeitamente recordar-se do que experimentou.

Certa vez, sob o império de uma fome devida a dieta que se impôs por motivo de saúde, viu o Sr. Maury, no estado intermediário entre a vigília e o sono, um prato de comida sustido por uma mão armada de garfo. Adormecido, alguns minutos depois, encontrou-se ele em uma mesa bem servida e ouviu, em sonho, o ruído dos talheres dos convivas.

Não há mais do que imagens mais ou menos estranhas, sons, sensações de gosto de odor, de tato que nos assaltam no momento em que somos vencidos pelo sono; por vezes surgem de repente no cérebro palavras, frases, quando adormecemos – e isso sem que sejam de modo algum provocadas. São verdadeiras alucinações do

pensamento, pois as palavras soam ao ouvido interno como se estranha voz as articulasse.

Do mesmo modo se produz, portanto, o fenômeno, quer se trate de um som, quer de uma idéia. O cérebro é impressionado fortemente por uma sensação, por uma idéia; esta impressão reproduz-se mais tarde espontaneamente, por uma como ressonância da ação cerebral, que dá origem quer a uma alucinação hipnagógica, quer a um sonho. Estas repercussões das idéias, esta reaparição de imagens anteriormente percebidas pelo espírito, são freqüentemente independentes das últimas preocupações deste. Elas resultam nesse caso de movimentos interiores do cérebro, correlatos aos do resto do organismo, onde se produzem por efeito de encadeamento com outras imagens que superexcitaram o espírito, do mesmo modo que isso se produz com relação às nossas idéias logo que nos abandonamos aos braços do sonho, que deixamos nossa imaginação divagar.

Certas aparições, vistas em sonho, podem igualmente não ser mais do que alucinações causadas pela revivescência de uma lembrança esvaecida, latente na memória.

Pode servir de exemplo a seguinte observação de Alfredo Maury:[54]

> "Passei os meus primeiros anos em Meaux, e freqüentemente me dirigia a uma aldeia próxima, chamada Trilport, situada sobre o Marne, onde meu pai construía uma ponte. Certa noite, vejo-me em sonho transportado aos dias da minha infância e brincando nessa aldeia de Trilport; avisto, envergando uma espécie de uniforme, um homem ao qual me dirijo, perguntando-lhe o nome. Informa-me que se chama C., que é o guarda do porto, desaparece depois para dar lugar a outras personagens.
>
> Desperto em sobressalto, com o nome de C. na cabeça. Era isso uma pura imaginação, ou havia mesmo em Trilport um guarda do portão com o nome de C.? Eu o ignorava, não tendo nenhuma lembrança de semelhante nome. Interrogo, algum tempo depois, uma velha empregada, outrora ao serviço de meu pai e que muitas vezes me levava a Trilport. Pergunto-lhe se ela se lembra de um indivíduo com o nome de C. e ela me responde logo que era um guarda do porto do Marne quando meu pai

construía sua ponte. Com toda a certeza eu o teria visto, como a empregada, mas a recordação dele desvanecera-se. O sonho, evocando-o, tinha-me como que revelado o que eu ignorava."

É ainda esse um tipo perfeito de alucinação propriamente dita. Precisamos estar em guarda contra as imagens latentes, as recordações riscadas da memória e o inconsciente. Há mais de uma impressão desse gênero nas narrativas que me foram endereçadas.[55] Publicá-las aqui seria inútil.

Não será, entretanto, destituída de interesse a menção dos quatro casos seguintes:

(Carta 388)

"Há cerca de um ano, achando-me nesse estado intermediário que se segue imediatamente ao despertar e no qual não te tem ainda recuperado completamente os sentidos, vi muito nitidamente, e isso na obscuridade quase completa (eram 5 horas da manhã), uma forma humana que se conservava imóvel à distância de um metro diante de mim.

Durou o fenômeno alguns segundos, depois a imagem se desvaneceu, para reaparecer após um momento, com os mesmos traços apresentados da primeira vez. Não reconheci pessoa alguma nessa forma humana e essa talvez seja a razão pela qual não constatei coincidência com uma morte.

Há alguns meses, nas mesmas circunstâncias, apareceu-me uma nova figura, igualmente para mim desconhecida.

Devo acrescentar que, anteriormente a essas manifestações, tive ocasião de assegurar-me de que, acordando-se subitamente em meio de um sonho, pode-se continuar a ver, em estado de vigília, durante um rápido instante, os objetos que se acabou de ver durante o sono.

Mas, nos dois casos que precedem, a visão começou a produzir-se posteriormente ao despertar e não foi, como neste último caso, a continuação de uma impressão experimentada durante o sonho.

Logo, há provavelmente aí uma distinção a estabelecer entre esses dois gêneros de fenômenos.

Ch. Tousche
Vice-secretário da Sociedade Científica Flammarion, de Marselha, membro da Sociedade Astronômica de França e da Sociedade de Altos Estudos Psíquicos de Marselha.”

Está provavelmente aí uma alucinação hipnagógica.

(Carta 327)

“Tinha eu 12 anos. Uma manhã, cerca das 7 horas (não me lembro da época do ano, mas já estava claro a essa hora), achava-me eu na cama e a sós em casa; um tio, que dormia no mesmo apartamento, levantara-se pelo menos uma hora antes, para trabalhar (era ele ferrador). Perto do leito achava-se uma mesa redonda que tocava a alcova; sobre a mesa, alguns objetos, notadamente as minhas roupas.

No momento em que, despertando, abri os olhos, vi, perto da mesa e fazendo-me frente, um homem que parecia estar dando o laço na gravata.

Tornei imediatamente a fechar os olhos, retendo a respiração; depois, alguns instantes depois – talvez meio minuto – sendo a curiosidade mais forte do que o medo, reabri os olhos e vi o mesmo homem, que contornava a mesa para *passar entre ela e a alcova*. De novo fechei os olhos e, quando os reabri, não vi mais nada.

Esse homem passava entre a mesa e a alcova e, entretanto, a mesa tocava a alcova. Não ouvi, de resto, ruído algum (nem de passos, nem outro qualquer, mesmo ligeiro.) Ele parecia não reparar em mim.

Não me recordo dos traços de seu rosto, que me eram desconhecidos. Essa aparição não coincidiu com a morte de pessoa alguma, conhecida minha.

G. Lamy
Rua Richelandière, 98, em Saint Etienne (Loire).”

Sem dúvida, um caso análogo.

(Carta 393)

"Há cerca de 2 meses, estando há alguns instantes deitado e não ainda adormecido, experimentei de repente a sensação de um pesado corpo caindo sobre as minhas pernas.

Retirei a cabeça de sob as cobertas e distingui muito nitidamente uma criança enfaixada que me olhava sorrindo. Aterrado por essa aparição, suspendo vivamente meu braço e o arrojo brutalmente em sua direção. A criança salta abaixo do leito e desaparece. Eu estava perfeitamente acordado. Iluminando a Lua suficientemente o meu quarto para se poder distinguir os objetos, percebi perfeitamente a visão.

Demais, achando-se o meu apartamento bem fechado, nenhum animal poderia aí penetrar para saltar sobre o meu leito. E em seguida me certifiquei, pela manhã, que estava tudo em ordem. Acrescento, como informação complementar, que meu espírito foi conduzido instintivamente para meu pequeno sobrinho, então com a idade de 3 meses, e que, graças a Deus, passa maravilhosamente bem.

J. M. (Manasque)."

São esses ainda aspectos alucinatórios.

(Carta 473)

"Não há mais de 15 dias, tive, à noite, estando em minha cama perfeitamente acordado e com os olhos bem abertos, a impressão de ver um ser humano. Durou essa impressão mais de um minuto; fez-me ela o efeito de um medalhão representando um busto de mulher tão grande quanto o natural, deslocando-se como o faria uma projeção luminosa, diminuindo de intensidade, mudando de forma.

Durante esse minuto, tive tempo de reviver as minhas recordações, pensando em ser útil às vossas pesquisas.

Essa figura não despertou em mim lembrança alguma e pareceu-me totalmente desconhecida; não posso, por isso, saber se a aparição coincide com uma morte. Em todo caso esta não seria a de algum dos meus parentes.

Não acreditei em uma aparição, mas antes em uma aberração do sentido da vista.

Devo dizer que a obscuridade era completa no meu quarto e que distingui perfeitamente bem os traços da aparição.

Henriot
Veterinário em Chavanges (Aube).”

Deu-se no caso em apreço, sem dúvida alguma, igualmente uma espécie de semi-sonho alucinatório.

Os precedentes exemplos podem ser explicados pela teoria das alucinações. Muitos deles não deixam a menor dúvida. Somos tentados a colocar no mesmo plano todos os fatos de que nos ocupamos aqui – e é isso em geral o que se acredita. Um grande número de objeções, porém, opõe-se a esse modo de ver, desde que não nos contentemos com uma vista superficial e nos queiramos dar ao trabalho de analisar a fundo os fatos observados.

Alguns exemplos, parece-nos, poderiam ser classificados na categoria precedente. Assim, o caso de M. V. de Kerkhove (caso IV), que, estando no Texas, a fumar tranqüilamente em seu cachimbo, após o jantar, à hora do pôr do Sol, vê seu avô, que ficara na Bélgica, aparecer-lhe no vão de uma porta. O autor cochilava docemente após um bom jantar e achava-se nas condições de uma alucinação hipnagógica. Poder-se-ia admitir aí esse gênero de alucinações, se o seu avô não houvesse morrido justamente àquela hora. Por que uma alucinação nesse momento exato? Replicar-se-á que precisamente esta coincidência é que lhe dá notoriedade. Mas não. O autor jamais teve outra, e o mesmo acontece, em geral, em todas as narrativas. É muito raro que uma mesma pessoa tenha visto diversas aparições: geralmente não tem visto mais que uma, coincidindo com uma morte. O caso não é de forma alguma idêntico ao dos pressentimentos mais ou menos vagos, dos quais um, realizando-se por acaso, é mais notado do que os outros.

E o Sr. de Kerkhove não estava mais preocupado com a saúde de seu avô do que a Sra. Bloch quando viu, em Roma, seu sobrinho de 14 anos, que morria em Paris e que ela deixara bem disposto (caso III), nem do que a Sra. Berget, ouvindo, em Schlestadt, sua amiga, a religiosa, cantar no momento em que morria em um convento de

Estrasburgo (caso VIII), ou do que a senhorita que, durante um jantar bastante divertido, vê aparecer sua mãe (caso XLIV), ou do que o Sr. Garling, encontrando, em pleno dia, numa estrada, o duplo de seu amigo Harrisson que morria de cólera (caso CLXXVII).

Os nossos 181 casos estão perfeitamente fora dessas explicações fisiológicas. Neles não há nenhuma das condições e associações de idéias comuns aos sonhos hipnagógicos.

Outra objeção: as datas precisas de morte conhecidas pelas aparições e por vezes em contradição com os documentos, como, por exemplo, no caso de Sra. Wheatcroft vendo seu marido, o capitão, morto a 14 de novembro, ao passo que mais tarde os papéis do Ministério da guerra traziam, por erro, a data de 15, que foi ulteriormente retificada (caso CLXVII). A explicação pela alucinação é de insuficiência notória. Ainda que, a respeito dos numerosos casos assinalados, possam existir *algumas* coincidências fortuitas, o conjunto não se explica por essa hipótese. Sem contradita, há alucinações reais e também coincidências meramente fortuitas; mas nem umas nem outras impedem que haja também manifestações telepáticas de moribundos.

Os três casos estão representados na série dos meus documentos.

Dentro em pouco, haveremos de constatar, além disso, que a ação psíquica de um espírito sobre outro, a distância, é um fato irrecusável.

Brierre de Boismont cita a história seguinte, que Ferriar, Hibbert e Abercrombie encaravam sob pontos de vista diferentes:

Um oficial do Exército inglês, ligado à minha família – diz Ferriar –, foi enviado, em serviço de guarnição, no meado do século passado, para lugar próximo da residência de um gentil-homem escocês, que dizia ser dotado da vista dupla. Um dia em que o oficial, que fizera conhecimento com ele, lia, para as senhoras presentes, uma comédia, o dono da casa, que passeava no apartamento, deteve-se de súbito e tomou o olhar de um inspirado. Tocou a campainha e ordenou a um criado que selasse um cavalo para ir imediatamente a um castelo vizinho a fim de informar-se da saúde da senhora desse castelo e, se a resposta fosse favorável, dirigir-se a um outro castelo para saber notícias de uma outra senhora, cujo nome citou.

O oficial fechou o livro e pediu ao seu hospedeiro que fizesse o favor de lhe dar uma explicação dessas ordens instantâneas. Este hesitou, mas acabou por confessar que lhe pareceu ter-se aberto a porta e viu ele entrar uma mulherzinha parecida com as duas senhoras designadas; esta aparição, segundo ele, era indício da morte súbita de qualquer pessoa de seu conhecimento.

Algumas horas depois, voltou o criado com a notícia de que uma das senhoras morrera de apoplexia no momento em que se verificou a aparição.

Em uma outra circunstância aconteceu que, tendo sido o mesmo senhor obrigado a guardar o leito, lia-lhe o oficial um livro qualquer, por uma noite de tempestade. Achava-se então no mar o barco de pesca. O velho *gentleman*, depois de haver demonstrado repetidamente muita inquietação a respeito dos tripulantes, gritou de repente:

– *O barco está perdido!*

Como o sabeis? – perguntou-lhe o coronel.

– Vejo – respondeu o enfermo – dois tripulantes que transportam um terceiro afogado; escorre-lhes a água pelo corpo e o colocam perto de vossa cadeira.

No correr da noite voltaram os pescadores com o corpo de um dos marujos.

Ferriar, acrescenta B. de Boismont, atribui com razão esta visão às alucinações. Segundo Abercrombie, seria ela a reminiscência de um sonho esquecido. Pensamos que deve sobretudo ser relacionada às alucinações que se manifestam durante o êxtase. Seria mais simples confessar que a coisa é inexplicável.

Não estamos autorizados a levar à conta das alucinações todos os fatos inexplicados, este, entre mil outros:

Conta Cardan que durante sua estada em Pávia, observando por acaso suas mãos, ficou muito alarmado de perceber sobre o seu indicador direito um ponto vermelho. À tarde recebeu ele uma carta de seu genro, na qual lhe noticiava a prisão de seu filho e o desejo ardente que ele tinha de vê-lo em Milão, onde fora *condenado à morte*. Durante 53 dias continuou a marca a estender-se, até que atingiu a extremidade do dedo: era então vermelha como sangue.

Tendo seu filho sido executado, a mancha logo diminuiu; no dia seguinte ao de sua morte ela havia desaparecido quase totalmente e dois dias depois não restava mais traço algum de tal mancha.[56]

Esse fato singular é igualmente classificado por Brierre de Boismont em o número das alucinações (observação 44). Por que razão? Uma ilusão da vista que dura 53 dias! E a coincidência? Ainda se pode, neste caso, negligenciá-la? O filho, condenado à morte, não agiu fisicamente sobre seu pai, por uma influência que não cessou a não ser por ocasião da morte?

Em sua excelente obra sobre o cérebro,[57] Gratiolet inclui – também sem razão, segundo o nosso ver – as três narrativas seguintes na classe das alucinações:

> O eminente químico, Sr. Chevreul, meditava um dia, sentado e curvado perto do fogão. Era em 1814, alguns dias antes da ocupação de Paris pelos aliados. Reinava uma inquietação universal. Em certo momento ele se ergue, volta-se e vê, entre as duas janelas da sacada do seu gabinete, uma forma pálida e branca, semelhante a um cone fortemente alongado que estivesse posto sobre uma esfera. Esta forma, assaz mal definida, aliás, estava imóvel, e enquanto o Sr. Chevreul a observava, sentia-se ele em um estado muito particular de agonia. Não experimentava nenhum terror moral e, entretanto, um grande tremor avassalava-o; em um dado instante voltou os olhos e cessou então de ver o fantasma; depois, volvendo-os para o mesmo lugar, aí o encontrou na mesma atitude. Esta prova foi repetida com o mesmo resultado. Fatigado por essa visão persistente, o sábio decidiu retirar-se para o seu quarto de dormir. Durante esse movimento, que o obrigava a passar por diante do fantasma, este desvaneceu-se.
>
> Cerca de três meses depois, o Sr. Chevreul soube, muito tardiamente, da morte de um velho amigo que lhe legava, como recordação, sua biblioteca; essa triste notícia fora singularmente retardada pela dificuldade de comunicações nessa desgraçada época e, confrontando as datas, constatou ele, entre a visão e a hora da morte de seu amigo, uma espécie de coincidência.

– Se eu fosse supersticioso – dizia-me o Sr. Chevreul – teria podido crer em uma aparição real.[58]

Essa é precisamente a questão. Houve aparição ou alucinação?

Chevreul assinalou igualmente a Gratiolet o caso seguinte:

Um dos anatomistas, que ilustraram o fim do décimo oitavo século, X., estava cortando o cabelo. De súbito, volta-se e diz ao seu cabeleireiro:

– Por que me apertais o braço?

Este se desculpa e nega. Um momento depois, repetem-se a mesma observação e a mesma resposta. O cabeleireiro acaba afinal seu trabalho, renova suas negativas do modo mais formal e retira-se.

No dia seguinte, X. soube da morte de um de seus amigos. No momento exato em que ele sentiu que lhe apertavam o braço, esse infeliz se afogava. X. ficou abalado para o resto de sua vida por essa coincidência e tornou-se vítima, desde essa época, de terrores infantis, tanto que à noite se fazia acompanhar em seu quarto, onde ficava alguém perto dele até que adormecesse.[59]

No presente caso não fica, do mesmo modo, demonstrada a alucinação.

O terceiro fato de que fala Gratiolet foi-lhe igualmente contado por Chevreul:

Era ele ainda criança e jogava bolas em um quarto onde, alguns meses antes, morrera uma de suas tias.

Uma das bolas escapa-lhe e rola pela alcova; a criança precipita-se, mas, no momento em que se abaixa para apanhá-la, sente passar por sua cabeça um ligeiro sopro e um beijo é dado em sua face; ouve ele, ao mesmo tempo, murmurarem ao seu ouvido esta palavra: *Adeus!*

Gratiolet acrescenta: "É bem evidente *que, neste caso, a alucinação desenvolveu-se sob a influência do princípio de associação de idéias.*"

Mas, não; de modo algum é *evidente*.

Eis um exemplo ainda muito notável, extraído das *Alucinações*, de B. de Boismont (observação 87):

> A Srta. R., dotada de ótimo entendimento, religiosa sem carolice, morava, antes de ser casada, em casa de seu tio, médico célebre, membro do Instituto. Estava, então, separada de sua mãe, acometida, na província, de uma enfermidade bastante grave.
>
> Certa noite essa jovem sonhou que a distinguia, em sua frente, pálida, desfigurada, prestes a soltar o último suspiro, e demonstrando sobretudo uma viva mágoa de não estar rodeada de seus filhos, um dos quais, cura de uma das paróquias de Paris, emigrara para a Espanha, estando outro em Paris. No mesmo instante ouviu chamarem-na diversas vezes por seu nome de batismo; viu, em seu sonho, as pessoas que rodeavam sua mãe, parecendo-lhe que ela chamava sua neta, do mesmo nome que o seu e a quem foram procurar no quarto vizinho; um sinal da doente fez-lhe ver que não se tratava da neta, mas de sua filha que morava em Paris e que ela desejava ver. O vulto exprimia a dor que experimentava por causa de sua ausência; de repente, seus traços se descompuseram, cobriram-se da palidez da morte; ela tombou sem vida no seu leito.
>
> No dia seguinte a Srta. R., aproveitando-se da ausência de seu tio para pôr em ordem os papéis deste, nos quais, como muitos outros sábios, ele não gostava que se tocasse, encontrou uma carta que tinha sido atirada a um canto. Qual não foi a sua surpresa ao ler, nessa carta, todas as particularidades do seu sonho, que seu tio conservara em silêncio, por não querer produzir emoção muito forte sobre um espírito já tão vivamente impressionado.
>
> Essas informações, acrescenta o autor, foram-nos dadas pela própria pessoa de quem se trata, na qual depositamos a maior confiança.[60]

Para honra de seu julgamento científico independente e esclarecido, Brierre de Boismont faz, sobre esse ponto, suas próprias reflexões:

> “É conveniente, sem dúvida, mantermos aqui uma prudente reserva, e a explicação do sonho do ministro, de que fala Abercrombie, poderia, a rigor, ser invocada neste caso; diremos, porém, francamente que essas explicações estão longe de satisfazer-nos e que este assunto, de que nós nos temos muito ocupado, diz respeito aos mais profundos mistérios de nosso ser; se quiséssemos citar todos os nomes de personagens conhecidas, que ocupam alta posição na ciência e dispõem de excelente discernimento, de conhecimentos muito extensos, as quais tiveram advertências como essas e análogos pressentimentos, haveria aí matéria para mais de uma reflexão.”

Assim os fisiologistas já estavam prestes, há meio século, a incluir o *desconhecido* na teoria das alucinações. O leitor agora está inteirado do quadro e dos limites dessa teoria fisiológica e patológica. *A alucinação não explica os fatos*. É nosso dever agora procurar essa explicação.

VI

Ação psíquica de um espírito sobre outro

Transmissão de pensamentos. – Sugestão mental. – Comunicação a distância entre pessoas vivas.

> *Aquele que, fora das matemáticas puras, pronuncia a palavra* "impossível"*, falta à prudência.*
>
> *Arago.*

Tomamos o cuidado de começar estes estudos somente pelo exame de fatos de uma mesma ordem: as manifestações dos moribundos, a distância, a fim de lhes encontrar mais facilmente a explicação. Chegaremos em breve às manifestações de mortos, reais ou aparentes, e aos outros fenômenos, avançando gradualmente, lentamente, mas com segurança. O objetivo dessas pesquisas é saber se a observação científica possui bases suficientes para provar a existência da alma como entidade real independente e sua sobrevivência à destruição do organismo corporal. Os fatos examinados nos capítulos precedentes já colocaram a primeira proposição sobre um bom terreno. Tendo sido, pelo cálculo das probabilidades, eliminada, em abono da telepatia, a hipótese do acaso e da coincidência fortuita, somos forçados a admitir a existência de uma *força psíquica* [61] desconhecida, emanada do ser humano e podendo agir a grandes distâncias.

Parece difícil, à vista do acervo tão eloqüente e tão demonstrativo desses testemunhos, recusarmo-nos a esta primeira conclusão.

Não foi o espírito dos observadores, isto é, dos que experimentaram essas impressões, que se transportou até o moribundo. Este é que os foi impressionar. A maior parte dos exemplos citados mostra que aí é que reside a causa do fenômeno, e

não em uma clarividência, uma segunda vista das pessoas impressionadas.

Do mesmo modo, não é necessário supor que a alma do moribundo se desloca e se transporta para junto da pessoa impressionada. Pode não haver no fato mais do que uma irradiação, uma modalidade de energia ainda desconhecida, uma vibração do éter, uma ondulação que, repercutindo sobre determinado cérebro, dá-lhe a ilusão de uma realidade externa. Todos os objetos que vemos, aliás, não nos são sensíveis, não atingem o nosso espírito senão por efeito de imagens cerebrais.

Esta hipótese explicativa parece-me necessária e suficiente, pelo menos *no que concerne ao maior número dos fatos que vêm de ser expostos*.

Esses fatos que, em realidade, representam uma ordem de coisas muito mais divulgada do que se tem imaginado até hoje, nada têm de sobrenatural. O papel da Ciência é: 1º – não rejeitá-los cegamente; 2º – procurar explicá-los. Ora, de todas as explicações que podem ser imaginadas, a mais simples e, ao mesmo tempo, a que parece impor-se com mais força consiste em admitir-se que o espírito do moribundo agiu a distância sobre o daquela ou daquelas pessoas que foram impressionadas. As aparições, as audições, os espectros, os fantasmas, os deslocamentos de objetos, os ruídos, tudo parece fictício; nada, por exemplo, poderia ser fotografado. À parte certos casos de que voltaremos a tratar, é no cérebro das pessoas impressionadas que tudo se passa. Nem por isso, entretanto, o fato é menos *real*.

Firmaremos, pois, como *conclusão das observações procedentes*, que *um espírito pode agir a distância sobre um outro*, sem ser, como habitualmente acontece, por intermédio da palavra ou de outro qualquer meio sensível. Parece-nos de todo impossível rejeitar-se esta conclusão, desde que os fatos sejam aceitos.

Esta conclusão vai ser abundantemente demonstrada.

Nada há de anticientífico nem de romanesco em admitir-se que possa uma idéia agir a distância sobre um cérebro.

Fazei vibrar uma corda de violão ou de piano: a certa distância, uma outra corda de violão, de piano, vibrará e emitirá um som. A ondulação do ar é transmitida com a primeira.

Ponha-se em movimento uma agulha imantada. A uma certa distância, e sem contato, por simples indução, uma outra agulha imantada oscilará sincronicamente com a primeira.

Fale-se, em Paris, sobre uma placa de telefone: a comunicação elétrica irá fazer vibrar a outra placa sonora em Marselha. O fio material não é indispensável. Não é uma substância que se transporta; é uma onda que se propaga.

Lá está uma estrela, a milhares de milhões de quilômetros, na imensidade dos céus, a uma distância da qual a Terra não é mais do que um ponto *absolutamente invisível*. Exponho a essa estrela, no foco de uma lente, uma placa fotográfica: o raio de luz vai trabalhar sobre essa placa, impressioná-la, desagregar a camada sensível e imprimir sua imagem. Este fato não é, em si mesmo, muito mais admirável do que a onda cerebral que vai a alguns metros, alguns quilômetros, alguns milhares de quilômetros repercutir noutro cérebro em relação harmônica com aquele do qual partiu essa onda?

A 149 milhões de quilômetros de distância, através do que se chama "o vácuo", uma comoção solar produz sobre a Terra uma aurora boreal e uma perturbação magnética.

Todo ser vivo é um centro dinâmico. O próprio pensamento é um ato dinâmico. Não há pensamento algum sem vibração correlata do cérebro. Que há de extraordinário em que esse movimento se transmita a uma certa distância, como no caso do telefone, ou melhor ainda, do fotofone (transporte da palavra pela luz) e da telegrafia sem fio?

No estado atual de nossos conhecimentos físicos, tal hipótese nem mesmo é, verdadeiramente, uma ousadia. Ela não sai do quadro de nossas operações habituais.

Todas as nossas sensações, de prazer, de dor, do que quer que seja, todas, sem exceção, se verificam em nosso cérebro. Entretanto, localizamo-las sempre em outra parte qualquer, jamais no cérebro.

Queime alguém o pé, sofra um ferimento no dedo, magoe o cotovelo, respire um perfume agradável, prove um saboroso manjar,

beba um licor delicado: todas as sensações resultantes serão instintivamente localizadas no pé, no dedo, no cotovelo, no nariz, na boca, etc. Na realidade, entretanto, serão os nervos que as transmitirão, todas, sem exceção, ao cérebro – e só no cérebro é que serão percebidas. Poderíamos queimar os nossos pés até os ossos, sem experimentarmos sensação alguma, se os nervos que vão do pé ao cérebro estivessem seccionados em um ponto qualquer do seu percurso. O nervo é um simples condutor.

O fato está demonstrado pela Anatomia e pela Fisiologia. O que há, talvez, de mais curioso ainda é que não é necessário que um membro exista para que o sintamos. Os indivíduos que sofrem qualquer amputação experimentam as mesmas sensações como se tivessem ainda o membro de que foram privados. Costuma-se dizer que a ilusão dura algum tempo, até que, cicatrizada a ferida, cesse o doente de receber os cuidados do profissional. Mas a verdade é que essas ilusões persistem sempre e conservam a mesma intensidade durante a vida toda. Resta uma sensação de formigamento e de dor, que tem, na aparência, sua sede nos órgãos exteriores, não obstante estes não existirem mais. Essas sensações não são vagas, porquanto o amputado sente dores ou formigamentos em tal ou tal artelho, na planta ou sobre o dorso do pé, na pele, etc.

Certo homem que sofrera a amputação da coxa, experimentava ainda, ao fim de doze anos, as mesmas sensações como se possuísse os dedos e a planta do pé. Um outro tinha amputado há treze anos o braço; contudo, as sensações nos dedos jamais haviam para ele cessado: supunha sempre sentir encurvada a sua mão. Outro ainda que teve o braço direito estraçalhado, por uma bala de canhão, e em seguida amputado, ainda experimentava, vinte anos depois, dores reumáticas nesse membro, todas as vezes que havia mudança de tempo. O braço que ele perdera parecia-lhe sensível à menor corrente de ar!

Quando, em uma operação de rinoplastia, se volta um pedaço da pele da fronte, talhado próximo à raiz do nariz, para enxertá-lo no coto do mesmo órgão, o nariz artificial conserva, enquanto esse retalho de pele não está separado da fronte, as mesmas sensações que se experimentam quando a pele da fronte é excitada por um

estimulante qualquer, isto é, o indivíduo sente na fronte os apalpamentos exercidos sobre o seu nariz.

A conseqüência é que, quando uma sensação tiver como condição ordinária a presença de um objeto mais ou menos afastado de nosso corpo, e a experiência nos der a conhecer essa distância, é a essa distância que situaremos a nossa sensação. Tal é, efetivamente, o caso para as sensações do ouvido e da vista.

O nervo acústico tem sua terminação exterior na câmara profunda do ouvido. O nervo óptico tem a sua no alveolozinho mais interno do olho. No estado atual, entretanto, não é jamais nesses pontos que localizamos as nossas sensações de som ou de cor, mas fora de nós e freqüentemente a uma distância muito grande. Os sons vibrantes de um grande sino parecem-nos vibrar muito longe e muito alto no ar; um apito de locomotiva parece-nos cortar o ar a cinqüenta passos, à esquerda.

A localização, mesmo longínqua, é ainda muito mais nítida para as sensações visuais. Vai isso a tal ponto, que as nossas sensações de cor nos parecem destacadas de nós; não mais percebemos que elas nos pertencem; cuidamos que fazem parte dos objetos. Acreditamos que a cor verde, que nos parece aplicada, a três pés de nós, sobre esta poltrona, é uma das suas propriedades; esquecemos que ela não existe senão em nossa retina, ou antes nos centros sensitivos aos quais se transmite a vibração de nossa retina. Se aí formos procurá-la, não a encontraremos; em vão procuram os fisiologistas provar que o abalo nervoso, que provoca a sensação de cor, tem início na retina, como o que provoca e sensação de contato começa nas extremidades nervosas da mão ou do pé; em vão nos mostram que o éter, vibrando, fere a extremidade de nosso nervo óptico, como um diapasão que vibra abala a superfície de nossa mão: não temos a menor consciência desse contato em nossa retina, mesmo quando dirigimos nesse sentido todo esforço de nossa atenção. Todas as nossas sensações de cor são assim projetadas fora de nosso corpo e revestem os objetos mais ou menos distantes, móveis, paredes, casas, árvores, céu e tudo o mais. Eis porque, quando em seguida refletimos sobre elas, cessamos de no-las atribuir; são afastadas, destacadas de nós, até nos parecerem estranhas.

A cor de modo algum está no objeto nem nos raios luminosos que ele irradia; está na excitação da retina.

Pouco importa que a excitação seja produzida por um jato de raios luminosos ou por outra causa qualquer. Pouco importa que seja ou não espontânea. Qualquer que seja a causa, logo que ela se manifesta, produz-se a cor e ao mesmo tempo o que chamamos a imagem visível. Em todos os casos, a cor e a imagem visível não passam de manifestações interiores, na aparência exteriores. Toda a óptica fisiológica repousa sobre este princípio. Resulta, portanto, de nossa organização que a visão, a audição, qualquer observação que fazemos de um objeto ou de um ser, é devida a uma impressão cerebral e que, por conseguinte, para que acreditemos ver, ouvir, tocar um ser, é preciso e suficiente que nosso cérebro seja impressionado por um movimento vibratório que lhe dê uma sensação adequada ao resultado obtido.[62]

O cérebro, ao qual chegam todas as sensações, possui várias centenas, vários milhares de nervos aferentes, de nervos eferentes, de células e de nervos intercelulares, nos quais a corrente nervosa se propaga por várias centenas e vários milhares de caminhos distintos e independentes. Essas comunicações tão complicadas são estabelecidas por milhares e por miríades de células e de nervos. É o que se constata pelo microscópio, pelas vivissecções e pelas observações patológicas. O eixo da medula espinhal, longo cordão de substância cinzenta, contém essencialmente sessenta e dois grupos principais de centros nervosos, distribuídos em trinta e um pares, que podem mesmo agir, sem a cabeça, por meio de ações reflexas. Em um homem decapitado, cuja medula espinhal fora reanimada por meio da eletricidade, o Dr. Robin, tendo arranhado com um escalpelo a parede direita do peito, viu o braço do mesmo lado levantar-se e dirigir a mão para o lugar irritado, como para executar um movimento de defesa. O Dr. Kuss, tendo amputado a cabeça de um coelho com tesouras mal afiadas que cortaram esmagando as partes moles de modo a prevenir a hemorragia, viu o animal arremessar-se sem sua cabeça e percorrer toda a sala com um movimento de locomoção perfeitamente regular.[63]

Os mecanismos vitais são ligados entre si e subordinados uns aos outros; seu conjunto não representa uma república de iguais, mas

uma hierarquia de funcionários, e o sistema dos centros nervosos na medula e no encéfalo parece-se com o sistema dos poderes administrativos em um Estado. Pode-se compará-lo à rede telegráfica que põe em comunicação todos os departamentos com Paris, todos os prefeitos com os ministros, transmite as notícias, recebe as ordens. Uma onda de renovação molecular propaga-se ao longo de um filete nervoso com rapidez avaliada em 34 metros por segundo para os nervos sensitivos e em 27 metros para os nervos motores. Chegada à célula cerebral, essa onda aí provoca uma mudança molecular ainda maior; em nenhuma outra parte se produz tão grande desprendimento de força. Podemos comparar, com Taine, a célula a pequeno armazém de pólvora que, a cada excitação do nervo aferente, incendeia-se, faz explosão e transmite, multiplicada, ao nervo eferente, a impulsão que recebeu do nervo aferente.

Tal é o abalo nervoso sob o ponto de vista mecânico. Do ponto de vista físico, trata-se de uma combustão da substância nervosa que, incendiando-se, desprende calor. Do ponto de vista químico, de uma decomposição da substância nervosa que perde seus lipóides fosforados e sua neurina. Do ponto de vista fisiológico, do jogo de um órgão que, como todos os órgãos, se altera pelo seu próprio funcionamento e, para funcionar de novo, tem necessidade de uma reparação sanguínea. Mas, de quaisquer desses pontos de vista, não se nos deparam no fato mais do que caracteres abstratos e efeitos de conjunto; não o surpreendemos absolutamente em si mesmo e em seus detalhes, tal qual o veríamos se, mediante olhos ou microscópios mais penetrantes, pudéssemos segui-lo, do começo ao fim, através de todos os seus elementos e de um extremo a outro de seu desenvolvimento. Sob esse ponto de vista histórico e gráfico, o abalo da célula é certamente um movimento interior de suas moléculas, movimento que pode ser comparado muito exatamente a uma *figura de dança*, na qual as moléculas muito diversas e muito numerosas, depois de terem descrito, cada qual com determinada rapidez, uma linha de certo comprimento e de certa forma, voltam ao seu primitivo lugar, salvo alguns dançarinos fatigados que desfalecem, tornam-se incapazes de recomeçar e cedem seus lugares a outros recrutas bem dispostos, para que a figura de novo possa ser executada.

Eis aí, tanto quanto se pode conjeturar, o ato fisiológico cuja sensação é o correspondente mental.[64]

Todos os fatos relativos à produção e à associação das idéias podem ser explicados pelas vibrações do cérebro e pelas do sistema nervoso que aí têm sua origem, como o demonstrou David Hartley no século XVIII.[65] A acústica nos esclarece, depois, a este respeito.

Uma experiência bem conhecida, de Sauveur, mostra que uma corda sonora não vibra unicamente em todo seu comprimento, mas que cada uma de suas metades, cada um dos seus terços, cada uma de suas quartas, quintas, sextas partes, etc., vibra separadamente.[66] Um fenômeno de ordem análoga pode ser produzido nas vibrações das fibras encefálicas e estas então estariam em relação análoga à dos sons harmônicos. Uma vibração determinada por uma idéia [67] seria acompanhada das vibrações correspondentes às idéias conexas; e a conexidade resultaria tanto da vizinhança das fibras que elas afetam quanto de correntes do mesmo gênero da indução eletrodinâmica.

Qualquer que seja o seu modo de produção e de distribuição, todo pensamento e toda associação de idéias representam um movimento cerebral, uma vibração de ordem física.

As vibrações, a ação psíquica a distância, qualquer que ela seja, aliás, explicam portanto os fatos de telepatia. Não se trata, no caso, de alucinação, mas de impressão física real.

Lançai no ambiente de um salão determinada nota, seja por meio da voz, seja por meio do violino, ou por outro meio qualquer; uma nota Si bemol, por exemplo. A corda de um piano próximo, correspondente a esse Si bemol, vibrará e ressoará, ao passo que as 84 outras cordas ficarão surdas e mudas. Se pudessem as cordas do piano pensar, essas 84 que permaneceram surdas, notando a agitação da corda Si bemol, tomá-la-iam evidentemente *por uma alucinada*, uma nervosa, uma imaginativa, porquanto elas ficaram insensíveis ao movimento transmitido e o ignoram.

Cada sensação, como cada idéia, corresponde a uma vibração no cérebro, a um movimento das moléculas cerebrais. Reciprocamente, toda vibração cerebral dá origem a uma sensação, a uma idéia, no estado de vigília tanto quanto em sonho. É natural admitir-se que uma vibração transmitida e recebida dá lugar a uma sensação psíquica.

Uma idéia, por muito íntima que seja, uma impressão, uma comoção mental, podem, inversamente, produzir efeitos fisiológicos mais ou menos intensos e mesmo produzir a morte. Não faltam exemplos de pessoas mortas subitamente em seguida a uma emoção. Há muito que está feita a prova dos efeitos do poder da imaginação sobre a própria vida.

Ninguém esquecerá a experiência realizada em Copenhague, em 1750, sobre certo condenado, entregue aos médicos para um estudo desse gênero e que foi observado até a morte inclusivamente. Esse infeliz fora solidamente ligado a uma tábua por meio de fortes correias; vendaram-se-lhe os olhos; depois lhe anunciaram que ia ser sangrado no pescoço e que se deixaria correr o sangue até o completo esgotamento; uma insignificante picada foi em seguida praticada em sua epiderme com a ponta de uma agulha, sendo colocado perto de sua cabeça um sifão, de modo a fazer correr sobre o pescoço um filete d'água que caía sem interrupção, com um leve ruído, em uma bacia colocada no chão. O supliciado, convencido de que deveria ter perdido pelo menos de sete a oito litros de sangue, morreu de pavor.

Um outro exemplo é aquele do porteiro de um colégio, que atraíra sobre si o ódio dos alunos submetidos à sua vigilância. Alguns desses jovens se apoderaram dele, fecharam-no em um quarto escuro e em sua presença procederam a um simulacro de inquérito e de julgamento. Recapitularam todos os seus crimes e concluíram que, somente podendo ser expiados pela morte, seria esta a pena aplicada mediante decapitação. Em conseqüência, foram buscar um machado e um cepo que colocaram no meio da sala, anunciando ao condenado que ele dispunha de três minutos para se arrepender de suas faltas e fazer as pazes com o Céu; decorridos, afinal, os três minutos, vendaram-lhe os olhos e forçaram-no a ajoelhar-se, com o colo descoberto, diante do cepo, depois do que os malvados lhe aplicaram sobre a nuca uma forte pancada com um guardanapo molhado, dizendo-lhe, a rir, que se levantasse. Com inaudita surpresa deles, o homem não se mexeu. Sacudiram-no, tomaram-lhe o pulso: estava morto.[68]

Para concluir: mais recentemente um jornal inglês, *A Lanceta*, contou que uma moça, querendo acabar com a vida, ingerira certa quantidade de pó inseticida, depois do que se estendeu em seu leito

onde foi encontrada morta. Fez-se inquérito e autópsia. A análise do pó encontrado no estômago demonstrou que era o mesmo absolutamente inofensivo, pelo menos para um ser humano; todavia, a moça estava perfeitamente morta.

Meu sábio amigo Charles Richet, refere (*Revista dos Dois Mundos*, LXXVI, 1886, pág. 79) que seu pai, tendo certo dia de submeter um doente, no Hospital Geral, à operação de cálculos, morreu o mesmo de medo, no instante em que o cirurgião acabava simplesmente de traçar com a unha sobre a pele a linha que a incisão devia seguir.

Todos esses fatos psíquicos e fisiológicos nos ajudam a compreender a telepatia. Certamente, essa tentativa de explicação de fenômenos estranhos não se processa sem levantar objeções numerosas. A primeira consiste em dizer que essas manifestações de moribundos não somente são raras, excepcionais mesmo, mas ainda não se verificam em circunstâncias nas quais parece que deviam justamente produzir-se, como, por exemplo, por ocasião de uma morte trágica que separa bruscamente dois corações ternamente unidos, ao verificar-se um desses dramas que de súbito cortam o fio de várias existências, ou mesmo quando o ser que morre prometeu formalmente, esperou, desejou, ele próprio, manifestar-se e dar àquele que fica uma prova de sua existência póstuma. Podemos, sem dúvida, responder que ignoramos de que modo essas manifestações se podem produzir, que há leis desconhecidas, dificuldades, impossibilidades; que é necessário estarem dois cérebros em harmonia, em sincronismo, para que vibrem sob a mesma influência; que a união íntima de dois corações não prova a igualdade sincrônica de dois cérebros, etc. Mas, visto que tais coisas têm por vezes lugar e em circunstâncias bastante vulgares, não deixa a objeção de subsistir com maior razão – e muito grave.

Sim, muito grave. Por minha parte, diversas vezes me tenho encontrado, no curso desta vida, com a alma amargurada pela separação brusca de um ente amado. Em minha adolescência, um amigo íntimo, um colega de classe, morreu prometendo-me provar sua sobrevivência, se fosse isso possível. Tínhamos tão freqüentemente discutido juntos a questão! Mais tarde, um dos meus mais queridos companheiros da imprensa científica propôs-me o

mesmo pacto, mutuamente aceito. Ainda mais tarde, uma pessoa a quem me achava intimamente ligado, desapareceu do cenário terreno no próprio instante em que esse problema da sobrevivência nos apaixonava a ambos, e dando-me a maior segurança de que o seu único e exclusivo desejo era ver sua morte prematura servir à demonstração desta verdade. E jamais, mau grado às minhas esperanças, mau grado aos meus desejos, às minhas súplicas, obtive qualquer manifestação que fosse. *Nada! Nada! Nada!*

Perdi há alguns anos meu pai. É verdade que eu permanecia a seu lado e não necessitava ser advertido com relação à sua morte. Mas, tampouco depois, nada obtive.

Eu tinha por meu avô e por minha avó uma adoração sem limites; também eles me adoravam loucamente, e eu os amava tanto que sempre me foi impossível, absolutamente impossível, ir ao túmulo onde repousam: muito antes de chegar a esse pequeno jazigo rústico, os soluços me sufocam, cegando-me e amortecendo-me as pernas. Jamais tive qualquer manifestação deles; de modo algum, nem no instante da morte, nem depois que deste mundo partiram.

Sem dúvida, o meu cérebro não é apto a perceber essa espécie de ondas etéreas, quer promanem de vivos ou de mortos. Nada, sensação alguma me veio avisar dessas mortes e, depois, nenhuma comunicação me chegou deles.

Mas o papel do pesquisador, como o do historiador, é o de permanecer impessoal, e as nossas próprias impressões não devem influenciar-nos. Todavia deve-se colocar sempre a verdade, a lealdade, a franqueza acima de tudo.

Consiste uma outra objeção na extravagância de certas manifestações, como já tivemos ocasião de assinalar. Se há ação a distância de um espírito sobre outro, por que esta ação dá nascimento a ilusões como estas: abrir ou fechar uma janela, levantar um leito, bater em um móvel, rolar uma bola sobre o assoalho, fazer ouvir o ranger de gonzos, etc.? Parece que tal ação devia ser intelectual, dar a audição de uma voz amada, mostrar a imagem do ser que nos deixa, permanecendo, assim, na ordem psíquica e moral.

Esta objeção é menos grave do que a precedente. Grande número de manifestações consistem, por um lado, em visões ou audições. Podemos supor, em outros casos, que a comoção produzida no

cérebro do moribundo se transmite a certas células, a certas fibras de um outro cérebro e *determina*, nesta zona cerebral, uma ilusão, *uma impressão* qualquer. Uma ondulação luminosa, calorífica, elétrica, magnética, que vem ferir, atravessar um objeto, como, por exemplo, uma esponja, encontra resistências diferentes, segundo a natureza da esponja, suas diferenças de densidade, as substâncias minerais que pode ela ter em suspensão, etc., e cada uma de suas partes é diferentemente impressionada.

Os caprichos aparentes do raio oferecem-nos singularidades não menos estranhas. Aqui, o raio queima uma pessoa, que flameja como um feixe de palha; ali, reduz as mãos a cinzas, deixando as luvas intactas; solda os anéis de uma corrente de ferro como ao fogo de uma forja e, ao lado, mata um caçador sem quebrar o fuzil que ele tinha à mão; funde um brinco de orelha sem queimar a pele; despe completamente uma pessoa, sem lhe fazer mal algum, ou então se contenta em furtar-lhe os sapatos ou o chapéu; fotografa, sobre o peito de um menino, o ninho que ele agarrava no cimo de uma árvore fulminada; doura as moedas de um porta-moeda, praticando a galvanoplastia, de um compartimento a outro, sem que o portador seja atingido; arrasa instantaneamente uma muralha de seis pés de espessura e abate um castelo secular, ou abate-se sobre um paiol de pólvora sem fazê-lo explodir. Há muito mais esquisitices inexplicáveis nos efeitos e nos movimentos do raio do que nas manifestações telepáticas.[69]

É nosso dever, na pesquisa da verdade, não dissimularmos objeção alguma. As que acabo de apresentar não impedem que os fatos existam, e a única explicação desses fatos parece-me ser a ação, a distância de um espírito sobre outro.

Vamos agora um pouco mais longe. Existem, fora da ordem de coisas que acabamos de examinar, exemplos que levem a admitir a probabilidade, a realidade desta ação? Possuímos provas experimentais, incontestáveis, da *transmissão do pensamento* sem o concurso dos sentidos?

Sim. Vamos passá-las em revista, constatá-las, demonstrá-las, porquanto em questões desta natureza, para estar seguro é preciso estar *dez vezes seguro*.

E, antes de tudo, analisaremos as questões que dizem respeito aos fenômenos do magnetismo humano.

Não falarei de grande número de experiências de sugestões hipnóticas às quais tenho assistido, notadamente as do Dr. Puel, as do Dr. Charcot, as do Dr. Berety, as do Dr. Luys, as do Dr. Dumontpallier, etc., não que eu duvide da realidade da sugestão e da auto-sugestão, mas porque são elas de tal modo conhecidas que é supérfluo relatá-las aqui.

Há também, nesta ordem de estudos, experiências muito incertas e mesmo fraudulentas, provando-me isso os próprios pacientes por suas acusações recíprocas e por suas confissões. É muito freqüente a simulação nesse gênero de experiências. Apenas citarei um exemplo.

O Dr. Luys tinha o hábito de apresentar ao paciente, pseudo-adormecido, frascos que ele colocava sobre sua nuca e que continham diferentes produtos: água pura, conhaque, absinto, óleo de rícino, essência de timo, água de louro cereja, amoníaco, éter, essência de violeta, etc. O paciente adivinhava sempre do que se tratava e, freqüentemente, manifestava os sintomas dessas drogas. Desgraçadamente para o valor da experiência, sempre o doutor apresentava os frascos na mesma ordem, pelo menos nas sessões a que assisti. Pedi-lhe, certo dia, que invertesse a ordem de colocação dos frascos, sem nada dizer a respeito. Ele não aceitou e respondeu-me que não devíamos pôr em dúvida a boa fé dos pacientes.

Esse paciente era uma moça histérica, atriz em um dos teatros de Paris. Regressei com ela de Irry e não tardei a ficar completamente elucidado a respeito da sua sinceridade, assim como da de suas companheiras de experimentação.

Para estarmos seguros destas experiências, necessário é que estejam elas ao abrigo de toda desconfiança: que o cheiro não possa atravessar a rolha dos frascos, sobretudo quando se trate de olfatos hiperstesiados; que o paciente nada possa desconfiar; que o próprio experimentador não possa sugestioná-lo e que ele mesmo ignore o conteúdo dos frascos.[70]

É indispensável que não percamos o nosso tempo no exame de casos duvidosos, pois que nada é mais absurdo do que perder tempo.

A vida é curta. Devemos somente escolher, admitir, examinar observações bem feitas; e, depois, não sair do nosso objetivo: demonstrar a ação *psíquica, mental*, de um espírito sobre outro.

Fornecer-nos-á o sonambulismo as primeiras. Eis aqui, de início, um *processo verbal* relatando três casos de sugestão mental, obtidos pelos Srs. Guaita e Liébault, no domicílio deste último, em Nancy, a 9 de janeiro de 1886:[71]

> "Nós, abaixo assinados, Ambroise Liébault, doutor em Medicina, e Stanislas Guaita, homem de letras, ambos residentes atualmente em Nancy, atestamos e certificamos haver obtido os seguintes resultados:
>
> 1º – A Srta. Luísa L., submetida ao sono magnético, foi informada de que deveria responder a uma questão que lhe seria feita *mentalmente*, sem a intervenção de qualquer palavra ou de qualquer gesto. Com a mão apoiada sobre a fronte do sensitivo, o Dr. Liébault recolheu-se um instante, concentrando sua própria atenção sobre a pergunta: "*Quando estareis curada?*", que ele tinha vontade de fazer. Os lábios da sonâmbula moveram-se imediatamente:
>
> – *Em breve* – murmurou ela distintamente.
>
> Convidaram-na, então, a repetir, diante de todas as pessoas presentes, a questão que havia instintivamente percebido. Ela a expressou nos termos em que fora formulada no espírito do experimentador.
>
> 2º – O Sr. de Guaita, pondo-se em relação com a magnetizada, propôs-lhe *mentalmente* uma outra questão:
>
> – Voltareis na próxima semana?
>
> – *Talvez* – foi a resposta do sensitivo.
>
> Convidada a comunicar às pessoas presentes a questão mental, respondeu a magnetizada:
>
> – *Perguntastes-me se voltaríeis na próxima semana*.
>
> Esta confusão estabelecida a respeito de uma palavra da frase é muito significativa. Dir-se-ia que a moça *vacilou* ao ler no cérebro do magnetizador.

3º – O Dr. Liébault, para que nenhuma frase indicativa fosse pronunciada, mesmo em voz baixa, escreveu em um bilhete: "*A senhorita, ao despertar, verá seu chapéu preto transformado em chapéu vermelho*."

O bilhete circulou, previamente, por todas as testemunhas; depois os Srs. Liébault e de Guaita colocaram em silêncio suas mãos sobre a fronte do sensitivo, formulando *mentalmente* a frase convencionada. Então a moça, informada de que veria na sala qualquer coisa de insólito, foi despertada. *Sem qualquer hesitação*, fixou logo seu chapéu e, com grande gargalhada, reclamou. Aquele não era o seu chapéu; não o queria. Tinha perfeitamente a mesma forma; mas o gracejo devia terminar; urgia que lhe restituíssem o que lhe pertencia.

– Mas, afinal, que notastes de diferente?

– Vós o sabeis; de resto, tendes olhos como eu.

– Mas então?...

Foi preciso insistir por muito tempo, para que ela consentisse em dizer no que seu chapéu tinha mudado; estavam a caçoar com ela. Assediada de perguntas disse afinal:

– *Bem vedes que está todo vermelho*.

Recusando-se ela a recebê-lo, forçoso se tornou pôr um fim à sua alucinação, afirmando-se-lhe que o chapéu ia voltar à cor primitiva. O Dr. Liébault assoprou no chapéu e este, voltando, aos olhos da moça, a ser o seu, consentiu ela em recebê-lo.

Tais os resultados que certificamos haver concordemente obtido. Em fé do que, redigimos o presente processo verbal.

S. de Guaita, A. Liébault."

A *sugestão mental* tornou-se, de muitos anos a esta parte, objeto de estudos muito importantes, à frente dos quais convém colocar a obra, especialmente consagrada ao assunto, do Dr. Ochorowicz.[72] Extrairemos dessa obra algumas experiências características:

O Sr. de la Souchère, antigo aluno da Escola Politécnica, sábio químico residente em Marselha, tinha como empregada uma mulher do campo, com a qual se produziam, com a maior facilidade, o sonambulismo e diversos dos seus fenômenos dignos de nota. Em

estado de sonambulismo magnético, diz ele, Lazarine mantinha comigo perfeita comunhão de pensamento e se *tornava* a tal ponto *insensível* que eu lhe enterrava agulhas na carne, nas unhas, sem que ela experimentasse a menor dor e sem que saísse uma gota de sangue.

Em presença do engenheiro Gabriel e de alguns amigos, repeti as seguintes experiências: fazia-a beber água pura e ela dizia-me que a água tinha o gosto sugerido por mim: limonada, xarope, vinho, etc. Indicaram-me o gosto de areia para sugerir-lhe. Ela não pôde adivinhar. Então, derramei um pouco de areia em minha boca e imediatamente ela se pôs a cuspir, dizendo *que eu lhe dava areia*. Na ocasião, achava-me por trás de Lazarine e era-lhe impossível ver-me.

Experiência análoga, porém ainda mais avançada, é referida pelo Conde de Maricourt. Tendo o sensitivo bebido, *em estado de vigília*, um copo de água, com sugestão mental de ser um copo de *kirsch*, manifestou todos os sintomas da embriaguez *durante vários dias*. Foram os fenômenos desse gênero que fizeram crer aos magnetizadores poderem eles, magnetizando um copo de água ou um outro objeto, impregnar seus fluidos de diferentes qualidades físicas ou químicas. A magnetização é neste caso inútil, pois que *é o pensamento que age sobre o cérebro do paciente* e não sobre o objeto.

Alguém me remete um livro: *Robinson Crusoé*. Abro-o e examino uma gravura que representa Robinson em uma canoa. Lazarine, interrogada a respeito do que estou fazendo, responde:

– Tendes um livro, não o ledes; observais uma gravura; há um barco e dentro dele um homem.

Recomendo-lhe que me descreva o mobiliário de um quarto que ela não conhecia, e foi indicando os móveis à medida que *eu os lia representando em meu pensamento*. Não tenho verificado em minha empregada a transposição dos sentidos. Aplicavam-se-lhe sobre o epigástrio diversos objetos; se eu os conhecia, ela os indicava; se eu ignorava o que eram, não podia ela designá-los. Não era, portanto, mais do que a transmissão do pensamento que se produzia nela. É possível que, em certos casos, o que se tenha atribuído à transposição dos sentidos nada mais seja que efeito da transmissão do pensamento.

O Dr. Texte constatou, diversas vezes, que a sonâmbula pode acompanhar o pensamento do magnetizador.

A Srta. Diana, diz ele, seguia uma conversação, durante a qual eu falava apenas mentalmente. Respondia às perguntas que, desta maneira, eu lhe endereçava.

Cita ele ainda uma notável experiência na qual a sugestão mental se manifesta como uma *alucinação*:

Imaginei, um dia, uma trincheira de madeira em redor de mim; *sem nada dizer*, deixei em estado de sonambulismo a Srta. H., jovem muito nervosa, e lhe pedi que me trouxesse os meus livros. Chegada ao lugar onde eu havia imaginariamente levantado a trincheira, ela se detém, dizendo que não podia mais avançar.

– Que extravagante idéia – diz – essa de levantar ali uma trincheira!

Tome-a alguém pela mão, a fim de fazê-la passar, e verificará que seus pés estão colados ao assoalho, somente o alto do corpo se inclina para a frente, e ela diz que se comprime o seu estômago contra o obstáculo.

Em geral, se o sonâmbulo acredita ver alguma coisa fora das condições ordinárias, cumpre indagar-se imediatamente se não se trata, no caso, de simples sugestão involuntária de nossa parte.

Um estudante de Medicina perguntou a uma de minhas sonâmbulas quais os doentes que o júri lhe daria a examinar para uma prova do doutorado. Descreveu ela nitidamente três doentes na Casa de Misericórdia, que haviam atraído mais especialmente a atenção do estudante e que este teria desejado fossem objeto de seu exame. Ela chegou a acrescentar (detalhe característico) a respeito de um desses pacientes:

– Oh! como essa mulher tem o olhar brilhante... e fixo!... Causa-me pavor... esse olhar!

– Ela vê com esse olho brilhante? – pergunta o estudante.

– Esperai... não sei... esse olho é duro... não é natural.

– De que é feito esse olho?

– De qualquer coisa... que se quebra... e que brilha... Oh! ela tira-o... mergulha-o n'água... – etc.

Essa enferma tinha um olho de vidro; o fato, absolutamente ignorado por mim, porquanto eu não conhecia os doentes em questão, mas conhecido do estudante que fazia perguntas à sonâmbula, foi

perfeitamente descrito por esta. Aonde ia a sonâmbula encontrar essa imagem? No psiquismo do interrogante que, por intermédio do meu psiquismo, nela se refletia.

É justo acrescentar que as predições da sonâmbula não se realizaram; que no dia de sua prova o estudante teve de examinar outros doentes e que nem mesmo se falou nos doentes descritos pela sonâmbula.

Ordinariamente, diz o Dr. Charpignon, a visão a distância é confundida com o fenômeno da transmissão de pensamento. Assim, a maior parte das experiências citadas consiste em pedir ao sonâmbulo que se dirija à vossa casa ou a um lugar que conheceis. Estais em relação com ele, que freqüentemente vos descreve os lugares, os objetos com a máxima precisão. Pois bem, não se trata, no caso, a maior parte das vezes, de uma visão real; o sonâmbulo vê em vosso pensamento as imagens que aí delineais.[73]

Um prestidigitador bastante conhecido, Robert Houdin, interessava-se por estas questões. Imitava ele a dupla vista e a transmissão do pensamento com ajuda de um truque engenhoso. Incrédulo a respeito de sonambulismo, habituado a produzir prodígios, fazia muito pouco caso do maravilhoso, de cujo segredo se julgava possuidor; também ele considerava todos os altos feitos atribuídos à lucidez como golpes de agilidade, da mesma natureza daqueles com que divertia o público. Em diversas cidades onde os sonâmbulos obtinham alguns êxitos, divertia-se ele em imitar seus exercícios e mesmo em excedê-los. O Sr. de Mirville, célebre demonólogo que, em seu sistema, tem necessidade de sonambulismo para fazer as honras aos espíritos infernais, teve a pretensão de converter um adversário tão temível; pensava ele, com razão, que, se conseguisse demonstrar-lhe que a lucidez pertence a uma ordem de coisas inteiramente estranha aos seus estudos e à sua prática, o testemunho de um juiz tão experimentado seria de grande peso para a causa do sonambulismo. Levou-o à casa do sonâmbulo Alexis. Dá conta o Sr. de Mirville, em seu livro *Dos Espíritos*, da cena que se passou.

Morim, autor de um livro de cunho espiritual, mas céptico sobre o magnetismo, afirma que Robert Houdin lhe confirmou a exatidão da narrativa do Sr. de Mirville:

– Eu estava confuso – disse o mágico –, não havia ali nem destreza, nem escamoteação. Eu era testemunha do exercício de uma faculdade superior, inconcebível, de que não tinha a menor idéia, e à qual recusaria dar crédito se os fatos não se tivessem passado sob as minhas vistas. De tal forma estava emocionado que o suor inundava-me o rosto.

Cita o prestidigitador, entre outras, a seguinte experiência:

– Tomando Alexis as mãos de minha mulher, que me havia acompanhado, falou-lhe de acontecimentos passados e especialmente da perda bastante dolorosa de um de nossos filhos; todas as circunstâncias eram perfeitamente exatas.

No caso em apreço, lia o sonâmbulo, no pensamento da Sra. Houdin, suas recordações e seus sentimentos mais ou menos despertos em sua consciência.

Um outro fato mostra ao mesmo tempo a visão e a clarividência, igualmente pela transmissão das recordações.

Um médico incrédulo, o Dr. Chomel, querendo também cientificar-se por si mesmo, apresentou uma caixinha a Alexis. Este apalpou-a, sem abri-la, e disse:

– É uma medalha; ela vos foi dada em circunstâncias bem singulares. Éreis então um pobre estudante. Residíeis, em Lião, numas águas furtadas. Um operário, ao qual prestastes serviços, encontrou esta medalha nuns escombros, pensou que vos pudesse ser agradável possuí-la e subiu ao vosso 6º andar para vo-la oferecer.

Tudo isso era verdade. Certamente, aí estão dessas coisas que se não podem adivinhar nem encontrar por acaso. O doutor partilhou da nossa admiração.

Há casos de *vista a distância* independentes da transmissão do pensamento. Deles nos ocuparemos mais tarde. Importa estabelecer as necessárias distinções e afastar confusões muito freqüentes.

O que pretendemos aqui é demonstrar a realidade científica da *transmissão do pensamento* e da sugestão mental. Creio que não há necessidade de abordar as sugestões verbais, as ordens dadas por meio da voz e executadas em tal ou tal data, de antemão fixada. Não nos desviemos do nosso principal objetivo.

Prossigamos em nosso estudo.

No mês de novembro de 1885, o Sr. Paul Janet, do Instituto, leu na sociedade de Psicologia uma comunicação de seu sobrinho, o Sr. Pierre Janet, professor de filosofia no Liceu do Havre: “Sobre alguns fenômenos de Sonambulismo”.

Esse título, prudentemente vago, ocultava revelações verdadeiramente extraordinárias. Tratava-se de uma série de ensaios realizados pelos Srs. Gibert e Janet, e que pareciam provar não somente a sugestão mental em geral, mas ainda a sugestão mental a distância de vários quilômetros e na ignorância do paciente.

Esse paciente, chamado Léonie B., era uma honesta mulher do campo, uma bretã, com a idade de cinqüenta anos, bem disposta, honrada, muito tímida, inteligente, ainda que sem instrução alguma (não sabendo mesmo ler e apenas podendo soletrar algumas letras). Era de constituição forte e robusta; quando jovem fora histérica, tendo sido, porém, curada por um magnetizador desconhecido. Depois disso, é somente em estado sonambúlico que se manifestam alguns traços de histerismo, sob a influência de uma contrariedade. Seu marido e seus filhos gozam boa saúde. Parece que vários médicos já manifestaram o desejo de utilizá-la para as suas experiências; ela sempre recusou, porém, as suas propostas. Somente a pedido do Sr. Gibert consentiu em vir passar algum tempo no Havre.

Fazem-na adormecer mui facilmente: para isso basta que se lhe tome a mão, apertando-a ligeiramente, durante alguns instantes, *com a intenção de adormecê-la*. De outra forma, nada se produz. Após um lapso de tempo mais ou menos longo (de 2 a 5 minutos, *segundo a pessoa que a hipnotiza*), o olhar se torna vago, as pálpebras são agitadas por pequenos movimentos quase sempre muito rápidos, até que o globo ocular se esconde nas pálpebras cerradas. Ao mesmo tempo o peito se dilata com esforço; um estado de indisposição evidente parece invadi-la. Muito freqüentemente o corpo é agitado por estremecimentos passageiros; ela dá um suspiro e cai para trás, mergulhada em profundo sono.

O Dr. Ochorowicz fez a viagem do Havre para observar esses fatos.

A 24 de abril, diz ele, chego ao Havre e encontro os Srs. Gibert e Janet a tal ponto convencidos da realidade da ação a distância, que se

prestam às minuciosas precauções que lhes imponho, para dispor-me a verificar o fenômeno.

Os Srs. F. Myers, membro da *Society for Psychical Researches*, o Sr. Marillier, da Sociedade de Psicologia, e eu formamos uma espécie de comissão, e os detalhes de todas as experiências são por nós determinados, de comum acordo.

Eis as precauções que adotamos nessas experiências:

1º) a hora exata da ação a distância é tirada à sorte;

2º) essa hora não é comunicada ao Sr. Gibert senão alguns minutos antes de ela soar, e imediatamente os membros da comissão se transportam ao pavilhão onde se encontra o *sujet* (sensitivo);

3º) nem o *sujet*, nem qualquer dos moradores do pavilhão situado a um quilômetro de distância, têm conhecimento da hora exata, nem mesmo do gênero da experiência que se realizará.

Para evitar a sugestão involuntária, nem nós, nem qualquer desses senhores entramos no pavilhão senão para verificar o adormecimento do *sujet*.

Resolve-se fazer a experiência de Cagliostro: *adormecer de longe o paciente e fazê-lo vir através da cidade*.

Eram 8:30 da noite. Estando o Sr. Gibert de acordo, tira-se a hora exata por meio da sorte. A ação mental devia começar às 8:45 e durar até 9:10. Nesse momento não havia ninguém no pavilhão, salvo a Sra. B. e a cozinheira, que não contavam com qualquer tentame de nossa parte. Ninguém foi ao pavilhão. Aproveitando essa oportunidade, de se acharem todos ausentes, as duas mulheres entraram no salão e divertiam-se “tocando piano”.

Já passava de 9 horas quando chegamos nas proximidades do pavilhão. Silêncio.

A rua está deserta. Sem fazer o menor ruído, separamo-nos em dois grupos para vigiar a casa, a distância.

Às 9:25 vejo uma sombra aparecer na porta do jardim. Era ela. Escondo-me em um canto para ouvir sem ser notado.

Nada mais ouço, entretanto: a sonâmbula, depois de permanecer um instante na porta, retirou-se para o jardim (nesse momento o Sr.

Gibert deixava de atuar; à força de concentrar seu pensamento, teve uma espécie de síncope ou de torpor, que durou até às 9:35).

Às 9:30 a sonâmbula reaparece de novo no limiar da porta e desta vez precipita-se para a rua sem hesitar, com a pressa de uma pessoa que está retardada e que deve absolutamente atingir seu objetivo. Os senhores que se encontravam em seu caminho não tiveram tempo de nos prevenir, a mim e ao Dr. Myers. Mas, tendo ouvido passos precipitados, pusemo-nos a seguir a sonâmbula, que não via nada em torno de si, ou pelo menos não nos reconheceu.

Chegada à rua de Bard, começou a hesitar, deteve-se um momento e esteve a ponto de cair.

De repente, retomou a marcha com vivacidade. Eram 9:35 (nesse momento o Sr. Gibert, voltando a si, recomeçou a ação). A sonâmbula caminhava depressa, sem se inquietar com o que se passava em torno.

Em dez minutos, estávamos perto da casa do Sr. Gibert, quando este, supondo malograda a experiência e admirado de não nos ver de volta, sai ao nosso encontro e cruza com a sonâmbula, que conserva sempre os olhos fechados.

Ela o não reconhece. Absorta em sua monomania hipnótica, precipita-se para a escada, seguida por todos nós. O Sr. Gibert fez menção de entrar em seu gabinete, mas eu seguro-lhe a mão e o introduzo em um quarto oposto ao seu.

A sonâmbula, muito agitada, procura por toda parte, esbarra conosco e nada sente; entra no gabinete, tateia os móveis, repetindo em tom desolado: “Onde está ele? Onde está o Sr. Gibert?”

Durante esse tempo, o magnetizador permanece sentado e curvado, sem fazer o menor movimento. Ela entra no quarto, quase o toca ao passar, mas a sua excitação a impede de reconhecê-lo. Ainda uma vez se arremessa em outros quartos, percorrendo-os. Foi então que o Sr. Gibert teve a idéia de atraí-la mentalmente e, em conseqüência dessa vontade, ou por simples coincidência, ela torna atrás, agarra-o pelas mãos, gritando”Aqui estás! Aqui estás, enfim! Ah! como estou contente!”

Enfim, declara o Dr. Ochorowicz, constatara eu o fenômeno extraordinário da ação a distância, que transtorna todas as opiniões atualmente admitidas.”

Citemos também a experiência seguinte:

Convencionamos, escreve o Sr. Janet, a 10 de outubro de 1885, fazer, o Sr. Gibert e eu, a seguinte sugestão: “*Fechar à chave, amanhã, ao meio-dia, as portas da casa*.” Registrei a sugestão em uma folha de papel que guardei comigo e que não quis comunicar a ninguém. O Sr. Gibert fez a sugestão, aproximando sua fronte da de Mme. B. durante o sono letárgico, e durante alguns instantes concentrou seu pensamento na ordem que lhe dava mentalmente.

Na manhã seguinte, quando cheguei, às 11:45, encontrei a casa trancada e a porta fechada à chave. Informando-me, soube que fora a Sra. B. que acabava de fechá-la; quando lhe perguntei por que havia praticado esse ato singular, respondeu-me ela:

– Sentia-me muito fatigada e não queria que pudésseis entrar para adormecer-me.

A Sra. B. estava nesse momento muito agitada; continuou a vagar pelo jardim e eu a vi colher uma rosa e ir verificar a caixa de correspondência, colocada perto da porta de entrada. Tais atos não têm importância, mas é curioso assinalar que *eram precisamente os atos que tínhamos um momento pensado, na véspera, em ordenar-lhe que praticasse*. Estávamos decididos a ordenar-lhe um outro, o de fechar as portas, mas a idéia dos primeiros ocupava sem dúvida o espírito do Sr. Gibert durante o tempo em que ele fazia a sugestão, e a sonâmbula sentira também a sua influência.

A 13 de outubro ordenou-lhe o Sr. Gibert, sempre pelo pensamento, *que abrisse um guarda-chuva no dia seguinte ao meio-dia e fizesse duas vezes a volta do jardim*. Mostrou-se ela muito agitada, no dia seguinte, ao meio-dia, deu duas vezes volta ao jardim, mas não abriu o guarda-chuva. Adormeci-a pouco tempo depois, para acalmar uma agitação que se tornava cada vez maior. Suas primeiras palavras foram estas:

– Por que me fizestes caminhar tanto em volta do jardim?... Eu tinha um ar estúpido... Ainda se tivesse estado o tempo como ontem, por exemplo... mas hoje terei parecido imensamente ridícula.

Nesse dia o tempo estava magnífico, ao passo que na véspera chovera muito; ela não quisera abrir o guarda-chuva por medo de parecer ridícula.

Ainda outra experiência.

Refere o Dr. Dussart que ele dava cada dia à sua magnetizada, antes de a deixar, a ordem de dormir até o dia seguinte a determinada hora.

Um dia, diz ele, esqueci esta precaução e já estava a 700 metros de distância, quando me apercebi disso. Não podendo volver para trás, considerei que a minha ordem talvez fosse ouvida mau grado a distância, pois que a 1 ou 2 metros uma ordem mental era executada. Em conseqüência, formulo a ordem de *dormir até o dia seguinte às 8 horas* e prossigo meu caminho. No dia seguinte chego às 7:30, a doente dormia.

– Qual o motivo pelo qual ainda dormis?

– Mas, senhor, eu vos obedeço.

– Estais enganada, eu me retirei sem vos dar ordem alguma.

– É verdade; porém, cinco minutos depois *ouvi perfeitamente* dizerdes que eu dormisse até às 8 horas.

Esta última hora ordinariamente era a que eu indicava. É possível que o hábito tenha sido a causa de uma ilusão e que não houve aí mais do que simples coincidência. Para ter o coração tranqüilo e não deixar margem a dúvida alguma, ordenei à doente que dormisse até receber ordem de despertar.

Durante o dia, tendo encontrado um intervalo disponível, resolvi completar a experiência. Parto de minha casa (7 quilômetros de distância) dando a ordem de despertar. Verifico que são 2 horas. Chego e encontro a doente acordada; os parentes, segundo recomendação minha, haviam registrado a hora exata do despertar. Era rigorosamente aquela que eu havia determinado. Essa experiência, várias vezes repetida em horas diferentes, teve sempre o mesmo resultado.

Eis aqui o que parecerá mais extraordinário ainda:

A 1º de janeiro suspendi as minhas visitas e cessei toda a relação com a família. Não ouvira mais falar a seu respeito, quando, a 12, excursionando em uma direção oposta e achando-me a

10 quilômetros da doente, comecei a refletir se me seria ainda possível, mau grado a distância, à cessação de todas as relações e à intervenção de uma terceira pessoa (o pai magnetizando de agora em diante sua filha), fazer-me obedecer. *Proíbo à doente de se deixar adormecer*. Cerca de meia hora depois, considerando que, se porventura fosse eu obedecido, poderia isso causar prejuízo a esta infeliz moça, suspendo a proibição e deixo de pensar nisso. Fiquei imensamente surpreendido quando, no dia seguinte, às 6 horas da manhã, vejo chegar em minha casa um expresso trazendo uma carta do pai da Srta. J. Dizia-me este que na véspera, 12, às 10 horas da manhã, não tinha ele conseguido adormecer sua filha senão após uma luta prolongada e muito dolorosa. A doente, uma vez adormecida, declarara que, se havia resistido, fora devido à minha ordem e que só adormecera quando eu o tinha permitido. Essas declarações tinham sido feitas em presença de testemunhas que, a pedido do pai, assinaram as atas que as continham.

Torna-se, portanto, provável que, com um conhecimento exato das condições do fenômeno, poderá chegar-se a comunicar a distância pensamentos inteiros, como se faz hoje pelo telefone.[74]

Refere o Dr. Charles Richet que, estando a almoçar com seus colegas, na sala dos enfermeiros, seu confrade Landouzy, então, como ele, interno no Hospital Beaujou, achando-se presente, afirmou que podia adormecer uma doente a distância e fazê-la vir à sala de enfermeiros unicamente por um ato de sua vontade. Ninguém tendo vindo, ao cabo de dez minutos considerou-se fracassada a experiência. "Em realidade – escreve o experimentador –, ela não havia fracassado, porquanto algum tempo depois vieram prevenir-me de que a doente passeava nos corredores *adormecida*, procurando falar-me e não me encontrando; e, com efeito, isso era verdade, sem que eu pudesse obter de sua parte outra resposta para explicar o seu sono e esse passeio desorientado, senão que ela desejava falar-me."

Todas essas experiências demonstram a ação psíquica a distância. Tais fatos tão curiosos da ação da vontade nas experiências de magnetismo foram observados centenas, milhares de vezes.

Eis aqui, por exemplo, um caso de sono sonambúlico provocado pelo Sr. E. Boirac, reitor da Academia de Grenoble.

Em setembro de 1892 – escreve ele –, estava eu instalado com todos os meus, para passar aí as férias, na pequena cidade de d'Amélie-les-Bains.

Falava-se muito das sessões dadas por um moço do lugar, conhecido pelo nome de Dockman. Tive curiosidade de assistir a essas sessões. Esse moço, contando cerca de 20 anos, moreno e magro, muito nervoso, fora magnetizado, três anos antes, por um médico da Marinha e sentira despertar-lhe a vocação de ledor de pensamentos. Todo mundo conhece esse gênero de espetáculo em que um dos assistentes consegue, com maior ou menor felicidade, transmitir sua vontade sem palavras, sem gestos e mesmo sem contato, por simples esforço mental.

A perspicácia do jovem montanhês sempre me pareceu deficiente e ele próprio confessou-me que procurava por todos os meios adivinhar as intenções do seu condutor.

– Tereis necessidade – disse-lhe eu, rindo – de vos deixardes de novo hipnotizar para recuperar vossa antiga lucidez; se o consentirdes, estou inteiramente às vossas ordens para prestar-vos esse serviço.

Dockman pareceu surpreso e um pouco chocado com a minha proposta:

– Sou eu que faço dormir os outros – disse ele –; ninguém me pode mais adormecer.

Entretanto, alguns dias mais tarde, provavelmente para agradar ao prefeito da cidade, que parecia ter o desejo de assistir a uma sessão de hipnotismo, Dockman consentiu em se deixar hipnotizar. Assim, pois, uma noite, pelas 10 horas, perante um círculo de quatro ou cinco pessoas, tomei-lhe as mãos e dirigi o meu olhar com fixidez para os seus olhos; ao cabo de alguns minutos, ei-lo adormecido, se entretanto se pode chamar sono ao estado comatoso cataléptico em que parecia mergulhado. Todo o seu corpo se inteiriçou: seus maxilares cerraram-se rigidamente e com grande custo obtive breves respostas às minhas perguntas. O despertar produziu-se com extrema lentidão e um segundo sono apresenta as mesmas características. Dentro em pouco o paciente se torna desinteressante e não vejo grande coisa a tirar dele.

No dia seguinte, segundo os meus hábitos, dirigi-me ao cassino, cerca de uma hora da tarde, para tomar um café. Sentei-me na terrasse e, ao mesmo tempo em que saboreava o café que me acabavam de servir, deixei meus olhos vaguearem por baixo do lugar em que me encontrava. Dockman estava sentado no jardim, com um amigo que tinha em mãos um jornal; voltava-me quase as costas, ocupando-se em enrolar um cigarro. Como é que me veio a idéia de ensaiar a experiência cujo relato se vai ler? Não sei, mas enfim essa idéia me veio e com todas as forças da minha vontade eu a pus imediatamente em execução. Concentrado, isolado neste único pensamento, olhando fixamente na direção de Dockman, ordenei-lhe que cessasse todo movimento e adormecesse. Em momento algum pareceu aperceber-se ele de meu olhar, mas, com muita rapidez, viu afrouxarem-se os seus gestos e tornarem-se fixos os seus olhos. Com o cigarro inacabado entre as mãos, fechou ele de repente as pálpebras e ficou imóvel, semelhante a uma estátua. Seu amigo levanta a cabeça, percebe-o nesse estado, interpela-o e não obtém resposta. Uma cantora, sentada à mesa próxima, amedronta-se e já começa a gritar. Apresso-me em descer e, dentro de alguns segundos, soprando-lhe vivamente nos olhos, desperto meu improvisado *sujet* que não pode mesmo saber o que lhe acaba de suceder.

Tentara eu essa experiência por acaso, de forma alguma contando com êxito e eu próprio estava estupefato pelo resultado. No dia seguinte, ofereceu-se-me ocasião de renová-la. Chego ao Cassino mais ou menos à 1:30. Desta vez, dockman estava sentado na terrasse, sozinho, a uma mesa onde escrevia uma carta, curvado sobre o papel, quase tocando-o com o nariz. Minha mesa estava a 5 ou 6 metros da sua; entre mim e ele achava-se uma turma de jogadores de cartas. De novo me concentrei em uma tensão nervosa que me fazia de algum modo vibrar da cabeça aos pés, e ordenei com todas as minhas forças a Dockman, ao mesmo tempo em que lhe dirigia o olhar com firmeza, que cessasse de escrever e adormecesse. A ação foi menos rápida do que na véspera. Dir-se-ia que o *sujet* lutava contra a minha vontade. Após um ou dois minutos, deu evidentes sinais de crispação. A pena ficou em suspenso, como se ele procurasse em vão as palavras; fazia com a mão o gesto de alguém que afasta uma influência obsediante; depois rasgou a carta

começada e se pôs a escrever outra; dentro em pouco, porém, sua pena ficou pregada no papel e ele adormeceu nessa posição. Aproximei-me dele, juntamente com diversos dos assistentes que interromperam o jogo; todo o seu corpo estava contraído, duro como um pedaço de madeira; debalde procuraram dobrar um de seus braços. Não perdeu sua rigidez senão sob a ação dos meus passes. Quando recuperou o uso de seus sentidos, Dockman pediu-me para não repetir essas experiências; queixava-se de estar muito fatigado devido à da véspera. Assegurou-me, por outro lado, que adormecera as duas vezes sem a menor desconfiança de que esse brusco sono lhe fosse provocado por mim ou por qualquer outra pessoa.

Essa experiência é muito significativa e nenhuma dúvida pode deixar, tampouco, sobre a ação a distância.

O Dr. Dariex, diretor dos *Annales des Sciences Psychiques*, publicou as seguintes experiências sobre a transmissão mental, feitas por um dos seus amigos que deseja conservar-se incógnito "em virtude da situação importante que ocupa", o que lamentamos.

De 7 de janeiro a 11 de novembro de 1887, Maria é muito freqüentemente adormecida, a fim de ser desembaraçada, por sugestão, de intoleráveis dores de cabeça e de uma sensação de bola que lhe toma todo o esôfago. Ela é assediada de indisposições histeriformes, verdadeiro Proteu, que é necessário expelir sem cessar por meio de sugestões apropriadas. No mais, o seu estado geral de saúde é excelente, porquanto, nos 17 anos que tenho sob as minhas vistas essa moça, jamais a vi abandonar um só dia suas ocupações por causa de qualquer outra indisposição.

Durante as numerosas sessões de sugestão, ensaiara eu em vão a transmissão mental; até 11 de novembro não obtive traço sequer de execução das ordens dadas: Maria tinha o pensamento incessantemente desperto, sonhava e não obedecia senão a ordens verbais.

Uma noite, enquanto escrevia as minhas notas a respeito de Maria, que deixara dormindo atrás de mim, teve ela uma alucinação espontânea, muito penosa, e desfez-se em lágrimas; acalmei-a com dificuldade e, a fim de evitar esses sonhos, proibi-lhe de pensar fosse no que fosse, quando eu a deixasse dormir. Depois, refletindo que todos os meus insucessos, a propósito da transmissão mental, bem

podiam ser devido a esse estado "poli-idéico" do cérebro,[75] insisto em minha sugestão e a formulo assim:

"Quando dormirdes e eu não vos falar, em nada absolutamente pensareis; vosso cérebro ficará vazio de pensamentos, para que coisa alguma se oponha à recepção dos meus."

Repito quatro vezes esta sugestão, de 11 de novembro a 4 de dezembro, dia em que pude constatar pela primeira vez a transmissão do pensamento.

Maria adormeceu, após um instante, caindo em sonambulismo "idéico" profundo; dou-lhe as costas e, sem um gesto ou ruído qualquer, lhe dou a seguinte ordem mental:

"Quando despertardes, ireis procurar um copo, nele derramareis algumas gotas de água de colônia, trazendo-o a mim em seguida."

Ao despertar, ela se acha visivelmente preocupada, não pode estar parada e vem por fim colocar-se à minha frente e me diz:

– Ora pois! em que pensais? e que idéia pusestes em minha cabeça!

– Por que me falais assim?

– Porque a idéia que tenho não pode provir senão de vós, e eu não quero obedecer!

– Não obedeçais, se assim o quiserdes; mas exijo que me digais imediatamente o que pensais.

– Muito bem! cumpre-me ir buscar um copo, enchê-lo de água, com algumas gotas de água de colônia e trazê-lo a vós: é realmente ridículo!

A minha ordem havia sido, pois, perfeitamente compreendida, pela primeira vez. A partir desse momento, 6 de dezembro de 1887, até hoje (1893), salvo raríssimos dias, a transmissão mental, em estado de vigília ou de sono, é das mais nítidas. Não é perturbada senão em certas épocas, ou quando Maria tem desassossegos muito vivos.

A 10 de dezembro de 1887 escondi, às ocultas de Maria, um relógio parado, atrás dos livros, em minha biblioteca. Quando ela chega, faço-a adormecer e lhe dou a seguinte ordem mental:

“Vai buscar-me o relógio que está escondido atrás dos livros da biblioteca.”

Estou em minha poltrona, Maria por trás de mim e tomo o cuidado de não olhar para o lado onde está o objeto escondido. Ela deixa bruscamente sua poltrona, vai direto à biblioteca, não pode, porém, abri-la; movimentos regulares enérgicos se manifestam todas as vezes que ela põe a mão na porta e sobretudo na vidraça.

– Lá está! lá está! estou certa disso; mas este vidro queima-me!

Decido-me eu próprio a abrir a porta; Maria precipita-se sobre os meus livros, retira-os e segura o relógio, mostrando-se muito alegre por havê-lo encontrado.

Experiências análogas foram feitas, com sugestões enviadas por um dos nossos amigos, previamente escritas sem a presença do *sujet*, e foi completo o êxito; mas se a pessoa que me envia a sugestão lhe é desconhecida, recusa-se ela a obedecer, dizendo que não sou eu que ordeno.

Certo dia chega ao meu gabinete um amigo comum, enquanto Maria está adormecida, e me passa o seguinte bilhete: “Dai-lhe a ordem mental de trazer-me um cigarro à antecâmara, acendê-lo e oferecê-lo a mim.”

Ela está sentada por trás de mim; sem deixar a minha poltrona, voltando-lhe sempre as costas, faço a sugestão mental. O meu amigo toma de um livro e faz menção de ler, vigiando-a sempre.

– Quanto me aborreceis! Como quereis que eu me levante?

– (Sugestão mental.) Podeis muito bem levantar-vos; descruzai os pés.

Depois de algum esforço, ela consegue descruzar os pés (que sempre os cruza sob a cadeira), levanta-se e vai, lentamente e tateando, em direção a uma caixa de charutos, toca-os e em seguida põe-se a rir.

– Ah! não! estou enganada, não é isto que devo fazer.

E ela vai direto ao compartimento próximo, não hesitando mais, toma um cigarro e apresenta-o ao nosso amigo.

– (Ordem mental.) Há outra coisa a fazer: acendei-o imediatamente.

Maria toma um fósforo, não o pode, porém, acender facilmente, detenho-a e faço novamente sentar-se em sua poltrona.

Aí está, igualmente, uma prova evidente de transmissão de pensamento.

Tive ocasião de fazer algumas experiências pessoais de transmissão de pensamento ou sugestão mental, no mês de janeiro de 1899, com Ninof, "o ledor de pensamentos", na residência do Sr. Clóvis Hugues, e constatei que:

1º) para que ele adivinhe alguma coisa, necessário é que a pessoa que o interroga conheça o de que se trata;

2º) é preciso que essa pessoa lhe dê a ordem mentalmente, mas com energia; por vezes ele obedece, rigorosamente, nos menores detalhes, à ordem mentalmente dada, se essa ordem é simples e precisa;

3º) a transmissão do pensamento se opera de cérebro a cérebro, *sem nenhum contato*, sem nenhum sinal, a um metro ou dois de distância, somente pela concentração do pensamento de quem dá a ordem e *sem nenhum compadrio*;

4º) não são raros os insucessos e parecem devidos a falhas na relação perfeita que deve existir entre o cérebro do ordenador e o do operador, à fadiga deste, a correntes contrárias.

Exemplo: formulo o pensamento de que Ninof deve ir buscar uma fotografia que se acha ao lado de várias outras, no fim do salão, e levá-la a um senhor que não conheço e que indico como sendo a sexta pessoa sentada, a partir daquele ponto, entre uma trintena de assistentes. Esta ordem mental é executada pontualmente e sem hesitação alguma.

O Sr. Clóvis Hugues formula o pensamento de que ele deve ir procurar uma pequena gravura representando Michelet, colocada sobre o piano, entre vários outros objetos, e colocá-la diante de uma estatueta de Joana d'Arc, no lado oposto do salão. A ordem é executada sem hesitação.

Era a primeira vez que Ninof vinha nesta casa, onde chegou sem companheiro algum, sozinho. Tem os olhos vendados por um guardanapo que se lhe passa em torno da cabeça, para isolar-se de

toda distração, diz ele. Quatro fios de cabelo tomados pelo Sr. Ad. Brisson a quatro pessoas diferentes foram achados onde tinham sido escondidos e postos pelo operador nas cabeças das quais foram destacados e no próprio lugar.

Até o momento dessa experiência, não tinha eu visto absolutamente nada mais do que compadrios. Nas leituras de pensamentos e buscas de objetos, feitos seriamente, constatara que são movimentos inconscientes da mão que guiam o adivinho. No caso em apreço, não se tem contato algum com o operador, e mesmo na hipótese de poder ele ver por baixo da venda, nada explicaria esta suposição, porquanto se conservam os assistentes por trás dele.

Dentre os 1.130 casos psíquicos recebidos e admitidos à discussão, na época do meu inquérito, de que mais acima falei, e dos quais já citei os principais relativos às manifestações dos moribundos, devo assinalar várias cartas muito interessantes, concernentes ao assunto especial deste capítulo: *comunicações psíquicas, transmissões mentais entre os vivos*. Destacarei algumas delas desse *dossier* que é verdadeiramente um variado acervo. Elas são instrutivas.

(Carta 7)

I – "Permitireis a um dos vossos mais assíduos leitores – e acrescento –, dos que mais simpatizam convosco, solicitar vossa atenção para um fato de que certamente tendes conhecimento?

Estais em uma rua. De repente avistais, a distância, alguém cujo porte, modo de andar e mesmo os traços vos são familiares. E dizeis:

– Ora, ora, lá está o Sr. X.

Aproximai-vos, mas não é ele. Que sucede, entretanto? Continuais a caminhar; minutos após, vedes, *encontrais*, de modo a vos não enganardes desta vez, *a personagem que supusestes ver no começo*.

Quantas vezes me tem acontecido isso! e certamente a vós também? Qual a sua causa?

Tenho-a por muito tempo procurado, acabando por me convencer de que à irradiação emanada da personagem que se

devia por fim encontrar, é que convinha talvez atribuir esta curiosa sensação.

A respeito poderão dizer, como nos casos de telepatia: "Mas é um absurdo; isso não tem senso comum. A irradiação? Como admiti-la de uma rua a outra, onde teve ocasião de ser interceptada cem vezes pelas pessoas que passam, pelos veículos que rodam, etc.!"

Todavia, mesmo fisicamente, não há impossibilidade em crer que cada indivíduo projeta, adiante de si ou em sua volta, uma irradiação e que esta seja suscetível de escapar às causas de alteração ou de refração que acabo de indicar, etc.

Em todos os casos é extremamente curioso que se chegue freqüentemente a deparar face a face com um homem em quem não se pensava e que se supôs distinguir, quando nesse momento era de um outro que se tratava.

L. de Leiris
Juiz no Tribunal Civil, em Lião."

(Carta 39)

II – "Sucede-me freqüentemente, quando saio à rua, que a silhueta de um transeunte, visto de longe, faz-me lembrar alguém com quem tenha parecença, quer nas maneiras, quer no andar, etc. Uma ou duas horas depois cruzo com a pessoa assim evocada em meu espírito, mas somente quando a encontro é que me lembro de ter nisso pensado.

Berger
Professor, em Roanne."

(Carta 58)

III – "Tendo casado, anos atrás, na província, mantenho correspondência diária com meu pai, que reside em Paris. Também ele me escreve todos os dias e fazemos habitualmente esta correspondência um pouco depois do meio-dia.

Acontece-nos, freqüentemente, fazer um de nós uma pergunta e dar o outro a resposta a essa pergunta, *no mesmo dia e à mesma hora*, referindo-se quase sempre a pergunta a amigos ou a

pessoas estranhas, que um ou outro não veja há muito tempo, pois que não moramos na mesma cidade.

E, se me acontece estar doente e não falar a respeito disso a meu pai, ele o adivinha quase sempre e pede-me com insistência notícias sobre o meu estado de saúde, no instante mesmo em que ela está um pouco abalada.

L. R. R."

(Carta 152)

IV – "Se, ao passar por uma rua, qualquer pessoa olha para mim, mesmo que ela esteja em um 5º andar, meus olhos se voltam involuntariamente e se confundem com os seus.

Considerar-me-ia feliz se me désseis uma explicação desse fenômeno.

J. C., Pezenas."

(Carta 189)

V – "Há bem pouco tempo, minha mãe, antes de entrar em um armazém (ela ainda estava dele distante uns vinte metros), disse-me de repente:

– Sabes? Acabo de ver fulano; preserve-me Deus de encontrá-lo!

Sem dúvida havia-o visto por intuição, moralmente. Mas, fato extraordinário, ao entrar no armazém, encontra-se minha mãe justamente em presença dele.

J. B. Vincent, Lião."

(Carta 199)

VI – "Como explicar que, freqüentemente, nove vezes sobre dez, depois de haver sonhado com uma pessoa que tenha vaga parecença com outra encontrada na rua, encontre-me eu precisamente em presença dessa mesma pessoa, um instante depois, ou pelo menos durante o dia, ainda que não haja motivo algum que possa levar essa pessoa a ver-me?

J. Renier, Verdun (Meuse)."

(Carta 207)

VII – "Certa manhã, há cerca de dois meses, estava eu ainda deitada, mas perfeitamente acordada, e pensava em chamar minha mãe para lhe dizer bom dia, desde que ouvi seus passos aproximarem-se de meu quarto; calculava com que tom de voz deveria gritar: "Mamãe!". Estou certa, porém, de não haver pronunciado esta palavra, pois não estava dormindo, achava-me há muito tempo acordada e tinha perfeita consciência do que fazia ou deixava de fazer. Nesse momento, mamãe entra em meu quarto; digo-lhe a rir:

– Sabes, eu pensava justamente em chamar-te.

Respondeu ela:

– Mas tu me chamaste, eu te ouvi do outro lado do apartamento, por isso é que vim!

Por mim, estou certa de não haver dito nada e minha mãe certa de ter-me ouvido, Isso nos fez rir, pois realmente é um caso extraordinário.

Y. Dubois, rua da Moeda, 8 (Nancy).

(Carta 222)

VIII – "Sucede muito freqüentemente ver-se inopinadamente uma pessoa, a respeito de quem tivemos um pensamento ou acabamos de falar; e isso tem sido observado desde longa data, pois até existe uma expressão proverbial, consagrada ao fato: "Falar do mau preparar o pau".

Alphonse Rabelle
Farmacêutico em Ribermont (Aisne)."

(Carta 232)

IX – "Tendes talvez ouvido falar de uma crença assaz disseminada em certas regiões, qual seja a de que o zumbido nos ouvidos é sinal de que a vosso respeito estão falando em qualquer parte. Sempre achei graça nas pessoas que ligavam importância a esta superstição, mas aconteceu-me, em circunstâncias penosas, um fato dessa natureza que modificou a minha incredulidade. Não teria havido, no caso em apreço, uma

transmissão do gênero dessas de que vos ocupais? Se o quiserdes, estarei à vossa disposição, para relatar-vos o que me sucedeu, com as provas em seu apoio, cartas, telegramas, horas de recepção, de expedição, fáceis de controlar, hora do fenômeno, etc.; talvez mesmo possa a minha afirmação ser certificada por uma das pessoas que, tendo sido causa da transmissão, vi em dezembro e a quem falei a respeito do que me aconteceu.

A. L. R."

(Carta 299)

X – "Sou professor e estou casado há 9 anos. Temos, minha mulher e eu, mais ou menos os mesmos gostos e a mesma educação e constatamos – isso logo depois do nosso casamento – uma similitude de idéias que nos parece extraordinária. Muito freqüentemente, um de nós formula alto uma opinião, uma idéia qualquer, no momento exato em que o outro ia exprimir-se precisamente do mesmo modo. Termos idênticos, para julgar de uma pessoa ou de uma coisa, vêm-nos à boca no mesmo instante, a ambos, e as palavras de um se acham, por assim dizer, duplicadas por aquelas que o outro ia pronunciar.

É esse, porventura, um fenômeno comum que se reproduz quando há simpatia entre duas naturezas, ou o mesmo nos diz particularmente respeito?... Em todo caso, se tem alguma importância, qual a sua causa, a sua natureza e por que se produz?

F. Dalidet
Professor, Secretário da Prefeitura, em
Saint Florent, perto de Niort (Deux Sèvres)."

"Visto, para efeito de reconhecimento da firma de M. Dalidet, professor em Saint Florent.

Prefeitura de Saint Florent, 28 de março de 1899.
O prefeito: *A. Favriou*."

(Carta 319)

XI – "Minha mãe, esposa de capitão de navio, era sempre avisada, por sinais quaisquer insólitos, todas as vezes que meu pai corria um perigo. Era isso tão freqüente que ela adquirira o hábito de tomar nota desses avisos. Mais tarde ela vinha a saber, com efeito, que à hora assinalada seu marido, em perigo de naufrágio, enviava-lhe o seu pensamento, que supunha ser o último. Casos análogos multiplicam-se ao infinito com relação a quase todas as esposas de marujos. Lembro-me muito bem que a conversação das visitas que mamãe recebia tinham freqüentemente por objeto a telepatia.

Uma de minhas amigas, também esposa de marujo, viu, no mesmo dia da morte de seu marido, que pereceu tragicamente em um naufrágio, a mão de seu esposo desenhar-se sobre um dos vidros da janela: o que a impressionou foi que o anel conjugal sobressaía nitidamente de sua mão.

Outra de minhas amigas, tendo sua irmã doente – devo previamente dizer-vos que esta prometera à irmã, de quem se achava separada, fazer-lhe saber, por um sinal qualquer, sua morte, se esta ocorresse – sentiu, na mesma hora em que sua irmã desprendia o último suspiro, um terno abraço que ela reconheceu ser o abraço de sua querida irmã, que efetivamente expirava. Eu própria, em companhia de minhas alunas, ouvimos – todas três – pronunciar distintamente "Fraulein", voz que reconheci imediatamente por ser a de uma de minhas conhecidas que se havia portado mal para comigo. Registrei o fato e a hora em que se verificou; mais tarde vim a saber que essa personagem morrera precisamente no instante em que o som de sua voz chegara ao meu ouvido.

Maria Strieffert
(Nascida em Stralsund, na Pomerânia), Calais."

(Carta 320)

XII – "Leitora apaixonada de vossos recentes artigos, é com satisfação que constato o poder do pensamento humano. Pessoalmente, não tenho mais do que um fato a assinalar. Por

ocasião da minha passagem pela Alemanha, ouvi distintamente meu pai chamar-me pelo diminutivo do meu nome. E no dia seguinte verifiquei que ele me estava escrevendo precisamente no instante em que o eco dessa voz querida veio ferir meus ouvidos.

P. S. – Diversas confidências têm-me sido feitas a propósito da telepatia; se elas vos podem interessar, comunicar-vos-ei com solicitude."

Madalena Fontaine
Pensionato de Mlle. Bertrand, Calais."

(Carta 331)

XIII – "Jamais fui avisado da morte de quem quer que seja, por uma aparição; o mesmo não se passa com relação aos doze ou quinze membros de minha família, que conheço bem.

Tive, porém, um dia, certo pressentimento que, se bem diferente, nestas circunstâncias, dos fenômenos que estudais, talvez na mesma categoria se possa agrupar.

Dirigindo-me, certa manhã, para o Hospital Lariboisière, do qual eu era externo, tive por um momento a idéia de que ia encontrar, na porta do hospital, o Sr. P., que só uma vez tivera ocasião de ver, oito meses antes, em uma casa amiga e que, desde essa data, jamais voltara a ocupar meu pensamento. Esse senhor, doutor em Medicina, teria vindo ali para avistar-se com um certo cirurgião de Lariboisière.

Não me enganara de todo; à porta do hospital encontrei o Sr. P., que vinha com a intenção de visitar, não o cirurgião em apreço, mas o chefe do serviço de obstetrícia.

Notai que em tudo isso não poderia eu ter visto de longe, nem reconhecido subconscientemente o Sr. P., porquanto esse pressentimento me veio no bulevar Magenta, à direita da rua de Saint-Quentin, ao passo que o Sr. P., quando o avistei, esperava no vestíbulo à distância de vinte minutos. (Perguntei-lhe, depois, há quanto tempo estava ali, antes de lhe falar acerca do meu pressentimento, para que sua resposta fosse livre de qualquer influência.)

A isso acrescento que, de modo algum, sou inclinado à superstição; antes me julgo céptico, e meu primeiro cuidado, em presença desse caso, foi procurar-lhe uma explicação física, antes de pensar na intervenção de um fator ainda indeterminado. Não encontrei, porém, essa explicação física.

G. Mesley
Estudante de Medicina, rue de l'Entrepôt, 27."

(Carta 382)

XIV – "Uma de minhas jovens amigas, que residia em Paris, ao passo que eu me achava na província, foi acometida de um mal que a levou em poucas horas às portas da morte. Nada absolutamente me advertira de sua enfermidade, entretanto tive exatamente naquele instante um sonho, verdadeiro pesadelo, durante o qual assistia eu ao casamento dessa amiga. Parentes e amigos, todos estavam na solenidade trajando roupas de cor escura e choravam amargamente! A impressão tornou-se tão dolorosa, que despertei. Quinze dias depois vim a saber do perigo do qual escapara a mesma pessoa.

Acontece-me também, freqüentemente, pensar, sem aparente motivo, em uma pessoa cuja coincidência de idéias posso controlar pela recepção de uma carta que coisa alguma tornava necessária. Sucede isso tão freqüentemente, que tenho o hábito de esperar notícias das pessoas nas quais penso involuntariamente. Todavia o fato não deixa de ter exceções.

A. B. (Chagny)."

(Carta 393)

XV – "O seguinte fato foi-me narrado por um de meus amigos, professor em uma faculdade de Medicina de França e apresentando, por suas circunstâncias, garantias muito especiais. Não posso, sem a sua autorização, dar-vos o seu nome a propósito de um acontecimento que ele me confiou na intimidade e que não desejaria, talvez, ver publicado. Designá-lo-emos, pois, pela inicial Z.

O Sr. Z., que se achava, então, em S. Luís do Senegal, foi picado em um dedo por um inseto da região, muito perigoso,

conhecido, entre os europeus, pelo nome de chique. Em conseqüência dessa mordedura, foi ele tomado por uma febre intensa que o levou a dois passos do túmulo e o deixou, durante creio que uns vinte dias, absolutamente sem o uso da razão. Ora, algumas horas depois de ele ter perdido os sentidos, levaram-lhe um telegrama de sua mãe, *que estava em França*, perguntando o que lhe acontecera. A hora em que fora formulado esse telegrama, tomando em consideração o tempo necessário para levá-lo ao telégrafo, coincidia com a do desfalecimento do Sr. Z.

Quando este, felizmente restabelecido, voltou à França, contou-lhe sua mãe que, sem motivo aparente, experimentara de súbito uma espécie de abalo e tivera imediatamente a intuição de que seu filho corria um grande perigo; essa impressão era tão poderosa, que ela imediatamente mandara expedir um telegrama para saber notícias suas.

A fim de dar maior autenticidade à minha narrativa, prefiro assinar minha carta; mas sou funcionário público, como vedes, e eu vos ficaria reconhecido se, no caso que julgásseis bom reproduzir os fatos que cito, o fizésseis sem publicar meu nome e o meu endereço.

R. (Argélia)

Carta 443)

XVI – "Tinha eu outrora um amigo a quem as circunstâncias (era um explorador) obrigavam a viver muito longe de nós. Adquiríramos o doce hábito de nos correspondermos muito regularmente e, pouco a pouco, nossas almas adquiriram tal afinidade que nos sucedia constantemente escrevermo-nos à mesma hora, dizer um ao outro as mesmas coisas ou, ainda, responder *no mesmo instante* a uma questão proposta na carta.

Assim, um dia, inquieto, por não haver recebido notícias, apanhei a pena e tracei duas palavras: "Estás doente?" No mesmo instante, verificamo-lo mais tarde, escrevia-me ele: "Descansa teu espírito, o mal passou."

Não digo que seja isso uma visão, mas certamente, nos momentos trágicos da existência, duas almas unidas pela mais profunda ternura devem "confundir-se", unindo-se a distância.

E. Asinelli (Gênova)."

(Carta 449)

XVII – "Certa feita, sentiu-se minha mulher, por volta do meio-dia, tomada de um mal-estar inexplicável, que ela depois jamais veio a experimentar; estava opressa e não podia ficar parada. Convidada para uma merenda, ela dirigiu-se ao refeitório, mas não pôde aí permanecer; saiu a passear no jardim, procurando conversar. Esse incômodo atormentava-a sempre e somente às 9 horas da noite foi que ela se sentiu de súbito aliviada, como se nada tivesse experimentado.

No dia seguinte vieram informá-la de que seu pai morrera na véspera, às 9 horas da noite em ponto. Ela não pensara absolutamente em seu pai.

Busin – Neuville, Poix-du-Nord."

(Carta 467)

XVIII – "Sucedia-me freqüentemente cantar mentalmente uma ária conhecida e alguns instantes depois meu marido cantava em alta voz a ária que eu tinha no pensamento. Isso nos dava lugar a pequenas discussões que acabavam sempre por nos divertir.

M. C. (Grenoble).

XIX – "Minha tia (mãe adotiva) amava-me extremosamente, se posso exprimir-me assim, e era muito nervosa. Eu mesmo sou bastante nervoso também. Era muito freqüente a nossa correspondência, sobretudo nos primeiros tempos de nossa separação, e observei que todas as vezes que devia receber uma carta sua meu pensamento voltava-se com grande intensidade para ela, na véspera da chegada de sua correspondência, cuja data nada tinha de fixa. Estas observações freqüentemente preocupam o meu espírito.

O.
Comandante reformado (Riversé)."

(Carta 517)

XX – "Uma noite – passou-se isso há alguns anos – fui bruscamente acordado, tendo consciência de que um dos meus clientes, o Sr. X., residente a 3 quilômetros de minha casa, vinha chamar-me. Salto da cama, ponho-me à janela e... vejo-o chegar alguns minutos mais tarde. Sua mulher estava doente e ele viera pedir-me para ir vê-la.

Fatos deste gênero sucederam-me diversos.

Dr. N."

(Carta 551)

XXI – "Nesta ordem de idéias, eis a única observação que pude fazer, interessante apenas por causa de sua regularidade: tenho duas amigas no estrangeiro, que muito assiduamente me escrevem, mas não em data fixa. Quando sonho com uma ou com outra, é raro que o correio da manhã não me traga uma carta daquela com quem sonhei.

No princípio não prestei atenção ao caso, mas a observação se impôs e, daí em diante, verifiquei muito freqüentemente o fato. De mais, o sonho não é geralmente precedido de uma idéia particular que pudesse, de qualquer modo, prepará-lo e explicá-lo.

Cl. Charpoy (Tournus)."

(Carta 589)

XXII – "Uma amiga minha íntima sofreu, durante todo um dia, intensa agonia física, que nenhuma causa conhecida podia explicar-lhe, na ocasião em que eu própria estava torturada por uma grande dor, sem que ela pudesse, aliás, desconfiar do que se passava: achava-me eu em Nantes, ela em Gênova.

Ch. Champury (Gênova)."

(Carta 650)

XXIII – "Em 1845 e 1846, era eu aluno (classe de francês) do colégio de Alais; ainda que protestante, mantinha as melhores relações com o Sr. Barély, abade do colégio e, por ocasião das

festas religiosas, era eu, com alguns colegas, encarregado da ornamentação da capela.

Aproveitávamos de nossa momentânea liberdade para descer à câmara funerária que se acha sob a sacristia, e à qual se tem acesso por um alçapão e por uma escada dispostos por baixo do estrado dos professores, na capela. Essa câmara encerrava os restos de três ou quatro antigos abades do colégio, cujos sepulcros descobertos, e em parte quebrados, achavam-se dispostos no solo; a abóbada, baixa, estava repleta de nomes de antigos alunos, traçados a fumaça de velas; eu conservara, dessa câmara, uma recordação inapagável.

Mais tarde, em 1849 e 1850, residia eu em Nimes. O Sr. Maulins Salles, livreiro, aplicava-se ao magnetismo, a cujo respeito freqüentemente conversávamos. Desejaria ele alistar-me entre os seus companheiros, dizendo que, tratando eu de arquitetura, poderia, magnetizado, descrever, detalhando-os, os monumentos das cidades a que me transportasse pelo pensamento. Aceitei, mas não conseguiu ele, por mais que fizesse, adormecer-me.

Assistia eu, certo dia, a uma sessão muito interessante, para a qual convidara-me; encontrei lá uma senhora de seus sessenta anos, provavelmente a empregada.

Ele magnetizou-a, pôs-me em comunicação com ela, postas as nossas mãos umas nas outras e em seguida deixaram-nos a sós.

A lembrança da câmara mortuária da capela veio-me à memória e me decidi a conduzir o *sujet* até esse lugar. Disse-lhe que tomávamos o trem d'Alais: durante todo o trajeto balançou ela a parte superior do corpo.

Ao chegar e daí até a nossa entrada no colégio, detalhou-me perfeitamente tudo o que se encontrava à nossa passagem; entramos no vestíbulo; em seguida, na capela; ela fez o sinal da cruz ao avistar o altar; dirigimo-nos ao estrado da esquerda; ela faz esforços para afastá-lo e me ajuda também a levantar a tampa do alçapão; acendo uma vela, dou-lhe a mão para descer a pequena escada e eis-nos no jazigo; ela tremia de medo e queria retirar-se.

Tranqüilizei-a e, conduzindo-a até junto dos túmulos, pedi-lhe que mos descrevesse.

– Aquele se acha coberto de neve!... – diz-me ela.

Esse túmulo tinha sido caiado.

– Que bela cabeleira tem este!

O crânio, com efeito, estava rodeado de uma floresta de cabelos.

– Levantai o sudário desse lado – disse-lhe eu.

– Oh! – exclamou ela – quanto é belo! é tudo seda e ouro!...

Tratava-se de um abade amortalhado com as paramentas sacerdotais.

– Olhai para a abóbada, vou iluminá-la. Que vedes?

– Nomes – diz-me ela.

– Lede-os.

Ela procede à leitura de uns cinco ou seis desses nomes, de que me recordava perfeitamente bem.

Tornamos a voltar à capela e disse-lhe eu que íamos a pé a Anduze. No caminho, deu-me uma série de detalhes sobre a região que percorríamos, e todos perfeitamente verídicos.

Chegados a Anduze, introduzi-a em uma casa conhecida; é noite; ela me descreve a casa, a escada, o salão... Peço-lhe então que me designe as pessoas presentes. Responde-me ela que o não sabe... Então reflito que eu mesmo o ignorava e que, portanto, ser-me-ia impossível transmitir-lhe o meu pensamento.

Melvil Roux
Arquiteto em Tornac, Anduze (Gard).”

(Carta 675)

XXIV – “Tratei e curei ultimamente, por meio do magnetismo, a esposa de um de meus amigos, que sofria de penosa afecção havia mais de dezoito anos. O tratamento foi por ela seguido cotidianamente comigo durante cerca de seis meses e, como sucede em casos semelhantes entre magnetizador e paciente, ela caiu sob a minha absoluta dependência. Não quero relatar-vos aqui todos os fenômenos que eu podia provocar por seu

intermédio, tais como aberrações do gosto, sensação de calor e de frio, etc.; são eles muito conhecidos e mui facilmente imputados à imaginação. Mas, além disso, ela percebia, sem o concurso da minha vontade, todas as minhas sensações, mesmo a distância – e nisto a imaginação não pode ser invocada, como uma circunstância que entra em jogo na realização do fenômeno. Assim, acontecia-lhe dizer-me: "Ontem, a tal hora, tivestes uma altercação", ou então: "Estáveis triste; que vos aconteceu?" Pude assegurar-me, dentro em pouco, que ela sentia todas as minhas impressões a uma distância muito grande; pude verificar isso pelo menos para um espaço de 15 quilômetros.

Tive também um outro *sujet*, sendo esse um homem, a quem eu fazia à vontade vir à minha presença. Bastava para isso que eu pensasse fortemente em fazê-lo vir.

– Por que – disse-lhe eu um dia – viestes com um tempo tão horrível?

– Realmente, não posso sabê-lo, essa idéia assaltou-me repentinamente, tive desejo de ver-vos, e eis-me aqui.

Onde está em tudo isso a imaginação?

Do mesmo modo que há um sonambulismo natural e um sonambulismo provocado, há o magnetismo voluntário e o involuntário, o que explica as simpatias e as antipatias naturais.

Dr. X. (Valparaiso)."

Esses casos não podem, tanto quanto os precedentes, ser atribuídos ao acaso (alguns dos lances previstos podem tê-lo sido por uma semelhança fortuita dos que os precederam, mas trata-se evidentemente de uma exceção). Provam eles a transmissão do pensamento. Apresentaremos ainda alguns outros à atenção dos nossos leitores. O seguinte é extraído da obra *Phantasms of the Living*.

O Sr. A. Skirving, mestre pedreiro da catedral de Winchester, escreveu aos redatores da aludida compilação:

XXV – "Não sou um homem instruído. Deixei a escola com a idade de 12 anos e por isso espero que perdoeis minhas faltas contra a gramática. Sou mestre-pedreiro da catedral de

Winchester e resido nesta cidade faz 9 anos. Vai para mais de 30 anos, residia em Londres, muito perto do local presentemente ocupado pela Great Western Railway. Trabalhava em Regent's Park para os Srs. Momlem, Burt e Freeman. A distância até à minha casa era muito grande para que pudesse ir fazer nela as minhas refeições, e por isso conduzia comigo o almoço e não abandonava durante o dia o trabalho.

Um belo dia, entretanto, senti bruscamente um desejo intenso de ir à minha casa. Como, de fato, nada tivesse a fazer em casa, tratei de me desembaraçar dessa obsessão, mas foi-me isso impossível. O desejo de ir a casa aumentou de minuto em minuto. Eram 10 horas da manhã e não havia o que pudesse afastar-me do meu trabalho a essa hora. Tornei-me inquieto e não me sentia bem; percebi que devia ir, mesmo correndo o risco de ser ridiculizado por minha mulher; não podia dar nenhuma razão de deixar meu trabalho e perder seis pences em cada hora, por causa de uma tolice. Todavia, não pude ficar; parti para casa.

Quando cheguei diante da porta de minha residência, bati; a irmã de minha mulher veio abrir-me a porta. Pareceu surpreendida e me disse:

– Que é isto, Skirving, como é que o sabeis?

– Sabeis o quê? – disse-lhe eu.

– Ora essa! a propósito de Mary Anne.

– Nada sei com respeito a Mary Anne (minha esposa).

– Então, que vos traz a esta hora aqui?

Respondi-lhe:

– Não o sei. Parecia-me que tinham necessidade de mim aqui. Mas, que foi que sucedeu?

Então ela me contou que um fiacre havia atropelado minha esposa, talvez uma hora antes, deixando-a gravemente ferida. Não havia cessado de chamar-me desde a hora do acidente. Estendeu-me os braços, enlaçou-os em torno do meu pescoço e encostou minha cabeça em seu peito. As crises imediatamente passaram e a minha presença acalmou-a; ela dormiu e repousou. Contou-me sua irmã que ela dava gritos de cortar o coração,

chamando-me, ainda que não houvesse a menor probabilidade da minha vinda.

Esta curta narrativa tem apenas um mérito: é estritamente verdadeira.

P. S. – O acidente verificara-se uma hora e meia antes da minha chegada. Coincidia essa hora exatamente com a em que experimentei a obsessão de deixar meu trabalho. Faltava-me uma hora para chegar à minha casa e, antes de partir, lutara eu bem uma meia hora para vencer o desejo de ir à minha residência.

Alexandre Skirving"

Todos esses exemplos mostram que há como que correntes entre os cérebros, entre os espíritos, entre os corações, correntes devidas a uma força ainda desconhecida. Eis aqui outros casos não menos evidentes.

O professor Sílvio Venturi, diretor do Asilo de Alienados de Girifalco, escrevia a 18 de setembro de 1892:

XXVI – "Em julho de 1885 morava eu em Nocera. Fui, certo dia, com um companheiro, fazer uma visita a meu irmão, em Pozznoli, a três horas de viagem por via férrea.

Deixei todos, em casa, de perfeita saúde. Habitualmente eu permanecia dois dias em Pozznoli, algumas vezes um pouco mais. Chegamos às 2 horas da tarde. Tínhamos a intenção de fazer, depois da refeição, um passeio marítimo com os da família. De súbito, detenho-me pensativo e, tomando uma resolução enérgica, declaro não mais querer dar o passeio, mas, pelo contrário, voltar imediatamente a Nocera. Perguntaram-me por quê, declarando que me achavam esquisito. Eu mesmo sentia toda a extravagância da minha resolução, mas não hesitei, pois experimentava uma necessidade irresistível de retornar a casa.

Vendo a minha resistência, deixaram-me partir. A seu mau grado, o meu companheiro seguiu-me. Aluguei uma pequena viatura, puxada por um cavalo magro e lento que ia a passo, em vez de trotar. De repente, receando perder o trem das 7 horas da noite (era o último), apressei o cocheiro, que fustigou o cavalo, mas o pobre animal, enfraquecido, não podia avançar.

Finalmente saltamos e pudemos tomar outra viatura, a tempo de alcançar o trem.

A minha casa em Nocera está situada a 300 metros da gare, mas não tive paciência para fazer o trajeto a pé e subi ao carro de um amigo, deixando meu companheiro vir a pé. Chegando em casa, empalideço vendo quatro médicos: os Srs. Ventra, Canger, Roscioli e o da cidade; achavam-se todos ao redor da cama de minha querida filhinha, atacada de crupe e ameaçada de morte. Não existia essa enfermidade na região. Declarou-se o crupe às 7 horas da manhã, talvez à mesma hora em que experimentei a obsessão de regressar a casa o mais depressa possível. Tive a alegria de haver contribuído, assim, para a cura. Minha esposa, antes da minha chegada, gritava e me chamava angustiosamente." [76]

Todos esses fatos tão numerosos não indicam a existência de correntes psíquicas entre os seres vivos? Essas constatações são da mais alta importância para o conhecimento que procuramos adquirir, por estes estudos, da natureza e das faculdades da alma humana.

Outro documento absolutamente da mesma ordem: confirmam-se eles, assim, uns pelos outros.

O Sr. Lasseron, tabelião em Châtellerault, escreve, em data de 31 de janeiro de 1894:[77]

XXVII – "Um advogado, de serviço na Guarda Nacional, achava-se no corpo da guarda. De repente, deu-lhe na fantasia sair, sem a ninguém prevenir. Estando sob as armas, nem mesmo o comandante do posto o poderia ter permitido; além disso, ele não tinha nenhum motivo plausível a apresentar. Era uma *extravagância* que lhe assaltava o cérebro e mau grado à prisão que a falta lhe acarretava (com efeito, pegou ele, por esse ato de indisciplina, oito dias de prisão), deixa o fuzil e vai a casa, correndo.

Chegando, encontra sua mulher banhada em lágrimas, rodeada de médicos que cercavam o leito de sua filha, de seis anos de idade, atacada de crupe e próxima da morte... Não havia essa moléstia na cidade.

A visita inopinada de seu pai pareceu produzir uma reação de tal modo favorável, que a criança sobreviveu. Casou-se com o irmão do juiz que me contou esse fato extraordinário; morreu antes dos 25 anos.

Foi preciso recorrer a toda espécie de valiosa proteção, para relevar a pena de oito dias de prisão, e isso se deu antes em consideração ao fato de tratar-se desse estranho caso de telestesia.

Lasseron
Tabelião em Châtellerault."

O Dr. Aimé Guinard, cirurgião dos hospitais de Paris, residente na mesma cidade, à rua de Rennes, menciona o seguinte caso (outubro de 1891):

XXVIII – "Tenho habitualmente como dentista um de meus amigos instalado longe de minha casa, no quarteirão da ópera. Como sua clientela tomasse proporções consideráveis e não tivesse eu tempo de passar longas horas em seu salão de espera, decidi-me a solicitar os cuidados de um de seus colegas, que trabalhava a alguns passos de minha casa, o Sr. Martial Lagrange.

Dou esses detalhes para bem demonstrar que não mantinha relações com este último, pois vi-o pela primeira vez no começo deste ano.

Uma noite do mês de setembro, deito-me como de ordinário, pelas 11:30 da noite. Cerca de 2 horas da madrugada sou acometido de uma dor de dentes das mais insuportáveis e conservo-me toda a noite acordado. Achava-me muito incomodado pelo fato de não poder dormir, mas não a ponto de ficar impossibilitado de pensar em meus costumeiros afazeres. Como estivesse prestes a terminar um memorial sobre o tratamento cirúrgico do câncer do estômago, passei uma parte da noite a meditar sobre esse assunto e a traçar o plano do meu último capítulo. Freqüentemente era interrompido o meu trabalho mental por uma arremetida dolorosa e eu me impunha a resolução de ir logo pela manhã procurar o meu vizinho, Sr. Marcial Lagrange, para arrancar o dente enfermo.

Insisto sobre este ponto: durante essa longa insônia, meu pensamento esteve em absoluto concentrado nesses dois objetivos (e isso com tanto mais intensidade por se achar tudo em redor de mim mergulhado na calma e na obscuridade): de um lado o memorial sobre o tratamento cirúrgico do cancro do estômago, no qual estudo a extirpação do tumor por meio do bisturi, e, de outro, o dentista em questão e a ablação do meu dente, em mau estado.

Às 10 horas da manhã chego à sala de espera e, logo que o Sr. Martial Lagrange abre a porta do seu gabinete, exclama:

– Oh! como isto é admirável! Sonhei convosco toda a noite.

Respondo-lhe gracejando:

– Espero, pelo menos, que vosso sonho não tenha sido muito desagradável, ainda que eu tenha estado metido nele.

– Mas, pelo contrário – replica ele – era um horrível pesadelo; eu tinha um cancro no estômago e estava obsidiado pela idéia de que íeis abrir-me o ventre, para curar-me.

Ora, afirmo que o Sr. Martial Lagrange ignorava em absoluto que nessa noite estivesse eu estudando precisamente essa questão; há mais de seis meses que não me encontrava com ele e não tínhamos nenhum amigo comum.

Acrescentarei que é um homem de cerca de 45 anos, nevropata, muito emotivo.

Eis aí o fato em toda a sua simplicidade; não se trata de uma narrativa de segunda ou terceira mão, pois o caso me diz pessoalmente respeito. Seria uma simples coincidência? Parece-me isso muito improvável.

Não se tratara, antes, de uma observação que se deve incluir entre os casos autênticos de telepatia? O que há aqui de particular é, com o meu estado de vigília, o pensamento do dentista por mim influenciado ou sugestionado durante o sono.

Diz-se correntemente, desde séculos provavelmente, quando alguém se ocupa com insistência de qualquer ausente: “Devem-lhe estar as orelhas tinindo.” Seria esse dito baseado em fatos de telepatia análogos ao meu?”

Não datam de hoje essas observações. Eis uma experiência relatada por meu saudoso amigo Dr. Macário, em seu livro tão interessante sobre *O Sono*:[78]

> **XXIX** – "Uma noite o Dr. Grosnier, depois de haver adormecido por magnetização uma senhora histérica, pediu permissão ao marido desta para fazer uma experiência, e eis o que se passou. Sem dizer palavra, mentalmente, bem entendido, conduziu-a ele para o alto mar. A doente conservou-se tranqüila enquanto durou a calma na superfície das águas; dentro em pouco, entretanto, o magnetizador levantou em seu pensamento uma horrível tempestade e a doente se pôs imediatamente a dar gritos penetrantes e a se agarrar aos objetos que lhe estavam em torno; sua voz, suas lágrimas, a expressão de sua fisionomia indicavam um terrível medo. Então ele reduziu sucessivamente, e sempre pelo pensamento, as vagas a limites razoáveis. Cessaram elas de agitar o navio e, conforme a progressão do seu apaziguamento, foi a calma voltando ao espírito da sonâmbula, ainda que conservasse ela, por algum tempo, a respiração ofegante e um tremor nervoso por todo o corpo.
>
> – Não me transporteis jamais para o mar – gritou a sonâmbula, um instante depois, com arrebatamento – tenho medo; e aquele miserável capitão que não queria deixar-nos subir ao convés!
>
> Esta exclamação nos surpreendeu tanto mais, diz o Sr. Grosnier, quanto é certo que eu não pronunciara uma única palavra que pudesse indicar a natureza da experiência que tinha a intenção de fazer."

Relata igualmente o Dr. Macário os casos seguintes:

> **XXX** – "Achava-se à venda, judicialmente, um terreno em uma das comunas dos arredores de Paris. Ninguém lhe oferecia qualquer lance, ainda que mínimo em extremo fosse o preço da avaliação, porque o terreno fora tomado ao velho G., que passava entre os camponeses por perigoso feiticeiro. Após uma longa hesitação, certo agricultor chamado L., seduzido pela insignificância do preço, arriscou-se a fazer o seu lance e se tornou proprietário do campo.

No dia seguinte, pela manhã, o nosso homem, sobraçando a enxada, dirigia-se, cantando, à sua nova propriedade, quando um objeto sinistro lhe saltou aos olhos; era uma cruz de madeira, à qual estava pregado um papel com estas palavras: “Se meteres a enxada nesse campo, virá à noite atormentar-te um fantasma.” O lavrador derrubou a cruz e se pôs a trabalhar a terra, mas sem muita disposição; mau grado seu, pensava no fantasma que lhe fora anunciado, deixou o trabalho, voltou para casa e meteu-se na cama; seus nervos, porém, estavam superexcitados e ele não pôde dormir. À meia-noite viu um grande vulto branco a passear em seu quarto e que aproximando-se dele, murmurou: “Restitui-me o meu campo.”

Renovou-se a aparição nas noites subseqüentes. O lavrador foi acometido de febre. Ao médico que o interrogou sobre a causa da moléstia, contou ele a visão que o obsediava e declarou que o velho G. tinha-lhe feito malefício. O médico mandou buscar esse homem e, em presença do prefeito da Comuna, interrogou-o. O feiticeiro confessou que todas as noites, à meia-noite, passeava em sua casa, envolto em um lençol branco, a fim de enfeitiçar o comprador do seu campo. Sob a ameaça de ser preso, caso continuasse a fazer isso, desistiu ele do sortilégio. Cessaram as aparições e o lavrador recuperou a saúde.”

Como podia esse feiticeiro, passeando em sua casa, ser visto pelo camponês cuja morada ficava a um quilômetro de distância? Não explicaremos o fenômeno, apenas diremos que o caso não é sem precedentes e que está apoiado na autoridade irrecusável do célebre Dr. Récamier.

XXXI – “Vinha o Dr. Récamier de Bordéus e atravessava em sege de posta uma aldeia; sucedendo quebrar-se uma das rodas da viatura, tratou-se de procurar o carpinteiro que a pudesse consertar e cuja oficina ficava próxima do local do acidente. Mas esse homem estava de cama, enfermo, o que obrigou o cocheiro a ir procurar outro carpinteiro que residia na aldeia vizinha. Aguardando que o acidente fosse reparado, entrou o Dr. Récamier na casa do camponês enfermo e dirigiu-lhe perguntas sobre a causa do seu mal. Respondeu-lhe o carpinteiro que a sua

enfermidade provinha da falta de sono: “ele não podia dormir porque um caldeireiro que residia na outra extremidade da aldeia, a quem recusara dar sua filha em casamento, o impedia batendo a noite toda em seus caldeirões.”

O doutor foi procurar o caldeireiro e, sem preâmbulos, lhe disse:

– Por que bates a noite inteira em teu caldeirão?

– Por Deus! – respondeu ele – é para impedir Nicolau de dormir.

– Como pode Nicolau ouvir-te, se ele mora a uma meia légua daqui?

– Oh! oh! – replicou o camponês, sorrindo com ar maligno – sabemos bem que ele ouve.

O Dr. Récamier ordenou expressamente ao caldeireiro que cessasse aquele barulho, ameaçando-o de mandá-lo castigar se o doente viesse a morrer. Na noite seguinte o carpinteiro dormiu calmamente. Alguns dias depois retomou suas ocupações.”

Nas considerações de que faz acompanhar a narração desse caso, o Dr. Récamier o atribui ao poder da vontade, do qual não se conhece ainda toda a energia e que se revelara espontaneamente a um camponês inculto. O fenômeno, de resto, não parecerá extraordinário aos que conhecem o magnetismo.

O general Noizet, um dos autores mais sérios e mais precisos que já têm escrito sobre o magnetismo, relata a história seguinte:[79]

XXXII – “Pelo ano de 1842 fui convidado a passar em casa de um de meus antigos camaradas, uma noite na qual deveriam ostentar-se as maravilhas do sonambulismo. Para lá me transportei.

Era a primeira vez que eu assistia a esse gênero de espetáculo, bastante comum, entretanto, nos salões de Paris; depois disso nunca mais tive ocasião de assistir a espetáculo idêntico.

Lá encontrei umas 40 pessoas, algumas delas adeptas mais ou menos exaltadas e muitas incrédulas, entre as quais podia-se contar, na primeira plana, o dono da casa. Augurei mal da sessão e, com efeito, todas as experiências de vista a distância, de

leitura de carta escondida, todos os milagres enfim, falharam completamente e foi muito reduzido o número de fatos bastante interessantes que uma assistência tão numerosa e com disposições tão diversas pudesse sabiamente apreciá-los.

Conversando em um grupo, à saída desse malogro, observei ao dono da casa que não era por meio de semelhantes representações que se podia convencer alguém da realidade dos fenômenos; mesmo que as experiências tivessem bom êxito, cada qual, em uma reunião numerosa de pessoas estranhas umas às outras, podia supor tratar-se de compadrio, fraude, etc., sendo necessário, para bem observar os fatos, vê-los na intimidade ou em um pequeno grupo, examiná-los sob todos os aspectos e repeti-los freqüentemente.

Um de nossos interlocutores aplaudiu as minhas palavras, disse que conhecia uma excelente sonâmbula e nos propôs tentar algumas experiências com ela, em presença apenas do dono da casa e de um amigo comum. Aceitamos e combinamos dia e hora em data próxima.

Cheguei à casa de meu amigo antes do magnetizador e de sua sonâmbula, e vim a saber que, entre outras faculdades extraordinárias atribuídas à referida sonâmbula, estava a de poder dizer o que uma pessoa, com quem se a pusesse em relação, tinha feito durante o dia. Sucedia justamente, por acaso, que nesse dia realizara eu um empreendimento pouco vulgar. Tinha ido ao arquivo dos Inválidos, com o Duque de Montpensier, para mostrar-lhe os planos em relevo das praças fortes. Propus que se fizesse comigo a experiência da faculdade da sonâmbula, e esta proposta foi aceita pelos meus dois amigos.

Chegada a sonâmbula e adormecida, entrei em relação com ela e perguntei-lhe se podia ver o que eu fizera durante o dia.

Após alguns detalhes assaz insignificantes e penosamente obtidos, a respeito do modo pelo qual empregara as minhas horas da manhã, perguntei-lhe onde estivera eu depois do almoço. Respondeu-me sem hesitação: *nas Tulherias*; o que se podia muito bem entender por um simples passeio. Insisti, perguntando por onde eu tinha entrado, e ela respondeu muito bem ainda:

– Pela passagem do cais, perto da ponte Real.

– E em seguida?

– Subistes ao castelo.

– Por qual das escadas? A do meio?

– Não, a do canto, perto da entrada.

Lá, ela se perdeu pelas escadas, e há com efeito lugar para isso, porque existem diversas escadas: a grande, do serviço do pavilhão de Flora, e a dos apartamentos do rei, com patamares e degraus de ligação conduzindo de uns a outros. Afinal, deixou-me em uma grande sala onde havia oficiais. Era uma sala de espera no andar térreo.

– Estivestes esperando – disse-me ela.

– E depois?

– Veio um moço alto falar-vos.

– Quem era esse moço?

– Não o conheço.

– Observais bem?

– Ah! é um filho do rei.

– Qual deles?

– Não o conheço.

– Não é muito difícil de saber; só há dois em Paris: o Duque de Nemours e o Duque de Motpensier; é o Duque de Nemours?

– Não o conheço.

Digo-lhe que é o duque de Motpensier.

– Depois?

– Tomastes um carro.

– Sozinho?

– Não, com o príncipe.

– Onde estava eu sentado?

– No fundo, à esquerda.

– Éramos só nós que estávamos no carro?

– Não, havia ainda na frente um corpulento senhor.

– Que era esse senhor?

– Não o conheço.

– Examinai.

Depois de haver refletido, disse:

– Era o rei.

– Como! – repliquei – eu no fundo da carruagem e o rei na frente! Isso não é razoável.

– Não sei, não conheço esse senhor.

– Pois bem! era o ajudante de campo do príncipe.

– Não o conheço.

– Onde estivemos?

– Seguistes pela margem do rio.

– E depois?

– Fostes a um grande castelo.

– Que castelo era esse?

– Não sei, havia árvores antes de aí chegar.

– Observai bem, portanto; deveis conhecê-lo.

– Não, não sei.

Deixo de lado essa particularidade e peço-lhe que continue.

– Estivestes em uma grande sala.

Nesse ponto, fez-me ela uma descrição imaginária da sala onde via brilhar estrelas sobre um fundo branco. Por fim, ela me diz:

– Havia aí grandes mesas.

– E o que havia sobre essas mesas?

– Não era alto, não era também inteiramente liso.

Não pude levá-la a dizer-me que ali estavam planos-relevos, objetos que sem dúvida ela jamais vira.

– Que fizemos nós, então, diante dessas mesas?

– Vós mostráveis. Subistes em uma cadeira e com uma varinha mostráveis alguma coisa.

Esta particularidade notável era perfeitamente exata. Enfim, depois de muitas delongas, fez-nos ela tomar novamente o carro e partir. disse-lhe então:

– Mas, olhai para trás, deveis reconhecer o lugar donde saímos.

– Ah! – disse ela como que admirada e um tanto confusa – é o quartel dos Inválidos.

Acrescentou ainda que o príncipe deixara-me à porta da minha casa, o que era verdade.

Por muito que estivesse eu familiarizado com os fenômenos de sonambulismo, esta cena impressionou-me, todavia, muito e não posso razoavelmente atribuir senão à faculdade de ler em meu pensamento, ou através das impressões ainda existentes em meu cérebro, a espécie de adivinhação de que a sonâmbula acabava de dar prova. É ainda hoje a única explicação que lhe posso dar."

Eis aqui um segundo fato relatado pelo mesmo autor:

XXXIII – "Há cerca de dois anos, aconselhou-me uma sonâmbula, para o tratamento de certas dores que eu sentia, o uso de banhos de vapor seco sulfuroso, e indicou-me um estabelecimento da rua da vitória como o único de Paris que os administrava bem. Segui esse conselho, que me pareceu razoável.

O dono do estabelecimento, que, embora grande conversador, é um velho de fisionomia e atitudes francas, perguntou-me um dia quem me houvera indicado esses banhos. Como eu evitasse uma resposta, disse-me ele:

– Não teria sido uma senhora D.?

Neste comenos perguntei-lhe se conhecia essa senhora. Respondeu-me que não, mas que desejaria muito conhecê-la, e que se propunha ir vê-la um dia, porque ela lhe havia prestado um serviço e de uma forma verdadeiramente extraordinária. Eis o que a respeito contou-me:

Uma pessoa a quem administrava banhos desde algum tempo disse-lhe certo dia:

– Acaba de me acontecer qualquer coisa sobremodo admirável e que tem relação convosco. Vou por vezes consultar uma sonâmbula para a minha moléstia, e ontem, após longa interrupção, voltei novamente a consultá-la. Assim que me reconheceu, disse-me:

– Estais muito melhor! Que fizestes então para ficardes em tão bom estado?

– Vede se descobris – respondi-lhe.

– Fizestes uso de banhos, não porém banhos ordinários, mas sim banhos secos sulfurosos. Onde, pois, tomastes esses banhos?

– Procurai-o!

– Ah! estou vendo, fica do outro lado dos bulevares. Não é na rua de Provence, mas na que se lhe segue.

– Em que número? Procurai-o ainda!

– É na casa dos banhos, número 46, mas não no próprio estabelecimento: é ao fundo do terceiro pátio, no rés do chão.

Todas essas indicações eram perfeitamente exatas.

Falei desse fato à sonâmbula durante o seu sono, ela o confirmou, considerando, aliás, em tom de perfeita indiferença; e, o que me causou admiração é que eu sabia que lhe repugnava, por hábito, sem dúvida, ocupar-se de qualquer coisa além do que concerne às doenças. No presente caso, ela havia lido no cérebro da senhora que a consultava.”

Eis um fato ainda mais curioso referido pelo Dr. Bertrand:

XXXIV – “Um magnetizador muito imbuído de idéias místicas trabalhava com um sonâmbulo que, durante o sono, via somente anjos e espíritos de toda espécie: essas visões serviam para firmar cada vez mais o magnetizador em sua crença religiosa. Como citasse sempre os sonhos de seu sonâmbulo em apoio de sua doutrina, um outro magnetizador de seu conhecimento incumbiu-se de desiludi-lo, mostrando-lhe que o seu sonâmbulo não tinha as visões a que ele se referia, senão porque a causa de tais visões existia em sua própria cabeça. Propôs, para provar o que avançava, que se sugerisse ao mesmo

sonâmbulo ver a reunião dos *anjos do paraíso sentados à mesa e comendo um peru*.

Fez, portanto, o sonâmbulo adormecer e ao cabo de algum tempo lhe perguntou se não via nada de extraordinário. Este respondeu que percebia uma grande reunião de anjos.

– E que fazem eles? – pergunta o magnetizador.

– Acham-se em redor de uma mesa e estão comendo.

Não pôde indicar, entretanto, a espécie de iguarias que estava diante deles."

Independentemente desses casos notáveis e de muitos outros ainda, grande número de observações gerais contribuem para demonstrar que as idéias, e especialmente as opiniões dos magnetizadores, podem ser percebidas pelos sonâmbulos.

Tem-se constatado, por exemplo, que todos os sonâmbulos adormecidos pela mesma pessoa têm as mesmas idéias sobre o magnetismo, e precisamente as do seu magnetizador. Assim, quando um magnetizador, persuadido da existência de um fluido magnético, pergunta ao seu sonâmbulo se percebe a ação desse fluido, responde-lhe este que sim e assegura, além disso, estar vendo o magnetizador circundado de uma atmosfera luminosa, ora brilhante, ora azulada, etc. Pelo contrário, os sonâmbulos adormecidos por pessoas que não admitem nenhum fluido particular pretendem que não existe fluido magnético. Os que são adormecidos por homens supersticiosos vêm demônios, anjos que vêm comunicar-se com eles e lhes fazem revelações ou desvendam-lhes segredos. Todos os sonâmbulos observados pela Sociedade Swedenborguesa, de Estocolmo, acreditavam ser inspirados por espíritos vindos do outro mundo e que, durante algum tempo, haviam habitado corpos humanos. Esses fantasmas davam notícias do que se passava no paraíso ou no inferno e repetiam mil contos, que enchiam de santa admiração os que os escutavam. Os católicos, que acreditam no purgatório, vêem almas que pedem missas e preces, e com elas conversam por meio do magnetismo e do Espiritismo. Os protestantes jamais.

Não pode, portanto, haver dúvidas a respeito da transmissão das idéias e sobretudo das opiniões mais pronunciadas dos magnetizadores. Mas o que é bastante singular é que esses

magnetizadores, que reconheciam, desde a origem da observação do sonambulismo artificial, a influência que sua vontade exerce sobre os sonâmbulos, tenham estado tanto tempo sem descobrir o fenômeno da transmissão das idéias, sendo que a ignorância na qual muitos permanecem a esse respeito é uma das causas que os têm levado a exageros e erronias, porquanto, depositando ilimitada confiança em seus sonâmbulos, interrogavam-nos a respeito de todos os sistemas que seus cérebros forjavam e, como as respostas se achassem sempre de acordo com os seus sistemas, as mais absurdas opiniões se tornavam para eles certezas – o que os afastava cada vez mais do caminho da verdade.

A simpatia foi sempre admitida por todos os povos, em todas as épocas. Entretanto, esta palavra é ainda vazia de sentido para aqueles que não crêem na influência recíproca e misteriosa que dois seres podem exercer um sobre o outro.

Poucas pessoas haverá que, durante sua vida, não tenham feito algumas observações sobre as simpatias e as afinidades. Ainda aí se constata a transmissão do pensamento, uma comunicação harmoniosa entre os cérebros e entre as almas.

O mundo psíquico é tão real como o mundo físico; apenas tem sido, até aqui, menos estudado.

Talvez estejamos nós, em face das manifestações da energia psíquica, no estado dos animais inferiores que não dispõem ainda de sentidos iguais aos nossos. Mas que dificuldade há em admitir que essa força, como todas as outras, possa agir a distância? Muito mais curioso, mais inadmissível seria que essa força, uma vez que existe, não pudesse agir a distância: seria isso um paradoxo sem precedentes.

Já temos dito inúmeras vezes que é uma estranha presunção, para não dizer profunda ignorância, supor que não existe em torno de nós, em matéria de movimentos, mais do que aqueles que somos capazes de perceber. Os nossos sentidos evidentemente são muito grosseiros, se compararmos a soma do que nos transmitem eles com a massa provável do que são incapazes de perceber. Sabemos que existem cores, sons, correntes elétricas, atrações e repulsões magnéticas que em absoluto nos escapam, cuja existência, entretanto, podemos constatar, por meio de aparelhos registradores, de extrema

delicadeza. Não estamos autorizados, de acordo com os atuais dados da Ciência, a considerar todos os corpos que nos rodeiam como estando em relações infinitas e constantes uns para com os outros, segundo todas as modalidades da energia? E não devemos considerar-nos, nós mesmos, mergulhados nos meandros inextricáveis e serrados de todas essas ações recíprocas caloríficas, elétricas, atrativas, que cada corpo exerce sobre todos os que o rodeiam – sem falar das influências que derivam de forças de que nem desconfiamos – ações dinâmicas das quais só percebemos, de passagem, as mais grosseiras?

Mas a evolução dos organismos prossegue seu curso, dir-nos-ão com o Sr. Héricourt, e sem dúvida alguns seres já começam a ser impressionados por certas vibrações errantes no meio desses turbilhões de ações e de reações que nos deixam insensíveis.

Os fenômenos surpreendentes de ação a distância e de clarividência, diz ainda o mesmo autor, observados com as pessoas hipnotizadas, isto é, submetidas a uma espécie de desequilíbrio experimental, no qual certas partes do sistema nervoso parecem ter sua sensibilidade acrescida a expensas de outras, devem indicar-nos o sentido e a natureza dos fenômenos de telepatia. Serão eles sem dúvida que servirão de ponte entre a ciência positiva de hoje e o que bem poderá vir a ser a ciência de amanhã.

Segundo tudo o que precede, a comunicação de cérebro a cérebro (em condições especiais, certamente) não é duvidosa. Pensamentos, imagens, idéias, impressões podem ser transmitidas. Os cérebros são centros de radiações. Dizemos algumas vezes que “certas idéias andam no ar”. Esta metáfora é uma realidade.

Certo número de pesquisadores têm procurado realizar experiências precisas sobre a transmissão mental. Pode-se encontrar, entre as obras especiais, as dos Srs. Richet, Héricourt, Guthrie, Lodge, Schmoll, Desbeaux, W. M. Pickering, etc., as primeiras das quais remontam aos anos de 1883 e 1884, e se referem à adivinhação de números, reprodução de desenhos, em uma proporção assaz notável para mostrar a realidade da transmissão. Nos trabalhos do Sr. Richet, por exemplo, 2.997 experiências deram 789 resultados positivos, ao passo que o número provável era de 732. O Sr. Marilier recebeu os resultados de 17 séries de experiências, elevando-se ao

número de 17.653, dos quais com bom êxito 4.760, ultrapassando de 347 o número provável. Em junho de 1886, as Srtas. Wingfield obtiveram 27 resultados positivos completos em 400 experiências de leitura de algarismos: o número provável era apenas de 4. Sem poderem ser consideradas definitivas, essas experiências têm seu valor. Sei perfeitamente que se brinca de transmissão de pensamento nos salões e no palco dos prestidigitadores e que existem truques tão simples quanto engenhosos. Assisti mais de uma vez, prazerosamente, às sessões dos irmãos Isola, de Cazeneuve, bem como às dos seus êmulos. Tratamos, porém, neste livro, de experiências científicas, nas quais os experimentadores a ninguém enganavam.

Assinalarei, por exemplo, a seguinte:

O meu erudito confrade e amigo, Emílio Desbeaux, autor de obras muito apreciadas e estimadas, fez entre outras as curiosas experiências seguintes, das quais ele próprio redigiu o relato:

> **XXXV** – "A 23 de maio de 1891, faço sentar-se em um canto obscuro do salão o Sr. G., lente substituto de ciências físicas, para quem essas experiências eram absolutamente desconhecidas. São nove horas da noite, o Sr. G. tem os olhos vendados e o rosto voltado para a parede.
>
> Coloco-me a quatro metros de distância dele, diante de pequena mesa onde repousam duas lâmpadas.
>
> – PRIMEIRA EXPERIÊNCIA
>
> Sem ruído e na ignorância do Sr. G., tomo um objeto e conservo-o em plena luz. Sobre ele concentro os meus olhos e percebo que o Sr. G. vê esse objeto.
>
> No fim de 4 minutos e meio, o Sr. G. anuncia-me que está vendo uma *roda metálica*.
>
> Ora, o objeto era uma *colher de prata* (pequena colher de café), cujo cabo desaparecia em minha mão e da qual eu apenas fixava a concha, de um oval um pouco alongado.
>
> – SEGUNDA EXPERIÊNCIA
>
> O Sr. G. vê um *retângulo brilhante*.
>
> Eu tinha uma *tabaqueira de prata*.

– TERCEIRA EXPERIÊNCIA

O Sr. G. vê um *triângulo*.

Eu desenhara, a traços largos, sobre um cartão, um *triângulo*.

– QUARTA EXPERIÊNCIA

O Sr. G. vê um quadrado *com arestas luminosas* e com *pérolas brilhantes*; ora ele vê duas pérolas somente, ora vê diversas.

Eu tinha na mão um objeto de cuja presença não era possível desconfiar: tratava-se de um grande dado de papelão branco cujas *arestas* a luz fazia brilhar vivamente, dando aos pontos gravados em baixo relevo reflexos brilhantes de *pérolas negras*.

– QUINTA EXPERIÊNCIA

O Sr. G. vê um *objeto transparente com filetes luminosos formando um oval ao fundo*.

O que eu mantinha era *um copo para cerveja (chope), de cristal, com o fundo talhado em oval*."

Eis aí, quero crer, cinco experiências (feitas em excelentes condições de controle e de sinceridade), que podem ser consideradas como tendo chegado a completo bom êxito.

É igualmente interessante reproduzir, a esse propósito, algumas das experiências realizadas com êxito pelo meu amigo A. Schmoll, um dos fundadores da Sociedade Astronômica de França.

XXXVI – "Experimentou ele com diversas pessoas que, a seu turno, experimentaram entre si. O problema consistia em adivinhar e desenhar o objeto no qual pensava o autor da experiência e que ele mesmo desenhava fora das vistas do percipiente colocado no mesmo compartimento, com as costas voltadas para o experimentador e tendo os olhos vendados. Reproduzo aqui simplesmente em uma página algumas das experiências, aquelas que melhor êxito conseguiram. A duração da prova era em média de 13 minutos. Em 121 experiências, 30 fracassaram, 22 tiveram bom êxito, 69 deram soluções mais ou menos aproximadas.

Todos esses estudos nos mostram que o espírito pode ver, adivinhar, sem o concurso do órgão da visão material."

Esta teoria das correntes psíquicas, capazes de transmitir a distância, a outros cérebros, impressões cerebrais e mesmo pensamentos, explica grande número de fatos observados e que permaneceram inexplicados até agora. Por exemplo, em um teatro, em uma *soirée* musical, etc., tendes diante de vós 50, 100 mulheres mais ou menos atentas. Fixai vosso olhar e vosso pensamento sobre uma delas; projetai vossa vontade com insistência: não decorrerão alguns minutos sem que ela se volte e vos dirija seu olhar. Atribui-se essa coincidência ao acaso. Sim, com muita freqüência, sem dúvida, mas não sempre! O êxito depende dos operadores e dos pacientes. Outros casos: estais em correspondência irregular com uma pessoa simpática; não é raro que vossas cartas se cruzem, porque tendes pensado ao mesmo tempo com idêntica intenção. Estais à mesa, conversais, levantais uma questão, fazeis uma reflexão: "Veja só! eu ia dizer isso mesmo", responde-vos vossa mulher, vosso marido, vossa irmã, vossa mãe, que tiveram a mesma idéia precisamente no mesmo instante.

Se, ao passardes por uma rua, dizeis de vós para vós: "Oxalá não me encontre com o Sr. Fulano de tal!", um instante depois é justamente ele que vem cruzar convosco; pressentiste-o. Ou então supondes reconhecer determinada pessoa em uma outra, e cinco minutos depois encontrais essa mesma pessoa. Falais a respeito de certa pessoa: ei-la que chega. Daí o provérbio: "Falar no mau..." Acabamos de citar numerosos exemplos. Até o presente atribuíam-se todas essas coincidências ao acaso, explicação simples, banal e burguesa, que abre mão de toda e qualquer pesquisa.

Há casos de *leitura de pensamento* que não são devidos à sugestão mental. Os leitores atentos já puderam assinalar diversos desses casos neste capítulo. Eis aqui um exemplo muito curioso desse gênero observado em 1894 com uma criança, pelo Dr. Guintard, e comunicado por esse sábio, com todas as garantias de autenticidade,[80] à Sociedade de Medicina d'Angers:

> **XXXVII** – "Ludovico X. é uma criança de menos de 7 anos, viva, alegre, robusta e dotada de excelente saúde. Ela é absolutamente indene de qualquer tara nervosa. Seus pais igualmente não apresentam nada de suspeito sob o ponto de vista

neuropatológico. São pessoas de bom humor que nunca passaram pelos dolorosos transes da vida.

Na idade de 5 anos, entretanto, essa criança parecia caminhar pelas pegadas do célebre Inaudi. Querendo sua mãe, nessa época, ensinar-lhe a tabuada de multiplicar, percebeu, surpresa, que ele a recitava tão bem quanto ela! Dentro em pouco, Bébé, entusiasmando-se, chegava a fazer, de cabeça, multiplicações com um multiplicador formidável. Atualmente basta ler-lhe um problema tomado ao acaso em uma compilação qualquer, para que ele dê imediatamente a solução. Este, por exemplo:

"Se pusessem no meu bolso 25 fr. 50, eu ficaria com três vezes o que tenho, menos 5 fr. 40. Qual a soma que tenho?"

Apenas termina o enunciado e Bébé, sem mesmo ter tempo suficiente para refletir, responde: 15 fr. 45, o que é exato. Vai-se em seguida procurar no fim do livro, entre os mais difíceis, este outro problema:

"O raio da Terra é igual a 6.366 quilômetros; achar a distância da Terra ao Sol, sabendo que ela corresponde a 24.000 raios terrestres. Exprimir esta distância em léguas."

O bambino, com a sua vozinha gaguejante, dá, igualmente sem hesitar, esta solução, que é a do compêndio: 38.196.000 léguas!

O pai desse menino, envolvido em outras preocupações, não tinha prestado às proezas do filho mais do que uma relativa atenção. Acabou, entretanto, impressionando-se com o caso e, como é um tanto observador, ao menos em virtude de sua profissão, não tardou a notar que: 1º – o menino pouco escutava, e algumas vezes absolutamente nada, da leitura do problema; 2º – a mãe, cuja presença é uma condição expressa do bom êxito da experiência, devia sempre ter, sob os olhos ou em pensamento, a solução pedida. Donde concluía que seu filho não *calculava*, mas *adivinhava*, ou para dizer melhor, praticava, com relação a sua mãe, a "leitura do pensamento"; resolveu, pois, certificar-se disso. Em conseqüência, pediu à Sra. X. para abrir um dicionário e perguntar a seu filho qual a página que tinha sob os olhos; e o filho respondeu imediatamente: "É a página 456." Estava certo.

Repetiu dez vezes a experiência e dez vezes obteve idêntico resultado.

Eis, portanto, que o Bébé se transforma de matemático em feiticeiro – digamos adivinho, para não ofendê-lo! Mas a sua notável faculdade de "vista dupla" não se exerce unicamente com relação a números. Marque a Sra. X. com a unha qualquer palavra em um livro; o menino, questionado a esse respeito, nomeia a palavra sublinhada. Escreve-se qualquer frase em um carnê: por muito longo que seja, basta que ela passe sob os olhos maternais, para que o menino, interrogado, mesmo por um estranho, repita a frase, palavra por palavra, sem demonstrar pela fisionomia que realizou um *tour de force*. Nem mesmo é necessário que a frase, o número ou a palavra estejam fixados no papel; basta que se achem bem nítidos no espírito da mãe, para que o filho opere a sua leitura mental.

Mas o triunfo principal de Bébé está nos entretenimentos de salão. Ele adivinha, umas após outras, todas as cartas de um baralho. Indica, sem hesitar, o objeto que esconderam às suas ocultas, em uma gaveta. Se se lhe perguntar o que contém uma bolsa, mencionará até o mais insignificante dos objetos que aí se encontram. Onde a criança é sobretudo admirável é na tradução das línguas estrangeiras. Acreditar-se-ia que ele compreende claramente o inglês, o espanhol, o grego. Ultimamente um amigo da casa lhe perguntava o sentido desta charada latina: *Lupus currebat sine pedibus suis*. Bébé saiu-se da dificuldade com aplausos gerais. O nome de *pequeno prodígio* estava em todas as bocas!

Bem se vê que há muitas distinções a estabelecer nesses estudos. A leitura de pensamentos é aqui feita sem sugestão. Os fenômenos sugestivos são produzidos pela penetração da idéia do experimentador no cérebro do *sujet*. Logo, para que houvesse sugestão, no caso de que nos ocupamos, seria preciso constatar da parte da mãe certa concentração psíquica, certo grau de querer, indispensável ao sucesso da experiência. Ora, a leitura do seu pensamento realizava-se mui freqüentemente *a seu mau grado*.

Toda a medalha, com efeito, tem seu reverso. Quando Bébé ficou em idade de aprender seriamente a ler, sua mamãe, que se consagrara a essa tarefa, constatou, não sem mágoa, que sob sua direção seu filho não fazia progresso algum. Tudo adivinhando, não exercitava nem seu discernimento nem sua memória. Foi mister dispensar-lhe mil cuidados engenhosos para levar o barco a bom porto."

Ao tempo em que eu estudava com o maior cuidado esses casos de transmissão de pensamento, recebi a seguinte carta de um leitor dos *Annales*, que parece em absoluto justificar as reflexões precedentes:

XXXVIII – "Permitireis a um leitor assíduo trazer ao vosso conhecimento um caso interessante de telepatia de que fui muito recentemente testemunha.

No mês passado (dezembro de 1898) tinha eu sob os meus cuidados uma senhora idosa, que chegara ao último período de uma doença aguda; dia a dia o seu enfraquecimento aumentava, conquanto guardando ela intacta a sua inteligência, e foi mesmo na véspera de sua morte que sobreveio o fenômeno seguinte:

Visitara eu a minha doente pela manhã. Ela raciocinava perfeitamente e suas faculdades cerebrais de modo algum haviam diminuído.

Cerca de 11 horas da manhã, encontro um amigo com o qual converso sobre diferentes coisas. Em dado momento, esse amigo me diz:

– Procuro uma casa para alugar, a fim de nela passar a primavera. Poderíeis dar-me qualquer informação a respeito?

– Confesso que não – respondi-lhe eu –. Vós, empreiteiro de construções, podeis estar mais bem informado do que eu nesta matéria.

Nesse momento, estávamos absolutamente sós e ninguém podia surpreender a nossa conversação.

– É que – acrescenta o meu amigo – a casa em que mora a Sra. P. (a minha doente) me conviria muito. Que pensais do seu

estado? Dizem que ela está mal. Ainda pode viver por muito tempo?

– Quem sabe? – respondi evasivamente –. Em todo o caso ela dispõe de um arrendamento que se transfere para os seus herdeiros, em caso de falecimento.

– É indiferente; esperarei ainda alguns dias; procurarei depois o proprietário.

Ficou apenas nisso a nossa conversação. Não se tratou mais nem da doente nem da casa, e sei que o meu amigo não falou a ninguém de seus projetos no correr do dia. Ora, por ocasião da minha visita da noite, a enfermeira da Sra. P. me disse:

– Doutor, a nossa enferma divaga, ou, pelo menos, delirou cerca do meio-dia. Perguntou-me se ninguém tinha vindo ver a casa, com o fim de alugá-la. "Aliás, acrescentou ela diversas vezes, tenho um contrato de arrendamento: que querem comigo?"

– E foi só?

– Nada absolutamente compreendi – ajuntou a enfermeira.

Nem a criada, nem qualquer outra pessoa, das que convivem com a enferma, teve conhecimento dos projetos de meu amigo; por conseguinte, a própria enferma não podia conhecê-los, nem ter a intuição deles por meio do mundo exterior.

Fiquei e ainda estou convencido de que a Sra. P., unicamente por ação telepática percebeu nossa conversação da manhã. Foi à hora em que eu estava com o meu amigo que ela "delirou". Foi o único "delírio" que teve e morreu no dia seguinte à noite, antes que alguém soubesse dos projetos de locação do meu amigo.

Passou-se isto a 13 de dezembro último. Retive bem o fato, assaz curioso em si mesmo. Lendo esta tarde vosso artigo dos últimos *Annales*, imaginei que ele poderia interessar-vos. Eis por que tomei a liberdade de vo-lo comunicar imediatamente.

P. S. – É pessoalmente a vós que eu remeto este documento. No caso que tenhais a intenção de publicá-lo, ser-vos-ia reconhecido se me guardásseis o anonimato.

Dr. Z.

Eis aqui um outro caso de observação, que se parece muito com o precedente:

(Carta 38)

XXXIX – "No mês de abril de 1874, em Beaumont-la-Ferrière (Niévre), dava eu, em companhia de minha esposa, os meus cuidados a minha mãe que contava 72 anos de idade. Passávamos, minha esposa e eu, todas as noites no quarto de minha mãe e, pela manhã, íamos para a nossa casa onde estávamos o tempo suficiente para fazer a nossa *toilette* e voltávamos imediatamente para junto de minha mãe, a quem uma camareira guardava durante esse tempo.

A casa em que morávamos era muito grande e os dois quartos, de que vos falo, estavam ambos situados no primeiro andar, cada um, porém, em uma das extremidades da casa e separados um do outro por *4 quartos e um grande hall* onde se achava o patamar da escada.

Certa manhã, estando minha mãe agonizante, não a queríamos deixar, e ela insistiu para que fôssemos um instante ao nosso quarto. Estávamos, minha mulher e eu, muito emocionados e falávamos a respeito da morte iminente de minha mãe e dos parentes próximos que já havíamos perdido, no número dos quais estava um de meus irmãos, capitão de Artilharia, morto dois anos antes dessa época.

Eu não conservava recordação alguma material e palpável desse irmão. Recolhera minha mãe os diferentes objetos pertencentes a ele, dragonas, cruz da Legião de Honra, espada, etc., e, entre outros, um chicote da época em que ele estava na Escola Politécnica ou em Metz, tendo um grosso cabo de prata com um troféu de armas em relevo.

Há muito tempo que eu desejava esse chicote, mas não ousara jamais pedi-lo à minha mãe, sabendo quanto apego tinha ela às relíquias do filho morto. Falei sobre isso à minha esposa que me dissuadiu de dizer o que quer que fosse a respeito, a minha mãe.

Não fora esta conversação ouvida por ninguém, achando-se *fechada a porta de nosso quarto, bem como a do quarto de minha mãe*; disse-vos que distância separava nossos quartos;

acrescento que minha mãe estava à morte, hidrópica, em seu leito, incapaz de mover-se. Não poderia ter-nos ouvido, nem ela, nem qualquer outra pessoa, e ninguém lhe podia ter comunicado as palavras trocadas entre mim e minha mulher.

Voltamos ao seu quarto. Ao abrir a porta encontramos minha mãe em seu leito onde a havíamos deixado, quase agonizante. Antes que eu tivesse tido tempo de lhe perguntar como estava, disse-me ela em voz muito débil:

– Luís, desejas o chicote de teu irmão; faço-te presente dele: está guardado na última gaveta de minha cômoda; guarda-o; será uma dupla recordação: de teu irmão que lhe tinha muito apego e de tua mãe que vai morrer.

Ela fez um grande sinal da cruz e exalou o último suspiro.

Tal é o fato de que fui emocionada testemunha, como bem podeis compreendê-lo.

Eu vo-lo comunico, atestando-vos a sua absoluta veracidade; usai-o como vos parecer melhor. Minha esposa, testemunha do que sucedeu, assina comigo esta carta, para certificar-lhe a exatidão.

Foupuray
Castelo de Malpeyre, Brionde, Alto-Loire.

Fui testemunha de tudo que meu marido acima vos expõe.

C. Foupuray.”

O Sr. Cromwell Varley, célebre eletricista, construtor do cabo submarino lançado entre a Inglaterra e os Estados Unidos, conta [81] o seguinte caso de comunicação mental:

XL – “Procedendo a estudos sobre a faiança, respirara eu vapores de ácido fluorídrico, que me causaram espasmo da glote. Fora seriamente atingido e sucedia-me freqüentemente ser despertado por um ataque espasmódico. Haviam-me recomendado que tivesse sempre à mão éter sulfúrico, para respirá-lo, que assim teria imediato alívio. Recorri a ele umas seis ou oito vezes; mas o seu odor era-me tão desagradável, que acabei por me servir de clorofórmio. Colocava-o perto do meu

leito e, quando tinha necessidade de servir-me dele, voltava-me para cima, em uma posição tal que, desde que se produzia a insensibilidade, eu tombava de costas deixando cair a esponja.

Uma noite, entretanto, ao cair sobre a cama, retive a esponja que permaneceu aplicada à minha boca.

A Sra. Varley achava-se em um quarto por cima do meu, tratando de uma criança doente. No fim de alguns instantes voltei a mim; vi minha esposa ao alto e eu próprio deitado de costas, com a esponja sobre a boca, na impossibilidade absoluta de fazer qualquer movimento; por esforço de minha vontade, fiz penetrar em seu espírito a clara noção de que eu corria um perigo. Ela ergueu-se, sob uma viva impressão de alarme, desceu e apressou-se em retirar a esponja. Fui salvo."

Todas essas observações, que me escusaria de tê-las multiplicado tanto se não se tratasse de uma demonstração tão nova, tão discutida e tão importante, provam, à saciedade, a realidade da ação psíquica de um espírito sobre outro.

Por vezes, essa transmissão psíquica vai até produzir sensações físicas, materiais.

Eis, como exemplo, um caso bem curioso, narrado na obra sobre as *Alucinações Telepáticas* (pág. 325), ao qual já temos tantas vezes recorrido. É ele devido à Sra. Severn, de Brantwood (Inglaterra):

XLI – "Levantei-me em sobressalto. Senti que recebera violento golpe na boca. Tive a nítida sensação de que havia sido golpeada e que escorria sangue por baixo do meu lábio superior.

Sentada na cama, tomei um lenço, amarrotei-o e comprimi-o, à guisa de tampão, sobre o lugar ferido. Segundos depois, retirando-o, surpreendeu-me não ver traço algum de sangue. Só então reconheci que era absolutamente impossível haver-me qualquer coisa ferido, porquanto eu estava em minha cama e dormia profundamente. Refleti, pois, que simplesmente acabava de sonhar. Mas consultei o relógio e, vendo que eram 7 horas e que Artur (meu marido) não estava no quarto, concluí que havia saído para fazer, muito cedo, um passeio de bote no lago, pois o tempo estava magnífico.

Tornei, depois, a dormir. Almoçávamos às 9:30. Ele demorou-se em voltar e notei que fora sentar-se um pouco mais afastado de mim do que de costume e que, de tempos em tempos, levava o lenço aos lábios.

– Artur – disse-lhe eu –, porque fazes isso? – e acrescentei, um pouco inquieta –: sei que te feriste, mas dir-te-ei depois como vim a sabê-lo.

– De fato! – disse-me ele – Eu andava de bote há pouquinho, quando fui surpreendido por uma rajada de vento e a cana do leme veio bater-me na boca; recebi um golpe violento no lábio superior, fazendo-me derramar muito sangue que não pude ainda estancar.

– Tens alguma idéia da hora em que sucedeu isso?

– Deviam ser pouco mais ou menos 7 horas – respondeu-me ele.

Então lhe contei o que me acontecera; ficou muito surpreendido com o fato, como também o ficaram todas as pessoas que almoçavam conosco. Passou-se isso em Brantwood, há cerca de três anos.

Joana Severn.”

A Sra. Severn escreveu, em resposta a algumas perguntas:

“É absolutamente certo que eu estava completamente acordada, pois que levei o meu lenço à boca e comprimi-o sobre o meu lábio superior, durante certo tempo, para “ver o sangue”. Fiquei muito admirada de não vê-lo. Logo depois voltei a dormir novamente; creio que, logo que me levantei, uma hora depois, ressentia-me ainda de uma impressão muito viva e, ao vestir-me, observava o lábio, para ver se não trazia algum sinal do golpe.”

Eis, de outra parte, o relato do Sr. Severn:

“Brantwood, Conniston, 15 de novembro de 1883.

Por uma bela manhã de verão, levantei-me muito cedo, com a intenção de realizar um passeio de bote no lago. Não sei se minha mulher percebeu quando saí do quarto.

Quando entrei n’água achei-a tranqüila como um espelho e lembro-me que experimentei uma espécie de arrependimento a toldar a paisagem encantadora da ribanceira oposta que se refletia à superfície do lago. Entretanto, eu pusera desde logo a flutuar a minha embarcação e, como não ventasse, contentei-me em içar as velas, para fazê-las secar e pôr em ordem o barco. Não tardou a levantar-se uma leve brisa que me permitiu navegar, cerca de uma légua, águas abaixo de Brantwood. Depois o vento refrescou. Preparei o meu bote tão bem quanto possível, para receber a lufada; mas, por um motivo qualquer, foi ele impelido para trás e parecia querer girar sobre si mesmo quando foi apanhado pelo vento.

Como quisesse evitar a verga, voltei a cabeça para trás, do lado do leme, mas a cana veio bater-me na boca e me cortou profundamente o lábio. Entretanto, consegui sem demora alcançá-la e, como tinha bom vento, pude voltar a Brantwood. Depois de haver amarrado o bote no porto, dirigi-me para casa, tratando de esconder, quanto possível, o que me sucedera à boca. Tomei um outro lenço, entrei na sala de jantar e consegui contar coisa diferente a respeito da minha saída matinal. Ao cabo de um instante, disse-me a esposa:

– Parece que estás com a boca ferida!

Então expliquei o que me acontecera e muito surpreendeu-me o interesse extraordinário que notava em seu semblante; ainda mais surpreso fiquei quando me contou ela que havia despertado em sobressalto, crente de que recebera um golpe na boca. Acontecera-lhe isso pelas 7 horas e poucos minutos. Foi precisamente cerca dessa hora que o acidente devia ter-se dado.

Artur Servern.”

No curso das dezoito primeiras edições deste livro (1900-1906) tais observações da ação psíquica de um sobre outro espírito detinham-se aqui, mau grado aos documentos mais numerosos ainda que eu tinha entre as mãos. Depois recebi grande número de novos documentos, entre os quais sobretudo dois me parecem particularmente interessantes.

O primeiro procede do Sr. Dr. H. Viry, de Poitiers (1907). Depois de haver confirmado o caso nº 1 das manifestações de moribundos, mais acima descrito pelo general Parmentier, declarando que nele se trata de sua avó, a Sra. Geschurnd, que pessoalmente lhe fez a narrativa do fato, mostrando-lhe o vão da larga janela onde se passou o fenômeno, acrescenta o doutor o seguinte caso:

> "Tratava eu uma jovem parenta a cuja casa ia de bicicleta. Tinha-a adormecido diversas vezes com um fim terapêutico e ela se achava em "relação magnética" comigo. Uma tarde, regressava eu à minha casa, de bicicleta, quando, a uns 20 metros do edifício, me senti com a perna esquerda presa um pouco acima do tornozelo, a ponto de ser forçado a parar. Salto para o chão, examino a bicicleta, torno a subir, dou ao pedal duas voltas e torno a sentir a mesma retenção causada por uma mão que me prende a perna no mesmo lugar. Vem-me a idéia de que é a mão da minha parenta, que me detém; volto-me, olho para a sua janela e vejo-a, efetivamente, com seu pai, fazendo-me sinal para voltar.
>
> Que se passou? no momento de minha partida, puseram-se os dois à janela e seu pai lhe exprimira o pesar de não me ter feito uma comunicação importante. A moça lhe respondera: "Pois bem, vou detê-lo, prendendo-lhe a perna."

A segunda observação é devida ao Dr. d'Ardenne, médico em Tolosa (1903), e tem igualmente por objeto *a projeção da vontade a distância*, sem palavra, nem ruído, nem contato. Eis o relato:

> "Antes de ter tido ocasião de ocupar-me pessoalmente de hipnotismo e de observar por minha conta, assistira eu, diversas vezes, a sessões públicas organizadas, para as multidões pagantes, por "magnetizadores" de profissão, *doublés* de prestidigitadores (Donato, Verbeck, Caseneuve, Pickmann, etc.). Todo o mundo sabe que ao lado dos fenômenos de hipnose clássica, reproduzidos milhares de vezes por médicos do maior mérito, que definitivamente entraram para o domínio científico, não faltaram exibicionistas, como os de que se trata, para apresentarem aos seus espectadores experiências perturbadoras a seu modo – telepatia, sugestão mental, etc. Trata-se, porém, de

questões ainda relegadas ao ostracismo pela generalidade dos sábios, ainda que diversos dentre eles, e não dos menores, se tenham mostrado muito abalados por certos fatos sobremodo interessantes, e que alguns mesmo, após os ter admitido como incontestáveis, se tenham retraído até encontrarem uma explicação racional para os fatos em apreço.

Entre as experiências extracientíficas, uma das que mais vivamente me tem interessado consiste no que denominarei a *atração a distância sem palavra nem contato*. Vi a esse respeito, notadamente Verbeck, sair-se maravilhosamente bem com sonâmbulos colocados no fundo da cena, *voltados de costas para a sala e com os olhos vendados*, que ele fazia caminhar para o seu lado, de recuo em recuo, apenas executando, com as duas mãos, gestos de atração. No curioso volume do célebre magnetizador Lafontaine encontram-se várias observações desta natureza. Eis uma das mais notáveis:

"Em Orleans (edição de 1860, pág. 118), uma jovem chamada Branca, e que diversos médicos me tinham feito magnetizar em sua presença, ofereceu-me o fenômeno da atração em grau muito desenvolvido. Vi diversas pessoas bastante vigorosas reterem-na com força, entre outros o Sr. Danicourt, redator-proprietário do jornal *Le Loiret* e o Sr. de Saint Maurice, redator do *Orleanais*, ambos empregando nesse ato sua inteira força muscular, com risco de quebrar os membros da moça; estava ela distante de mim uns 30 metros. Logo que, por um sinal, eu a atraía a mim, apresentando a ponta dos meus dedos e encurvando-os um pouco, Branca, *que me voltava as costas*, fazia esforços sobre-humanos para se desprender; não o podendo, arrastava esses dois senhores, mau grado a toda a resistência que opunham. Desde que a soltavam, ela caminhava de costas e caía em meus braços, sem sentidos."

Compreende-se bem que no tempo de Lafontaine a interpretação desses fatos não podia deixar de ser errônea. Estaremos em condições, na hora atual, de dar-lhes uma explicação mais satisfatória? Talvez seja permitido duvidar-se disso. Como quer que seja, o importante seria, aguardando

embora essa explicação, verificar os casos ocorrentes; foi o que me dispus a fazer na primeira ocasião.

Esta se me apresentou, pela primeira vez, em 1894.

Tratava eu, então, de uma histérica, a Srta. T., com a idade de 40 anos, que me fora recomendada pelo professor Bonnemaison. Com o fim de tentar uma diversão e também para tentar a lavagem do estômago contra acidentes gástricos rebeldes, o eminente clínico confiara-me o cuidado, em 1889, de submeter sua doente ao uso do tubo Faucher. Como, nesse comenos, ela tivesse morrido, fiquei encarregado, desde então, de dirigir todo o tratamento; e não tardei em reconhecer que a minha nova cliente realizava o tipo do que se convencionou chamar "um *sujet* notável".

Utilizando essas disposições especiais com o intuito de atenuar as terríveis crises que se repetiam incessantemente, fiz desde o começo, mas sobretudo em 1894, diversas tentativas de "atração", cujo bom êxito foi além das minhas expectativas. Mas foi somente quatro anos mais tarde, no curso de nova série de acidentes, que tive completo campo para a realização das minhas experiências. Pratiquei-as durante a mais profunda letargia, em começo com o auxílio de um movimento das mãos (como Verbeck e como Lafontaine), em seguida somente pelo olhar. Pareceram-me elas a tal ponto concludentes, que tive a idéia de levá-las ao conhecimento do meu velho colega e amigo, professor Grasset.

Aceitei de bom grado suas explicações relativamente ao que concerne à possibilidade da sugestão, por um gesto das mãos. Confesso, porém, que me foi difícil admitir que um simples olhar fosse de natureza a determinar uma sugestão. Resolvi, pois, retomar as minhas experiências em condições diferentes e mais rigorosas: 1º – agindo sobre a paciente em letargia, *através de um obstáculo material*; 2º – agindo sobre ela, quer em estado de sonambulismo, quer em estado de vigília, mas depois que me tornasse invisível por sugestão.

O resultado, que foi absolutamente o mesmo, causou-me admiração vizinha do espanto.

Cessando de operar com as mãos, procurei experimentar apenas com o olhar: sentado em uma cadeira, por detrás do espaldar da poltrona em que repousa a doente, e em uma posição tal que me encontro inteiramente oculto, posso ficar indefinidamente nessa posição, sem que suceda coisa alguma. Basta, porém, que eu projete meu olhar sobre o espaldar, para que a atração se produza logo e a paciente se precipite para o meu lado, depois de haver contornado sua poltrona.

O mesmo resultado se verifica se, achando-se o *sujet* em estado de sonambulismo ou mesmo de vigília, me torno previamente invisível por sugestão – com a diferença apenas que, neste caso, a enferma é consciente e se queixa energicamente de ser, a seu mau grado, atraída. Sucede, entretanto, neste caso, que ela não vai tão diretamente ao alvo; tateia para encontrar o meu corpo, quando está próxima dele, e, não sem um vivo sentimento de despeito, pergunta onde estou às pessoas presentes. Ontem eu fazia tais experiências em estado de vigília. A Srta. T. estava quase encolerizada. Depois de acalmá-la, consegui fazê-la sentar-se ao canto do fogão e tomei uma poltrona defronte da sua. Ela estava com frio nas mãos e aproximava-se do fogo, tremendo. Ao cabo de um instante, olho-a fixamente; ela imediatamente se precipita para frente, reclamando energicamente de que eu não a deixava aquecer-se.

– Aquecei-vos, pois!

– Sim, se não me forçásseis a correr para o vosso lado!

E a experiência é repetida dez vezes, vinte vezes, até que a fadiga e a exasperação fossem tais que compreendi dever pôr um fim a tais experiências. Se quero atrair a perna ou a mão, consigo-o facilmente, fixando o meu olhar sobre essas partes do corpo, exclusivamente.

Dir-se-á que o olhar é *sentido*, que os movimentos das pálpebras são percebidos e que as sensações que daí resultam são as causas da sugestão? Sem dúvida, parece necessário que uma advertência qualquer, emanada do hipnotizador, chegue até a paciente. De que natureza, entretanto, é tal advertência?

O que tenho constatado firma-me, de uma forma absoluta, na persuasão, em que eu já estava, de que não tinha havido erro no caso. *A atração, nas condições que especifiquei, é* – com relação à Srta. T. – *um fato inegável e constante*.

Chego, portanto, hoje às mesmas conclusões que precedentemente, com esta única apreciação a mais: a de que tenho, presentemente, quase certeza de que o que é *sentido* é o próprio olhar em si mesmo. O que me permitiu acreditá-lo é que um estremecimento, por vezes bastante intenso, precede imediatamente o movimento de atração. Acabei por adquirir a convicção de que *alguma coisa* escapava dos meus olhos para ir assaltar os centros automáticos da paciente, por intermédio dos nervos sensitivos cutâneos.

Enfim, no curso das minhas experiências com o paciente desperto (quando me tornava invisível por sugestão pós-hipnótica) aproveitei a plenitude de consciência de que desfrutava a Srta. T. que é, aliás, muito inteligente, para pedir-lhe que me explicasse *por que* se precipitava assim, de repente, em direção a mim. Ela me respondeu textualmente:

– Sou impelida por uma força irresistível, da qual não posso discernir nem a origem nem a natureza. *Experimento a necessidade de levantar-me; devo caminhar; é necessário que vá ao vosso encontro!*

Eu – Essa necessidade de seguir-me é tão urgente como no momento da projeção do olhar (fascinação)?

Ela – É um pouco menos forte, ainda que invisível. No segundo caso *eu quebraria tudo!*

Em realidade, o que lhe é dado distinguir, de mais claro, nessa aventura que a espanta extraordinariamente e mesmo, em verdade, a humilha, é que o "seu hipnotizador assim o quer"; que ela se sente, mau grado seu, invencivelmente, fatalmente, sob o império dessa estranha vontade, sem que lhe seja possível explicar por que e como a coisa é assim.

Em conclusão, parece-me evidente que o gesto das mãos e o próprio olhar são percebidos e sentidos pelo *sujet*, mesmo a distância, mesmo através de um *corpo sólido*, e que disso resulta

uma sugestão (na espécie, atração, sempre, seja total, seja parcial).

Resta saber qual é, em semelhante caso, o traço de união entre o hipnotizador e o *sujet*...”

Poderíamos ainda multiplicar indefinidamente esses exemplos. Quer nos parecer que os nossos leitores estão completamente edificados também, quanto à certeza da transmissão de pensamentos, de impressões e de sensações.

Admitiremos, pois, como demonstrada, a ação de um espírito sobre outro, a transmissão do pensamento, a sugestão mental, ainda que o fato seja contestado por grande número de sábios, mesmo especialistas. Assim, por exemplo, o Dr. Bottey afirma que “a pretensa transmissão do pensamento, a vista dupla, não poderiam existir e que tal coisa *não passa de uma charlatanice explorada pelos magnetizadores*”.[82] Parece-nos que a falsa moeda não impede que a legítima também exista.

Grande número de sábios professam a mesma negação para com essas transmissões psíquicas, especialmente na Inglaterra, onde Sir William Thomson (Lord Kelvin) e Tyndall tornaram-se particularmente notáveis pelo profundo desprezo que afetavam por essa espécie de estudos.

O astrônomo francês Laplace dava provas de espírito bem superior, quando escrevia:[83]

“Os singulares fenômenos que resultam da extrema sensibilidade dos nervos, em certos indivíduos, deram nascimento a diversas opiniões sobre a existência de um novo agente, a que chamaram *magnetismo animal*. É natural que se acredite ser muito fraca a causa desta ação, e talvez mesmo facilmente perturbada por grande número de circunstâncias acidentais; todavia não se deve concluir que ela deixe de existir, pelo fato de se não haver manifestado em diversos casos. Estamos tão longe de conhecer todos os agentes da Natureza e seus diversos modos de ação que seria pouco filosófico negar a existência de fenômenos, unicamente porque são inexplicáveis no estado atual de nossos conhecimentos.”

Aí estão palavras dignas de serem meditadas por aqueles que se sentissem tentados a pronunciar aqui a palavra *impossível*; a outros,

que temem sobretudo o ridículo, aconselham elas pelo menos a prudência na crítica.

Admite-se, em Física, que o éter, esse fluido imponderável, considerado como o elemento que enche o espaço, atravessa todos os corpos e que, mesmo nos mais densos minerais, os átomos não se tocam e flutuam, de alguma sorte, no éter.

Esse fluido transmite, através da imensidade, os movimentos ondulatórios produzidos em seu seio pelas vibrações luminosas das estrelas: transmite a luz, o calor, a atração, a distâncias consideráveis.

Que haveria de inadmissível em que, penetrando, como ele o faz em realidade, nos cérebros em vibração, transmita igualmente a distância as correntes que invadem as nossas cabeças e estabeleça verdadeira permuta de simpatias e de idéias entre os seres pensantes, entre os habitantes de um mesmo mundo e quem sabe mesmo se, através do espaço, entre a Terra e o céu?

Podemos conceber que, em certos casos, em certas condições, um movimento vibratório, uma irradiação, uma corrente mais ou menos intensa, sejam projetados de um ponto do cérebro e vão repercutir em outro cérebro, comunicar-lhe uma excitação súbita, que se traduza em sensação auditiva ou visual. Os nervos se acham de tal ou tal modo abalados. Aqui, acreditar-se-ia estar vendo ou reconhecer o ente querido, de quem partiu a comoção; lá, julgar-se-ia ouvi-lo; alhures, a excitação cerebral se traduzirá pela ilusão de um ruído, de um movimento de objetos. Todas essas impressões, porém, se passam no cérebro do *sujet*, como em estado de sonho. Aliás, no estado normal, não percebemos igualmente as coisas senão por uma excitação cerebral, obscuramente processada no interior de nossos crânios.

O cérebro, material, localizado no crânio, é um órgão de onde emanam radiações, um foco que irradia em seu derredor, como um sino em vibração, como um centro luminoso ou calórico, e emite ondas físicas análogas às da luz? ou antes é o espírito um foco de outra espécie, mais etéreo, de natureza psíquica, que emite radiações invisíveis de grande poder e que se podem transportar a grandes distâncias? O fato da existência de uma radiação emanada do ser pensante parece necessário para explicar os fatos observados, quer proceda ela do espírito ou do cérebro. Efetua-se ela em ondas

esféricas? Projeta-se ela em jatos retilíneos? Está aí em jogo a eletricidade? (ela existe certamente no organismo humano e eu tive disso a prova um cento de vezes). Nada mais podemos fazer, por enquanto, do que propor a questão. Mas *o fato* da ação da alma a distância está presentemente demonstrado, e eu peço aos leitores *que não me atribuam coisa diferente do que o que escrevi*.

Proponho as hipóteses explicativas, simplesmente como interrogações. Há cem anos a teoria da emissão era admitida, ensinada pela Ciência. Hoje está abandonada e substituída pela teoria das ondulações do éter. Nada, porém, nos prova que esta possa dar explicação a tudo, principalmente aos fatos de ordem psíquica. Não é absolutamente necessário explicar uma coisa, para admiti-la: recebeis um soco violento; voltando-se, não vedes ninguém. Nem por isso deixastes de receber o golpe inexplicável – e sois forçado a registrá-lo. A importância, o valor essencial desta obra, é provar que *tais fatos existem*, que há uma ordem de coisas, invisível e desconhecida, ao lado do mundo visível e conhecido, e que esse desconhecido merece estudado.

A ação a distância de um ser sobre outro é um fato científico tão certo como a existência de Paris, de Napoleão, do oxigênio ou de Sírius.

As pesquisas empreendidas em nosso trabalho, mesmo que se detivessem aqui, servindo exclusivamente para afirmar o fato a que acima nos referimos, teriam a mais alta importância e não lamentaríamos havê-las empreendido. Elas, porém, conduzem a muitas outras constatações não menos audaciosas, não menos surpreendentes e não menos verdadeiras.

Ensinam os ocultistas que o homem é composto de três partes: a alma, o corpo astral e o corpo físico, e explicam as manifestações dizendo que o corpo astral do moribundo se escapa e se transporta para junto da pessoa impressionada.

Não nos parece esta explicação satisfatória, por causa da diversidade de impressões. Uns são advertidos de uma morte pela visita de um gato, de um pássaro, de um cão; pelo *suposto* abrir ou fechar de um postigo, de uma janela, de uma porta; por meio de pancadas ou de passos ouvidos; por aparições de seres, sempre vestidos; por pedidos de preces, quando se trata de mortos, para se

verem livres do purgatório. Aí estão, evidentemente, impressões pessoais produzidas por uma causa telepática, e não manifestações de um corpo astral que se tivesse transportado.

Proclama-se, por vezes, nas ciências, como princípio axiomático, que uma hipótese deve abranger uma explicação completa. Eis aí um erro. Uma hipótese pode explicar certos fatos e não explicar outros.

É o que sucede no caso de que nos ocupamos. Mas não consideremos como menos demonstrada a ação psíquica de um espírito sobre outro, a distância e sem o intermédio dos sentidos, ainda que esta ação não possa tudo explicar.

Ela explica as impressões do cérebro, as aparições fictícias. Não explica os movimentos reais dos objetos.

Uma teoria que explicava grande número das impressões mencionadas seria esta:

Uma pessoa, na ocasião de morrer, querendo-o ou não o querendo (a examinar), produziria no éter um movimento que iria impressionar um cérebro a vibrar sincronicamente e determinaria neste cérebro, do lado da região onde terminassem os nervos ópticos e auditivos, uma impressão que sofreria variações *segundo o estado particular dessa região* do percipiente.

Por exemplo (carta 610, caso CLI), uma criança que tinha paixão pelas aves ouve um pio de pássaro, que o leva a procurar esse pássaro. Sabe-se, no dia seguinte, da morte de um parente.

Não tenhamos, porém, a pretensão de saber, ao primeiro esforço, de que modo se opera a transmissão. A hipótese de vibrações esféricas ondulatórias do éter parece a mais racional; não basta, entretanto, para explicar todos os casos. Uma espécie de projeção do pensamento parece manifestar-se nos casos de transmissão mental magnética, que se poderia por vezes comparar a um chamado silencioso. Entretanto, em um chamado, em um grito, mesmo lançado expressamente para determinada direção, o som também é transmitido por ondulações esféricas através da atmosfera, do mesmo modo que a luz através do espaço. Produzir-se-á, porventura, uma projeção mais completa do espírito, uma espécie de exteriorização de força que se escaparia do ser em perigo de morte, para ir tocar no amigo a que se dirige? A hipótese é sustentável. Parece mesmo, por

vezes, que o “fantasma” constituído pelo ser subconsciente do *sujet* – causa do efeito observado – tenha arrebatado consigo alguns elementos materiais do organismo.[84]

Uma projeção de forças psíquicas pode transformar-se em efeitos físicos, elétricos, mecânicos. A correlação das forças, suas mútuas transformações, ressaltam, até à evidência, dos estudos modernos. O movimento, o calor, não se transformam, todos os dias, em eletricidade? Quando Crémieux, que fora fuzilado, faz ouvir a Clóvis Hugues pancadas desferidas em sua mesa, é possível que não haja nisso uma influência cerebral, mas uma produção real de pancadas. Podem não ser sempre tais efeitos fictícios, subjetivos. As impressões produzidas sobre os animais, um plano que toca inteiramente só, um serviço de porcelana atirado ao chão, as sensações coletivas indicam realidades objetivas. Não somos, porém, de opinião que os elementos do problema estejam assaz estudados, quanto ao presente, para autorizarem uma conclusão definitiva, tanto mais que mui freqüentemente parece certo que o moribundo não tenha podido pensar, de modo algum, na pessoa que soube telepaticamente de sua morte.

Talvez que espírito, força, matéria não sejam mais do que manifestações diversas de uma mesma entidade inacessível aos nossos sentidos. Talvez exista um princípio único, ao mesmo tempo inteligência, força e matéria, compreendendo tudo que existe e tudo que é possível, causa primária e causa final, cujas diferenciações não seriam mais do que formas diversas de movimento. Assinalemos a este propósito, de passagem, que se o pensamento não deve mais ser considerado como uma secreção da matéria, mas sim como forma de movimento do princípio único, não é lógico afirmar o aniquilamento da inteligência pela morte do organismo.

Sem dúvida, não representam as manifestações de moribundos um fato geral, uma lei da Natureza, uma função da vida ou da morte, não parecendo elas mais do que uma exceção sem causa conhecida e sem razão aparente. A proporção não chega a ser talvez de 1 para 1.000 mortos. Esta proporção daria ainda cerca de 50 manifestações de moribundos por ano em Paris. Verificar-se-á mesmo esse número?

A eletricidade atmosférica nem sempre se traduz no deflagrar do raio.

Não são nem a inteligência, nem o saber, nem o valor moral, quer do ser que morre, quer do que recebe a manifestação, que causam e orientam essas comunicações. Nelas as leis aparentes não são mais distintas do que nos efeitos do raio. Uma faísca elétrica vai ferir um ser vivo, um objeto, por efeito de uma circunstância ocasional, sem que a Ciência lhe descubra as causas.

Contudo estas constatações psíquicas diversas nos encaminham os passos para uma ordem de coisas digna de toda a nossa atenção. Le Verrier freqüentemente externava-me o pensamento de que na Ciência o que há de mais interessante são as anomalias, as exceções. Sabia-o, de alguma sorte, por causa da descoberta de Netuno.

Podemos dizer com Carl du Prel que, enquanto houver possibilidade de progresso, haverá fenômenos por explicar, e que quanto mais esses fenômenos nos pareçam impossíveis, tanto mais serão eles de natureza a fazer-nos avançar no conhecimento do enigma do Universo.

Acrescentaremos, com os autores dos *Phantasms of the Living*, que se pronunciou um divórcio entre as opiniões científicas dos homens cultos e as suas crenças. A velha ortodoxia religiosa, sendo muito estreita para conter a ciência do homem, a nova ortodoxia materialista, a seu turno, tornou-se demasiado estreita para conter as suas aspirações e os seus sentimentos. É chegado o momento de nos elevarmos acima do ponto de vista materialista e de chegar a concepções que nos permitam considerar como possíveis essas sutis comunicações entre as coisas visíveis e invisíveis, cuja idéia fecundou, em todos os tempos, a Arte e a Literatura:

Star to star vibrates light; may soul do soul
Strike thro'some finer element of her own?

O amante, o poeta, todos os que sentiram entusiasmo por uma causa generosa, têm, em todos os séculos, inconscientemente respondido a esta interrogação de Tennyson. Para alguns, como, por exemplo, Goethe, em certas horas de arrebatamento, esta sutil comunhão dos espíritos aparece com uma luminosa claridade. Para outros, como Bacon, esta convicção se foi formando lentamente com os mínimos subsídios que o estudo cotidiano do homem vai revelando. Mas, pela primeira vez, sabemos que essas mensagens

mudas viajam verdadeiramente, que essas impressões se expandem e se transmitem.

Dizemos que essa força é de ordem *psíquica* e não *física*, ou fisiológica, ou química, ou mecânica, porque ela produz e transmite idéias, pensamentos, exercendo-se sem o concurso de nossos sentidos, de alma para alma, de espírito a espírito.

Nossa força psíquica dá, sem dúvida, nascimento a um movimento etéreo, que se transmite ao longe como todas as vibrações do éter, e se torna sensível para os cérebros em harmonia com o nosso. A transformação de uma ação psíquica em movimento etéreo, e reciprocamente, pode ser análoga à que se observa no telefone, em que a placa receptiva, idêntica à placa de transmissão, reconstitui o movimento, não por meio do som, mas da eletricidade. Isso não passa, entretanto, de simples comparação.

A ação de um espírito sobre outro, a distância, sobretudo em circunstâncias tão graves como a da morte, e da morte súbita em particular, a transmissão do pensamento, a sugestão mental, a comunicação a distância, não são mais extraordinárias que a ação do ímã sobre o ferro, a atração da Lua sobre o mar, o transporte da voz humana pela eletricidade, a revelação da constituição química de uma estrela pela análise da sua luz; do que todas as maravilhas da ciência contemporânea. A diferença que há consiste apenas em que tais transmissões psíquicas são de ordem mais elevada e podem pôr-nos a caminho do conhecimento do ser humano.

A seqüência gradual do nosso exame levar-nos-á, provavelmente, a admitir que há aparições reais, objetivas, substanciais, duplos de pessoas vivas e talvez mesmo manifestações de mortos. Não antecipemos, porém.

Como quer que seja:

A telepatia pode e deve ser inscrita doravante na Ciência, como realidade incontestável.

Os espíritos podem agir uns sobre os outros sem o intermédio dos sentidos.

A força psíquica existe. Sua natureza permanece desconhecida.

VII

O mundo dos sonhos

Diversidade indefinida dos sonhos. – Fisiologia cerebral. – Sonhos psíquicos: manifestações de moribundos recebidas durante o sono. – A telepatia nos sonhos.

Os fenômenos psíquicos com que nos acabamos de ocupar podem produzir-se durante o sono, tanto quanto no estado de vigília. Até ao presente, o sono e os sonhos têm sido muito estudados, é certo, por grande número de observadores perspicazes;[85] mas é preciso confessar que eles se acham ainda incompletamente elucidados. O sono não é um estado excepcional em nossa vida; é, pelo contrário, uma função normal de nossa existência orgânica, da qual representa, pelo menos, um terço. O homem ou a mulher, que viveu 60 anos, dormiu 20, pouco mais ou menos. As horas de sono (3.000 por ano!) são, sem contradita, horas de repouso, de reparação vital, tanto para o cérebro como para os membros em repouso; não são, porém, horas de morte. Nossas faculdades intelectuais permanecem em atividade, com a diferença de que é o *inconsciente* que age, e não a nossa lógica consciente do estado de vigília.

Do mesmo modo que pensamos constantemente em uma ou outra coisa, em estado de vigília, sonhamos constantemente, durante o sono, quer-nos parecer. O sonho é a imagem da vida. Aqueles cujas idéias são vigorosas, cujos pensamentos são poderosos, têm sonhos intensos. Os que pouco pensam, fracamente sonham. Há número igual de sonhos e de idéias e todas as classificações tentadas têm sido quase todas vãs e ilusórias.

Nem sempre nos lembramos dos sonhos. Aliás não nos recordamos de três quartas partes dos pensamentos que atravessaram nosso cérebro durante o dia. Para fixar um sonho, à sua passagem, cumpre despertar bruscamente e prestar viva atenção a ele, pois que não há o que se desvaneça mais depressa do que um sonho. Em geral é coisa de um ou dois segundos e, se não o fixamos imediatamente, ele se desvanece... como um sonho.

Grande número de autores asseguram que somente sonhamos pela manhã, antes de despertar, ou à noite quando acabamos de adormecer. Entretanto, basta que despertemos – ou que se desperte alguém – a qualquer hora da noite, para constatar que se estava sonhando.

Afirma-se também que o sonho é produzido pelo ato de despertar. De forma alguma, evidentemente, pois que nos sentimos por vezes muito felizes de nos livrarmos de um pesadelo, e certos sonhos são bastante violentos para obrigar-nos a despertar. A questão do sono completo, do repouso absoluto do espírito, não me parece resolvida.

Em geral sonhamos com as coisas de que nos ocupamos e com as pessoas que conhecemos. Há, entretanto, exceções estranhas, e os pensamentos mais intensos do dia, por vezes, não têm repercussão alguma durante o sono que se lhes segue. As células cerebrais que estiveram associadas a esses pensamentos estão exaustas e repousam, e quase sempre isso nos proporciona felicidade. Por outro lado, o tempo e o espaço desaparecem. Acontecimentos de várias horas, mesmo de vários dias, podem desenrolar-se em um segundo. Podeis recuar a grande número de anos no passado, à vossa infância, com pessoas mortas desde muito tempo, sem que essas longínquas recordações pareçam enfraquecidas. Encontrais em sonho, sem espanto, personagens de um outro século. Pode-se também sonhar com coisas que jamais sucederam e que seriam aliás impossíveis. Imagens extravagantes e burlescas, das mais disparatadas, associam-se sem a menor verossimilhança.

Certos sonhos provêm, mesmo, de uma transmissão hereditária.

Mil causas diversas atuam sobre os sonhos, exteriormente ao próprio espírito: uma digestão difícil, uma respiração contrafeita, qualquer má posição do corpo, o roçar do lençol, da camisa; uma coberta muito pesada, um resfriado, um barulho, uma luz, um odor qualquer, o contato das mãos, a fome, a sede, a plenitude dos tecidos, tudo atua sobre os sonhos.

Pode-se assinalar, por exemplo, a este propósito, uma alucinação hipnagógica assaz freqüente, aquela que nos faz cair em um buraco, tropeçar em um degrau de escada, tombar ao fundo de um precipício. Ela se manifesta geralmente um pouco depois do começo de nosso sono, no momento em que os membros, relaxando-se inteiramente,

fazem, parece-me, mudar de súbito de lugar o centro de gravidade de nosso corpo. Sem dúvida é esse deslocamento subitâneo de nosso centro de gravidade que dá origem a esse gênero de sonhos. Quando nos ocuparmos do *tempo*, teremos ocasião de voltar a tratar da admirável rapidez dos sonhos.

As atitudes do sono tendem a um equilíbrio passivo. Todas as atividades sensoriais se obscurecem gradativamente e o olvido do mundo exterior chega por transições insensíveis, como se a alma se retirasse lentamente para os seus mais íntimos redutos. Cerram-se as pálpebras e os olhos são os primeiros a adormecer, velando o sentido da vista. Em seguida perde o tato suas faculdades de percepção e logo adormece. O olfato por sua vez se amortece. O último a retirar-se é o sentido da audição, sentinela vigilante, para advertir-nos em caso de perigo, mas também ele acaba cedendo. então o sono é completo e o mundo dos sonhos se abre diante do pensamento com sua infinita diversidade.

Na minha juventude, entre os 19 e 23 anos, divertia-me em observar os meus sonhos e em escrevê-los ao despertar, com os comentário que podiam explicá-los. Continuei depois, mui raramente porém, a tomar novas notas a esse respeito. Acabo de encontrar esse registro, assaz volumoso.

Tirara eu desses sonhos certas conclusões interessantes.

Desse registro inédito extrairei alguns sonhos e algumas reflexões que me parecem ter todo cabimento nesta parte do presente livro.

Deixara eu o Observatório de Paris, em conseqüência de dissentimento com o respectivo diretor, Le Verrier, e fora encarregado, no Departamento das Longitudes, dos cálculos relativos às posições futuras da Lua. Sonho que estou no Palais Royal, na galeria de Orleães, em companhia do livreiro Ledoyen, e que o Sr. Le Verrier entra e compra a minha primeira obra, *A Pluralidade dos Mundos Habitados*.

Vendo-me lá, pergunta o comprador, olhando para mim:

– É dele?

– Sim, senhor senador – responde o livreiro – e é esse o nosso maior êxito de livraria.

Havia diversas pessoas no estabelecimento. Desaparecem todas elas, como por encanto, e encontro-me a sós com Le Verrier, em imenso salão de hotel.

– Estais satisfeito no Departamento das Longitudes – pergunta-me ele – com os Matheu, os Langier, os Delaunay? Melhor faríeis em voltar para o Observatório.

– Estou muitíssimo bem – repliquei –. Aqueles cálculos são mais interessantes do que as vossas reduções de observações.

– Lá, não tendes futuro! – continuou ele –. Em vosso lugar, eu entraria para um Ministério.

– O Sr. Rouland recebeu um pedido para admitir-me nos trabalhos públicos, na repartição de estatística de França.

– Rouland? Não: Legoix.

– Tendes razão. Mas recusei. A Astronomia está acima de tudo.

– Entretanto, na vida o principal é ter-se boa colocação.

– Não estamos na Terra para comer, mas para nutrir nosso espírito com os alimentos que ele prefere.

– Sois muito desinteressado! Não alcançareis nada.

– Não compreendemos do mesmo modo a Ciência. Para mim, ela não é um meio: tem em si mesma a sua própria finalidade.

– Poderia confiar-vos no Observatório um cargo importante, mas seria preciso para tanto que vos demitísseis imediatamente do Departamento das Longitudes e que eu tivesse a garantia de que não deixaríeis mais o Observatório.

– E por que deixaria eu uma situação que realizaria uma parte das minhas esperanças?

– O que chamais a filosofia astronômica é uma quimera. A Astronomia é o cálculo.

– O Cálculo serve-lhe de base, nada mais.

– Veremos – acrescentou ele, rodando sobre a perna direita e, dirigindo-se para uma porta alcatifada que conduzia, como pareceu-me na ocasião, ao apartamento que ocupava no hotel, deixou-me a sós com as minhas reflexões.

Levantei-me: batiam 7 horas.

Este sonho se explica mui facilmente pelas minhas preocupações nessa época. Nele o ilustre astrônomo conserva, de um modo absoluto, o caráter sob o qual eu o conhecia. A substituição do nome de Rouland, ministro da Instrução Pública, pelo nome de Rouher, ministro dos Trabalhos Públicos, pode ter tido por causa a similitude dos dois nomes e a circunstância de que eu via mais freqüentemente este nome do que o segundo. O Sr. Legoix era então chefe do Departamento da Estatística e ele insistiu comigo, efetivamente, para entrar para esse departamento. Le Verrier, em todas as ocasiões, testemunhava profundo desdém pelo Departamento das Longitudes. Tal sonho é, portanto, muito simplesmente, o reflexo, o eco de pensamentos reais.

É sobremodo razoável. Todos nós temos outros que o são muito menos. Eis aqui um que termina de forma bem extravagante.

Encontro o meu amigo Dr. Eduardo Fournié, que me censura por ter deixado de visitá-lo há muito tempo e que acrescenta:

– Estas censuras não partem unicamente de mim, mas também da Srta. A., que se queixa da vossa indiferença. Ela não vos teve para dançar, no baile da Sra. F.; mostrou-se indignada, porque lhe disseram que tínheis ido a uma outra *soirée*, e sua mágoa, de que não podia falar a ninguém, levou esta pobre criança a ser acometida de *febre cerebral*. Um estudante de Medicina, que se especializa em cirurgia, tratou-a, conseguindo salvá-la. Curou-a, não somente dessa febre, mas também da causa de tal enfermidade, porquanto desde que ele notou a *fève conjugale*, tornou-se apaixonadamente amoroso, ela correspondeu ao seu amor e agora é a ele que a senhorita ama. Está em plena convalescença.

Leio na anotação feita a este sonho: “Eu conhecia a Srta. A., tinha por ela uma viva admiração e lhe dedicara o meu romance *Se tu soubesses*; não acreditava, porém, numa reciprocidade de sua parte. Encontrara em casa do Dr. Fournié um jovem cirurgião do Val de Grâce, trajando com muita elegância, que me pareceu fazer a corte à mesma senhorita. Fiquei despeitado com isso e retirei-me. O sonho não é, portanto, até aqui, mais do que uma associação de idéias habituais. Mas a expressão *fêve conjugale* é curiosa no sentido de parecer uma deformação da assonância *febre cerebral*. Ela é sobremaneira extravagante, ainda que lembre até certo ponto a

metamorfose, no sonho precedente, de Rouher em Rouland. Sente-se que as células do encéfalo trabalham, no caso em apreço, de um modo obscuro no inconsciente. Talvez mesmo, reportando-nos à situação do sonho, pudéssemos achar uma outra aproximação de imagens, que poderá ter dado nascimento, em cerebração inconsciente rápida, a esta expressão singular...”

Em outro sonho, encontro-me nas últimas fileiras de um exército em combate. Passam por mim as balas, enormes balas de canhão se sucedem, mas *nenhum ruído*. Eu via as grandes balas virem e me voltava, ora à esquerda, ora à direita, segundo sua direção. Sucederam-se elas, porém, a intervalos tão curtos, que pensei não ter nada melhor a fazer do que deixar de mover-me, porque, evitando uma, podia achar-me sob a visada de outra.

Disse para comigo, então: “Quanto os homens são irracionais, para se divertirem desse modo! Não têm eles, então, outra coisa a fazer?”

A explicação deste sonho é igualmente muito simples. Eu havia tirado, na conscrição, 15 dias antes, um mau número. O que há talvez de mais curioso são essas balas inofensivas chegando *sem ruído* e que se viam quando vinham.

Outro sonho

Estávamos várias pessoas em uma praça pública. Nos ares, acima de nossas cabeças, um imenso balão parece lutar desesperadamente contra o vento. De repente, ele se revira completamente, ficando a “nacelle” para cima. A multidão comprime-se, esperando ver cair o aeronauta. Mas abre-se um pára-quedas no espaço e o aeronauta desce.

Este sonho é extravagante. É difícil de imaginar que um balão possa revirar-se desse modo. Vêem-se em sonhos coisas desarrazoadas e que se não podem dar. Várias semanas depois, o Sr. de la Landelle anunciava a partida de um balão monstruoso.

– Sonho que diversas mulheres me acompanham na rua. Sendo a última notavelmente jovem e graciosa, volto-me para contemplá-la. Eis, porém, que escuto umas pessoas dizerem: “É o presidente! é o presidente!” Fiquei envergonhado e prossegui meu caminho.

Eu era então presidente de uma pequena sociedade de moços que consagravam seus lazeres à literatura. Procedi em sonho como teria procedido acordado.

– Hoje, 5 de outubro de 1863, a Srta. K. D. conta-me que sonhou ter-me visto no céu, do outro lado da Lua, com um compasso de ouro em punho, medindo grandezas desconhecidas. De repente desço rapidamente em direção a ela, para lhe dizer que lá se achava um novo planeta, que não se conhecia ainda.

Recebo hoje mesmo o número 1439 da revista *Astronomische Nachrichten*, que noticia que um novo planeta vem de ser descoberto. Ninguém o sabe ainda em França e eu o noticiarei no *Cosmos*.

Não há, seguramente, nisso mais do que uma simples coincidência. Por essa mesma data eu li nesse registro a seguinte nota:

"O Dr. Hoefer, diretor da *Biografia Geral*, publicada pela Casa Didot, dizia-me ontem que os sonhos representam operações da alma, complexas e difíceis de determinar. No artigo sobre Humboldt, ele escrevera que a Alemanha podia orgulhar-se de dois grandes homens, bem diferentes quanto ao gênio: Frederico, o Grande, e Alexandre de Humboldt. Este, a quem enviara ele uma prova, escreveu-lhe pedindo, de joelhos, que suprimisse tal comparação, supondo-se muito pequeno para ser chamado gênio na pátria de Leibniz, e muito ligado às idéias de liberdade, para ser posto em tão íntima companhia de Frederico."

O Dr. Hoefer vinha transferindo sempre de um dia para outro sua resposta a esta carta, quando soube da morte do ilustre sábio.

Cerca de dois meses depois, sonhou que se encontrava em um imenso e esplêndido salão, brilhantemente decorado, no qual um auditório atento escutava um orador. Este orador era ele próprio. Eis, porém, que, percorrendo com o olhar o auditório, reconhece seu amigo Humboldt:

– Oh! – exclamou ele, de súbito, interrompendo-se em seu discurso –, *como, sois vós*? Disseram-me que tínheis morrido.

– Não, meu caro – respondeu Humboldt, com seu sorriso habitual –, era um gracejo. Fiz circular o boato da minha morte, mas bem vedes que não é exato.

Tal sonho é ainda o resultado das preocupações habituais, e Humboldt, falecido, aí aparece provavelmente por acaso.

– Assisto a uma sessão de Espiritismo, na qual o Sr. Mathieu, decano do Departamento das Longitudes e da Academia de Ciências (cunhado de Arago) era médium. Trazem-me a cabeça de meu pai, muito bela, como se fosse moldada em cera ou marfim.

Não me sinto demasiado impressionado por este quadro, tanto mais que meu pai, bem vivo nesse sonho, como o estava em realidade, assistia a esta exibição e não queria de modo algum acreditar no que ocorria.

A classificar entre as absurdidades mais estupefacientes.

– Parto do Observatório, onde se achava o escritório dos cálculos do Departamento das Longitudes (falso: estava então à rua Notre-Dame-des-Champs) e onde acabava de erguer um *toast* "à demissão do Sr. Le Verrier", atravesso um pátio de estilo gótico da Idade Média, que não existe, e vou a Mont Rouge: lá erguiam-se as muralhas da cidade de Langres e sua amplíssima paisagem.

Associações de imagens e de idéias contraditórias.

– Vejo em sonhos homens voadores que passavam por cima da rua de Rivoli. Entre eles estava meu tio Carlos, que acabava de chegar da América em sua companhia.

Eu preparava então (1864) minha segunda obra: *Os Mundos Imaginários*, onde se trata dos homens voadores, e nas sessões de Espiritismo eram recebidas comunicações assinadas por esse meu tio Carlos (que não era, entretanto, falecido).

– Após o baile da Ópera; a orquestra continua a tocar, não cessam as danças, as aventuras e as intrigas prosseguem como em sua realidade.

Sensações da véspera, que ainda perduram.

– Magnífico dia passado em Atenas. Fazia eu pequena viagem e lá cheguei fortuitamente antes do nascer do Sol. Achava-me sobre a Acrópole, em face de magnífico panorama. Vagueava entre monumentos, túmulos e mármore branco, estátuas caídas por terra.

Pura imaginação.

– O Sr. Le Verrier mostra-se freqüentemente em meus sonhos. Decididamente, ocupa-me ele mais a noite do que o dia. Esta noite

achava-me no pavilhão da guarda do Observatório. Era tarde. A Sra. Le Verrier vem procurar-me e conversa comigo com a maior amabilidade deste mundo. Passeamos os dois pelos jardins. Assegurou-me que seu marido sentir-se-ia muito feliz de me tornar a ver, que eu teria um instrumento à minha disposição para observar quando quisesse, que eu seria independente, muitas coisas, enfim, inverossímeis e impossíveis.

Copio textualmente. Dez anos depois, era isso que precisamente acontecia: o Sr. Le Verrier punha à minha disposição a grande equatorial para as minhas mensurações de estrelas duplas. Não se trata, por isso, entretanto, de um sonho premonitório. Simples associações de idéias o explicam completamente.

Eis aqui um fragmento de carta, que eu hesitava em imprimir (muitos sonhos, certamente, não o podem ser), e que, entretanto, parece-me, pode ser lido. Eu tinha um colega chamado Sazin:

"Voltando ontem à noite de tua casa – escreveu-me ele –, com Laurent, Deflandre e Gonet, não fiz encontro algum que tenha podido originar o sonho que tive esta noite. Cerca de hora e meia adormeci. Sonhei que me encontrava contigo no bulevar. Uma mulher de modos levianos, que eu conhecia, passou e foi abordada por um homem que seguiu com ela. Eu os segui (em sonho) e fiquei no quarto, como espectador invisível. O homem era alto e louro, com o ar de um inglês. Eu não o conhecia. Qual não foi a minha surpresa, quando, esta manhã, ao passar, vi sair do nº 68 da rua da Vitória essa mesma mulher com esse mesmo homem!"

Este caso é interessante, sem ser probante. Não é impossível que, sem o notar, o autor já tivesse encontrado esse senhor louro em seu quarteirão, ou talvez mesmo naquela noite, não longe da mulher em questão. Pode o sonho tê-los associado. Não o deixa de ser menos curioso como coincidência.

– Encontro no jardim do Luxembourg o Sr. Desains, membro do Instituto, professor da Sorbonne, físico do Observatório (o que tem acontecido mui freqüentemente), que me diz estar escrevendo uma obra sobre *os homens dos planetas*, o qual seria uma restauração da teoria de Wolff, segundo a qual o talhe dos seres está em proporção com a dimensão dos olhos, e os olhos em proporção com a dilatação da retina, sendo esta inversamente proporcional à intensidade, de

modo que em nosso sistema solar os habitantes de Mercúrio seriam os menores e os de Netuno os mais gigantescos.

Respondo-lhe que esta hipótese não tem fundamento, que os elefantes têm olhos pequenos em relação à sua corpulência, que os mochos os têm grandes e não são gigantescos.

– É para vós que trabalho – acrescenta ele –; fareis disso o uso que quiserdes.

A explicação deste sonho é igualmente fácil, atendendo a que nessa época eu me dedicava a pesquisas astronômicas e fisiológicas.

Se lembro certo número desses sonhos, é que o seu estudo está longe de ser estranho à Psicologia e aos problemas que nos ocupam. Talvez mesmo ofereçam as nossas conclusões mais de uma aplicação quando chegarmos ao Espiritismo.

– Sonho que estou sobre uma alta montanha. Uma nuvem de corvos passam grasnando. Despojam-se como lagartas de suas cascas e borboletas de suas crisálidas, de seus envoltórios que, para minha estupefação, em nada se pareciam a corvos, mas a cabeças pergaminháceas de orangotangos. O astrônomo Babinet, que lá se encontrava, encheu com elas os seus bolsos.

Explicação: Na véspera, havia eu muito observado, no atlas celeste de Flamsteed, a constelação do Corvo. O sábio Babinet não era belo e seu aspecto, como o de Littré, fazia pensar na origem simiesca da Humanidade.

– Ao despertar, esta manhã, ouço pronunciar este nome: "Senhorita d'Arquier". Ora, ontem escrevi no *Cosmos* que a nebulosa perfurada fora descoberta por d'Arquier, em 1779.

Acho também no mesmo caderno as seguintes reflexões:

– Quase todos os meus sonhos têm neste momento por objeto a mais bela das moças que tenho encontrado neste mundo, a Sra. S. M.

Aquele que conhecesse os sonhos de uma pessoa conhecer-lhe-ia os sentimentos.

Entretanto, se acontece freqüentemente que os pensamentos dominantes da véspera entrem em boa parte nos sonhos, eles, contudo, não os preenchem tanto quanto durante o dia: juntam-se-lhes, neste caso, outras impressões bastante inesperadas e mesmo somos algumas vezes em sonho o oposto do que somos em realidade.

Há o verdadeiro e o falso. Fazendo julgamentos segundo certos sonhos expostos, estaríamos, portanto, a julgar mal.

O editor, Sr. Didier, informa-me que, de ordinário, tem ele consciência de seus sonhos e sabe perfeitamente que o que faz em sonhos não é verossímil.

"Já há bastante tempo – diz-me ele – encontro-me, certa vez, em sonho, num salão, ao lado de uma senhora elegante e muito desejável. Tomo-a em meus braços, cerrando-a contra mim, com a sua aquiescência e mau grado a toda aquela multidão que me observa, digo para comigo: "*Isso me é bem indiferente, pois que estou sonhando.*" e, com efeito, agi desdenhando todos aqueles olhares inexistentes e como se eu estivesse sozinho."

Certo dia, sendo perseguido, em um sonho, por um malfeitor e já prestes a ser atingido, ele disse para consigo mesmo: "Para escapar-lhe, nada mais preciso do que acabar este sonho, acordando-me." E despertou.

Outra transcrição do mesmo caderno:

– Eu me dirigira ao castelo de Compiègne, onde o Sr. Filon, preceptor do príncipe imperial, entreteve-me conversando a respeito de Home, a quem eu ainda não conhecia. Jantei e dormi no colégio. O diretor, Sr. Paradis, contou-me um sonho digno de ser registrado. Dormia ele profundamente e sonhou que uma grande e medonha aranha subia por ele e chegava até o seu peito. Seu horror foi tal que ele acordou em sobressalto. Sua mulher, apercebendo-se do ocorrido, perguntou-lhe a causa de seu despertar subitâneo e ele lhe contou essa espécie de pesadelo. A Sra. Paradis, passando a mão pela cobertura, encontrou uma grande aranha.

É provável que o Sr. Paradis tivesse recebido, dormindo, a impressão da passagem desse nojento animal sobre a sua mão ou o seu pescoço e que essa impressão tenha determinado o sonho.

– Tive um sonho no qual eu sangrava pelo nariz, o que jamais me acontece, ou quase nunca. Esta manhã, ao levantar-me, apercebo-me de que tinha um pouco de sangue nas fossas nasais.

Impressão igualmente causada por uma sensação física.

– Achava-me na cratera de um vulcão em Paris ou nos arredores. Não sei o que me sucedera, perto de um transeunte, mas falava-lhe eu

com altivez, de chapéu na cabeça, e rogava-lhe que seguisse seu caminho sem dizer-me uma palavra. De súbito, no fundo da cratera, uma doce e resplandecente luz inunda as entranhas do vulcão; depois vejo abrirem-se admiráveis minas de cristal, que se desdobravam em brilhantes estalactites. O solo não tremia. Sombras cobertas de capuzes de monges saíram desse solo revolvido, trajando hábitos monasteriais. Ligeiro estremecimento de receio de mim se apoderou, mas logo me pude conter e esperar com calma que um desses recém-vindos chegasse perto de mim. Eu era o único do mundo dos vivos, ali presente, mas não me atemorizei, porque nesse momento me achava dominado pelo mais ardente desejo de interrogar aquelas sombras, a respeito do outro mundo, a fim de obter finalmente a certeza à qual aspirava. Logo que um desses mortos se aproximou de mim o mais possível, para ele me encaminhei, perguntando-lhe, súplice, se realmente ele vinha da mansão dos mortos, se todos os homens aí reviviam, se era esse um mundo positivo e definido como o dos vivos. Ia ele responder-me, quando o cenário mudou de aspecto e, em lugar das colunas irregulares de cristal, que se tinham deixado ver ao fundo, substâncias desconhecidas, límpidas, transparentes e coloridas das mais ricas nuanças, puseram-se em movimento, de baixo para cima e de cima para baixo. Era uma coisa esplêndida. Belíssima luz refulgia nessas diversas cores. As sombras continuavam a vaguear tranqüilamente. A terra não tremia e a majestade do espetáculo não era perturbada por incidente algum que inspirasse medo. Não obstante, apoderou-se de mim a idéia do fim do mundo, senti morrerem as palavras em meus lábios e desde logo deixei mesmo de experimentar o desejo de fazer perguntas como as precedentes, pois que de um instante para outro imaginava ter de passar, sem perturbação alguma, do estado de vida em que ainda estava ao de além-túmulo, em que se achavam os que me rodeavam.

Uma nota acrescentada a esse sonho parece explicá-lo: “Penso muito no além desde algum tempo e nas possibilidades de criações diferentes daquela no meio do qual vivemos.”

– Encontro-me na Livraria Acadêmica Didier, que publicou as minhas primeiras obras, *A Pluralidade dos Mundos Habitados*, *Os Mundos Imaginários*, *Deus na Natureza*, etc. Aí encontro os Srs. Cousin, Guizot, de Barante, de Montalembert, Lamartine, Maury,

Miguet, Thiers, Caro, que aí tenho, de fato, algumas vezes encontrado. Os Srs. Jean Reynaud, Henri Martin e Charton, que eu conhecia mais particularmente, detiveram-me um instante, à porta de entrada, que dá para o cais, e pediram-me que me não demorasse muito, porque havia reunião ao lado, no "Armazém pitoresco". O Sr. Didier, um instante depois da minha chegada, diz-me:

– Vamo-nos então às Tulherias; aí vai tocar a música da Guarda.

Deixamos toda aquela gente na livraria e partimos.

– Então não tendes mais o vosso empregado Maindron? – perguntei-lhe em caminho.

– Não.

– Não o substituireis?

– Se estivesse certo de encontrar um bom homem, um rapaz laborioso e inteligente!

– Tenho um para vos propor.

– De fato?

– Sim: meu irmão. Ele é bastante jovem, tem quatro anos menos que eu, gosta do comércio e estou certo de que se dará bem na livraria.

– Muito bem, então ele que venha.

Chegamos às Tulherias, as cadeiras estão todas ocupadas e procuramos um lugar para nós. O imperador, que estava sentado em uma cadeira, levanta-se e oferece-a ao Sr. Didier, dizendo-lhe:

– Que é feito de Maury, que não aparece mais?

– Sire – respondeu o editor –, estão todos eles neste momento em minha livraria, preparando um golpe de Estado.

Logo em seguida, o cenário muda aos meus olhos, para dar lugar a um vale do Alto Marne, defronte de Bourmont e a um riacho, às margens do qual eu brincava, quando pequeno, com meu irmão.

Este sonho se explica por meio de associações de idéias, muito simples. Tinha eu, com efeito, conseguido que meu irmão entrasse como empregado para a Livraria Didier. Alguns dias antes desse sonho, havia eu jantado e dormido em casa do historiador Henri Martin, onde se tratara do golpe de Estado e a lembrança dos autores que eu encontrara no cais dos Agostinhos despertara todas essas

reminiscências. O Sr. Maury era bibliotecário do imperador, com quem almoçava mui freqüentemente. A idéia de que todos esses autores se encontrassem na livraria no mesmo dia e à mesma hora é inteiramente inverossímil; a de que o imperador estivesse sentado em uma cadeira no salão de música das Tulherias é absurda. Tudo nos sonhos parece, entretanto, natural.

– Sonhei que o Sr. Didier ainda vivia e que, entrando eu, no correr do dia, em sua livraria, tive ocasião de vê-lo, como habitualmente, e demo-nos as mãos sem parecermos admirados com isso. Então imaginei que o haviam enterrado em estado de letargia, três dias antes (5 de dezembro de 1865) e que se reerguera de seu túmulo. Achei, porém, que lhe não devia pedir uma explicação a respeito e falamos sobre assunto de livraria.

Depois de conversarmos, saímos juntos, como de costume, e descemos pelo cais, rumo das Tulherias. Sua pessoa, ainda que não diferindo daquela que eu conhecera, mostrava-se estranha e sagrada. Estava, entretanto, bem viva e eu lhe disse que ele tinha o aspecto de um ressuscitado.

– Bem posso ter o ar de um ressuscitado – respondeu-me –, pois que o sou.

Queria a todo transe tomar-me a mão, mas um horror invencível mo impedia.

– Perdoai-me – disse-lhe eu – de recusar-vos a mão: mas, não sei por que, não posso fazer como desejara.

Esta resposta começou a indispô-lo contra mim. Fiz, então, um supremo esforço e dei-lhe o meu braço; mas comecei logo a tremer e forçoso me foi retirá-lo.

– Conversemos – disse-lhe eu – afastados um do outro.

Esse homem parecia-me um morto a andar, e notei, por suas respostas, que ele não dispunha mais de inteligência nem da faculdade de julgar e falava como um autômato. Tendo-me, por acaso, aproximado mesmo um pouco de seus lábios, senti um odor fétido que acabou de aumentar o horror por mim experimentado. E não sei então que altercação sobreveio entre nós; mas o que é fato é que eu discutia com aquele morto, que acabou por dar-me uma bofetada.

No mesmo instante surgiu uma companhia de gendarmes e de agentes de polícia e, em lugar de nos acharmos no Instituto, diante do qual estávamos então, encontramo-nos sobre o declive de uma colina. Olhei-o então fixamente.

– Não sabeis – disse-lhe – que sou Camille Flammarion, o vosso autor favorito?

Pareceu-me que ele se recordava.

– Sim – declarou –, é um grande autor. Mas por que não quereis saber de mim, Sílvio? Tendes horror de mim, Sílvio.

– Não me chamo Sílvio – disse-lhe eu –, mas sim Camille.

Tomou-me a mão. Então esse contato foi tão horrível, que despertei.

Esse pesadelo pode ter sido causado pela morte desse amigo, ocorrida três dias antes. Morrera subitamente, ao sentar-se na agência dos ônibus da praça São Miguel, e ao vê-lo, no dia seguinte, em seu leito mortuário, eu perguntara a mim mesmo se não se achava ele em estado de letargia. Essa morte impressionara-me muito, e convidado a pronunciar um discurso sobre o seu túmulo, desempenhara-me da incumbência sem contudo poder vencer a minha emoção. A forma agressiva desse pesadelo é inexplicável. A substituição final é assaz singular. Há, todavia, sonhos ainda mais incoerentes. Assim, em um outro sonho, Montmartre achava-se à beira-mar e um navio a vapor transportava-me pelo Alto Marne, costeando o mar.

Eis aqui um sonho mais recente que mostra à evidência a ação de uma causa estranha ao cérebro, sobrepondo-se a um sonho e determinando uma imagem nova.

– Esta manhã (6 de junho de 1897), vi em sonho alguém batendo fortemente com os talões dos sapatos sobre um degrau de escada de madeira. Esse ruído me despertou. Provinha de um morteiro de artifício, com os disparos do qual se anuncia, às 6 horas da manhã, uma das festas anuais de Juvisy (Pentecostes). Esse tiro era dado a 200 metros do Observatório, no alto da rua Camille Flammarion. Dois outros foram dados em seguida.

Assim, o ruído que me despertara foi a causa determinante de uma imagem que me pareceu anterior ao meu despertar. Pode-se dizer que

essa imagem se produziu durante tempo muito curto, necessário ao despertar, talvez um décimo de segundo.

Quando vi o homem batendo com o pé sobre um degrau da escada, sonhava que me achava completamente nu e que fora obrigado, para sair do compartimento em que me encontrava e ir buscar minhas roupas, a atravessar o salão, onde conversavam umas trinta pessoas. Havia muito tempo que durava a minha inquietação e que eu procurava os meios de sair, quando acordei. Ora, despertando, senti que tinha frio, pois me achava descoberto. Foi sem dúvida também esta sensação de frio que determinou tal sonho, como a explosão determina a imagem de um homem batendo com os talões dos sapatos.

Vê-se, por essas descrições sumárias, tomadas do natural, quanto os sonhos são múltiplos e variados e quantas causas diversas os produzem.

É um erro fisiológico pensar que os elementos dos sonhos sejam unicamente tirados da realidade. De minha parte, por exemplo (e não estou só no caso em apreço), tenho freqüentemente sonhado que vôo pelos ares, a pequena distância acima de um vale ou de graciosa paisagem e foi mesmo a agradável sensação experimentada nesses sonhos encantadores que me inspirou o desejo de subir em balão e de fazer viagens aéreas.

Devo dizer, a propósito, que a sensação de uma viagem em balão, por muito esplêndida que seja, pela extensão dos panoramas desenrolados sob os olhares do observador e pelo solene silêncio das alturas do azul, não equivale, no ponto de vista do movimento, à dos sonhos, porquanto dentro da "nacelle" do aeróstato, nos sentimos imóveis – molécula de ar imersa no ar que se desloca – e constitui isso uma desilusão.

Não se percebe perfeitamente quais os fatos da vida orgânica que podem dar a sensação do vôo em sonho. Não está certamente em jogo a vertigem, como se supôs. Seria a mágoa de nos julgarmos inferiores aos pássaros? Mas a sensação?

Tenho, por vezes, em sonho, conversado com Napoleão. Seguramente ouvi, em minha infância, muitas referências a esse conquistador, feitas por homens que o tinham visto, e o meu espírito

pôde ser por elas impressionado. Mas a relação de causa e efeito permanece assaz afastada.

Vejo-me algumas vezes encerrado em uma torre, tendo diante de mim um belíssimo prado verdejante. Onde está a causa disso?

Outras vezes estou condenado à morte e não tenho mais do que duas horas, uma hora, meia hora, alguns minutos de vida. Será uma recordação do passado?

Tenho, por vezes, em sonho, viajado pelos outros mundos, nas profundezas infinitas. Nesse caso, porém, pode haver associação de idéias que me são familiares.

Em geral, no estado normal das coisas, são os sonhos tão numerosos, tão variados, tão incoerentes, que é quase supérfluo procurar-lhes as causas fora do domínio das associações de idéias latentes no espírito ou de imagens adormecidas no cérebro. Do mesmo modo que pensamos em toda a sorte de coisas e de situações, com elas sonhamos; em lugar, porém, de ter apenas pensamentos, como em estado de vigília, imaginamos estar *agindo* de fato, vivendo as coisas pensadas, e as *idéias se tornam atos aparentes*; toda a diferença reside nisso, e como a razão está ausente desses atos inconscientes, as situações mais extravagantes deparam-se-nos realizadas, muito simplesmente, sem surpresa alguma, como se fossem naturais.

Pode-se, pois, assinalar no sonho três fases características. Ao passo que no estado de vigília uma *idéia* é sempre uma idéia, no sonho ela se torna *imagem*, depois *ser perfeitamente real*, pessoa ou coisa.

Personificamos nossas idéias; atribuímos em sonho, a diferentes personagens, pensamentos, palavras que não são mais do que os nossos próprios. Homens de grande superioridade espiritual, como, por exemplo, Benjamim Franklin, crêem achar-se em comunhão com seres que os assistem. Não há mais do que uma personificação, entretanto, de nossos próprios pensamentos, em todos esses casos.

Eis alguns exemplos:

Em um dos sonhos mais claros, mais nítidos, mais razoáveis de todos que tenho tido, escreve A. Maury, sustentava eu com um interlocutor uma discussão sobre a imortalidade da alma e cada um

de nós fazia valer argumentos opostos, que outros não eram senão as objeções que eu mesmo me fazia. Esta divergência não é mais do que um fenômeno de memória: lembramo-nos dos prós e dos contras de uma questão e reportamos a dois seres diferentes as duas ordens opostas de idéias. Há tempos, veio-me subitamente ao espírito a palavra *Mussidan*. Eu sabia, então, perfeitamente, que era o nome de uma cidade de França, mas ignorava onde estava situada; para melhor dizer, esquecera. Algum tempo depois, vi em sonho certa personagem que me dizia haver chegado de Mussidan; perguntei-lhe onde se achava essa cidade. Respondeu-me que era uma sede de distrito do Cantão da Dordonha. Levanto-me, o sonho estava-me bem presente à memória, mas eu permanecia na dúvida. o nome de Mussidan apresentava-se ainda então ao meu espírito nas condições dos dias precedentes, isto é, sem que eu soubesse onde é situada a cidade assim denominada. Apresso-me em consultar um dicionário geográfico e, com grande espanto, constato que o interlocutor de meu sonho sabia melhor do que eu a geografia, isto é, bem entendido, que eu me recordava um sonho de um fato esquecido em estado de vigília e que eu pusera na boca de outrem o que não era mais do que reminiscência minha.

Faz muitos anos, quando eu estudava o inglês, e em que me esforçava sobretudo para conhecer o sentido dos verbos seguidos de preposições, tive o seguinte sonho: Eu falava inglês e querendo dizer a uma pessoa que lhe fizera na véspera uma visita, empreguei esta expressão: *I called for you yesterday*. “Vós vos exprimis mal – respondeu-me ele –, devíeis dizer: *I called on you yesterday*”. No dia seguinte, ao despertar, a lembrança dessa circunstância do meu sonho estava-me presente à memória. Tomo uma gramática colocada sobre uma mesa vizinha, faço a verificação: a pessoa imaginária tinha razão.

A recordação de uma coisa esquecida em estado de vigília voltava em sonho, e o observador atribuíra a uma outra pessoa o que não era mais do que uma operação do seu espírito.

A grande maioria dos sonhos podem explicar-se, muito naturalmente, pela concentração do pensamento durante o sono.

Não há ninguém que tenha o hábito dos trabalhos intelectuais, diremos com Max Simon e Alfred Maury, que não haja constatado

que o trabalho do cérebro se completa freqüentemente à nossa revelia, sem que a vontade intervenha. Os fatos que nos mostram esta ação apresentam-se-nos a cada instante. Quando os escolares têm uma lição a aprender, nós os vemos de preferência estudar à noite, assegurando com razão que este modo de agir ajuda-os singularmente. A lição que aprenderam sabem-na no dia seguinte melhor e com mais segurança do que na véspera. As pessoas que tiveram de lutar contra as dificuldades que sempre se encontra para assimilar uma língua estrangeira puderam igualmente fazer a seguinte observação: se ocupações cotidianas, deveres de ordem social, forçam-nas a interromper durante algum tempo o estudo dessa língua, ao retomarem mais tarde esse estudo apercebe-se, não raro, com espanto que possuem do idioma estrangeiro, momentaneamente posto de lado, um conhecimento mais completo do que na época em que o deixaram de estudar. Constatação análoga pode ser feita a propósito de trabalhos originais, de composições literárias ou de problemas científicos. Se qualquer dificuldade embaraça o trabalhador e este cessa de ocupar-se com o objeto de seus estudos, após alguns dias de repouso, tendo o espírito, durante esse tempo, feito, por assim dizer, sozinho o seu trabalho, vencerá com a maior facilidade e como que brincando o obstáculo que lhe parecera, à primeira vista, quase intransponível. Há, porém, um fato que cumpre salientar porque tem certa importância e vem a ser que, mui freqüentemente, nesses casos de cerebração inconsciente, um impulso foi inicialmente dado, imposta uma direção ao pensamento e foi após esse impulso e dada essa direção, que a ação cerebral continuou, conseguindo chegar finalmente a trabalho mais avançado.[86]

É fácil compreender que o trabalho mental, resultado de um impulso cerebral dado durante a vigília e completado durante o sono, possa engendrar sonhos que serão, de alguma sorte, *a expressão representada por imagens*, do problema cuja solução continua a ser procurada por quem dorme, da preocupação que o obsediava.

Narra Condillac que na época em que ele redigia o seu curso de estudos, se se via obrigado a deixar, para entregar-se ao sono, um trabalho preparado, mas incompleto, sucedia-lhe freqüentemente encontrar, quando despertava, acabado esse trabalho em seu espírito.

Também Voltaire conta que uma noite compôs, em sonho, um canto completo da sua *Henriade* diversamente do que havia escrito.

Menciona-se freqüentemente, a esse propósito, um sonho que ficou célebre, no qual uma das cenas mais curiosas e mais fantásticas acompanha o trabalho intelectual inconsciente do sonhador, que não é outro senão Tartini. Esse célebre compositor havia adormecido depois de ter procurado em vão terminar uma sonata; esta preocupação acompanhou-o durante o sono. No momento em que, num sonho, se via de novo entregue a seu trabalho e que desesperava de compor, em vista de tão pouca verve e tão pouco êxito, nota de repente que lhe aparece o diabo e propõe-lhe acabar sua sonata, desde que se disponha o compositor a entregar-lhe sua alma. Inteiramente subjugado por esta aparição, aceita ele a permuta proposta pelo diabo e ouve-o então, muito distintamente, executar em seu violino a tão almejada sonata, com um encanto inexprimível de execução. Acorda o compositor e, nos transportes de sua alegria, *corre à sua mesa e escreve de memória* o trecho que havia terminado imaginando ouvi-lo.

Como se produzem imagens semelhantes a essas que acabamos de ver no sonho de Tartini? Por que espécie de mecanismo aparecem elas? Eis o que é impossível dizer, não que a questão seja insolúvel, mas porque, ordinariamente, nos fatos que não nos dizem pessoalmente respeito, alguns detalhes, que nos dariam a chave de certas particularidades do sonho, são omitidos pelo narrador, que os considera como de pouca importância. É possível que essa imagem do diabo, vindo associar-se ao trabalho mental do grande compositor, tenha a sua razão de ser e a sua explicação em alguns pensamentos que teriam atravessado o espírito do musicista, em alguma representação artística, desenho ou pintura do Espírito do mal que se tivesse oferecido à sua vista. Esse ponto, porém, é secundário, na questão de que se trata.

O que haveremos de constatar, uma vez mais, é a maneira pela qual o sonho se produziu, é a gênese do sonho. O pensamento de Tartini tinha estado fortemente ocupado com a composição musical a que se entregava, e como sucede mui freqüentemente nas obras do espírito, não estando madura a idéia, nenhum efeito houvera produzido imediatamente; mas durante e mau grado o sono, o

trabalho começado tinha sido terminado e a melodia maravilhosa como que explodiu das profundezas do cérebro do compositor.

Suprimi esse esforço, essa tensão de espírito anterior, e o sonho não se apresentará. Isso é tanto mais verdadeiro quanto é certo que exclusivamente sobre o objeto mais especial dos estudos do sonhador, sobre a ciência ou sobre a arte que ele cultiva com paixão, é que vemos produzir-se tão singular trabalho cerebral.

Gratiolet faz a narrativa do seguinte sonho sofrivelmente macabro:

Há alguns anos, ocupado com o meu ilustre mestre, Sr. de Blainville, nos estudos concernentes à organização do cérebro, preparei grande número deles, quer de homens, quer de animais. Eu os despojava cuidadosamente de suas membranas e mergulhava-os no álcool.

Tais foram, sumariamente, os antecedentes do sonho que vou relatar.

Pareceu-me, certa noite, que eu extraíra o meu próprio cérebro. Despojava-o de suas membranas. Depois de ter acabado esta preparação, mergulhei-o no álcool; em seguida, ao cabo de algum tempo, daí o retirei e o recoloquei em meu crânio. Pareceu-me, então, que meu cérebro, condensado pela ação do líquido, sofrera uma grande redução. Incompletamente preenchia a cavidade craniana, de sorte que eu o sentia a sacudir-se dentro da minha cabeça; tal sensação lançou-me em tão estranha perplexidade, que despertei em sobressalto e saí desse sonho como de um pesadelo.

Eis aí, seguramente, uma visão estranha e das mais absurdas; todavia, não deixava de ter sua causa e, com efeito, havia uma relação bem evidente entre esse sonho e as coisas de que eu me ocupava, então, mais particularmente. É provável que no momento em que eu imaginava estar despojando um cérebro estranho, uma causa qualquer haja tornado mais distinta a sensação da minha cabeça. Sonhando ao mesmo tempo com esta e com o meu cérebro, ter-se-ia dado uma associação dessas duas idéias, de onde seguir-se naturalmente e logicamente todo o fim do sonho.[87]

O fisiologista Abercomble cita, nesta ordem de estudos, um sonho muito curioso que não é mais também do que uma conseqüência das preocupações do espírito:

Um de meus amigos – diz ele –, empregado como caixa em um dos principais bancos de Glascow, estava em seu escritório, quando se apresentou um indivíduo reclamando o pagamento de uma soma de seis libras (150 francos). Havia diversas pessoas antes dele, que aguardavam a sua vez; mas estava ele tão impaciente, tão ruidoso e sobretudo tão insuportável devido à sua gagueira, que um dos circunstantes pediu ao caixa que o pagasse, a fim de desembaraçarem-se dele. O caixa atendeu prontamente o pedido, com um gesto de impaciência e sem tomar nota desse pagamento. No fim do ano, que ocorreu oito ou nove meses depois, o balanço dos livros não chegava a um resultado exato: havia nele sempre um erro de seis libras. O meu amigo passou inutilmente várias noites e vários dias a procurar essa diferença para menos; vencido pelo cansaço, voltou para sua casa, recolheu-se ao leito e sonhou que estava em seu escritório, que o gago se apresentava, e logo todos os detalhes do caso desenharam-se fielmente em seu espírito. Ele ergue-se, com a idéia nítida do sonho e com a esperança de que ia descobrir o que procurava. Depois de haver examinado os seus livros, reconheceu, com efeito, que aquela soma não tinha sido registrada em seu diário e que ela correspondia exatamente ao erro.[88]

Vê-se que neste sonho o que é revelado ao homem adormecido era, numa palavra, do seu conhecimento, mas que a vontade permanecera durante muito tempo impotente para despertar a lembrança do fato encerrado nas profundezas da memória. Entretanto, tendo sido viva a preocupação, mantendo o espírito, por muito tempo, uma fortíssima tensão no mesmo sentido, sucedeu provavelmente que, nesse esforço da mente, nesse trabalho inicialmente improdutivo, as células cerebrais, nas quais foi conservada a série de imagens, entraram em ação e conduziram finalmente a uma percepção nítida do fato inutilmente procurado durante a vigília.

Diversos sonhos de aparência telepática estão neste caso e podemos explicar por meio deles mais de uma aparição de defuntos.

As influências físicas e a cerebração inconsciente de idéias e de imagens latentes no cérebro explicam a maior parte dos sonhos. Importava que tivéssemos perfeito conhecimento desta ação fisiológica, para um julgamento científico dos fatos que temos a analisar. Os resultados do meu inquérito proporcionaram-me grande número desses sonhos que se explicam fisiologicamente e que não reproduziremos.

Podem, entretanto, forças psíquicas que nos são exteriores influenciar nosso espírito durante o sono, tanto quanto em estado de vigília. Chegamos agora ao exame desse gênero de sonhos. Os fenômenos psíquicos mencionados no capítulo III têm sido observados por pessoas acordadas, em seu estado normal e em plena posse de suas faculdades. Não incluímos nesse número os que pertencem aos sonhos, porque nos parecem de caráter diferente, devendo agrupar-se em uma outra ordem. Afiguram-se-nos menos seguros, sendo numerosos os sonhos e as coincidências que se podem produzir, tendo como oposição contraditória quantidades inumeráveis de não-coincidências. Por outro lado, são igualmente um pouco vagos e sujeitos às flutuações da memória. Não creio, porém, que seja lógico rejeitá-los sem exame. Muitas dessas visões em sonho apresentam ao observador um interesse particular e podem certamente ensinar-nos alguma coisa a mais sobre as faculdades do espírito humano.

Agora que a demonstração está feita, que está feita a prova, pelo capítulo precedente, da ação psíquica de um espírito sobre outro, podemos entrar no mundo um pouco mais complicado dos sonhos.

Já se pôde assinalar anteriormente (capítulo V) um caso bem curioso, observado em sonho: uma jovem estar vendo, de Paris, sua mãe expirando na província e chamando-a para abraçá-la uma última vez. Esse sonho fora classificado por Brièrre de Boismont no número das alucinações, com uma restrição indicando, todavia, seu caráter psíquico. Vimos igualmente, mais acima, um sonho telepático da mesma ordem.

Apresentarei agora aos nossos leitores alguns extratos das cartas que tenho recebido em resposta ao meu inquérito, daquelas que concernem às aparições e manifestações de moribundos vistos em sonho. Não menos interessantes e probantes são elas do que as

primeiras e devem, parece-me, ser aceitas do mesmo modo que as outras:

(Carta 3)

I – "Na noite de 25 de julho de 1894, vi, em sonho, um moço com quem devia casar-me, tal como o conhecera outrora, de 1883 a 1885, quando prestava ele seu serviço militar.

Por motivos que seria ocioso relatar, cortara eu todas as relações com ele e o casamento não se realizou. A partir desse momento, não ouvira mais falar a respeito desse moço (residia eu em Paris e ele em Pau), quando, nessa noite de 25 de julho de 1894, o torno a ver, em sonho, tal qual o conhecera, envergando o seu uniforme de sargento. Olhou-me com um ar muito triste, mostrando-me um maço de cartas. Depois a aparição se desvaneceu, como pela manhã o raio de sol dissipa pouco a pouco o orvalho.

Acordei perturbada e por muito tempo vivi com esse sonho, a perguntar-me por que, por que? Se eu jamais sonhava com ele, conquanto lhe conservando uma amizade sincera!

A 20 de janeiro de 1895 tinha eu notícia de sua morte, *ocorrida na noite de 25 de julho de 1894*; uma de suas últimas palavras tinha sido para mim.

Lucie Labadie (Rochefor)."

(Carta 28)

II – "Estava-se no período da guerra de 1870-1871; uma das minhas íntimas amigas, esposa de um oficial, encerrada em Metz, sonhou que meu pai, residente no Norte, seu médico, a quem ela venerava e amava profundamente, viera encontrá-la ao pé de seu leito e lhe dissera: – *Vede, acabo de morrer*.

Logo que foi possível ter comunicações com o exterior da cidade, minha amiga escreveu-me banhada em lágrimas, pedindo-me notícias exatas de toda a minha família e rogando-me informá-la se a 18 de setembro não ocorrera alguma desgraça em casa de meus pais, porquanto nessa data ela tivera um sonho que a preocupava muito, relacionado com meu pai.

Extraordinário! A 18 de setembro, às 5 horas da manhã, *meu pai morria*, sem ter estado doente.

Quando, no outono seguinte, tornei a ver essa senhora, contou-me ela que esse sonho a impressionara tanto mais vivamente, quanto era certo que, pouco tempo antes, tivera sonho idêntico, referente a um outro de seus amigos, residente em Metz, e certa manhã, tomando informações a seu respeito, viera a saber que ele acabava de morrer.

L. Bouthors
Diretor das Contribuições diretas, em Chartres."

(Carta 35)

III – "***A***. – Contava eu 7 anos; meu pai residia em Paris; encontrava-me desde alguns anos em Niort, em casa de parentes que se haviam encarregado de minha educação. Um dia, ou antes, uma noite, tive um sonho, Sonhei que subia por uma escada interminável e chegava a um quarto escuro. Ao lado havia um outro, levemente iluminado. Entro neste segundo compartimento e vejo um féretro sobre dois cavaletes; ao lado um círio aceso.

Fiquei com medo e fugi; chegada ao primeiro quarto, senti que alguém me punha a mão sobre a espádua. Voltei-me trêmulo de medo e reconheci meu pai, que eu não via há dois anos e que me disse com voz muito doce: "Não tenhas medo, abraça-me, filhinha."

No dia seguinte recebíamos um telegrama: *meu pai morrera*, não naquela noite, mas *na tarde precedente*.

Achava-me inteiramente órfã, pois minha mãe há muitos anos era morta. Este sonho de tal modo me impressionou, que eu o reconstituo freqüentemente.

B. – Quando eu contava 13 anos, a tia que me educava e que eu amava como se fosse minha mãe morreu de varíola negra. Não me disseram que ela estava morta e, naturalmente, não me permitiam entrar em seu quarto. Ela me dizia muitas vezes, brincando: "Oh! se eu morresse, e não estivesses perto de mim, iria dizer-te adeus." Em meio da noite, vi avançar para o meu

lado uma forma branca que imediatamente não reconheci. Levantei-me; o meu quarto estava envolto em uma como que meia claridade e vi o *fantasma refletir-se no espelho do armário colocado defronte do meu leito*. E ela disse com uma voz apenas distinta: "Adeus!" Estendi os braços para abraçá-la; ela, porém, desapareceu.

Minha pobre tia já estava morta há algumas horas, quando tive esta alucinação.

V. Boniface

Diretora da Escola Maternal,
em Étampes (Seine-et-Oise)."

(Carta 60)

V – "Minha mulher vislumbrou o semblante de seu irmão no instante preciso de sua morte.

Meu cunhado, professor no colégio de Luxeuil, estava doente do peito. Foi tratado por sua irmã com o maior devotamento durante sua última enfermidade e ele preferia os seus cuidados aos de qualquer outra pessoa. Entretanto, os pais de minha mulher, tendo vindo a Luxeuil e vendo-a muito fatigada, induziram meu cunhado a ir com eles, para se tratar no estabelecimento das diaconistas de Estrasburgo. Cerca de três semanas após sua partida, foi minha esposa despertada por uma espécie de pesadelo e viu, semi-acordada, seu irmão deitado e encerrado em um sepulcro de pedra, semelhante às pedras tumulares romanas que se vêem expostas no estabelecimento termal daqui. O sepulcro contraía-se cada vez mais, tornando quase impossível a respiração de seu irmão; contemplava-a ele com olhares súplices, pedindo-lhe para vir em seu socorro e tirá-lo dali; depois viu-o assumir um ar resignado, parecendo dizer-lhe: "Tudo está terminado, nada mais podes fazer." Ela despertou então de todo e viu que horas eram: 3:20 da manhã.

No dia seguinte soubemos da morte de meu cunhado. A hora de seu falecimento *coincidia exatamente com a hora do sonho*.

É favor não citar nossos nomes.

A. S. (Luxeuil, alto Saône)."

(Carta 64)

VI – "Minha avó faleceu o ano passado, a 6 de janeiro, à meia-noite menos dois ou três minutos; residia em uma fazenda nas cercanias de Rochefort-sur-Mer e eu estava a esse tempo em Auxerre. Tínhamos andado, na noite de 6 de janeiro, a tirar Reis muito alegremente e eu me deitara sem pensar nela, que sabia, entretanto, mais enferma nos últimos quinze dias.

Despertei à meia-noite, precisamente, com uma impressão penosíssima. Acabava de ver em sonho minha mãe e meu irmão mais moço em grande aflição. Fiquei persuadido de que não se passaria aquela manhã sem que eu tivesse a confirmação de meu sonho. Não há uma estranha relação entre a realidade e o sonho, pois que minha avó morreu à meia-noite e eu acordei à mesma hora?

M. B. (Versalhes)."

(Carta 66)

VII – "Meu tio era sargento do 2º Regimento de Infantaria, quando foi declarada a guerra, em 1870. Ele assistiu aos primeiros combates, conservou-se em Metz durante o assédio dessa cidade, foi feito prisioneiro, conduzido em cativeiro para Mayence, depois para Torgan, onde permaneceu nove ou dez meses.

No domingo da pascoela de 1871, foi convidado, por um dos seus camaradas, para ir à cidade, à tarde. Preferiu ficar no campo, em sua casamata, dizendo ao amigo que não se achava bem disposto, não sabendo ele próprio a que atribuir essa tristeza. Ficando a sós ou quase a sós, atirou-se, mesmo vestido, na cama (eram cerca de 2:15), e caiu em sono profundo. Logo que adormeceu, pareceu-lhe estar na casa paterna: *sua mãe estava agonizante no leito*. Via as suas tias tratando-a; por fim sua mãe expirou, por volta de três horas. Levantou-se, então, ele e apercebeu-se de que havia apenas tido um sonho.

Quando o seu amigo voltou, às seis horas da tarde, contou-lhe ele o que tinha visto durante o sono e acrescentou: "Estou convencido de que hoje, às três horas, minha mãe faleceu."

Riram-se dele, mas uma carta de seu irmão veio confirmar-lhe a triste notícia.

Julgo do meu dever acrescentar que a morta achava-se, há três anos, constantemente em precário estado de saúde.

Camille Massot
Farmacêutico de 1º classe
(Banylus-sur-Mer, Pirineus Orientais).”

(Carta 68)

VIII – “Minha mãe contava-me freqüentemente um estranho sonho.

Um de seus cunhados achava-se doente. Certa noite ela sonhou que o via morto; via também minha avó acompanhando seus filhos, por um caminho que ela desconhecia, mas que atravessava um campo. Nesse instante ela desperta e, igualmente, desperta meu pai, a fim de lhe contar o sonho que acabava de emocioná-la. Eram 2 horas da manhã.

No dia seguinte vieram comunicar a meus pais que meu tio morrera essa noite, às 2 horas; então mamãe não pôde eximir-se de responder que já o sabia. Interrogou em seguida minha avó, para saber se ela havia conduzido as crianças; respondeu-lhe esta que sim e que tinha *precisamente atravessado o campo em que mamãe a avistara em sonho*.

M. Odéon
Professora em Saint-Genix-sur-Guiers (Savoie).”

(Carta 77)

IX – “Em 1895, por uma noite de inverno, sonhei muito nitidamente que o Sr. Crouzier, octogenário da minha aldeia, situada a 10 quilômetros do alojamento onde eu ensinava, morrera em conseqüência do frio.

No dia seguinte vou a casa de minha família e minha mãe me diz: “Sabes, o velho Crouzier morreu a noite passada; precisou levantar-se, cerca de meia-noite, e foi surpreendido pelo frio, sucumbindo quase instantaneamente.”

Essa impressão ficou sempre comigo e sinto-me feliz, nestas circunstâncias, de responder ao vosso inquérito.

Alphonse Vidal
Preceptor, em Aramon (Gard).”

(Carta 118)

X – “Achando-se em França, minha mãe viu em sonho seu irmão, a esse tempo na América, morrer em seus braços. Um mês depois recebeu ela a notícia da morte desse irmão, que havia precisamente expirado nos braços de minha avó. As datas coincidiam.

A. D. (Arles).”

(Carta 125)

XI – “Eu tinha um irmão residente havia 25 anos em Petersburgo; nossa correspondência jamais fora interrompida.

Há três anos recebi uma carta dele, no mês de julho: seu estado de saúde era satisfatório. A 8 de setembro seguinte sonhei que o carteiro me entregava uma carta de Petersburgo e que, abrindo-lhe o envelope, achara duas estampas: uma representando um morto estendido em sua cama e vestido segundo o hábito que eu mesmo constatara, em minha viagem à Rússia, no ano de 1867.

Não olhei bem, no momento, para o rosto do morto; vi em torno do leito várias pessoas de joelhos, entre outras um rapaz e uma rapariguinha, mais ou menos da idade dos filhos de meu irmão. Na outra estampa havia como que uma assistência à cerimônia fúnebre. voltei então a examinar de mais perto o rosto do morto, que logo reconheci e despertei gritando: “Ah! mas é Luciano! (era o nome de meu irmão).

Alguns dias depois eu sabia, com efeito, que este morrera naquele dia (não pude verificar exatamente a data) em que eu tivera o citado sonho, que está sempre bem presente à minha memória e que tenho contado a várias pessoas.

L. Carrau
Rue de Bel-Air, 46, em Angers.”

(Carta 130)

XII – "Meu avô deixou, na idade de 14 anos, sua família que residia perto de Estrasburgo; creio que jamais regressou ao país natal, nem jamais tornou a ver seus pais. Aos 24 anos casou-se em Nancy; sua jovem esposa jamais viu os sogros.

Uma noite viu minha avó desfilar diante de seu leito um interminável séquito funerário. No dia seguinte ou no outro anterior anunciava-lhe uma carta o falecimento de seu pai. O enterro se realizou, sendo acompanhado pela população de três grandes aldeias, assim como pelo maire e pelo pároco do lugar (Bischeim), embora se tratasse de um judeu.

Jeulend
Rua da Provença, 55, Paris."

(Carta 138)

XIII – "Tenho a referir fatos ocorridos em sonho, com coincidência de morte.

A. – Sucedeu o primeiro a meu pai, Pedro Dutant, morto em 1880 e que fora farmacêutico em bordéus durante 50 anos.

Era um homem de caráter absolutamente honesto, escrupuloso, dotado de aguda inteligência e nenhuma das pessoas que o conheceram jamais punha em dúvida a sua palavra. Eis o fato que ele me contou diversas vezes e que relato quase textualmente:

"Uma noite sonhei que meu irmão, a esse tempo notário em Léagnan e contando 33 anos de idade, era criança como eu e que ambos brincávamos na casa paterna. De súbito ele cai de uma janela na rua, gritando para mim: "Adeus!" Desperto muito impressionado pela intensidade desse sonho, vejo que horas são: 3 horas. Não tornei a dormir. Eu sabia que meu irmão estava doente; não o supunha, porém, em perigo de vida. Meu irmão morrera nessa noite às 3 horas precisamente."

B. – O fato diz-me pessoalmente respeito. Sonhei certa noite que uma velha prima, que me estimava muito, estava morrendo.

Pela manhã contei o sonho às pessoas da minha família, todas as quais se lembram muito bem da minha narrativa.

Na mesma semana, dois ou três dias após esse sonho (não o registrei e por isso não posso precisar com exatidão o tempo decorrido), a velha prima sucumbia a um ataque de apoplexia. À noite do meu sonho achava-se ela bem disposta, não tendo morrido senão dois ou três dias depois e vi nesse sonho um como pressentimento ou aviso. Minha família encheu-se de admiração em face do acontecido e ainda se recorda perfeitamente do meu sonho.

C. – Posso ainda citar-vos um fato pessoal que muito me impressionou ao suceder-me; como, porém, trata-se, desta vez, de um simples cão, talvez não me seja lícito ocupar o vosso precioso tempo. Desculpo-me com o interrogar-me qual o limite que se deve traçar aos problemas...

Era eu então moça e tinha freqüentemente em sonho uma lucidez surpreendente. Tínhamos uma cadela de inteligência pouco vulgar; era-me particularmente afeiçoada, ainda que eu mui poucos afagos lhe prodigalizasse. Sonho uma noite que ela está morrendo e fixa-me com olhos humanos. Acordando, digo à minha irmã: "Leoa morreu, tenho certeza, e o sonhei." Ria-se minha irmã e não o queria acreditar. Chamamos a criada e lhe dissemos que trouxesse a cadela. Chama-se, ela não vem. Dá-se uma busca em toda a casa e por fim é encontrada morta em um canto. Ora, na véspera não estava ela doente e meu sonho não tivera causa alguma que o provocasse.

M. R. Lacassagne, nascida Dutant (Castre)."

(Carta 153)

XVI – "Era eu estudante de Medicina em Paris, em 1862. Certa manhã, o meu porteiro que me levava, na cama, acordando para ir ao hospital, o meu pequeno almoço, encontrou-me em pranto. Perguntando-me o que eu tinha, respondi-lhe: "Acabo de ter um horrível pesadelo: meu tio, que me educara (pois havia perdido, ainda muito moço, meu pai e minha mãe) e a quem eu amava enternecidamente, estava em vésperas de morrer, quando

me acordastes, e tenho certeza de que, pelo primeiro vapor que chegar de Havana, meu país natal, terei a triste notícia de sua morte.”

Foi o que aconteceu. Afirmar-vos ter sido isso à mesma hora do meu sonho não o posso, pois já não me lembro mais; a coincidência, porém, do dia, posso garantir-vos.

P. S. – Peço-vos não publicar meu nome. Quanto à observação, podereis inseri-la em vossas publicações, se o merecer.

Dr. T. de M. L.”

(Carta 162)

XVII – “De 1870 a 1874, tinha eu um irmão empregado no Arsenal de Fou-Tchéou, na China, como mecânico-ajustador. Um de seus amigos, mecânico e compatriota, da mesma cidade (Brest), que trabalhava igualmente no Arsenal de Fou-Tchéou, foi, certa manhã, visitar meu irmão em seu alojamento e contou-lhe o seguinte:

“Meu caro amigo, estou muito angustiado: sonhei esta noite que meu filhinho *tinha morrido de crupe e estava sobre um edredom vermelho*.”

Meu irmão zombou da sua credulidade, falou a respeito de pesadelos e, para dissipar aquela impressão, convidou seu amigo para almoçar. Nada, porém, pôde distraí-lo: para ele seu filho estava morto.

A primeira carta que recebeu de França, após essa narrativa, e que era de sua esposa, anunciava-lhe a morte de seu filho, *em conseqüência do crupe*, em meio de grandes sofrimentos, e, coincidência estranha, *sobre um edredom vermelho*, na mesma noite do sonho.

Logo que recebeu essa carta, ele foi, banhado em lágrimas, mostrá-la a meu irmão, do qual ouvi esta narrativa.

H. V. (Brest).”

(Carta 286)

XVIII – "Uma de minhas primas residia em Nion, na Suíça, e sua mãe em Clairveaux, no Jura. Estava-se em um desses rigorosos invernos, com todas as comunicações impraticáveis, por causa da neve. Desde muito que minha tia se achava doente; não a supunha sua filha em pior estado que de costume, quando, uma noite, vê em sonho sua mãe morta; ela acorda aterrorizada e diz a seu marido: "Minha mãe está morta, acabo de vê-la!" Ela queria partir imediatamente para Clairveaux, mas dissuadiram-na, mostrando-se-lhe a imprudência de empreender uma viagem por estradas cobertas de neve, por causa de um simples pressentimento. Tendo os correios deixado de funcionar, não se podiam receber cartas.

Pela tarde desse dia ou no dia seguinte, não me lembro bem, vê minha prima um cavaleiro entrar no parque; então ela grita: "Vêm anunciar-me a morte de minha mãe!" Com efeito, não sendo possível comunicar de outro modo, enviaram um cavaleiro que a informou haver sua mãe falecido naquela noite. Passara-se o fato no momento em que minha prima tivera esse sonho.

Existe ainda a minha prima e poderia dar-me detalhes mais precisos se o desejásseis.

G. Belbenat
Lous le Saunier (Jura)."

(Carta 298)

XIX – "Fato assinalado por um de meus amigos a quem referira os vossos estudos. Trata-se de um antigo empreiteiro de vias férreas na França e no estrangeiro, atualmente retirado de negócios, em Saint-Pierre-lés-Nemours. Sua honorabilidade e sua fé não podem sofrer suspeição. Eis o fato tal qual mo contou ele:

"Tinha eu ido ver um fazendeiro meu amigo, que se achava muito enfermo; encontrei à porta da herdade sua sogra, que me disse haver o seu genro recebido muitas visitas que o tinham fatigado em excesso; todavia convidou-me a entrar para vê-lo alguns instantes, acrescentando que lhe daria com isso muito

prazer. Pedi então àquela senhora o obséquio de transmitir-lhe os meus cumprimentos e de anunciar-lhe a minha visita a realizar-se no dia seguinte.

"No dia seguinte, pelas 7 horas da manhã, quando eu apenas dormitava, dispondo-me a levantar-me, fui tomado de súbito por um pesadelo. Parecia-me ver o doente, do tamanho de um menino e como que enterrado em um buraco, sobre o talude da estrada, a alguns metros da fazenda, e eu empregava todos os meus esforços para arrancá-lo desse buraco, sem o conseguir.

"Ao cabo de alguns instantes saltei para fora da cama, a fim de livrar-me do pesadelo, e vim a saber, no correr da manhã, da morte do fazendeiro, ocorrida à mesma hora em que eu tivera essa visão."

A distância de Saint-Pierre-lés-Nemours à fazenda é de cerca de duas léguas. Passou-se esse fato a uma dezena de anos.

J. Boireau
Farmacêutico em Nemours (Seine e Marne)."

(Carta 330)

XX – "Meu tio-avô, o Sr. Henri Horet, que era professor de Música em Estrasburgo, viu uma noite, em sonho, *cinco ataúdes* saírem de sua casa; na mesma noite, um escapamento de gás ocorreu em sua casa e *cinco pessoas* foram asfixiadas.

Contam-se, em nossa família, vários casos de aparições telepáticas. Procurarei informar-me exatamente a seu respeito e vo-los comunicarei, desde que tenha deles tomado conhecimento.

Georges Horet
Lycéen, Bouxwiller (Basse Alsace)."

(Carta 340)

XXI – "Jamais experimentei coisa alguma que se relacione com o que pedis em vosso questionário. Em sonhos, porém, pelo contrário, tenho tido, algumas vezes, certos avisos. Entre outros, na noite do assassínio do saudoso Sr. Carnot, vi o morto em meus sonhos. Na véspera, à noite, fora deitar-me muito cedo.

Não residindo na própria cidade de Lião, mas em La Croix-Rousse, não havia eu tido o menor conhecimento de nenhum dos atos que se estavam passando nessa memorável noite. Pela manhã, a criada entra em meu quarto e eu lhe digo imediatamente:

– Acabo de sonhar com a morte do Sr. Carnot.

Ela me respondeu que bem poderia ter-se dado isso.

– Mas não – disse-lhe eu –, antes meu sonho deve causar riso, pois o Sr. Carnot vai passar às 10 horas sob as minhas janelas (ele devia, com efeito, passar pelo bulevar).

Dez minutos depois, ela volta ao meu quarto e me diz, muito impressionada:

– O sonho da senhorita realizou-se, o leiteiro acaba de dizer-me que o Sr. Carnot fora assassinado na noite de ontem.

Mau grado ao sonho que eu tivera, foi-me difícil acreditar no fato, no primeiro momento.

A. M. (Lião).”

(Carta 353)

XXII – “Eis aqui um fato pessoal: na noite de 13 para 14 de junho de 1887, sonhei que minha mãe estava morta. Chegado ao restaurante, no dia seguinte, comunicava eu esse fato a um colega, quando recebo um telegrama que me anunciava a desgraça pressentida.

Eis aí o ato de que me recordo nitidamente.

A. Carayon
Diretora da Escola da “Cruz de Ferro” (Nimes).”

(Carta 358)

XXIII – “O pai de meu marido, achando-se afastado da casa onde havia deixado sua mulher doente, foi uma noite despertado pela voz de sua esposa que o chamou três vezes distintamente pelo nome: Pedro! Pedro! Pedro!

Acreditando haver sonhado, ele de novo adormeceu. Dois dias mais tarde recebeu a notícia de que *naquela mesma noite* sua mulher morrera.

Maria Pauvrel (Vedrôd).”

(Carta 360)

XXIV – “Na noite de 1º para 2 de janeiro de 1898, vi em sonho minha mãe, morta havia dois anos e meio. Ela encaminhou-se gravemente para o meu leito, apertou-me em seus braços e saiu sem nada dizer. No dia seguinte, recebi uma carta participando-me *a morte súbita de minha irmã*, na noite de 1º de janeiro, às 10 horas. Como eu não houvesse despertado, foi-me impossível saber se havia coincidência perfeita entre a hora do sonho e a da morte de minha irmã.

M. Razons
Professor em Trelous (H. Gor.).

(Carta 365)

XV – “A Sra. V. residia em Gênova e tinha um irmão dentista no Cantão de Vaud. Esse irmão morreu subitamente. Na noite de sua morte, a Sra. V. viu em sonho, sobre a parede, o nome de seu irmão e a data do seu nascimento, ou da sua morte, não me recordo qual das duas. Ao acordar, ficou a referida senhora com receio de uma desgraça, que em breve lhe foi confirmada.

Jeanne Blanc
Le Cannet (Alp. Mar.).”

(Carta 374)

XXVI – “Passou-se isto no convento. Uma noite fomos despertadas por gritos e prantos. A religiosa de guarda aproxima-se do leito da criança, que em meio de suas lágrimas diz-lhe que *sua avó estava morrendo*, que ela a chamava e que queria ir para junto dela.

Procuraram acalmá-la, fizeram-nos orar, a religiosa reza o terço: nós respondíamos de nossas camas e o sono de novo nos empolga.

Outra vez somos despertadas. A menina sonhara novamente, ela nos repete que sua avó estava morta, que lhe enviara adeuses aflitivos e que, entre outras coisas, designara um cofrezinho no qual havia guardado jóias que ela queria dar à netinha de sua predileção. Findou a noite.

Na manhã seguinte, pelas 8 horas, estávamos reunidas na classe, ajoelhadas para curta prece que precedia os estudos, quando violenta badalada de sino corta o ar, fazendo-nos tremer sem saber por que – todas nós que não éramos interessadas no acontecimento –, e dá entrada na sala a irmã mais velha da nossa companheira. Vinha para buscar sua irmãzinha – *a avó morrera naquela noite* – e tudo que a menina tinha visto se havia passado absolutamente assim como no-lo contara ela.

Bem podeis imaginar a emoção que se produziu no convento; viu-se em tudo isso a intervenção divina e passou-se o dia em preces.

J. G. (Paris).”

(Carta 377)

XXVII – “Há cerca de dois anos, em Jarnac, certa manhã, pelas 7 horas, uma senhora amiga de minha família, estando ainda levemente adormecida, foi despertada por uma voz que a chamava muito distintamente, e na qual reconheceu a voz de seu cunhado, a respeito de quem eram boas as últimas notícias recebidas.

Nesse momento ninguém se achava em seu quarto, nem nos apartamentos vizinhos, e era impossível correlacionar essa impressão com uma causa conhecida.

Algumas horas depois – cerca das 10 – esta senhora tinha conhecimento, por um telegrama, de que seu cunhado, residente em Auzances, acabava de morrer subitamente; no dia seguinte informava-lhe uma carta que o falecimento sobreviera às 7 horas, isto é, *no mesmo instante* em que a voz fora escutada.

Breaud (Jarnac).”

(Carta 397)

XXVIII – "Estive durante catorze anos ligada, por uma afeição, a certa pessoa; depois, sobrevindo a separação, não nos vimos mais senão a grandes intervalos. Por fim, decorreu mais de um ano sem nos tornarmos a ver, porque, doente, foi o meu amigo constrangido a partir para o Tirol; estávamos, pois, separados por uma distância correspondente a 58 horas de caminho de ferro. Tinha eu indiretamente notícias desse amigo; eram relativamente boas e a sua volta estava próxima. Na noite de 2 de março, vi o meu amigo durante um entre-sono; estava sentado em uma cama em trajes de dormir e me dizia: "Oh! quanto sofro!" Eram, nesse momento, 2 horas da madrugada. Dois dias depois, anunciava-me um telegrama a morte dessa pessoa, ocorrida às 2:20.

Na ocasião me senti e ainda me sinto impressionada por essa coincidência, parecendo-me importante, para as vossas pesquisas, relatar-vos o que precede.

C. Couesnou
Estrada Romana, 23 (Jassy, Rumânia)."

(Carta 401)

XXIX – "***A***. – Um tio de minha mulher, capitão de Marinha, muitas vezes me contou que à noite que coincidiu com a data da morte de sua mãe, estando ele, então, em viagem, apareceu-lhe ela em sonho com o semblante muito triste. Impressionado, escreveu ele, a lápis, a data desse sonho na parede do seu beliche, tendo o pressentimento de uma desgraça.

Por isso, pouco se surpreendeu quando, à sua chegada, soube dessa morte; a data era bem aquela que ele havia escrito em seu beliche.

B. – Fato idêntico sucedeu à minha sogra, por ocasião da morte de seu irmão. Ela sonhou, na noite precedente, que se encontrava com sua falecida mãe na escadaria da casa e que, sem lhe dizer palavra, mirou-a com um ar de funda tristeza. No dia seguinte encontram o irmão, morto de um ataque de apoplexia.

C. – Por ocasião de meu casamento, sucedeu um fato quase semelhante. Minha sogra, muito impressionada pela aparição de sua mãe no caso que venho de relatar, dissera a uma de suas amigas que, se algum dia ainda tornasse a ver sua mãe daquele modo, estaria certa de se achar em véspera de grande desgraça. Essa amiga, alguns dias antes do meu casamento, teve também uma aparição, em sonho, da mesma pessoa que lhe dizia não querer ver sua filha, com receio de torná-la enferma, tendo, entretanto, vindo para vê-la. A mesma pessoa sonhou na mesma noite, creio, que a porta da casa de minha mulher estava coberta de luto no próprio dia do meu casamento. Foi o que aconteceu, conquanto nada mo fizesse prever: na véspera meu cunhado morria da ruptura de um aneurisma e foi sepultado no dia em que nos devíamos casar.

Eis aí fatos cuja autenticidade vos posso garantir.

L. Coutant (La Ciotat)."

(Carta 434)

XXXII – "Meu pai era, segundo creio, aluno do 6º ano no pequeno seminário de Guérande. Uma noite ele viu, em sonho, sua mãe deitada e não dando mais sinal de vida, *no quarto dela*, no Croisic, onde morava. Ele acordou com o rosto banhado em lágrimas.

No dia seguinte, comunicava-lhe uma carta que sua mãe, à hora em que ele a vira assim, tivera uma crise súbita e *estivera prestes a morrer* nos braços de seus filhos que acorreram aos seus gemidos. Isto, como vedes, se afasta um pouco das observações por vós publicadas, pois que apenas se trata de um *sonho* e não se deu *morte alguma*. É, porém, seguramente, um fato de ordem psíquica – eis porque achei conveniente fazer-vos, a seu respeito, este relato.

Poluec (Plormel)."

(Carta 438)

XXXIII – "Uma de vossas leitoras sonhou, uma noite, que se achava em casa de uma de suas amigas, tuberculosa havia muito tempo. Ignorava que estivesse ela, nesse instante, mais sofredora

que de ordinário. A amiga estava deitada; ela estendeu-lhe a mão, disse-lhe adeus e morreu em seus braços. No dia seguinte, a pessoa de quem vos falo disse à sua mãe: "Fulana morreu; eu a vi esta noite..."

Soube-se durante o dia da morte da enferma.

Realizando-se a visão em estado de sonho, não se poderia precisar se a hora da morte coincidiu com a da aparição.

Jean Surya
Rua Raynouard, 37, Paris."

(Carta 441)

XXXIV – "Não tenho mais que 22 anos e já por três vezes experimentei em sonhos, com coincidência de morte, os fenômenos que estudais:

A. – A primeira vez, há cinco anos. Acordara eu rindo e contei a minha irmã que acabava de sonhar com o pai Fulano de Tal (velho rabugento com o qual minha família se malquistara). Hoje não me lembro mais em que consistia o sonho, mas fiquei muito impressionado com o mesmo. Nesse mesmo dia soubemos que ele acabava de suicidar-se.

B. – A segunda vez, um ano depois. Sonhei que um de meus primos, viúvo, residindo na mesma cidade, mas a quem eu raramente via, comunicava-me o seu desejo de tornar a casar (fato que eu ignorava em absoluto). Contei o sonho à minha família no dia seguinte pela manhã, e cerca das 10 horas encontramos, banhada em lágrimas, uma tia desse moço, que nos participou sua morte ocorrida à noite, após uma doença de três dias, deplorando que sua morte, assim tão brusca, *o impedisse de realizar seu projeto* de dar uma mãe aos seus órfãozinhos.

C. – Uma terceira vez, há um ano. Achava-me doente de influenza e vários locatários da casa estavam enfermos. Sonhei uma noite com um enterro que saía dessa casa, sendo que o féretro era de enormes proporções. Tinha a intuição de que se tratava do Sr. Durand, um dos locatários doentes, cuja corpulência era notável. Por isso, ao despertar, minhas primeiras

palavras foram para pedir notícias dele. Fiquei penosamente impressionado ao saber que morrera durante a noite.

Jeanne About (Nancy).”

(Carta 450)

XXXVII – “Uma de nossas amigas teve durante a noite um sonho que lhe mostrou um de seus irmãos que ela muito amava e que não pudera ver desde muito tempo; estava vestido de branco, tinha boa cor e parecia feliz. A sala onde ele se achava era igualmente pintada de branco e regurgitava de gente. O irmão e a irmã abraçaram-se afetuosamente. Terminado o sonho, a minha amiga despertou e teve o pressentimento que seu irmão falecera. Soou meia-noite no mesmo instante. No dia seguinte esta senhorita sabia, por uma carta, que seu irmão expirara naquela noite, precisamente à meia-noite.

G. P. (Arles).”

(Carta 466)

XXXVIII – “Querendo eu, em sonho, no mês de julho de 1890, abrir uma porta de comunicação de meu quarto com uma outra peça, não o pude conseguir, mau grado aos mais vigorosos esforços; vieram então em meu auxílio e, por uma outra porta, muito próxima da primeira, acabamos por afastar o obstáculo: *era o corpo de meu tio, estendido no chão, com as pernas dobradas*.

Não liguei importância alguma a esse sonho, mas voltou-me ele à memória quando soube da morte súbita desse meu parente, sobrevinda no campo a 10 de julho de 1890.

Não anotei, infelizmente, a data desse sonho, mas creio poder afirmar que se deu nas primeiras noites da semana, ou talvez mesmo na de 10, que era uma quinta-feira.

J. C. (Lião).”

Carta 468)

XXXIX – “Achava-me doente em Cartágena, no fim de 1888. Na noite de Natal tive um sonho desagradável que relato resumidamente. Estava eu na povoação de Rezé-les-Nantes,

vendo passar o enterro de uma jovem. Não conhecia nem o nome nem a família da morta e, entretanto, sentia-me invadir por grande tristeza. Juntei-me ao cortejo; na igreja, coloquei-me no primeiro lugar por trás do ataúde, sem me aperceber das pessoas que estavam perto de mim. Estava banhado em lágrimas e uma voz me dizia: "Ali tens a tua melhor amiga." No cemitério desencadeou-se tremenda tempestade e uma chuva diluvial. Despertei, julgando ouvir a trovoada.

De regresso à casa de minha família, vim a saber que uma parente próxima, amiga de infância, contando, como eu, 15 anos de idade, *morrera nessa noite de Natal*.

E. Orieux
Inspetor-chefe honorário do
Departamento das Estradas, em Nantes."

(Carta 476)

XL – "Meu tio era capitão de Marinha. Voltava ele à França depois de uma ausência de vários meses. Uma tarde de calor excessivo, estava em sua cabine, procurando anotar algumas observações em seu livro de bordo. Adormeceu e sonhou que via sua mãe sentada, tendo sobre os joelhos um pano manchado se sangue, *sobre o qual repousava a cabeça de seu irmão*. Desagradavelmente impressionado, despertou e quis continuar a fazer as suas anotações, mas tornou a adormecer e teve de novo o mesmo sonho. Ao despertar sob a sugestão desses dois sonhos, registrou-os em seu livro de bordo, com a data e a hora.

À chegada do seu navio no porto de Marselha veio um amigo ao seu encontro e lhe disse:

– Acompanho-te à tua casa.

Meu tio dirigiu-se ao camarote; durante esse tempo, o amigo providenciara a fim de que o navio hasteasse bandeira a meio pau. Ao sair do camarote, meu tio, à vista do sinal de luto, surpreendido, exclamou:

– Meu irmão morreu.

– Sim – diz-lhe o amigo – como o sabes?

Então contou meu tio o sonho que tivera em pleno oceano. *Seu irmão suicidara-se* no dia indicado no livro de bordo.

J. S. (Marselha).”

(Carta 513)

XLI – “Conheço uma pessoa cuja impressão foi muito violenta em face da aparição de uma amiga, a quem ela amava muito e cuja morte, ocorrida na véspera, um telegrama acabava de anunciar-lhe. Posteriormente foi essa pessoa informada, por uma carta, que a agonizante pronunciava exatamente as mesmas palavras que ela ouvira em sonho.

Jeanne Delamain (Jarnac, Charente).”

(Carta 515)

XLII – “Faz alguns meses, fui avisado, *em sonho*, da morte de uma das minhas conhecidas, na mesma noite dessa morte, que ninguém esperava.

Pela manhã contei esse sonho à minha amiga. Ao voltar para casa, ela encontrou um telegrama, anunciando-lhe essa morte, ocorrida à mesma noite.

H. Bardel (Yverdon, Suíça).”

(Carta 518)

XLIII – “Aparição, em sonho, de minha avó, na noite de 8 para 9 de julho de 1895. Ela morreu no dia 9 de julho, às 8 horas da manhã. Estava eu a 120 quilômetros do lugar onde ocorreu o falecimento.

Allier
Professor em Florac (Lozère).”

(Carta 534)

XLIV – “Recentemente, achando-me em casa de pessoas de meu conhecimento, aí encontrei uma senhora que teve ocasião de ver-vos em Paris. Falávamos a vosso respeito e de vossos estudos recentes, e um dos circunstantes me disse a propósito: “Oh! se soubésseis que estranho sonho tive esta noite!... Vós vos lembrais de Gabriela T.?

Respondi afirmativamente.

"Pois bem, sonhei que ela estava morta e que eu a via deitada em seu túmulo!... Esta manhã desci para dar um passeio e a pessoa com quem eu ia me disse: "Sabeis que a Sra. T. morreu? Acabo de sabê-lo neste instante." Meu sonho da noite e esta notícia impressionaram-me tão vivamente que fiquei confusa e perturbada com essa inexplicável coincidência, pois não a conhecia particularmente, não a sabia doente e não falava a seu respeito há muito tempo."

Esse o fato curioso que acabo de saber. No caso de o citardes, ficar-vos-ia agradecida de somente publicardes as minhas iniciais.

J. A. (Bourges)."

(Carta 535)

XLV – "Eu estava muito enamorado de uma jovem honesta e de muito boa família. Ela caiu doente. Uma noite, cerca de 9 horas, eu passava por uma madorna e me via em uma grande sala onde todo mundo dançava. A minha bem-amada achava-se presente, vestida de branco, com um semblante ao mesmo tempo pálido e triste. Aproximo-me dela e convido-a para dançar. Ela me recusa com uns modos bruscos, dizendo-me baixo: "É impossível, estão-nos vendo."

Despertei com grande palpitação do coração e lágrimas nos olhos. Logo que amanheceu, vesti-me à pressa e corri para a residência da enferma. Encontrei na rua o criado de sua casa, o qual me comunicou *haver ela morrido nessa mesma noite*.

M. T. (Constantinopla)."

(Carta 543)

XLVI – "Meu pai tinha um amigo de infância, o general Charpentier de Cossigny, que sempre me testemunhava muita afeição. Como estivesse ele atacado de uma moléstia nervosa, que tornava esquisito o seu modo de ser, não nos admirávamos jamais que nos fizesse por vezes três ou quatro visitas sucessivas, pois que ficava meses sem aparecer. Em novembro de 1892 (havia cerca de três meses que não víamos o general),

estando eu com forte dor de cabeça, fui deitar-me muito cedo. Já me achava há bastante tempo na cama e começava a adormecer, quando ouvi meu nome pronunciado a princípio em voz baixa, depois um pouco mais alto. Apliquei o ouvido, supondo que era meu pai que me chamava, mas percebi que ele dormia no quarto vizinho e sua respiração era bastante natural, como a de alguém que dormisse há muito tempo.

Novamente adormeci e tive um sonho. Vi a escada da casa em que o general morava (7, Cité Vanean). Ele próprio apareceu-me *debruçado sobre a balaustrada do patamar* do primeiro andar; depois desceu, veio a mim e me beijou na fronte. Seus lábios estavam tão frios que o contato me despertou. Vi então distintamente, no meio do meu quarto, iluminado pelo reflexo do gás da rua, a silhueta alta e fina do general que se afastava. Eu não estava dormindo, pois que ouvi bater onze horas no Liceu Henrique IV e contei as pancadas. Não pude tornar a dormir, e a impressão fria dos lábios de nosso velho amigo perdurou-me na fronte a noite inteira.

Pela manhã, as minhas primeiras palavras a minha mãe foram: "Teremos notícias do general de Cossigny; eu o vi esta noite."

Alguns instantes depois, meu pai encontrava em seu jornal a notícia da morte de seu velho camarada, ocorrida na véspera, à noite, *em conseqüência de uma queda na escada*.

Jean Drenilhe
Rue des Boulangers, 36, Paris."

(Carta 552)

XLVII – "Uma noite, achando-me a dormir em minha casa, vi meu irmão que se achava em Argel, em agonia de morte.

Foi tão viva a impressão experimentada, que despertei subitamente. Seriam cerca de 4 horas da manhã.

Meu irmão há cerca de dois anos vivia sofrendo, mas nenhuma importância liguei a este sonho, sabendo que seu estado de saúde, no momento, era assaz bom, porquanto me havia dado notícias suas alguns dias antes. Pela manhã recebi um telegrama participando-me o seu falecimento às 6 horas da manhã.

Jamais falei a respeito disso a quem quer que seja, atribuindo o fato a uma pura coincidência e não teria certamente falado sobre isso se não se tratasse do testemunho estatístico-científico que desejais.

Lehembre
Intérprete do Tribunal, em Sousse (Tunísia).”

(Carta 583)

XLVIII – “Era durante a grande guerra de 1870-1871; meu noivo era soldado no exército do Reno, se não me engano, e depois de dias e dias não tínhamos notícias suas. Na noite de 23 de agosto de 1870 tive um sonho singular que me atormentou, mas ao qual não liguei grande importância. Encontrava-me em um quarto de hospital, no meio do qual estava uma espécie de mesa onde meu noivo se achava deitado. Seu braço direito estava nu e percebia-se *grave ferimento perto da espádua direita*; dois médicos, uma irmã de caridade e eu estávamos perto dele. De repente olha-me ele com seus grandes olhos e me diz: “Amas-me ainda?” Alguns dias depois soube pela mãe de meu noivo que ele fora *ferido mortalmente na espádua direita*, a 18 de agosto, perto de Gravelotte, e que morrera a 23 de agosto de 1870. Uma irmã de caridade que o tratara foi a primeira que nos participou sua morte. O quadro está ainda presente em meu espírito como se eu o houvesse sonhado e vivido ontem.

Suzanne Kubler
Professora (Heidelberg).”

(Carta 587)

XLIX – “Na noite de 30 para 31 de julho de 1897, sonhei que atravessava a praça de Quinconces, onde estavam trabalhando marceneiros. Um deles me tomou a mão esquerda e serrou-me o dedo mínimo: o sangue corria em abundância e gritei por socorro.

Nesse instante acordei, em um estado impossível de descrever, levantei-me e minha mulher, admirada, perguntou-me o que fazia. O relógio batia 3 horas. Momentos depois tornei a dormir. Tive novo sonho, no qual eu via *um navio atravessando um*

canal; no fim desse canal uma embarcação destacava-se do navio e encostava à margem. Alguns homens desembarcaram, cavaram um buraco, *enterraram qualquer coisa* e depois de terem tapado o buraco retiraram-se.

Chegando ao meu escritório, contei aos colegas os dois sonhos que tivera durante a noite. Eles ficaram muito admirados. Um deles declarou que, quando a gente via, em sonho, correr o seu próprio sangue, era isso presságio de desgraça na família.

Eu tinha então o meu primogênito como soldado no 11º Regimento de Marinha em Saigon. Tendo enfermado, regressara à França.

A 11 de agosto soube, pelo comissário de polícia do meu quarteirão, da morte de meu filho. Falecera no canal de Suez a 31 de julho. Algum tempo depois, eu recebia uma cópia do registro de óbito, segundo a qual meu filho morrera, com efeito, a 31 de julho, às 3 horas da manhã e fora inumado em Port-Said.

R. Dubos
Diretor-chefe das Alfândegas, em Bordéus."

(Carta 591)

L – "Sendo estudante de Medicina e prestes a terminar meus estudos, fora eu passar com a minha família as férias da Páscoa de 1895. Uma noite (não me recordo da data exata) deitamo-nos como de ordinário; o repasto fora muito alegre e todos os da família se achavam de perfeita saúde. Pelas 2 horas da manhã, tive um sonho penoso: meu pai estava morto, eu chorava desesperadamente, acompanhando-o ao cemitério. Esse pesadelo acabou por me despertar e pude constatar que o meu travesseiro estava molhado de lágrimas.

Não dando crédito aos sonhos e não estando ainda muito iniciado em questões de telepatia, tornei a dormir calmamente, na crença de que aquilo não passava de um sonho. As 7 horas da manhã ainda eu dormia, quando minha mãe entrou em meu quarto para dizer-me que eu fosse ver meu pai imediatamente, pois estava ele com um ataque de paralisia. Corri para ele e vi,

com efeito, que não podia mais mover o braço e a perna esquerda, tornados inertes.

Sabendo-se que os ataques de paralisia se produzem freqüentemente durante o sono dos doentes, que despertam hemiplégicos, calculo que a hemorragia cerebral de meu pai se declarou pelas 2 horas da manhã, no instante do meu pesadelo. (Meu pai ainda vive, mas é doentio.)

Trata-se de um caso de telepatia? Talvez! Eu vo-lo relato para que lhe deis o valor que mereça.

Dr. Durand
Saint-Purçain (Alier).”

(Carta 594)

LI – “***A***. – Há uma quinzena de anos, a Sra. T. C. dava a algumas senhoritas um “garden-party” em sua vila, situada em Dourbali Déré, sobre a margem asiática do Mar de Marmara. Foram aí servidos, entre outras coisas, sanduíches de presunto.

Cinco ou seis anos depois desse pequeno festival, uma das convidadas, a quem ela apenas conhecia e a respeito de quem não ouvira mais falar, apareceu-lhe em sonho, pedindo-lhe para lhe dar um pouco daquele presunto que ela comera em seu “garden-party”.

A Sra. T. C. conta a seu marido o sonho que tivera e este presta ao caso justamente a atenção que de ordinário se concede aos sonhos. Qual não é o espanto de M. C., ao chegar ao seu escritório, aí encontrando o pai da senhorita que a Sra. T. C. tinha visto em sonho e que lhe comunica que sua filha morria aos poucos de tuberculose e que *ela o enviava a ele* para lhe pedir *um pouco daquele excelente presunto* que ela saboreou no “garden-party” de alguns anos atrás! M. C. satisfez ao desejo da moça e, ao voltar para casa, conta a sua mulher o que se passara. E não se falou mais nisso.

Alguns dias mais tarde a Sra. T. C. torna a ver em sonho a mesma jovem, que desta vez lhe pede flores de seu jardim. Ao despertar, a Sra. T. C. conta seu sonho ao marido, dizendo-lhe: “Tenho certeza de que a Srta. Fulana morreu.” Com efeito, no

mesmo dia recebe M. C. o anúncio mortuário: *a moça expirava durante a noite*.

B. – A Sra. T. C., em seguida a uma sentença pronunciada em processo de separação, parte para o Egito. Sua filha, de 14 anos de idade, é confiada a um estabelecimento escolar religioso da cidade de Constantinopla. A 18 de março de 1880, a Sra. T. C. está sentada em seu balcão, em Alexandria. Era após o entrar do Sol, no momento em que começa a escurecer. De súbito ela ouve como que o roçagar de um vestido de seda no *hall* e desaparece.

Alguns dias depois, vem um amigo visitar a Sra. T. C. É portador de notícias de Constantinopla. Esse amigo não acabara de pronunciar o nome de sua filha, quando a Sra. T. C. o interrompe, dizendo-lhe: "Minha filha morreu, eu o sei; ela morreu a 18 de março pelas 5 horas da tarde." A carta mencionava a data e a hora do falecimento: *eram precisamente as da aparição*.

Alpouroni (Constantinopla)."

(Carta 599)

LIII – "***A***. – Na noite de 23 de março de 1884, sonho que uma de minhas amigas jogava sua partida de xadrez com o Dr. D., em família, na minha casa; percebi que se achava revestida de um véu negro muito espesso e lhe disse:

– Vais perder se ficares, assim, envolta nesse véu.

– *É que eu estou morta, repara!*

Ela então levanta o véu de crepe e vejo uma caveira sem dentes, os olhos convertidos em buracos! Era horrível!

Esta amiga estava ainda há oito dias em minha casa, tinha 49 anos, *estava de perfeita saúde* e não me deixara senão pelas férias da Páscoa, para dirigir-se a Paris, onde ia buscar seu filho no colégio, e depois com ele voltar, a fim de concluir seu pequeno estágio de recreação, em minha casa. O quarto por ela ocupado permanecia tal qual o deixara e aguardava-a. Não havia, portanto, suposição alguma de morte. Contudo, na própria manhã que se seguiu a este horrível sonho, cuja narrativa eu fazia ainda muito emocionada ao doutor, o carteiro traz-me um telegrama

concebido nos seguintes termos: “Venha depressa, Maria morreu esta noite...” e foi o que aconteceu!...

B. – Coisa idêntica sucedeu por ocasião da morte de meu pai, na idade de 79 anos. Deixa-nos ele com perfeita saúde e nós nos admirávamos mesmo da sua vivacidade. Na noite de 17 de outubro de 1879, sonho que mudaram o tanque do jardim; puseram flores no lugar e a terra se acha revolvida. Aproximo-me, inclino, olho... solto um grito, pois avisto o caixão de meu filho!...

Chega, *nessa mesma manhã*, um telegrama: “Vosso pai morreu esta noite...” E o seu ataúde está agora colocado no mesmo sepulcro, sobre o de meu filho querido.

Mme. H. D.
Rue du Conédic, Paris.”

(Carta 606)

LIV – “Uma manhã, às 9 horas, tinha meu marido saído para o desempenho dos seus afazeres e eu tornei a dormir por alguns minutos. No breve espaço de tempo que durou o meu sono, tive um sonho que me impressionou fortemente. Sonhei que tinha saído em companhia de meu marido. Deixou-me ele por alguns momentos, para entrar em um estabelecimento, a fim de conversar com alguém, e eu fiquei no lado de fora, esperando-o. Instantes depois, vejo-o sair muito pálido e tendo sua mão esquerda apoiada sobre o coração. Pergunto-lhe ansiosamente o que era, ele me responde:

– Não te amedrontes, isto não é nada. Ao sair dali, alguém me deu acidentalmente um tiro de revólver, suponho, mas não tenho mais do que leve ferimento na mão.

Despertei em sobressalto e, vestindo-me, contava meu sonho à criada de quarto, quando um toque violento de campainha me fez estremecer. Meu marido entrou em meu quarto tão pálido como o tinha visto em sonho e, trazendo sua mão esquerda envolta em panos, me disse:

– Não te alarmes, isto não é nada. Indo ao meu escritório com um amigo, deu-me alguém um tiro de revólver e a bala, passando por meu braço, produziu-me apenas leve ferimento no pulso.

Trata-se de sonho, visão ou de um caso de telepatia?

Mme. Kranskoft (Constantinopla).”

(Carta 611)

LVI – “Em 1866, estava eu em um pensionato situado em pequena localidade da Floresta Negra. Uma manhã, no momento em que o professor ia começar a lição, apresentou-se diante dele um aluno e perguntou-lhe se tinha boas notícias de seu irmão (igualmente professor no mesmo pensionato e que estava passando uns tempos com sua família, na Suíça).

Respondendo-lhe o professor que não tinha notícia alguma, contou-lhe o discípulo, em alta voz, que tivera um horrível sonho na noite precedente e que, durante o sonho, vira o professor ausente, *estendido sobre a relva, com um buraco negro no meio da fronte*.

A fim de dissipar a emoção experimentada por todos os que ouviram essa narrativa, começou o mestre a aula imediatamente e durante todo o dia não se falou mais a respeito do sonho.

Um ou dois dias depois (minha memória está indecisa quanto ao dia precisamente em que se deu o fato) o professor recebeu uma carta participando-lhe que seu irmão morrera em conseqüência de um acidente na caçada: ao querer transpor um fosso, sua espingarda disparou e a carga inteira penetrou-lhe na cabeça.

A. H. (Gênova).”

(Carta 616)

LVII – “Minha mãe residia em Lile e tinha na Alsácia um tio a quem ela amava muito. Tinha ele os dedos muito finos e compridos: ora, um dia em que minha mãe estava a dormir, viu em sonho esta mão longa pairar lentamente por cima dela, procurando agarrar um objeto qualquer. No dia seguinte, recebia minha mãe a notícia da morte do tio e, conforme informações

obtidas dos que o rodeavam, o falecido, com efeito, antes de morrer, fizera todos os movimentos vistos por minha mãe.

A. P. (Rua das Plantas, Paris).”

(Carta 631)

LVIII – “Sucede-me constatar, muitas vezes, uma impressionante coincidência entre os meus sonhos e acontecimentos sobrevindos no mesmo instante.

Permito-me citar-vos, como exemplo, o último desses sonhos, aquele que mais presente se acha ao meu espírito.

Aconteceu-me sonhar, uma noite inteira, com uma religiosa que tivera outrora como professora. Vendo-a muito doente, eu experimentava, por isso, grande angústia e procurava, em vão, confortá-la. Constato, no dia seguinte, que as irmãs da escola comunal se acham em Mirecourt, a fim de assistirem aos funerais de uma de suas colegas. Ainda sob a impressão de meu sonho, digo imediatamente: “Trata-se da irmã Saint-Joseph!”

E, com efeito, era precisamente dela que se tratava. Entretanto eu não pensara nisso nos dias precedentes, ninguém me havia falado nesse assunto, eu ignorava que ela estivesse doente.

G. Collin (Vittel).”

(Carta 649)

LIX – “Era o dia 13 de junho de 1894. Residia eu nesse momento em Barbezieux (Charente). Tive um sonho no qual via constantemente um empregado dos Correios e Telégrafos portador de um telegrama. No dia seguinte e mau grado as minhas ocupações, a visão desse empregado, de papel azul em punho, não deixou meu pensamento.

Durante sete dias e sete noites consecutivos esse pesadelo me tiranizou a tal ponto, que no dia 20, pela manhã, me achava verdadeiramente enfermo. Ao meio-dia, a minha doença desapareceu como por encanto, e eu me sentia perfeitamente bem; mas, às 3 horas da tarde deram-me a notícia da morte de meu pai, em conseqüência de um ataque de apoplexia, em

Castillon-sur-Dordogne, ao meio-dia, hora na qual me senti de súbito aliviado.

Vi então diante de mim o empregado dos Correios, tal qual minha imaginação o havia representado – e que jamais eu tinha visto.

Em absoluto ignorava que meu pai estivesse doente e estávamos separados por uma distância de cem quilômetros.

Ulysse Lacoste
Saint Louis, 48, Bordéus."

(Carta 670)

LX – "Sou um homem bem disposto e de nervos sólidos. Em 1894, a 20 de abril, pelas 7:30, morre minha mãe Olga Nikadlevna Arbonsova. Sua idade era de 58 anos. Na véspera de sua morte, pela Páscoa, tinha eu ido visitar amigos que residiam a 15 *verstes* de minha propriedade. Em geral, fica-se para dormir, mas eu, por não sei que pressentimento, não quis ficar e, durante todo o caminho que percorri para voltar a casa, não me sentia em meu estado habitual. Chegando em casa, vi minha mãe a jogar as cartas com um senhor e fiquei tranqüilizado. Deitei-me. Pela manhã de 20 de abril, despertei com um arrepio de frio em todo o meu corpo, em conseqüência de um sonho horrível, e olhei o relógio: eram 7:30 da manhã. Vi minha mãe aproximar-se de minha cama, abraçar-me e dizer: "*Adeus, vou morrer*". Estas palavras despertaram-me de todo.

Não pude tornar a dormir. Dez minutos depois vejo que todo mundo corre em minha casa. Entra a minha criada de quarto que me diz: "Senhor, a patroa morreu."

Conforme a narrativa dos empregados, minha mãe levantou-se às 7 horas, esteve no quarto de dormir de sua neta para abraçá-la, depois tornou a entrar no seu quarto para ler suas preces matinais; em seguida, ajoelhou-se diante do oratório e ato contínuo morreu da ruptura de um aneurisma. Segundo o que me disseram, passou-se isso às 7:30 da manhã (exatamente o instante de minha visão).

Alexis Arbousoff (Pskoff, Rússia)."

(Carta 678)

LXI – "Em 1881, deixara eu a França para ir a Sumatra, onde meus amigos me chamavam. Deixei minha mãe em França, com saúde pouco robusta, mas não inquietante, e uma irmã de 20 anos, fortemente atacada de uma moléstia incurável. A saúde desta última exigia cada ano uma viagem às águas de Mont-Dore. Do mesmo modo, todos os anos eu recebia regularmente a notícia de sua partida para essa estação de águas.

Ora, em 1884, a noite de 3 para 4 de agosto, em sonho, eu recebia uma carta de minha irmã, informando-me de que minha mãe havia morrido subitamente nos Pirineus.

Despertei muito impressionado com esse sonho e falei a seu respeito a dois europeus que residiam, um deles comigo, outro na minha vizinhança. A lembrança do sonho perseguiu-me sem descanso, era uma verdadeira obsessão, fazendo-me desejar e recear ao mesmo tempo o recebimento da correspondência que me pudesse trazer notícias relativas à época do sonho. Ela chegou afinal e recebi uma carta de minha irmã, informando-me de que o médico a enviara a Luchon e que minha mãe, acometida de um resfriado, devia seu restabelecimento somente aos cuidados enérgicos do doutor. Declarara este, na tarde de 3 de agosto, que se minha mãe ainda vivesse, no dia seguinte, poderia responder por ela, mas que aguardava esse dia para pronunciar-se.

O sonho não era exato quanto ao desenlace anunciado por ele: a morte de minha mãe. Não é, porém, menos notável:

1º) que o sonho assinalasse um perigo concernente a minha mãe e não a minha irmã, cuja saúde preocupava muito mais o meu espírito;

2º) que o sonho se referisse a uma estação balneária diferente daquelas a que iam elas ordinariamente – o que se verificou ser perfeitamente exato;

3º) que se o sonho induziu a erro quanto à morte em si mesma, a iminência da morte existiu perfeitamente e o sonho coincidiu com essa iminência, como pude verificar pelas datas e pelos

detalhes que pedi a minha irmã, para controlar a coincidência.

Enfim, não é estranho que um sonho preocupe o espírito a tal ponto que ainda eu o tenha presente à memória após decorridos 15 anos? Faço-vos este relato sem o concurso de uma simples nota e penso que me recordarei do sonho toda a minha vida, tanto a impressão dele permanece, por assim dizer, inapagável em mim. Todo o mundo concorda que não se dá o mesmo com todos os sonhos. A maior parte deles passam com a rapidez do vento.

J. Bouchard
Ocara Enim, Palembang, Sumatra."

(Carta 822)

LXII – "A 16 de junho de 1870 eu dormia profundamente quando alguém me despertou batendo-me nas costas. Abro os olhos e vejo minha irmã, de 15 anos de idade, sentada em minha cama. "*Adeus, Nadia*", disse-me ela. Depois desapareceu.

No mesmo dia soube que ela morrera, nessa mesma hora em que tive esse despertar e essa visão (5 horas).

H. N. Ubanenko (Moscou)."

Eis aí uma série de sonhos relativos a manifestações de moribundos e que devem, ao que nos parece, ser classificados na mesma categoria dos casos de telepatia, que constituíram objeto do Capítulo III. Indicam eles uma ação psíquica do moribundo sobre o espírito daquele que dorme ou, em quaisquer casos, correntes psíquicas entre os seres; achei, entretanto, de bom alvitre, não lhes dar mais do que um lugar secundário, porque se tem menos segurança das coisas percebidas em sonho do que daquelas que vemos em estado normal e também porque, sendo inumeráveis os sonhos e devidos freqüentemente a preocupações pessoais, os casos de coincidências fortuitas não podem ser eliminados pelo cálculo das probabilidades, como os fatos observados em estado de vigília com a plenitude da razão.

Não é menos certo que grande número desses sonhos devem ser aceitos como testemunhando também uma relação de causa e efeito entre o espírito do moribundo e o do percipiente. Alguns são de uma

precisão de detalhes absolutamente probantes, notadamente os casos VIII, IX, XI, XVII, XX, XXVI, XLVII, LVI. No próprio instante em que redijo estas páginas, o seguinte relato acaba de ser-me dirigido pelo Sr. Daniel Beylard, arquiteto, discípulo distinto da Escola de Belas Artes, filho do conhecido estatuário. A impressão telepática não foi sentida em sonho, mas em um estado mental que oferece alguma analogia com o sono, o estado de infância assaz freqüentemente observado na extrema velhice.

(Carta 845)

LXIII – "Minhas duas avós vivem juntas em Bordéus desde muitos anos: uma tem 80 anos; a outra, minha avó paterna, tem 87. Esta última não goza mais, desde muito tempo, de suas faculdades intelectuais: de dois anos para cá, sobretudo, ela perdeu a memória, a tal ponto que não se lembra do nome dos objetos mais usuais e não nos reconhece.

A 10 de outubro último, segundo seu hábito, minha avó passou a manhã em seu quarto. A criada que a trata via-a muito ocupada em cortar papelão e pentear seus cabelos; satisfeita com a sua tranqüilidade, deixou-a estar assim até à hora do almoço. Sentando-nos à mesa, percebemos que minha avó amarrara aos seus cabelos, por trás da cabeça, com auxílio de fios e de alfinetes, uma fotografia: era o retrato, em cartão, de seu único sobrinho, residente em Madrid. Rimo-nos logo do caso, e em seguida quisemos tirar-lhe o retrato, ao que ela se opôs, resistindo, e foi até às lágrimas quando se fez menção de empregar a força; então deixamo-la tranqüila.

Às 4 horas da tarde desse mesmo dia recebíamos um telegrama de Madrid, participando-nos a morte do referido sobrinho, ocorrida nessa mesma manhã. Surpreendeu-nos tanto mais essa notícia quanto ninguém sabia, em Bordéus, que estivesse ele doente.

Devo acrescentar que minha avó educara esse sobrinho até a idade de 5 anos e que tinham um pelo outro profunda afeição.

Eis aí, caro mestre, os fatos tais quais se produziram em minha presença, e tais como vos podem atestar minha avó materna, meus pais e a empregada.

Daniel Beylard
Rua Denfert Rocheran, 77 – Paris.”

Pedi ao narrador desse caso muito interessante de telepatia que solicitasse das testemunhas o obséquio de atestá-lo também e elas apressaram-se em fazê-lo.

Ainda que aí estejam provas tão numerosas quanto irrecusáveis, acrescentar-lhes-emos ainda algumas outras. É preciso que não fique nenhum lugar à dúvida.

O marechal Serrano morreu em 1885. Sua mulher escreveu o seguinte relato de um curioso incidente relativo a essa morte.

LXIV – “Há longos doze meses que uma enfermidade muito grave – ai de mim! pois que devia levá-lo – minava a existência de meu marido. Percebendo que o seu fim chegava rapidamente, seu sobrinho, o general Lopez Dominguez, dirigiu-se ao presidente do Conselho de Ministros, Sr. Canovas, para obter que, por sua morte, Serrano fosse enterrado, com os outros marechais, em uma igreja.

O rei, então em Pardo, recusou aceder ao pedido do general Lopez Dominguez. Acrescentou, entretanto, que prolongaria sua estada no domínio real, a fim de que sua presença em Madrid não viesse a impedir que fossem prestadas ao marechal as honras militares devidas ao posto e à elevada hierarquia que ele ocupava no Exército.

Aumentavam dia a dia os padecimentos do marechal; ele não podia mais deitar-se e permanecia constantemente em uma poltrona. Uma manhã, ao romper da aurora, meu marido, a quem um estado de completo aniquilamento, causado pelo uso da morfina, paralisava inteiramente, e que não podia fazer um só movimento sem o auxílio de várias pessoas, levantou-se de súbito, sozinho, direito e firme, e com uma voz mais sonora do que jamais o tivera em sua vida, gritou no grande silêncio da noite:

– Depressa, que um oficial da ordenança monte a cavalo e corra do Pardo: é morto o rei!

Tornou a cair, esfalfado, em sua poltrona. Todos acreditamos tratar-se de delírio e nos apressamos em dar-lhe um calmante.

Ele acalmou-se, mas, alguns minutos depois, de novo se ergueu. Com uma voz débil, quase sepulcral, disse:

– Meu uniforme, minha espada; o rei é morto!

Esse foi o seu último sinal de vida. Depois de ter recebido, com os últimos sacramentos, a bênção do papa, expirou. Afonso XII morreu sem tais confortos.

Aquela súbita visão da morte do rei, por um moribundo, era verdadeira. No dia seguinte toda Madrid soube, com estupor, da morte do rei, que se encontrava quase só no Pardo.

O real cadáver foi transportado para Madrid. Por essa causa, Serrano não pôde receber a homenagem que tinha sido prometida. Sabe-se que, quando o rei está no palácio de Madrid, as honras são somente para ele, mesmo estando morto, desde que seu corpo aí se encontre.

Foi o próprio rei que apareceu a Serrano? O Pardo fica longe; tudo dormia em Madri; ninguém, a não ser meu marido, o sabia. Como pôde ter ele a notícia dessa morte? Eis uma coisa digna de meditação.

Condessa de Serrano (Duquesa da Torre).”

O Sr. G. J. Romanes, membro da Sociedade Real de Londres, consignou o fato seguinte que lhe foi comunicado por um de seus amigos:

LXV – “No correr da noite de 26 de outubro de 1872, senti-me de súbito muito indisposto e fui deitar-me às 9:30, cerca de uma hora mais cedo que de costume; adormeci quase imediatamente. Tive, então, um sonho muito intenso, que me causou grande impressão, de modo que, logo ao despertar, falei a respeito à minha esposa; temia que me anunciasse ele uma desgraça.

Eu me vi, em sonho, sentado no salão, perto de uma mesa, na atitude de quem lê, quando uma velha senhora apareceu repentinamente, sentada do outro lado, muito perto da mesa. Ela não falou nem se mexeu, mas olhou-me fixamente e do mesmo modo fixei-a durante vinte minutos pelo menos. Impressionou-

me vivamente o seu aspecto; tinha cabelos brancos, sobrancelhas muito negras e um olhar penetrante. Não a reconheci absolutamente e imaginei tratar-se de uma estrangeira. Minha atenção foi atraída para o lado da porta, que se abriu e, sempre em meu sonho, entrou minha tia. Vendo esta velha senhora, muito surpresa, ela exclamou, em tom de censura:

"John, não sabes então quem é?", e sem me dar tempo de responder, acrescentou: "É tua avó."

Do lugar em que se achava, o Espírito que me viera visitar levantou-se de sua cadeira e desapareceu. Nesse momento despertei. Tal foi a impressão, que tomei o meu carnê e registrei o estranho sonho, persuadido tratar-se de um mau presságio. Entretanto, passaram-se alguns dias sem que chegassem quaisquer más notícias. Uma tarde recebi uma carta de meu pai, anunciando-me a morte súbita de minha avó, que se verificou *na mesma noite do meu sonho* e na mesma hora (10:30).[89]

O Dr. Oscar Giacchi publicou os três casos seguintes nos *Annales des Sciences Psychiques* (1893, pág. 302):

LXVI – "***1º caso*** *(pessoal)* – Em 1853, era eu estudante em Pisa, contava 18 anos de idade, tudo me sorria então, e nenhuma preocupação do futuro me perturbava.

Uma noite, a 19 de abril (não posso bem precisar se se passou isso em sonho ou em estado de sonolência), vi meu pai estendido em sua cama, pálido, lívido e a me dizer com uma voz quase extinta: "Meu filho, dá-me o último beijo, pois que em breve eu te vou deixar para sempre"; e senti o frio contato de seus lábios sobre a minha boca. Lembro-me tão bem desse triste episódio, que poderia repetir com o divino poeta: "*che la memoria il sangue ancor mi scipa*".

Alguns dias antes havia eu recebido, a seu respeito, excelentes notícias e, por essa razão, não liguei importância a essa fantasmagoria do meu espírito; mas uma tortura horrível apoderou-se da minha alma e aumentou com tanta persistência, que na manhã seguinte, resistindo ao raciocínio e às advertências dos meus amigos, tomei o caminho de Florença, abatido qual condenado que se conduz ao suplício. As minhas angústias eram

fundadas, pois apenas franqueara o limiar da casa, minha mãe, correndo ao meu encontro, anunciou-me, em desespero, em meio a seus beijos e suas lágrimas, que na noite precedente, *à mesma hora de minha visão*, meu pai nos fora arrebatado por subitâneo colapso cardíaco.

2º caso *(em minha clientela)* – Tenho aqui, em minha casa de saúde para moléstias mentais, há mais de três anos, uma velha afetada de delírio senil que lhe deixa, entretanto, longos períodos de calma, durante os quais ela se mostra inteligente e tranqüila, de maneira a fazer acreditar em suas asserções. É uma pobre viúva que, ao tempo em que se achava em liberdade, era generosamente socorrida pelo cura de São João de Racconigi, que se apiedava de sua miséria. Na noite de 17 de novembro de 1892, esta mulher, que geralmente – então ela não sofria dessa inquietação – dorme um sono ininterrupto, começou à meia-noite a gritar, a se desesperar, alarmando todo o dormitório, sem excetuar as irmãs da seção dos tranqüilos, assegurando a essas religiosas, que procuravam acalmá-la, ter visto o prior cair ao chão, deitar uma espuma ensangüentada pela boca e morrer em poucos instantes. O relatório do médico de plantão mencionava esse episódio da noite, ao passo que ao mesmo tempo se espalhava na região a dolorosa notícia de que o cura de Saint-Jean morrera de fato, vítima de fulminante apoplexia, *à mesma hora* em que a velha tivera seu pesadelo.

3º caso *(idem)* – Um Sr. G. C., de Gottasecca, Comuna de Monesílio, fora admitido, havia dois meses, em uma casa de saúde. Seu estado melhorara e tudo fazia esperar a cura com essa prontidão que se verifica nas doenças mentais sem elementos hereditários na marcha degenerativa. Era perfeita a saúde física, ainda que houvesse sintomas de ateroma vascular. Mas, na noite de 14 de setembro de 1892, foi ele acometido de uma hemorragia cerebral que o arrebatou no dia seguinte. A 16 recebi de sua mulher, que até então guardara silêncio, uma carta postal em que me pedia, em frases cheias de ansiedade, notícias de seu marido, rogando-me responder-lhe imediatamente, porquanto ela receava que tivesse havido uma desgraça.

Tal coincidência de fatos e de datas não podia passar despercebida nem deixar-me indiferente. Escrevi, pois, imediatamente ao eminente Dr. Dhiavarino, médico da família, pedindo-lhe indagar das razões que levavam essa senhora a escrever-me de uma forma tão alarmante. Respondeu-me o doutor dizendo haver efetuado as necessárias indagações, tendo obtido os seguintes detalhes:

"Na noite de 14 e *precisamente à hora* em que C. foi acometido de apoplexia, sua esposa (que é dotada de temperamento excessivamente nervoso e estava então grávida de 7 meses), depois de haver experimentado grande abatimento moral durante toda a noite despertou em sobressalto, desesperada com a sorte de seu marido; e tal foi a emoção experimentada que ela se viu obrigada a acordar seu pai, a fim de contar-lhe o triste pressentimento e conjurá-lo a acompanhá-la desde logo a Rocconigi, persuadida de que alguma desgraça sucedera."

Esses três casos parecem-me dignos de ser tomados em consideração. Atribuí-los unicamente a uma coincidência fortuita parecer-me-ia de um cepticismo desprezível e isso até seria, segundo penso, um falso orgulho de persistir em negar que possam eles ser o efeito de uma lei biológica, pela razão de que ignoramos essa lei, como desgraçadamente ignoramos tantos outros mistérios da Psicologia.

A hipótese de uma transmissão misteriosa do cérebro daquele que sofre, ou se acha em situação difícil, ao da pessoa amada, é sedutora, porque em momento de supremo perigo, ou de horrível desgraça, poderia o pensamento fazer um esforço assaz poderoso para vencer as distâncias; mas no 2º e no 3º casos essa teoria não pode ser admitida, pela razão de que tanto o prior de Saint-Jean como G. C., acometidos como foram ambos, repentinamente, pela apoplexia, não puderam ter a força de pensar em seus queridos ausentes, e certamente a velha não podia ser amada pelo cura, a tal ponto que fosse para ela que se dirigisse a suprema invocação do moribundo."

Assinalarei ainda aqui, a propósito deste gênero de sonhos, um caso bem notável, observado pelo Sr. Frederic Wingfield, em Belle-

Isle-en-Terre (Côtes-du-Nord), já publicado em *Hallucinations Télepathiques*, pág. 101):

> **LXIX** – "O que vou escrever é precisamente a descrição do que se passou, e devo tornar bem claro, a propósito, que me sinto o menos disposto possível a acreditar no maravilhoso e que, muito ao contrário, tenho sido acusado, muito justamente, de um cepticismo exagerado, a respeito das coisas que não posso explicar.
>
> Na noite de quinta-feira, 25 de março de 1880, fui deitar-me depois de haver lido até muito tarde da noite, como era meu hábito. Sonhei que estava estendido em meu sofá e entregava-me à leitura, quando, erguendo os olhos, vi distintamente meu irmão, Richard Wingfield Baker, *sentado em uma cadeira diante de mim*. Sonhei que lhe falava, mas que ele simplesmente inclinava a cabeça, à guisa de resposta, depois se levantava e deixava o quarto. Quando acordei, pude constatar que me achava levantado, com um pé firmado no chão, perto da cama, e o outro nesta e que procurava falar e pronunciar o nome de meu irmão.
>
> A impressão de que se achava ele de fato presente era tão forte, e toda a cena com que eu sonhara mostrava-se tão vivamente, que deixei o quarto de dormir para procurar meu irmão na sala. Examinei a cadeira em que o tinha visto sentado, voltei à minha cama e procurei adormecer, porquanto esperava que a aparição de novo se produziria, mas o meu espírito achava-se muito agitado. Devo, entretanto, ter dormido pela manhã. Quando despertei, a impressão do meu sonho era muito viva e devo acrescentar que ela está sempre assim em meu espírito. O sentimento que eu tinha de uma desgraça iminente era tão forte que anotei essa "aparição" em meu diário, fazendo-o do seguinte modo: "Que Deus tal não permita!"
>
> Três dias depois, recebi a notícia de que meu irmão, Richard Wingfield Baker, morrera na quinta-feira, dia 25 de março de 1880, às 8:30 da noite, em conseqüência de terríveis ferimentos que recebera em uma queda, quando caçava."

O Sr. Wingfield enviou com essa carta o seu carnê, no qual, entre grande número de notas referentes a negócios, se lê a seguinte

menção: “Aparição noite de quinta-feira, 25 de março de 1880. R. B. W. B. Que Deus tal não permita!” Junto a essa nota, achava-se a seguinte carta:

“Coat-an-nos, 2 de fevereiro de 1884.

Meu Caro amigo,

Não preciso fazer nenhum esforço de memória para lembrar-me do fato a que vos referis, porquanto dele conservei nítida e precisa recordação. Lembro-me perfeitamente que no domingo, 4 de abril de 1880, tendo chegado de Paris nessa manhã mesmo, para passar aqui alguns dias, fui almoçar convosco. Lembro-me também perfeitamente que vos encontrei muito emocionado com a dolorosa notícia que vos tinha chegado da morte de um dos vossos irmãos. Recordo-me igualmente, como se fosse de ontem o fato, tanto me impressionou ele, que, alguns dias antes de conhecer a triste notícia, vistes ou acreditastes ver, achando-vos já deitado, mas em todo caso muito distintamente, vosso irmão, aquele cuja morte súbita acabáveis de conhecer, muito perto de vossa cama e que, na convicção em que estáveis de que era bem ele, vos levantastes e lhe dirigistes a palavra, e que nesse momento cessastes de vê-lo, como se ele se tivesse desvanecido assim como um espectro. Recordo-me que, sob a impressão bem natural que fora a conseqüência desse acontecimento, anotaste-o em um pequeno carnê em que costumais registrar os fatos mais salientes de vossa existência muito tranqüila e que me mostrastes esse carnê.

Pouco me surpreendeu o que me dizíeis então e disso conservei muito nítida lembrança, como em começo vos dizia, porquanto em minha família tenho casos similares nos quais acredito absolutamente.

Fatos semelhantes sucedem, crede-o bem, com muito mais freqüência do que geralmente se pensa. O que acontece, apenas, é que ninguém quer contá-los, porque todo o mundo desconfia de si ou dos outros, em casos análogos.

Adeus, caro amigo, até breve. Espero-o e crede sempre na expressão dos mais sinceros sentimentos de

Vosso muito devotado

Faucigny, *Príncipe de Lucinge*.”

O Sr. Wingfield acrescenta em resposta às questões:

“Jamais tive sonho dessa espécie, assim horrível, nem outro qualquer sonho de que tenha despertado com semelhante impressão de realidade e de inquietude e cujo efeito haja durado tanto após o despertar; jamais tive alucinações.

Cumpre assinalar que esse sonho se deu *somente várias horas após a morte.*”

Os documentos desse gênero são de tal modo numerosos que se torna difícil estabelecer preferência entre eles. Não podemos, entretanto, deixar de assinalar ainda um sonho não menos notável, que foi recentemente trazido a público, acompanhado de todos os documentos suscetíveis de garantir-lhe a absoluta veracidade, através das páginas da excelente revista especializada no assunto: *Annales des Sciences Psychiques*, do Sr. Dr. Dariex:

LXX – “Nos primeiros dias de novembro de 1869, parti de Perpignan, minha cidade natal, para ir continuar meus estudos de Farmácia em Montpellier. Compunha-se a minha família nessa época, de minha mãe e minhas quatro irmãs. Deixei-as muito felizes e de perfeita saúde.

A 22 do mesmo mês, minha irmã Helena, linda e vigorosa moça de 18 anos, a mais jovem e minha predileta, reunia na casa materna algumas de suas jovens amigas. Cerca de três horas após o jantar, dirigiram-se elas, em companhia de minha mãe, para a alameda dos Plátanos.

O tempo estava magnífico. Ao cabo de meia hora, minha irmã foi acometida de súbita indisposição.

– Mãe – disse ela – estou sentindo estranho calafrio percorrer-me todo o corpo; tenho frio e a minha garganta causa-me grande incômodo. Voltemos para casa.

Doze horas depois, a minha irmã bem-amada expirava nos braços de minha mãe, asfixiada, subjugada por uma angina diftérica que dois médicos foram impotentes para dominar.

Minha família – era eu o único homem para representá-las nos funerais – endereçou-me telegrama sobre telegrama para Montpellier. Por terrível fatalidade, que ainda hoje deploro, nenhum deles me foi entregue a tempo.

Ora, na noite de 23 para 24, dezoito horas depois da morte da pobre criança, fui presa de terrível alucinação. Voltara eu para casa às 2 horas da madrugada, com o espírito descansado e ainda saturado da felicidade que experimentara nos dias 22 e 23, consagrados a uma temporada de alegria. Recolhi-me ao leito muito contente. Cinco minutos depois estava dormindo.

Pelas 4 horas da manhã vi aparecer diante de mim o rosto de minha irmã, *pálido, ensangüentado, inanimado*, e um grito agudo, repetido, queixoso, vinha ferir meus ouvidos:

– *Que fazes, meu Luís? por que não vens, por que?*

Em meu sonho, agitado, nervoso, tomei um carro; mas, ai de mim! mau grado a esforços sobre-humanos, não conseguia fazê-lo avançar.

E eu via sempre a minha irmã pálida, ensangüentada, inanimada, e a ferir-me os ouvidos o mesmo grito estridente, repetido, amargurado:

– *Que fazes, meu Luís? vem, peço-te, vem!*

Despertei bruscamente, a face congestionada, a cabeça em fogo, a garganta seca, a respiração curta e ofegante, ao mesmo tempo em que meu corpo se banhava em suor. Saltei da cama, procurando acalmar-me. Após uma hora tornei a deitar-me; mas não pude recuperar a calma.

Cheguei à pensão às 11 horas da manhã, presa de uma incoercível tristeza. Interrogado por meus colegas, contei-lhes o brutal acontecimento, tal como o sentira. Valeu-me isso algumas zombarias. Às 2 horas dirigi-me à Faculdade, esperando encontrar no estudo algum repouso.

Saindo das aulas, às 4 horas, vi uma mulher de luto pesado dirigir-se a mim. A dois passos, levantou ela o véu. Reconheci minha irmã mais velha, que, inquieta a meu respeito, vinha, mau grado a sua grande dor, perguntar o que se tinha passado comigo. Comunicou-me o fatal acontecimento que absolutamente nada

me podia fazer prever, porquanto eu recebera ótimas notícias de minha família a 22 de novembro pela manhã.

Tal a narrativa que vos faço, sob palavra de honra, absolutamente verdadeira. Não emito opinião alguma; limito-me a contar o que se passou.

São decorridos 20 anos, mas a impressão que me deixou esse caso é sempre tão funda como no instante em que se verificou – sobretudo agora – e se os traços da minha Helena não me aparecem com a mesma nitidez, ouço constantemente aquele mesmo chamado angustioso, multiplicado, desesperado. "Que fazes, meu Luís? vem, peço-te, vem!"

Luís Noell
Farmacêutico em Cette."

Esta narrativa acha-se acompanhada de documentos destinados a confirmar-lhe a autenticidade. Desses documentos citaremos a seguinte carta da irmã do observador:

"Por solicitação vossa, pediu-me meu irmão para enviar-vos a narrativa do encontro que tive com ele em Montpellier, após a morte de nossa irmã Helena. Segundo o vosso desejo e o dele, venho, mau grado a amargura de tão dolorosas recordações, trazer-vos o meu testemunho.

Ao ver na rua o meu irmão, que foi o primeiro a reconhecer-me, apesar das mesmas vestes de luto, compreendi que ele ignorava ainda a morte de Helena. "Que desgraça veio sobre nós abater-se?" gritou ele. Sabendo, por minha boca, da morte de Helena, apertou-me ele nos braços com tal violência, que quase caí para trás. Entrando em casa, tive de suportar uma cena terrível. Louco de cólera, meu irmão, muito nervoso, muito veemente, mas também muito bom, quase me maltratou: "Que fatalidade – gritava –, que desgraça! Oh! os telegramas! Por que não os recebi, então?" E ele batia violentamente na mesa com ambas as mãos... Aos repetidos goles, ele esvaziou três grandes garrafas de água. Por um momento, eu o julguei louco, de tal modo o seu olhar se mostrava desvairado...

Quando recuperou a calma, algumas horas depois, disse: “Oh! eu estava certo disso, uma grande desgraça devia sobre mim abater-se.” Então me contou a alucinação que tivera na noite de 23 para 24.

Teresa Noell.”

Este sonho, como o precedente, verificou-se *depois* da morte da pessoa que parece tê-lo determinado. Não analisaremos aqui as causas imediatas de tais sensações, pois que mais adiante nos ocuparemos em distinguir as manifestações de mortos das de moribundos, de vivos: mas o que devemos ter em consideração é o sonho em si mesmo, qualquer que seja a natureza da ação psíquica. Diversas explicações podem ser propostas. Foi o espírito do autor que se transportou para junto de sua irmã e não achou mais do que uma morta? Ou, pelo contrário, foi sua irmã que o procurou antes de morrer e esse apelo teria levado dezoito horas para despertar a sensação?

Não teria havido simplesmente uma corrente psíquica, de natureza desconhecida, entre o irmão e a irmã?

Quantas questões a estudar!

Entramos em um novo mundo que não é muito fácil de ser explorado. Mas desde já, lendo-se esses sonhos, percebe-se, sente-se que a força em ação nem sempre vai do moribundo ao percipiente, mas antes, por vezes, daquele que sonha ao moribundo, assemelhando-se o fato ao da vista a distância.

Os casos números VIII (avó conduzindo seus netos através de um prado), XI (irmão moribundo em S. Petersburgo, com os filhos de joelhos perto do leito), XII (extenso préstito mortuário), XV (morte de um cão), XVII (criança a expirar sobre um edredom vermelho), XX (cinco ataúdes), XXI (morte de Carnot), XXXIX (vista do préstito de uma jovem, de Cartágena a Nantes), XLVI (o general de Cosigny caindo de uma escada), XLVIII (ferimento na espádua direita), LV (tiro de revólver recebido na mão), LVI (discípulo que vê o irmão do professor morto por uma carga de chumbo na cabeça), LXIV (o marechal Serrano anunciando a morte do rei), LXVII (velha que vê a morte de seu pároco), etc., dão essa impressão. Parece que

nesses casos o espírito de quem dormia *viu, percebeu*, sentiu coisas que se passavam ao longe.

Essa *constatação da vista a distância, em sonho*, fará o objeto do nosso próximo capítulo.

Nós temos, porém, como outros tantos documentos absolutamente demonstrativos, os 70 casos que vêm de ser relacionados e que confirmam, sob outro aspecto, as 186 manifestações de moribundos, expostas mais acima. Para nós *esses fenômenos psíquicos são certos e incontestáveis*. Devem eles, doravante, constituir um novo ramo da Ciência.

VIII

A visão a distância, em sonho, de fatos atuais

Parece, com efeito, conforme se verifica pelos exemplos já mencionados, que em certos sonhos se vê, de fato, o que se passa a distância. Continuaremos aqui esse exame por meio de outros casos especiais, observados e relatados com grande cuidado, sem retornarmos às manifestações de moribundos, que temos, de hoje em diante, como absolutamente demonstradas.

De mais, nos exemplos de visão a distância, em sonho, não nos ocuparemos senão da que se relaciona a acontecimentos presentes, atuais, reservando, em nossa classificação metódica, a adivinhação do futuro para o capítulo seguinte, que será o último deste volume. Deixaremos também para mais adiante a visão a distância em estado de vigília, do mesmo modo que a análise dos *pressentimentos*. Essas distinções são absolutamente indispensáveis para nos reconhecermos nestas pesquisas, para ajudar-nos de modo a que não aceitemos, não admitamos senão o que estiver suficientemente constatado e, em seguida, para conduzir-nos às explicações, se for possível.

Desde muitos anos constituem essas questões objeto de meus estudos. Publiquei o seguinte sonho no *Voltaire* de 18 de fevereiro de 1899; sonho que me fora comunicado por meu amigo Pierre Conil, nosso simpático confrade da imprensa parisiense:

> **I** – "Em 1884, fazia eu o 7º ano do curso no Liceu São Luís. Nessa época, um dos meus tios, José Conil, juiz de instrução na ilha de Bourbon (hoje ilha da Reunião), tinha vindo a Paris para consultar as celebridades médicas de então a respeito de uma grossura que, tendo-se a princípio declarado sobre o pescoço, detrás da orelha, invadira pouco a pouco toda a face e ganhara a cabeça.
>
> Dormia eu, certa noite, profundamente, quando um sonho me transportou a Courbevoie (meu pai e minha madrasta passavam o verão nesse lugar para onde haviam transportado meu tio).
>
> No grande quarto do primeiro, dando para o jardim, deitado em sua cama de cortinados vermelhos, meu tio estava rodeado

por meu pai e minha madrasta; perto do leito, sentada e orando, uma velha criada bretã, Luísa, que desde muitos anos estava ao nosso serviço.

Meu tio falava ora a uma, ora a outra das pessoas presentes. Fazia ele a meu pai e a minha madrasta algumas recomendações concernentes a minha irmã e a mim, e eu ouvia muito distintamente as suas palavras. A Luísa deu ele a sua bolsa.

– Tomai – dizia-lhe –, tratastes-me como uma irmã de caridade.

Ainda ouço os soluços dessa filha devotada. Fez-se silêncio que Luísa quebrou:

– Sr. José, há bem três meses que não tendes podido abrir vosso olho direito. Olhai, eu tenho uma medalha da Virgem d'Auray: colocai-a sobre o vosso olho e ele se abrirá.

Meu tio esboçou um sorriso, tomou a medalha, colocou-a sobre as pálpebras que, quase no mesmo instante, se abriram e assim permaneceram alguns minutos.

Meu tio era muito crente:

– Não passarei desta noite, sinto-o. Luísa, ide chamar-me um padre.

Luísa partiu. Meu pai e minha madrasta tomaram as mãos do doente, que continuou a conversar com eles sem que eu perdesse uma única das palavras trocadas.

O padre chegou. Deixaram-no a sós com o querido moribundo. Assisti à confissão, mas *não ouvi uma única palavra*.

O padre saiu. Meus pais e Luísa voltaram. Dentro em pouco a agonia começou e observei-lhe todos os detalhes dilacerantes...

Meu bem-amado tio exalou prolongado suspiro. Estava morto...

Quando despertei, o relógio do colégio batia 2 horas da manhã. Eu tinha os olhos cheios de lágrimas.

"Devemos tomar os sonhos em sentido contrário", disse de mim para mim. "Sonhei que meu tio estava morto, é que ele está passando bem."

Domingo, pela manhã, um velho amigo de minha família veio procurar-me e transmitiu-me a triste notícia. Chegando a Courbevoie, meu pai transmitiu-me as últimas recomendações de meu tio... e essas recomendações eram as mesmas que *eu ouvira*. Vivamente impressionado, tomo a palavra e pergunto a meu pai:

– Meu tio disse isto assim, assim?

– Disse.

– Seus últimos instantes não se passaram desta forma? – e narrei tudo o que tinha *visto* e *ouvido*. Tudo era de absoluta exatidão.

– Mas como sabes disso? – interrogou meu pai.

– Papai, eu o sonhei. Mas, dize-me, a que horas morreu meu tio?

– Precisamente às 2 horas.

– Exatamente – repliquei – foi essa a hora em que despertei!"

A cerebração inconsciente não explica esta espécie de sonhos, como também não explica os do precedente capítulo.

No caso em apreço parece que o espírito do autor, transportando-se, viu a distância o que se passava no quarto de seu tio agonizante. Em outro sonho, o Sr. Conil viu o Havre, antes de aí ter ido e lhe *reconheceu perfeitamente* os cais e as ruas, quando os visitou pela primeira vez.

Eis alguns outros exemplos da mesma ordem, extraídos do *dossier* do meu inquérito:

(Carta 4)

II – "Várias vezes, no curso dos meus trinta e oito anos de vida sacerdotal, fui instintivamente impelido para junto do leito de moribundos que eu não sabia estivessem doentes.

Certa noite, à 1 hora da madrugada, desperto bruscamente, vendo em seu leito um dos meus paroquianos que estava morrendo e me chamava em altos brados. Em cinco minutos eu estava vestido e, levando à mão uma pequena lanterna, corri à casa do doente. No caminho encontro um emissário que vinha às carreiras procurar-me.

Chego perto do moribundo, que havia perdido os sentidos: ataque apoplético. Tive apenas tempo de recitar a fórmula da absolvição. Em seguida morreu.

Ora, esse homem tão forte, tão robusto, deitara-se às 9 horas da noite nas melhores condições que se pode imaginar.

Bonin
Cônego honorário, Cura de Couze (Dordogne).”

(Carta 20)

III – “Eu tinha ótimos amigos, fazendeiros em Chevennes, mas desde algum tempo não os via. Certa noite tive um horrível pesadelo: vejo o incêndio a devorar a fazenda desses amigos. Eu fazia esforços sobre-humanos para correr, a fim de chamar por socorro e permanecia impotente; nenhuma voz saía da minha garganta, meus pés estavam como que pregados ao solo. Desse modo, vi o fogo comunicar-se a vários edifícios; enfim, no instante de um desmoronamento geral, fiz um esforço violento para desvencilhar-me dos escombros e despertei, com a garganta seca, imensamente fatigado. Saltei da cama. Nesse instante, minha mulher despertou. Contei-lhe o meu sonho. Ela riu muito de me ver assim tremendo tanto.

No correr do dia seguinte, recebo um expresso comunicando-me que uma parte da fazenda havia sido destruída por um incêndio.

Georges Parent
Prefeito em Wiège-Faty (Aisne).”

(Carta 24)

IV – “Meu pai, Palmero, engenheiro colonial de pontes e calçadas, natural de Toulon, depois de haver passado vinte anos na ilha da Reunião, onde se casara e onde lhe nasceram cinco filhos, pediu aposentadoria e veio residir em Toulon, isso em 1867.

Minha mãe, que nascera na Reunião, de uma das mais nobres famílias, não deixou seu país sem um aperto do coração, tanto mais que ela deixava seu pai e sua mãe em situação que os reveses da fortuna haviam grandemente rebaixado.

Os primeiros anos passados em França, onde lhe era tudo desconhecido, foram tão penosos para ela, que meu pai, cuja bondade era inigualável, tomou a secreta resolução de mandar buscar seus pais para junto de nós.

Tomou todo o cuidado de não o dizer à sua esposa que, mau grado o grande amor dedicado a seu pai e à sua mãe, opor-se-ia a uma determinação de tal modo dispendiosa e cujas conseqüências podiam ser tão prejudiciais aos interesses de uma família de sete pessoas que viviam a expensas da aposentadoria de meu pai.

Minha mãe, pois, ignorava, e por várias razões, a resolução tomada por meu pai e, embora o soubesse, não acreditaria. Meu avô e minha avó, ambos de idade muito avançada, viviam na Reunião, no meio de outros filhos, cercados de cuidados e das mil satisfações procuradas por uma existência honesta e tranqüila.

Nada, portanto, fazia prever que eles aceitariam, como resolveram, a proposta do genro.

Deixando tudo, vendendo os poucos móveis que tinham, impelidos por essa força desconhecida que se chama destino, tomaram esses dois velhos o primeiro paquete para a França, sem escrever (sua carta chegaria depois deles), sem telegrafar (não havia comunicação alguma, nessa época, entre Bourbon e a metrópole).

Estava-se, portanto, sem notícias, quando uma noite do mês de maio de 1872, minha mãe, despertando em sobressalto, disse a meu pai:

– Meu amigo, meus filhos, levantai-vos, acabo de ver passar papai e mamãe, diante de Toulon, em um navio; vesti-vos, temos apenas tempo de lhes preparar o quarto.

Meu pai, que não julgava ter sido assaz persuasivo em sua carta e não podia supor que um paquete houvesse deixado a ilha da Reunião alguns dias após a chegada daquela carta, pôs-se a rir e aconselhou minha mãe a voltar para a cama e deixar que os filhos dormissem.

Passada a primeira emoção, rendeu-se minha mãe a esse conselho e tornou a deitar-se, não sem repetir que estava certa de *ter visto passar em um navio seu pai e sua mãe diante do porto de Toulon*.

No dia seguinte, recebíamos um telegrama de Marselha comunicando-nos a chegada de vovô e vovó, por um paquete da *Messageries Maritimes*. Passando na véspera à vista de Toulon, haviam nos enviado seus beijos e sua saudade.

Palmero
Agente dos Correios e Telégrafos, em Marselha."

(Carta 31)

V – "Estando meu pai em um internato, a 60 quilômetros aproximadamente da sua casa, foi certa noite despertado em sobressalto pela idéia, tão dolorosa quanto súbita, de que sua mãe estava morrendo (seria um sonho?). Não pôde mais dormir até de manhã, tomado de grande pavor e, assim que se levantou, foi pedir ao diretor do internato autorização para regressar à casa. Foi-lhe isso recusado.

Uma carta de seu pai deu-lhe a conhecer que nessa mesma noite e *à mesma hora* sua mãe, que estava desenganada, recebera os sacramentos e se referira a ele diversas vezes. Mas depois de ter estado tão perto da morte, ainda viveu durante longos anos.

Bernard Vandenhougen (Mantes)."

(Carta 50)

VI – "Faz alguns anos residia eu numa propriedade situada a alguns quilômetros de Papeete, sede de nossos estabelecimentos franceses da Oceania. Eu devia tomar parte em uma sessão noturna do Conselho Geral e, pela meia-noite, deixando a vila, sozinho, em uma pequena charrete inglesa, fui surpreendido por uma tempestade medonha.

Apagaram-se as minhas lanternas. A estrada que eu seguia, marginando o mar, estava absolutamente negra; meu cavalo espantou-se e disparou. De repente experimentei violento choque: a minha viatura acabava de quebrar-se contra uma árvore.

As duas rodas, com o seu eixo, ficaram no lugar do acidente e eu, projetado entre o cavalo e a caixa da charrete, meio esfacelada, fora arrastado pelo animal espantado, em vertiginosa carreira, no curso da qual deveria eu ter corrido cem vezes o risco de ser morto.

Não tendo, entretanto, perdido meu sangue frio, consegui dominar meu cavalo e desvencilhar-me daqueles destroços sobre os quais me encontrava. Gritei por socorro unicamente por mera formalidade, pois me encontrava em região absolutamente deserta.

De súbito, percebo uma luz que parecia dirigir-se para o meu lado e alguns instantes depois chega minha mulher, tendo percorrido uma distância de perto de dois quilômetros para vir diretamente ao local do acidente.

Contou-me ela que, estando a dormir, foi subitamente despertada, *vendo muito nitidamente que eu estava em perigo de morte* e, sem hesitar, acendera uma lanterna e, debaixo da chuva torrencial, correra em meu socorro.

Sucedia-me, com muita freqüência, regressar da cidade tarde da noite; jamais, porém, minha mulher experimentara a menor inquietação a meu respeito. Nessa noite ela realmente viu o que se passava comigo e não pôde resistir à imperiosa necessidade de se dirigir ao meu encontro.

Quanto a mim, não tendo lembrança alguma de lhe haver dirigido um ardente apelo mental, caí das nuvens, confesso-o, quando, a mais de cem metros de mim, em meio da treva, escuto uma voz a gritar-me:

– Sei que estás ferido, mas eis-me aqui!

Jules Texier (Chatellerault).”

(Carta 61)

VII – “Residia eu em Cette, com minha esposa, minha sogra e minhas duas filhas, numa “vila” sobre a vertente da montanha. Eu ia todas as manhãs à cidade, conduzido por um carro alugado, mensalmente, que me vinha buscar às 8:30 da manhã. Ora, um dia despertei às 5 horas, após um sonho horrível.

Acabava de ver *uma jovem cair de uma janela* e morrer na queda. Contei esse sonho à minha família: eram 7 horas, momento em que todos se levantavam; ficaram emocionados com o meu sonho. Desci para o jardim a aguardar o carro que às 8 horas devia buscar-me, como de costume; mas somente às 9:30 ele chegava. Queixava-me desse atraso que me trazia transtornos em meus afazeres. Mas o cocheiro me disse que se viera substituir seu patrão, que tinha o hábito de vir buscar-me, é que nessa mesma manhã, às 5 horas, sua filha (de 10 anos, suponho) *caíra da janela* e morrera.

Eu jamais vira essa moça.

Martin Halle
Rua Clément Marot, 19, Paris."

(Carta 166)

VIII – "Tive há seis anos um segundo filho que, devido ao meu estado de saúde, minha mãe levou para sua casa ao dia seguinte do nascimento, a 60 léguas, para fazê-lo nutrir sob as suas vistas. Estive doente, depois entrei em convalescença. Começava a levantar-me e (tenho necessidade de dizê-lo?) meu pensamento estava incessantemente com o querido entezinho que me tiraram tão cedo, mal eu o tinha entrevisto.

Tínhamos freqüentemente notícias dele e essas notícias eram muito satisfatórias; não poderíamos estar mais tranqüilos a seu respeito.

Certa manhã, acordo com uma opressão singular; tinha visto, à noite, em sonho, o meu filho *corcunda*. Disse-o a meu marido e me pus a chorar; ele riu-se de mim. Logo que me levantei, durante sua ausência, escrevi à minha mãe, dizendo-lhe do meu sonho e pedindo que nos escrevesse sem perda de tempo, falando detalhadamente do querido anjinho.

Respondem-nos fazendo mil referências elogiosas ao pequeno: era um bochechudinho magnífico; enfim, um avô orgulhoso de seu neto... Tempos depois, minha mãe, que não me via, desde o último parto, veio visitar-nos e, à noite, na intimidade do lar, revelou-nos, a meu marido e a mim, que minha carta fizera-a

adoecer de pavor; com efeito, no momento em que essa carta chegava, *meu filho estava corcunda*. Estivera assim durante uns quinze dias, não fora nada em realidade, pois que algumas massagens inteligentemente feitas suprimiram esse pequeno defeito. Mas, tanto minha mãe, como a ama, sem dizerem nada a ninguém, tinham estado realmente inquietas. Minha carta chegara no momento mais crítico da ocorrência, quando, desesperada, minha mãe mostrara a criança ao médico, que imediatamente a tranqüilizou, recomendando-lhe não alarmar-me inutilmente.

Maria Duchein (Paris).”

IX – “Achava-me em casa de uma de minhas amigas, no mês de outubro de 1896. Tendo de dar alojamento a soldados, por causa da revista do czar, e achando-se entre eles o cozinheiro, este, no momento de partir, empacotou juntamente com as suas, inadvertidamente, uma coberta da casa.

Logo que partiram, deu-se pelo desaparecimento da dita coberta. Imediatamente a minha amiga escreveu e, no dia seguinte, pela manhã, levantando-se, disse-me ela:

– Maria, sonhei que receberia hoje a minha coberta e, ao mesmo tempo, uma carta. Mas, o que há de mais curioso é que *o papel da carta é róseo, inteiramente escrito*, sem um lugar, sem o menor cantinho esquecido, e o envelope deve ser branco!

Esperamos com impaciência o carteiro, que nos trouxe, com efeito, a coberta e a carta em um envelope branco, sendo o papel cor de rosa, com as quatro páginas *cobertas de letras*.

Como é que a minha amiga pôde adivinhar assim, com tanta exatidão, por meio de um sonho?

Maria Bouvry (Brimont).”

(Carta 146)

X – “Tenho um irmão atualmente com 29 anos, que em 1889 partiu para Santiago do Chile. Tinha ele o hábito de nos dar notícias suas muito regularmente. Em uma carta recebida em 1892 (a data não recordo com exatidão), disse-nos mamãe ter visto, em sonho, meu irmão doente e *conduzido ao hospital*,

sobre uma padiola. Gastam as cartas cerca de 35 dias para fazer o trajeto de Santiago à França. Cinco meses se passaram sem notícias. Chega-nos afinal uma carta, na qual meu irmão nos diz *ter saído* do hospital, onde estava em tratamento havia cinco meses; para aí tinha sido transportado acometido de febre tifóide, tendo tido em seguida uma pleurisia.

Maria Vialla
Rua Victor Hugo, 30, Lyon."

(Carta 177)

XI – "Um tio de minha cunhada, que vive ainda e que se achava então no campo, a cerca de 60 quilômetros de Bayonne, sonhou certa noite que um de seus amigos íntimos, o Sr. Rausch, *fora assassinado na alameda marítima de Bayonne*, quando entrava em casa.

No dia seguinte, pela manhã, o Sr. Bonin, tio de minha cunhada, contou o sonho, sem revelar, aliás, confiança nesse fato; mas pouco depois recebeu a notícia de ter sido o seu amigo assassinado na alameda marítima de Bayonne, por espanhóis, na mesma noite em que tivera o aludido sonho.

Assino estas linhas que encerram a expressão da verdade, mas ficar-vos-ia grata se não publicásseis nem o nome de minha família nem o meu.

G. F. (Bordéus)."

(Carta 204)

XII – "Em 1872 ou 1873, minha mãe, ainda moça, residia na rua "des Tonnelles", em casa de sua mãe. Ela conhecia uma família, Morange, de gente pobre, residente na rua Saint Antoine, perto do Liceu Charlemagne. Um sábado, à noite, ela encontra essa família e a pequena Morange, que a queria muito, vem mostrar-lhe um vestido novo, posto naquele mesmo dia. Deixando a menina, minha mãe entra em casa. Na manhã seguinte, ao despertar, conta-lhe sua mãe *haver sonhado que a família Morange estava morta*.

No correr dessa manhã mesma, sabe-se que todos eles morreram durante a noite no incêndio de sua casa.

Marcel Gerschel
Arrabalde Saint Denis, 80, Paris.”

(Carta 234)

XIII – “Posso afirmar-vos, como absolutamente autêntico, um fato que se passou há alguns anos. Vi uma noite, em sonho, duas senhoras de meu conhecimento, *de luto fechado*, ainda que eu, então, não tivesse a menor idéia de que tivesse morrido ou se achasse enfermo qualquer membro de sua família. Interroguei-as e vim a saber que traziam luto por um senhor, irmão de uma e marido de outra.

Dias depois soube que o falecimento se verificara na mesma noite do meu sonho. Dera-se a morte em Moscou; as senhoras estavam na Alemanha e eu morava em Mitan (Courlande, Rússia).

Sofia Hersenberg (Mitan).”

(Carta 279)

XIV – “Há trinta anos morava minha família em Marselha. Uma noite disse-nos meu pai haver sonhado, na noite precedente, que sua mãe, residente na Alsácia e que ele ignorava estivesse doente, havia morrido.

Alguns dias depois era ele cientificado de que, efetivamente, sua mãe falecera naquela noite.

N. Nische (Chalons-sur-Marne).”

(Carta 312)

XV – “***A***. – Quando eu era moça, assisti em sonho ao roubo de um cavalo de meu marido por dois indivíduos, e a todas as precauções tomadas para fazê-lo sair da estrebaria sem ruído. Ao despertar, contei o sonho a meu marido, que foi à estrebaria, achando-a vazia. Três anos mais tarde os ladrões foram presos e meu marido foi indenizado.

B. – Vejo, certa noite, em sonho, um amigo de meu marido; achava-se em um subterrâneo, cercado por minha mãe e minhas irmãs falecidas, para com as quais esse senhor nutria viva

simpatia. Ele achava-se envolto em longas vestes brancas, veio a mim fazendo-me profunda saudação; depois desapareceu, o mesmo sucedendo àquelas pessoas da minha família. Alguns dias depois meu marido morria.

Se julgardes útil mencionar esses dois sonhos, não citeis o meu nome, sou viúva e vivo modestamente em meu retiro.

Viúva C. F."

(Carta 396)

XVII – "No dia 13 ou 14 do mês de outubro de 1898, despedia-me da Sra. G., com quem passara alguns dias, para voltar à minha casa. Na noite seguinte ela viu em sonho um naufrágio, sendo grande o número de afogados. Queria, ao despertar (persuadida, por outros exemplos, que dispõe de uma espécie de segunda vista), telegrafar-me para pedir-me que não viajasse; mas foi impedida de fazê-lo por seu marido.

A 15 de outubro os jornais anunciavam uma grande tempestade e a perda de um navio, ocasionando uma centena de mortes. Felizmente, para mim, não era ainda a minha vez.

P. P.
Doutor em Direito, em Philippeville."

(Carta 447)

XVIII – "a Sra. B. residia há vários anos em uma "vila" perto da cidade de Yokohama. Tinha ela o hábito de deitar-se uma hora antes do jantar. Uma tarde (não se recorda ela bem se estava inteiramente acordada ou ainda meio adormecida) ela repentinamente grita:

– Ah! meu Deus, o Sr. N. está se afogando! Salvai-o, salvai-o!... Ah! morreu!...

Viu-o distintamente. Seu marido procura tranqüilizá-la, rindo-se do sonho, como disse ele, mas pouco tempo depois um mensageiro vem participar-lhe que o seu amigo, Sr. N., se afogara quando tomava seu banho habitual no rio, antes de subir à "vila" desse casal, para jantar com eles.

A intenção de jantar com os esposos B. facilmente explica que ele pensou em seus amigos no momento de dirigir-se ao banho. A hora do acidente e a do "sonho" da Sra. B. coincidiam exatamente.

F. E. Bade (Hamburgo)."

(Carta 463)

XIX – "Nos primeiros dias de abril de 1884, em Nice, sonhei que meu marido, deitado e doente, me dizia: "Vem abraçar-me." (vivíamos separados desde muito tempo). Realizava-se então a Exposição de Nice. A 11 de abril, sexta-feira santa, uma voz me disse: "Vai à exposição hoje, ou não o verás mais." Na noite de 12 para 13 chegou um telegrama: meu marido estava acometido de congestão. No dia 13 parto para Paris. Vi meu marido, no Val-de-Grâce, *tal como em meu sonho*; expirou no dia 15, sem recuperar os sentidos.

Desejo conservar-me incógnita: usai simples iniciais, peço-vos.

Viúva A. S. (Nice)."

(Carta 540)

XX – "Tenho para contar-vos um sonho que tive há cerca de seis anos e que me impressionou fortemente, ainda que eu não seja supersticiosa.

Era eu, nessa época, professora em um internato do Departamento do Aisne. Sonho, uma noite, que caminhava na principal rua da cidade, quando, erguendo os olhos, avisto, em um céu muito claro, na direção de nordeste, uma grande cruz negra, por baixo da qual pude ler bem distintamente as duas letras seguintes: M M.

No dia seguinte contei o meu sonho, procurando em vão saber se alguém de minha família tinha um nome começado por essa mesma inicial; não encontrando, pensei em outra coisa. Alguns dias depois (não poderia infelizmente precisar a data com exatidão), recebo uma carta participando-me que uma de minhas tias, residente em certa aldeia situada ao nordeste de nossa

cidade, e que se chamava Margarida Marconnet, acabava de morrer.

Essa coincidência entre meu sonho e tal morte era tão surpreendente, que jamais pude esquecê-la, e o que sobretudo me causa admiração é que, conhecendo muito bem minha tia, não a via senão raramente, já fazendo muito tempo que não a via e nela quase nunca pensava.

L. Marconnet (Montbéliard).”

(Carta 563)

XXI – “Li, há alguns anos, em um jornal mensal (inglês), que um amigo de Sir John Franklin vira em sonho que o dito Franklin fracassava em sua expedição ártica e que esse amigo, chamado, se bem me recordo, Walter Snoo, vira toda a região em que sucedera a desgraça.

Imediatamente ele desperta e, sendo bom desenhista, toma um lápis e desenha as embarcações, os blocos de gelo circundantes, toda a região, em suma.

Enviou então esse desenho a um dos seus amigos, proprietário de um grande jornal americano ilustrado, no qual foi inserido o desenho com uma sucinta menção das impressões de Walter Snoo; não se podia ter, naturalmente, opinião alguma sobre a exatidão do acontecimento desenhado.

Quando foram achados, muito tempo depois, os despojos mortais de Franklin e de seus companheiros nas geleiras árticas, as testemunhas oculares desenharam também o lugar, a posição dos corpos inertes e gelados, as embarcações, os cães atrelados e mortos: tudo concordava com o desenho anterior.

Não sei o nome do jornal ilustrado, nem do mensário inglês, mas para vós seria sem dúvida uma coisa fácil constatar, por meio de vossas relações com o mundo inteiro, a exatidão desta carta que ouso escrever-vos.

Dr. Bronislaw Galecki
Advogado. Praça da Catedral.
Farnow, Galícia (Áustria).”

(Carta 625)

XXII – “Posso certificar-vos a absoluta autenticidade dos seguintes fatos:

Tinha eu então 7 anos. Minha mãe, que jamais havia consentido em separar-se de mim, rendeu-se um dia, entretanto, ao desejo de uma de minhas tias e me deixou partir com ela para a província, após mil recomendações.

Decorrera um mês sem incidente algum, nem acidentes, quando, certa manhã, minha mãe corre a toda pressa à casa de meu tio e lhe diz o seguinte:

– Escrevei, peço-vos, bem depressa à minha irmã, para pedir-lhe notícias de minha filha, pois estou em inquietação mortal! Esta noite eu a vi, em sonho, coberta de sangue e estendida sem vida em uma estrada. Sucedeu-lhe com certeza alguma desgraça, tenho o pressentimento disso. Ora, vós sabeis que nessas coisas eu jamais me engano.

Meu tio, rindo-se de minha mãe, disse-lhe que sua esposa era bastante prudente para não expor-me a perigo algum. No próprio dia seguinte, recebia ele uma carta, escrita na véspera, em que lhe contava sua esposa, com a recomendação de nada dizer à minha mãe, o acidente que me sucedera.

Na mesma noite em que minha mãe me tinha visto coberta de sangue, levara-me minha tia com três outras pessoas, de carro. Estava a noite escura, apagou-se a lanterna e achamo-nos em pleno campo, sem saber onde estávamos, quando subitamente o cavalo, que trotava tranqüilamente, empinou-se, precipitando-se num valado que marginava a estrada, arrojando por terra as pessoas que se encontravam no carro, não se sabe como, sem a menor arranhadura, somente eu, que nesse momento dormia profundamente, fui lançada, pelo choque, sob o ventre do animal, que me fustigou o rosto e o peito com as patas e, nos esforços que fazia para erguer-se, dilacerava-me nas pedras da estrada, sobre as quais arrastara especialmente o lado direito do meu rosto.

Corria o sangue em abundância; eu estava com a orelha dilacerada; ouvia os gritos desesperados que me chamavam e não

lhes podia responder, não havendo, como já o disse, luz alguma nessa noite escura!... Chegaram, enfim, socorros de uma casa pouco distante e foram achar-me desmaiada, em deplorável estado. Um homem em mangas de camisa passara diante do cavalo e o espantara.

G. D.
Avenida de Saxe, 58, Paris."

(Carta 661)

XXIII – "Certa manhã (tinha eu, a essa época, 17 anos), pelas 7 horas, acordo; de novo adormeço até às 8 horas e sonho que passava diante de uma casa onde residia uma família minha conhecida, mas que eu não freqüentava. Tinha essa casa um armazém e eu sonhava que via esse armazém fechado, com um papel branco colado à porta, no qual se achava escrito: "Falecimento". Acordo e conto o meu sonho a mamãe, que me mostrou o jornal em que vinha essa morte noticiada.

Essa coincidência não provará um certo deslocamento da alma durante o sono, circunstância sem a qual não poderia eu ter tido o sonho em questão, atendendo-se a que coisa alguma me fazia pensar em um falecimento nessa família?

Marie Louise Milice
Rua Boudet, 33 (Bordéus)."

(Carta 662)

XXIV – "Uma de minhas amigas, atualmente cobradora dos Correios em Louvigné-du-Dezert (Ille-et-Vilaine), a Srta. Blanche Susanne, era, talvez há uns 25 anos, noiva de um moço, filho de agricultores, que entrara para os estudos. Um dia sonhou ela que seu noivo lhe dirigira uma longa carta, na qual escrevera a frase seguinte, pouco mais ou menos: "Eu teria feito melhor se permanecesse à charrua do que entrando para os estudos."

De manhã a moça contou seu sonho a sua mãe, citando a frase; depois, dirigiu-se ao seu trabalho. Após algumas horas chega o carteiro, trazendo para essa jovem criatura uma carta de seu noivo. A frase do sonho *estava aí escrita integral* e identicamente.

Henriette François
Bromberg-Posen (Alemanha).”

(Carta 679)

XXV – “Eis o que aconteceu a meu pai, conselheiro de Estado, homem de idade, septuagenário, por ocasião de sua temporada no campo, onde viera gozar um pouco de repouso. Era dia de Santo Elias. No campo, onde não há distrações nem mudanças, onde todos os dias se parecem, não tinha meu pai consciência do tempo e esquecera mesmo que era dia santo.

Nessa manhã, ao almoço, contou-nos um dos sonhos da noite precedente: vira sua cunhada, que estava longe dele, perguntando se as exéquias de seu marido deviam ser realizadas no dia de Santo Elias ou em outro dia. Contando-nos o sonho, ficou meu pai muito admirado de saber que justamente esse era o dia de Santo Elias. Depois de haver refletido e discutido sobre a estranheza dos sonhos em geral, tomou meu pai o trem, para dirigir-se à cidade, prometendo voltar na mesma noite. Qual não foi a nossa surpresa, quando, após sua chegada, recebemos de sua cunhada um telegrama comunicando-nos a morte de seu marido, ocorrida no dia de Santo Elias!

Maria de Lesley
Riga-Orel, gov. de Sanolensk (Rússia).”

(Carta 683)

XXVI – “Eu tinha uma filha com a idade de 15 anos, minha alegria, meu orgulho; deixara essa criança com minha mãe, ausentando-me para uma pequena viagem. Devia regressar à casa a 17 de maio de 1894; ora, a 16, sonho que minha filha está muito mal, que ela me chama, a chorar, com todas as suas forças. Acordo muito agitada, dizendo que todo sonho é mentira.

No correr do dia, recebo uma carta de minha filha, não se queixando, contando-me o que se passa em nossa casa. Volto no dia seguinte para casa; não vejo minha filha correr ao meu encontro, conforme o seu costume; uma criada me informa que foi acometida de um mal súbito; subo à pressa: uma forte dor de cabeça a fazia sofrer; meto-a na cama. Pois bem: ela não mais se

levantou; uma angina diftérica se declarou dois dias depois e, mau grado a todos os nossos cuidados, a pobre criança expirava a 29 de maio.

Ora, duas noites antes dessa desgraça eu estava deitada em minha cama, em um gabinete separado por uma porta, fechava os olhos e não podia dormir; quanto à minha filha, estava adormecida; a enfermeira velava. De repente, uma viva claridade penetra na obscuridade do quarto, com uma rapidez e um brilho que lembra o sol do meio-dia, no mês de agosto. Chamo a enfermeira. Ela demora um pouco para responder-me; nesse ínterim já eu estava perto do leito de minha filha, a luz extinguira-se; o clarão tinha desaparecido. A enfermeira parecia amedrontada; em vão interroguei-a, mas no dia seguinte ela disse às pessoas da casa, e ainda no presente o afirma, que avistou meu marido, falecido seis meses antes, aos pés da cama de minha filha.

Essa pessoa é viva, tem 46 anos e o repete a quem quer ouvi-la.

Mme. R. de L. (Lacapelle).”

(Carta 684)

XXVII – “***A***. – Num destes últimos dias achava-me muito nervosa, pensando em meu falecido esposo, morto há sete anos, quando, ao deitar-me, tomo um jornal em que leio a crítica a um dos livros escritos pelo Sr. K.

Depois de haver lido essa crítica, tive o desejo ardente de obter o livro em apreço, tanto mais que o Sr. K. era um velho amigo de meu marido.

No dia seguinte, chegando ao colégio de moças, onde sou professora, uma das alunas da classe superior me traz um livro e diz:

– Senhora, muito desejaria que lêsseis este livro e que a respeito me désseis a vossa opinião.

Abro-o e vejo que era o livro por mim tão desejado no dia antecedente.

B. – Se esse fato fosse único, eu o teria talvez deixado em silêncio, mas no curso da mesma semana um segundo fato ocorreu que igualmente me impressionou. Sonhei com uma das alunas que já partira para uma outra cidade e que não mais eu vira, desde o ano anterior. Eu a vi no sonho com os cabelos cortados.

No dia seguinte, no ginásio, uma das alunas da minha classe se aproxima de mim e diz:

– Senhora, recebi carta de minha amiga Z.; ela me pede para transmitir-vos suas saudações; acha-se muito contrariada neste momento porque lhe cortaram os cabelos...

Por que esses dois fatos tão extraordinários na mesma semana?

M. Onanoff
Fagauray, Mar d'Azov."

Vê-se que os exemplos de visão a distância, em sonho, não faltam. Eis ainda alguns outros. Parece-nos claro que essas observações, tão repetidas, tornam impossível toda negação.

Estes são extraídos das *Alucinações Telepáticas*. O primeiro é do Dr. Gaodall Janes, residente em Liverpool, 6, Prince Edwin Street.

XXIX – "A Sra. Jones, esposa de William Jones, piloto em Liverpool, guardava o leito no sábado, 27 de fevereiro de 1869. No dia seguinte, domingo, quando fui vê-la, às 3 horas da tarde, encontrei seu marido que estava em caminho para vir buscar-me, porque sua esposa delirava. Contou-me que, pouco mais ou menos meia hora antes, estava ele entretido a ler, no quarto de sua esposa. De repente ela despertou de um profundo sono, declarando que seu irmão William Roulands, também piloto em Liverpool, afogara-se no rio (Mersey). Seu marido procurou acalmá-la, dizendo-lhe que Roulands estava em serviço no exterior e que não podia a essa hora encontrar-se no rio. Ela, porém, persistiu em sustentar que o tinha *visto afogar-se*.

À tarde chegaram notícias, informando que à hora mencionada, isto é, cerca de 2:30, Roulands se afogara. Desencadeara-se uma grande ventania no mar, a embarcação da pilotagem não pudera pôr um piloto a bordo de um navio que

queria entrar. Fora, pois, necessário guiá-lo. Quando se chegou ao rio, defronte do farol que ficava sobre um rochedo, o pequeno bote virou e Roulands, bem como um outro prático, se afogaram."

É esse igualmente um exemplo notável de visão a distância, em sonho. O inquérito provou a sua absoluta autenticidade. O mesmo acontece com o seguinte caso assinalado por uma Sra. Green, de Newry, Inglaterra:

XXX – "Eu via duas senhoras convenientemente trajadas, guiando sozinhas um carro semelhante a um veículo próprio para transportar águas minerais. O cavalo encontrou água em sua frente, parou para beber, mas, faltando-lhe um ponto de apoio, perdeu o equilíbrio e, procurando restabelecê-lo, caiu n'água. Com o choque, as mulheres levantaram-se, pedindo socorro: caíram-lhes os chapéus das cabeças e tudo mergulhou n'água. Voltei-me chorando, perguntando se não havia ninguém para socorrê-las. Nesse ínterim despertei, muito agitada, e meu marido também acordou. Contei-lhe o sonho. Perguntou-me se eu conhecia as mulheres e lhe respondi que não, parecendo-me jamais tê-las visto.

Não consegui, durante todo o dia, subtrair-me à impressão do sonho e da inquietação na qual me deixara ele. Observei a meu filho que essa data era a do aniversário de seu nascimento e do meu também – 10 de janeiro – e essa é a razão que me faz recordar exatamente aquela data.

No mês de março recebi uma carta e um jornal de meu irmão, residente na Austrália e que me participava a mágoa que tivera de perder uma de suas filhas, que se afogara, com uma amiga, precisamente nessa data e nessa hora, levando-se em conta a diferença das longitudes.

Fazem referência ao acidente duas passagens diferentes do jornal *Inglewood Advertiser*. Esse jornal publicou, a 11 de janeiro de 1878, a descrição do acidente, que corresponde exatamente ao que foi visto em sonho."

Eis ainda um caso bastante notável de visão a distância, em sonho. O paciente é filho do antigo bispo protestante de Iowa (Estados Unidos); viu, em sonhos, a uma distância de perto de 5 quilômetros, seu pai caindo de uma escada. Damos a seguir o que ele escreveu a respeito a um de seus parentes:

XXXI – "Devo inicialmente dizer que existia entre meu pai e eu um laço mais forte de afeição do que os laços que ordinariamente ligam um pai a seus filhos, e desde alguns anos parecia-me conhecer e sentir quando ele estava em perigo, ainda que estivéssemos várias milhas separados um do outro.

Na noite em que ele caiu da escada, voltara eu das minhas ocupações, pelas 8 horas, após um dia de trabalho muito fatigante, e retirei-me logo após a ceia. Tenho o hábito de deitar-me do lado da parede. Nossas cabeças ficam para o lado do norte, de maneira que ocupo o lado oeste da cama. Peguei no sono logo que minha cabeça tocou o travesseiro e dormi pesada e profundamente. Não senti quando minha esposa se deitou e nada vi até o momento em que meu pai me apareceu no alto da escada, em perigo de cair. Precipitei-me para agarrá-lo e saltei da cama, fazendo grande barulho. Minha mulher acordou perguntando que diabo de coisa queria eu fazer. Acendera eu imediatamente uma lâmpada e verificara em meu relógio que eram 2:15. Perguntei a minha mulher se ela escutara o rumor. Respondeu-me negativamente. Disse-lhe então o que tinha visto; ela, porém, procurou fazer-me rir, não o conseguindo.

Não dormi mais toda a noite; nem mesmo tornei a deitar-me. Fora muito viva a impressão, para que eu pudesse pôr em dúvida que meu pai se tinha ferido gravemente. Dirigi-me à cidade pela manhã muito cedo e telegrafei para casa perguntando se tudo ia bem: recebi uma carta de meu pai, que confirmava a exatidão da minha visão, correspondendo ao acontecimento até ao detalhe mínimo de se ter verificado *no mesmo minuto*. O triste resultado da queda só pudemos conhecer mais tarde; mas como pude ver, a uma distância de mais de 3 milhas, meu pai cair é o que não pretendo explicar.

H. M. Lee."

O Sr. Sullivan, bispo d'Algowa, confirma o fato, porque teve ocasião de ouvi-lo relatado imediatamente.[90]

O exemplo precedente foi publicado pelo Sr. Sidgwick nos *Proceedings* da Sociedade Psíquica de Londres. Acrescenta-lhe o seguinte caso comunicado em agosto de 1890 pela Sra. A. de Holsten (Avenida de Wagram, 29, Paris). Este caso é um pouco menos satisfatório que o último, como elemento de prova, visto o sonho não ter sido contado a ninguém antes que seu caráter verídico fosse reconhecido; parece, entretanto, haver produzido tão grande impressão sobre o Dr. Golinski, que se torna improvável terem sido os detalhes muito alterados mais tarde. Ele difere dos precedentes no fato de parecer que a impressão clarividente tivesse sido devida, não a qualquer relação entre o agente e o paciente ou a qualquer crise especial sofrida pelo agente, mas à sua ansiedade e ao seu intenso desejo de ser socorrido (ondas psíquicas?).

Eis o que escreveu o Dr. Golinski, médico em Krementchug, na Rússia:

> **XXXII** – "Tenho o hábito de jantar às 3 horas, entregando-me, após esse repasto, a pequeno sono de uma hora ou de hora e meia. No mês de julho de 1888 estendi-me, como de costume, em um canapé e adormeci perto das 3:30. Sonhei que faziam soar a campainha e que eu tinha a sensação ordinária, um pouco desagradável, de ter de levantar-me e ir à casa de um doente. Depois me vi diretamente transportado a pequeno quarto de tapeçarias escuras.
>
> À direita da porta de entrada achava-se uma cômoda, e sobre esta notei uma vela ou pequena lâmpada de petróleo de forma particular. Chamou-me particularmente a atenção a forma desta vela, diferente de todas as que me tinha sucedido ver. À esquerda da porta de entrada vejo uma cama na qual está deitada uma mulher que tem forte hemorragia. Não sei como cheguei a saber que ela está com uma hemorragia, mas o sei. Examino a mulher, mas de alguma sorte por desencargo de consciência, pois de antemão sei o que devo fazer, ainda que ninguém me fale. Em seguida sonho, de um modo vago, com alguns recursos médicos que aplico; em seguida acordo de forma inusitada. Ordinariamente desperto lentamente, fico alguns minutos em um

estado de adormecimento; desta vez, porém, despertei quase em sobressalto, como se alguém me tivesse acordado. Eram 4:30.

Levantei-me, acendi um cigarro e comecei a passear pelo quarto, em estado de excitação todo particular, refletindo no sonho que acabava de ter. Desde muito tempo não tivera caso algum de hemorragia, de qualquer espécie que fosse, em minha clínica, e eu perguntava a mim mesmo qual podia ser a causa desse sonho.

Cerca de dez minutos após o despertar, fizeram soar a campainha e fui chamado para ver uma doente. Entrando no quarto de dormir, fiquei surpreso, pois reconheci nele o quarto com que acabava de sonhar. Tratava-se de uma mulher doente e o que sobretudo me impressionou foi uma lâmpada de petróleo colocada sobre a cômoda, absolutamente no mesmo lugar e da mesma forma que no meu sonho, e que eu via pela primeira vez. Foi tão grande a minha admiração, que perdi, por assim dizer, a distinção nítida entre o sonho passado e a realidade presente e, aproximando-me do leito da enferma, disse-lhe tranqüilamente: "Estais com uma hemorragia", e não voltei a mim senão quando a doente me respondeu: "Sim, mas como o sabeis?"

Impressionado com a estranha coincidência de meu sonho com o que vi, perguntei à enferma a que horas decidira mandar chamar-me. Respondeu-me que estava indisposta desde pela manhã. À 1 hora da tarde, pouco mais ou menos, apareceu ligeira hemorragia, acompanhada de mal-estar; ela, porém, não deu a isso muita importância. Pelas 2 horas a hemorragia tornou-se muito forte e a doente inquietou-se sobremodo. Não estando seu marido em casa, não sabia o que fazer e deitou-se esperando que parasse a hemorragia. Entre 3 e 4 horas ela continuava sempre indecisa e em grande ansiedade. Pouco mais ou menos às 4:30 decidiu-se a mandar chamar-me. A distância entre a minha casa e a sua é de 20 minutos de marcha.

Eu não conhecia a doente senão por havê-la tratado há tempos; nada, porém, sabia a respeito do estado atual da sua saúde.

Em geral não sonho freqüentemente e é esse o único sonho de minha vida, de que me recordo, graças ao seu caráter verídico."

A Sra. Henry Sidgwick escreveu [91] diversas experiências de visão a distância, realizadas com uma moça de 15 anos, magnetizada, as quais certamente se podem acrescentar às observações feitas nos sonhos.

Citaremos aqui duas dessas experiências.

XXXIII – "A Srta. Florence F., presentemente Sra. R., vizinha nossa, foi convidada a vir, uma noite, à nossa casa, após o preparo de uma experiência, no correr do dia, que pudesse servir de prova. Ela chegou e ordenou ao *sujet* que fosse à cozinha e lhe dissesse o que via. O *sujet* respondeu:

– A mesa está no meio da peça e em cima há uma caixa coberta com uma toalha de mesa.

– Que há na caixa, Fannie? – perguntei.

– Oh! não ouso olhar para a caixa! A Srta. Florence decerto ficaria furiosa.

– A Srta. Florence quer muito que V. olhe. Levante a toalha, Fannie, e diga-me o que ali existe.

De repente ela respondeu:

– Há sete pães e dezesseis biscoitos. (Era exato.)"

Tenho para mim que se trata, neste caso, da transmissão do pensamento, porque a Srta. Florence estava no quarto e sem dúvida alguma os fatos estavam inteiramente presentes no seu espírito, achando-se as coisas dispostas por ela como prova; mas o que se segue não o estava certamente:

"A Srta. Florence perguntou a Fannie o que havia na estrebaria. Ela respondeu:

– Dois cavalos negros, um cinzento e um vermelho. (Ela queria dizer um baio.)

A Srta. Florence:

– Não é isso, Fannie: só estão na estrebaria os meus cavalos negros.

Dez ou quinze minutos depois, um irmão da Srta. Florence veio à casa e disse à sua irmã que aí se achavam uns viajantes e, interrogando-o, soubemos que o cavalo cinzento e o "vermelho"

lhes pertenciam e que se achavam na estrebaria há uma meia hora, quando Fannie os assinalou.”

Pode-se aventar, sem dúvida, a teoria de que Fannie chegou a esse conhecimento pelo intermédio do espírito de alguma das pessoas que se achavam então na casa de Miss Florence, ou que, por simpatia telepática com seu irmão ou seu pai, Miss Florence era inconscientemente prevenida dos fatos, indo Fannie buscar informação nessa fonte inconsciente; não é, porém, esta hipótese um tanto alambicada?

XXXIV – “***A***. – O Sr. Howard morava a seis milhas de minha casa. Tinha acabado de construir uma grande casa de madeira. Nosso *sujet* jamais vira essa casa, ainda que, suponho, tenha podido ouvir falar a respeito. O Sr. Howard, que estava há alguns dias fora de casa, pediu a Fannie que lá fosse e visse se tudo ia bem. Ela fez uma exclamação diante da grandeza da casa, mas criticou a deformidade do alto da fachada, dizendo que não queria ter uma fachada tão antiquada e horrível em uma casa tão bela.

– Sim – disse Howard rindo – minha mulher mostrou-se-me contrariadíssima por causa do acabamento da fachada e dos degraus da escada.

– Oh! – interrompeu Fannie – os degraus são belos e novos.

– Ela não entende disso – replicou Howard – os degraus são ainda mais pesados que a própria fachada.

– Não vedes – gritou Fannie com impaciência – como eles são novos e bem proporcionados? Hein! (E ela parecia absolutamente revoltada, a julgar pelo tom de sua voz.) Eu os acho verdadeiramente belos.

Mudando de assunto, Howard perguntou-lhe quantas janelas tinha a casa. Quase imediatamente deu ela o número (creio que eram vinte e seis). Pensava Howard que era muito, mas, contando-os com cuidado, verificou ser isso mesmo.

De minha casa seguiu ele diretamente para a sua e, com grande surpresa, verificou que, durante sua ausência, sua esposa chamou um carpinteiro, que construíra degraus novos para a escada,

tendo a obra terminado um ou dois dias antes de ter Fannie observado o lugar com seu invisível telescópio.

B. – O filho do Sr. Howard tinha ido a um condado vizinho e não se esperava a sua volta antes de alguns dias. Fannie conhecia esse moço (André). Tendo sido o Sr. Howard obrigado a voltar à localidade, achava-se ainda conosco na noite seguinte. Sua fé em nosso "oráculo" tomara maiores proporções e ele sugeriu-nos a idéia de fazer uma visita a sua casa, por meio das maravilhosas faculdades de Fannie. Descreveu ela perfeitamente os quartos, até um buquê sobre uma das mesas e disse que diversos jovens lá se encontravam. Interrogada sobre os seus nomes, respondeu que não conhecia nenhum deles, salvo André.

– Mas – disse eu – André não está em casa.

– Como! Não o vedes?

– Estais certa disso?

– Oh! Será que eu não conheço André? Lá esta ele, posso afirmar-vos.

O Sr. Howard voltou para casa na manhã seguinte e constatou que André regressara tarde, na véspera, e que vários moços da vizinhança tinham passado a noite com ele."

Eis aqui um outro caso, bastante notável, de visão a distância por um *sujet* magnetizado. A descrição dele foi feita, em primeira mão, pelo Dr. Alfredo Backman, de Kalmar.

Em resposta a uma carta perguntando ao Sr. A. Suhr, fotógrafo em Ystad, na Suécia, se podia ele recordar-se, de algum modo, de certa experiência hipnótica realizada pelo Sr. Hansen, havia vários anos, em presença dos irmãos Suhr, o Dr. Backman recebeu a seguinte narrativa:

XXXVI – "Foi em 1867 que nós, os irmãos abaixo assinados, nos estabelecemos em Odensa (na Dinamarca), onde víamos muito freqüentemente nosso comum amigo, Sr. Carlos Hansen, o hipnotizador, que residia perto de nós. Diariamente encontrávamos um jurisconsulto, o Sr. Balle, atualmente advogado em Copenhague, sobre o qual tinha Hansen grande

influência hipnótica e que desejou, certa noite, ser mergulhado em um sono profundo, para se tornar clarividente.

Nessa época residia nossa mãe em Roeskilde, na Seelândia. Pedimos a Hansen para mandar Balle visitá-la. Era tarde da noite e, depois de haver hesitado um pouco, fez o Sr. Balle a viagem em alguns minutos. Encontrou nossa mãe doente e na cama; o que tinha, porém, não era mais do que ligeiro reumatismo que devia passar no fim de pouco tempo. Não acreditamos que fosse isso verdade e, como controle, Hansen pediu a Balle que lesse no canto da casa o nome da rua. Balle dizia que estava muito escuro para poder ler; Hansen, porém, insistiu e ele por fim leu *Skomagerstraede*. Pensamos que ele estivesse completamente enganado, pois sabíamos que nossa mãe residia em outra rua. No fim de alguns dias, escreveu-nos ela uma carta, na qual nos dizia que estivera doente e que se havia mudado para Skomagerstraede."

Outro caso ainda de visão a distância, de um fato atual, em sonho:

XXXVII – "Residia eu em Wallingford. Meu melhor amigo era um jovem chamado Frederico Marks, graduado pela Escola Científica de Yale. Frederico tinha um irmão chamado Carlos, que morava nessa época no Estado central de Nova York, perto do lago Oneida. Pela tarde de um dia chuvoso, Frederico subiu ao seu quarto para deitar-se e descansar. Cerca de uma hora depois desceu, dizendo que *acabava de ver seu irmão Carlos*, em uma visão, supunha. Estava ele *em um pequeno barco à vela* e tinha um companheiro consigo, sentado à ré. Desencadeara-se forte tempestade, porque as vagas eram enormes. Carlos se encontrava na proa, *apertando o mastro com um dos braços*, ao mesmo tempo em que com o outro agarrava o gurupés que se tinha quebrado. Sua posição perigosa de tal modo aterrou Frederico, que ele despertou ou a visão desapareceu. Pensaram as pessoas de sua família que ele dormira inconscientemente e nada mais fizera do que sonhar.

Três ou quatro dias depois, entretanto, recebeu Frederico uma carta de Carlos narrando uma aventura que acabava de ter no lago Oneida. Na manhã do dia em questão, ele e um camarada

foram ao lago, alugaram um bote e soltaram a vela. Como o tempo estava bom, desceram o lago até à ilha de Frenchman, à distância de perto de 20 milhas.

Ao voltarem, à tarde, levantou-se furiosa tempestade. Carlos ocupou-se em esgotar a água, enquanto seu companheiro se mantinha ao leme. No mais impetuoso da tempestade, o gurupés quebrou-se. Vendo Carlos o perigo, saltou à proa da embarcação e, agarrando o mastro com uma das mãos, o gurupés com a outra, procurou amarrar este. Conseguiram impedir que o bote corresse, mas o mesmo acabou por encalhar. Eles saltaram à água e atingiram a margem, sãos e salvos.

O lago Oneida está a cerca de 300 milhas de Wallingford e, tendo em conta a diferença da hora, verificou-se que o acidente e a visão ou sonho de Frederico deviam ter ocorrido à mesma hora, talvez no mesmo momento.

Os temperamentos e os caracteres desses dois irmãos são dessemelhantes e nenhuma afinidade particular existe entre eles. Frederico reside atualmente em Santa Ana (Califórnia) e Carlos na cidade de Nova York.

B. Bristol
Short Beach (Estados Unidos).”

Cartas dos Srs. Carlos e Frederico Marks explicam em detalhe o perigo e a visão. São encontradas nos *Annales des Sciences Psychiques* (1892, págs. 230-235). Há nessa ocorrência, de forma a ser afastada qualquer dúvida, um caso de *vista a distância*, com todos os requisitos da certeza. Assinalemos da carta do Sr. Charles Marks a seguinte passagem:

Em resposta a esta pergunta: “Soubestes que vosso irmão acreditava estar vendo-vos nesse instante?” responderei que, tanto quanto me recordo, não tive consciência de que meu irmão me via. Creio que todo o meu pensamento, toda a minha atenção estavam ocupados pelo que eu fazia, quando, levantando-me no banco, procurava arriar a vela, no instante em que meu irmão me viu aparecer-lhe. Conhecendo os hábitos de meu irmão (é um homem excepcionalmente forte e bem disposto), penso que naquele momento devia estar dormindo, pois que, dada a sua

robusta constituição, quando o deseja pode adormecer quase instantaneamente durante o dia, e muito freqüentemente entrega-se à sesta pela tarde. Durante sua permanência em Wallingford, era ele estudante na Escola Científica de Yale (Sheffield).

C. R. Marks.”

Todas estas relações provam com exatidão que o ser humano é dotado de faculdades ainda desconhecidas que lhe permitem ver o que se passa ao longe. Eis aqui um exemplo muito mais notável ainda, no qual a pessoa que desempenhou o principal papel não somente viu, mas parece que ele próprio se transportou, em uma espécie de *duplo*, e foi visto não somente por seu marido, mas ainda por uma outra testemunha.

XXXVIII – “A 3 de outubro de 1863, deixei Liverpool, para dirigir-me a Nova York pelo vapor *City of Limerick*, da linha Inman, do comando do capitão Jones. À noite do segundo dia, pouco depois de deixar Kinsale Head, começou uma grande tempestade que durou nove dias. Durante todo esse tempo não vimos nem o Sol nem as estrelas, nem embarcação alguma; as amuradas foram arrebatadas pela violência da tempestade, uma das âncoras foi arrancada de suas amarras e produziu muitos estragos antes que se pudesse imobilizá-la. Diversas e fortes velas, conquanto cuidadosamente ferradas, foram levadas pelo vento e vários botalós partidos.

Durante a noite que sucedeu ao oitavo dia da tempestade, houve um pouco de calma e, pela primeira vez desde que deixei o porto, pude gozar de um sono reparador. Pela manhã sonhei que via minha esposa, a quem deixara nos Estados Unidos. Veio à porta do meu quarto, em seu trajo de dormir. À entrada, pareceu descobrir que eu não estava só no quarto, hesitou um pouco, depois se dirigiu para o meu lado, parou e me abraçou e, depois de acariciar-me por alguns instantes, retirou-se tranqüilamente.

Acordando, fiquei admirado de ver meu companheiro, cujo beliche estava por cima do meu, mas não diretamente – porque o nosso camarote ficava à ré –, apoiando-se nos cotovelos, olhar-me fixamente:

– Sois um felizardo – disse-me por fim – em ter uma dama como esta que veio ver-vos.

Pedi-lhe que me explicasse o que queria dizer; a princípio recusou, mas, afinal, contou-me o que tinha visto, estando inteiramente acordado e debruçado sobre o seu beliche. O que ele viu correspondia exatamente ao meu sonho.

O nome desse companheiro era William J. Tait; não era dotado de caráter inclinado habitualmente a brincar, mas, pelo contrário, era um homem sério e religioso, cujo testemunho pode ser aceito sem hesitação.

No dia seguinte ao do desembarque, tomei o trem para Watertown, onde se achavam minha esposa e meus filhos. Quando ficamos a sós, sua primeira pergunta foi:

– Recebestes a minha visita, na terça-feira da semana passada?

– Uma visita – exclamo – se estávamos a mais de 1.000 milhas sobre o mar!

– Eu o sei – replicou ela – mas pareceu-me ter-te feito uma visita.

– É impossível; dize-me o que te faz crer nisso.

Contou-me, então, minha mulher que, notando a tempestade e sabendo da perda do *África*, que partira para Boston no dia em que deixáramos Liverpool, rumo a Nova York, e que naufragara no cabo Race, ela estivera extremamente inquieta pela minha sorte. Na noite precedente, a mesma noite em que, como já disse, começara a diminuir a tempestade, ela ficara acordada durante muito tempo, pensando em mim, e pelas 4 horas da manhã pareceu-lhe que vinha ao meu encontro. Atravessando o largo mar enfurecido, encontrou enfim um navio baixo e negro, subiu a bordo e, descendo sob o convés, atravessando os camarotes até à ré, chegou ao meu quarto.

– Dizei-me – acrescentou – há sempre camarotes como esse que vi, nos quais o beliche superior está mais para trás do que o de baixo? Havia um homem no de cima, que me olhava fixamente, e durante um momento fiquei com medo de entrar, mas por fim me encaminhei para o vosso lado, inclinei-me, abracei-vos e vos apertei em meus braços, depois retirei-me.

A descrição feita por minha esposa era correta em todos os seus detalhes, ainda que ela jamais tivesse visto o navio. Verifico pelo diário de minha irmã, que partimos a 4 de outubro, chegamos a Nova York a 22 e à casa a 23.

S. R. Wilmot
Manufatureiro em Bridgeport."

O *New York Herald* noticia que o *City of Limerick* deixou Liverpool a 3 de outubro de 1863, Queenstown a 5, chegou muito cedo pela manhã de 22 de outubro de 1863, e refere-se à tempestade, assim como à situação crítica do navio e ao naufrágio do *África*. O inquérito confirmou de diversos modos essa estranha narrativa. A irmã do Sr. Wilmot, que viajava no mesmo navio, escreve especialmente:

"A respeito de tão curioso fenômeno ocorrido com meu irmão por ocasião de nossa viagem pelo *Limerick*, lembro-me que o Sr. Tait, que nessa manhã me levava para o almoço, por causa do terrível ciclone que causava grande estrago, perguntou-me se na noite precedente eu viera ver meu irmão, com quem ele partilhava do mesmo camarote. "Não, respondi, por quê?" – "Porque vi uma mulher de branco que viera ver vosso irmão."

A Sra. Wilmot, por seu lado, escreveu:

"Bridgeport, 27 de fevereiro de 1890.

Em resposta à pergunta: "Guardastes alguns detalhes a respeito do homem que vistes no beliche superior?", não posso, tanto tempo depois, dizer com certeza que reparei em detalhes, mas lembro-me distintamente que me senti muito perturbada pela sua presença, vendo-o assim olhar-nos do alto.

Creio que contei meu sonho a minha mãe no dia seguinte pela manhã; e sei que, durante todo o dia, experimentei a impressão nítida de ter ido ver meu marido. Era tão forte a impressão, que me sentia feliz e reconfortada, de forma inusitada – e com grande surpresa de minha parte.

Sra. S. R. Wilmot." [92]

Este importante caso merece especial atenção. É ele um pouco antigo: a sua narrativa foi escrita provavelmente mais de vinte anos após a ocorrência, uma das testemunhas é morta e não pode dar um relato de primeira mão do que observou. Não se pode afirmar que, após tão longo tempo, a memória das testemunhas, por muito fiel que se mantenha, seja exata, nem que a gente possa fiar-se de todos os detalhes. Entretanto, depois de guardadas todas as reservas, é incontestável que se verificou uma notável correspondência entre as impressões das três pessoas em questão. A Sra. Wilmot – em sonho ou acordada – tem uma visão de seu marido, na qual percebe exatamente uma parte do que o rodeia; o Sr. Wilmot sonha com o que sua esposa pensa e, ainda mais, vê e sente-a; e o Sr. Tait, acordado, vê com os seus próprios olhos, o sonho do Sr. Wilmot. Eis aí três fatos inexplicáveis que é preciso admitir. Quanto aos *duplos*, às manifestações do corpo *fluídico* ou *astral*, é esse um assunto sobre o qual teremos de nos pronunciar mais tarde.

O Sr. Marcel Séméziès Sérizolles descreve as curiosas observações seguintes, feitas nele próprio.[93]

> **XXXIX** – "Em novembro de 1881 tive um sonho muito claro, durante o qual eu lia um volume de versos. Experimentava as sensações exatas da leitura real; não somente compreendia o que estava a ler, gozava com essa leitura, mas ainda notavam meus olhos a aspereza do papel, um pouco amarelo, a impressão muito negra e carregada, meus dedos voltavam as folhas espessas e minha mão esquerda sustentava o volume bastante pesado.
>
> De repente, ao voltar de uma página, despertei e maquinalmente, meio dormindo ainda, acendi a vela, tomei de sobre a mesa o lápis e os papéis que aí sempre estavam ao lado do livro, para ler à noite (era, nesse dia, uma obra de história militar), e escrevi as duas últimas estrofes que acabava de ler no volume do sonho.
>
> Foi-me impossível, mau grado a violentíssimos e dolorosos esforços de memória, lembrar-me de um só verso além desses doze que pareciam tratar de uma questão de metafísica e cujo sentido está incompleto, achando-se inacabado o período. Ei-los, tais quais então os escrevi:

Do tempo em que eu vivia uma vida anterior,
Do tempo em que eu levava existência melhor,
Que não posso recordar,
Quando eu sabia, então, os efeitos e as causas
Antes da queda lenta e das metamorfoses
Para um mais triste tornar;

Do tempo em que eu vivia as altas existências,
De que temos, como homens, simples reminiscências
Rápidas como relâmpagos;
Do tempo em que, livre talvez, eu ia pelo espaço
Como um astro deixando ver, um instante, seu traço
No azul sombrio do éter... [94]

Esses versos não poderiam ser uma reminiscência de leitura; procurei-os, sem os encontrar, em todas as compilações publicadas: era bem um volume inédito e que permanecia desconhecido, o que eu lia no sonho em questão.

Eis agora um ou dois casos de pressentimentos ou de adivinhação por meio do sonho.

Quando, em 1880, meu pai era magistrado em Montauban, havia no Tribunal um advogado de nome Laporte. Vejo-o ainda, delgado, louro, de olhar frio, um tanto enigmático. É preciso notar que eu era ainda muito jovem, que os togados me interessavam pouco e eu não tinha com eles mais do que as relações de estrita cortesia que devem ser mantidas por um filho de magistrado com todos os membros do Tribunal.

Em 1883 meu pai faleceu e pouco depois o advogado Laporte foi nomeado juiz de Noutron (Dordogne). Apenas dei atenção ao fato e tinha perdido completamente a lembrança do mesmo magistrado, quando, dois ou três anos mais tarde, certa noite, em sonho, vi meu pai a passear em um lugar indefinido, uma espécie de solo trepidante que parecia flutuar sobre as nuvens. Meu pai, nas atitudes, trajes, modo de andar, sorriso, era tal qual antes de sua morte. De repente vi uma forma sair das nuvens do fundo e encaminhar-se para ele. Essa forma tomou a pouco e pouco a aparência real do Sr. Laporte, e quando as duas sombras se acharam uma perto da outra, ouvi muito distintamente estas

palavras pronunciadas por meu pai: "*Então, Laporte, aí estais, é chegada, pois, a vossa vez?*", ao que o Sr. Laporte respondeu simplesmente: "*Pois não, sou eu em carne e osso*", e eles apertaram-se as mãos.

Ora, alguns dias depois, encontrei em minha correspondência uma carta de participação: O Sr. Laporte, juiz em Noutron (Dordogne), morrera, recentemente, no mesmo dia em que eu tivera o citado sonho.

Um outro caso, quase idêntico, porém menos fúnebre. Desse conservo a data: 18 de dezembro de 1894. Dormindo e sonhando, avistei em seu escritório, a compulsar seus *dossiers*, um notário residente em pequena cidade, distante cerca de 20 quilômetros da sede onde eu então morava. Esse notário tinha em suas mãos capitais meus e habitualmente se apresentava em minha casa, uma ou duas vezes por ano, em épocas incertas, levando-me os juros vencidos. Repito-o, suas visitas não tinham nenhuma data fixa e jamais eu via esse notário, homem respeitabilíssimo, conselheiro geral, prefeito e condecorado, muito correto no trajar e quase elegante. Nessa noite eu o vi envergando um comprido casacão azul, trazendo à cabeça um barrete de seda preta.

Ora, dois dias depois, a 20 de dezembro, pela manhã, o Sr. X. apresentava-se em meu gabinete de trabalho e me entregava uma soma atrasada e inesperada.

– Então – disse-lhe eu – que fizestes do vosso casacão azul e do vosso barrete de seda preta?

Olhou-me ele com a mais viva surpresa e me respondeu:

– Mas como conheceis tão bem meu traje de casa?

Contei-lhe meu sonho e então confessou-me ele, não sem admiração, que a 18 de dezembro estivera, com efeito, acordado até muito tarde em seu escritório e que trazia as vestes por mim descritas."

Desses três sonhos, o último indica uma *visão a distância, de um fato atual*; o segundo é uma espécie de manifestação telepática de moribundo, mas que não deve proceder dele, assaz estranho ao percipiente: é talvez ainda a visão a distância, mas de ordem muito

transcendente. O primeiro parece indicar uma composição, uma invenção real, do espírito do autor, análogas às produzidas pela cerebração inconsciente, acima assinaladas (Maury, Condillac, Voltaire, Tartini, Abercrombie, págs. 377-380).

A propósito de sonhos, o seguinte fato histórico é conhecido desde longa data:

> **XLII** – "Uma noite a princesa de Conti viu em sonho um dos compartimentos do seu palácio prestes a ruir, e seus filhos, que aí dormiam, a ponto de serem sepultados sob as ruínas. A imagem apresentada à sua imaginação alarmou seu coração e pôs-lhe o sangue em ebulição. Em seu pavor, ela acorda sobressaltada e chama as mulheres que dormiam em seu quarto de vestir. Ao ruído, elas vêm receber as ordens de sua senhora. Conta-lhes a princesa a visão que tivera e declara querer peremptoriamente que lhe tragam seus filhos. Suas fâmulas resistem-lhe, citando a propósito o antigo provérbio: que todo o sonhar faz enganar.
>
> A princesa renova a sua ordem com insistência. A governante e as amas de leite deram mostras de obedecer; depois voltaram para dizer que os jovens príncipes dormiam tranqüilamente e que seria violência perturbar-lhes o repouso. Vendo a princesa a obstinação e talvez mesmo o embuste das serviçais, pediu altivamente o seu roupão. Não houve mais meio de recuar; foram buscar os principezinhos; apenas chegaram estes ao quarto de sua mãe, eis que desaba o em que dormiam." **95**

A visão a distância, sem o concurso dos olhos, em sonho, parece-se, por uma analogia muito acentuada, ao que muitas vezes tem sido constatado pelos magnetizadores em seus *sujets* "lúcidos". Eis, como exemplo, um caso incontestavelmente autêntico, observado por vários médicos, a propósito da ablação do seio, operada sem dor, durante o sono magnético, conforme o relato de Brierre de Boismont (Obs. 106):

> **XLIII** – "A Sra. Plantin, com cerca de 64 anos de idade, consultara, no mês de junho de 1828, uma sonâmbula que o Dr. Chapelain lhe indicara; esta prevenira-a de que se estava

formando um tumor sob o seio direito, ameaçando tornar-se canceroso.

A doente passou o verão no campo e seguiu com pouca exatidão o regime que lhe haviam prescrito. No fim de setembro foi consultar o Dr. Chapelain e confessar-lhe que o tumor havia aumentado consideravelmente. Começou ele a magnetizá-la a 23 de outubro seguinte e o sono manifestou-se poucos dias depois; mas o sonambulismo lúcido, nessa paciente, foi sempre muito imperfeito. Os cuidados médicos diminuíram os progressos do mal, sem curá-lo. Por fim, o seio ulcerou-se e o médico julgou não haver esperança de cura senão mediante amputação. O Sr. Jules Cloquet, cirurgião de raro merecimento, foi do mesmo parecer; restava ainda o trabalho de convencer a enferma. Isso foi conseguido pelo Dr. Chapelain, graças à influência magnética que exercia sobre ela.

Trabalhou com todas as forças da sua vontade para produzir a insensibilidade do órgão e, quando acreditou havê-lo conseguido, apertou fortemente com as unhas, sem causar dores, o bico do seio cuja ablação devia ser feita. Ignorava a doente o dia exato da operação, marcada para 12 de abril de 1829. O Dr. Chapelain fê-la entrar em estado magnético; magnetizou fortemente a parte que ia ser operada.

Eis o relatório apresentado, a esse respeito, à Academia de Medicina:[96]

"No dia designado para a operação, o Sr. Cloquet, chegando às dez horas e meia, encontrou a doente vestida e sentada em sua poltrona, na atitude de pessoa tranqüilamente entregue ao sono natural. Fazia perto de uma hora que ela regressara da missa, a que assistia habitualmente à mesma hora, tendo-a o Sr. Chapelain mergulhado no sono magnético desde a sua chegada. A doente falava com muita calma a respeito da operação que ia sofrer. Estando tudo disposto para a operação, ela mesma se despiu e se sentou em uma cadeira.

O Sr. Pailloux, aluno interno do Hospital de S. Luís, ficou encarregado de apresentar os instrumentos e de fazer as ligaduras.

Uma primeira incisão, partindo da cavidade da axila, foi dirigida por cima do tumor até à face interna do peito. A segunda, começada no mesmo ponto, contornou o tumor pela parte inferior e foi conduzida ao encontro da primeira; os gânglios ingurgitados foram dissecados com precaução, à vista da sua proximidade da artéria axilar, e o tumor foi extirpado. Durou a operação dez ou doze minutos.

Durante todo esse tempo, a doente continuou a conversar tranqüilamente com o operador e não deu o menor sinal de sensibilidade; movimento algum nos membros ou modificação nas feições; mudança alguma na respiração, nem na voz; emoção alguma, sequer assinalada nas pulsações; manifestação alguma dessa espécie, em suma, se verificou. A enferma não cessou de apresentar esse estado de abandono e de impassibilidade automática, que oferecia à chegada do Sr. Cloquet. Quando o cirurgião lavou a pele, nas proximidades da ferida, com uma esponja embebida em água, a doente manifestou sensações idênticas às produzidas pelas cócegas e disse várias vezes com hilaridade: "Acabe com isso, não me faça cócegas."

Essa senhora tinha uma filha casada com o Sr. M. Lagandée; infelizmente residia ela na província e não pôde transportar-se a Paris senão alguns dias após a operação. A Sra. Lagandée caía em sonambulismo e era dotada de notabilíssima lucidez."

XLIV – "O Sr. Cloquet pediu ao Dr. Chapelain que magnetizasse a Sra. Lagandée e fez-lhe diversas perguntas sobre sua mãe. Ela respondeu da forma seguinte:

– Minha mãe está muito enfraquecida de alguns dias para cá; não vive mais senão em virtude da ação magnética, que a sustenta artificialmente: falta-lhe a vida própria.

– Acreditais que se possa sustentar a vida de vossa mãe?

– Não, ela expirará amanhã de manhã bem cedo, sem agonia, sem sofrimento.

– Quais são, pois, as partes doentes?

– O pulmão direito está diminuindo, contraído sobre si mesmo; acha-se envolto por uma membrana semelhante a cola; flutua em meio de muita água. Más é sobretudo ali – diz a sonâmbula,

mostrando o ângulo inferior da omoplata – que está o sofrimento de minha mãe. O pulmão direito não respira mais, está morto. O pulmão esquerdo está, pelo contrário, são: é por ele que minha mãe vive. Há um pouco de água no envoltório do coração (o pericárdio).

– Como se acham os órgãos do baixo ventre?

– O estômago e os intestinos estão bons, o fígado está branco e descorado na superfície.

O Sr. Chapelain magnetizou a doente várias vezes no correr de segunda-feira e conseguiu apenas fazê-la dormitar. Quando voltou na terça-feira, pelas sete horas da manhã, ela acabava de expirar. Os dois médicos desejariam verificar as declarações da sonâmbula sobre o estado interior do corpo; obtiveram o consentimento da família para fazer-lhe a autópsia. O Sr. Moreau, secretário da seção de cirurgia da Academia, e o Dr. Drousart foram solicitados a servir de testemunhas da autópsia e ficou deliberado que ela seria feita no dia seguinte, em sua presença. Foi a mesma procedida pelos Srs. Cloquet e Pailloux, seu ajudante, assistidos pelo Dr. Chapelain, sendo que este fez adormecer a Sra. Lagandée um pouco antes da hora fixada para a autópsia. Não relatarei uma cena de ternura e de piedade filial, durante a qual esta sonâmbula banhou com suas lágrimas o rosto inanimado de sua mãe.

O Dr. Chapelain apressou-se em acalmá-la. Os médicos desejariam ouvir, de seus próprios lábios, o que ela declarara ter visto no interior do corpo da Sra. Plantin, e a sonâmbula repetiu, com voz firme e sem hesitar, o que havia declarado aos Srs. Cloquet e Chapelain. Conduziu-a este último ao salão contíguo ao quarto onde ia ser feita a abertura do cadáver, quarto cuja porta foi hermeticamente fechada. A Sra. Lagandée continuava mergulhada em sono sonambúlico e, mau grado às barreiras que a separavam desses senhores, seguia o bisturi na mão do operador e dizia às pessoas que permaneciam perto dela:

– Por que fazem a incisão no meio do peito, uma vez que o derramamento é à direita?

As indicações fornecidas pela sonâmbula foram reconhecidas como exatas, sendo o processo verbal da autópsia escrito pelo Dr. Drousard.

As testemunhas desse caso, acrescenta B. de Boismont, estão todas vivas; ocupam no mundo médico um lugar honroso. Sua comunicação foi interpretada de diferentes maneiras, mas jamais se levantaram dúvidas sobre a sua veracidade."

Eis aí, portanto, uma observação incontestável de visão magnética sem a intervenção dos olhos. Ela é ainda mais notável que a referida ablação do seio sem dor, que relatamos, por ser *a primeira* operação magnético-médica que tenha sido feita.

B. de Boismont acrescenta o seguinte caso a propósito dessa visão a distância:

XLV – "Um magistrado, conselheiro da Corte, contou-me o seguinte caso: Sua esposa tinha uma criada de quarto, de saúde precária. O tratamento magnético era feito secretamente, para que as suas intenções caridosas ficassem ao abrigo das chacotas. Essa senhora era ajudada por seu marido. Um dia em que a sessão magnética lhe fizera experimentar fortes dores, pediu a sonâmbula um pouco de vinho velho: o marido tomou uma luz e saiu para buscar o vinho. Desceu o primeiro andar sem acidente; mas a adega estava situada mui profundamente abaixo do solo, os degraus eram úmidos, ele escorregou a meio da escada e caiu para trás, sem ferir-se, nem mesmo apagar a luz que trazia à mão. Isso não o impediu em seguida de continuar seu caminho e de tornar a subir trazendo o vinho solicitado. Verificou que sua mulher já era sabedora de sua queda e de todos os detalhes de sua viagem subterrânea: a sonâmbula havia-lhe feito a narrativa deles à proporção que se iam sucedendo."

Outro exemplo de visão magnética a distância, tirado do mesmo autor:

XLVI – "Conheci a esposa de um coronel de Cavalaria, que era magnetizada por seu marido e que se tornava sonâmbula; no curso do tratamento, uma indisposição o constrangeu a pedir o

auxílio de um oficial do seu Regimento. Isso não durou mais do que oito ou dez dias.

Algum tempo depois, em uma sessão magnética, tendo o marido posto sua esposa em estado sonambúlico, induziu-a a verificar o que se passava com o mesmo oficial:

– Ah! o infeliz! – gritou ela –; eu o vejo; ele está em X.; quer suicidar-se; toma um revólver. Correi depressa.

O lugar indicado estava a uma légua. O coronel tomou imediatamente um cavalo; mas, quando chegou, o suicídio estava consumado."

Eis ainda a narrativa de uns casos curiosos de lucidez no sonambulismo, extraídos de uma das últimas cartas recebidas em meu inquérito:

(Carta 743)

XLVII – "Sou muito incrédulo quanto ao Espiritismo e era muito céptico relativamente ao magnetismo, quando um fato da mais alta evidência veio esclarecer-me e forçar a minha convicção sobre este último ponto.

Uma jovem de 36 anos, muito respeitável, de uma distinção e instrução superiores, e que morava com a minha família, foi acometida de um quisto do ovário e resistia aos médicos que a aconselhavam a fazer-se operar. Em 1868, foi ela presa, um dia, de dores terríveis e, sendo chamado o Dr. B., teve ele receio de um desenlace fatal após uma crise de 30 horas, pelo que decidiu tentar, em desespero de causa, magnetizá-la. Conseguiu adormecê-la e amenizar seus sofrimentos.

Continuando assim o tratamento, sentiu-se a doente muito aliviada e, desde a segunda sessão, produziram-se fenômenos de lucidez absolutamente notáveis. Cada vez que sobrevinha um novo acesso ela indicava, com extrema precisão, o dia, a hora e o minuto exato em que devia ele recomeçar e isso a intervalos muito irregulares e distanciando-se cada vez mais uns dos outros. Advertido, o médico anotava cuidadosamente essas indicações, de modo a chegar antes do começo da crise e a magnetizar a paciente, que se sentia rapidamente aliviada.

Uma noite, pelas 3 horas da madrugada, achando-se o médico doente, produziu-se a anunciada crise, que se desenvolveu com aterradora intensidade. A religiosa que a assistia, sabendo que eu, em conseqüência dessas constatações, estudara os fenômenos magnéticos nas obras de Deleuze e do Barão du Potet, sugeriu-me a tentativa de substituir o doutor ausente. Com efeito, consegui rapidamente fazê-la dormir e acalmar-se, tão bem, senão melhor, declarando a paciente que o meu fluido era muito mais calmante. Eis como o acaso me revelou qualidades de magnetizador, que eu não desconfiava possuir. Magnetizava-a regularmente todas as noites, em presença de minha mãe e de minha numerosa família, e assistíamos a fenômenos extraordinários de lucidez.

Mau grado à melhora considerável experimentada pela doente, ela reconhecia que o magnetismo não lhe era mais do que um calmante, que o desenvolvimento de seu quisto fazia progressos inquietantes e que a operação se tornava absolutamente urgente para evitar um desenlace fatal.

Ficou decidido que a Srta. de V. iria, acompanhada de sua mãe, fazer-se operar em Estrasburgo, pelo Dr. Koeberlé, que desfrutava, nessa época, grande renome nessa espécie de operações. A extensão de semelhante viagem para a pobre doente inquietava o médico, que aconselhou efetuá-la em diversas etapas. Mas a doente, consultada, declarou que poderia fazê-la sem inconvenientes, de uma só vez, observando-se as precauções seguintes: de início seria necessário conduzir diversas garrafas de água magnetizada, mas sobretudo doze ou quinze lenços magnetizados, tendo-se o cuidado de encerrá-los em fortes envelopes de papel, cuidadosa e hermeticamente fechados e colados, de modo a impedir toda entrada de ar exterior. Declarou a doente que, desde que se produzisse um começo de fadiga e de crise, sua mãe, rasgando um envelope, aplicaria um lenço sobre a sua fronte, o que provocaria o sono magnético, e em seguida aplicá-lo-ia sobre o ventre na parte doente.

Mau grado essas precauções, ficamos todos muito inquietos quando ela partiu com sua mãe.

Tudo se passou precisamente como o paciente o havia anunciado. A viagem fez-se bem, sem interrupção alguma, nada mais usando do que alguns lenços magnetizados e sem ter necessidade de recorrer à água também magnetizada.

Chegando a Estrasburgo, foi a mãe apresentar sua filha ao sábio cirurgião e, tomando-o em seguida à parte, apresentou-lhe uma nota que o médico, Sr. B., redigira conforme o ditado da enferma. Durante o sono, a paciente descrevera minuciosamente seu estado.

– O meu quisto – dissera – é da grossura e da cor desses balões amarelos com que as crianças brincam, seu conteúdo não é fluido, mas composto de uma matéria compacta de cor parda. Em uma de suas faces já está formada uma nova bolsa do tamanho da metade de uma pequena laranja e do outro lado começa a desenvolver-se uma outra bolsa da espessura de uma meia avelã. Está o quisto rodeado de aderências ou ligamentos numerosos.

Interrogada pelo Sr. B., seu médico, sobre os perigos da hemorragia na operação, respondeu que não havia o que recear por esse lado, mas, à pergunta sobre os temores de septicemia, ela empalideceu horrivelmente e, após um instante de silêncio, respondeu:

– Somente Deus o sabe.

Tal o conteúdo da nota que a genitora apresentou ao Dr. Koeberlé, que a acolheu com ironia e incredulidade, declarando que não acreditava nessas elucubrações, e como prova acrescentou:

– Vossa filha pretende que existem numerosos ligamentos; ora, a palpação acaba de mostrar-me que há poucos ligamentos, pois o quisto flutua desde que se lhe faça pressão. Vedes, portanto, que os seus dizeres são puramente imaginários.

A operação, entretanto, foi das mais demoradas e graves, por causa do grande número de ligamentos, como o havia a enferma indicado, e tendo-se declarado a septicemia, levou a enferma dentro de três ou quatro dias.

Chamado pela infeliz mãe, parti para Estrasburgo, a fim de assisti-la em sua cruel prova. Constatei com os meus próprios olhos a exatidão de todas as informações quanto ao quisto, que fora conservado após a operação. Acompanhei a pobre mãe, antes de sua partida, à casa do sábio Dr. Koeberlé, que encontrei absolutamente desconcertado pela minúcia dos detalhes e predições que lhe transtornavam todas as idéias. Perguntei-lhe especialmente como a palpação lhe havia feito crer em poucas aderências contrariamente à realidade. Respondeu-me ele:

– É um dos casos mais extraordinários que tenho constatado; evidentemente as aderências eram muito numerosas, mas eram longas, o que permitia a flutuação e o deslocamento do quisto sob a pressão da mão e me fez concluir de modo muito diverso da realidade. Tudo isso é verdadeiramente extraordinário, pois não posso contestar a perfeita exatidão de todas as previsões e indicações da pobre doente.

Não sei se o Dr. Koeberlé ainda vive, mas a lembrança de todos esses fatos sensacionais deve ter sido conservada na excelente casa de saúde mantida pelas religiosas (de cuja ordem esqueci o nome) e que deve ainda existir.

Tais os fatos que eu vos posso atestar sob palavra de honra e que me parecem de natureza a ocupar um lugar no vosso *dossier*, do ponto de vista estritamente científico.

P. S. – Permitir-me-eis assinar com um pseudônimo, pois que sou muito conhecido em Marselha, onde ocupo situação de evidência, e não desejava que meu nome ficasse envolvido em qualquer controvérsia pública.

Mais abaixo assino o meu verdadeiro nome, a título confidencial, para o caso em que, acolhendo com confiança as minhas declarações, julgardes interessante que eu as complete com outros informes que me parecem do mais alto interesse, sob o ponto de vista humanitário e científico.

C. du Chatellard (Marselha).”

O mesmo correspondente acrescenta:

XLVIII – “Uma noite em que a enferma se achava magnetizada, calma e lúcida, ocorreram numerosas experiências usuais de magnetismo, perante numerosa reunião familiar, quando uma de minhas primas teve a idéia de ver se poderia seguir e encontrar meu tio que partira na antevéspera com seu filho Paulo, para fazer uma *tournée* em suas vastas propriedades que compreendiam diversas comunas. Interrogada, a magnetizada declarou vê-los em uma estalagem cuja descrição demonstrou estarem em outra aldeia, que não aquela que se supunha. Declarou que o pai conversava com um guarda e que seu filho Paulo embalava-se em uma cadeira defronte do fogão, na cozinha. De repente, a magnetizada solta uma grande gargalhada, gritando:

– Ah! não é que o Sr. Paulo acaba de virar-se para trás! Oh! que engraçadas contorções ele acaba de fazer ao cair! Mas nenhum mal sofreu.

Terminada a sessão, a irmã de Paulo tomou a pena para lhe descrever a hora e os detalhes desse grotesco incidente. Tudo estava rigorosamente exato na descrição, e Paulo e seu pai ficaram muito intrigados até à sua volta, antes de saberem como se pudera ter tido conhecimento do ocorrido.

Se desejardes controlar a narrativa que vos fiz, seja pedindo informações ao Dr. Koeberlé (caso ainda esteja vivo), seja à casa de saúde que deve ainda existir em Estrasburgo ou na França, enviar-vos-ei confidencialmente o nome da Srta. de V.”

Segunda carta:

“Sensível aos agradecimentos e ao interesse que testemunhastes pelas minhas comunicações, venho hoje completá-las, persuadido de que devereis tirar deduções instrutivas do que vou dizer-vos.

Volto, pois, à sessão da estalagem. Um de meus primos, presente àquela reunião familiar, sugeriu-me ordenar-lhe que subisse à sala de jantar. Imediatamente a magnetizada me respondeu:

– Mas não! há três degraus a descer, para ir-se à sala de jantar.”

XLIX – “Pediram-me para enviá-la à igreja e solicitar-lhe a descrição de uma bela série de quadros religiosos. Convencido desta asserção, em virtude do tom sério que a acompanhara, transmito o pedido à magnetizada. Fiquei muito admirado ouvindo-a rir desabaladamente e fazer uma descrição muito humorística desses famosos quadros. Era uma série de telas absolutamente grotescas, feitas por um habitante da aldeia, nas quais os agrupamentos e o desenho apresentavam anomalias e efeitos dos mais hilariantes. Igualmente explodiam risadas de todos os assistentes que conheciam essas pinturas e que estavam aturdidos com a fidelidade da descrição e dos minuciosos detalhes enumerados.

Convém tirar certas deduções dos dois precitados fatos, do ponto de vista científico. Sábios mais ou menos convencidos, e mesmo magnetizadores, têm sustentado que em casos semelhantes o magnetizado pode ler semelhantes detalhes no pensamento quer do magnetizador, quer das pessoas presentes, o que excluiria a visão a distância. Ora, não seria em meu pensamento que teria ela podido encontrá-los, pois que eu os ignorava absolutamente.[97] Não podia ser, muito menos, no pensamento daquele que me pedira para transmitir as duas perguntas, porquanto se, de uma parte, conhecia ele as originalidades dos quadros, fora de boa fé que me fizera ordenar à magnetizada que subisse à sala de jantar, para fazer-lhe a descrição e que outros membros da família reconheceram ter tido razão a magnetizada em dizer que havia três degraus *a descer*.

Resulta, pois, do que precede, que a visita e descrição dos quadros na igreja era bem uma visão e descrição a distância, com a circunstância de que isso se passava entre 10 e 11 horas da noite, hora na qual as igrejas estão fechadas e em completa obscuridade.

Durante os longos serões de família em que eu a fizera adormecer, tive certa vez a idéia de perguntar-lhe qual a composição de um remédio de nome estranho que eu acabava de ler em uma farmacopéia. Ela imediatamente me deu a descrição completa de uma planta com suas fases sucessivas, sua floração,

gênero, família, enfim, todas as descrições botânicas mais minuciosas. Em seguida acrescentou:

– Essa planta cresce em uma ilha, eu a vejo, ela é natural das ilhas da Oceania.

Feita uma verificação, todos esses detalhes eram exatos. Ocupei depois as minhas noites a escrever, sob ditado seu, a descrição de grande número de plantas medicinais. Ao seu despertar, eu conduzia sem afetação a conversação para as plantas que ela acabava de descrever e sobre as quais não parecia ter senão muito vagos conhecimentos.

Interrogando-a, certa noite, sobre o acônito, de que me fizera a descrição, indicando a zona de crescimento, ficou durante longo tempo pensativa, mergulhada em profunda reflexão, de que tive dificuldade em tirá-la, e acabou por me responder nestes termos que faço questão de *repetir-vos escrupulosamente, tão profunda impressão deixaram eles em minha lembrança*. Saindo de sua profunda meditação, ela me disse:

– É, entretanto, verdade; não me engano. Por que razão não se pôde ainda encontrar o remédio para esse mal terrível, o remédio para o câncer: Vejo a planta, ela cresce nas mesmas regiões que o acônito.

Fez-lhe a descrição exata, completada em diversas sessões, acrescentando que se lhe reconheceria a virtude, inoculando em um animal, notadamente em um cão, a tintura mãe obtida pela maceração dessa planta, o que determinaria uma ferida de aparência cancerosa.

Várias vezes procurei, mas sempre em vão, interessar médicos e botânicos em pesquisas nesse sentido. Um sábio botânico declarou-me que a descrição parecia referir-se à *oxiria dygina*.

Envio-vos a descrição literal que foi feita dessa planta sob ditado da magnetizada. Melhor do que eu, vós, cujo nome e cuja ciência fazem honra ao nosso país, podereis, sem dúvida, realizar a fundo essas pesquisas e verificar-lhes o fundamento. Que auréola acrescentaríeis ao vosso nome, se chegásseis, como Pasteur, a dotar a Humanidade de semelhante benefício!

Ninguém ignora que os mais lúcidos magnetizados têm os seus momentos de obnubilação, sobretudo as mulheres, em certas épocas, ou sob influências patológicas. Não tenho, porém, razões para duvidar que as suas afirmações sobre o remédio do câncer sejam tão probantes como tantas outras. Sua gravidade, sua espontaneidade, sua longa meditação antes de emitir suas afirmativas, seu ardente desejo de ver assim a cura de tantos infelizes, impressionaram-me profundamente e levam-me a crer em suas declarações.

Todavia, se tiverdes de mencionar em publicações o que vos comunico, muito desejaria que não citásseis este último fato que, único em minha narrativa, ainda não pôde ser controlado."

Permito-me não manter a reserva solicitada por meu respeitável correspondente, porquanto jamais teria nem o tempo nem a competência para ocupar-me com essa questão, e talvez um médico ou um fisiologista, encontrando aqui essa indicação, poderiam fazer com que dela resultasse algum proveito para a Humanidade.[98] Pois que a visão a distância e a adivinhação (está provado) são possíveis, não desdenhemos nada, registremos as coisas úteis sem negar coisa alguma.

Sem multiplicar indefinidamente esses exemplos, constatemos somente que seria muito fácil fazê-lo e que a vista independe dos olhos, em estado sonambúlico, é um fato assaz freqüente, que nos cumpre admitir, mau grado às numerosas fraudes, mais freqüentes ainda. A visão a distância, em sonho e em estado sonambúlico, não pode mais ser negada.

A comunicação psíquica recíproca, por meio do sonho, pode ser igualmente demonstrada por exemplos positivos. Sem remontar até o caso assinalado por Santo Agostinho (*Cidade de Deus*, liv. XVIII, cap. 18), recordemos, entre outros, os de que fala Gratiolet (*Anatomies*, tomo II, pág. 515). Uma mulher levantou-se certa noite, inteiramente desatinada, sonhando que envenenara os filhos; no mesmo instante seu filho sonhava que tinha sido envenenado por ela. Um moço sonha que sua mãe é mordida por uma serpente e desperta no momento exato em que sua mãe tinha o mesmo sonho, etc. As correntes psíquicas devem ser admitidas como uma realidade.

IX

Os sonhos premonitórios e a adivinhação do futuro

> *Quum est somnos evocatus animus societate corporis, tum meminit praeteritorum, praesentia cernit, futura praevidet.*
>
> *Cícero*

Os sonhos mais curiosos e os mais difíceis de explicar são talvez ainda os que nos mostram um fato, uma situação, um estado de coisas que ainda está por suceder e que vem a realizar-se efetivamente a alguma distância da predição, em futuro mais ou menos próximo. Não se trata aqui somente de ver sem os olhos, mas de ver antecipadamente o que ainda não existe.

O enunciado da questão, só por si, parece absurdo e contraditório, inaceitável por conseguinte. Sua aceitação é prenhe de conseqüências, pois implicaria o princípio da possibilidade de determinar antecipadamente o futuro, pelo encadeamento das causas e dos efeitos sucessivos, e de que o livre arbítrio muito se aproxima de uma ilusão.

Antes de entrar na análise filosófica de um problema que esbarra com as maiores dificuldades do conhecimento das coisas, vejamos desde logo se há sonhos dignos de fé, que tenham verdadeiramente revelado, de alguma forma, o futuro. Essa é uma primeira constatação necessária e sem a qual seria supérfluo embrenhar-se alguém em digressões imaginárias.

Pois bem, devo confessá-lo imediatamente, os sonhos que mostram antecipadamente e com precisão um acontecimento futuro são certos, devem ser aceitos como reais. Não se trata de fábulas e aqui tampouco a coincidência fortuita ou o acaso podem explicar a realização do sonho.

Acabamos de ver, no capítulo precedente, sonhos que mostram o que se passa ao longe, no presente. Fatos análogos são observados em certos casos de hipnotismo, de magnetismo, de sonambulismo e de experiências espíritas. Essa parte constitui uma espécie de prefácio, de preparação natural do que temos, agora, de examinar.

Citarei, de início, dois sonhos, cuja autenticidade absoluta posso afirmar, que teve minha mãe em duas circunstâncias bem diferentes e que ela acaba de confirmar-me, talvez pela vigésima vez.

O primeiro data de uma época na qual não tinha ela ainda estado em Paris. Habitavam meus pais a vila de Montigny-le-Roi (Alto Marne). Começava eu os estudos em Langres e haviam eles decidido deixar a província pela capital, sobretudo movidos pelo desejo de assegurarem aos filhos carreiras mais seguras e mais elevadas.

Uns quinze dias antes de sua partida, minha mãe sonhou que já estava em Paris, que atravessava grandes ruas e chegava diante de um canal, sobre o qual se estendia uma ponte com escadarias. Ora, algum tempo depois de sua chegada a Paris, foi ela em visita a uma de suas parentas, residente na rua Fontaine-au-Roi, no arrabalde do Templo, e ficou muito surpresa, chegando ao canal, de reconhecer a ponte, o cais, o aspecto do bairro, coisas de que não pudera ter conhecimento algum, quer por meio de gravuras, quer de qualquer outro modo.

Tal sonho não se pode, de maneira alguma, explicar. É preciso admitir que o espírito possa ver, a distância, detalhes que se acharão conformes com a imagem deixada no cérebro. Seguramente é isso difícil. Eu preferiria supor que pessoas vindas de Paris tivessem contado a minha mãe a existência dessa espécie de pontes, que ela houvesse esquecido essa descrição, rememorando-a no sonho. Minha mãe afirma-me, porém, de um modo absoluto, que ninguém jamais lhe falara quer do canal parisiense, quer das pontes aéreas.

Eis aqui o seu segundo sonho:

Em um certo verão, fora uma das minhas irmãs, com seu marido e seus filhos, residir na pequena cidade de Nogent (Alto Marne); meu pai os havia acompanhado, permanecendo minha mãe em Paris. Todas as crianças estavam de perfeita saúde e não havia a menor inquietação a respeito deles.

Minha mãe sonha que recebe de meu pai uma carta na qual lê esta frase: “Sou o portador de uma triste notícia: o pequeno Henrique acaba de morrer, quase sem ter estado doente, em conseqüência de convulsões.” Acordando, diz minha mãe para consigo mesma: “Não é mais do que um sonho; todo sonhar, todo enganar.”

Oito dias depois, uma carta de meu pai trazia *exatamente a mesma frase*. Desolada, minha irmã acabava de perder seu recém-nascido, em conseqüência de convulsões.

No primeiro desses dois sonhos poder-se-ia, com extremo rigor, invocar, como dizíamos, uma narrativa esquecida, latente no cérebro. É excessivamente pouco provável, pois que minha mãe está certa de não haver jamais ouvido falar daquelas pontes. Mas, para o segundo, que explicação dar?

Meu saudoso amigo, o Dr. Macário, autor de apreciada obra sobre *O Sono, os Sonhos e o Sonambulismo*, a respeito da qual falei mais acima, refere o seguinte caso, ocorrido em sua família:

> “A Sra. Macário partiu a 6 de julho de 1854 para Bourbon l’Archambault, a fim de usar as águas do lugar para uma afecção reumática. Um de seus primos, o Sr. O., que reside em Moulins e que ordinariamente sonha com o que lhe deve suceder de mais ou menos extraordinário, teve, na noite precedente à viagem de minha esposa, o seguinte sonho: viu a Sra. Macário, acompanhada de sua filha, tomar o caminho de ferro para dirigir-se às águas de Bourbon. Ao despertar pediu a sua esposa que se preparasse para receber duas primas que ela ainda não conhecia.
>
> – Chegam hoje mesmo a Moulins – acrescentou ele – e partirão esta noite para Bourbon; não deixarão, espero-o, de vir ver-nos.
>
> Com efeito, minha mulher e minha filha não tardaram a chegar a Moulins; mas, como o tempo estivesse horrível (chovia a cântaros), dirigiram-se para casa de um amigo, perto da gare da estrada de ferro, e não foram visitar (por lhes faltar o tempo) o primo que mora em bairro muito afastado da cidade. Este não perdeu a esperança.
>
> – Ficará para amanhã – pensou.
>
> Mas, ainda dessa vez, enganou-se em sua expectativa.

Persuadido, entretanto (já o fizemos notar: o Sr. O. tem habitualmente sonhos verdadeiros), de que os avisos do seu sonho eram exatos, foi ele ao escritório da diligência que faz o serviço de Moulins a Bourbon, para informar-se se uma senhora, acompanhada de sua filha, a respeito de quem deu ele as características individuais, não havia partido na véspera para Bourbon. Foi-lhe respondido afirmativamente. Perguntou então se a referida senhora desembarcara em Moulins e soube que todas as particularidades do seu sonho eram perfeitamente exatas.

Antes de terminar, seja-me permitido fazer observar que o Sr. O. não tinha conhecimento algum nem da doença, nem da viagem da Sra. Macário, que não via desde muitos anos." [99]

A propósito, acrescenta o doutor o seguinte fato:

"Na quinta-feira, 7 de novembro de 1850, no momento em que os mineiros da mina de carvão de Belfast se dirigiam ao trabalho, a esposa de um deles recomendou-lhe que examinasse com cuidado a corda da cesta ou caixão que serve para descer ao fundo do poço:

– Sonhei – disse ela – que a cortaram durante a noite.

O mineiro não ligou a princípio grande importância a esse aviso; comunicou-o, entretanto, aos seus camaradas.

Desenrolaram o cabo de descida e, com grande surpresa de todos, verificaram achar-se o mesmo cortado em diversos lugares. Alguns minutos mais tarde, os trabalhadores iam tomar essa espécie de elevador, com o qual seriam infalivelmente precipitados no abismo; e, se o *New Castle Journal* merece crédito, não devem eles a sua preservação senão ao citado sonho."

Na época dos meus primeiros ensaios no jornalismo, em Paris, tinha eu como companheiro, no *Siècle*, um amável escritor, de caráter afabilíssimo, que se chamava Émile de la Bedollière. Seu casamento fora devido a um sonho premonitório.

Em pequena cidade do centro da França, La Charité-sur-Loire, Departamento de la Nièvre, havia uma moça admirável de graça e de

beleza. Era, como a Fornarina, de Rafael, filha de um padeiro. Diversos pretendentes aspiravam à sua mão, tendo um deles grande fortuna. Os pais o preferiam. Mas a Srta. Ângela Robin não o amava e o recusava.

Exasperada, um dia, pelas instâncias de sua família, dirigiu-se ela à igreja e rogou à Santa Virgem que viesse em seu auxílio. Na noite seguinte ela viu em sonho um homem em trajes de viagem, trazendo um grande chapéu de palha e umas lunetas. Despertando, declarou a seus pais que recusava em absoluto o pretendente e que esperaria, o que os levou a formular mil conjecturas.

No verão seguinte o jovem Emílio de la Bédollière é convidado por um de seus amigos, Eugène Lafaure, estudante de Direito, a fazer uma viagem ao centro da França. Passam por La Charité e vão a um baile de cota. À sua chegada, o coração da moça bate precípite em seu peito, suas faces enrubescem-se, o viajante observa-a, admira-a, ama-a e alguns meses depois eles estavam casados. Era a primeira vez em sua vida que ele passava por essa cidade.

Esta curiosa história de casamento não é única no gênero. Poderia citar várias outras análogas, e creio mesmo não ser indiscreto acrescentando que um dos nossos mais célebres astrônomos contemporâneos, o Sr. Janssen, foi antecipadamente visto em sonho pela Sra. Janssen, muito tempo mesmo antes de sua mútua apresentação.

Alfredo Maury cita um caso análogo, mas explicando-o pela sua teoria das imagens da memória, que certamente não se aplica ao casamento de la Bédollière e que sem dúvida menos ainda se aplica a este:

> "O Sr. P.,[100] antigo bibliotecário do Corpo Legislativo, assegurou-me ter visto em sonho a mulher que em seguida desposou e todavia lhe era a mesma desconhecida, ou pelo menos acredita ele jamais tê-la visto realmente; há aí, *segundo toda a verossimilhança*, um caso de lembrança inconsciente."

O mal dos construtores de teorias é quererem tudo explicar, tudo encerrar em seus quadros. *Segundo toda a verossimilhança*, à luz de nossas recentes investigações psíquicas, Alfredo Maury engana-se em sua conclusão.

O Sr. A. Goupil, engenheiro civil em Cognac, nos comunicou o seguinte fato:

"Em Tunis, entre o edifício dos correios e o Café de França, há um cabeleireiro francês, cujo nome esqueci. Certa manhã do verão de 1891, jogava eu com ele uma partida de bilhar. Terminada essa partida, propus-lhe uma segunda.

– Não – disse-me ele –, espero o médico e desejo saber o que ele disse.

– Tendes alguém doente em casa?

– Não, mas tenho o meu sobrinho, com idade de... (11 anos, creio), que teve ontem à noite uma alucinação, levantou-se de repente, gritando: "Lá vem uma mulher que quer pegar a minha priminha (a minha filhinha de alguns meses), não quero que ela a carregue." Isso durou certo tempo, não nos sendo possível fazer-lhe crer que havia sonhado.

– Já tem ele tido dessas alucinações?

– Não.

– Está passando bem?

– Sim, mas receio que seja essa manifestação sintoma de alguma febre.

– Vossa filhinha está passando bem?

– Sim, muito bem.

Fiz esta última pergunta porque acabava de me passar pela cabeça *que essa visão queria dizer que a pequena ia morrer dentro de pouco tempo*. Nada disse a respeito desse pensamento ao meu interlocutor, que de mim se despediu. Pedi-lhe notícias no dia seguinte. Todos de sua família iam bem. Passados dois dias, fiz-lhe a mesma pergunta, obtendo a mesma resposta; ao terceiro dia ainda a mesma pergunta e a mesma resposta. Ele dava ares de quem se admirava do interesse que eu parecia manifestar por essas crianças que não conhecia. Três dias se passaram sem que eu visse nada de novo. Tendo-o encontrado no dia seguinte na rua, perguntei-lhe se as crianças iam sempre bem.

– Sabeis – disse-me ele – que perdemos nossa filhinha: faleceu inesperadamente em curto lapso de tempo (creio que me disse ter sido de crupe).

– Não – disse eu –, não o sabia, mas esperava-o.

– Como assim?

– Pois não, foi a mulher que a levou.

– Que mulher?

– Ora! aquela que vosso sobrinho viu; ela representava a morte, a doença, ou o que quiserdes. Aquilo devia ter sido uma alucinação profética.

Lá deixei o meu homem muito admirado: ele poderia confirmar esta narrativa, pelo menos em suas linhas principais, porquanto se mostrou surpreendido pelas minhas reflexões e deve recordar-se delas.”

Invocar-se-á ainda aqui o acaso? Não. Há nisso tudo alguma coisa de *desconhecido* para nós, mas que é real.

Na primeira edição desta obra, nesta mesma página, publiquei, de segunda mão, indicando-lhe a origem, uma narrativa muito comovente, devida à pena do Sr. Alexandre Bérard, antigo magistrado, atualmente (1903) deputado de l’Ain e sub-secretário de Estado dos Correios e Telégrafos, acompanhando-a, todavia, de uma expressão de dúvida, causada precisamente pelo enredo muitíssimo perfeito desse “conto dramático admiravelmente redigido” e manifestando o desejo de ver o próprio autor fazer a prova da autenticidade dessa curiosa narrativa.

Todo o valor do nosso trabalho reside na sinceridade documentária. Desse modo, lancei mão da primeira oportunidade que se me ofereceu para trocar idéias a respeito com o seu erudito autor. Confirmou o Sr. Bérard as minhas dúvidas, confessando-me que, efetivamente, era isso uma simples “novela literária”.

Assim, julguei do meu dever suprimir semelhante ficção deste repositório essencialmente verídico. Será substituída por fatos de observação, realidades correspondentes ao assunto deste capítulo, aos sonhos premonitórios.

Eis aqui um caso que deve ser, parece-me, atribuído a um sonho esquecido. O Sr. Vallet, doutor em Direito, substituto em Lião, escreveu-me na data de 15 de julho de 1900:

> "Eu tinha quinze anos e era de temperamento muito nervoso, muito impressionável e mesmo um pouco doentio. Resolveram meus pais, a conselho de nosso médico, submeter-me ao uso dos banhos de mar. Sendo meu tio, o general Parmentier, nessa época, diretor do Serviço de Engenharia no Havre, era muito natural que eu fosse para a casa dele. À passagem, devia saltar em Paris – que eu ainda não conhecia. Foi-me recomendado que não deixasse de ir saber notícias do coronel Levret, antigo examinador da Escola Politécnica, amigo de minha família. Conservava eu do coronel uma impressão de terror infantil; parecia-me ele, devido à sua rigidez de atitudes, qualquer coisa de análogo a um cutelo de guilhotina! Cumpria-me, porém, levar a efeito, por muito pouco sedutora que me parecesse, a visita recomendada. Chegando à frente da sua casa, dei-me conta de tudo, repentinamente. Já tinha visto isso tudo: os quatro andares dispostos em quadrado em derredor do espaço formado pelo pátio, o bico de gás, que ardia ao centro, etc.; disse eu à pessoa que me acompanhava (o irmão do general): "É lá no quarto andar, à direita". Tudo era claro para mim."

Como explicar esse "já visto" sem admitir que, de fato, isso tudo já fora visto pelo espírito do narrador? Como poderíamos ser impressionados a tal ponto por essas coisas, sem uma causa eficiente, sem uma visão anterior exata e real? Ter ouvido falar da casa habitada pelo coronel bastaria para explicar essa impressão? A hipótese é pouco admissível.

Escolherei, por outro lado, entre os numerosos documentos que perpetuamente recebo de todos os pontos do globo, o seguinte fato que me foi comunicado, a 25 de junho de 1901, de Middletown, Estado de Nova York, pelo Sr. J. O. Austin, juiz de paz:

> "Contava eu a idade de 20 anos mais ou menos e regia uma escola pública. Muito absorvido por meus deveres, pensava neles à noite, em meus sonhos, tanto quanto de dia, durante as minhas horas de trabalho. Sonhei, certa noite, que me achava na sala da

escola e acabava de concluir os exercícios de abertura, quando ouvi batidas na porta. Abro-a e vejo um senhor com duas crianças, uma menina de 11 anos e um rapazinho de 8. O visitante entra e me explica que, em conseqüência da Guerra de Secessão, deixou sua casa de Nova Orleans e transferiu a família para o distrito de minha escola. Era seu desejo confiar os filhos aos meus cuidados, para que eu os educasse e instruísse. Perguntou-me então que livros eram necessários e dei-lhe uma relação que ele guardou. No dia seguinte as crianças eram recebidas no número dos meus alunos.

Ficou aí o sonho. Mas impressionou-me ele vivamente, e a imagem desse pai e dessas duas crianças estava tão fortemente gravada em meu espírito, que tê-los-ia reconhecido onde quer que os encontrasse na população de Paris ou de Londres.

Qual não foi o meu espanto quando, ao dia seguinte deste sonho, no instante em que terminava os exercícios de abertura da escola, ouvindo baterem à porta aquelas mesmas pancadas ouvidas em sonho, fui atender e vi diante de mim aquele visitante e os seus dois filhos! Seguiu-se o restante: houve entre nós a conversação do sonho.

Acrescentarei que esse *gentleman* era-me absolutamente estranho. Nova Orleans está a 1.350 milhas, ou seja, mais de 2.000 quilômetros deste lugar, e nunca me afastei mais do que 100 milhas, ou 160 quilômetros, de minha casa."

O dever do pesquisador independente e sincero é, também aqui, não iludir-se com palavras ou fogos fátuos, mas olhar de frente a realidade. Pois bem, perguntarei a todos os professores de Psicologia a razão pela qual, se jamais foi dada explicação alguma desses fatos, continuam a repetir, há dois mil anos, as mesmas frases ocas das Universidades, e por que se recusam a compreender que a Psicologia deve ser uma ciência experimental?

Prossigamos. Eis aqui, certamente, uma previsão circunstanciada e, com efeito, extraordinária:

"Na última quinzena do mês de Novembro de 1871 – sei que era uma quarta-feira e creio que era o dia 22 desse mês – estive com os meus amigos da família Davidson, de Nova Orleans.

Uma Sra. Thilton achava-se conosco. Fazia a narrativa de certos sonhos que tivera, sonhos proféticos que quase nunca deixavam de realizar-se. Essas visões da Sra. Thilton eram conhecidas da assistência.

Impressionado com uma narrativa desta senhora, o nosso hospedeiro exclamou:

– Senhora, proíbo-vos de ter sonhos que me digam respeito!

Tardiamente o recomendais, senhor! Ontem mesmo, à noite, tive um sonho que vos toca de perto!

Pediram-lhe que o contasse.

– Sonhei que, dentro de seis semanas, a partir de hoje, sou convidada para passar o dia convosco, aquiescendo ao vosso obstinado convite.

– Eis um sonho que facilmente se satisfaz, senhora! Peço-vos que venhais passar o dia comigo, na data indicada. Senhorita – continuou ele, voltando-se para mim –, não deixareis, por vossa parte, de comparecer. Em que dia será isso?

Consultando o calendário, anunciou um dos assistentes:

– Quarta-feira, 3 de janeiro de 1872.

– Bom! Somos todos testemunhas do sonho de madame! Mas é muito simples!

– Esperai! não é tudo! Sonhei – insistiu a senhora – que, em aqui chegando, encontrei a casa triste e vazia e que debalde vos procurei. Acabei por avistar um grande ataúde metálico no meio do segundo salão. A tampa estava fechada; eu nada via, mas *sabia* que estáveis lá dentro!

O nosso hospedeiro desatou a rir, bem como a assistência. Gracejando, o Sr. Davidson disse à sua esposa:

– Nada de caixão metálico, ouvistes? Tenho-lhes horror! Prometei-me que mandareis fazer um caixão de embutidos!

E rindo sempre, deu-lhe sua mulher a palavra de que, se ainda estivesse neste mundo, satisfaria seus gostos. Todos se mantinham totalmente incrédulos. A Sra. Thilton prosseguiu:

– Não encontrei senão uma pessoa no salão. Conservava-se ela de pé, ao lado daquele corpo invisível. Coloquei-me de um e de

outro lado do esquife. Então verifiquei que havia seis rosas de prata sobre cada um dos dois compridos bordos da tampa.

Todos explodiram em riso, novamente. Perguntavam uns aos outros quem algum dia ouvira falar de ornatos tão esquisitos sobre um esquife. Mas a Sra. Thilton prosseguiu:

– Isso me impressionou muito, mesmo no sonho. Chamei a atenção da pessoa que estava perto do caixão para essas duas fileiras de rosas de prata.

Ao despedirem-se, emprazaram-se todos para a quarta-feira, 3 de janeiro de 1872. Durante essas seis semanas, tal sonho constituiu sempre um motivo para gracejos entre nós.

Em conclusão: A 2 de janeiro de 1872, o nosso hospedeiro, Sr. Davidson, foi vítima de um acidente inconcebível, imprevisto. Foi horrivelmente esmagado por uma locomotiva.

No dia seguinte, bem cedo, foi seu corpo colocado em um ataúde. A família fazia questão de que ninguém lhe visse o rosto. Coube-me o desempenho dessa incumbência. Não o deixei, mesmo depois de haver sido a tampa ajustada.

Achava-me a sós no meu posto. A Sra. Thilton, de nada desconfiando, chegou para corresponder ao convite. Encontrou o caixão, ao lado do qual me achava, no segundo salão. Veio e colocou-se a meu lado. Não trocamos nem palavras, nem olhares. Mudas, conservávamo-nos de pé, olhando para o caixão. Ela tomou-me o braço e com a outra mão mostrou-me seis rosas de prata que ornavam os dois longos bordos da tampa de um ataúde metálico. Mesmo então nada compreendi, senão quando ela me disse:

– Não vos lembrais? Vedes as seis rosas de prata de cada lado, tais como eu as vi em meu sonho?

Quinze dias mais tarde, disse-me a viúva:

– Não vos lembrais daquele extraordinário sonho de nossa amiga? Tudo aconteceu como nos anunciara ela. Salvo aquele caixão! Graças a Deus, mesmo em minha dor, lembrei-me da minha palavra. Pelo menos ele teve seu ataúde de embutidos! Mas, que tendes?

Não sabendo dissimular, respondi:

– Era o ataúde metálico.

– Jamais! Quem ousaria? Meu Deus! Não me digas que havia, além disso, seis rosas de prata de cada lado!

– Ao pé da letra, cara amiga, nada faltou naquele sonho. Tudo se passou conforme a Sra. Thilton o descrevera.

A minha pobre amiga caiu em uma crise de nervos. Mandei chamar a pessoa que se encarregara dos funerais. Nada mais pôde responder senão que haviam embalde procurado o ataúde de embutidos que ela encomendara. O único, das dimensões requeridas, era de metal. À vista da urgência, fora necessário adquiri-lo.

– Mas não com seis rosas de prata de cada lado?

– Sim, senhora. Como vos disse, não havia senão esse!

Das treze testemunhas desse fato, há hoje quatro que estão mortas. A família, sendo calvinista, ficaria muito chocada de ver seu nome ligado a uma superstição. Ela, porém, é muito justa e verdadeira para negar esses fatos tais como vo-los descrevo.

Paris, 20 de dezembro de 1901.

Sarah Morgan Dawson
Rua Varenne, 36.”

A Sra. Dawson, que eu conhecia desde muitos anos, é incapaz de modificar uma narrativa para acomodá-la a um plano qualquer; mas a memória de qualquer de nós pode ser infiel. A filha do falecido, sendo ainda viva (reside em Nova Orleans), foi solicitada a dizer-me, por obséquio, o que se recordava dessa história.

Eis um extrato de sua resposta, de 24 de janeiro de 1902.

“Sim, recordo-me, pelo menos em parte, do sonho da Sra. Thilton. Um dia, após o jantar, contou-nos ela que sonhara estar meu pai morto e seu corpo encerrado em um ataúde metálico. Replicou meu pai que certamente não era ele, pois não tencionava fazer-se enterrar em um caixão metálico, que não gostaria nada disso, etc. De fato, ele morreu logo depois do dia do Ano Bom e seu corpo foi enterrado em um caixão metálico.

Ainda pertence a este mundo a Sra. Thilton e pode confirmar-vos, por si mesma, sua predição.”

Foi o que igualmente se fez.

O Sr. Jean Fugaison, arquiteto, residente à Avenida de Wagram, 62, em Paris, escrevia-me em data de 18 de julho de 1900:

“Meu caro mestre.

Seja-me permitido comunicar-vos um caso de premonição análogo aos que tendes publicado em *L’Inconnu* e certamente dos mais esquisitos:

Há três anos, minha mulher, sem propósito algum, disse-me que desejaria ter *um púlpito para pregar!* Esta reflexão não tinha sentido algum e não podia corresponder a um desejo razoável de sua parte, porquanto um púlpito não podia ficar, de modo algum, no meu apartamento parisiense, muito pequeno para os diversos objetos que o atravancam. Além disso, minha mulher detesta as inutilidades.

Ora, dois dias depois, recebia eu de um notário de Antibes uma carta informando-me de que um de meus primos acabava de morrer, deixando-me como lembrança uma obra-prima de trabalho manual executada por seu pai, que era marceneiro: *um púlpito*!

Dizeis com razão: há muito mais singularidades inexplicáveis nos efeitos e extravagâncias do raio do que nas manifestações telepáticas. Vossa observação faz-me lembrar um fato verificado há quarenta anos por uma pessoa muito digna de confiança.

Caíra um raio nas cercanias do castelo de la Houille, perto de Pierrefont (Cantal), na casa do Sr. Costerousse, proprietário. Penetrara em um compartimento onde se achava uma baixela. Uma pilha de pratos apresentou esta particularidade ultra-extravagante: a metade dos pratos estavam perfurados no centro por um buraco circular da dimensão de uma moeda de um franco; mas essas perfurações se alternavam do seguinte modo: o primeiro prato estava furado, o segundo não, o terceiro sim, o quarto não, etc., seguindo sempre esta ordem muito regularmente.”

Outro exemplo:

O coronel Cotton, de Nanterre, dirigia-me, a 26 de outubro de 1900, uma narração, da qual destaco o que se segue:

> "Um sonho que tive, na idade de catorze anos, impressionou-me tão fortemente que ainda se conserva tão nítido em minha memória como há trinta anos passados.
>
> Eu era nessa época soldado de uma Companhia de Infantaria da guarnição da Escola Militar. Um primo meu deveria vir buscar-me em um sábado, para levar-me ao teatro; nesse dia, embalde esperei a chegada de meu parente e me deitei com o coração cheio de despeito. À noite vi em sonho um enterro e, acompanhando-o, meu primo. Fiz a seguinte reflexão: "compreendo agora por que não me vieste buscar", e foi tudo o que se passou.
>
> Oito dias depois, meu parente veio buscar-me e me disse que a pessoa que lhe deveria oferecer as entradas para o teatro morrera subitamente.
>
> – Sim, eu o sei – disse-lhe eu – e fostes ao seu enterro.
>
> Contei-lhe então o meu sonho, que muito o surpreendeu."

A Sra. A. Vaillant endereçou-me de Foncquevillers (Pas-de-Calais) o curioso relato de um sonho premonitório e de três casos de telepatia muito notáveis que, por uma inadvertência devida certamente à quantidade considerável de cartas recebidas, não foram acima registradas. Sem voltar a esse assunto, direi que o primeiro diz respeito à visão precisa de uma morte, ocorrida em 1794, às margens do Reno, em Arras; o segundo, à aparição e à audição, constatadas em Bapaume, por duas testemunhas, separadamente, de um marido e de um pai mortos nesse mesmo dia na Áustria (1796); o terceiro, a uma jovem, residente em um castelo da Escócia, que, ao descer, correndo, uma escada, vê ao pé desta, banhado em sangue, um tio assassinado nesse mesmo instante em Londres (1796). Eis o sonho premonitório:

(Carta 103)

> "Há alguns anos, em uma cidade do norte, foi nomeado um novo vigário para certa paróquia. Uma pessoa conhecida da Sra.

Vaillant sonhou, alguns dias antes, que esse vigário era um Sr. G., que o mesmo pregava no domingo seguinte sobre determinado assunto, que sua irmã estava sentada diante dele, sendo que *todas as particularidades do seu sonho foram realizadas*."

Eis aqui um outro sonho premonitório, contado por respeitável eclesiástico:

"Achava-me em um internato em Niort, quando tinha quinze ou dezesseis anos, e certa noite tive um sonho extraordinário. Parecia-me estar em Saint Maixent (cidade que eu apenas conhecia de nome), com o diretor do meu colégio, em uma pequena praça, perto de um poço defronte do qual havia uma farmácia, e ver aproximar-se de nós uma senhora da localidade, que reconheci por tê-la visto uma única vez em Niort, na casa em que me achava. Abordando-nos, essa senhora nos falou de coisas tão extraordinárias que, pela manhã, dei parte do que ouvira ao patrão (assim tratávamos o diretor do estabelecimento). Este, muito admirado, fez-me repetir a citada conversação.

Alguns dias depois, tendo o que fazer em Saint Maixent, levou-me ele em sua companhia. Apenas chegados, encontramo-nos na praça que eu tinha visto em sonho, em dois pontos determinados, e vimos dirigir-se-nos, noutro ponto da mesma praça, a senhora em questão, que teve com o patrão a tal conversa que eu lhe havia contado, *absolutamente a mesma, palavra por palavra*.

Groussard
Cura de Saint-Radegonde (Charente Inferior)."

Não se vê tampouco como o acaso poderia explicar esta premonição tão precisa.

Os psicólogos devem ao Sr. Flournoy, eminente professor da Universidade de Genebra, o conhecimento do seguinte sonho premonitório, ocorrido com uma senhora de Genebra, conhecida do aludido sábio.

"Em agosto de 1883, a Sra. Buscarlet regressou a Genebra, por motivo de saúde, após uma permanência de três anos, como

professora de duas jovens, na família Moratief, em Kasan. Ela conhecera, nessa localidade, uma Sra. Nitchinof, que era amiga íntima da Sra. Moratief e que dirigia o Instituto Imperial das moças de Kasan.

A 10 de dezembro de 1883 sonhou que passeava em uma estrada não muito larga, na Rússia, com a Sra. Moratief; viu chegar um carro, espécie de *break* baixo, fechado por meio de cortinas de couro preto, dizendo-lhe aquela senhora:

– *Ide ver o que se acha lá dentro*.

Ela foi, levantou as cortinas e viu uma mulher estendida em todo o seu comprimento, transversalmente à viatura, toda vestida de branco, salvo os sapatos, que eram pretos, e as meias, cinzentas, trazendo à cabeça um chapéu branco, guarnecido de fitas amarelas. Não reconheceu essa mulher. Ouviu no mesmo instante uma voz forte dizer:

– *A Sra. Nitchinof deixará o Instituto a 17*.

No mesmo instante deixou cair as cortinas do carro e o sonho terminou. Era-lhe aquela voz desconhecida; não pôde dizer se era uma voz de homem ou de mulher, nem de onde vinha; entretanto não o era da mulher estendida no carro. Ainda que a viatura nada tivesse de carro fúnebre, a Sra. Buscarlet recorda-se de haver assistido em Kasan ao enterro de uma senhora que se achava vestida, em seu ataúde, exatamente como a mulher vista em seu sonho.

A Sra. Buscarlet não deu interpretação alguma ao seu sonho; entretanto ficou profundamente impressionada com ele. Escrevendo aos Moratief, por ocasião do fim do ano, contou-lhes o sonho, sem atribuir-lhes nenhum alcance molesto, nem dar-lhe sentido literal maior do que o de um simples afastamento da Sra. Nitchinof, a 17, do Instituto.”

Sabendo quanto se deve desconfiar das lembranças um tanto longínquas, depois de haver fielmente anotado o relato da Sra. Buscarlet, o Sr. Flournoy encarregou-a de pedir a seus amigos, da Rússia, restituição da carta em que lhes contara seu sonho, se é que a tinham conservado. Felizmente era esse o caso e ele pôde examinar à vontade essa preciosa missiva, que traz sobre o envelope os carimbos

do Correio de Genebra com as datas 24, XII, 83 (ou seja, 12 de dezembro em estilo antigo) e de várias agências russas, dos quais o último é o de Kasan 20, XII, 83.

Após algumas linhas consagradas aos bons votos de Natal e de Ano Bom, escrevia a Sra. Buscarlet:

> "Tive esta noite um sonho engraçado, que vos quero contar, não que lhe dê maior importância, mas unicamente por ser engraçado. Vós e eu estávamos em uma estrada, no campo, quando diante de nós passou um carro do qual partiu uma voz que vos chamou. Chegadas perto do carro, vimos a Srta. Olga Popoï deitada transversalmente, vestida de branco com um chapéu guarnecido de fitas amarelas. Ela vos disse:
>
> – Chamei-vos para dizer que a Sra. Nitchinof deixa o Instituto a 17.
>
> Depois o carro continuou a rolar. Como os sonhos são por vezes burlescos!"

Duas semanas mais tarde, a Sra. Buscarlet recebia do Sr. Moratief uma carta, da qual eis o começo:

> "Acabamos de receber vossas cartas, muito querida senhora, e foi no leito que minha esposa as leu...
>
> Não, prezada senhora, não é engraçado, não é burlesco, ai de mim! é estranho, é impressionante, estupendo o vosso sonho de 10-22 de dezembro.
>
> A Sra. Nitchinof, a querida, a pobre Sra. Nitchinof, deixou, com efeito, o Instituto, a 17, mas para jamais voltar a ele. A febre escarlatina, acompanhada de difteria, no-la arrebatou em três dias. Faleceu no dia 16, às 11:45 da noite, e às 2 da madrugada *de 17* (não é isso extraordinário?) levaram seu corpo para a capela contígua. Receou-se no Instituto o contágio, eis a razão pela qual se deram pressa em retirá-la dali."

Se examinarmos hoje a diferença entre a realidade, tal qual ressalta da carta contemporânea do sonho, e a narrativa verbal da Sra. Buscarlet, dezoito anos mais tarde, constataremos, de um lado, notável exatidão de suas recordações, quanto ao conteúdo essencial da predição onírica, e de outro lado uma alteração das circunstâncias

conexas, especialmente o completo esquecimento em que ficou a Srta. Olga Popoï. Era esta uma conhecida qualquer de Kansan, e a Sra. Buscarlet, que ficou estupefata de tornar a encontrá-la em sua carta de outrora, não pode explicar o que fora ela fazer naquele sonho.

Como quer que seja, trata-se aí de um acontecimento passado na Rússia e visto, em sonho, na Suíça, com oito dias de antecedência.

O meu inquérito forneceu-me grande número de sonhos premonitórios. Classifiquei-os especialmente, e pedirei ainda permissão aos meus leitores para citar aqui os principais sonhos classificados e acrescentá-los aos onze exemplos precedentes, a fim de lhes facultar o exame de todos os elementos de convicção.

(Carta 19)

XII – "Faço eu mesmo a minha apresentação: Pierre Jules Berthelay, nascido em Yssoire, Puy-de-Dôme, a 23 de outubro de 1825, antigo aluno do Liceu de Clermont, padre da diocese de Clermont em 1850, antigo vigário durante oito anos em Saint Eutrope (Clermont), três vezes inscrito no Ministério da Guerra como esmoler militar.

A. – Após treze anos de penoso ministério, achava-me bastante fatigado, tanto mais que tivera de servir de contra-mestre vigilante, em nome da fábrica, para a construção da graciosa igreja de Saint Eutrope, em Clermont; durante quatro anos acompanhei os operários, desde a profundidade de 10,50m, mergulhado na água das fundações, até à cruz da torre. Fui eu quem colocou as três últimas ardósias.

Nosso professor, o Sr. Vicent, para fazer-me mudar de trabalhos, mandou-me a Lião, onde eu jamais fora. Num dos primeiros dias, ao sair do almoço, disse-me o meu discípulo:

– Senhor abade, quereis acompanhar-me à nossa propriedade de Saint Just Doizieux?

Aceitei; eis-nos a caminho, de carro. Depois de haver passado Saint-Paul-en-Jarret, profiro uma exclamação: "*Mas eu conheço a região!*", digo e, de fato, poderia andar por aí sem guia. Um ano antes, no mínimo, eu vira, durante o sono, todas aquelas pequenas terrasses de pedras amarelas.

B. – Regressei à minha diocese, mas enviaram-me a desempenhar nas montanhas do oeste uma missão muito penosa, acima de minhas forças. Fiquei durante sete meses muito doente em Clermont. Logo que pude manter-me sobre as pernas, mandaram-me substituir o esmoler do hospital de Ambert, acometido de uma congestão cerebral. Ainda não estava construído o caminho de ferro de Ambert e encetei viagem na viatura que fazia o serviço de Clermont a Ambert. Depois de haver passado Billom, lanço os olhos à direita e *reconheço o pequeno castelo com sua avenida de olmozinhos, como se eu tivesse aí habitado*. Vira-o durante o sono, dezoito meses antes, pelo menos.

C. – Estamos no ano terrível. Minha mãe, que tinha visto os aliados formados em parada nos Campos Elíseos, em Paris, é viúva, reclama-me como seu único sustentáculo; dão-me uma pequena paróquia próxima de Yssoire. A primeira vez que fui ver um enfermo, achei-me em ruazinhas estreitas, entre altas muralhas negras, mas encontrei facilmente a saída. Durante o sono, vários meses antes, *eu havia percorrido aquele dédalo de vielas sombrias*.

D. – Acontecimentos independentes de minha vontade levaram-me a Riom, onde me preparo para a grande viagem. Qual não é a minha surpresa em reconhecer, como coisa de meu antigo conhecimento, a capela que o meu colega, o abade Faure, construíra para os soldados, capela que eu jamais vira com os meus olhos e cuja própria existência eu ignorava! Poderia ter feito o croquis [101] que vos remeto, como se houvesse servido de contra-mestre.

Berthelay
Riom (Puy-de-Dôme).”

(Carta 29)

XVI – “Nos primeiros dias de setembro de 1870, nos banhos de mar em Weymouth (Inglaterra), pelas 2 horas da manhã, de quinta para sexta-feira, acordei no mesmo instante em que uma voz misteriosa pronunciou estas palavras muito distintamente:

“Saltai para fora da vossa cama, orai pelos que se acham no mar.” Quase ao mesmo tempo o *Captain*, grande navio inglês, naufragava na baía de Biscaia. Trezentos afogados. O resto da esquadra chegou a Portland Roads, próximo do lugar onde estávamos.

Tendo sido o público admitido a visitar esses navios, companheiros do que naufragara, aproveitamos, eu e um irmão meu, essa oportunidade. Sete anos depois, a 9 de setembro de 1877, esse mesmo irmão pereceu no naufrágio do *Avalanche*, no citado ancoradouro de Portland Roads.

Mary C. Deutschemdaff
Esposa do pastor protestante
de Charleville, Ardennes.”

(Carta 26)

XVII – “O seguinte fato me foi relatado por um dos meus velhos confrades, hoje com a idade de 91 anos, espírito muito positivo e de forma alguma inclinado ao misticismo.

Uma noite, no correr de 1835, trabalhava ele em seu quarto, em Estrasburgo. Subitamente lhe ocorreu a visão muito nítida de Morey, sua aldeia natal. A rua, onde estava localizada a casa paterna, apresentava uma animação insólita a essa hora e ele reconheceu diversas pessoas entre as quais uma de suas parentes conduzindo uma lanterna.

“Alguns dias depois – dizia-me ele – recebi a notícia da morte de minha mãe, ocorrida naquela mesma noite, e *na presença das mesmas pessoas que eu tinha visto*. Além disso, era precisamente a mãe de minha mãe que trazia a lanterna.”

Semelhantes fatos, sem dúvida, são inexplicáveis atualmente, mas isso não é uma razão para negá-los desdenhosamente. Esperemos e pesquisemos: o futuro nos reserva muitas surpresas e desvendará muitos mistérios.

Que é o pensamento? Ignoramo-lo em absoluto, mas podemos supor que ele corresponde a determinado número de vibrações: digamos, se o quiserdes, um milhão de quintilhões por segundo. O cérebro, aparelho que emite essas vibrações, é ao mesmo

tempo transmissor e receptor. É possível que sob a influência de uma excitação intensa, essas vibrações sejam capazes de impressionar a enormes distâncias outras células nervosas. E se os fenômenos de telepatia são sobretudo produzidos por moribundos, sabe-se que, freqüentemente, à aproximação do último instante, o cérebro possui uma superatividade extraordinária. Por outro lado, os que se deixam impressionar são também geralmente seres sensíveis, nervosos, impressionáveis, em uma palavra. Enfim, a afeição, o ódio, a inquietude podem contribuir para pôr em estado de isocronismo cerebral duas pessoas possuídas de tais sentimentos.

Sem cair no domínio do sobrenatural, ou do impossível, dia virá, talvez, mas ainda tão longe, em que o homem verá no telefone e no telégrafo meios primitivos e bárbaros de correspondência a distância; à vontade enviará seu pensamento através do espaço. Será isso, então, verdadeiramente, a subversão do velho mundo.

Dr. Déve
Fouvent-le-Haut (alto Saôna).”

(Carta 53)

XVIII – “No mês de setembro do ano passado, tive, durante uma noite, a visão muito distinta de um enterro de criança saindo de certa casa cujos moradores eu conhecia, ignorando apenas em meu sonho qual das crianças morrera.

Esse sonho me veio à memória durante o dia todo e procurei em vão afastá-lo de meu espírito. À noite, uma das crianças dessa casa, da idade de 4 anos, caiu acidentalmente em um fosso e aí se afogou.

Emile Boismard
Seiches (Maine-et-Loire).”

(Carta 127)

XIX – “Meu irmão mais velho, Emílio Zipélius, artista pintor, morreu a 16 de setembro de 1865, na idade de 25 anos, quando se banhava no Mosela. Residia ele em Paris, mas achava-se naquele momento em visita a parentes seus em Pompey, perto de

Nancy. Duas vezes minha mãe sonhara, em intervalos assaz distanciados, que seu filho se afogava.

Quando a pessoa incumbida de transmitir a terrível notícia aos meus pais se apresentou a casa deles, minha mãe, adivinhando que sucedera uma desgraça, procurou logo informar-se a respeito de uma de suas filhas ausentes, de quem não tivera notícias desde alguns dias. Quando lhe responderam que não se tratava dela, exclamou:

– Não continueis; sei o que aconteceu: meu filho afogou-se.

Havíamos recebido uma carta dele durante o dia, de sorte que nada fazia prever essa catástrofe.

Meu próprio irmão tinha dito à sua empregada pouco tempo antes:

– Se uma noite qualquer eu não regressar à casa, ide à Morgue no dia seguinte, porque tenho o pressentimento que morrerei n'água. Sonhei que estava no fundo d'água, morto e com os olhos abertos.

Foi, com efeito, assim que o encontraram: morrera, n'água, da ruptura de um aneurisma. Minha mãe e meu irmão estavam tão persuadidos de que isso aconteceria, que no dia de sua morte recusara-se ela a banhar-se no Mosela. Mas à noite deixou-se seduzir pela frescura da água e foi arrebatado, desse modo, à nossa afeição.

J. Vogelsang – Zipélius (Mulhouse)."

(Carta 151)

XX – "Há vários anos levei eu a sonhar, pelo menos uma vez por semana, durante seis meses, que me via obrigada a deixar sozinhos os meus filhos para ir trabalhar em um escritório; andava a correr, temerosa de estar atrasada; e a fadiga, a inquietação, fazendo-me despertar, constatava com prazer que nada justificava esse estúpido sonho e que, ao lado de meu marido, desfrutava uma posição modesta, mas suficiente.

Ai de mim! no correr do ano este sonho realizava-se.

Claire."

(Carta 194)

XXI – "A 25 de novembro de 1860, achando-nos no mar, pelas 4 horas da tarde, em um barco, voltávamos à terra e não estávamos a mais de 20 metros da praia, quando um de meus amigos me confessou que havia sonhado, na noite precedente, que ele morreria afogado nesse dia.

Tranqüilizei-o dizendo-lhe que dentro de dez minutos estaríamos em terra.

Instantes depois o nosso barco soçobrou e dois dos meus amigos, um dos quais a quem me referi, afogaram-se, mau grado os cuidados que lhes prodigalizamos. O irmão desse meu amigo ainda é advogado no Havre, onde se verificou a citada catástrofe. (Pode-se, a respeito, consultar os jornais do Havre de 26 de novembro de 1860.)

E. B.
Rua de Phalsbourg, 78, Havre."

(Carta 222)

XXII – "***A***. – No mês de agosto último, numa ocasião em que eu estava ocupado com estudos sobre a greda, supus encontrar, em sonho, um calhau na greda de Brocles, perto de Bernot. Resolvera eu consagrar o dia seguinte a uma visita a essa greda; fiquei muito surpreso de encontrar, nessa minha exploração, um seixo e exatamente nas condições de meu sonho; os seixos de greda são raros.[102]

B. – Há alguns anos, igualmente em sonho, deparou-se-me um achado de objetos galo-romanos, em determinado lugar da aldeia de Sissy. Esse lugar acabava de ser escolhido para a instalação de um novo cemitério. Em uma das primeiras covas abertas os coveiros encontraram um vaso de barro que me foi enviado: era um vaso galo-romano e verificou-se que o novo cemitério achava-se situado sobre antigos túmulos galo-romanos.

Alphonse Rabelle
Farmacêutico em Ribemont (Aisne)."

(Carta 248)

XXIV – "Já fui, por duas vezes, avisado, em sonhos, da morte de pessoas que eu conhecia *apenas de vista* e de cujo falecimento, ocorrido na véspera ou na noite do sonho, tive conhecimento no dia seguinte em circunstâncias e com palavras quase idênticas às do sonho. Em ambos os casos eu ignorava em absoluto que essas pessoas estivessem doentes, pessoas que, aliás, eram-me indiferentes.

M. Lorilliard
Przemysl (Polônia)."

(Carta 251)

XXV – "Tinha eu dezoito anos, quando morreu meu pobre pai, em conseqüência de um ataque. Quinze dias antes da sua morte eu o tinha visto em sonho, em seu quarto, estendido em seu leito de morte, corretamente vestido, rodeado de *cinco pessoas*, todas íntimas da família, que o velavam. Foram essas mesmas *cinco pessoas* que velaram o corpo durante a noite que se seguiu ao falecimento.

Essa constatação, muito extraordinária, deixou-me durante longo tempo sob profunda emoção.

P. B. (Marselha)."

(Carta 253)

XXVI – "Três dias (exatamente o tempo necessário para uma carta vir de Petersburgo até aqui) antes de saber da morte da irmã do pintor Vereschagnine, vi em sonho seu marido, ao qual perguntei, admirado de vê-lo só:

– Onde está Maria Vasilievna?

Respondeu-me ele distintamente:

– *She rest* – o que quer dizer: "ela repousa".

J. Mothe
Seale Horn Ainbleside. Westmorland."

(Carta 261)

XXVII – "Quando minha mulher, ainda solteira, tratava de sua mãe, pouco repousava tanto de noite como de dia. Certa noite, a última, durante um breve sono bem pouco reparador, ela viu sua mãe em sonho. Esta última lhe disse:

– Perder-me-ás *às onze horas*.

E a predição cumpriu-se exatamente; o doloroso acontecimento verificou-se à hora predita.

Minha mulher não falou a respeito desse sonho senão após os primeiros dias de luto, não havendo, portanto, outra prova além de sua palavra, na qual acredito cegamente. Se julgardes útil publicar este caso, prefiro, dada a minha qualidade, que meu nome fique oculto.

X.
1º tenente de Marinha, em Rocheford."

(Carta 268)

XXVIII – "***A***. – Em 1858 (já não sou criança), estava eu em Terrasson (Dordogne), empregado na construção da estrada de ferro de Perigueux a Brive. Um outro empregado no mesmo trabalho, natural dos Altos Alpes, disse-me, certa manhã, muito preocupado, que na noite precedente *vira um fantasma* no qual acreditava reconhecer seu pai. Dois dias depois recebia ele um sobrescrito tarjado de luto: era uma carta participando-lhe o falecimento de seu pai, ocorrido *na própria noite da aparição*.

B. – Em 1885, estava eu em Perigueux com a minha família. Minha mulher viu em sonho, na noite de 15 para 16 de janeiro, um leito cercado de cortinado e, perto, uma mesa sobre a qual se achavam um círio aceso e um crucifixo; ela me contou esse sonho que a alarmava. Ora, recebemos uma carta de Rodez, onde se encontrava meu sogro, comunicando-nos que ele fora acometido de pleurisia, em conseqüência da qual sucumbira pouco depois.

Lumique
Rua Traversière-des-Poitiers, 7, Toulouse."

(Carta 270)

XXX – "Achando-me acordada, tenho freqüentemente sentido perto de mim a presença de um ente desaparecido e vivamente relembrado com saudade. Além disso, dois dias antes da morte dessa mesma pessoa, sonhei que me chegava uma carta *impressa* participando o seu falecimento, e foi por essa forma que a triste notícia veio ao meu conhecimento.

Viúva Poullain Bouhou (Seignelay)."

(Carta 345)

XXXI – "Tenho feito a triste experiência de que todas as vezes que vejo em sonho uma das minhas amigas, falecida há cinco anos, perco um membro de minha família.

O que sobretudo me impressionou, porém, há cerca de mês e meio, foi que essa mesma pessoa veio, em sonho, passear comigo, do lado de Lagoubran. Chegados ao bulevar de Estrasburgo, à entrada de Toulon, ela deixou-me e voltou para Lagoubran, em companhia de operários que eu não conhecia. Todos tinham o ar de pessoas infelizes.

Durante vários dias perguntei a mim mesmo com pavor, a quem ainda ia perder, quando ocorreu a catástrofe de Lagoubran, que todo mundo conhece. Ela viera, pois, anunciar-me a desgraça que devia ferir a cidade inteira.

Uma de minhas amigas sonhou, na noite de 3 para 4 de março, com as cenas que se produziram na noite de 4 para 5, e no domingo, quando ela viu desfilar pela frente de sua casa os carros de artilharia transportando os mortos e os feridos, acompanhados de soldados e de padres, parecia-lhe ver uma segunda edição de seu sonho.

M. J. D. (Toulon)."

(Carta 351)

XXXII – "Acontece-me freqüentemente achar-me em uma situação qualquer, tão banal quanto possível, de que eu tivera *a exata sensação* em indeterminado tempo antes.

H. Charpentier (Francfort-sur-Mein)."

(Carta 371)

XXXIII – "Era em 1889, num certo dia do mês de abril. Uma jovem chamada Jeanne Dubo, empregada no serviço de minha casa como criada, sucumbia repentinamente, em minha presença, sem que eu pudesse prestar-lhe o menor socorro. Tratava-se de um caso de morte súbita, causada pela ruptura de um aneurisma.

Os pais dessa moça, pobres rendeiros que moravam e moram ainda no Departamento de Landes, tendo recebido a dolorosa notícia, chegavam em prantos a casa, no dia seguinte ao dessa triste ocorrência.

Essa primeira entrevista foi tão penosa para mim como para eles, pois sentia-me profundamente abalado com a morte dessa moça, a quem tanto me afeiçoara pela franqueza e pela doçura de seu caráter, como também por causa do zelo que demonstrava nos cuidados da minha casa.

Chegada a noite, estando eu a velar a morta, em companhia de seu pai e de sua mãe, dirigi-me ao velho Dubo, fazendo-lhe, em patuá, a seguinte pergunta:

– Diga-me, Dubo, não teve algum pressentimento à propósito da morte de Joana?

– Como é isso? – respondeu-me ele –, não compreendo.

– Sim – continuei – um sinal qualquer... que sei eu... qualquer coisa que lhe tenha podido advertir de que o ameaçava uma desgraça?

– Não – respondeu-me ele sacudindo a cabeça, nada!...

– Um sonho?... por exemplo – insisti.

– Um sonho!... Ah! esperai – disse ele, como uma pessoa que procura recordar-se –. Sim, um sonho! – murmurou depois, voltando a cabeça para o lado de sua mulher, que se achava deitada, vestida, num colchão: – Ouves Marcelina? Teu sonho, hein!"

Soluços abafados responderam a essa interrogação. Contou-me, então, que uma noite – fora isso há uma dezena de dias –, sua mulher *sonhara que a filha estava morta*; que, durante o sonho, ela gemera e chorara lágrimas ardentes e que, mau grado

os esforços que fizera para consolá-la, sua mulher conservou até o amanhecer a idéia de que sua filha estava morta. Seguiu-se uma forte enxaqueca, que durou vários dias.

Este sonho, que de alguma sorte eu adivinhara, e que a esposa de Dubo tomara por uma realidade, devia assim tornar-se, com efeito, dez ou doze dias mais tarde.

Justin Mano
Tesoureiro-cobrador, em Belin (Gironde).”

(Carta 406)

XXXIV – “Em 1865, achava-me na Inglaterra, como professora em um internato; contava 18 anos. O clima não me convinha, sentia-me doente e os meus pensamentos volviam-se constantemente para a França.

Fora à Inglaterra com o intuito de aí permanecer por dois anos, o tempo necessário para aprender o inglês; aí estava desde o mês de janeiro, quando, exatamente no fim de julho, sonhei que me era preciso estudar rapidamente, porque não devia permanecer muito mais tempo nesse país, mas sem conhecer o motivo que me obrigaria a partir.

Tal sonho me preocupou e afastei-o de meu pensamento, dizendo que todo o sonho é enganoso.

A 13 de agosto seguinte, morreu minha mãe e eu precisei, com efeito, voltar à França.

Léonie Serres, nascida Fabre Deaux,
Cantão de Vézénabres (Gard).”

(Carta 486)

XXXV – “Em sonhos vi e percorri detalhadamente um país que me era desconhecido. Mais tarde pude controlar essa... visão e verificar que era exata e precisa. Se o desejardes, entrarei em detalhes.

Abdou Grau
Ain Beida (Constantine).”

(Carta 496)

XXXVI – "Há justamente dois anos, ocupando eu um lugar na América, estávamos em vilegiatura no Maryland, quando uma noite vi em sonho uma grande porta monumental que fechava a entrada de vasta floresta e, a dois passos dessa porta, a casinhola de um guarda de mata. Contei meu sonho na manhã seguinte à Srta. S., de quem eu era professora, dizendo-lhe que, sem dúvida, voltaria breve à Europa.

Mas qual não foi a minha surpresa quando, no ano passado, estando, na verdade, de retorno e tendo sido nomeada para Cracóvia, partimos para o campo, no mês de junho. Alguns dias depois de nossa chegada, uma jovem aluna minha, de 14 anos, disse-me:

– Vinde, senhora, quero mostrar-vos a bela floresta de T., pertencente ao conde P.

Para lá nos dirigimos e, à entrada da floresta, *reconheci aquela porta* que tanto me impressionou por ocasião do sonho, exatamente um ano antes.

– Maria – disse eu à minha aluna – vi esta porta há um ano, muito longe daqui, em sonho – no que achou ela muita graça.

Rogo-vos não publicardes o meu nome.

L. R. (Morávia, Áustria)."

(Carta 499)

XXXVII – "Suponho que seja útil assinalar-vos dois fatos bem característicos, relativos ao pressentimento que tiveram em sonho duas pessoas do meu inteiro conhecimento.

A. – A primeira pessoa sonha que seu pai faleceu. Um mês depois seu pai morre *nas mesmas circunstâncias que acompanharam o sonho*.

B. – A segunda sonha (uma senhora) que seu filhinho acaba de morrer, na véspera do dia em que realmente ele falece e sempre *nas mesmas circunstâncias do sonho*.

G. Vian
Antigo secretário da Sociedade

Científica Flammarion, de Marselha.”

(Carta 509)

XXXIX – “Tive, em fevereiro ou março de um dos últimos anos, a visão, em sonho, de uma amiga íntima, trajando luto fechado de um de seus parentes. Assisti nessa noite a todas as peripécias que se podem experimentar em uma viagem de retorno, em meio da noite, vendo-a no meu sonho, com seu filho, *vagando, em meio de uma gare, no escuro da noite*, à procura de veículos ou meios de transporte, para chegar a casa antes da cerimônia fúnebre.

Cinco meses depois, constatei a completa realização de meu sonho. Essa pessoa, a quem dedico a mais elevada afeição, experimentou, nas circunstâncias relatadas, todos os desassossegos, tormentos e agonias de que eu a vi assoberbada com seu filho. O membro de sua família, que ela perdera, estava, aliás, muito doente, mas estava-se longe, contudo, de imaginar um desenlace tão próximo.

A realização, conquanto não tenha sido muito rápida, produziu-se, entretanto, no espaço de poucos meses.

De onde vem, pois, essa presciência do futuro, manifestada nos sonhos?

M. P. H. D. M. (Romans).”

(Carta 527)

XL – “Dirigia-me ao colégio, do qual era aluno externo, vendo-me, em sonho, a atravessar a Praça da República, em Paris, com um guardanapo no braço, quando, exatamente defronte dos Armazéns do Pauvre-Jacques, passou um cão perseguido por um bando de garotos que o maltratavam. Contei exatamente o número: oito. Os empregados começavam a desempenhar suas funções, uma vendedora das quatro estações passava com seu carro cheio de frutas e de flores.

No dia seguinte, pela manhã, dirigindo-me ao colégio, vi em idênticas circunstâncias, na mesma praça, a cena que tinha visto em sonho. Nada aí faltava: *o cão* corria pela sarjeta, *os oito garotos* o perseguiam, *a vendedora* das quatro estações subia

com o seu carro, em direção ao bulevar Voltaire e os empregados do Pauvre-Jacques dispunham os seus tecidos à porta da loja.

Ed. Hannais
Av. Lagache, 10, Villemomble (Seine).”

(Carta 549)

XLI – “Pelos anos de 1827 ou 1828 achava-se meu pai em Nancy. Existia na época uma dessas loterias, depois interditas, nas quais era preciso determinar, ao tomá-los, os números em que se desejava jogar. Meu pai estava fortemente inclinado a tentar a sorte, mas ainda hesitava, quando uma noite viu, durante o sono, destacarem-se dois números em caracteres fosforescentes sobre uma das paredes do seu quarto. Vivamente impressionado, resolveu ir, logo que se abrissem os guichês, pedir os números sonhados. Escrúpulos de delicadeza retiveram-no à porta. Não pôde deixar, entretanto, após a extração da loteria, de ir informar-se dos seus resultados. Os números com que ele havia sonhado tinham saído na ordem em que lhe apareceram, dando um prêmio de 75.000 francos.

Srta. Meyer
Niort (Deux Sèvres).”

(Carta 554)

XLII – “Fomos a Paris, minha mulher e eu, em maio de 1897, passar alguns dias, e detivemo-nos em Angers, na casa de uns parentes. Pela manhã do dia fixado para a nossa partida para Paris eu estava nesse estado de delicioso adormecimento, no qual nos comprazemos, quando temos a vaga idéia de que a vida renasce em torno de nós e muito confortavelmente repousamos deitados em boa cama. Não me achava acordado; cochilava. De repente ouvi uma voz fresca e de bom timbre cantando uma romança deliciosa que me encantou; essa ária me pareceu tão bonita que lamentei ter acordado. Eu estava em êxtase.

Em minha imaginação atribuí esse canto a um jovem aprendiz que se tivesse detido sobre o cais, exatamente sob as minhas janelas, para cantar.

Chegados a Paris nesse mesmo dia, fomos passear a noite em um café-concerto dos Campos Elíseos. Imaginai o meu espanto quando, a meio do espetáculo, ouvi um artista cantar a mesma ária que ouvira em sonho pela manhã. *Afirmo que eram absolutamente as mesmas notas*.

Essa ária era-me completamente desconhecida na véspera e depois não mais a ouvi.

Emile Soux
Rua Victor Hugo, 6, Carcassone."

(Carta 558)

XLIII – "Eu tinha, em 1871, um irmão de 20 anos, médico militar no hospital de Montpelier. Meu desgraçado irmão veio a cair doente. Chamaram meu pai por telegrama, pois meu irmão estava com a febre tifóide. Esgotado pelas emoções e pelas fadigas da guerra, ficou bem depressa em estado grave, mau grado os cuidados de que foi rodeado.

A 1º de dezembro disse ele a meu pai, que não saía de sua cabeceira:

– Vejo três ataúdes no quarto.

Disse-lhe papai:

– Enganas-te, meu bom amigo, estás vendo berços.

Devo esclarecer-vos que eu tinha uma irmã primogênita, casada há três anos, que tinha um gentil garotinho de 13 meses, muito bem disposto, e um outro de 8 dias.

No dia seguinte meu irmão piora e expira nos braços de meu pai. Este regressa a Douai após o enterro e encontra o meu pequeno sobrinho morrendo de crupe; o segundo, soberbo de saúde, sucumbiu a seu turno.

Eis aí, portanto, os três túmulos vistos por meu pobre irmão. Aí se acham descritos, textualmente, os fatos como se passaram.

Berthe Dubrulle
Rua de l'Abbaye-des-Près, Doual."

(Carta 573)

XLIV – "***A***. – Em 1889 era eu inspetor das estradas distritais no Departamento de Lozère. Achando-me em viagem de inspeção em Saint Urcize (Cantal), tive, pela meia-noite, a impressão de uma voz que me disse: "*Teu pai morreu*". Regressei à casa, dois dias depois, muito preocupado; não havia nenhuma notícia desagradável a respeito de meu pai, residente em uma comuna afastada; mas dois dias depois (creio) de minha chegada, recebi um telegrama chamando-me para junto dele, gravemente enfermo de uma congestão pulmonar. Parti imediatamente, mas só cheguei dez a doze horas após o falecimento.

Se houvesse partido logo em seguida ao aviso recebido em sonho, teria podido passar cerca de 36 horas com meu pai antes da sua morte. Não tenho necessidade de dizer-vos quanto lamentei não tê-lo feito.

B. – Contava eu 21 anos; ia ser sorteado. Na véspera sonhei com o número 45, que me foi dado no dia seguinte. Isso parece indicar-me que as operações que se julgam subordinadas meramente ao acaso estão submetidas a outras leis. Por outro lado, entre o momento do sonho e o momento em que tirei o número da urna passaram-se muitas operações com o objetivo de entregar ao acaso a aplicação dos números. Como se compreende que não tenham elas modificado o que parecia resolvido na véspera?

Guibal
Inspetor distrital em Belizane, Argélia."

(Carta 584)

XLVI – "Em 1893, tinha eu minha filha em Paris, na Escola de Odontologia. Conquanto estivesse com 20 anos, não manifestava ela disposição alguma para o casamento. Tive, a 2 de janeiro, um sonho realmente estranho. Via chegar minha filha, que estava em férias, às 5 horas da manhã (ela jamais viera por esse trem); vi-a entrar em meu quarto, coberta com um grande

manto listrado que eu não conhecia. Aproximou-se da minha cama, abraçou-me e me disse:

– Mamãe, quero casar-me; amo, sou amada e, se o não desposar, morrerei por essa causa.

Fiz-lhe todas as minhas advertências, dizendo-lhe que seria mais prudente esperar pelo fim dos estudos, para não interromper o seu curso. Nada consegui; ela insistiu de tal modo que, em meu sonho, aquiesci ao seu desejo.

No dia seguinte, ao despertar, voltou-me o sonho à memória. Contei-o logo à minha empregada e a uma operária que eu tinha em casa, e acrescentei:

– *Tanto vale sonhar como enganar*. Mas não importa; não escreverei sobre esse sonho à minha filha, com receio de lhe despertar a idéia do casamento.

No fim de julho do mesmo ano recebi uma carta de minha filha, informando-me de que ela havia passado, com êxito, nos exames do 2º ano e que voltaria a casa nessa mesma noite, pelo trem que tomava habitualmente e que chegava a Saint Amand às 12:49 da noite. Esperamo-la, mas em vão.

Às 5 horas da manhã somos despertados por um forte soar de campainha. A criada vai atender e minha filha entra em meu quarto, coberta com um guarda-pó listrado que comprara alguns dias antes. Abraça-me e me repete, palavra por palavra, as expressões que me viera dizer, a 2 de janeiro, em sonho. Eu não estava completamente acordada e lhe dei esta resposta:

– Mas tu já m'o disseste!

– Como poderia ter-te falado nisso? Há apenas oito dias que tomei esta decisão!

Imediatamente me lembrei do sonho; a minha empregada relatou-o. Mas minha filha não se mostrou surpresa, dizendo-me que eu já tinha visto em sonho o que deveria suceder muito tempo depois. Efetivamente, eu vira Saint Amand, que não conhecia, assim como os apartamentos que atualmente ocupo, dois anos antes de vir habitá-los.

Sra. Bovolin

Saint Amand (Cher).”

(Carta 607)

XLVII – “***A***. – Há alguns anos tínhamos uma amiguinha, a quem sua mãe acabava de levar ao internato, em Écouen. Sonhei nessa época que via a menina passar na rua. Admirava-me de sua presença, sabendo que havia partido e (sempre em sonho) sua mãe veio dizer-nos: “Não pude conformar-me em deixar minha filha no internato, *fui buscá-la*.”

Um ou dois dias depois desse sonho recebemos a visita dessa senhora. Disse-lhe eu:

– Margarida vai bem no internato?

Respondeu-nos ela:

– Não sabeis o que acabo de fazer: é que não me pude conformar em deixá-la no internato e a *vim buscar*.

B. – Em Toul, onde residíamos, havia um mendigo que me impressionava estranhamente; inspirava-me uma grande aversão, porquanto era repugnante física e moralmente. Uma noite sonhei que batiam à porta, à noite, e na obscuridade pareceu-me reconhecer a silhueta desse mendigo, que me disse: “Senhorita, estou sem abrigo; podeis dar-me uma pousada para esta noite?”

No dia seguinte, à noite, não mais em sonho, mas em realidade, achava-me na sala de jantar com minha irmã e uma priminha, quando ouvi barulho do lado da porta da cozinha. Fui ver. O mendigo lá estava e disse-me:

– *Não tenho abrigo, podeis dar-me uma pousada por esta noite?*

Srta. Hubert (Nancy).”

(Carta 608)

XLIX – “***A***. – Com a idade de 11 anos sonhei que me achava perto de um bosque, ao cair da noite, tendo diante de mim uma parede. Estava a sós e tinha vontade de chorar. Alguns meses mais tarde achei-me nesse mesmo local e em idênticas circunstâncias.

B. – Em 1882, vindo de ser promovido a sub-oficial no 119º (Havre), sonhei que era professor; achei graça no sonho, pois não tinha elementos para conseguir isso. Dois anos depois achava-me em Stains, como professor e com as crianças que tinha visto.

C. – Em 1893 batia eu à porta do quarto do meu pai (residente em Faux-la-Montagne, Cantão de Gentioux, Creuse), recém-chegado da Martinica, após 9 anos de ausência. Pergunta-me ele, sem reconhecer-me, quem sou e o que quero.

– Sou um viajante e trago-vos notícias de vosso filho que está na Normandia.

– E o da Martinica?

– Não tenho notícias dele. Por que me perguntais isso?

– É porque *esta noite sonhei estar vendo-o, aí*, perto da porta, *como o estás agora*.

E caiu em pranto. É preciso notar que ele falara desse sonho ao despertar e antes de ter-me visto. A minha volta não tinha sido anunciada de modo algum.

Legros
Diretor de escola, em Gros-Morne, Martinica."

(Carta 619)

LII – "Alguns dias após meu casamento, disse-me a esposa:

– É extraordinário, mas eis que há cerca de seis meses sonhei que me casava contigo. cheguei mesmo a fazer a narrativa do sonho a minha mãe, no dia seguinte pela manhã, e nos rimos do caso, tendo minha mãe declarado: "Oh! é provável que esse moço não pense em ti!"

Ora, notai que não nos tínhamos, até essa data, jamais falado; que *não nos conhecíamos*, embora residindo na mesma localidade, que nos tínhamos visto somente de longe, por acaso, e que não freqüentávamos nenhum amigo comum.

É, portanto, assaz extraordinário que essa moça tenha sonhado a respeito de uma próxima união comigo. Entretanto, esse sonho teve a sua realização.[103]

T. (Villeneuve sur Yonne)."

(Carta 623

LIII – “Pedistes que sejam trazidos ao vosso conhecimento os fatos inexplicados, a respeito dos quais não se tenha dúvida, concernentes aos sonhos, e outras observações da mesma ordem. O que vou dizer-vos talvez não tenha para vós importância alguma, nem vos interesse; mas, se todo mundo pensasse assim e nada dissesse, vosso apelo seria inútil e a Ciência não avançaria. Venho, pois, escrever-vos o que sei, unicamente rogando-vos que não publiqueis o meu nome, se por acaso fizerdes uso de minha carta; resido em pequena cidade e prefiro o silêncio.

A. – No mês de janeiro de 1888, achava-me grávida desde uma data absolutamente desconhecida, por motivos especiais. Achando-me muito incomodada, mandou meu esposo chamar a parteira, que me disse:

– Creio que será para breve.

Trata-se de uma senhora muito instruída. No dia seguinte eu ia bem. A 1º de fevereiro repetiu-se o incidente, e minha irmã, um ano mais moça do que eu e solteira, disse-me pela manhã (ela ignorava que eu ainda estivesse sofrendo e residia em outro bairro):

– Esta noite, não me parece que tenha sido sonho, conquanto eu não estivesse desperta, disse-me alguém: “Vossa irmã não se deve inquietar com essas indisposições, *a criança nascerá a 22 de junho*.”

E acrescentou:

– Repliquei àquela voz: Mas, uma vez que estais tão bem informado, dizei-me, será um rapaz ou uma menina? Responderam: “Não o sei, mas não ficareis muito contentes.”

Tínhamos dois filhos e desejávamos ardentemente uma filha. Naturalmente todos nós achamos graça no que minha irmã nos disse e, como as minhas indisposições continuassem, fazia os meus preparativos.

Mas, como fossem passando os meses de fevereiro, março, abril, deixamos pouco a pouco de rir de minha irmã, que suportava as nossas zombarias sem abalar-se em sua convicção;

acabamos mesmo concluindo que ainda dessa vez seria um rapaz, pois que não devíamos ficar contentes, e acreditamos tanto em sua predição que a 21 de junho armei o berço e preparei tudo para o dia seguinte.

A 22 de junho, pelas 10 horas da manhã, veio ao mundo a criança. Era uma menina, que foi aclamada, mas tive logo em seguida uma hemorragia que me levou à beira do túmulo. Dois dias depois meu primogênito foi acometido de bronquite; minha irmã, pela primeira vez em sua vida, ficou doente; em seguida meu segundo filho teve o crupe e foi operado; saindo minha irmã muito cedo para vê-lo, teve uma angina diftérica muito grave e, enfim, meu pai, três meses depois, sofreu um acidente de que veio a morrer: não nos sentíamos, portanto, de certo muito felizes.

B. – Tinha três semanas a minha filha; eu não podia mais amamentá-la, devido a abcessos do peito; meu marido devia ir a Manosque ver uma ama que nos inculcaram e trazê-la no mesmo dia. Era uma sexta-feira, 13 de julho. Ao despertar, senti-me inquieta por causa de um sonho extravagante que tive. Meus filhos iam bem, estando o primogênito em convalescença e o segundo, admirável criança, como um verdadeiro mimo. Eu disse a meu marido:

– Coisa estranha, esta noite sonhei que estava em uma cidade desconhecida, procurava a pajem de René e me disseram: "*Como é sábado*, ela foi lavar." Eu a buscava inquieta e, encontrando-a a sós, perguntei-lhe: "E René, que fizeste dele?" Clotilde respondeu: "Senhora, deixei-o atrás dessa parede." Fui correndo procurá-lo, ele estava deitado contra a parede, inteiramente nu, o corpo negro como que de fuligem e um buraco na garganta, de onde saía a traquéia-artéria: não estava, entretanto, morto.

Meu marido riu-se do meu sonho e da inquietação que ele me trazia. Pelas 4 horas da tarde, René, que não saíra, brincando com seu pai, foi acometido de um acesso violento de tosse, que o sufocava; mandei depressa chamar um médico. Imediatamente declarou-se o crupe.

As 2 horas da manhã de *sábado*, 14 de julho, os quatro médicos se preparavam para fazer a operação de traqueotomia: ainda não havia sido descoberto o sérum. A criança, *inteiramente nua*, foi deitada em uma mesa, *teve o pescoço aberto e uma cânula de prata introduzida na traquéia-artéria*; quase terminada a operação, tendo-se desprendido a traquéia do colchete que a mantinha, foi a criança sufocada pelo sangue, *seu corpo tornou-se todo negro*. Felizmente, uma forte dose de ipeca provocou uma tosse que, fazendo a traquéia elevar-se, permitiu segurá-la.

Durante a operação, inclinando-se meu marido para mim, dize-me:

– Valentine, teu sonho de ontem, de que eu fiz tanta caçoada!...

Hoje o menino está crescido e muito bem disposto.

Sra. X. (Forcalquier).”

(Carta 632)

LV – “O Sr. A., juiz de Direito, contou certa manhã à sua esposa e à sua filha (a Sra. M., de quem ouvi a narrativa) o seguinte sonho:

– Tomava eu um carro na vila, quando vejo diante da casa D. *dois ataúdes* e um cortejo fúnebre que os acompanhava; reconheci quase todos os assistentes: o prefeito, os juízes, as autoridades municipais, os parentes. Perguntei a um transeunte: Quem morreu na família D.? “Então não sabeis? – foi-me respondido – A Sra. D. e seu filho morreram no mesmo dia e realiza-se hoje o enterro.”

Nesse mesmo dia, chegando à vila, o Sr. A. viu, com efeito, dois ataúdes diante da casa D. e os assistentes *exatamente como os reconhecera em sonho*. Não ousava quase perguntar quais eram as pessoas falecidas, pois estava antecipadamente certo de ouvir as palavras de seu sonho. Decidiu-se afinal a deter um transeunte e fazer-lhe a pergunta, sendo-lhe respondido:

– Então não o sabeis? A Sra D. e seu filho morreram no mesmo dia e realiza-se hoje o enterro.

O que me pareceu interessante nesse sonho é que as palavras ouvidas nele foram exatamente as mesmas que na realidade; houve, portanto, ao mesmo tempo visão e audição premonitórias.

Podeis estar certo da *perfeita autenticidade* do fato. A família A. ficou tão impressionada com isso que lhe conservou uma recordação absolutamente precisa.

H. Besson
Pastor em Orvin-près-Bienne, Suíça."

(Carta 640)

LVI – "Sonhei que, estando a andar de bicicleta, veio um cão lançar-se de encontro à roda, e eu cai, quebrando o pedal da máquina.

Pela manhã, contei o ocorrido à minha mãe que, sabendo quanto habitualmente os meus sonhos são exatos, me convidou a ficar em casa. Resolvi, efetivamente, não sair, mas pelas 11 horas, no momento de nos sentarmos à mesa, o correio trouxe uma carta informando-nos de que minha irmã, residente a cerca de 8 quilômetros, se achava doente. Esquecendo de repente meu sonho, para não pensar senão em saber notícias de minha irmã, almocei à pressa e parti de bicicleta. Minha viagem realizou-se sem incidente algum até o lugar em que me vira, na noite precedente, rolando no pó e quebrando a minha máquina. Apenas meu sonho me atravessou o espírito e enorme cão desembocou subitamente de uma propriedade vizinha, procurando morder-me a perna. Sem refletir, eu quis dar-lhe um pontapé, mas no mesmo instante perdi o equilíbrio e caí sobre a bicicleta, quebrando-lhe o pedal, realizando assim meu sonho em seus mínimos detalhes. Ora, peço-vos que noteis o seguinte: era bem a centésima vez, pelo menos, que eu fazia esse trajeto, sem que jamais tivesse a deplorar o menor acidente.

Amédée Basset
Notário em Vitrac (Charente)."

(Carta 643)

LVII – "O marechal Vaillant, que não era nem um visionário, nem um espírito apoucado, afirmou a um de meus amigos que

mais de uma vez me contou isso, que, partindo para o assédio de Roma, cujas operações estava incumbido de dirigir, e ignorando completamente os trabalhos executados para fortificar a praça, vira muito distintamente em sonho, antes de chegar à Itália, *o lugar preciso* por onde deveria começar o ataque. Era, com efeito, como o reconheceu depois, o ponto mais fraco da defesa.

Relato-vos o fato sem comentários; vós o classificareis sem dúvida na categoria das auto-sugestões.[104]

B. Kirsch
Diretor aposentado, em Semur (Côte d'Or)."

(Carta 667)

LVIII – "***A***. – Minha mãe, nascida em 1800, morta em 1886, teve as febres em 1811, quando estava no internato em Aire-sur-la-Lys. Em um acesso de delírio, viu-se em casa de sua mãe, a Sra. Campagne, nascida Maria Luíza de Launoy de Linghem, em Estrée-Blanche (Pas-de-Calais) e pediu em grandes gritos que a levassem, porque a casa estava pegando fogo.

Ora, um ano depois, em 1812, a casa d'Estrée incendiava-se realmente e minha mãe tornava a ver o incêndio *exatamente* como o tinha visto no delírio da febre, em 1811.

O corpo principal do edifício e uma das alas foram reduzidos a cinzas; a outra ala foi preservada, tendo sido aí que a minha avó se alojou provisoriamente, mau grado sua numerosa família. Minha mãe nunca mentiu, que eu saiba; ela me contou isso um número incalculável de vezes, e não somente ela, mas também os meus tios e minhas tias. O edifício preservado do fogo ainda existe.

B. – Pelo mês de julho de 1887, suponho (poder-se-ia saber a data exata na *mairie* de Saint-Omer), residia eu então em Tatinghen, aldeia situada a 4 quilômetros daquela cidade. A Srta. Estelle Poulain, que mora em minha casa desde 1873, viu em sonho sua tia, a Sra. Leprêtre, nascida Honorina Hochart, que lhe falava. A Srta. Poulain não podia distinguir seus traços, mas *sabia que era bem sua tia*. Despertou em sobressalto e, quase ao

mesmo tempo, soaram 3 horas (da manhã) no relógio do seu quarto.

Entre meio-dia e 1 hora, o tio da Srta. Poulain, Sr. Noel Leprêtre, chegou a minha casa para comunicar-lhe que sua esposa e tia daquela senhorita, Honorina Hochart, morrera pela manhã, um pouco antes das 3 horas, tendo dito à irmã de São Vicente de Paulo, que a tratava:

– Que desgraça! não mais verei minha sobrinha Estelle!

Ora, a Srta. Estelle Poulain, afirmo-o sob palavra de honra, contara-me o seu sonho *muito tempo antes* da chegada de seu tio...

Léon Leconte
Redator-chefe d'*O Estudante*, Paris."

(Carta 725)

LX – "Fui, em 1882, bruscamente separado de uma pessoa que me era *muito querida* e, certa vez, no lapso dessas semanas em que estive mergulhada no mais profundo acabrunhamento, ouvi uma voz desconhecida dizer-me: "Dentro de um ano, contado dia a dia, essa pessoa voltará a ti."

Foi isso no mês de maio e, no ano seguinte, pela mesma época, encontro na rua a referida pessoa que, à minha vista, experimenta uma emoção tão viva como a que eu própria experimentava. Entramos em explicações, queixas, remorsos, por fim reconciliação e desde essa hora não tive amigo mais devotado e cujo arrependimento fosse *mais sincero*.

Tenho tido, durante o sono, visões a distância, de cidades onde em seguida tenho ido (muito surpresa de ver monumentos e ruas já vistos *quando dormia*), como Bruxelas, por exemplo, que visitei *um ano antes de aí ter estado*.

H. Poncer
Rua Paadis, 457, Marselha."

(Carta 748)

LXI – "***A***. – Minha pobre mãe morreu na noite de 17 de setembro de 1860, às 3 horas da madrugada, tendo conservado

íntegra a memória e tendo nítida consciência do que se passava ao seu derredor. Um pouco antes de morrer, procurou-me com o olhar, parecendo que seu sofrimento era dilacerante; grossas lágrimas corriam-lhe pelo rosto (isso me foi contado mais tarde).

Ora, nessa mesma noite, 17 de setembro de 1860, às 3 horas da manhã, acordei em sobressalto, crendo ouvir minha mãe chamar-me, e isso repetidas vezes; levantei-me da cama gritando: "Mamãe, mamãe!", o que despertou meu companheiro de cama, depois, como uma massa, caí por terra. Foi necessário fazerem-me voltar de uma síncope que não durou menos de vinte minutos.

B. – Estava-se em 1869, no momento do plebiscito. Tive, certa noite, um sonho, para melhor dizer: um pesadelo horrível. Nesse pesadelo, eu me via soldado. Estávamos em guerra; eu experimentava todas as agruras da vida militar: a marcha, a fome, a sede; ouvia as vozes de comando, a fuzilaria, o estampido do canhão; via os mortos e os feridos caírem ao meu lado, ouvindo-lhes os gritos.

De repente, encontrei-me numa região, numa aldeia onde tivemos de suster um ataque terrível do inimigo. Eram prussianos, bávaros, cavaleiros (dragões badenses) – notai bem que jamais tinha eu visto desses uniformes e que não se tratava absolutamente de guerra. Em dado instante vi um dos nossos oficiais subir ao campanário da aldeia, munido de um binóculo, para observar os movimentos do inimigo, depois descer, formar-nos em coluna de ataque, ordenar o toque de avançar e lançar-nos para frente, a marche-marche, numa carga de baioneta, contra uma bateria prussiana.

Nesse instante do meu sonho, achando-nos engalfinhados corpo a corpo com os artilheiros daquela bateria, vi um deles desferir-me um golpe de sabre na cabeça, tão formidável que a separou em duas partes. Foi então que despertei, caindo da cama: experimentava uma forte dor de cabeça. Ao cair da cama bati com a cabeça em uma pequena estufa que me servia de mesa.

A 6 de outubro de 1870 esse sonho realizou-se: aldeia, escola, *mairie*, igreja; o nosso comandante subindo ao campanário para

observar as posições do inimigo, depois descendo e, ao toque de avançar, arrojando-nos, a baioneta calada, contra as peças prussianas. Em meu sonho, nesse mesmo instante, eu tivera a cabeça rachada por um golpe de sabre! Aqui, realmente, eu o esperava; mas não recebi mais do que um golpe de lanada (talvez destinado à cabeça) que, repelido a tempo, veio ferir-me a coxa direita.

A. Régnier
Antigo sargento-mor da Companhia dos
Franco-atiradores de Neully sur Seine.
Rua Jeanne Hachette, 23, Havre."

(Carta 782)

LXIII – "Em 1867, estava eu em Bordéus, à frente de uma farmácia que abrira havia alguns meses. Uma noite vi em sonhos os algarismos 76 fr. 30 inscritos no livro da receita, no lugar onde se devia inscrever a receita do dia seguinte. Pela manhã desse dia eu estava vendo tão bem gravada essa cifra em meu espírito que não pude deixar de falar a respeito ao meu ajudante. Sendo a receita ordinária em média de 45 francos, pensamos que os algarismos 76 fr. 30 deviam representar a soma de dois dias. O trabalho durante o dia foi igual ao dos dias precedentes, mas à noite a farmácia regurgitava de gente. Enfim, às 10:30, depois de despachado o último cliente (centésimo, pelo menos), contei a féria e achei *exatamente* 76 fr. 30.

O Sr. Jaubert, de Carcassonne, a quem contei o fato, fez-me notar que teria sido necessário o concurso de espíritos muito numerosos para conseguirem: atrair clientes, impedir que outros chegassem, devendo seguramente figurar um caixa entre os operadores.[105] Lembro-me de uma circunstância. Uma jovem senhora, que eu sabia muito segura, comprava artigos e mais artigos, como que parecendo obedecer a uma inspiração. Enfim terminou! Esta compradora era a última, provavelmente era necessário o seu dinheiro ao caixa espiritual.

A. Coméra (Toulouse)."

(Carta 788)

LXIV – "Perdi meu pai em 1865 e tornei-me chefe de família, com dois irmãos de menor idade.

O mais moço, Aristides, nascido em 1853, fazia parte da classe de 1873, sendo sorteado em 1874. Ele não tinha querido apresentar-se como voluntário e aguardava a sorte para fazer, quer seis meses, quer cinco anos de serviço militar ativo.

Essa alternativa preocupava muito minha pobre mãe, que a esse respeito conversava comigo todas as vezes que me encontrava junto dela, em Nieuil-sur-l'Antise (Vendéia) aos domingos, tendo então o meu tabelionato em Niort.

Com a preocupação de amparar meu irmão – como um pai – por ocasião de seu sorteio militar, na terça-feira, 10 de fevereiro de 1874, parti de Niort, segunda-feira, para Nieuil. Depois do jantar, durante o qual a conversação girou em torno dos sucessos do sorteio, fui-me deitar, cerca de 10 horas. A preocupação sem dúvida me levou a sonhar e vi distintamente meu irmão Aristides introduzindo a mão na urna, retirando um número e mostrando-me os algarismos *consideravelmente elevados* de 67.

Desperto em sobressalto, acendo a vela e, vendo a hora, constato que são *3 horas da manhã*.

Levantando-me às 8 horas, dei parte do meu sonho à minha mãe, ao meu irmão, ao guarda-matas e aos conscritos da comuna, que muito se riram dele.

Mas exatamente às 3 horas da tarde, do mesmo dia, na sede do cantão de Saint-Hilaire-des-Loges (Vendéia), meu irmão tirava da urna o famoso número 67 e mostrava-mo com o mesmo gesto que fizera no sonho de 12 horas antes; e, coisa igualmente extraordinária, o número 66 foi o último do contingente que devia fazer 5 anos de serviço ativo, ao passo que meu irmão tirou um número que o obrigava a seis meses de serviço na Artilharia, em Brest.

Alfredo Cail
Avenida de Wagram, 154, Paris."

(Carta 802)

LXV – "***A***. – Uma de minhas tias-avós, hoje falecida, teve, durante sua vida, freqüentes pressentimentos que se realizaram. No mês de fevereiro de 1871, teve ela um sonho anunciando-lhe a morte próxima de duas de suas irmãs, que estavam, na ocasião, de perfeita saúde. Esse sonho foi transcrito em um livro de memórias em que tinha ela o costume de anotar todos os acontecimentos de sua vida, e realizou-se ele, infelizmente, de uma forma terrível.

Um mês depois, como se pode verificar pelos jornais da época, irrompia a febre amarela em Buenos Aires e as duas irmãs foram vítimas da epidemia.

B. – Uma outra vez, em 1868, a mesma parente viu em sonho uma cena de interior, que era uma completa revelação. O quadro representava um compartimento, onde uma de suas amigas, a Sra. B., sentada em sua poltrona, perto do fogão, no qual flamejava um grande fogo, acariciava uma criancinha que estava em seus braços, enquanto uma serviçal enxugava suas fraldas diante das chamas.

Esse sonho foi narrado a diversas pessoas, sem que nenhuma delas lhe prestasse grande atenção, porquanto a Sra. B., mãe de numerosa família, já tendo passado dos 40 anos e não tendo tido filhos há mais de sete, não parecia mais suscetível de ter outros. Entretanto, o que parecia no momento impossível realizava-se um ano depois, e uma noite em que minha tia-avó foi visitar a parturiente, para felicitá-la pelo nascimento do recém-nascido, tornou a ver, como realidade, o que precedentemente fora sonho. O compartimento, a disposição dos objetos, o fogão aceso, a serviçal ocupada em secar as fraldas diante do fogo, enfim todos os detalhes do sonho estavam fielmente reproduzidos. A adivinhação realizara-se com exatidão completa.

Emílio Becher
Rosário de Santa Fé (República Argentina)."

(Carta 825)

LXVII – "Fui educado em Paris, onde meus pais eram negociantes estabelecidos com casa de vinhos e laticínios, à rua Saint Ambroise, nº 7. Meu pai faleceu em 1867. Minha mãe e eu deixamos Paris em 1872. Eu tinha também um tio, irmão de meu pai, falecido depois deste, e que era estabelecido com especiarias à rua Saint-Roch, nº 32.

A. – Em 1868, tinha então 17 anos, estava eu empregado na casa desse tio, como caixeiro. Certa manhã, depois de lhe haver dado bom-dia, ainda sob a impressão de um sonho que tivera à noite, contou-me ele que no aludido sonho se achava na soleira de sua porta quando, ao voltar seus olhos na direção da rua Neuve-des-Petits-Champs, vê desembocar um ônibus urbano da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte, que se detém diante da porta de seu armazém. *Sua mãe desce* e o ônibus continua sua viagem, conduzindo uma outra senhora que estava na viatura com minha avó, cuja senhora, vestida de preto, mantinha um cesto sobre os joelhos.

Ambos achamos muita graça nesse sonho, tão em desacordo com a realidade, porquanto *jamais* minha avó se aventurara a vir da gare do Norte até à rua Saint-Roch. Residindo perto de Beauvais, quando ela queria vir passar uns tempos com seus filhos, em Paris, escrevia de preferência a meu tio, que era aquele a quem mais queria, e ele ia esperá-la na estação, de onde a trazia, invariavelmente, *de fiacre*. Ora, naquele dia, à tarde, como estivesse meu tio à porta, olhando os transeuntes, voltam-se seus olhos maquinalmente para a esquina da rua Neuve-des-Petits-Champs e ele vê rodar um ônibus do caminho de ferro do norte, que vem parar defronte de seu armazém.

Nesse ônibus achavam-se duas senhoras, das quais uma era minha avó, que desce, continuando o veículo sua viagem com a outra senhora, tal como ele tinha visto em sonho, isto é, vestida de preto e tendo seu cesto sobre os joelhos.

Imaginai a estupefação geral! Minha avó, crente de nos fazer uma surpresa, e meu tio contando-lhe o sonho!

B. – Durante o assédio de Paris, achava-me incorporado ao 10º Batalhão do Sena. Um dia em que eu estava jantando em casa de minha mãe, encontravam-se à nossa mesa um de meus primos, então estudante de Farmácia, atualmente proprietário nos arredores de Dieppe, um de meus amigos, sargento da Guarda Móvel, um outro, desenhista, que reside atualmente no bulevar Beaumarchais, nº 1, e enfim um cliente da casa, guarda-livros de notável inteligência, sargento-mor do 192º Batalhão de Infantaria. Não me recordo mais do seu nome; chamemos-lhe Sr. X.

No fim do jantar, como falássemos da guerra e dos alemães que nos cercavam, o Sr. X. pôs-se a examinar as linhas das nossas mãos, declarando-nos que se dedicava seriamente à quiromancia e pretendendo dizer-nos se qualquer coisa de grave estava para suceder-nos durante os acontecimentos que se desenrolavam. Perguntamos-lhe naturalmente se seríamos feridos. Para três dentre nós a resposta foi negativa: os Srs. Lucas, o estudante, François, o desenhista e eu próprio. Quanto ao quarto, o sargento do Corpo Móvel, Sr. Lallier, disse-lhe o Sr. X.:

– É extraordinário! Sereis ferido seriamente, dentro de pouco tempo, mas não por uma arma; queimar-vos-eis.

– Como se dará isso?

– Não poderia dizer-vos; acidentalmente, sem dúvida – respondeu-lhe o X. E falou-se de outras coisas.

Passava-se isso pelos fins de 1870.

No corrente ano de 1871, partira para Bordéus, onde cheguei em novembro. Passando em Tours, aí me detive para ver meu amigo Lallier que estava destacado nessa cidade desde o fim da guerra. Ao vê-lo, fiquei admirado com a mudança operada em sua fisionomia, sem poder compreender bem o que poderia tê-lo assim transformado, quando ele me diz:

– Lembras-te das predições de X.? O que ele me predisse, desgraçadamente sucedeu! Há dois meses, o aprendiz do armazém praticou a imprudência de ir com uma vela acesa em um compartimento onde estavam dois garrafões de petróleo; por

descuido seu, um deles pegou fogo; procurei, para evitar maior perigo, retirar o segundo, cujo líquido se inflamou. *Fiquei com o lado esquerdo todo queimado*, e faz apenas quinze dias que voltei ao serviço.

Cito-vos esses dois casos, como *rigorosamente verdadeiros*, pois que ambos se passaram em minha presença e pude controlá-los. Tenho freqüentemente falado a respeito deles aos de minha família e aos meus amigos sem poder achar-lhe uma explicação que me satisfaça, salvo, contudo, para uma parte do sonho de meu tio, depois que li vossos interessantes artigos sobre os sonhos.

Suponho que minha avó, em um momento de insônia, terá tomado a deliberação súbita de partir para Paris no mesmo dia, com a resolução de não prevenir ninguém, e, uma vez chegada à estação do norte, tomar um veículo como tão freqüentemente vira fazer-se, e isso para ter o prazer da surpresa do filho. Foi, sem dúvida, precisamente nesse momento que teria o meu tio sonhado.

Paul Leroux
Neubourg (Eure).”

(Carta 850)

LXIX – “Em 1879 meu tio Jacques Théodore Hoffmann era professor em Heerenvenn (Holanda). Meu pai, tendo ido vê-lo no começo de julho, contou-lhe sua cunhada, minha tia Margarida, antes de sua partida, que tinha visto em sonho a esposa de meu tio Jacques e seus dois filhos trajados de luto fechado, receando ela uma desgraça, pelo que lhe recomendava todo cuidado se porventura tivessem que embarcar, etc.

Meu pai e seu irmão Jacques fizeram a 7 de julho uma longa viagem a vela, nenhum acidente ocorrendo, e por esse motivo se riram um pouco do sonho de minha tia Margarida.

Dois dias depois, a 9 de julho, foram levar meu pai à estação. Lá estava uma parte da família. Meu tio Jacques, atravessando os trilhos, não prestou atenção a um trem que se afastava da gare,

foi atropelado, guilhotinado, indo a cabeça rolar distante do corpo.

Minhas duas tias e os dois filhos de meu tio vivem ainda e podem, como eu, confirmar a realização desse sonho.

A. C. A. Hoffmann
Estudante de Medicina na Universidade
de Amsterdã, rua de França, 25.”

(Carta 862)

LXX – “Fui bruscamente acordado, à noite, depois do seguinte sonho: a aparição *da metade de um ataúde*, isolado no espaço.

A precisão desse sonho perturbou-me e me conservou mergulhado, durante toda a manhã, em certa melancolia. Contudo, os numerosos negócios que eu tinha a tratar, as numerosas voltas que dei, afastaram um pouco as idéias tristes, almocei como de costume e retornei às minhas ocupações.

Quatro horas depois, chegando, em uma dessas voltas, ao ângulo formado pelas ruas Saint-Pierre e du Plâtre (Lião) e olhando para frente, por causa dos veículos que obstavam a passagem, vi, a cerca de 25 metros, e no espaço, *a metade de um ataúde*.

Esse ataúde acabava de ser retirado do carro do empresário dos funerais, por um carregador, sendo que a primeira metade me estava oculta pela porta de entrada da casa.

P. C. Revel
Rua Thomassin, 39, Lião.”

Eu ia encerrar esses exemplos quando, percorrendo antigas cartas em que são tratados problemas desta natureza, acabo de encontrar uma da saudosa princesa Emma Carolath, de 5 de março de 1870, contando-me um sonho da mesma ordem e notavelmente explícito.

É o seguinte, bastante resumido:

LXXI – “Acabava eu de adormecer, muito ansiosa a respeito da saúde de uma pessoa amada, e me vi transportada em sonho a um castelo desconhecido, encontrando-me aí em uma sala octogonal alcatifada de damasco vermelho, onde havia um leito

em que dormia a pessoa cuja saúde me preocupava. Uma lâmpada, suspensa da abóbada, inundava de luz a face pálida, mas sorridente, emoldurada por opulenta cabeleira negra. À cabeceira do leito, vi um quadro cujo assunto se gravou tão estranhamente em meu pensamento que, ao despertar, poderia desenhá-lo: era um Cristo coroado de rosas por um gênio celeste, contendo versos de Schiller, que pude ler.

Dois anos depois, convidada para uma vilegiatura a um castelo do interior da Hungria, detive-me, tremendo, ao penetrar no compartimento que nos estava destinado: achava-me no gabinete octogonal, alcatifado de damasco vermelho, diante do leito, e defronte do quadro do Cristo coroado de rosas, contendo os versos de Schiller. Jamais foi esse quadro copiado ou reproduzido, e era impossível que eu o tivesse visto de outro modo senão no sonho, o que, de resto, acontecia em relação ao gabinete octogonal.

Emma, Princesa Carolath (Wiesbaden).”

Depois de ter lido e comparado esse conjunto de fatos, é impossível duvidar de que se tenha visto por vezes em sonho as coisas porvindouras.

Diversos desses sonhos podem explicar-se naturalmente. Já o assinalamos. Não é mais extraordinário, por exemplo, sonhar com um número de sorteio a sair, do que com um outro, e como esses casos são muito raros, a coincidência fortuita pode, talvez, explicá-los. Seria necessário conhecer-se-lhes o número para saber se excede notavelmente o que seria dado pelo cálculo das probabilidades. Mas a maior parte das premonições que acabam de ser expostas não se explicam.

Trata-se, no caso, de visões, de sonhos que parecem ser produzidos no estado normal de saúde, ou que podem ser assim considerados, e não em estados patológicos excepcionais. Essa mesma previsão do futuro tem sido observada no estado sonambúlico e magnético. São mesmo muito numerosos os exemplos de tal previsão. Somente assinalaremos alguns dentre eles.

O Dr. Liébault cita o caso seguinte em sua *Terapêutica Sugestiva*:

LXXII – “Em uma família dos arredores de Nancy, magnetizavam freqüentemente uma jovem de 18 anos, chamada Júlia. Essa moça, uma vez posta em estado de sonambulismo, era por si mesma levada, como se recebesse uma inspiração a respeito, a repetir, em cada nova sessão, que uma próxima parente dessa família, por ela citada, morreria em breve e não chegaria ao dia 1º de janeiro. Estava-se então em novembro de 1883. Uma tal persistência nas afirmativas da sonâmbula levou o chefe da família em questão, que farejava nisso um bom negócio, a segurar em 10.000 francos a vida da mencionada senhora, a qual, não estando de modo algum doente, com facilidade obteria um atestado médico.

Para obter aquela soma, dirigiu-se ele ao Sr. L., a quem escreveu diversas cartas, em uma das quais contava o motivo que o induzia a fazer o empréstimo. E essas cartas, que o Sr. L. me mostrou, ele guarda como provas irrefragáveis do sucesso futuro, previamente anunciado. Acabaram, afinal, por não se entender sobre a questão dos juros e o negócio entabulado ficou indeciso. Mas, algum tempo depois, grande foi a decepção de quem desejava tomar a quantia por empréstimo. A Sra. X., que devia falecer antes de 1º de janeiro, sucumbiu, com efeito, e de repente, a 31 de dezembro, conforme faz certo uma última carta de 2 de janeiro, endereçada ao Sr. L., carta que este senhor guarda juntamente com as que recebera precedentemente, a propósito da mesma pessoa.”

O mesmo autor cita igualmente o seguinte caso, extraído textualmente de sua agenda diária. Sabe-se até que ponto o Sr. Liébault é escrupuloso e metódico observador.

LXXIII – “7 de janeiro de 1886. Veio consultar-me hoje, às quatro horas da tarde, o Sr. de Ch., por um estado nervoso, sem gravidade. O Sr. de Ch. anda muito preocupado por causa de um processo em que se acha envolvido e de outras circunstâncias que em seguida conheceremos.

Estando ele a passear em uma rua de Paris, no dia 26 de dezembro de 1879, viu escrito sobre uma porta: Mme.

Lenormand, necromante. Movido por uma curiosidade irrefletida, ele entrou.

A Sra. Lenormand, examinando a face palmar de uma de suas mãos, disse-lhe:

– Perdereis vosso pai dentro de um ano, sem aumento nem diminuição de um só dia. Muito breve sereis soldado (tinha então ele dezenove anos), mas não ficareis por muito tempo sob a farda. Casar-vos-eis moço; nascer-vos-ão dois filhos e morrereis aos 26 anos.

Essa estupefaciente profecia, que o Sr. de Ch. confiou a dois amigos e a alguns dos seus parentes, não foi por ele tomada a sério; havendo, porém, seu pai falecido a 27 de dezembro de 1880, após breve enfermidade e justamente um ano depois da entrevista com a necromante, essa desgraça abateu um pouco a sua incredulidade. E quando se tornou soldado – apenas durante sete meses –, quando, pouco depois casado, se tornou pai de dois filhos e estava prestes a atingir seus 26 anos, abalado definitivamente pelo terror, acreditou que não teria mais do que alguns dias de vida. Foi então que veio consultar-me se não me seria possível conjurar a sorte, porquanto, pensava ele, se os quatro primeiros acontecimentos da predição se realizaram, o quinto devia também fatalmente realizar-se.

Nesse mesmo dia e nos dias subseqüentes, procurei mergulhar o Sr. de Ch. em sono profundo, a fim de dissipar a negra obsessão gravada em seu espírito: a da morte próxima, que ele imaginava ter de realizar-se a 4 de fevereiro, dia do aniversário de seu nascimento, ainda que a Sra. Lenormand nada houvesse precisado a esse respeito. Não pude provocar nesse homem o mais ligeiro sono, tanto estava ele agitado. Entretanto, como era urgente afastar-lhe a convicção de que devia em breve sucumbir, convicção perigosa, pois tem-se visto freqüentemente predições desse gênero cumprirem-se à risca, por auto-sugestão, mudei a maneira de agir e propus-lhe consultar um dos meus sonâmbulos, um velho chamado o profeta, pelo fato de haver anunciado a época exata de sua cura de um reumatismo articular, que o apoquentava havia quatro anos, e a própria época da cura de sua filha.

O Sr. de Ch. aceitou a minha proposta com avidez e não deixou de comparecer à hora exata à reunião. Posto em relação com o sonâmbulo, as suas primeiras palavras foram:

– Quando morrerei?

O sonâmbulo experimentado, suspeitando da perturbação desse moço, respondeu-lhe, depois de fazê-lo esperar algum tempo:

– Morrereis... morrereis... dentro de 41 anos.

Foi maravilhoso o efeito causado por essas palavras. Imediatamente o consultante se tornou alegre, expansivo e cheio de esperança; e quando viu passar o dia 4 de fevereiro, esse dia tão temido por ele, acreditou-se salvo.

Foi então que alguns dos que tinham ouvido falar dessa pungente história acabaram concluindo que nisso tudo nada houvera de verdade; que seria devido a uma sugestão pós-hipnótica que esse moço concebera a tal narrativa imaginária. Palavras no ar! Se a sorte estivesse lançada no sentido da sua morte, ele teria de morrer.

Eu não pensava mais nisso quando, em começo de outubro, recebi uma carta de participação, pela qual soube que o meu infeliz cliente acabava de sucumbir a 30 de setembro de 1886, em seu vigésimo sétimo ano, isto é, na idade de 26 anos, como o predissera a Sra. Lenormand. E para que se não suponha que algum erro tenha havido, de minha parte, no que afirmo, conservo essa carta no meu registro: são dois testemunhos escritos, irrecusáveis."

As 22 primeiras edições desta obra publicaram a seguinte narrativa, atribuída à Sra. Leconte de Lisle, cunhada do poeta (*Anais das Ciências Psíquicas*, 1896, pág. 257).

LXXIV – "Um Sr. X. tivera a idéia de consultar uma cartomante. Predisse-lhe esta que ele morreria da picada de uma serpente.

Este Sr. X., empregado na administração, havia sempre recusado um posto na Martinica, ilha célebre por suas serpentes classificadas entre as mais perigosas. Afinal o Sr. B., diretor do

Interior em Guadalupe, convenceu-o a aceitar uma boa posição sob as suas ordens, na administração dessa colônia que, ainda que próxima da Martinica, jamais teve serpentes.

Ninguém foge ao seu destino, diz um provérbio que se verificou, uma vez mais, ser verdadeiro. Tendo terminado seu tempo de estada em Guadalupe, o Sr. X. estava de regresso à França. Como o navio fizesse escala em Martinica, não ousou ele, sequer, descer à terra.

Conforme um costume local, tinham vindo negros vender frutas a bordo. Estando o Sr. X. com muita sede, tomou uma laranja do cesto de uma das negras, mas imediatamente soltou um grito e disse que tinha sido picado. A preta virou o seu balaio e viu-se então uma serpente que estava escondida, não sob os frutos, mas sob as folhas que forravam o cesto. A serpente foi morta; mas o infeliz morreu algumas horas depois."

Várias cartas recebidas da Martinica, por leitores deste livro, fizeram-me ver que o correio das Antilhas, de retorno à França, toca na Martinica antes de passar em Guadalupe e ruma diretamente a Saint-Nazaire ou Bordéus e que a anedota precedente não deve ser mais do que o eco de um conto narrado às crianças de Guadalupe. Essa narrativa é, portanto, inverídica. Mas pode ser que lhe tenha dado origem um fato anterior real.

O extraordinário caso de clarividência e de previsão narrado a seguir foi publicado pela mesma revista (1896, pág. 205):

LXXV – "Uma senhora das minhas relações, Lady A., residia nos Campos Elíseos. Jantara eu em casa dessa amiga, numa tarde de outubro de 1883. Mau grado sua grande fortuna, era uma senhora metódica. Muito ativa, satisfazia-se em dormir apenas mui poucas horas. Todas as noites, logo após a saída de seus hóspedes, fazia suas contas.

Qual não foi, nessa noite, o seu espanto, ao constatar que lhe faltava a quantia de 3.500 francos no bolsinho interior da enorme bolsa de viagem, onde tinha o hábito de guardar as suas jóias e o seu dinheiro!

Entretanto, a fechadura não tinha sido forçada. Somente os bordos da bolsa pareciam ter sido separados... Contudo, Lady A.

estava certa de que, pelas 2 horas da tarde, diante da sua criada de quarto, havia aberto a sua bolsa, pago uma conta e posto o dinheiro em seu lugar de costume, do que tinha *absoluta certeza*. Em sua perturbação, chamou a criada de quarto, que nada lhe pôde esclarecer, mas que teve tempo de advertir todo o pessoal, de sorte que o culpado ou os culpados – se porventura se achavam entre os domésticos – pudessem pôr em lugar seguro o fruto do roubo.

No dia seguinte, bem cedo, foi avisado o comissário de Polícia da rua Berryer. Mordomos e criados, armários e esconderijos, todos os móveis, enfim, foram revistados. Nada se encontrou, naturalmente.

Tendo terminado suas pesquisas infrutíferas, o comissário conversou por um momento com Lady A. Perguntou-lhe quais eram as suas impressões, relativamente à maneira pela qual teria sido o roubo praticado... quais os empregados menos dignos de confiança. etc.

Lady A., enumerando seus criados, pediu ao comissário para excluir de desconfianças seu segundo criado de quarto, um moço de 19 ou 20 anos, muito bem apessoado, muito respeitoso, muito conhecedor do serviço, que tinha sido apelidado “o pequeno”, não por causa de seu talhe, pois que ele era, pelo contrário, bem grande, mas por um sentimento de gentil familiaridade protetora que lhe haviam conquistado as suas boas qualidades.

Tinha-se escoado quase toda a manhã nessas pesquisas infrutíferas, quando Lady A. me enviou a Srta. C., professora de sua filha mais moça, para contar-me o que lhe sucedera e pedir-me para acompanhar a mesma moça à casa de uma clarividente cuja lucidez – alguns dias antes – eu havia elogiado.

Para lá nos dirigimos.

Mme. E., a nossa clarividente, trouxe uma taça cheia de bagaço de café, pediu à Srta. C. para soprar em cima por três vezes, depois do que foi esse bagaço passado para uma outra taça, sendo a primeira emborcada sobre a segunda, a fim de que o conteúdo passasse em parte para o novo recipiente, retendo apenas, sobre a superfície da parte interna, algumas partículas

mais sólidas do pó de café, que devia, deixando escapar sua parte líquida, formar extravagantes desenhos, nos quais a pitonisa parecia ler.

Durante essa preparação oculta, era preciso ocupar-nos; a Sra. E. estendera as suas cartas e começava:

– Ah!... mas... é um roubo, e um roubo praticado por uma das pessoas da casa e não por alguém que se introduzisse furtivamente.

Essa declaração era bem promissora... Reconhecemos que o que ela afirmava era verdadeiro... Quanto ao ladrão, era-nos infelizmente desconhecido.

– Esperai – disse-nos ela – vou agora ver os detalhes no bagaço que deve ter formado o seu depósito.

Tomou a taça emborcada, mandou que a Srta. C. aí soprasse ainda por três vezes e pôs o seu lornhão.

Então, como se houvesse assistido à cena, descreveu-nos peça por peça a topografia do apartamento de Lady A., sem jamais se enganar relativamente a um quarto ou a uma sala. Viu desfilarem diante de seus olhos, como em lanterna mágica, sete domésticos dos quais nos disse exatamente o sexo e as atribuições. Depois, novamente penetrando no quarto de Lady A., avistou um armário [106] que lhe pareceu bem extraordinário:

– Existe lá – repetia-nos ela, com espanto – um armário ao centro, cuja porta é ornada de espelho; e de cada lado desse armário principal há ainda dois outros sem espelho, e tudo isso se conserva...

“Por que esse armário jamais está fechado? Entretanto, ele contém sempre o dinheiro que se acha... em... Que objeto esquisito!... abre-se como um *porte-monnaie*, em forma de bolsa... e não como um cofre... Ah! eu o sei! é uma bolsa de viagem... Que idéia a de guardar aí seu dinheiro! e sobretudo que imprudência de deixar o armário aberto!...

“Os ladrões conheciam bem a bolsa... eles não forçaram a fechadura. Introduziram um objeto bastante largo para separar os dois lados; depois, com auxílio de uma tesoura ou de uma pinça, retiraram o dinheiro que aí estava, em notas de banco...”

Nós a havíamos deixado falar. Tudo o que nos dissera essa mulher confundia-nos, na veracidade dos detalhes, ainda os mais ínfimos.

Ela se deteve fatigada. Quanto a nós, desejaríamos saber mais. Pedimos-lhe, suplicamos-lhe que nos dissesse qual ou quais os empregados que tinham praticado o furto, pois que nos assegurava fazerem estes parte do pessoal do serviço doméstico.

Confessou ela que lhe seria impossível fazê-lo sem incorrer nos rigores da lei francesa que diz não se poder e não se dever admitir que um culpado seja reconhecido como tal, sem provas, por meios ocultos.

À força de rogativas, ela nos assegurou, entretanto, que o dinheiro de Lady A. não seria jamais encontrado; o que era muito provável, porquanto o culpado não seria, de forma alguma, descoberto por causa desse roubo, e enfim, o que era mais para admirar, que *dois anos mais tarde ele sofreria a pena capital*.

Todas as vezes que seu olhar, percorrendo os desenhos do bagaço de café, fixavam-se sobre "o pequeno", ela o distinguira perto de cavalos. Asseguramos-lhe que jamais servira ele de escudeiro, ocupando-se exclusivamente com os serviços domésticos, ao passo que os escudeiros residem com os cocheiros; mas a Sra. E. estava obstinada na sua afirmativa. Quanto mais a contradizíamos, tanto mais se obstinava ela em o afirmar. Acabáramos por deixar de lado esse *pequeníssimo nada*, que nos impressionava, entretanto, como uma nódoa em um conjunto surpreendente de exatidões.

Lady A., ao cabo de quinze dias, despediu seu mordomo e sua criada de quarto. "O pequeno", sem que se soubesse a razão disso, no momento, deixou Lady A. três ou quatro semanas mais tarde. O dinheiro não foi encontrado; e, um ano depois, Lady A. partia para o Egito.

Dois anos após aquele acontecimento, Lady A. recebia, procedente do Tribunal do Sena, o aviso de se dirigir, como testemunha, a Paris.

Encontrara-se o autor do roubo. Acabava ele de ser preso: “o pequeno”, dotado de tantas qualidades, não era outro senão Marchandou, o assassino da Sra. Cornet.

Como se sabe, sofreu ele a pena capital, como o anunciara a clarividente da rua Notre Dame de Lorette e, pelo processo, ficou provado que “o pequeno” tinha, nos Campos Elíseos, muito perto da residência de Lady A., um irmão que era cocheiro em uma grande casa.

“O pequeno”, ou Marchandou, pois que ambos são a mesma pessoa, aproveitava, então, todos os seus momentos de liberdade para ir ter com seu irmão, pois era grande amador de cavalos. E, portanto, essa a razão pela qual a Sra. E. nos afirmara, mau grado as nossas contraditas, que ela o via sem cessar perto dos cavalos.

Ainda nesse pequeno detalhe, que as peripécias do processo nos revelaram, acertara a clarividente.

L. d’Ervieux

Atesto estar conforme a verdade.

C. Deslious (que assistiu à consulta).”

“*Observação* – Este caso de clarividência é absolutamente extraordinário. Tivemos ocasião de avistar-nos com Lady A., que nos confirmou a exatidão da precedente narrativa.

Não se deve, evidentemente, ver no emprego das cartas e do bagaço de café senão um meio empregado, sem dúvida inconscientemente, pelo *sujet*, para ficar em estado de auto-sonambulismo, isto é, em um estado em que a consciência normal se torna inativa, para que se manifeste o inconsciente. Nesse segundo estado as faculdades inconscientes podem adquirir todo o seu desenvolvimento, sendo possível admitir que a faculdade de clarividência, que todos talvez possuímos em um estado mais ou menos rudimentar, possa exercer-se mais livremente e adquirir, em indivíduos predispostos, um certo grau de precisão.

Dariex”

O Sr. Myers cita na mesma revista (1899, pág. 170) o seguinte caso de repetição de um sonho premonitório:

LXXVI – "Há 60 anos uma Sra. Carleton faleceu no Condado de Leitrim. Era amiga íntima de minha mãe, e poucos dias após a sua morte ela lhe apareceu em sonho e lhe disse que nunca mais minha mãe teria ocasião de vê-la em sonho, salvo uma única vez, 24 horas antes de sua morte.

Em março de 1864 minha mãe residia em companhia de meu genro e de minha filha, o Dr. e a Sra. Lyon, em Dalkey. A 2 de março, à noite, minha mãe recolheu-se ao seu quarto, muito bem disposta, rindo e gracejando com a Sra. Lyon. Nessa mesma noite, ou antes na manhã seguinte, o Dr. Lyon, ouvindo barulho no quarto de minha mãe, acordou a Sra. Lyon, para que fosse ver o que se passava. Ela encontrou minha mãe com o corpo a meio para fora da cama e com uma expressão de horror desenhada em seu rosto. Proporcionaram-lhe os melhores cuidados e, na manhã seguinte, parecia ter voltado ao seu estado natural. Almoçou como de costume, em sua cama, e muito alegremente. Pediu à minha filha para dizer à criada que lhe preparasse um banho, que ela tomou. Mandou em seguida chamar a Sra. Lyon e lhe disse que a Sra. Carleton viera enfim, após um intervalo de 56 anos, falar-lhe de sua morte muito próxima, e que morreria na manhã do dia seguinte, à mesma hora em que a haviam encontrado como acabo de dizer. Acrescentou que havia tomado um banho por precaução, para evitar a lavagem de seu corpo. Começou então a decair pouco a pouco e morreu na manhã de 4 de março, à hora em que o havia dito.

O Dr. e a Sra. Lyon podem corroborar esta narrativa. Sempre minha mãe me dizia que tornaria a ver a Sra. Carleton antes de sua morte.

Thomas James Norris
Dalkey, Irlanda."

Seguem-se diversos atestados.

O Sr. Myers escreve a propósito:

"Há três explicações possíveis para esses fatos.

De minha parte, sinto-me bastante propenso a admitir que a falecida Sra. Carleton conhecia realmente a doença que ameaçava a sua amiga e que os dois sonhos foram produzidos telepaticamente por um espírito desencarnado para com um espírito encarnado. Mas podemos também supor que o primeiro sonho, ainda que puramente acidental, produziu uma impressão tão profunda que, quando se reproduziu, também por acaso, foi equivalente a uma auto-sugestão de morte. Ainda uma terceira explicação é possível: a de supormos que o primeiro sonho foi acidental, mas que o segundo foi simbólico e produzido por alguma sensação orgânica que preludiava a morte iminente, sendo porém perceptível durante o sono, em vez de o ser em estado de vigília.

Há, entretanto, casos em que tais predições de morte, em sonho, são feitas com tanta antecipação relativamente à data fixada para o falecimento, que é difícil conceber que seja a auto-sugestão a causadora do resultado."

Não começaremos aqui a discussão do grande problema das comunicações de *mortos*, que só por si exigirá desenvolvimentos indispensáveis à sua elucidação, dado que nos seja possível chegar até lá. Já se pôde assinalar diversas dessas comunicações na variedade dos exemplos aqui consignados. Possuímos considerável número de tais exemplos, cuja análise exige um trabalho ainda mais atento do que o que presidiu às pesquisas precedentes, nas quais não saímos do quadro dos seres vivos.

O que precedentemente quisemos estabelecer, com a publicação desses sonhos premonitórios, foi que realmente certos sonhos têm previsto e anunciado o futuro, e isso *com precisão*. Não se trata de pressentimentos vagos ou de predições alambicadas, suscetíveis de duplos e tríplices sentidos, no gênero das de Nostradamus, que se podem aplicar indistintamente a vários e diferentes sucessos, mas da *visão real e exata* do que em seguida sucede.

Por hora, não iremos mais longe.

O ser humano é dotado de faculdades ainda desconhecidas, que permitem ver de longe, no espaço e no tempo. Foi o que quisemos demonstrar por um conjunto de testemunhos satisfatórios.

Quanto à pesquisa das respectivas leis, não é chegada ainda a hora de a encetarmos. Pôde-se constatar que esses sonhos são freqüentemente concernentes a coisas banalíssimas da vida cotidiana. Mas pode-se, de resto, confessar que a vida humana terrestre é, em geral, assim constituída.

Pelo fato de ter sido o futuro previsto em certos sonhos excepcionais, não se deveria concluir por idêntica interpretação geral dos sonhos. Seria isso um completo erro. Ao demais, eu não aconselharia a consultar-se o que quer que seja sobre o futuro.

Falta-nos espaço para tratarmos neste volume da questão dos *pressentimentos*, assim como da que concerne à adivinhação do futuro em estado de vigília, e somos obrigados a deixar para mais tarde essas interessantes pesquisas. Para nós o fato se acha igualmente resolvido no sentido da afirmativa. A curiosa impressão do *já visto* será em seguida examinada. Chegaremos depois ao eterno problema do livre arbítrio e do destino e constataremos que o futuro existe de um modo tão preciso como o passado e o presente, determinado pelas causas que o produzirão, em virtude daquele princípio absoluto, segundo o qual não há efeito sem causa, sendo a alma humana, aliás, com todas as suas faculdades, uma dessas causas.

Não se pode fazer tudo de uma vez e, antes, devo escusar-me, lendo o número 575 no alto desta página, da longa atenção a que submeti aos meus leitores e as minhas leitoras. Mas importava, antes de tudo, fazer uma *classificação metódica* dos fenômenos, começando pelos mais seguros, estudá-los sucessiva e completamente, admitindo em primeiro lugar o que parecesse, à nossa razão, estar demonstrado como certeza moral.

As manifestações telepáticas de moribundos, a transmissão do pensamento, a ação psíquica de um ser humano sobre outro, a distância, e a previsão do futuro, em sonho e em estado sonambúlico, constituem, para nós, *fatos positivos*. Pareceu-nos lógico iniciar por aí a nossa investigação do mundo invisível.

Conclusão

Os documentos apresentados neste volume à atenção dos amigos da verdade estão longe de representar o conjunto dos fenômenos psíquicos; eles, porém, já nos conduzem a algumas conclusões preliminares.

O fim dessas pesquisas é saber se a alma humana existe como entidade independente do corpo e se ela sobrevive à destruição deste.

Pois bem! Os fatos que acabam de ser expostos depõem quase todos em favor dessa existência. A hipótese de influências físicas, mecânicas, fisiológicas não os explica. As palavras *alma*, *espírito*, *entidade psíquica* são as que melhor convêm para designar essas transmissões. A palavra *cérebro* não é adequada.

Pode uma alma exercer influência sobre outra, a distância e sem ter os sentidos por intermediários.

Aí estão manifestações de faculdades de ordem *psíquica* e não de ordem fisiológica.

Grande número de mortes, cujos exemplos são acima dados, foram conhecidos por meio de comunicações telepáticas, aparições (subjetivas ou objetivas), chamamentos, cantos, ruídos e movimentos (fictícios ou reais), impressões diversas. Não pode haver mais dúvida alguma sobre esse ponto.

A alma, portanto, age a distância.

Igualmente indubitável é a *sugestão mental*.

A comunicação psíquica entre os vivos não está menos corroborada por um número suficiente de fatos de observação. Há correntes psíquicas, como há correntes aéreas, elétricas, magnéticas, etc.

A abundância dos testemunhos recentes e contemporâneos impediu-nos de citar as narrativas antigas que não são, tanto quanto as modernas, para desprezar, e diversas das quais se apresentam com todas as características de uma autenticidade incontestável. Algum dia talvez as descrevamos com todos os seus interessantes detalhes.

A telepatia era quase que um dos lugares comuns da literatura antiga. As obras de Homero, de Eurípedes, de Ovídio, de Virgílio, de

Cícero põem mui freqüentemente em cena manifestações de moribundos e de mortos, aparições, evocações, realizações de sonhos premonitórios.

Pode-se acompanhar esses fatos telepáticos no curso de toda a história da Humanidade e entre todos os povos, desde a antigüidade, através da lenta sucessão dos séculos, até a nossa época moderna. São eles extremamente numerosos, e enganam-se aqueles que os consideram todos como falsos e lendários.

Essas observações não datam, portanto, de hoje. Devemos esperar que o seu estudo científico as force a saírem das sombras da lenda e da superstição.

Falta-nos espaço para analisar detalhadamente cada uma das que neste volume registramos e para estabelecer desde agora que há grande número de *causas diversas* em jogo nesses fenômenos. O que, desde logo, quisemos deixar aqui provado, foi a realidade das manifestações de moribundos, da ação psíquica a distância, das comunicações mentais, do conhecimento das coisas pelo espírito, sem o concurso dos sentidos.

Pode-se *ver sem os olhos*, *ouvir sem os ouvidos*, não, de modo algum, por uma hiperestesia do sentido da vista ou do ouvido, visto como essas observações provam o contrário, mas por um sentido interior, psíquico, mental.

A vista interior da alma pode ver não somente *o que se passa ao longe*, em distâncias consideráveis, mas ainda conhecer antecipadamente *o que sucederá no futuro*. O futuro existe potencialmente, determinado pelas causas que provocarão os efeitos sucessivos.

A observação positiva prova a existência de um mundo psíquico, tão real como o mundo conhecido pelos nossos sentidos físicos.

Presentemente, partindo do princípio de que a alma age a distância, em virtude de uma força que lhe é própria, estamos autorizados a concluir, daí, que ela existe como ser real, que não é resultante das funções do cérebro?

A luz realmente existe?

Existe realmente o calor?

Existe o som?

Não.

Em tudo isso há apenas manifestações de movimentos.

O que chamamos *luz* é uma sensação produzida sobre o nosso nervo óptico pelas vibrações do éter, compreendidas entre 400 e 756 trilhões por segundo, ondulações de si próprias obscuras.

O que chamamos *calor* é uma sensação produzida por vibrações, não quentes em si mesmas, cujo número está compreendido entre 350 e 600 trilhões.

O Sol ilumina o espaço tanto à meia-noite como ao meio-dia. Entretanto, o espaço permanece na obscuridade. Sua temperatura é de cerca de 270 graus abaixo de zero.

O que chamamos *som* é uma sensação produzida sobre o nosso nervo auditivo por vibrações do ar, silenciosas em si mesmas, compreendidas entre 32 e 36.000 por segundo.

A eletricidade existe, ou é, em si mesma, apenas uma certa modalidade do movimento? O futuro da Ciência no-lo revelará. (É provável que ela exista como entidade real. Não será o éter uma substância elétrica?)

A palavra *atração* foi aplicada por Newton apenas para representar a maneira pela qual os corpos celestes se movem no espaço. “As coisas passam-se – diz ele – *como se* esses corpos se atraíssem.” Quanto à essência, à natureza dessa força aparente, ninguém a conhece.

Grande número de termos científicos não representam mais do que efeitos, e não causas.

Poderia acontecer que a alma estivesse no mesmo caso.

As observações expostas nesta obra, as sensações, as impressões, as visões, as audições, etc., poderiam indicar *efeitos físicos produzidos de cérebro a cérebro*.

Sim, sem dúvida. Mas não parece ser assim que se passam as coisas.

Examinemos um exemplo.

Retornemos, nesta obra, ao capítulo III, caso CLVIII:

Uma jovem esposa, adorada de seu marido, morre em Moscou. Seu sogro, em Poulkovo, perto de São Petersburgo, vê, a essa mesma

hora, a seu lado, a nora acompanhando-o pela rua e depois desaparecer. Tomado de surpresa e de pavor, telegrafa a seu filho e é informado ao mesmo tempo da doença e da morte da referida pessoa.

Somos de modo absoluto obrigados a admitir que "alguma coisa" emanou da morta e foi impressionar seu sogro.

Esse "algo desconhecido" pode ser um movimento etéreo, como no caso da luz, e não ser mais do que um efeito, um produto, um resultado; mas esse efeito tem uma causa e essa causa é a agonizante, evidentemente. Pode a constituição do cérebro explicar essa projeção? Não creio que algum anatomista ou algum fisiologista ouse responder afirmativamente.

Pressente-se ali uma propriedade desconhecida, *não do organismo físico*, mas *do ser pensante*.

Tomemos um outro exemplo, o do capítulo III, caso VIII:

Uma senhora escuta, em sua casa, uma voz que canta, a voz de uma amiga que entrara para o convento, e cai desmaiada porque compreendeu que era a voz de uma morta! *No mesmo instante* essa amiga morria, com efeito, a 40 quilômetros de distância.

Não temos ainda aqui a mesma impressão, a de uma comunicação de alma a alma?

Ainda outro exemplo, do capítulo III, caso CLXVII:

A esposa de um capitão que partira para as Índias vê, certa noite, seu marido de pé diante dela, com as mãos comprimidas sobre o peito e o semblante de quem está sofrendo. A comoção que ela experimenta por causa disso convence-a de que ele está morto ou gravemente ferido. Era 14 de novembro. O Ministério da Guerra anuncia-lhe em seguida que ele foi morto a 15. Faz-se uma verificação a respeito. O Ministério tinha-se enganado: foi precisamente a 14 que ele morreu.

Em meio de seus folguedos, uma criança de seis anos detém-se gritando com aspecto apavorado: "Mamãe, acabo de ver mamãe!" Nesse mesmo instante sua mãe morria, longe dali (capítulo III, caso CXI).

Uma jovem, estando no baile, pára de repente no meio de uma contradança e, banhada em lágrimas, grita: "Meu pai morreu, acabo

de vê-lo!” No mesmo instante seu pai morria, ignorando a filha que ele estivesse doente (capítulo III, caso XC - B).

Todos esses fatos se nos apresentam como designativos não de atos fisiológicos de cérebro a cérebro, mas de atos psíquicos de espírito a espírito.

É sempre difícil, sem dúvida, separar o que pertence ao espírito, à alma, do que pertence ao cérebro. Não nos podemos deixar guiar em nossas apreciações e em nossos julgamentos, senão pelos sentimento íntimo que resulta para nós da discussão dos fenômenos. Nem foi outra a maneira pela qual todas as ciências foram fundadas. Pois bem! Não sentem todos que se trata, nos exemplos citados, de manifestações de um ser pensante e não somente de fatos fisiológicos materiais ou de transformações da energia física?

Essa impressão é abundantemente confirmada pela constatação de faculdades desconhecidas da alma, que se acham em jogo nos sonhos e no sonambulismo.

Um irmão é sabedor da morte de sua jovem irmã por meio de um horrível pesadelo (capítulo VII, caso LXX).

Um senhor sonha que vê cair de uma janela uma moça que, aliás, ele não conhece (capítulo VIII, caso VII).

Uma senhora vê em sonhos um de seus amigos afogar-se (capítulo VIII, caso XVIII).

Uma mãe vê em sonho sua filha caída em uma estrada e coberta de sangue (capítulo VIII, caso XXII).

Uma senhora vai, em sonho, visitar seu marido sobre um navio longínquo e seu marido recebe realmente essa visita, testemunhada por uma terceira pessoa (capítulo VIII, caso XXXVIII).

Uma senhora magnetizada vê e descreve todo o interior do corpo de sua mãe agonizante, no estado em que foi exatamente constatado pela autópsia (capítulo VIII, caso XLIV).

Um senhor vê em sonho uma senhora, sua amiga, chegar pelo trem de ferro, viagem essa aliás imprevista (capítulo IX).

Uma senhorita vê antecipadamente, em sonho, o jovem desconhecido que ela desposará (capítulo IX).

Uma senhora vê o ataúde no qual será enterrado um senhor bem disposto com quem ela conversa (capítulo IX).

Diversas pessoas vêem de antemão uma cidade, uma paisagem, em circunstâncias idênticas às em que se encontram em seguida (capítulo IX, casos diversos).

Uma mãe ouve, com seis meses de antecipação, sua filha anunciar-lhe um casamento imprevisto (capítulo IX).

Determinada morte é predita com precisão (casos freqüentes).

É visto um roubo por uma sonâmbula e anunciada a execução do delinqüente (capítulo IX).

Uma jovem vê seu noivo, seu amigo íntimo, no momento da morte (casos freqüentes).

A ação psíquica de um espírito sobre outro, a comunicação a distância existem, com tanta certeza como as correntes elétricas e magnéticas da atmosfera (capítulo VI, casos diversos).

São faculdades desconhecidas da alma. Tal é, pelo menos, a minha impressão. Não me parece que se possa racionalmente atribuir a previsão do futuro e a vista mental a uma produção nervosa do cérebro.

O cérebro não é mais do que um órgão, como o nervo óptico ou o nervo auditivo. A alma, o espírito, o ser intelectual age e percebe por si mesmo; não é, porém, uma propriedade física o de que ele dispõe.

A adivinhação do futuro é talvez o que ainda há de mais extraordinário, pois que para que ela exista é necessário que o futuro seja determinado de antemão, com certeza, pelas causas que o produzirão. Notemos que um só fato desse gênero, com exatidão constatado, provaria a tese. Ora, não é um fato apenas que temos sob nossas vistas, mas centenas de fatos.

Falta-nos o espaço – e mesmo não é este o lugar – para discutir o grave problema do livre arbítrio e da fatalidade. Relembremos somente as palavras seguintes de Laplace:

> “Os acontecimentos atuais têm com os precedentes uma conexão fundada sobre o princípio evidente de que não pode uma coisa começar a existir sem uma causa que a produza. Este axioma, conhecido sob o nome de *princípio da razão suficiente* é extensivo às ações mais insignificantes. A mais livre das vontades não pode, sem um motivo determinante, dar-lhes origem, porquanto, sendo todas as circunstâncias de dupla

posição exatamente as mesmas, se ela agisse sobre uma e se abstivesse de agir sobre outra, sua escolha seria um efeito sem causa; seria então, diz Leibniz, o cego acaso dos epicuristas. A opinião contrária é uma ilusão do espírito que, perdendo de vista as razões fugitivas do desígnio da vontade, nas coisas mínimas, persuade-se de que ela se determina por si mesma e sem motivo algum. Devemos, pois, encarar o estado presente do Universo como o efeito do seu estado anterior e como a causa do que vai seguir-se. Uma inteligência que conhecesse todas as forças de que está animada a Natureza e a situação respectiva dos seres que a compõem, se, além disso, fosse bastante ampla para submeter esses dados à análise, abrangeria na mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do Universo e os do mais ligeiro átomo: nada existiria de incerto para ela e tanto o futuro como o passado estariam presentes aos seus olhos. O espírito humano oferece, na perfeição que soube dar à Astronomia, um frágil esboço dessa inteligência." [107]

Se o futuro é inevitável, a que se reduz a nossa liberdade? Um dia possivelmente a Filosofia conciliará essas duas aparentes contradições, pois que temos o sentimento de poder escolher e da utilidade dos esforços que empregamos, e todo o progresso dos povos ocidentais é devido precisamente à ação intelectual, oposta ao fatalismo dos orientais. Fatos, na aparência contraditórios, já se explicam hoje pelo conhecimento das coisas, como por exemplo a levitação, o levantamento de um pesado corpo de ferro sob a influência de um ímã. A ascensão de um balão é tão natural como a queda de uma pedra. Que os moralistas não venham, pois, deduzir conseqüências de uma determinação antecipada que se possa fazer de certas coisas, para se recusarem a admitir as previsões do futuro, reconhecidas e controladas.

As contradições não são mais do que aparentes. Determinismo não é fatalismo.

Os fenômenos que estudamos talvez não estejam tão fora do alcance, como parece, dos raciocínios da ciência positiva.

Creio que seja necessário, ou negar todos esses fatos, ou admitir que eles denotam uma causa intelectual, espiritual, de ordem psíquica, e estou persuadido de que os cépticos, por *parti pris*,

preferirão negá-los, tratando-os como ilusões e coincidências fortuitas: será isso mais simples. Os negadores intransigentes, rebeldes mesmo à evidência, serão ainda mais absolutos e declararão que os autores dessas extravagantes narrativas não passam de farsantes que me escreveram com o intuito de mistificarem-me, e que o mesmo sucedeu em todos os séculos para com todos os pensadores que se dispuseram a ocupar-se com essas questões.

Seria, efetivamente, possível recusarmo-nos a aceitar todos esses testemunhos humanos? Não nos parece que tenhamos esse direito. Os que foram controlados provaram sua veracidade, sua autenticidade. Não foram imaginados ou coordenados após os sucessos: pelo contrário, o que impressiona é a sua espontaneidade, tendo sido freqüentemente por causa dessa aparência de mistério, que me escreveram, narrando-os, no desejo de receberem uma explicação. Sem dúvida alguma, nem todas as narrativas oferecem as mesmas garantias e várias entre elas podem, aliás com toda a sinceridade, ter sido mesmo modificadas na memória dos narradores e adaptadas mais estritamente aos acontecimentos; mas isso não quer dizer que tenham sido inventadas, nem que sejam mistificações. Recusar todos esses testemunhos levaria a recusar as narrativas de tudo o que se passa constantemente em torno de nós, durante a vida, sob o pretexto de que não se verificou tudo ou de que certos detalhes são inexatos. Atenho-me aqui ao raciocínio de Emmanuel Kant mais acima citado e ao que já fiz notar a esse propósito.

Tal é, pelo menos, a minha impressão e submeto-a com confiança aos leitores ansiosos de chegar à verdade, sem ter, aliás, de modo algum, a presunção de impor minha opinião a ninguém. Cada um apreciará conforme o seu julgamento próprio.

Procuro simplesmente pôr as coisas em foco, tal como um astrônomo a sua luneta, um fotógrafo em face de uma paisagem ou um naturalista armado de um microscópio.

Segundo penso, provam esses fenômenos que a alma existe e é dotada de faculdades ainda desconhecidas. Era, portanto, lógico iniciarmos por aí os nossos estudos, cujo prosseguimento nos conduzirá ao problema da sobrevivência e da imortalidade. Pode uma idéia transmitir-se de um a outro espírito. Há *transmissões mentais, comunicação de pensamentos, correntes psíquicas* entre as almas

humanas. O *espaço* não parece constituir um obstáculo e o *tempo* se nos afigura, por vezes, como que aniquilado.

Qual o modo de energia que se acha em jogo nessas transmissões? Atualmente é impossível dizê-lo. Um certo número das impressões experimentadas fazem pensar nos fenômenos do raio e da eletricidade. Não seria desarrazoado pensar-se que este último agente esteja muito mais intimamente associado ao organismo humano, do que até hoje se tem acreditado. Mas, uma vez ainda, a hora das teorias não é chegada.

Muito embora relativamente raros e sem a banalidade das coisas ordinárias da vida cotidiana, esses fatos são muito mais numerosos e freqüentes do que até agora se tem julgado. Vimos mais acima que o inquérito aberto por mim, em março de 1899, fez que chegassem às minhas mãos 1.130 cartas a respeito de tais fatos. Juntando a esse número as que recebi durante a impressão deste volume, excedem elas a 2.000. Podem-se ler, julgar, apreciar neste primeiro volume, 186 casos de manifestação de moribundos constatados em estado de vigília, 70 casos percebidos durante o sono, 57 observações ou experiências de transmissão de pensamento sem o concurso da vista, do ouvido ou do tato, 49 exemplos de vista a distância, em sonho ou em estado de sonambulismo, 80 sonhos premonitórios e adivinhações do futuro, ou sejam, 442 fenômenos de ordem psíquica que indicam a existência de forças ainda desconhecidas agindo entre os seres pensantes e pondo-os em comunicação latente uns com os outros (tenho ainda, talvez, outro tanto de casos análogos a esses). Mesmo atribuindo a máxima amplitude às variações da memória e à imaginação dos narradores, não é possível deixar de sentir e de reconhecer nesses testemunhos um fundo de verdade e de sinceridade incontestáveis. Certas observações e certas experiências, além disso, foram relatadas com o cuidado de não deixarem margem alguma ao erro, que em si mesmas contêm a característica da autenticidade científica mais absoluta e mais bem controlada. São, portanto, testemunhos que acusam o cepticismo dos negadores por *parti pris* e o reduzem à última extremidade. E agora que a atenção geral está voltada para essa ordem de fatos, serão eles assinalados em muito maior número, visto como bem considerável era o dos que passavam despercebidos ou aos quais nenhum valor se atribuía. Em

Astronomia, desde que os astros são descobertos, todo o mundo os vê.

Tenho para mim que as conclusões seguintes resultam logicamente do conjunto dos fatos expostos:

1º) a alma existe como personalidade real, independente do corpo;

2º) a alma é dotada de faculdades ainda desconhecidas da Ciência;

3º) ela pode agir e perceber, a distância, sem os sentidos como intermediários;

4º) o futuro é de antemão preparado, determinado pelas causas que o produzirão. A alma percebe-o algumas vezes.

Observações outras já foram apresentadas, especialmente no que concerne aos duplos de vivos, ao corpo etéreo ou astral e às manifestações de mortos; mas os quatro pontos precedentes parecem-me firmados e demonstrados.

Quanto às explicações, é prudente não tentá-las. Já mostrei por diversas vezes neste livro que não são elas necessárias para a admissão dos fatos. Muita gente, em geral, é ludíbrio, a esse respeito, de ilusões assaz singulares. Ao tempo dos possessos de Loudun ou dos convulsionários de Saint-Médard, por exemplo, como os efeitos da sugestão e do hipnotismo eram desconhecidos, declarava-se que tais fenômenos eram ou fraudulentos ou diabólicos. Ora, eles não são nem uma nem outra coisa. Muitos deles hoje se explicam e ouve-se freqüentemente dizer de todos aqueles de que se fala: "isso é hipnotismo, sugestão, subconsciente". Outro erro. Pode muito bem acontecer que não se trate nem de uma nem de outra coisa, não sendo por isso que o fato deixe de existir. Não fechemos o círculo de nossas concepções, não estabeleçamos nem escolas nem sistemas e não pretendamos que atualmente deve ser tudo explicado para que seja admitido. A Ciência está longe de haver dito a sua última palavra, seja a respeito do que for.

Esses estudos em muito ultrapassam os limites de um volume no qual eu tinha a intenção de encerrá-los. Mas esse quadro restrito obrigava-me a tantas condensações, restrições e superstições, que o conhecimento dos assuntos era por esse motivo consideravelmente

diminuído, impondo-se, por isso, insensivelmente, naturalmente, um maior desenvolvimento. Ser muito incompleto teria tido como conseqüência nada poder provar. Preferi tratar de modo completo e metodicamente os objetos de estudo, em lugar de esflorar apenas superficialmente e inutilmente um exagerado número deles. São necessários, nesse gênero de pesquisas, provas acumuladas e convincentes, testemunhos seguros, numerosos e concordantes. Cumpria antes de tudo provar. Espero que essa demonstração esteja aqui feita para todo espírito livre, esclarecido e de boa fé.

Leva-nos a seqüência destas pesquisas a examinar os fenômenos do Espiritismo e da mediunidade; os do sonambulismo, do magnetismo e do hipnotismo; o conhecimento dos fatos remotos e do futuro sem o concurso dos sonhos; os pressentimentos, os duplos de pessoas vivas, o corpo astral, as aparições e manifestações de mortos, as casas mal-assombradas, os movimentos de objetos sem contato, a feitiçaria, a magia, etc.

O que desde já podemos estabelecer é que, pondo de parte superstições, erros, ilusões, farsas, malícias, mentiras, fraudes, restam fatos psíquicos verdadeiros, dignos da atenção dos pesquisadores. Isto quer dizer que entramos na investigação de todo um mundo, tão antigo como a Humanidade, mas ainda bem novo para o método científico experimental, que apenas começa a aplicar-se a tais estudos de alguns anos a esta data e simultaneamente em todos os países.

É esse um programa de estudos que eu desejaria levar a bom termo, se me fosse dado o tempo indispensável para alcançar esse resultado. Mas, de uma parte, é prudente não nos entregarmos exclusivamente a essa espécie de indagações ocultistas, porque bem depressa perderíamos a independência de espírito necessária para julgar imparcialmente; melhor será não ver em tudo isso mais do que uma digressão à margem da vida normal, uma distração de ordem superior, curiosa e interessante: há manjares e vinhos que é mais higiênico tomarmo-los em pequenas doses. Por outro lado, a Terra gira muito depressa e os dias passam como sonhos. Sem embargo, espero desfrutar o prazer científico de estudar uma parte desses mistérios. Depois, o que um não faz outros o fazem; cada qual conduz sua modesta pedra para a construção da pirâmide futura.

Recordemos também o caráter excepcional desses fatos. Os fenômenos psíquicos de qualquer ordem que sejam, aliás, conquanto cessem de pertencer ao domínio mórbido das superstições e dos fantasmas ocultos e sejam tratados à luz dos métodos experimentais, não deixarão, por isso, de ser anormais e excepcionais. Não nos devemos, portanto, afoitar por esses caminhos sem nos armarmos do espírito crítico, sem o qual a razão humana não seria mais do que um simples engodo. Não devemos considerar esses fatos senão como *objetos de estudo* interessantes, do ponto de vista do conhecimento de nós mesmos.

Cumpre sinceramente confessar, com efeito, que o que menos conhecemos ainda é a nossa própria natureza. A máxima de Sócrates: "Conhece-te a ti mesmo!" pode sempre inspirar os nossos mais nobres pensamentos.

Todo autor tem seus imperativos de consciência. Não se deve dizer senão o que se sabe. Talvez mesmo nem sempre se deva dizer tudo o que se sabe; mas até na vida normal cotidiana, não deveríamos jamais dizer senão o que sabemos.

Estudemos, portanto, trabalhemos e esperemos. O acervo dos fatos de ordem psíquica mostra que vivemos em meio de um mundo invisível, no seio do qual operam forças ainda desconhecidas, o que está de acordo com o que sabemos sobre o limite dos nossos sentidos físicos e sobre os fenômenos da Natureza. É mesmo precisamente por causa de tal estado de coisas que tem este trabalho por título *O Desconhecido*. Repitamos com Shakespeare o pensamento por nós inscrito como epígrafe a um dos nossos capítulos:

> *Há mais coisas no céu e sobre a terra, Horácio,*
> *Que tudo o que saber pode a nossa filosofia;*

e digamos também, com Lamartine, reportando-nos à filosofia astronômica:

> *É a vida um degrau dessa escada dos mundos,*
> *Que devemos subir para alcançar o além.*

FIM

Notas:

[1] Vide meu opúsculo *Forças Naturais Desconhecidas* (1865) e discurso pronunciado nos funerais de Allan Kardec (1869).

[2] De acordo com o original francês, "há espírito na Natureza"; em outros termos: além da parte material, há uma parte espiritual na Natureza. (Nota do tradutor.)

[3] O grande químico Humphry Davy, o primeiro que experimentou o protóxido de azoto (em 1799), havia respirado, por ocasião de suas primeiras experiências, uma forte dose desse gás e perdido, por essa causa, os sentidos. Durante esse minuto de inconsciência aparente, percebeu ele impressões cerebrais extraordinárias, de que se recordou ao despertar, pelo menos no que dizia respeito a suas conseqüências metafísicas. Suas idéias, reconstituídas com energia, explodiram de repente nesta exclamação pronunciada no tom de um inspirado: "*Nada mais existe do que o pensamento; o Universo compõe-se de impressões, de idéias, de alegrias e sofrimentos*". (Sir Humphry Davy, *Les Derniers Jours d'un Philosophe*, edição francesa, prefácio, página XXI.)

Relatando uma de suas curiosas experiências, Mme. d'Espérance, cujas faculdades mediúnicas são extraordinárias, menciona uma impressão análoga: "*Como descrever o indescritível? Desaparecera o tempo; o espaço não mais existia. Compreendi que os pensamentos são as únicas substâncias realmente tangíveis*". (E. d'Espérance, *Au Pays de l'Ombre*(*), pág. 292.)

(*) Obra publicada em português sob o título *No País das Sombras*, pela editora FEB. (Nota do revisor.)

[4] Foi este o único mérito de alguns sábios que não quiseram render-se à evidência do fenômeno espírita, entre eles figurando em primeiro plano o admirável Richet. (N. T.)

[5] Pode-se ler mais adiante (Capítulo VIII, caso XLIII), o Relatório Oficial escrito a respeito dessa memorável operação cirúrgica. Foi ela realizada em 12 de abril de 1829.

[6] Assisti, com a idade de seis anos, à construção da linha do caminho de ferro Paris-Lião-Mediterrâneo, na secção de Tonnerre a Dijon e, com a idade de 12 anos, à de Paris e Mulhouse, na secção de Chaumont e Chalindrey, e me lembro, como se fosse ontem, das conversações que se entabulavam em torno de mim. Ninguém tinha uma intuição dos desenvolvimentos que as redes deviam tomar em menos de meio século e, longe de pensarem em ter as estações ao seu alcance, todos estavam dispostos a afastá-las o mais possível, pelo menos em Langres, onde comecei meus estudos e na minha aldeia de Montigny-le-Roi. Notadamente nestes dois pontos, as gares se acham tão isoladas e tão afastadas quanto possível dos centros comerciais de cada região.

[7] Raios luminosos, caloríficos e químicos, espectro do infravermelho ao ultravioleta.

[8] A descarga de uma garrafa de Leyde através de uma bobina de fios muito finos e longos dá origem a vibrações eletromagnéticas, cujos períodos determinados por Helmholtz (1869) e após ele por muitos outros observadores, podem ser compreendidos entre 1.000 e 10.000 por segundo para os aparelhos usuais. Em 1888, Hertz conseguiu reproduzir vibrações da mesma natureza, de 100.000 por segundo, bem como estudar-lhes o modo de propagação. Propagando-se essas vibrações no vácuo (éter), o que as distingue das vibrações sonoras que só se propagam na matéria ordinária (ar, água, madeira, etc.), é racional considerá-las como de natureza análoga às vibrações do calor radiante, de acordo com as idéias emitidas por Maxwell desde 1867. Vide sir W. Thomson, *Conferências*, pág. 189.

[9] *Boletim da Sociedade Astronômica de França*, ano de 1895, pág. 110. Vide também o do ano de 1897, pág. 307.

[10] Vide *Lumière*, Paris 1868, tomo I, pág. 131.

[11] Permito-me sobre este ponto remeter o leitor à minha obra *Deus na Natureza*.

[12] "*Oh, moun bouan moussu, si lon menavi pas ensin, n'n pourrion ren faire!*" – eis como se pronunciou o sacristão, resposta essa que Flammarion traduz em francês traduzível (N. T.)

[13] Tais exemplos mais ou menos bizarros de credulidade encontram-se em todos os países, associados às crenças religiosas mais diversas. Quando regressei da minha viagem de observação do eclipse total do Sol, na Espanha, visitando Toledo, em 1º de junho de 1900, mostraram-me em uma rua muito pitoresca a capelinha da "Virgem dos Alfinetes", na qual vão as moças, desejosas de se casarem, atirar alfinetes. Aí contei trinta e um desses alfinetes, e eram apenas quatro horas da tarde: retiram-nos todos os dias.

[14] "Pentear Santa Catarina" (*Coiffer Sainte Catherine*), deve ser uma expressão análoga à de "ficar para titia", isto é, perder a esperança de casar. (N. T.)

[15] V. Paul Parfait – *O Arsenal da Devoção e o Dossier das Peregrinações*. Esse repositório das superstições poderia ser continuado. Santo Antônio de Pádua parece estar muito em devoção na atualidade. Lê-se no jornal *La Croix* de 7 de setembro de 1899: "385 cartas foram depositadas esta semana no medalheiro de Santo Antônio, à rua Francisco I, n. 8. Anunciavam elas ou recomendavam: 72 curas, 104 graças espirituais, 227 graças temporais, 81 conversões, 59 empregos, 317 ações de graças, 12 vocações, 15 casamentos, 302 graças particulares, 53 escolas, 47 casas religiosas, 109 casas de comércio, 8 objetos perdidos, 14 exames, 96 famílias, 56 defuntos, 15 processos, 106 jovens, 8 paróquias. Um pobre operário, pai de oito filhos, prometeu 5 francos a Santo Antônio de Pádua e, vendo-se um pouco melhor, enviava a soma e rogava-lhe que não mais o deixasse recair nas mesmas dores – *Loir-et Cher*: "Remeto-vos 1 fr. 50, soma pela qual nos comprometemos todos os meses pelas nossas culturas e pelo nosso comércio", etc. – Lê-se, no *Petit Temps* de 26 de janeiro de 1901, que o orçamento de Santo Antônio produziu 120.000 francos em Bordéus no ano de 1894, 50.000 francos em Toulon, etc.

Desde alguns anos, Santo Expedito faz-lhe uma grande concorrência no que diz respeito aos exames para o bacharelato, outro tanto acontecendo com São José de Cupertino.

[16] A fantasia religiosa não tem verdadeiramente limites. Abro um jornal, meus olhos caem sobre o relatório de um processo feito a

uma irmã do convento do Bom-Pastor d'Angers, que se chama *irmã Circuncisão*!

17 Lourdes dá anualmente ao papa a renda de um milhão.

18 A palavra *telestesia* seria, entretanto, preferível, mais justa, porque sua raiz significa antes um estado mórbido, um estado de doença, que não é o de que aqui se trata, ao passo que a raiz de telepatia significa sensibilidade. Não são casos patológicos os de que se trata.

19 O Sr. Parmentier é general de divisão de engenharia, presidente da Aliança Francesa para a propagação da língua francesa no estrangeiro, vice-presidente da Sociedade Astronômica de França e da Sociedade de Geografia, ex-presidente do Comitê das Fortificações, ex-aluno da Escola Politécnica, grande oficial da Legião de Honra, etc. Menciono esses títulos para os leitores que não conhecem pessoalmente seu caráter e seus trabalhos.

20 Notadamente pelo Sr. Dorchain, literato francês, residente em Paris; pelo Sr. Craponne, engenheiro, em Lião; pela Sra. Ida Cail, de Paris; pelo Sr. Merger, decano dos advogados, em Chaumont (Alto Marne); pela Sra. Condessa de Mouzan, em Rambouillet; pela Sra. E. de Mare, em Juvisy; pelo Sr. L. Jourdan, deputado, em Paris; pelo Sr. Eduardo Noel, homem de letras, em Paris, etc. Eu poderia lembrar também os exemplos citados em *Urânia* e em *Estela* (o do Sr. Best é muito característico). Nota-se, também, que pouco tempo depois da publicação deste livro, uma obra repleta de fatos análogos foi publicada: *Os recantos obscuros da Natureza* ou *Fantasmas e Videntes*, por Mistress Crome, Paris, 1900.

21 Assim classificadas

- nºs 1 a 700 – provenientes dos leitores dos *Annales*;
- 701 a 748 – do *Petit Marseillais*;
- 749 a 786 – da *Revue des Revues*.

Chegaram novas cartas durante a impressão deste volume.

22 A relacionar com o caso nº III.

23 Relacionar com o caso nº XV.

24 Em correlação com os casos I, II e XIV.

[25] O Sr. Victorien Sardou contou-me que observou um fato análogo.

[26] Assinalemos a impressão pelo nervo ótico, muito vibrátil em um ferreiro que bate constantemente o ferro em brasa sobre a bigorna.

[27] Recordemos que, para nós, trata-se de impressões cerebrais – a parte exceções que discutiremos.

[28] Duas testemunhas, longe uma da outra, impressionadas separadamente.

[29] É este um caso tão notável como o antecedente.

[30] Chamamentos ouvidos: casos XVI, XXII, XXV, XXVII e XXXIII.

[31] Em correlação com o caso XLVI.

[32] Vide nota nº 30, sobre chamamentos ouvidos.

[33] Relacionar com os casos nºs XLIV e LXXI.

[34] A cada um deixamos suas opiniões e sua linguagem. Vimos externados sentimentos muito contrários, nos casos XXXVIII, XCV, etc.

[35] Suprimi, por conseguinte, os nomes, as cidades e certos detalhes íntimos.

[36] Um exame superficial poderia querer ver aí uma alucinação hipnagógica. Mas uma ação telepática é infinitamente mais provável. Relacionar com o caso nº CXXII.

[37] Recordemos, uma vez mais, que tudo isso é fictício, impressão produzida sobre o cérebro pelo moribundo. V. também os casos XLIX e CXX.

[38] Esta observação feita sobre os animais não é única (vide os casos XXIX e CLXXVII); ela é digna de atenção.

[39] Nem tudo é subjetivo, nem impressão cerebral, nesses fatos. São também exemplos os casos XXIX, XXXVI, XCV, CXXIII, CXXVI, CXXX, CXXXII, CLIV, CLV, CLXVI, CLXX, CLXXI, CLXXII, CLXXVII e CLXXX..

[40] A este relato achava-se anexo um plano; é supérfluo reproduzi-lo, pois que o relato é perfeitamente explícito.

[41] *Anais de Ciências Psíquicas*, 1897, pág. 328.

[42] A mãe da Sra. Allom era a Sra. Carrik, esposa do Sr. Thomas Carrik, o pintor miniaturista, bastante conhecido.

[43] A assinatura do marido da Sra. Taunton estava junto à de sua esposa.

[44] A Sra. Wright é esposa de um inspetor da *Great Nortehrn Railway*. Mora em Taylor's Cottage, 4, London Road, Nottingham.

[45] Haveria estudos a fazer sobre os cães. Por que, por exemplo, anunciam eles a morte por meio de seus uivos sinistros?

[46] Nossos exemplos de *impressões coletivas* são numerosos: I, II, XV, XXXV, XL, XLVII, XLVIII, LV, LVII, LXIX, LXXVI, LXXVIII, LXXXIII, XCIII, XCV, CXXIII, CXXXI, CXXXII, CXXXV, CXXXIX, CXLIV, CXLV, CLII, CLIV, CLVII, CLXI, CLXVI, CLXXVII, e estes três últimos.

[47] Recebemos a carta seguinte:

"Sydenham, 19 de novembro de 1900.

Lendo vossa obra *O Desconhecido*, fiquei a pensar no relato assinado por Ch. Matthews. Tenho por dever informar-vos que minha mãe, então moça, achava-se em casa de seu tio, o general Mose, em Troston Hall, quando essa história ocorreu, e que os fatos se passaram em absoluto conforme essa narrativa.

[48] Esta obra apareceu em excelente tradução francesa abreviada, publicada em 1891, pelo Sr. L. Marillier, mestre de conferências na Escola dos Altos Estudos, sob o título inexato e desnaturado de *Alucinações Telepáticas*, que não tem absolutamente significação alguma. Parece-nos que o erudito e cuidadoso tradutor foi muito mal inspirado nesta mudança de título. Uma alucinação é essencialmente uma percepção *falsa*, uma ilusão.

[49] Esta saída do número apontado dá no primeiro turno 35 luíses por um luís, ou sejam 700 francos, e, na segunda saída do número sobre o qual foi aquela soma deixada, 24.500 francos. Deixando sempre o ganho, uma terceira saída do número daria 857.500 francos. Mas as regras da banca se opõem a isso e fixam o máximo

da jogada em 9 luíses. Toleram, contudo, o ganho até 120.000 francos.

50 Vide apêndice no final deste capítulo: *Ação telepática* x *coincidência fortuita*.

51 *As alucinações, ou história racional das aparições, das visões, dos sonhos, do êxtase, do magnetismo e do sonambulismo*. Paris, 1852.

52 V. Walter Scott, *A demonologia*, carta I. Brierre de Boismont, *Das Alucinações*.

53 *O Sono e os Sonhos*, pág. 57.

54 *O Sono e os Sonhos*, pág. 92.

55 Ver, a esse respeito, além dos autores precedentes, J. Liégeois, *De la Suggestion et du Somnambulisme* (1889), pág. 312.

56 Cardan – *De Vita propria*.

57 Tomo II da *Anatomia comparada do sistema nervoso considerado em suas relações com a inteligência*, por Leuret e Gratiolet (1839-1857). Minha atenção foi solicitada para esta obra pelo meu sábio amigo, o Sr. Edmond Perrier, diretor do Museu, membro do Instituto, e eu lhe sou, por isso, particularmente reconhecido.

58 *Anatomie Comparée du Systeme Nerveux*, tomo II, pág. 534.

59 Ibidem, págs. 524 e 525.

60 Este fato merece, assim como os dois casos do oficial inglês, narrados por Ferriar e os dois primeiros de Chevreul, ser inscrito no número dos casos de telepatia. Dar-lhe-emos, portanto, os nºs CLXXXII, CLXXXIII, CLXXXIV, CLXXXV E CLXXXVI de nossa série. O terceiro de Chevreul poderia ser reportado ao exame crítico das manifestações de *mortos*. Ainda não chegamos nessa parte de nossos estudos.

61 Creio ter sido o primeiro a empregar esta expressão – *força psíquica*. Acha-se ela na primeira edição (1865) de minha obra: *As forças naturais desconhecidas*. Há mais de um quarto de século está ela incorporada à linguagem habitual.

62 H. Taine – *Da Inteligência*, t. II, pág. 139.

[63] Uma rã, da qual se extraiu o coração, nada e salta ainda durante quatro ou cinco horas (Claude Bernard).

[64] *Da Inteligência*, t. I, pág. 306.

[65] *Theory of the Human Mind*.

[66] V. Poulliet – *Física Experimental*, t. II, pág. 65.

[67] Os filetes (os nervos), já Malebranche dizia em 1674 (*Em Busca da Verdade*, cap. X, liv. 1º), podem ser excitados de duas maneiras: quer pela extremidade que está fora do cérebro, quer pela que se acha no cérebro.

[68] Ver Albert de Rochas – *Les Forces non Definies*.

[69] Ver as minhas obras: *Os Caprichos e os Fenômenos do Raio*.

[70] Esta ação das substâncias tóxicas e medicamentosas e dos mentais, exteriormente ao corpo, sobre pacientes sensitivos, é certa. Ver Bourru e Burot – *A Sugestão Mental e a Ação a Distância*, Paris, 1887. Há aí a narrativa de numerosas experiências conduzidas com uma perfeita sagacidade científica.

[71] Dr. Liébault – *O Sono Provocado e os Estudos Análogos*, nova edição, 1889, pág. 297.

[72] J. Ochorowicz – *A Sugestão Mental*.

[73] *Fisiologia do Magnetizador*, pág. 99.

[74] Ochorowicz – *A Sugestão Mental*, pág. 419.

[75] A expressão deve corresponder a “estado de exacerbação mental”.

[76] *Annales des Sciences Psychiques*, 1893, pág. 331.

[77] *Annales des Sciences Psychiques*, 1894, pág. 268.

[78] 1857, pág. 185.

[79] *Memória sobre o Sonambulismo e o Magnetismo Animal*, dirigida em 1820 à Academia de Berlim e publicada com adições, em 1854.

[80] Vide *Annales des Sciences Psychiques*, 1894, pág. 325.

[81] *Report on Spiritualism*, 1870, traduzido em francês em 1899.

[82] *O Magnetismo Animal*, 1884, Prefácio e pág. 266.

[83] *Ensaio Filosófico sobre as Probabilidades*, 1814, pág. 110.

[84] V. E. Gyel – *O Ser Subconsciente*, págs. 88 e 152.

[85] Consultar especialmente: Leuret e Gratiolet, *Anatomia Comparada do Sistema Nervoso*, Paris, 1839-1857; Baillarger, *Das Alucinações*, Paris, 1846; Brierre de Boismont, *Das Alucinações*, Paris, 1852; A. Lemoine, *Do Sono sob o ponto de vista Fisiológico e Psicológico*, Paris, 1855; Macario, *Do Sono, dos Sonhos e do Sonambulismo*, Paris, 1857; Lélut, *Fisiologia do Pensamento*, Paris, 1862; Alfred Maury, *O Sono e os Sonhos*, Paris, 1862; Liébault, *Do Sono e dos Estados Análogos*, Paris, 1866; Hervey, *Os Sonhos e os meios de os dirigir*, Paris, 1867; Max Simon, *O Mundo dos Sonhos*, Paris, 1888; Vaschide, C. R., *Acad. de Ciências*, 1889, II, pág. 183; F. W. H. Myers, *A Personalidade Humana*, Paris, 1905.

[86] Max Simon – *Le Monde des Rêves*, pág. 49.

[87] *Anatomia Comparada do Sistema Nervoso*, t. II, pág. 501.

[88] *Inquiries Concerning the Intellectual Powers*, 1841, pág. 280.

[89] *Alucinações Telepáticas*, pág. 329.

[90] *Sciences Psychiques*, 1891, pág. 215. Encontrar-se-á em *Phantasms of the Living* (vol. I, pág. 338, nº 108), um caso singularmente análogo a esse, em que o cônego Warburton desperta em sobressalto, vendo seu irmão cair de uma escada. Comparar também o nº 24 no mesmo volume, pág. 202, e um sonho do Sr. Drenilhe, descrito no capítulo precedente (carta 543, caso XLVI).

[91] *Annales des Sciences Psychiques*, 1892, pág. 17.

[92] *Annales des Sciences Psychiques*, 1891, pág. 219.

[93] *Sciences Psychiques*, 1895, pág. 279.

[94] Procuramos acima dar a tradução dessas belas e incompletas estrofes, que assim estão no original francês:

Du temps où je vivais une vie antérieure,
Du temps où je menais l'existence meilleure,
Dont je ne puis me souvenir,
Alors que je savais les effets et les causes,

Avant ma chute lente et mes métamorphoses
Vers un plus triste devenir;

Du temps où je vivais les hautes existences,
Dont hommes nous n'avons que des reminiscences
Rapides comme des éclairs;
Où peut-ètre j'allais libre à travers l'espace,
Comme un astre laissant voir un instant sa trace
Dans le bleu sombre des éthers...

95 Ver, para esta espécie de sonhos: Suetônio, *Vida de Augusto*; Cícero, *Da Adivinhação*; Valério Máximo, *Dos Sonhos*, etc.

96 *Arquivos Gerais de Medicina*, maio de 1829, pág. 131.

97 Vimos que se passam os dois fenômenos: *leitura de pensamento* e *visão a distância*.

98 Descrição da planta: é uma planta herbácea, formando um buquê de folhas espatuladas assaz largas e muito tenras; de um verde nem muito claro nem muito carregado, mas antes claro. A planta com que tem mais analogia é a *azeda*. As folhas inteiramente unidas, sem espinhos, delicadas, contêm um suco de cor esverdeada muito ativo que é ainda mais abundante na grande haste de 50 centímetros (da grossura de um dedo e que se vai adelgaçando), que se eleva no momento da florescência do meio das folhas. As flores, apenas visíveis em botões avermelhados antes do desabrochamento, tornam-se esverdeadas ao desabrocharem e se apresentam na extremidade e ao longo dessa grande haste, que é inteiramente desprovida de folhas. A planta cresce na vertente de uma montanha, na Suíça provavelmente...? Desenvolve-se na zona elevada antes das neves; mais alto se encontra a *ranonculus glacialis*; prolifera em um solo avermelhado, seco e friável, onde a vegetação é rara e acaçapada.

A haste assemelha-se muito à da azeda; floresce uma só vez no verão, em junho; essa haste permanece até o inverno, quando então seca; as pequeninas flores tornam-se pequenos grãos negros que se espalham sobre a terra e as folhas morrem; a raiz subsiste e na primavera as folhas saem da terra.

Provavelmente da família das poligonáceas, planta dicotiledônea, talvez da família das Ranonculáceas, o acônito viceja nos mesmos lugares que ela.

A flor, cujo invólucro é avermelhado antes de abrir-se, torna-se esverdinhada desabrochando. A haste é toda coberta dessas flores, que se parecem muito com as de *Lapathum*.

Apresentaram-lhe alguns dias depois um *Polygonum Alpinun* do Valais e ela respondeu:

"A planta em questão difere desta que me apresentam, pela razão de ser a sua flor ainda menor, mais espessa e mais polpuda; ela não secaria tão facilmente. Além disso é *esverdeada*, ao passo que esta é *mais branca*."

A folha é menos pontiaguda e sobretudo mais lenhosa e mais herbácea. No conjunto, a planta é mais espessa em todas as suas partes e mesmo em sua extremidade.

99 Sem pôr em dúvida um só instante a sinceridade absoluta do Dr. Macário, que em todas as circunstâncias constatei, repetirei que é deplorável que este Sr. O. tenha tido o prejuízo de não ousar subscrever as suas observações e as suas convicções. Por que essa estreiteza de espírito? Que há nesse sonho que possa comprometer um homem de bem?

100 Ainda um que não ousa comprometer-se dando seu nome.

101 Esta comunicação é acompanhada de quatro desenhos das paisagens e monumentos vistos em sonho.

102 Caso de cerebração inconsciente, talvez. Entretanto...

103 Esse sonho está no nível dos que podem ser explicados por causas conhecidas, pois que, a rigor, pode-se admitir que essa moça tenha notado aquele moço e que o sonho haja associado idéias muito naturais. Pode não haver aí mais do que coincidência fortuita.

104 Esse sonho está igualmente no mesmo caso dos premonitórios, como o caso LII. O marechal Maillant estudava então o plano da tomada de Roma, com o qual ele próprio me entreteve diversas vezes. Cerebração inconsciente, provavelmente.

[105] Essa hipótese não parece necessária. O Sr. Jaubert, magistrado aliás muito distinto, tinha uma forte tendência para atribuir tudo aos espíritos.

[106] Era um armário inglês, como sem dúvida jamais tivesse ela visto igual.

[107] Laplace – *Essai analytique sur les probabilités*, 1814, pág. 3.